

ISBN: 978-65-86901-35-1



**CINABEH**



X CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIVERSIDADE SEXUAL, ÉTNICO-RACIAL E DE GÊNERO

# ***Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências***

## **Volume 02**

**Organizadoras(es):**

*Bruna Andrade Irineu*

*Moisés Alessandro Lopes*

*Pablo Cardozo Rocon*

*Marcos Aurélio da Silva*

*Márcio Alessandro Neman do Nascimento*

*Marco José Duarte*

*Danie Marcelo de Jesus*

*Jaqueline Gomes de Jesus*

*Gabriel de Oliveira Rodrigues*

*Guilherme Rodrigues Passamani*



# *Diversidade Sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências*

## *Volume 02*

### ***Organizadoras(es):***

*Bruna Andrade Irineu*

*Moisés Alessandro Lopes*

*Pablo Cardozo Rocon*

*Marcos Aurélio da Silva*

*Marcio Alessandro Neman do Nascimento*

*Marco José Duarte*

*Danie Marcelo de Jesus*

*Jaqueline Gomes de Jesus*

*Gabriel de Oliveira Rodrigues*

*Guilherme Rodrigues Passamani*





## Volume 02

### Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

D618 Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências / organizadores, Bruna Andrade Irineu, Moisés Alessandro Lopes, Pablo Cardozo Rocon, Marcos Aurélio da Silva, Marcio Alessandro Neman do Nascimento, Marco José Duarte, Danie Marcelo de Jesus, Jaqueline Gomes de Jesus, Gabriel de Oliveira Rodrigues, Guilherme Rodrigues Passamani. – Campina Grande: Realize editora, 2021.  
516 p. : il.; v. 2.

**ISBN 978-65-86901-35-1**

1. Diversidade sexual. 2. Diversidade de gênero. 3. Diversidade étnico-racial. I. Título.

21. ed. CDD 305

Elaborada por Giulianne M. Pereira

CRB 15/714

### Sobre o livro

Projeto Gráfico e Editoração: *Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes*



**realize**  
Editora

**REALIZE EVENTOS CIENTÍFICOS & EDITORA LTDA.**

Rua: Aristides Lobo, 331 - São José - Campina Grande-PB | CEP. 58400-384

E-mail: [contato@portalrealize.com.br](mailto:contato@portalrealize.com.br) | Telefone: (83) 3322-3222

## COMITÊ EDITORIAL

Adriana Sales - ANTRA E SEDUC/MT  
Alexandre Silva Bortolini de Castro - USP  
Alexsandro Rodrigues - UFES  
Ana Cristina Conceição Santos - UFAL  
Anelise Fróes da Silva - UNDP  
Benjamin De Almeida Neves - UERJ  
Bruna Andrade Irineu - UFMT  
Brune Coelho Brandão - UFJF  
Camilo Braz - UBA  
Carlos Eduardo Henning - UFGO  
Claudenilson da Silva Dias - UFBA  
Cris Serra - IMS/UERJ  
Cristina Vianna Moreira dos Santos - UFT  
Jose Damiao Trindade Rocha - UFT  
Dandara Felícia Silva Oliveira - UFJF  
Danie Marcelo de Jesus - UFMT  
Diego Paleólogo Assunção - UERJ  
Esmael Alves de Oliveira - UFGD  
Estêvão Rafael Fernandes - UNIR  
Fabiano de Souza Gontijo - UFPA  
Fátima Lima - UFRJ  
Felipe Bruno Martins Fernandes - UFBA  
Fernando Pocahy - UERJ  
Gabriel de Oliveira Rodrigues - UNICAMP  
Guilherme Gomes Ferreira - UFRS  
Guilherme Rodrigues Passamani - UFMS  
Ian Guimarães Habib - UFBA  
Jaqueline Gomes de Jesus - IFRJ  
Dan Kaio Souza Lemos - UNILAB/UFC  
Leonardo Lemos de Souza - UNESP  
Letícia Vieira da Silva - UFRJ  
Lorena Lima de Moraes - UFRPE  
Marcela Amaral - UFG  
Marcio Alessandro Neman de Nascimento - UFR  
Marco José de Oliveira Duarte - UFJF  
Marcos Aurélio da Silva - UFMT

Mário Felipe de Lima Carvalho - UERJ  
Moisés Alessandro de Souza Lopes - UFSC  
Moisés Santos de Menezes - PUC - Rio  
Pablo Cardozo Rocon - UFMT  
Paula Sandrine Machado - UFRGS  
Rafael da Silva Noletto - UFPel  
Raquel Gonçalves Salgado - UFR  
Rayssa Karla Dourado Porto - UFMT  
Regina Facchini - UNICAMP  
Renan Quinalha - UNIFESP  
Sílvia Aguião - UERJ  
Simone Brandão Souza - UFRB  
Sofia Fávero Ricardo - UFRGS  
Suely Aldir Messeder - UNEB  
Tamires Ferreira Côelho - UFMT  
Tatiana Lionço - UNB  
Thais Emilia de Campos dos Santos - ABRAI  
Thiago Barcelos Soliva - UFSB  
Thiago Coacci - UFMG  
Thiffany Odara Lima da Silva - UNEB  
Valdenízia Bento Peixoto - UNB  
Vicente Tchalian - UFMT  
Vinícios Kabra Ribeiro - UFRJ

## **CONSELHO DEVIRES (Coeditor)**

Carlos Henrique Lucas Lima – UFOB

Djalma Thürler – UFBA

Fran Demétrio – UFRB

Helder Thiago Maia - UFF

Hilan Bensusan - UNB

Jaqueline Gomes de Jesus – IFRJ

Joana Azevedo Lima - Devry Brasil / Faculdade Ruy Barbosa

João Manuel de Oliveira – CIS - IUL

Jussara Carneiro Costa – UEPB

Leandro Colling – UFBA

Luma Nogueira de Andrade – UNILAB

Guilherme Silva de Almeida – UERJ

Marcio Caetano – FURG

Maria de Fatima Lima Santos – UFRJ

Pablo Pérez Navarro - CES/Portugal / UFMG

Sergio Luiz Baptista da Silva - Faculdade de Educação / UFRJ

## Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<i>Organizadoras(es)</i>	
<b>LAR ACONCHEGO: O IMPACTO DA VIOLÊNCIA NA VIDA DAS MULHERES</b> .....	<b>18</b>
<i>Carolina Araujo Londero   Daniele Feliciani Taschetto Katiele Hundertmarck   Fabíola Pinto Pardini Martha Helena Teixeira de Souza</i>	
<b>CENTRO DE REFERÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CIDADANIA LGBTQI+ (CER-LGBTQI+): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA</b> .....	<b>30</b>
<i>Camila Campos Moura   Gabriella Kathleen Venancio de Paula Igor Gabriel de Oliveira Morais   Marcos Lucas Henrique Garcia Pires Marco José de Oliveira Duarte</i>	
<b>UM LIVRO SOBRE O AMOR SAPATÃO: MEMÓRIA E CELEBRAÇÃO</b> .....	<b>40</b>
<i>Antonia Marília dos Santos Oliveira</i>	
<b>POR UMA FORMAÇÃO INTERSECCIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UM GRUPO DE ESTUDOS EM INTERSECCIONALIDADES NA UNILAB/CE</b> .....	<b>53</b>
<i>Marcus Vinícius Martins da Silva   James Ferreira Moura Junior</i>	
<b>PROFESSORAS DA/NA EDUCAÇÃO INFANTIL: NARRAR A SI MESMASCOMO POLÍTICA DE (RE)EXISTÊNCIA</b> .....	<b>61</b>
<i>Camila Santos Pereira   Anamaria Ladeira Pereira   Fernando Pocahy</i>	
<b>DIAGNÓSTICO DE AÇÕES DE DIVERSIDADE DE GÊNERO VIA PLATAFORMAS DIGITAIS</b> .....	<b>73</b>
<i>Alice de Souza Ribeiro   Katiele Hundertmarck   Cadiani Lanes Garcez Luciana Perazollo Cristofari   Juliana Mezomo Cantarelli</i>	

**PARA ALÉM DE UMA GEOGRAFIA HOMOGÊNEA:  
RELATO DE UM MINICURSO SOBRE DISCUSSÕES DE  
GÊNERO, SEXUALIDADE E QUESTÕES ÉTICO-RACIAIS  
NO ENSINO GEOGRÁFICO..... 82**

*Tamires Cristina de Souza Dalla Vecchia | Higor Lopes Andrade*

**CINEMA COMO PEDAGOGIA TRANSGRESSORA:  
DEBATENDO GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS..... 96**

*Julia Araújo Ferreira da Silva*

**OS “ARMÁRIOS” E OS LUTOS DA COMUNIDADE LGBT+:  
RELATO DE EXPERIÊNCIAS..... 112**

*Clara Sullyvan de Lellis e Silva | Isabela Fleury de Souza*

*Silvestre de Souza Coury Neto | Vitor Hugo Santos Nunes*

*Edvaldo Junio Virote da Silva*

**ATENDIMENTO EM SAÚDE AOS HOMENS TRANS: UMA  
EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR ..... 125**

*Mariana Camargo Tumonis Oliveira | Aline Maia Diniz*

*Rayssa Harumi Ohara Ferreira | Yanka Martins Pereira*

*Marcia Cristina Brasil Santos*

**TEATRO E TRANSEXUALIDADE: NARRATIVA SOBRE  
A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM GENI, DE NELSON  
RODRIGUES, NA EXPERIÊNCIA DE UMA MULHER  
TRANSEXUAL.....137**

*Jessika Villalon Sousa Cruz*

**DEBATENDO LIVROS – UMA EXPERIÊNCIA DE  
SALA DE AULA PARA REDES SOCIAIS – RELATO DE  
EXPERIÊNCIA..... 150**

*Fabiola Pinto Pardini | Carolina Araujo Londero*

*Maria Luisa Suárez Gutiérrez Cella | Katiele Hundertmarck*

*Martha Helena Teixeira de Souza*

**A CONSTRUÇÃO DE UM TRABALHO DE VÍDEOARTE  
EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL E LOCKDOWN –  
“O GAY CONTEMPORÂNEO” EM RELATO..... 163**

*Fernando Hisatoni Pericin | Denise Conceição Ferraz de Camargo*

**CAMADAS DO RACISMO ESTRUTURAL: A  
ESPECIFICIDADE DE UM LUGAR COMO PROPULSOR  
DE TRANSFORMAÇÃO PESSOAL ..... 173**

*Lynn Carone | Suzete Venturelli*

**A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO ENFRENTAMENTO  
À OFENSIVA ANTIGÊNERO EM TEMPOS PANDÊMICOS:  
A EXPERIÊNCIA DO OBSERVATÓRIO VIRTUAL GENSEX  
COVID-19 ..... 185**

*Bruna Andrade Irineu | Paula Eduarda Soares Silva |  
Sara Cristina Silva | Yan Carlos Nogueira  
Maryelle de Campos Ponce | Lucas Nascimento Bezerril*

**CAMPANHA TRANSOLIDARIEDADE NO CONTEXTO DA  
PANDEMIA DA COVID-19:  
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ..... 195**

*Brune Coelho Brandão | Dandara Felícia Silva Oliveira  
Maria José Figueira Pereira | Marco José de Oliveira Duarte*

**VERDADES SECRETAS: NARRATIVAS DE (SOBRE)  
VIVÊNCIAS SEXO-DISSIDENTES  
EM SIRIJI – PE ..... 207**

*Túlio Vinícius Andrade Souza | Benedito Medrado*

**NARRATIVAS SOBRE EXPERIÊNCIAS DE CONSTRUIR  
UM PROJETO DE PESQUISA EM PSICOLOGIA SOCIAL  
SOBRE DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO ..... 218**

*Luiz Henrique Coelho de Siqueira Teixeira | Daniel Coelho  
Túlio Vinícius Andrade Souza | Benedito Medrado*

**INÊS ETIENNE ROMEU: CARTOGRAFANDO  
RESISTÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS CONTRA A  
VIOLÊNCIA DE ESTADO ..... 230**

*Kenia Soares Maia | Anita Sobar*

**MACHOS NÃO-NORMATIVOS DO BAIRRO LIBERDADE:  
DESAFIOS E DIFICULDADES ENFRENTADAS PARA  
O INGRESSO NO MUNDO FORMAL DO TRABALHO. –  
RELATO DE EXPERIÊNCIA ..... 242**

*Marcus Vinicius Alves de Souza | Jamille Araújo*

**O CENTRO DE REFERÊNCIA DE PROMOÇÃO DA  
CIDADANIA LGBTQI+ (CER-LGBTQI+) E ATUAÇÃO NO  
ESPAÇO DIGITAL..... 254**

*Igor Gabriel de Oliveira Morais | Camila Campos Moura  
Gabriella Kathleen Venancio de Paula |  
Marcos Lucas Henrique Garcia Pires | Marco José de Oliveira Duarte*

**EUROCENTRISMO E ALGUNS PENSAMENTOS  
FEMINISTAS INICIAIS..... 263**

*Jamile Guerra Fonseca*

**A RESSONÂNCIA DA DIMENSÃO DE  
INTERSECCIONALIDADE NAS POLÍTICAS LGBTI DO  
BRASIL E DA COLÔMBIA..... 270**

*Edimilson Dos Santos Nogueira | Bruna Andrade Irineu*

**TRANSFEMINICÍDIO E LESBOCÍDIO NO CONTEXTO DA  
PANDEMIA DE COVID-19:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DO ISOLAMENTO SOCIAL NA  
ARGENTINA E NO BRASIL..... 280**

*Júlia Spigolon Xavier | Bruna Andrade Irineu*

**PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE LESBOFOBIA:  
NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE  
ENFRENTAMENTO POR MULHERES LÉSBICAS..... 290**

*Maria Conceição Martins Santana | Benedito Medrado Dantas*

**MAPEAMENTO CRÍTICO DO DEBATE SOBRE  
TRANSMASCULINIDADES NA ADOLESCÊNCIA NAS  
POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO NO BRASIL, NA  
ARGENTINA E NO URUGUAI..... 303**

*Thomas Cantaloupe Pontes Sarmiento | Bruna Andrade Irineu*

**MASCULINIDADES EM APLICATIVOS: UM BREVE  
ANÁLISE DA BUSCA AFETIVA-SEXUAL ENTRE  
HOMENS USUÁRIOS DO GRINDR NA CIDADE DE  
SANTA MARIA - RS..... 316**

*Daniel da Silva Stack | Fernando de Figueiredo Balieiro*

**CORPO INTERSEXO E INTERSEXUALIDADE: TEMAS  
DO LIVRO DIDÁTICO DE BIOLOGIA..... 330**

*Luciana Aparecida Siqueira Silva | Elenita Pinheiro de Queiroz Silva*

**EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E  
DIREITOS HUMANOS: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA..... 342**

*Alcione Ferreira da Silva*

**OS ESTUDOS DE GÊNERO NO DESENVOLVIMENTO  
DAS POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DE GÊNERO DE  
DUAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO RS ..... 352**

*Daiana Marques Sobrosa | Karina Oliveira de Freitas*

**CONCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS LGBT NO AMBIENTE  
ESCOLAR: O QUE DIZEM OS/AS ALUNOS/AS?..... 364**

*João Wallace Linhares*

**CURSO DE FORMAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE  
NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: UM RELATO DE  
EXPERIÊNCIA..... 376**

*Aurivar Fernandes Filho | Olga Regina Zigelli Garcia*

**EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA  
DA INCLUSÃO DE GÊNEROS E SEXUALIDADES: O QUE  
SE TEM PRODUZIDO NAS CIÊNCIAS DA SAÚDE? ..... 389**

*Katiele Hundertmarck | Alice de Souza Ribeiro | Carolina Araujo Londero  
Fabíola Pinto Pardini | Martha Helena Teixeira de Souza*

**O QUE(M) FICA DENTRO E O QUE(M) FICA FORA? A  
CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE  
NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE ..... 403**

*Katiele Hundertmarck | Alice de Souza Ribeiro | Carolina Araujo Londero  
Fabíola Pinto Pardini | Martha Helena Teixeira de Souza*

**SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO LGBTQIA+: LUTANDO  
CONTRA ESTIGMAS E PRECONCEITOS..... 416**

*José Eduardo da Silva Campos*

**SAÚDE PÚBLICA E OS DESAFIOS PARA A ASSISTÊNCIA  
ESPECIALIZADA ÀS CRIANÇAS E ADOLESCENTES  
TRANS..... 425**

*Liliane de Oliveira Caetano | Terezinha de Fátima Rodrigues*

**REFLEXÕES ACERCA DO CONDICIONAMENTO  
DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA INFÂNCIA E NA  
JUVENTUDE COM BASE NOS DIREITOS SEXUAIS E  
REPRODUTIVOS ..... 436**

*Betina Lucia Maia | Vinicius Da Silva*

**ESTUPRO VIRTUAL E A VIOLÊNCIA CONTRA AS  
MULHERES NAS REDES SOCIAIS ..... 448**

*Antonio Amilton Dias Amorim Junior  
Sandrick Sander Rodrigues Damasceno  
Luanna Tomaz de Souza*

**REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO  
CENÁRIO ELEITORAL DE 2018 E PÓS-ELEIÇÕES..... 459**

*Vinicius Da Silva | Betina Lucia Maia*

**UMA ANÁLISE SOBRE O RACISMO RELIGIOSO NOS  
DIAS ATUAIS ..... 467**

*Vinicius Da Silva | Betina Lucia Maia*

**PELO DIREITO AO APARECIMENTO: PERCURSOS E  
F(R)ESTAS DAS PARADAS LGBTI+ EM MACEIÓ-AL..... 476**

*Euclides Rocha Cavalcante Neto | Flavia de Sousa Araújo*

**ANÁLISE DA CULTURA DE CONVÍVIO SOCIAL  
CONTEMPORÂNEA ALIADA A MATERNIDADE REAL E  
SEUS DESAFIOS..... 490**

*Betina Lucia Maia | Vinicius Da Silva*

**DO ABRAÇO À MORTE: AS VÍTIMAS OCULTAS DA  
AMÉRICA LATINA ..... 501**

*Pâmela de A. Martins | Débora Speck | Eduarda Santos*

## APRESENTAÇÃO

O volume 2 do livro **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências é resultante dos trabalhos completos** apresentados, na modalidade de **pôsteres e relatos de experiências**, no décimo congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (CINABEH) – *X Congresso Internacional De Diversidade Sexual, Étnico-Racial e de Gênero*.

O X CINABEH, que seria realizado presencialmente, em novembro de 2020, na Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá, foi realizado entre os meses de março, abril e maio de 2021, em formato virtual, em decorrência da pandemia de covid-19, que nos colocou a necessidade de medidas de isolamento social. O congresso teve como tema “Políticas da vida: coproduções de saberes e resistências”, objetivando fortalecer a indissociabilidade entre produção acadêmica e artístico-cultural, buscando também reunir um número significativo sujeitos e de trabalhos acadêmico-científicos e experiências, que versem sobre diferentes áreas do conhecimento em torno das discussões da diversidade sexual e gênero interseccionalizada com as questões étnico-raciais e religiosidades, observando a co-produção de políticas de vida e resistência das pessoas LGBTI+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos) em um contexto atual de regressão de direitos e de aprofundamento da crise estrutural do capital.

O congresso totalizou 1.315 inscrições e 608 trabalhos apresentados, dentre as mais distintas modalidades, como o Prêmio de Teses e Dissertações, Comunicações Orais, O resultado do evento foi avaliado positivamente pelas/os filadas/os presentes, o que nos animou muito já que este ano de 2021, a ABEH completa 20 anos de existência, embora tenhamos registrado a associação somente em 2006. É fundamental ratificar que a ABEH é maior associação acadêmico-científica de estudos de diversidade sexual e de gênero da América Latina e sua história conta se correlaciona com o campo de estudos em si.

Antes tomados como discussões eminentemente oriundas do campo dos movimentos político-sociais, temas como a diversidade sexual, étnico-racial e de gênero são temas que adentraram de maneira inequívoca o debate acadêmico brasileiro a partir da década de 1980. Esse “embarque” na academia destas discussões aconteceu em um contexto de um forte crescimento dos movimentos sociais e de uma enorme democratização das sociedades brasileiras e latino-americanas que emergiam de longas ditaduras militares. À crescente afirmação de “identidades diversas” presentes nos movimentos feministas, negro e LGBTI+ (então homossexuais) reafirmavam diversidades e diferenças de grupos e movimentos político-sociais baseados em construções identitárias baseadas em elementos étnicos, raciais, culturais, entre outros.

É neste contexto que a ideia/conceito de diversidades ganha força político, social e, também, como tema de pesquisa na universidade, mas diferentemente de muitas concepções, nesta obra se faz fundamental afirmar que tomamos a ideia/conceito de diversidade não como um dado da natureza. Pelo contrário, assumimos neste debate uma busca por quebrar processos normatizantes de produção subalternizante, marginalizadora, degradante e desumanizadora dos sujeitos e, com isso, ressaltamos as pluralidades de saberes e resistências que emergem da atuação de subjetividades e de coletivos sociais negligenciados historicamente na conformação da sociedade brasileira.

Estes temas que estão na chave da “diferença” como as relações de gênero, de sexualidades, étnico-raciais, geracionais, entre outros, adentram assim, de modo definitivo, a academia e marcam a tão aclamada hoje, perspectiva dos marcadores sociais da diferença, vindo a contribuir para a compreensão e o debate que não é apenas “científico”, mas também político e ético, em um contexto contemporâneo brasileiro ainda marcado por assimetrias de poder, discriminações, opressões e violências que afrontam as pessoas que estão à margem e resistem em suas lutas cotidianas contra discursos e práticas desiguais, hierarquizantes e intolerantes.

Sob a conjuntura acima discutida, esta coletânea surge como importante voz para sujeitos que diariamente sofrem alijamento

de direitos básicos, seja pelos estigmas sociais legitimados por séculos de ignorância e preconceito, seja pelos discursos radicalizados de um pensamento político conservador que, por sua natureza, deseja conservar o “status quo” de desigualdades, criando barreiras para impedir a sociedade de (se) repensar (em) conceitos de liberdades individuais. Discursos e práticas sociais que visem conceder e discutir visibilidades e posições fora do “padrão” (leia-se: masculino, viril, branco, europeizado e heteronormativo) são classificados como lacradoras, como vitimismo ou até mi-mi-mi, tentando tornar a luta por direitos essenciais algo que tornaria o cotidiano - já extremo - de crise política, econômica e sanitária em um cotidiano insuportável para aqueles que se entendem não atingidos por essas marginalizações.

Nesse contexto, produções que tratam de trazer à luz saberes plurais e práticas de resistência construídos por e/ou sobre sujeitos constituídos às margens da borda social masculina, branca e heteronormativa tornam-se fundamentais! Tais produções referenciam posturas e conhecimentos de existência, de resistência, enfim, de re-existência, como ferramentas que podem indicar caminhos para a construção de um mundo mais igual.

Este volume de “Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências” é resultado da coletânea de trabalhos apresentados no X CINABEH - *Congresso Internacional da ABEH*, realizado virtualmente no primeiro semestre de 2021, dada a pandemia sanitária de Covid-19, que assola a humanidade nos últimos anos. O e-book conta com pôsteres e relatos apresentados durante o evento, versando sobre interseccionalidades de práticas e conhecimentos surgidos por meio de experiências e reflexões acerca de lutas por existência social.

Os textos se debruçam sobre eixos como a educação, expondo experiências no âmbito universitário, como de grupos de estudos sobre a luta contra estigmas e preconceitos, e também projetos de extensão sobre discursos antigênero e a pandemia. Numa visão mais ampla, discute-se o estabelecimento de ramos mais inclusivos das ciências sociais, as políticas para uma educação para a sexualidade, perspectivas sobre a abordagem das dissidências sexuais em livros didáticos e experiências de estudantes sobre diversidade sexual na escola.

As questões étnico-raciais são abordadas em produções que discutem a relação necessária entre Direitos Humanos e debates profundos acerca dos estigmas sobre a cor da pele, uma análise sobre o racismo religioso e as camadas do racismo estrutural. Um outro conjunto de textos debatem as batalhas contra a barreira de imposição da heteronormatividade surgem em textos que expõem relatos sobre amarras sociais e lutos da população LGBTQ+ e seu “extermínio invisível” na América Latina, sobre discursos e práticas de condicionamento de gênero na infância e na juventude, assim como as buscas afetivas de gays em aplicativos de relacionamento. Também se analisa o convívio social aliado à maternidade e os desafios de homens não-normativos no mercado de trabalho.

A violência também se apresenta como fio condutor de muitos trabalhos, que destacam narrativas de desafios e enfrentamentos contra a lesbofobia, relatos de experiência sobre o impacto da violência na vida das mulheres e da população transfeminina, como transfeminicídio e lesbocídio em época de isolamento social na pandemia. São trazidas narrativas de sobrevivência de sujeitos sexodiscordantes no interior do “Brasil profundo”, e ainda experiências vividas em centros de referência e promoção da cidadania, o cenário da violência de gênero depois das eleições gerais de 2018 no Brasil, tanto na vida real como no meio digital, e uma cartografia das resistências contemporâneas contra a violência de Estado.

A luta cotidiana por espaços e direitos, transpassada em todos os trabalhos, tem foco em relatos sobre o protagonismo feminino de mulheres quilombolas na luta por territórios, relatos de vivências de amores transgressores, campanhas solidárias da população sexodiscordante em tempos de pandemia, ações de empoderamento de gênero em meio virtual e o direito à visibilidade que eventos como as paradas do orgulho proporcionam.

A população trans, abordada transversalmente em vários trabalhos, é central em abordagens sobre a saúde pública e seus desafios, a assistência especializada e o mapeamento crítico do debate na adolescência. Relatam-se experiências sobre o atendimento interdisciplinar em saúde e analisa-se a construção de personagens no teatro brasileiro.

A riqueza proporcionada pelos múltiplos recortes garante uma leitura emocionante e reveladora, que nos revela novas e peculiares perspectivas sobre existir no mundo, especialmente sobre existir habitando a margem do mundo dito padrão. Tal perspectiva poderá nos apoiar na observância de que não estamos sozinhos em nossa existência, resistência, re-existência diária. Há tantos outros sujeitos com dores e prazeres similares aos nossos, e há ainda outros sujeitos com outras dores e prazeres, tudo proporcionado pela simples necessidade de ser.

É essa necessidade de ser “fora da caixinha” a condição - com suas peculiaridades - que nos faz marginais do mundo do padrão heteronormativo-machista-branco, convocando a todos nós a uma luta para a qual precisamos unir forças! Ter empatia, colocar-se metaforicamente no lugar do outro por alguns instantes e tentar imaginar(-se) o outro no mundo poderá aumentar nossa empatia sobre a dor e a luta do outro, paralelas às nossas. E talvez consigamos enxergar que a dor e a luta não são minhas ou delas(es), mas são nossas, seres humanos que somos, em nossa batalha para que a sociedade nos trate com igualdade, sem preconceitos. Para que nos tratem como somos: como seres, como humanos, como seres humanos.

Assim, convidamos vocês à leitura e apreciação deste conjunto de textos, que esta obra reúne, com desejo de que lhes instigue resistência e lhes alimente de saberes plurais e indisciplinados.

Boa Leitura!

***Organizadoras(es)***

## LAR ACONCHEGO: O IMPACTO DA VIOLÊNCIA NA VIDA DAS MULHERES

### **Carolina Araujo Londero**

*Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Franciscana -  
UFN, carolina.alondero@gmail;*

### **Daniele Feliciani Taschetto**

*Graduada pelo Curso de Medicina da Universidade Franciscana - UFN,  
dani.taschetto@gmail.com ;*

### **Katiele Hundertmarck**

*Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Saúde Materno  
Infantil - UFN; katielehun@gmail.com ;*

### **Fabiola Pinto Pardini**

*Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Saúde Materno  
Infantil - UFN; bilafpp18@gmail.com ;*

### **Martha Helena Teixeira de Souza**

*Professora orientadora: Dra, Universidade Franciscana - UFN,  
marthahts@gmail.com;*

## **Resumo**

Este relato de experiência trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada em uma Casa de Passagem, denominada Lar Aconchego, sendo localizada em um município da região central do Rio Grande do Sul. A coleta de dados ocorreu entre novembro e dezembro de 2020. Constituíram sujeitos da pesquisa mulheres maiores de 18 anos, abrigadas no lar durante o período da coleta de dados, que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa após assinatura do TCLE. O trabalho foi aprovado pelo CEP sob número 4.220.798. A Casa de Passagem Lar Aconchego fornece abrigo temporário para mulheres que passaram por algum tipo de violência e necessitam de acolhimento

institucional. As entrevistadas relataram vivenciar diferentes tipos de violência desde a infância, dentro do ambiente familiar, até a vida adulta, no contexto de seus relacionamentos afetivos. Evidenciaram com tristeza um fraco laço afetivo com os filhos, que se afastaram do ambiente familiar violento em que se encontravam. Além disso, referiram que nunca se sentiram encorajadas para buscar ajuda e realizar denúncias, apesar do sofrimento persistente. Ao serem acolhidas pelo Lar, referiram que se sentiram acolhidas e seguras pela equipe da casa. Nesse espaço, realizam acompanhamento psicológico e assistencial por uma equipe multiprofissional que objetiva seu bem-estar, incentivando através de oficinas e cursos sua inserção no mercado de trabalho para permitir sua autonomia, sendo isto um dos principais objetivos referidos durante as entrevistas.

**Palavras-chave:** Acolhimento; Violência; Mulheres; Saúde.

## Introdução

As diversas formas de violência contra as mulheres, apesar de sempre existirem, tornaram-se, a partir das últimas décadas, um problema de saúde pública por escancarar um flagelo há muito não combatido, por muitas vezes escondido e amplamente negligenciado no cotidiano de milhares de famílias em nossa sociedade. A violência é um fenômeno que se manifesta desde os primórdios da humanidade, sendo compreendida como um produto de relações desiguais e estruturais, vinculada aos segmentos populacionais que se encontram em alguma desvantagem física, econômica, cultural ou emocional (MOREIRA et al, 2011, p. 399).

Quando esse fenômeno envolve a dominação hierárquica masculina sobre a figura feminina, de forma parcial, é classificado como violência de gênero e se caracteriza pela vulnerabilidade da(s) vítima(s) perante o agressor, o meio social a que estão inseridos e, em grande parte, ligada a subordinação econômica (SOUZA et al, 2021, p.02; TINOCO et al, 2021, p. 02; ACOSTA et al, 2017, p.02). Esta chaga da nossa sociedade pode ser física e/ou psicológica, sendo ambas perigosas, deixando marcas não só em quem sofre a agressão, mas em quem a testemunha.

Na literatura acadêmica, encontram-se vários aspectos dos tipos de violência, desde circunstâncias conceituais e de parâmetros até tipificações, sendo ramificadas em violência física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Ainda constata-se que a violência contra a mulher aparece como resultado do conflito com as questões sociais (PORTO et al, 2003, p. 248).

A complexidade das situações de violências contra a mulher tem cada vez mais se apresentado no cotidiano, atrelando-se a pandemia de Covid-19. Apresenta-se dados do ano de 2020, do Fórum Brasileiro de Secretaria de Segurança Pública, indicando um aumento dos casos de violências, mas a diminuição das denúncias, em função do isolamento, muitas mulheres inseridas em ambientes violentos não podem sair de casa para a denúncia têm medo de realizá-la pela aproximação do parceiro (BUENO, 2020, p. 3).

As conquistas para o enfrentamento às agressões contra as mulheres origina-se dentro dos movimentos feministas organizados, a partir da década de 1970, contra a dominação masculina frente ao que era

considerado direito inerente ao marido sobre o corpo feminino e que tem eco no histórico de dominação masculina na sociedade patriarcal em que vivemos (MENEGHEL et al, 2011, p. 692). Já de acordo com Guimarães (2015, p.257), as trajetórias históricas dos movimentos feministas e de mulheres apontam que foi a partir da década de 60, que a violência doméstica foi inserida no debate.

O processo de oposição à violência de gênero no Brasil acompanha um movimento global de reconhecimento dos direitos das mulheres à uma vida sem violência (CERQUEIRA et al, 2015, p. 10). No Brasil, apesar da Constituição Federal de 1988 assegurar direitos básicos a todos seus cidadãos (natos, estrangeiros residentes e naturalizados), sem distinção de cor, raça ou credo, pouco se abrange no quesito gênero, portanto, refletir sobre as implicações da violência contra as mulheres neste contexto, faz com que questionamos em como as políticas públicas que tangem este cuidado estão sendo efetivadas.

Ao mesmo tempo, compreender o panorâmico histórico, faz com que as discussões acerca do tema perpassam um itinerário para assim ser possível analisar, as políticas públicas de atenção, às conquistas dos movimentos feministas, bem como as condições socioeconômicas de cada época. A interferência destes fatores bio-sócio-culturais influenciam diretamente as organizações e instituições governamentais (JUNGES et al, 2012, p. 1054).

Para muitas mulheres que sofrem violência doméstica e são obrigadas a deixarem suas casas, a alternativa encontrada é serem acolhidas nas Casas-Abrigo, conhecidas também como Casa de Passagem, locais de caráter temporário, seguros e sigilosos, que tem por objetivo garantir a integridade física e psicológica de suas moradoras (KRENKEL, MORÉ, 2017, p. 771). Ilustrando a importância do trabalho realizado através destas Casa-Abrigo, o Estado do Rio Grande do Sul conta com 14 unidades ativas.

Estes espaços constituem uma resposta do Estado brasileiro para as mulheres em situação de violência, principalmente após a promulgação da Lei Maria da Penha, sob a qual, a demanda das mulheres por abrigo tornou-se mais complexa, na medida em que são previstas outras medidas para a proteção das mulheres ameaçadas (BRASIL, 2011, p.20). Desta forma, o objetivo é analisar o impacto direto da violência contra as mulheres nos contextos social e de saúde em quem se encontra albergado em uma Casa-Abrigo, em um município de médio porte, no centro do Estado do Rio Grande do Sul.

## Metodologia

Trata-se de pesquisa descritiva exploratória de caráter qualitativo, os sujeitos pesquisa do estudo, foram mulheres, que se encontravam abrigadas na em uma casa de passagem. A coleta de dados foi realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2020, o critério de inclusão foi assinar voluntariamente o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

A identificação das participantes foi feita a partir das iniciais M (Mulheres) e do número de entrada na ordem do texto (M1, M2 e assim por diante). Para tanto, os critérios de inclusão: ser maior de 18 anos e residir na casa de passagem no momento da coleta de dados, e exclusão: não estar na casa durante as coletas ou não ter interesse em participar como sujeito de pesquisa. Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, esta possui aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Franciscana sob número 4.220.798.

As entrevistas ocorreram de forma dinâmica com um questionário semi estruturado, com questões norteadoras, possibilitando assim a interação entre pesquisador e participante, construindo um diálogo amplo e com foco pré-estabelecido. Todos os encontros foram acompanhados por um psicólogo.

Os resultados foram analisados com orientações metodológicas de Minayo (2012, p. 623) que preconiza os seguintes passos: primeiro, a ordenação dos dados coletados, segundo, a classificação dos dados e terceiro, a análise final. Após a concretização deste processo, foi realizada uma discussão, bem como a aproximação com a literatura já existente.

## Referencial teórico

A literatura define violência contra a mulher, sendo física, sexual, patrimonial ou moral, como a contextualização das relações desiguais de gênero, que se reproduz em consonância com o sistema patriarcal. Fundamentado em atos sociais derivados da hierarquização naturalizada de gênero e do sexo, que supervalorizam atributos considerados masculinos em detrimento de características consideradas femininas, cuja forma de expressão pode ser física, sexual e econômica (CAMPOS et al, 2015, p. 3).

Constantemente coloca-se como importante pauta de discussões e de preocupações na sociedade brasileira sobre as violências a que diariamente as mulheres são socialmente submetidas, vale ressaltar que tanto o debate, quanto o impacto social que esta nova postura de enfrentamento é recente. Foi apenas no ano de 2002 que a violência contra a mulher começou a ser considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um grave problema de saúde pública e uma das formas de violação dos direitos humanos (AZAMBUJA et al, 2008, p. 107).

O tratamento da violência como problema de saúde foi institucionalizada por meio da Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências e, posteriormente, pela Lei nº 11.340/2006, batizada como Lei Maria da Penha, e pela Lei nº 13.104/2015, conhecida como Lei do Feminicídio (BARROS et al, 2021, p. 2). A Lei Maria da Penha foi promulgada no dia 08 de agosto de 2006 e recebeu tal denominação em homenagem à farmacêutica-bioquímica cearense, que viveu o ciclo vicioso da violência, durante o casamento, ocorrendo também a dupla tentativa de feminicídio, que a deixou paraplégica, a lei tem o intuito do endurecimento de punição para agressões contra a mulher (BANDEIRA; ALMEIDA, 2015, p 504 ) quando ocorridas no âmbito doméstico e familiar.

O feminicídio é caracterizado como um crime contra a mulher, gerando o assassinato desta, movido pelas questões de gênero e misoginia, para tanto já registrado no código penal. A Lei do Feminicídio é uma alteração do Decreto-Lei nº 2.848/1940, prevendo tal ato como circunstância qualificadora do crime homicídio e o artigo 1º da Lei nº 8.072/1990 para incluir o feminicídio no rol de crimes hediondos (BRASIL, 2015).

Ao explicar a complexidade de fatores que envolve a violência, diversas causas correlacionadas tomam forma, sem falar de uma causa única, como abuso de substâncias lícitas e ilícitas, como álcool e drogas, ciúmes, fator que eleva o aumento de tensão no casal, demonstrando caráter de dominação e posse, além de um ambiente familiar com histórico de violência presenciada ou sofrida na infância e a vulnerabilidade de gênero (ZANCAN et al, 2013, p. 66).

## Resultados e discussão

No contexto dessa pesquisa, a violência ocorreu principalmente pelos parceiros, sendo associada ao abuso de álcool e outras drogas.

Foram entrevistadas oito mulheres em situação de acompanhamento na Casa de Passagem. Foi unânime o sentimento de insegurança para a denúncia formal na Delegacia da Mulher da cidade em que moravam. A renda mensal das entrevistadas era subsidiada pelo companheiro, sendo que todas exerciam a função de dona de casa.

Constatou-se que as agressões ocorriam após o consumo de etílicos, segundo M1 *“Depois que eu casei meu marido bebia e me batia, ele só bebia”*, já a M2 afirma que quando o companheiro bebia *“Ele jogava as minhas roupas fora e gritava dentro de casa comigo e com meus filhos”*. Estudos demonstram que os fatores que contribuem para as agressões são o consumo de álcool e drogas pelos parceiros (VIEIRA et al, 2014, p 370).

Foi evidenciado que as mulheres que se afastaram dos filhos demonstram tristeza e relatam isto, segundo M2 *“Meu filho foi embora de casa logo que ele conseguiu emprego, a gente se afastou bastante, sinto muita falta dele, ele viu muita coisa”*. Crianças e adolescentes que crescem em ambientes agressivos, podem igualmente sofrer sequelas físicas e psicológicas semelhantes às da própria vítima de agressão, neste caso a sua mãe, pode causar ansiedade, dores de cabeça, sentimentos de culpa e depressão até as relacionadas ao processo de desenvolvimento infantil (SILVA et al., 2007, p. 98). Evidenciaram com tristeza um fraco laço afetivo com os filhos, que se afastaram do ambiente familiar violento em que se encontravam.

Estes ciclos de violência doméstica podem começar com insultos, humilhações, ameaças de violência até a confirmação do episódio agudo do fenômeno. Sendo a mulher colocada enquanto objeto e figura passiva, criando uma objetificação do seu corpo, já o homem tido como sujeito que se utiliza da força física e da dominação, fazendo uso da violência psicológica (LUCENA et al, 2016, p.2).

Os casos de agressões físicas precedem abusos psicológicos, como relatou M3 *“Ele gritava muito comigo, não queria que saísse, mas ele também é bom pra mim”*, em outra entrevista M4 relata que *“Meu marido não é bom, não quero ficar com ele, mas não tinha para onde ir, minha patroa se aposentou e me demitiu”*. O contexto social em que a mulher está inserida irá refletir diretamente em como e quando ela buscará ajuda, ademais estas encontrava-se casadas e com tempo de convivência, o que reforçava a percepção da dificuldade em romper estas situações, para tanto, violência contra a mulher é uma

questão sistêmica e envolve todas as camadas e setores da sociedade (FERREIRA DA COSTA, 2021, p.2).

Os relatos indicam que as violências que se repetem em diferentes contextos sociais, evidenciando a desigualdade de gênero que constitui uma das grandes contradições da sociedade, sendo construída e institucionalizada, colocando as mulheres em um lugar de subordinação (SANTOS et al, 2010, p. 13). Contudo ressalta-se que a Constituição Federal de 1988, assegura em seu artigo 5º, Igualdade de Gênero, desta forma independentemente de seu gênero, todos são iguais sob a ótica da Constituição.

Analisou-se que durante as entrevistas, as participantes expressam um sentimento de dor ao lembrar dos acontecimentos de violência, ademais questionavam sobre seus direitos e em como buscar ajuda. Desta forma reforçou-se os canais de denúncia, sendo estes: Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (DEAM), Centros de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM), Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), com estas iniciativas, acrescenta-se a Lei Maria da Penha, como um instrumento legal para proteção e prevenção da violência (COSTA et al, 2015, p. 552).

## Considerações finais

Após as entrevistas, foi relatado que ao serem acolhidas pelo Lar, estas mulheres se sentiram acolhidas e seguras pela equipe da casa. Nesse espaço, realizam acompanhamento psicológico e assistencial por uma equipe multiprofissional que objetiva seu bem-estar, incentivando através de oficinas e cursos sua inserção no mercado de trabalho para permitir sua autonomia, sendo isto um dos principais objetivos referidos durante as entrevistas.

No sentido da promoção à saúde e a assistência às mulheres que vivem em situação de violência são aspectos, dentre vários outros, que representam a possibilidade de realização de direitos constituídos que garantam melhores condições de cidadania (GUIMARÃES, 2015, p 264).

Torna-se assim cada vez mais evidente a necessidade de capacitar profissionais para realizar o acolhimento dessas mulheres, bem como a educação como peça fundamental para diminuição dos casos e o fortalecimento da rede de apoio. Salienta-se ainda que as denúncias podem ser realizadas nos serviços de saúde, cita-se como exemplo a

atenção primária, por se configurar porta de entrada dos serviços de saúde.

Devendo-se ainda efetivar as políticas públicas de atenção a esta mulher, ampliando o olhar aos direitos humanos, este por si só garante a dignidade humana. Faz-se ainda necessário uma reflexão ética e política no que tange a sociedade, a história e as leis.

## Referências

ACOSTA, Daniele; GOMES, Vera; OLIVEIRA, Denize; GOMES, Giovana; FONSECA, Adriana. Aspectos éticos e legais no cuidado de enfermagem às vítimas de violência doméstica. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 26, n. 3, 2017.

AZAMBUJA, Mariana Porto Ruwer de; NOGUEIRA, Conceição. Introdução à violência contra as mulheres como um problema de direitos humanos e de saúde pública. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n. 3, p. 101-112, 2008.

BANDEIRA, Lourdes Maria; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. Vinte anos da Convenção de Belém do Pará e a Lei Maria da Penha. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 2, p. 501-517, 2015.

BARROS, Hyslla Maria; REIS, Alizambra; LIMA, Maria Ines; PAMPLO, Mônica; PEIXOTO, Ivonete. Educação em saúde acerca da violência contra a mulher: um relato de experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, p. e5439-e5439, 2021.

BRASIL, **Lei Maria da Penha**. Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, Brasília, 2010.

BRASIL. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10.3.2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial da União, 5 de outubro de 1988.

BRASIL. **Diretrizes nacionais para o abrigamento de mulheres em situação de risco e violência**. 2011.

BUENO, Samira; LIMA, Sérgio; SOBRAL, Isabela; PIMENTEL, Amanda; FRANCO, Beatriz; MARQUES, David; MARTINS, Juliana; NASCIMENTO, Talita. **“Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19.”** Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Vol. 16. 2020.

CAMPOS, Brisa; TCHALEKIAN, Bruna; PAIVA, Vera. Violência contra a mulher: vulnerabilidade programática em tempos de sars-Cov-2/ covid-19 em São Paulo. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, 2020.

CERQUEIRA, Daniel; MATOS, Mariana; MARTINS, Ana Paula. A institucionalização das políticas públicas de enfrentamento à violência contra as mulheres no Brasil. Ipea, nº 13. Brasília, março, 2015.

COSTA, Milena Silva; SERAFIM, Márcia Luana Firmino; NASCIMENTO, Aissa Romina Silva do. Violência contra a mulher: descrição das denúncias em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher de Cajazeiras, Paraíba, 2010 a 2012. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, p. 551-558, 2015.

FERREIRA DA COSTA, Elder Lisboa. A Violência Contra a Mulher à Luz do Discurso Internacional. **Direito em Movimento**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 56-109, jan. 2021.

GUIMARÃES, Maisa Campos; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 256-266, 2015.

JUNGES, José Roque; ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone. Bioética e saúde coletiva: convergências epistemológicas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 1049-1060, 2012.

KRENKEL, Scheila; MORÉ, Carmen. Violência contra a Mulher, Casas-Abrigo e Redes Sociais: Revisão Sistemática da Literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão* Jul/Set. 2017 v. 37 n°3.

LUCENA, Kerle; DEININGER, Layza; COELHO, Hemílio; MONTEIRO, Alisson; VIANNA, Rodrigo; NASCIMENTO, João Agnaldo. T. Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. **Journal of Human Growth and Development**, v. 26, n. 2, p. 139–146, 2016.

MENEGHEL, Stela Nazareth; MUELLER, Betânia; COLLAZIOL, Marcell Emer; QUADROS, Maíra Meneghel de. Repercussões da Lei Maria da Penha no enfrentamento da violência de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 18, número 3, p. 691-700, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

MOREIRA, Virginia; BORIS, Georges; VENÂNCIO, Nadja. O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos. **Rev. Psicol. Soc.** vol.23 no.2 Florianópolis May/Aug. 2011

PORTO, Madge et al. A saúde da mulher em situação de violência: representações e decisões de gestores/as municipais do Sistema Único de Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, p. S243-S252, 2003.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos; OLIVEIRA, Leidiane. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Revista Katálysis**, v. 13, n. 1, p. 11-19, 2010.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, p. 93-103, 2007.

SOUZA, Marli Aparecida; PERES, Aida ; FUMINCELLI, Lais; LOPES, Vagner; MERCÊS, Nen NaLú; WALL, Marilene. Percepção das mulheres em situação de violência sobre o apoio formal: Scoping review. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, 2021.

TINOCO, Nayandra; SANTOS, Adriene; FIALHO, Salinny; REDMAN, Raquel; LIMA, Alaine Naielly; SANTOS, Janeide; ROCHA, Suellen Karine; COSTA, Cheila ; SERRÃO, Dablina; FIGUEIREDO, Silvana. Vulnerabilidade e as violências mais comuns enfrentadas pelas mulheres brasileiras. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 3, 22 mar. 2021.

VIEIRA, Letícia; CORTES, Laura; PADOIN, Stela; SOUZA, Ivis; PAULA, Cristiane; TERRA, Marlene. Abuso de álcool e drogas e violência contra as mulheres: denúncias de vividos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 3, p. 366–372, 2014.

ZANCAN, Natália; WASSERMANN, Virginia; LIMA, Gabriela Quadros de. A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 63-76, jul. 2013.

## CENTRO DE REFERÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CIDADANIA LGBTQI+ (CER-LGBTQI+): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA<sup>1</sup>

### **Camila Campos Moura**

*Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [camilacamposmoura@email.com](mailto:camilacamposmoura@email.com);*

### **Gabriella Kathleen Venancio de Paula**

*Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [gabriellavenancio@hotmail.com](mailto:gabriellavenancio@hotmail.com);*

### **Igor Gabriel de Oliveira Morais**

*Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [igorgabrieluffj@gmail.com](mailto:igorgabrieluffj@gmail.com);*

### **Marcos Lucas Henrique Garcia Pires**

*Graduando do Curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [marcoslucasuffj@gmail.com](mailto:marcoslucasuffj@gmail.com);*

### **Marco José de Oliveira Duarte**

*Professor Orientador, Assistente Social, Psicólogo e Sanitarista. Mestre em Serviço Social (UFRJ), Doutor em Serviço Social (UERJ) e Pós-Doutor em Políticas Sociais e Cidadania (UCSAL), Professor da Faculdade de Serviço Social - UFJF, [majodu@gmail.com](mailto:majodu@gmail.com).*

## **Resumo**

O trabalho trata-se de um relato de experiência do “Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+”, programa de extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora. O objetivo é a descrição das atividades realizadas pelos graduandos bolsistas

---

1 Programa de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

de extensão e seus rebatimentos na população LGBTQI+ do município de Juiz de Fora. O Cer-LGBTQI+ da UFJF foi inaugurado em agosto de 2019, estruturado em quatro eixos e desde então diversas frentes e projetos foram desenvolvidos e executados, mesmo na pandemia da covi-19, favorecendo o contato direto com as LGBTI+ da cidade e o acolhimento de suas demandas, para que posteriormente fossem produzidos relatórios tanto para o planejamento de novas atividades quanto para encaminhar estas demandas ao poder público municipal de Juiz de Fora. Cobrando as ações efetivas e concretas da prefeitura e outros órgãos públicos frente às reivindicações da população LGBTQI+ local, tendo em vista políticas e direitos desses sujeitos frente às suas vulnerabilidades e precariedades da vida.

**Palavras-chave:** LGBTQI+, Centro de Referência, Cidadania, Políticas Públicas.

## Introdução

O seguinte trabalho tem por intuito relatar as experiências vividas por estudantes de graduação bolsistas e voluntários do programa de extensão, financiado pela PROEX-UFJF, “Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+” da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) desde o período de inauguração do mesmo, em agosto de 2019, até a dezembro de 2020.

O objetivo é a descrição das atividades realizadas pelos graduandos bolsistas de extensão e seus rebatimentos na população LGBTQI+ do município de Juiz de Fora e região. O CeR-LGBTQI+ da UFJF está estruturado em quatro eixos e desde então diversas frentes e projetos foram desenvolvidos e executados, mesmo na pandemia da COVID-19, favorecendo o contato direto com as LGBTI+ da cidade e o acolhimento de suas demandas, para que posteriormente fossem produzidos relatórios tanto para o planejamento de novas atividades quanto para encaminhar essas demandas ao poder público municipal de Juiz de Fora. Cobrando as ações efetivas e concretas da Prefeitura da cidade e outros órgãos públicos frente às reivindicações da população LGBTQI+ local, tendo em vista políticas e direitos desses sujeitos frente às suas vulnerabilidades e precariedades da vida.

## Metodologia

Para a realização do relato de experiência foi utilizada a revisão bibliográfica e documental, com a finalidade de sintetizar conceitos necessários para as análises acerca das temáticas de gênero e sexualidade, políticas públicas e centros de referência, para assim alcançar uma maior aproximação com a população LGBTQI+ municipal. Assim, foram coletados dados em artigos e livros que tratam desses seguintes temas abordados.

No que se trata as formações e atividades desenvolvidas no programa, foi necessário a participação dos bolsistas em reuniões semanais de maneira remota, esses encontros promoviam uma formação teórica a respeito do campo de estudo de gênero e sexualidades, para isso os graduandos tiveram acesso a leituras de artigos e livros, análises de longas e curta metragens e a participação de cursos de

curta ou média duração, a respeito das políticas públicas para a população LGBTQIA+.

Além disso, os bolsistas atuaram nas redes sociais do CeR-LGBTQI+ a fim de promover e divulgar informações sobre os direitos garantidos à comunidade LGBTQIA+, como *Youtube*, onde foram publicados vídeos informativos e alguns dos eventos que foram realizados durante o período da pandemia, no sentido de gerar debates e atenção da população para as dificuldades enfrentadas pela comunidade ao longo do cotidiano.

O *Instagram* também foi utilizado para divulgar alguns filmes, tendo em vista gerar debates e entretenimentos, divulgando informações pertinentes aos direitos e políticas de LGBTQI+, como de eventos realizados, como *lives*, além de criar uma proximidade maior com o público alvo. Assim, o Blog foi também uma das ferramentas utilizadas nesse período remoto para alcançar mais pessoas.

## Referencial teórico

As atividades realizadas pelos bolsistas do CeR-LGBTQI+ no período pré-pandemia foram essenciais para as primeiras ações de aproximação com o público alvo do município, com a realização de eventos e palestras que abordassem a conscientização sobre a temática de gênero e sexualidades, direitos e políticas públicas de LGBTQI+.

A formação teórico-prática dos bolsistas e voluntários foi realizada através de reuniões semanais, leituras coletivas de artigos e notícias, que também contribuíram para que as atividades desenvolvidas pelo CeR-LGBTQI+ tivessem êxito e maior impacto entre o seu público alvo.

Além disso, foram criados espaços que possibilitaram aos participantes falar sobre suas vivências enquanto LGBTQI+ na cidade de Juiz de Fora, favorecendo para a criação de vínculo entre esses e os integrantes do programa de extensão.

Com o avanço da pandemia do COVID-19, os espaços de atendimento presencial migraram para o ambiente virtual, mudança que foi essencial para a ampliação do número de pessoas atendidas pelo CeR-LGBTQI+, já que devido ao isolamento, muitas pessoas LGBTQI+ ficaram desempregadas, tiveram suas aulas suspensas e tiveram que voltar para a casa de suas respectivas famílias, núcleos que muitas vezes são espaços de agressões físicas e psicológicas (VOTE LGBT+,

2020) tornado a pessoa vítima do seu próprio núcleo familiar e da sociedade de maneira geral.

Perder acesso à sua rede de apoio significa a falta de ambientes seguros para serem quem são. A rede de amigos é muito importante para estas pessoas que muitas vezes não encontram amparo na família. Espaços como universidades e ambientes de convívio social são muito mais do que lugares de estudo ou lazer. Significam ambientes onde podem sentir-se inteiros e seguros, física e emocionalmente. Para muitas pessoas LGBTQ+, a exclusão da família de origem implica na construção de novas estruturas familiares que exerçam este fundamental papel em suas vidas. Para elas, ver-se afastado dessas estruturas pela quarentena impacta em voltar a se sentir só no mundo. (VOTE LGBTQ+, 2020, s/p.).

Como destaca MARCO DUARTE (2020) em seu texto “Vidas precárias e LGBTQIfobia no contexto da pandemia: A necropolítica das sexualidades dissidentes” (2020), o professor elabora uma reflexão sobre vidas precárias em Judith Butler e o conceito de necropolítica de Achille Mbembe. Para o autor, a morte não acontece somente no corpo, ela também se aplica na falta de direitos, políticas públicas e dignidade.

O cenário de pandemia que impacta toda a população mundial, quando encontra pessoas LGBTQ+, potencializa uma série de problemas previamente enfrentados pelas mesmas. (...) Um em cada 2 LGBTQs de 15 a 24 anos indicaram a saúde mental como o maior problema do isolamento. Nos grupos etários mais velhos, a indicação foi de 21% entre aqueles com 45 a 54 anos e 12% com 55 anos ou mais, o que pode estar diretamente relacionado à dependência financeira e necessidade de isolamento em um ambiente familiar que muitas vezes não compreende ou aceita uma jovem LGBTQ+, podendo até se tornar violento (...). Preocupada com essa situação, a ONU chegou a expedir orientações para alertar os países dos riscos específicos da crise do novo coronavírus para esta parte da sociedade. (VOTE LGBTQ+, 2020, s/p.).

A necropolítica também se aplica aos corpos LGBTQI+, a partir do momento em que esses corpos são excluídos das famílias, empregos e

escolas, promovendo uma marginalização desses corpos que acabam sendo inseridos em empregos precários como a prostituição. Essa exclusão é reflexo da nossa sociedade patriarcal, cisheteronormativa e branca, que sempre expôs os corpos LGBTQI+ as violações de direitos, violências e mortes.

JUDITH BUTLER (2020), logo no começo da pandemia escreve sobre as consequências que estavam postas às minorias, que seriam mais afetadas por conta dessa marginalização: “A desigualdade social e econômica garantirá a discriminação do vírus. O vírus por si só não discrimina, mas nós humanos certamente o fazemos, moldados e movidos como somos pelos poderes casados do nacionalismo, do racismo, da xenofobia e do capitalismo” (BUTLER, 2020, s/p.).

Ela lembra que em contextos de crises internacionais, nesse caso impulsionados pela pandemia do COVID-19, as formas de exclusão, preconceito e exploração intrínsecos a esse sistema político dominante sempre vão encontrar maneiras para manter, perpetuar e roborar seus poderes, intensificando-se assim a pauperização, a precarização e as violências sofridas pelos grupos minoritários, incluindo a comunidade LGBTQI+.

Ao contrário da fragilidade emocional que, como vimos, é um problema muito mais sério entre os mais jovens, os problemas de isolamento social se acentuam com a idade para pessoas LGBT+. Apenas as dificuldades ligadas ao convívio familiar são também muito relevantes para adolescentes, além de pessoas com mais de 55 anos. Quando se trata das novas regras de convívio social e, especialmente a solidão, este público mostra-se muito mais vulnerável; esse é um dado que coloca luz sobre um tema ainda muito pouco debatido no Brasil: as dificuldades específicas do envelhecimento de pessoas LGBT+. (VOTE LGBT+, 2020, s/p.).

Pensando nesse cenário, foi redimensionada os eixos que estruturam o trabalho presencial, como a execução da frente de atenção e apoio psicossocial, composta por assistentes sociais, psicólogos e estudantes bolsistas das respectivas áreas, que antes realizavam a triagem dos usuários e, caso fosse necessário, os profissionais efetuavam orientações a essas pessoas a depender do que essas demandam. No atual momento, isso tem sido feito, mas de forma virtual, através das redes sociais do CeR-LGBTQI+, telefone e plataformas virtuais

Também foi repensada a frente de apoio jurídico, com advogados e bolsistas dessa área, que igualmente executavam as orientações necessárias de forma presencial, o fazem de forma virtual.

Assim, o atendimento psicossocial e de garantia de direitos tem sido realizado de forma online oferecido pelo CeR-LGBTQI+ e nesse contexto, emerge a “Campanha TranSolidariedade”, desde o começo da pandemia, no qual tem se garantido a distribuição de cestas básicas e itens de higiene pessoal e limpeza às travestis trabalhadoras sexuais, que tem sido essencial para a existência dessas pessoas atendidas pelo centro de referência.

## Resultados e discussão

Os resultados que foram cultivados durante o período de pandemia foram significativos para a comunidade LGBTQIA+ juiz-forana e para o crescimento e reconhecimento do Centro de Referência. Um dos feitos no qual conseguimos alcançar várias pessoas foi através da “Campanha TranSolidariedade”, em parceria com o CRDH de Juiz de Fora e o coletivo Força Trans, realizado de forma remota e que teve por objetivo arrecadar alimentos, itens de higiene básica e limpeza, além de orientação e orientação sobre os direitos garantidos para as mulheres trans e travestis alcançadas pela campanha, como o auxílio emergencial e o CadÚnico.

Outro feito importante durante este período foi a Cartilha de Políticas e Direitos LGBTQI+, um material desenvolvido pelo CeR-LGBTQI+ no sentido de contribuir com conteúdo informativo no que diz respeito à garantia de direitos da comunidade LGBTQI+. A Cartilha apresenta alguns conceitos básicos sobre sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual e difunde os principais direitos conquistados no âmbito nacional, estadual e municipal.

A referida cartilha tem por finalidade informar o maior número de pessoas, por meio de sua divulgação, sobre as garantias de direitos da comunidade LGBTQIA+, e que através desse conhecimento amplamente difundido tenha-se sua absoluta efetivação, proteção e respeito à diversidade sexual e de gênero.

## Considerações finais

Durante o período da pandemia da COVID-19, o programa teve que se reinventar para conseguir continuar abarcando toda a comunidade LGBTQI+ e dando continuidade nos projetos e frentes de trabalho. Expandindo para era digital de modo com que o alcance fosse maior, o Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+ se infiltrou de modo remoto em áreas diferentes, o que fez com que pessoas de fora do município tivessem conhecimento e uma proximidade maior com o nosso trabalho desenvolvido dentro da cidade de Juiz de Fora.

O CerIndica, por exemplo, que é uma promoção de filmes LGBTQI+ com intuito de entreter e abrir um espaço de discussão com as pessoas para mostrar as diversas facetas da comunidade e suas representações midiáticas. O “LIVERSÁRIO” do CeR-LGBTQI+, que foi uma série de *lives* feitas para debater temas importantes para todos, pessoas dentro da comunidade LGBTQI+ e de fora, que desejam entender e se aliar a causa.

A cartilha informativa, também foi uma importante iniciativa, levando em consideração como os movimentos sociais vão se expandindo e se renovando, é de extrema significância termos materiais atualizados para entendermos melhor sempre a individualidade de cada um.

Apesar de todas as dificuldades e distanciamento que essa pandemia trouxe, foi possível continuar se conectando com as pessoas e passando para frente o olhar crítico em cima das atitudes, não só de outras pessoas com a comunidade, mas principalmente com as atitudes do governo que vem marginalizando cada vez mais as pessoas inseridas no meio LGBTQI+, tanto em questão de saúde, como em segurança e acessibilidade para serviços básicos.

Devido a esse fato segue sendo relevante a inclusão e expansão, não só do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+, mas também de políticas públicas que venham a acolher todas as comunidades que necessitam de um debate em destaque com a população para tornar essas comunidades vozes ativas na sociedade que participam ativamente da luta pelos seus interesses.

## Agradecimentos

Agradecemos ao Prof. Coordenador Marco José de Oliveira Duarte por nos orientar durante a produção deste trabalho e por coordenar da melhor maneira o programa de extensão Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+.

Agradecemos aos bolsistas Camila Campos Moura, Igor Gabriel de Oliveira Moraes, Marcos Lucas Henrique Garcia Pires, Gabriella Kathleen Venancio de Paula, Carolina Pereira Fernandes, Karina Rodrigues de Almeida Delgado e Sidney Aurum Monteiro Vieira, por empenharem todos os esforços possíveis para que o Centro de Referência continuasse a desenvolver suas ações em promoção da cidadania LGBTQI+, mesmo com as dificuldades impostas pela pandemia do Covid-19 e as complicações advindas dessa conjuntura.

Por fim, e com certeza não menos importante, agradecemos aos voluntários do Centro de Referência Bruna da Silva Rocha, Brune Coelho Brandão, Cleber Giliard Rodrigues Miranda, Dandara Felícia Silva Oliveira, Eduardo Novais Dias, Francielle Pereira Santos, Ítalo Henrique Nunes Carneiro de Araujo, Jude de Oliveira Bento da Silva, Júlio Mota de Oliveira, Larissa Batista da Silva, Maria José Figueira Pereira, Mateus de Oliveira Duarte, Sarah de Melo Salles que foram essenciais para o crescimento do Centro de Referência, e graças a estes conseguimos parcerias e maior visibilidade, conseguindo alcançar um grande número de pessoas que se beneficiaram do nosso trabalho para a efetivação de seus direitos cidadãos.

## Referências

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUTLER, J. **O capitalismo tem seus limites**. Blog da Boitempo, São Paulo, 20 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/>>. Acesso em: 13 maio. 2021.

DUARTE, M. J. de O. **Dissidências sexuais, vidas precárias e necropolítica**: impressões de uma experiência em tempos de pandemia. In:

OLIVEIRA, A, D. (Org.). População LGBTI+, vulnerabilidades e pandemia da COVID-19. Campinas: Saberes e Práticas; Papel Social, 2020.

VOTE LGBT+. **Diagnóstico LGBT+ na pandemia:** desafios da comunidade LGBT+ no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus. Disponível em: <<https://www.votelgbt.org/>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

## UM LIVRO SOBRE O AMOR SAPATÃO: MEMÓRIA E CELEBRAÇÃO

**Antonia Marília dos Santos Oliveira**

*Antonia Marília dos Santos Oliveira é doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA e mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará – UFC.*

### 1. Introdução: por que *Um livro sobre o amor sapatão*

**L**ancei, em setembro de 2020, meu quarto fotolivro, “Um livro sobre o amor sapatão”, em que reúno fragmentos visuais das histórias de seis casais em uma narrativa sobre o ordinário da experiência amorosa cotidiana sapatão. Convidei cinco casais de sapatonas para que me enviassem imagens diversas – fotografias, desenhos, bilhetes, cartas, pinturas – que juntei às fotografias realizadas ao longo dos três anos de relacionamento com minha companheira. Contar uma história de amor entre mulheres – e explicito aqui que essa história é sobre mulheres cis e transgênero – envolve sobretudo compreender a pluralidade que a palavra sapatão contempla: estar sob um guarda-chuva polifônico que a cisgeneridade e a branquitude não comportam. Foram produzidos 500 exemplares distribuídos gratuitamente e *Um livro sobre o amor sapatão* ainda está em circulação e aguardando o fim da pandemia para novos lançamentos. Este texto é sobre a experiência de elaboração de um fotolivro que é memória coletiva, festa e celebração.

Ainda que pertencentes a um mesmo grupo, considero pertinente traçar diferenças, tendo em conta que o termo sapatão pode apagar muitas de nós, assim como “mulher” é uma categoria universalizante que remete às brancas cisgênero heterossexuais – as mulheres negras, as sapatonas, as mulheres trans deixadas de fora do que significa ser mulher. Por estes e outros motivos não é possível elaborar uma narrativa sobre o amor sapatão nem posso ser eu a que enuncia

sozinha o que significa ser uma nordestina sapatão; por estes motivos convido casais distintos para me contarem de suas experiências amorosas e, assim, conto um compilado de histórias, um novelo amoroso de atravessamentos e distensões diversas, um emaranhado de visuais acolhedoras sobre o amor entre mulheres cis e trans, brancas e negras, gordas e magras.

Sou sapatão branca cearense com passabilidade alta, nasci no interior do Ceará e pertenço à primeira geração das duas famílias – de pai e de mãe – que teve acesso à graduação, mestrado e, agora, doutorado. Sou parte da primeira geração que manteve todos os dentes porque teve acesso odontológico, que viajou de avião e que estudou em colégio particular. Sendo assim, não preciso caminhar muito para compreender que, mesmo lésbica, tenho alguns privilégios que me atravessam desde a infância. E apresento-me desse jeito porque sei que, quando escrevo agora para vocês, sapatões como eu, são só algumas de vocês que me ouvem, que me leem. Isso porque o discurso acadêmico é excludente por si só, porque estou distante, em alguma medida, do cotidiano das sapatonas com deficiência, das sapatonas moradoras da periferia, das caminhoneiras, das sapatonas pretas, indígenas, trans – porque mesmo caminhando com vocês não posso falar por vocês e, quando falo, sei que é impossível esquecer que é como mulher branca cis que falo, porque não há uma “sapatão universal”.

Produzo um fotolivro sobre nossos amores e agora escrevo a vocês porque compreendo (e compartilho) a sensação de não caber, de não poder existir, de não ter no horizonte visual ninguém em quem se inspirar, porque cresci rodeada pela heterossexualidade, compulsória e doentia, para onde quer que olhava. Porque cresci achando que era aberrante e desviante ser quem eu sou, porque nunca houve um desenho animado, uma comédia romântica ou um hit de sucesso na minha infância e adolescência que falasse sobre ser sapatão. Falo de amor sapatão agora porque, durante o ensino médio, todos os alunos da minha turma pararam de falar comigo quando alguém espalhou na escola que eu havia beijado na boca uma amiga, no corredor de uma loja de departamentos no centro de Fortaleza. Enchi-me de ódio. Ameacei bater em quem tinha espalhado essa história. Quase sofri medidas disciplinares por constranger alunos tentando descobrir quem havia dito isso de mim. Entendo hoje que a maior raiva era a de saber – ou pressentir – o que me esperava quando, enfim, assumisse publicamente minha lesbianidade: perderia os amigos, me tornaria

alvo de violência, piada e escárnio, teria que esconder dos meus pais quaisquer conflitos e estaria por minha própria conta. Eu tinha 15 anos e entendia, ali, que nada poderia me defender de mim mesma e do que me estava reservado.

## 2. A escrita da margem

Produzi esse livro pelo mesmo motivo pelo qual escrevo a vocês, sapatonas como eu: para fazer caber nas escritas e nos fazeres da academia o que é nossa experiência de vida – e cabe. Cabe como embaixo do lençol que a heteronorma joga sobre nós cabe o corpo encarnado – tanto cabe quanto transborda. Cabe porque somos sujeitas de epistemologias e subjetividades próprias; cabe e se avoluma, como volumoso é o corpo que desponta da sombra do silenciamento e se anuncia como se anuncia a calça vermelha na imagem, único ponto rubro em uma fotografia de tons pasteis. Um livro sobre o amor sapatão existe e escrevo agora neste tom quase epistolar, quase uma carta de amor às sapatonas como é de amor o fotolivro que produzi pelo mesmo motivo: porque “a linguagem é também um lugar de luta” (HOOKS, 1990).

Quando falo às sapatões que me escutam falo para mim mesma, e elaboro Um livro sobre o amor sapatão porque somos todas pertencentes a este grupo à margem e, neste exercício contínuo que é a vida sapatão, conseguimos entender a potência, a força e a fartura da borda, da fronteira, do limite entre o dentro e o fora que é o espaço fronteiro para onde nos lançamos por sermos sapatões. A margem é espaço de abertura radical (HOOKS, 1990), ela acende e aviva em nós a capacidade de resistência às opressões. Viver na margem, escrever da margem, construir conhecimentos a partir da margem nos ensina sobre imaginar mundos alternativos e criar novos discursos (KILOMBA, 2019). Além do mais, apenas corpos que viveram à margem e que sofreram em sua carne a opressão pela abjeção e pela dissidência – de orientação sexual, de gênero, de raça – conseguem construir em si mecanismos de defesa e de combate que emergem especificamente da fragilidade que habitamos (MOMBAÇA, 2016).

É neste movimento de compreender nosso lugar diante das violências da heteronorma que nos convocamos, nós mesmas, a sermos quem nos tornamos. Escolher ante a encruzilhada: responsabilizar os outros e tornar-me vítima – o pai que me expulsou de casa, os amigos

que me rejeitaram, o mundo que me violentou – ou assumir o controle e a responsabilidade por minha (nossa) própria força. Em alguma medida, esse é um texto convocação, assim como é o fotolivro uma cocriação: “Quero a liberdade para talhar e esculpir minha própria cara, estancar a hemorragia com cinzas, fabricar meus próprios deuses com minhas entranhas” (ANZALDÚA, ANO, p. 64).

Daqui escrevo pra outras sapatonas, com Um livro sobre o amor sapatão entre as mãos, para dizer que nossa experiência no mundo é, sim, material possível de ser historicizado, é memória, potência e pulsão de vida e de trabalho, possibilidade de sistematização de conhecimento. Não a memória falida de quem quer retornar a algo, de quem sonha com um passado impossível. Não o retorno a uma casa que nos expulsa e que não existe mais. Memória fabricada no agora-já de nossas existências, talhada na nossa própria cara, como diz Alzandúa, memória do corpo que sabe (ROLNIK, 2013), que burila agora esse material frágil e gracioso que é a vida sapatão.

No que diz respeito à “agência histórica das mulheres”, eu queria, precisamente, sugerir que o modelo de vítima é insuficiente; que existe uma história da agência e das escolhas das mulheres que desafiou realmente alguns aspectos da supremacia masculina; que, como a supremacia masculina, podem ser encontradas em muitas culturas diferentes. (RICH, 2019, p. 94)

Além de Rich, Jota também nos fala da importância de abandonarmos esse lugar da vítima: o mundo e sua economia de poder e violência dizem quais corpos servem como agência da violência e quais existem para serem violentados, o mundo tal como é estruturado quer nos matar e isso é fato, partimos disso e daí seguimos, criando nossas estratégias de violência redistribuída, nossas formas de sobreviver e de implodir o mundo. “Redistribuição da violência é uma demanda prática quando estamos morrendo sozinhas e sem nenhum tipo de reparação” (MOMBAÇA, 2016, p.10). Escrevo, então, também pra dizer que sou muito boa de briga e que, como Jota/MC Katrina, “sou passiva, mas meto bala”<sup>1</sup>. Desse lugar, que é meu no nosso grupo

1 “Eu sou passiva, mas meto bala” é o primeiro single do projeto de Jota Mombaça Pop Guerrilha/MC Katrina e pode ser ouvido aqui: <https://soundcloud.com/popguerrilha/eu-sou-passivamas-meto-bala>.

polifônico, brigo com vocês qualquer briga possível. Daqui ficciono o poder pra nós, invento jeitos de nos defendermos e de escaparmos cada vez que tentam nos aprisionar de novo na redoma heteronormativa que o patriarcado usa como armadilha. Escrevo, fotografo, lanço livro e grito na rua pra dizer que não darei um segundo de paz ao homem branco cisgênero. Que em todo lugar que eu entrar por ser uma sapatão branca farei doer os ouvidos dos brancos dizendo dos nossos privilégios e da nossa obrigação restitutiva, que em todo lugar que eu entrar por ser uma sapatão cis passável lembrarei que as sapatonas caminhoneiras, as sapas trans e as sapas não binárias também entrarão, se assim quiserem.

Quando Jota Mombaça<sup>2</sup> discorre sobre a criação pelo erro, entendo que sou eu mesma fruto desse aprendizado. Eu, sapatão cearense, sou a prova de que o engano e o desvio no mundo podem frutificar, crescer e tornar-se um forte, sólido e farto equívoco, feliz de ser assim, inscrita na via subalterna e no fracasso do projeto preparado para nós. Jota escreve sobre deslealdade à norma, e sinto nossa existência tocada por suas palavras. Nós, que estamos sempre diante do abismo. Nós, que somos a vergonha de nossos pais e a ausência dos álbuns de família. Nós, que fomos expulsas de casa e que nos perguntamos “quantas vezes será preciso partir novamente viajar para encontrar um lugar onde viver” (WITTING, 2019, p.129).

É por isso que existe Um livro sobre o amor sapatão: porque erradas, porque a vergonha de famílias que nos excluem de suas comemorações cristãs, porque expulsas de casa, porque escondidas em um armário claustrofóbico para falar de amor. Porque nos comprimiram ao erro, mas dele partimos para o que extrapola e para o que transgride, para o que ri e acena de longe, enquanto caminha com o vento na cara e o passado nas costas.

Quando pensava sobre como elaborar gestos artísticos sobre o amor sapatão uma amiga me disse que estava editando um vídeo de bodas de ouro de um casal heterossexual e eu chorei pensando que nunca vi um casal lésbico fazer cinquenta anos de casadas. E decidi ali, chorando por me sentir apartada das minhas, que era por esse desejo imenso de ver casais de sapatonas sendo felizes que convidaria

---

2 Refiro-me ao artigo “Rastros de uma submetodologia indisciplinada”. concinnitas | ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016.

cinco casais a contarem comigo sobre o ordinário e o macio acolhedor cotidiano do amor sapatão. Muitas de nós já fizeram cinquenta anos de casadas, mas estivemos tão separadas umas das outras pelo véu de cegueira e vergonha que os cisheteropatriarcado joga sobre nós que não conseguimos nos enxergar umas às outras, tantas vezes, ao longo de nossas histórias individuais. A heterossexualidade, como instituição política (RICH, 2019, p. 42) promoveu sistemáticos apagamentos de e em nossas existências.

A existência lésbica compreende tanto a quebra de um tabu quanto a rejeição de um modo de vida compulsório. Também é um ataque direto ou indireto ao direito dos homens de acesso às mulheres. Mas é mais do que isso, embora começemos a percebê-lo primeiro como uma forma de dizer não ao patriarcado, um ato de resistência. Isso incluiu, claro, o isolamento, o ódio a si mesmas, crises, alcoolismo, suicídio e violência entre mulheres; romantizamos por nossa própria conta e risco o que significa amar e agir contra a corrente, e com pesadas punições; e a existência lésbica tem sido vivida (ao contrário, por exemplo, da existência judaica ou católica) sem acesso a qualquer conhecimento de uma tradição, uma continuidade ou um esteio social. (RICH, 2019, p. 65-66).

Destruir, ao longo da história, os rastros de nossa existência enquanto comunidade e enquanto sujeitas de memória, nossos registros e nossa passagem pelo mundo é uma das formas pelas quais a heteronorma se impõe a nós e tenta nos destituir de nossa humanidade, nos apagar. Crescer sapatão é, para as lésbicas da minha geração, não saber sobre quem veio antes de nós e sobre quem, concomitante a nós, enfrenta o mundo e se situa nessa guerra que foi travada contra tudo que representamos: a recusa ao patriarcado, a dissidência ao que envolve o genérico termo “mulher” – e não foi a sapatão Monique Wittig que disse que a lésbica não é uma mulher?<sup>3</sup> –, o fomento de outros modelos de família que não a heterossexual, que nos expulsou e nos prescindiu.

3 Refiro-me ao texto “Ninguém nasce mulher”, de Monique Wittig, escrito em 1970 e disponível em <https://we.riseup.net/sapafem/ningu%C3%A9m-nasce-mulher-monique-wittig>

Apesar e a despeito disso tudo, nos encontramos e formamos nossas comunidades. Descobrimos que nossa existência é secular e que nossas ancestrais sapatonas existiram e fortaleceram o mundo que cuidou de nossa chegada. E é por isso que escrevo para vocês e para vocês preparei este fotolivro, sapatonas como eu e diferentes de mim, sapatonas cis, trans e não binárias, sapatonas indígenas, brancas, negras, orientais, sapatonas que se enxergam e se intitulam e se localizam no mundo de tantos modos distintos e ainda assim, sapatonas. Porque não traímos nossas famílias e nossa gente, mas eles a nós (ANZALDÚA, 2012), porque as violências sempre deixam marcas, visíveis e invisíveis, em nossa carne e em nosso corpo, mas é preciso se esquivar do embrutecimento e construir processos de autocuidado (MOMBAÇA, 2016), disputar as narrativas construídas sobre nós agora e o mundo que está por vir. Construímos nossos espaços de sobrevivência, respiro, dignidade e alegria porque a margem

é também o lugar da possibilidade radical, um espaço de resistência. Essa marginalidade é o que eu nomeei como um lugar central para a produção de um discurso contrahegemônico que não se encontra apenas nas palavras, mas nos hábitos e modos de ser e de viver. Como tal, eu não estava falando de uma marginalidade que se deseja perder – desistir ou se render, como uma forma de mover-se para o centro – mas sim de um lugar onde se pode ficar, ao qual se apegar, porque isso alimenta nossa capacidade de resistir. Porque oferece a possibilidade de uma perspectiva radical a partir da qual se pode ver e criar, imaginar alternativas, novos mundos. (HOOKS, 1990, p. 10)

Um livro sobre o amor sapatão é, então, sobre o direito à memória. Sobre poder guardar fotografias em um álbum de família, sobre espalhar porta-retratos pela sala de casa. É sobre vermos as que vieram antes de nós em galerias de museus e em acervos fotográficos. Sobre exibirmos orgulhosas as histórias que se juntam na nossa experiência alegre e acolhedora com o amor, cotidianamente. Este livro e esse texto são sobre o profundo orgulho de ser sapatão. Sapatão porque o termo lésbica remete às mulheres brancas de classe média, remete à Safo e às moradoras da ilha de Lesbos e nós, nordestinas, não somos essas pessoas: nós somos sapatonas, sapatões, sapatatas, sapas, é disso

que nos xingam na rua e é disso que nos orgulhamos, ao mesmo tempo.

Escrevo pra vocês porque é preciso reconhecimento e negociação. Porque quero dizer que a ficção do patriarcado está ruindo e estamos, juntas, ainda que distantes, fabricando um mundo em que caminharemos sem medo, forjando nossos jeitos de ser e de amar, tecendo lugares em que não seja mais necessário pegar em armas nem guerrear dançando. E digo isso entendendo que a ficção é a cola que une os pedaços do mundo que conhecemos – e dos mundos que conseguirmos imaginar; que o poder é uma ficção instaurada que determina quais de nós merecemos, em maior ou menor medida, viver e morrer (MOMBAÇA, 2016). Estou aqui pra explodir com vocês o projeto medíocre que pensaram para nós. Estou aqui para perturbar o sono do patriarcado branco que me forjou branca e para dar meus braços pra que outras subam e pulem pra cima, porque cair é voar pra baixo, mas nosso destino é subir aos céus – não ao céu católico que nos expulsou e nos ameaça à condenação eterna, mas ao céu sapatão dissidente, em que nosso corpo pesa nada, nossa dor pesa nada e nossa vida é leveza e vento morno macio.

Um livro sobre o amor sapatão é para mim e para vocês, porque estive tão cansada durante tanto tempo dessa batalha infundável e agora entendo que triunfamos. Todo dia em que permanecemos vivas, triunfamos. Toda vez que levantamos a voz e não ficamos encerradas no silêncio que não nos salva de nada, que não nos protege de nada, triunfamos. Quando beijamos nossas companheiras na rua, quando andamos de mãos dadas, quando ampliamos fotos de viagem e quando construímos nossa memória, triunfamos.

Acredito que costurar memória é um jeito de trazer pra nós a maquinaria do poder. Porque ter ancestrais é um modo de ser mais forte. Honrar as sapatonas que viveram e morreram pra que eu estivesse agora anunciando que sou sapatão é uma forma de trazê-las comigo, de fazê-las vivas, ainda que de outro jeito. Castiel Vitorino<sup>4</sup> diz que, quando seu avô morreu se transfigurou em memória, coragem, fome e alimento (VITORINO, 2020): ela passou a ter vontade de comer jaca e peixe, as comidas preferidas do Sr. Benedito Brasileiro,

4 Castiel Vitorino é artista visual e psicóloga, travesti preta moradora da Fonte Grande, em Vitória-ES.

assim como nela fortaleceu-se a coragem de se dizer travesti. Assim desejo que as que morreram e viveram antes de mim habitem em meu corpo: como fome restitutiva e coragem de devolver as violências, como memória física, dançante, referência na fala e na escrita, alimento invisível pra seguir de pé. “Almas são memórias. Memórias não se descobrem, memórias se criam no ato cotidiano de querer não esquecer.” (VITORINO, 2020).

Não quero esquecer Luana Barbosa dos Reis e repito o nome dela para que lembremos: Luana Barbosa dos Reis, sapatão caminhoneira, mulher negra e mãe. Luana Barbosa dos Reis, viva na memória de todas nós que seguimos lembrando que ela existiu e existe, que reace e reasce cada vez que dizemos que ela foi corpo encarnado, amou, viveu, se alegrou e dançou, e dança agora, comigo e com quem puder dizer seu nome três vezes enquanto pensa um futuro e um presente mais bonitos pra nossa existência. Imorrível, porque “nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras” (MOMBAÇA, 2017, p. 1/3). Imorrível porque agora seu nome é dito, porque a memória de sua vida reverbera em nossos corpos sapatões.

### 3. Semente é memória e possibilidade de fruto

Lauren Oyá Olamina é uma menina de 15 anos que, após ver sua família ser destruída e sua comunidade dizimada, no mundo pós-apocalíptico d’A parábola do semeador, ficção científica de Octávia Butler, se lança em uma jornada pelos Estados Unidos, unindo-se a desconhecidos durante o percurso em busca de um lugar para viver. Ela sofre da condição de hiperempatia, que acomete algumas pessoas cujas mães foram usuárias de uma droga específica durante a gravidez. Ser uma hiperempata faz com que ela sinta fisicamente a dor e o prazer dos outros ao seu redor, caso olhe demais ou se aproxime demais desses outros – e quando digo isso me refiro ao fato de que, ao ver alguém ser baleado, por exemplo, ela também vai ao chão e sente na carne de seu corpo a dor do tiro. Quando o bairro em que vive é atacado, sua família desaparece e tudo o que ela conhece se desmantela, Lauren usa roupas masculinas em sua jornada a pé pelo país. Ela sabe que conhecer suas fragilidades – ser uma menina de 15 anos e uma hiperempata – é o primeiro passo para sobreviver a elas; sabe que compreender o que pode fazê-la alvo é um jeito de tornar força suas supostas fraquezas.

Escrevo esse texto e elaboro esse livro, então, também para dizer que precisamos saber do que nos torna fortes e frágeis nessa linha limítrofe em que caminhamos, nós que somos estrangeiras em todo lugar. É essa a característica de nossos corpos fronteiriços: não pertencemos a lugar algum. Somos monstros aberrantes. Sapatonas, mulheres-macho, machudas, sapas, fanchas, bolachas, sapatões, lésbicas, amigadas – e quanto mais palavras há em uma língua pra dizer de algo, mas esse algo é de ocupação da cultura que pratica essa língua. Essa é a nossa força e a nossa fragilidade. Por isso nos matam na rua, mas também por isso nos reconhecemos e fundamos nossas comunidades, nossas famílias.

Foi por ser sapatão que fui expulsa de casa, mas foi por ser sapatão que fui admitida no curso de doutorado. Foi por ser sapatão que levei uma pedrada em uma praça de Fortaleza, e foi por esse mesmo motivo que me levantei e persegui meu agressor e joguei nele pedras, galhos de árvore, meus chinelos e tudo mais que tinha nas mãos e ao meu redor. Foi por ser sapatão que aprendi a brigar na rua, a me defender, a gritar mais alto que qualquer homem cis branco; foi sendo sapatão que aprendi que odiar os homens não é suficiente, porque é preciso antes de tudo diferenciá-los, e os homens negros têm sido mortos pelo patriarcado branco e seu exercício necropolítico, os homens brancos, eles próprios, produtos e produtores das tecnologias de morte que nos atingem.

Lauren Olamina caminha atravessando os Estados Unidos e funda uma comunidade chamada Sementes da Terra. As sementes são as pessoas que conseguiram sobreviver e formam uma comunidade multirracial, que trabalha para tornar seu grupo mais abundante, que recebe os que decidem juntar-se e permanecer, que respeita a polifonia de sua estrutura e a diversidade de seus membros, que acredita que “Deus é mudança”.

Escrevo, então, também pra dizer que nós, sapatonas, talvez sejamos sementes da terra. Lauren escreve: “Para ressurgir das próprias cinzas, uma fênix deve primeiro queimar.” (BUTLER, 2018, p.188) Eu queimei bastante e acredito que vocês também. Sei do ardor que acompanha a queimadura. Sei da pele enrugada tentando se regenerar. Sei que ela fica fina e sensível quando é nova. Mas nesse processo descobri a minha queleide, o meu excesso de cicatrização. Então o que era queimadura virou cicatriz e eu agora ostento uma pele ainda mais grossa, mais capaz de me proteger, menos susceptível ao fogo.

Para se tornar fênix é preciso primeiro queimar e sabemos, agora, que o fogo não nos mata enquanto nos consome. Ele nos fortalece. Na combustão descobrimos que podemos manipular combustível e comburente, e que seguir queimando também é jeito de tacar fogo em tudo – cearenses falam assim: tacar fogo.

Um livro sobre o amor sapatão é, sobretudo, uma celebração. Somos sapatonas, subalternas, dissidentes, e para algumas estudiosas, sequer mulheres, e que sorte a nossa tudo isso. Assim nos encontramos, assim chegamos até aqui, assim aprendemos sobre as tantas possibilidades de ficar e brigar, de fugir e brigar, de estar em paz ainda que em guerra. Assim estruturamos nossas vidas, reunimos nossos fragmentos históricos, nossas memórias com as nossas, construímos os lares que habitamos com nossas companheiras, adotamos animais – tão da rua quanto nós. Quando tentaram roubar-nos a vida, roubamos deles as armas e as apontamos de volta, engatilhadas. Ninguém nos aprisiona. Cada lufada de ar que sopra no rosto de uma de nós é vento sacudindo toda a estrutura podre, que há de cair. Somos o desvio que chegou aonde deveria.

Eu amo ser sapatão. E amo poder falar pra outras sapatonas. Obrigada por me fazerem quem eu sou. Sempre que sorrio, sorrio pra vocês.

## Referências

ANZALDÚA, Gloria. Borderlands/La frontera: the new mestiza. Disponível em: [https://enriquedussel.com/txt/Textos\\_200\\_Obras/Giro\\_descolonizador/Frontera-Gloria\\_Anzaldua.pdf](https://enriquedussel.com/txt/Textos_200_Obras/Giro_descolonizador/Frontera-Gloria_Anzaldua.pdf) Acesso em 04 de setembro de 2019.

\_\_\_\_\_. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Trad. Édina de Marco. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

\_\_\_\_\_. La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a15v13n3.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2019.

BRASILEIRO. Castiel Vitorino. Exú Tranca-Rua das Almas. Disponível em <https://ehcho.org/conteudo/exutranca ruadasalmas>. Acesso em 05

de outubro de 2020. BUTLER, Octávia Estelle. A parábola do semeador. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.

\_\_\_\_\_. A parábola dos talentos. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.

HARAWAY, Danna J. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T (org) Antropologia ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.

HOOKS, B. Vivendo de amor. In: WERNECK, J. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000. p. 197.

\_\_\_\_\_. Intelectuais negras. Revista Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 464, 2008.

\_\_\_\_\_. E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

\_\_\_\_\_. A margem como um espaço de abertura radical. Disponível em <https://narraracidade.files.wordpress.com/2019/03/a-hooks-bell.-escolher-a-margem-como-um-espaccca7o-de-abertura-radical.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar? Disponível em <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed-9c61ee>. Acesso em 10 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência! Disponível em [https://issuu.com/amilcar-packer/docs/rumo\\_a\\_uma\\_redistribuic\\_\\_a\\_\\_o\\_da\\_vi](https://issuu.com/amilcar-packer/docs/rumo_a_uma_redistribuic__a__o_da_vi). Acesso em 10 de novembro de 2020.

\_\_\_\_\_. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. Concinnitas, ano 17, volume 01, 2016.

\_\_\_\_\_. O mundo é meu trauma. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, pág 20-25, 2017.

OLIVEIRA, Marília. Um livro sobre o amor sapatão. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2019.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & Outros ensaios. Rio de Janeiro: A bolha editora, 2019.

SALU, Diana. Cartas para ninguém. 2ª ed. Brasília (DF): Padê Editorial, 2019. SAUNDERS, Tanya. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. Tradução de Sarah Rynne Sukerman Sanches. Periódicus, v. 1, n. 7, p. 102-116, 2017.

SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra R. G. Almeida; Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WITTING, Monique. Ninguém nasce mulher. Disponível em <https://we.riseup.net/sapafem/ningu%C3%A9m-nasce-mulher-monique-witting>. Acesso em 13 de novembro de 2020.

\_\_\_\_\_. A mente hetero. Disponível em [https://www.academia.edu/7842820/Monique\\_Wittig\\_A\\_Mente\\_Hetero](https://www.academia.edu/7842820/Monique_Wittig_A_Mente_Hetero). Acesso em 13 de novembro de 2020.

\_\_\_\_\_. O corpo lésbico. Rio de Janeiro: A bolha editora, 2019.

## POR UMA FORMAÇÃO INTERSECCIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UM GRUPO DE ESTUDOS EM INTERSECCIONALIDADES NA UNILAB/CE

### **Marcus Vinícius Martins da Silva**

*Graduado pelo Curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. Graduando em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, marcusmartinsbr@gmail.com .*

### **James Ferreira Moura Junior (Orientador)**

*Professor orientador: Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; Docente do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, james.mourajr@unilab.edu.br .*

### **Resumo**

Este relato de experiência versa sobre a facilitação do grupo de estudos sobre interseccionalidades, promovido pela reaPODERE (Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências) na UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira). Estruturada a partir do tripé ensino-pesquisa-extensão, um dos objetivos da rede versa sobre a promoção de espaços dentro e fora da universidade que potencializem peculiaridades de indivíduos instigados em conhecer e/ou aprofundar-se sobre a Interseccionalidade (CRENSHAW, 2002). Dessa maneira, este relato aborda a perspectiva da facilitação como promotora de um aprendizado extra sala de aula carregado de sentidos para os sujeitos que assumem o lugar da facilitação em grupos. Assim, o relato busca trazer à tona as principais vivências do processo do grupo de estudos realizado no primeiro semestre de 2018, buscando, portanto, dar ênfase às potencialidades existentes nesses espaços/processos e seus impactos frente a uma formação humana interseccional.

**Palavras-chave:** Interseccionalidade. Facilitação. Grupo. Experiência.

## Introdução

O presente trabalho apresenta a experiência vivenciada no grupo de estudos sobre interseccionalidades, promovido pela reaPODERE (Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências)<sup>1</sup>, e o impacto do mesmo para a formação humana interseccional e crítica dos estudantes de graduação participantes do grupo.

A UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), localizada no Ceará e na Bahia, é uma universidade estruturada por um projeto com perspectiva decolonial, sobretudo internacional e interiorizada. Através da cooperação Sul-Sul, a UNILAB recebe hoje, a cada semestre, centenas de estudantes dos mais diversos países do continente africano, além também do Timor Leste (Ásia).

Com esta breve introdução a respeito do que se trata a UNILAB, é possível identificar a pluralidade que abarca seu projeto, acompanhado também de inúmeros desafios sob o qual a ótica decolonial abarca.

Com relação a ideia de interiorização, percebe-se que em seu projeto objetiva-se o ingresso de estudantes de áreas rurais, além também de toda empreitada que sustenta o tripé ensino-pesquisa-extensão está estruturado sob os países de língua portuguesa e também sob o Maciço de Baturité (Ceará) e Recôncavo Baiano (Bahia). É nesse sentido que surge a reaPODERE e seus objetivos frente às demandas sociopolíticas do entorno da UNILAB-CE.

A rede surgiu em 2016 com a ideia inicialmente de trabalhar com a pesquisa-ação sob a realidade de comunidades em situação de pobreza e violações de direitos no Maciço de Baturité, especialmente nos municípios de Redenção e Acarape.

A partir disso, as demandas aumentam e surge a possibilidade de criar um grupo de extensão e congregar mais pessoas para o trabalho na extensão. Dessa maneira, surge de fato o grupo de pesquisa e extensão reaPODERE, sustentada pelo tripé ensino-pesquisa-extensão,

1 Grupo de pesquisa e extensão cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, coordenado pelo professor Dr. James Ferreira Moura Junior.

onde há 5 anos vem desenvolvendo um trabalho crítico a partir de temáticas que envolvem pobreza, discriminações e resistências.

Atualmente a rede abriga um total de 21 integrantes, graduandos e pós-graduandos, oriundos de diversas realidades, o total, dos mais diversos cursos de graduação da UNILAB e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

A rede é segmentada em frentes de atuação, abrigando atualmente as seguintes frentes: Frente da extensão, dividindo-se em dois grupos de extensionistas, o primeiro grupo no projeto “Infâncias Reapoderadas”, que consiste no grupo de crianças da comunidade da Estrada Velha - Acarape/CE, onde são desenvolvidas atividades de caráter socioeducativo e crítico, abordando temáticas do cotidiano das crianças com idade entre 03 e 14 anos.

Já o segundo grupo atua no projeto de “Tecnologia Social”, onde são desenvolvidas atividades de formação e produção artesanal de objetos e acessórios, como bolsas e carteiras, por meio de materiais recicláveis, junto às mulheres da cidade de Redenção/CE. Nesse projeto são desenvolvidas também discussões e formações sobre o acesso aos direitos sociais, educação financeira e empreendedorismo.

A segunda frente se refere à pesquisa, onde atualmente a rede desenvolve dois projetos de pesquisa: o primeiro sobre “Classe, Raça e Autoritarismo” onde por meio de um estudo metodológico quantitativo e qualitativo, busca-se analisar e avaliar índices e percepções de classicismo, racismo e autoritarismo de maneira comparativa entre estudantes universitários do campo do Direito nos estados do Ceará e Rio Grande do Sul.

A segunda pesquisa tem como tema as intersecções entre raça e pobreza em um terreiro de Umbanda no Maciço de Baturité/CE. A pesquisa se caracteriza por um delineamento qualitativo onde busca-se analisar as relações entre os marcadores de pobreza e raça a partir de praticantes umbandistas da cidade de Acarape, interior do Ceará. Desse modo, busca-se uma compreensão desses marcadores por intermédio do parâmetro religioso, especialmente sobre religiões afro-brasileiras.

Por fim, a terceira frente de ensino desenvolve atividades formativas em caráter crítico e interseccional, como acontece no atual momento o curso de extensão “Práticas e Pesquisas em Psicologia Social e Comunitária: Apontamentos e problematizações decoloniais”, iniciado em fevereiro de 2021 em caráter remoto devido às restrições

sanitárias de atividades presenciais em decorrência da pandemia de Covid-19. O curso é gratuito e aberto a qualquer pessoa interessada na temática, estudantes de diversos níveis, professores e também a comunidade não-universitária.

O grupo de estudos sobre interseccionalidades surgiu no primeiro semestre letivo de 2018 na tentativa de suprir as demandas dos próprios estudantes/integrantes da rede sobre a reflexão e discussão de temas ligados à identidade, diferença, marcadores sociais da diferença, gênero e sexualidades, diversidade e raça/etnia, tornando depois uma urgência muito maior, alavancando interesses de estudantes de outros cursos de graduação da UNILAB, como também da comunidade externa.

Inicialmente a ideia do grupo de estudos foi estruturada a partir dos principais estudos a respeito da interseccionalidade, tendo como referência central a jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw (2002) e seu estudo crítico de formulação e conceituação da teoria interseccional, articulando especialmente os marcadores de gênero, classe e raça como balizadores da lógica interseccional.

A proposta do grupo era de promover um espaço plural que abarcasse reflexões e discussões dos mais diversos lugares de fala possíveis, sendo um espaço não somente de estudo mas também de formação, tratando-se portanto de uma formação para além dos moldes pré-estabelecidos, no caso, uma formação humana interseccional e crítica.

Assim, durante 3 meses, com encontros semanalmente com duração de 2 horas, era possível realizar propostas que fossem fora do lugar comum de sala de aula cotidianos. Ao total, houveram 10 encontros onde foi possível trabalhar questões e discussões teóricas, como também atividades e ações práticas, priorizando o caráter coletivo como norteador para a promoção de uma aprendizagem plural.

O processo percorrido pelos participantes, sobretudo, pela posição de facilitação, mostrou-se como espaços e atividades como essas são relevantes e necessárias frente às questões que são evidenciadas cotidianamente pelos grupos minoritários, pela realidade sociopolítica e pela necessidade, cada vez mais urgente, da universidade ser um fio condutor no processo de transformação da realidade.

Para tanto, este relato tem por objetivo expressar, e sobretudo, materializar o que foi o processo do grupo de estudos e a importância da promoção de outras edições, pensando sempre a interseccionalidade

como matéria de pano de fundo para discutir, problematizar, compreender e investigar as diversas formas de discriminações.

## Metodologia

### Tipo de Pesquisa

A abordagem metodológica escolhida foi a abordagem qualitativa, visto que esta pode facilitar a compreensão da dimensão subjetiva da realidade e a leitura interseccional sobre o contexto histórico, social, político e psicossocial vivenciado, considerando as singularidades dos sujeitos (MINAYO, 2013). Desta forma, esta abordagem é relevante para alcançar os objetivos deste estudo, visto que, tem como cerne a compreensão de que o conhecimento que se desenvolve a partir das abordagens qualitativas, está para além da mera aplicação de técnicas, visa as construções intersubjetivas e as relações sociais (BOSI, 2012). Dentro das abordagens qualitativas foi escolhida a pesquisa participante (BARBIER, 2002).

### Sujeitos e Território da Pesquisa

Os participantes da pesquisa são composto pela amostra intencional dos estudantes de graduação que participaram do grupo de estudos sobre interseccionalidades, na condição de participantes e de facilitadores do mesmo. Este situado no campus da UNILAB, localizado no Maciço de Baturité, no Ceará. Sendo um total de 20 estudantes, dos cursos de graduação da mesma universidade.

Foi observada e considerada a resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que diz respeito à ética na pesquisa com seres humanos. Entende-se que as questões éticas de pesquisa foram transversais durante todo o desenvolvimento do trabalho, e que acredita-se que se tenha riscos mínimos aos participantes, que caso, haja necessidade, serão encaminhados aos serviços escolas de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, cuja parceria é estabelecida com a reaPODERE.

## Instrumentos e Procedimentos de Coletas de Dados

Como estratégias de coleta de informações foi utilizado o grupo focal, composto pelos participantes do grupo de estudos. Sendo o grupo focal uma ferramenta potente para esta construção, uma vez que este visa a interação entre os participantes sobre a temática específica, permitindo que haja a trocas de conhecimentos entre os pares (RESSEL et. al., 2008). Também foi necessário para a realização deste trabalho a construção de diários de campo, que trouxeram as impressões objetivas e subjetivas produzidas pelos autores e participantes dessa experiência.

### Análise dos Dados

A análise dos dados teve o referencial teórico da análise de conteúdo (BARDIN, 2010), visto que, esta se apresenta como mais adequada aos objetivos deste trabalho já que apresenta em seu cerne a interpretação baseada em inferência a partir de indicadores qualitativos. Estes emergem a coleta de informações dada a partir da análise do material produzido pelo grupo focal e da análise dos diários de campo.

## Resultados e discussão

O desenvolvimento deste trabalho fomentou a necessidade de inserir a temática das interseccionalidades na formação acadêmica dos estudantes da UNILAB, de forma transversal, visto que, se mostrou potente para a produção de um espaço de dialogicidade e trocas de saberes que visassem à formação crítica humana e social de pessoas. Também fortalecendo a compreensão das discriminações vivenciadas pelos mesmos, por seus pares, e pelo entorno social, como também desvelando a necessidade de novas formas de resistência, que precisam atravessar a vida social e acadêmica de todas e todos os sujeitos, não apenas dos envolvidos.

Como resultados foram desenvolvidas rodas de conversas abertas a toda a comunidade acadêmica para expandir as discussões interseccionais para além dos espaços do grupo, como também, foi fomentado a continuação do mesmo para o seguinte semestre letivo, com a facilitação de participantes do grupo e com a entrada de novos

participantes. Entendendo que o grupo, não possui mais uma participação pontual, mas um processo de educação permanente.

Percebeu-se, portanto, que o lugar da facilitação possibilita uma ideia de fazer parte do grupo, mas estar sempre com um olhar de fora, operando como um guia. Dessa maneira, a experiência que se estabelece foi a detectar as potencialidades plurais que compreendem espaços de formação como o do referido grupo de estudos e que essas potencialidades são o fio condutor para a relação sob um ótica que prioriza uma formação interseccional, levando sempre em consideração os marcadores de gênero, classe, orientação sexual, raça/etnia, como os principais e alguns dos outros que possam fazer parte desse leque possível de marcações.

Dessa maneira, a reflexão que se tem, a partir do lugar de facilitação, é que a ideia de perceber a interseccionalidade como terreno para análises de problemas sociais, e sobretudo de realidades culturais, é imprescindível para o aprimoramento da ideia de uma formação crítica ligada aos moldes decolonial.

## Considerações finais

Como considerações finais, aponta-se que a experiência de desenvolver um grupo de estudos sobre interseccionalidades com estudantes de graduação foi bastante significativa, pois permitiu o encontro de diferentes saberes e experiências de vida que dialogaram juntas a cerca dos processos de discriminações e resistências possíveis ao entorno social, cultural, histórico e político vivenciado, permitindo que houvesse o reconhecimento de identidades individuais e coletivas que favoreçam a emancipação humana e o cuidado com a(o) outra(o).

Também se reconheceu a necessidade de tornar a formação acadêmica um espaço mais humano, crítico, ético e próximo das realidades vivenciadas, tanto pelos estudantes, quanto pelo território em que estes se encontram. Assim, o projeto do grupo de extensão também entendeu como importante a realização de uma devolutiva coletiva do que se estava desenvolvendo no mesmo para toda a comunidade acadêmica, que foi realizada a partir de uma roda de conversas com convidadas(os) externos e internos ao grupo.

Por fim, entende-se que a potência e a relevância da discussão das interseccionalidades deve ser transversal à formação acadêmica,

especialmente considerando o contexto histórico e político vivenciado. Sendo assim, torna-se profundamente relevante a continuação do grupo com novas atrizes e atores, desta forma será iniciado um novo grupo, para que este espaço de dialogicidade interseccional permaneça presente e atuante.

## Agradecimentos

Agradecimento especial a todas as pessoas que fizeram parte do grupo de estudo em interseccionalidades no ano de 2018, apostando na importância de um espaço de formação crítica e tornando possível a intenção da reaPODERE em contribuir para uma realidade mais justa, plural e democrática.

Agradecemos também aos colegas integrantes da rede por acreditarem no importante papel que a pesquisa e a extensão possuem diante de demandas e urgências sociais que incube à universidade a contribuição de erradicá-las.

Obrigado também ao professor James Moura Junior, coordenador da reaPODERE, pela dedicação irrestrita com o grupo e pela contribuição para que este relato de experiência tornasse possível.

## Referências

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Editora Plano, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BOSI, M. L. M. Pesquisa qualitativa em saúde coletiva: panoramas e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva* n. 17 v.3 p.575-586, 2012.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*. v. 10, n. 1º semestre, p. 171-188, 2002.

MINAYO, M. C. A produção de conhecimentos na interface entre as ciências sociais e humanas e a saúde coletiva. *Saúde soc.* [online], v. 22, n. 1, p. 21-31, 2013.

RESSEL, L. B. (et.al). **O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa**. Florianópolis: Texto Contexto Enferm, v.17 n.4 p. 779-86, 2008.

## PROFESSORAS DA/NA EDUCAÇÃO INFANTIL: NARRAR A SI MESMAS COMO POLÍTICA DE (RE)EXISTÊNCIA

### **Camila Santos Pereira**

*Mestranda do Curso de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, fycamila@gmail.com;*

### **Anamaria Ladeira Pereira**

*Mestranda do Curso de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, anamariatudojunto@gmail.com;*

### **Fernando Pocahy**

*Doutor do Curso de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS, fernando.pocahy@gmail.com.*

### **Resumo**

Os impasses e desafios do cotidiano escolar, bem como as interpelações de uma prática-política que nos torna sujeitos (de alguma dis/posição), são analisados a partir das contribuições dos escritos de intelectuais do campo feminista interseccional-queer -decolonial e dos estudos pós-críticos em educação. Professoras de sexualidades/identidades de gênero dissidentes, em turmas de educação infantil, des(a)fiam práticas de governo permeadas em seus trabalhos. No processo de narrar a si mesmas, situam o seu lugar de fala, confrontam/desarticulam fronteiras, aparentemente intransponíveis, com o propósito de acompanhar movimentos que atravessem tanto as vontades de dominação, quanto as práticas de liberdade. É essencial interrogarmos quais são os ideais regulatórios que nos atravessam enquanto profissionais da educação, em tempos cuja governamentalidade cotidiana é balizada por intensas interpelações morais fundamentalistas, racializadoras e cis(hetero)normativas. Concluímos que visibilizar as próprias vivências, como professoras de crianças, diariamente acoçadas por essas ondas

totalitaristas, significa não silenciar diante das violências. Este relato é um dispositivo que nos possibilita reivindicar e (re) existir.

**Palavras-chave:** Educação infantil, Escola, Gênero, Pedagogia da sexualidade, Docentes.

## Quem fala, como fala?

**A**s professoras que tecem, aqui, suas experiências, com referências acadêmico-científicas e militantes de diferentes tempos e lugares, se depararam com fronteiras profundamente distintas entre os caminhos que as levaram a este texto. Esta conversa é composta ainda das trocas e partilhas com o orientador dessas duas professoras-mestrandas. Os destaques de nossas experiências de pesquisa e atuação docente, sistematizados em diários e textos reflexivos, juntamente, com os encontros do grupo de pesquisa geni - estudos de gênero e sexualidade, constituem a materialidade de onde enunciaremos as propostas argumentativas.

A mais jovem delas, depois de anos de vida, deixou de passar horas sentada em uma cadeira de cabeleireira alisando seus cabelos crespos e sentindo as dores durante e depois das queimaduras, mesmo que leves e exteriores. Veio por meio do acesso ao Ensino Superior o entendimento das dores internas e invisíveis que não apenas esse processo ocasionou, mas tantos outros, em consequência do racismo. A compreensão teórica e científica dos diversos marcadores sociais que atravessam os corpos e os tornam subalternos foi possível com a participação em projetos de extensão. Como bolsista, aprendeu a destripar temas que sempre lhe atingiram, no entanto, antes, o armário construído longe da capital, com madeiras frágeis e semiaberto, não comportava um envolvimento intenso nas lutas antirracistas, feministas e da comunidade LGBTI+. Agora, essa participação pode permear até a última onda dos fios encaracolados do seu cabelo, livre para ser como quiser.

A mais velha das professoras de criança, aqui presentes, numa caminhada feita de curvas em zigue-zague, bem pouco certa, reta e esperada, atuou como professora em localidades pouco ou nada privilegiadas pelo poder público, especialmente as de povoados isolados. Uma experiência profissional que se desenvolveu em escolas de favelas, vales e vilas, de praias de mar e de rio ou à beira de infinitas cachoeiras, com povos caiçaras, indígenas, ribeirinhos. Nessas andanças, ouviu, inúmeras vezes, perguntas como: onde está seu marido? Como assim ainda não tem filhos? E os seus pais? Ser uma mulher capaz de mudar-se para outros estados sem companhia e trabalhar como professora, nos distritos mais isolados destes, nunca deixou

de causar uma estranheza profunda. O mesmo não acontecia com professores forasteiros homens. Uma mulher que se torna professora de crianças e decide morar longe da família e, além disso, não se casa; nos confins de nosso país, ainda é vista como raridade. Na verdade, nem é preciso ir tão longe. Nas capitais, tampouco é aceito sem críticas que uma professora de educação infantil possa desfrutar de verdadeira liberdade para ser quem se é. De modo que o armário mofado, igualmente, para esta parte da dupla, se fez morada por um longo, interminável, tempo. Mas não mais.

O orientador entra nesta conversa como um sujeito igualmente marcado pela interpelação abjetada da sexualidade e do gênero. Alguém que se constitui em um inacabado processo em direção de outramento, tanto em sua trajetória de ativista como docente-pesquisador no campo da educação. O horizonte ético-estético-político e epistemológico que arrisca perseguir e de alguma maneira afirmar pode ser expresso na constatação de que aos modos de pesquisar(-intervir), correspondem modos de subjetivar. Portanto, ao assumir gênero e sexualidade como mote para a formação – a partir de seu engajamento político-existencial, esse sujeito orientador-docente-pesquisador se anima e se fortalece ao compor frentes e planos de problematização. Interessa-se pelo clamor da diferença (POCAHY, 2018), ali onde a vida pede passagem, onde interroga sobre a desigualdade, onde afirma a potência da democracia como uma epistemologia do mundo, ali onde encontros como esse – orientandas e orientador – encharcam-se de vida. Resulta desta aposta um trabalho de produção docente-pesquisadora mais ativa e singular, demonstrando que as urgências do nosso tempo exigem um certo tipo de coragem, a coragem de dizer a verdade sobre o que estamos fazendo de nós-mesmos/as e aquilo que estamos tentando fazer dos/as outros/as. Portanto, desde esta perspectiva de formação de pesquisadoras/es-docentes, mais do que responder e planificar como nos tornamos pesquisadoras/es-docentes, vem sendo mais útil pensar sobre a performatividade científico-acadêmica que vem forjando um certo ideal de humano (im) possível e (in)viável nas malhas da racionalidade econômico-política que se espraia pelo mundo global. Antes de tentarmos conduzir os/as outros/as, perguntemo-nos sobre como nos conduzimos a nós mesmos/as neste jogo do (in)humano contemporâneo. Uma forma de instalar estas perguntas pode ser sobre quais pedagogias culturais vêm sendo acionadas na ficção/fabricação de um ideal de sujeito. Isso

permite localizar certo rastro de uma subjetividade que se produziu e vem constantemente se modificando, ali onde certo resíduo ou substância que resta de uma prática-política de subjetivação é justamente o ponto de apoio para perguntarmos o que fizemos/estamos fazendo de nós-mesmos/as diante das formas contemporâneas de governo.

Este trabalho, para ambas as autoras e autor, traduz-se em uma possível maneira de desafiar o tacanho imaginário brasileiro, no qual persiste a entranhada figura da doce e encantadora jovem ou senhora (branca), cuja nobre profissão (a educação das novas gerações) faz com que seja mais cobrada, como exemplo e influência para crianças pequeninas. Sendo assim, os limites impostos pelo sistema racista patriarcal tendem a cercear com mais veemência a sua liberdade, posto que não se espera (e por vezes não se aprova com facilidade) que uma professora de crianças seja impetuosa, contundente e/ou tenha uma orientação sexual ou identidade de gênero que desvia da cisheterossexualidade.

## **Rosa para meninos e azul para meninas: as crianças que nos habitam**

A escola não é a única instituição em que as pedagogias da sexualidade e o governo das condutas das pessoas pode ser percebida. As mídias dispõem de um papel fundamental para essa continuidade e múltiplos outros artefatos culturais (como as políticas públicas, o currículo, a literatura, a arquitetura, os brinquedos e as brincadeiras etc) operam na produção de um ideal de humano (ou ao menos intentam produzi-lo, forjá-lo), assim como em sua contestação, seguramente. Numa escola de educação infantil, logo após o almoço, antes da soneca, o tempo é dedicado para o desenho favorito das crianças de três a quatro anos, “PJ Masks”, animação composta por três crianças brancas que, à noite, se transformam em super-heróis. Um dos meninos veste um uniforme azul, o outro usa um verde e o da menina é, evidentemente, rosa. Em uma das exposições corriqueiras, um aluno, muito animado, disse para sua colega que seria a Corujita, a única menina do trio de personagens. A aluna, ao receber essa informação, começa um embate, explicando que ele não poderia ser a Corujita de jeito nenhum, por ser um menino. Depois de algumas tentativas de ganhar a discussão, a aluna se dirige a mim e explica a situação, buscando que eu colabore com suas justificativas. Naquele momento,

percebi que esse evento poderia suscitar novos pensamentos, em lugar de apenas reforçar padrões introjetados. Em vez de concordar com sua argumentação, expliquei que seu colega poderia ser quem ele quisesse no desenho animado, ser um menino não seria um impedimento para ser a Corujita naquele dia. A menina, então, demonstrou sua decepção, tentando, mais uma vez, reverter minha defesa de que ele poderia, sem o menor problema, ser a personagem. A mesma discussão aconteceu por mais dois dias, na hora da exibição da animação, depois disso, ela percebeu que eu não apoiaria seus argumentos e não mais contestou seu amigo quando reivindicava a personagem para si. Vale ressaltar que a Corujita é a única protagonista feminina desse desenho, que conta com dois meninos em papéis principais, o que nos leva a sublinhar a reduzida representatividade de meninas/mulheres, em animações voltadas para crianças, cujo tema são super-heróis. Talvez, por isso, por só ter ela em quem se espelhar, a aluna não quisesse dividi-la com o colega; porém, pode ter sido porque simplesmente não admitia um cenário em que um menino se vestisse de rosa ou fosse representado por uma personagem feminina. Afinal, a sociedade e a mídia apresentam esforços expressivos em vista de delimitar a imaginação e os papéis de gênero infantis seguindo determinantes dicotômicos.

Podemos visualizar as separações binárias (re)produzidas pelos veículos midiáticos fabricados para crianças. As cores denunciam essas divisões e se juntam aos papéis sociais exigidos de meninas e meninos desde a infância. Não está apenas nos uniformes dos personagens, mas também nas mochilas, nos cadernos, nas roupas e brinquedos. Está na possibilidade de meninos usarem cadernos azuis, vermelhos, amarelos, pretos, verdes, laranjas, e os materiais destinados às meninas serem predominantemente rosa e suas variações de tom. Também está presente na repressão dos sentimentos pelos meninos estimuladas por incontáveis docentes e familiares. Esses são apenas alguns dos exemplos que demonstram como as lógicas da heterocisnormatividade limitam e fragmentam as possibilidades de sentir e estar no mundo<sup>1</sup>. Os meios de comunicação trabalham a todo

---

1 4 Entendemos como heterocisnormatividade uma leitura combinada de dois marcadores sociais de controle sobre o corpo. Um deles (re)produz a heterossexualidade como norma. O outro reforça a vigilância e opressão sobre as formas de expressar a identidade de gênero que destoem da cisgeneridade (esta, por sua vez, significa

vapor na (re)construção das representações sociais que se pretendem hegemônicas. Por meio deles, desde pouca idade, ainda crianças, já somos ensinadas como os relacionamentos devem ser, como homens e mulheres devem se vestir e comportar-se, caso contrário, serão alvos de piadas e agressões.

A in(ter)venção no diálogo apresentado foi uma maneira de não censurar a imaginação e a brincadeira condicionada em uma interpretação tutelar e binária como a proteção dos papéis de gênero que cada criança deve cumprir perante a sociedade. Infelizmente, essa é uma posição excepcional, pois quando as crianças “se dirigem para práticas consideradas inapropriadas para seu gênero, ele ou ela é levado/a a aprender uma lição significativa: a lição do silenciamento e da dissimulação” (LOURO, 1997, p.83).

Megg Rayara aborda o (des)pertencimento das bichas pretas nas escolas e as suas apropriações nos cargos docentes, afirmando que a “bicha preta que volta [à sala de aula, como professora] não é a mesma. Não traz consigo sentimentos de culpa, de medo e não está disposta a expressar uma existência nos moldes da cis heterossexualidade” (OLIVEIRA, 2017, p.155). Nós, professoras de sexualidades dissidentes, também não voltamos as mesmas. Por isso, estamos dispostas a traçar narrativas preocupadas com o bem-estar e desenvolvimento discente: não trabalhamos para estruturas desumanizantes e comprometidas com a exclusão.

## Professora, tu é homem ou mulher?

Ser professora de crianças impõe inscrições corporais muitas vezes não ditas, mas sentidas por aquelas compreendidas como destoantes da norma. A presença cotidiana de cobranças, em forma de perguntas supostamente inofensivas, expressa uma série de comportamentos esperados por mulheres que ocupam essa função. Práticas cobradas não apenas por colegas de trabalho, mas em sala de aula também é exigida uma determinada “postura de professora”. A formação docente é marcada nos corpos, mesmo com a diminuição dos cursos normais e regimentos mais flexíveis, as marcas ainda estão

---

conformar-se com o gênero designado no nascimento). Tal combinação cerceia e aniquila vidas em nome de práticas construídas como universais.

presentes (LOURO, 1997). No distante, mas tangível, século passado, as experiências de escolarização eram latentes nas separações binárias da época. As escolas para normalistas e os exércitos imprimiam, e ainda imprimem, nas demandas comportamentais as corporeidades aceitas e moldadas. Mesmo sem os rígidos manuais, a formação contemporânea ainda não superou o aparente tabu que é falar sobre corpo e conhecimento. A antiga tradição do ocultamento desses elementos é presenciada quando “professores ainda entram em sala de aula para ensinar como se apenas a mente estivesse presente e não o corpo” (hooks, 2000, p.115). Quando o corpo que habitamos é construído como inconforme, subalterno, o domínio sobre as suas possibilidades e limitações é imposto muito cedo. Aprendemos, através de intimidações, violências e censura, que há espaços que não nos são permitidos e se os ocuparmos haverá coerção. No entanto, contestamos essas imposições e desbravamos suas fronteiras. Esse compromisso não impede que tenhamos que reafirmar e refletir constantemente sobre os papéis que representamos e (des)construímos.

Em uma das manhãs frias do mês de outubro, logo no início do dia, a turma ainda sonolenta e à procura de brinquedos para distração, uma aluna de quatro anos me lança uma bolinha de pingue-pongue em forma de palavras: Professora, tu é homem ou mulher? A pergunta inesperada desestabilizou uma suposta resposta pronta. Seu questionamento me surpreendeu, primeiro por ser tão profundo e desprezioso, depois pelas suposições pessoais e profissionais que me causou. Como iria respondê-la? Como me identifico? Como as pessoas me identificam? Qual foi a motivação para essa pergunta?

Como os estudos de gênero fazem parte da minha trajetória acadêmica, não consegui negar as indagações que me provocaram essa singela interrogação inicial. Repensei a nossa convivência, dias inteiros entre cafés da manhã, brincadeiras de roda e desenhos animados; realmente, nunca tinha lido dito que era uma mulher. Então, abstraindo as correntes normativas da cisgeneridade, não teria motivos para achar essa dúvida incoerente. Se eu nunca disse minha identidade de gênero, seria inteligível perguntar para saber. Porém, em outros ambientes, é essencial pontuar que essa iniciativa pode ter motivações preconceituosas e objetificantes. E essas atitudes geralmente são direcionadas para quem não performa a heterocisnormatividade nas suas linhas e/ou entrelinhas. Por isso, como uma mulher que atualmente se identifica como cisgênero, ou seja, me identifico com o

gênero que foi designado no nascimento, compreendi que as minhas roupas, naquele dia, estavam falando o suficiente para instigar a curiosidade de uma aluna.

Minha resposta, por mais surpreendente que pareça a princípio, foi um sincero não sei. Ela estranhou, talvez pensasse, como é comum nessa idade, que as professoras dispõem de conhecimento ilimitado sobre todos os assuntos do mundo, e devem saber bem sabido, ainda mais, o que parece fácil de saber. Então, ela disse que eu era mulher, ao que eu contestei, repetindo que não sabia; a aluna reafirma seu pensamento, na vontade de ter certeza, e eu, novamente, refuto com a dúvida. Depois disso, ela se cansa e vai em busca de um brinquedo para se entreter. Entretanto, a indagação permaneceu e reverbera. Pensei na roupa como responsável por fazê-la questionar isso. Naquele dia, usava um casaco esporte de tamanho grande, calças jeans mais largas e cabelos amarrados. Essa vestimenta, realmente, não era típica de suas outras professoras. Minha forma de vestir já tinha sido motivo de preocupação, antes mesmo de começar a trabalhar na escola. Não queria mudar completamente a maneira como me visto, confortável e sem prejuízos para o exercício da minha profissão, por causa dos estereótipos de gênero. Com formação no curso normal, magistério, as vigilâncias sobre os corpos docentes não eram novidades, pois estas podem se originar tanto de colegas quanto de estudantes. O que procuramos evidenciar é que “chamar atenção para o corpo é trair o legado de repressão e de negação que nos tem sido passado por nossos antecessores na profissão docente, os quais têm sido, geralmente, brancos e homens” (hooks, 2000, p.115).

As condutas normatizadas já podem ser observadas mesmo em quem tem pouquíssima idade. Mesmo com a negação incipiente, as relações de gênero estão impregnadas nas instituições de ensino, desde o aspecto físico até os indivíduos atuantes em seu funcionamento, elas são produzidas no cotidiano da escola, que “articula-se, em grande parte, sobre a constatação de que essa sexualidade existe: precoce, ativa, permanente” (FOUCAULT, 1988, p.29).

Não mais validar os enredos e discursos dominantes que nelas circulam ganhou uma força estrondosa nos últimos anos. Docentes, intelectuais e ativistas sofrem assédios de diferentes fontes por grupos reacionários, conservadores e religiosos, ao tentar apresentar a imersão danosa produzida pelas determinações heterocisnormativas

hegemônicas nas vidas de milhares de pessoas. Não calar é um dispositivo que nos possibilita reivindicar e existir.

## Desfecho que abre mais do que fecha

O momento político que estamos atravessando, com o poder das decisões nas mãos de seres que apelam, diuturnamente, para o moralismo fundamentalista cristão e a conservação de comportamentos racistas, machistas e elitistas, inegavelmente, enseja medo. Para lutar contra esse sentimento paralisante, nos opomos ao reforço a todas as discriminações, sobretudo as destinadas a pessoas negras e LGBTI+, que o representante do poder Executivo, Jair Messias Bolsonaro, prova, com suas medidas provisórias e decretos, que quer ver eliminadas junto às populações economicamente desfavorecidas, como um todo, e os povos indígenas.

Trabalhos como este podem contribuir para a formulação de questionamentos sobre as formas de dominação e as supostas coerências e estabilidades das identidades. Buscamos provocar a abertura do pensamento, inquirindo como construímos a diferenciação entre masculino e feminino. Tal indagação se relaciona totalmente ao nosso ofício, como educadoras, em turmas de educação infantil, mesmo que distanciadas por milhares de quilômetros. Percebemos que, desde a mais tenra infância, as crias humanas são expostas à marcação/fixação das diferenças bastante arbitrárias e profundamente reducionistas. Como se desde o nascimento (e inclusive antes) já nos metessem em caixas com rótulos e não fôssemos mais do que o produto dessa cultura, pessoas-sementes cultivadas para dar os frutos esperados, nunca outros. Tudo muito organizado. Quem ousa dismantelar essa arrumação contraditória e potencialmente violenta?

De fato, grande parte das educadoras de crianças escolhe o destino esperado, sente-se bem em vestir-se e comportar-se segundo parâmetros considerados femininos, tem marido, filhas, filhos e está satisfeita assim. Pois que essas sigam fazendo da maneira que preferirem, ou há algo que as impeça? As grandes questões são: Por que professoras da educação infantil que desejam seguir caminhos inusitados e/ou amar outras mulheres e/ou vestir-se de forma pouco ou nada “feminina” deveriam enfrentar obstáculos? Por que deveriam experienciar, em seus cotidianos, desde a curiosidade escrachada de seus pares à invisibilização e perseguições dos mais diversos tipos?

Será que é preciso ser uma professora dissidente em matéria de sexualidade e/ou identidade de gênero para lutar contra essas injustiças?

Que não haja dúvidas de que conviver com a própria sexualidade considerada “desviante” em um espaço imerso no tradicionalismo abissal, que preserva os pilares da moral e dos bons costumes configura-se num peso, às vezes, quase insuportável de carregar. Além disso, é preciso pôr em evidência que tal moral e tais costumes *tão excelentes* guardam parte da responsabilidade no aprofundamento de traumas, em decorrência da propaganda diária, implícita e explícita, de que só existe uma única possibilidade de viver a sexualidade e/ou o gênero.

Contra dogmas mal-ajambrados, que sacrilegamente desrespeitamos, oferecemos este relato de experiências de professoras que não apenas em relação à sexualidade/identidade de gênero profanam a norma, mas divergem também e fortemente das práticas arcaicas, retrógradas, vetustas, racistas, pois nossas artes de educar são artísticas, feitas de artimanhas e artesanatos diários, solitários ou coletivos, mesmo que inventadas; são artes que dão fôlego quando o ar falta, sopros que ajudam a preencher os pulmões nesses tempos em que a temperatura está sufocante; o ar, irrespirável e o país, sendo varrido por fortes ventos.

## Referências

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, vol. 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HOOKS, bell. Eros, Erotismo e o processo pedagógico. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. LOURO, Guacira Lopes. (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 113-123.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. 2017. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47605>. Acesso em: 14 maio. 2020.

POCAHY, Fernando. O clamor da diferença letal: educar em estado de exceção. *Revista Nanduty*, [S.l.], v. 6, n. 8, p. 9-22, set. 2018. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/view/8814/4608>>. Acesso em: 15 de maio. 2020.

## DIAGNÓSTICO DE AÇÕES DE DIVERSIDADE DE GÊNERO VIA PLATAFORMAS DIGITAIS

**Alice de Souza Ribeiro**

*Doutora, UFSM*

**Katiele Hundertmarck**

*Mestre*

**Cadiani Lanes Garcez**

*Mestre, UFSM*

**Luciana Perazollo Cristofari**

*Graduada, IFFAR*

**Juliana Mezomo Cantarelli**

*Doutora, IFFAR*

### Resumo

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) expandiram em grande medida as possibilidades de criação, produção, disseminação e consumo de bens culturais e educativos, apontando para a descentralização e democratização de conteúdos. Com a pandemia de COVID-19 no ano de 2020 no Brasil, a utilização desses espaços se tornou o único recurso não só para entretenimento, mas como plataformas oficiais de educação e formações acadêmicas e profissionais. Nesse sentido, o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS) do Instituto Federal Farroupilha – *Campus* Júlio de Castilhos, promoveu atividades formativas utilizando distintas plataformas digitais, como Google Meet, YouTube, Facebook e Instagram. Sendo assim, esse trabalho tem como objetivo analisar como a utilização dessas tecnologias de informação e comunicação atingem o público-alvo, especialmente os estudantes da instituição, bem como suas potencialidades e limitações. Para tal, a metodologia será de

caráter exploratório-descritiva e abordagem quali-quantitativa, a partir de dados primários coletados das diferentes plataformas digitais e dados secundários disponíveis em bases de dados e bibliotecas.

**Palavras-chave:** Diversidade de Gênero, Educação em Saúde, Educação Sexual, Minorias Sexuais e de Gênero, Sexualidade.

## Introdução

A difusão das tecnologias de informação e comunicação (TIC) tem contribuído com os modos como vivemos em sociedade, gerando impactos não só de ordem econômica como também simbólica (LIMA, 2018, p. 75). A popularização das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) modificam as experiências na sociedade, proporcionando diferentes práticas sociais e meios de comunicação. As mídias digitais, principalmente a Internet, deixam de ser exclusivas do computador *desktop* e passam a ocupar outros espaços, como ruas, praças, bancos, restaurantes etc. Passam a contribuir, portanto, para a organização do cotidiano da vida urbana e seus espaços públicos (VILAÇA & ARAÚJO, 2016, p.17).

Ainda para Vilaça e Araújo (2016, p.18), a cidade contemporânea, imersa em tecnologias, vem experimentando diferentes formas de relações sociais entre os seus usuários. As redes sociais digitais possibilitam que os indivíduos interajam com outros usuários da

rede, que leiam notícias, opinem, reivindiquem, produzam seu próprio conhecimento, divulguem informações e até mesmo se mobilizem coletivamente. São novas maneiras de compartilhar, usufruir e fazer parte da sociedade em que vivem e até onde nos parece, tendem a permanecer até que algo mais novo a substitua.

Diante da pandemia do novo coronavírus (COVID - 19), o Ministério da Educação (MEC) atendeu à solicitação feita pelas variadas instituições representante de escolas e universidades, públicas e privada, bem como as orientações do Conselho Nacional de Educação (CNE), e publicou a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, que regulamenta as Instituições de Ensino a substituírem aulas presenciais pelo ensino remoto pelo prazo de 30 dias ou, em caráter excepcional, podendo ser prorrogada enquanto durar a pandemia (BRASIL, 2020, p.01). Essa situação de ensino remoto ainda é realidade na maioria das instituições de ensino do país e com a gravidade da pandemia no momento atual, ainda não há previsão concreta de uma retomada às atividades de ensino presenciais.

Os Núcleos de Gênero e Diversidade Sexual do Instituto Federal Farroupilha (NUGEDIS), foram instituídos na Instituição pela resolução nº023/2016 do Conselho Superior. Têm por finalidade desenvolver políticas, ações e projetos no intuito de promover o

respeito e a valorização de todos os sujeitos, e proporcionar espaços para debates, vivências e reflexões referentes às questões de gênero e diversidade sexual, também visando a permanência e êxito dos estudantes.

A inserção da temática “Gênero e diversidade sexual” na escola têm sido construídas com grande esforço em nosso país por grupos organizados (ativistas e militantes), educadores, pesquisadores e poder público, e se materializando em pesquisas, artigos, eventos, em ações educativas e em documentos oficiais. Nesse momento de atividades remotas de ensino, há a necessidade de adotar metodologias diferentes para que os NUGEDIS continuem cumprindo seu papel inconstitucional.

Diante desse contexto, este relato traz as tecnologias digitais utilizadas como recursos para o processos de debates, discussões e acolhimento das pautas as quais o NUGEDIS do IFFar *Campus* Júlio de Castilhos se propõem.

## Metodologia

O presente estudo foi desenvolvido com prerrogativas da abordagem qualitativa, cujo principal foco é o estudo do processo vivenciado pelos sujeitos e grupos nas práticas *on-line*.

A adoção do enfoque qualitativo não rejeita algumas formas de quantificação, desde que adequadas ao objeto de pesquisa e necessárias à apresentação dos dados do trabalho. Na análise de conteúdo de cunho quantitativo, as inferências são feitas a partir da frequência com que certas características do fenômeno ocorrem, explica LAKATOS; MARCONI (1991, p. 270).

A metodologia utilizada foi de caráter descritiva e exploratória, aborda um estudo bibliográfico e documental, bem como dados obtidos em atividades, em que se discute as contribuições das tecnologias digitais para o processo de diálogo e debate em que se enfrenta a pandemia do novo coronavírus (COVID - 19).

## Referencial teórico

Os ambientes educacionais, enquanto instituições responsáveis pelo desenvolvimento social e intelectual dos indivíduos, do patrimônio cultural da humanidade, possuem um papel relevante na

socialização dos saberes e das práticas relacionadas à diversidade. No entanto, no contexto educacional, temas como sexualidade, diversidade e relações de gênero ainda são regulados por preceitos morais e, portanto, mantidos sob uma ótica sexista e heteronormativa, em que prevalece o caráter biológico aos aspectos sociais e culturais, que tanto influenciaram as relações de gênero.

Como parte das instituições que interagem e se integram na sociedade, a escola tem, em seu interior, sujeitos que trazem de suas relações mais amplas as aprendizagens que se configurarão, de modo desigual – dadas as relações de poder na escola – nos conhecimentos gerados com seus movimentos curriculares. Isto significa assumir que, independente das prescrições curriculares dos órgãos governamentais, a escola se caracteriza como espaço privilegiado de encontro de diversas leituras e conhecimentos do mundo. Mesmo reconhecendo a legitimidade e a força dos conteúdos curriculares prescritivos, a potencialidade e os saberes gerados através das relações constituídas nos espaços escolares serão frutos das tensões culturais de seus diversos sujeitos (BRAGA, CAETANO & RIBEIRO, 2018, p. 14).

O Instituto Federal Farroupilha, por meio da Coordenação de Ações Inclusivas instituiu em todos os seus *campi* os Núcleos de Gênero e Diversidade Sexual - NUGEDIS, que têm por finalidade desenvolver políticas, ações e projetos no intuito de promover o respeito em caráter permanente por meio da valorização de todos os sujeitos, proporcionar espaços coletivos para debates, vivências e reflexões referentes às questões de gênero e diversidade sexual. O trabalho dos NUGEDIS consiste em intervenções educativas constantes, abordando as temáticas a ele atribuídas ao longo do ano letivo. No entanto, com a realidade da pandemia por coronavírus, as instituições de ensino como um todo buscaram alternativas para mediar o processo formativo de forma remota dando continuidade ao calendário acadêmico, bem como às pautas inclusivas. As tecnologias digitais se apresentam como recursos favoráveis para a mediação, sobretudo no que tange às diferentes possibilidades de transformar tais ferramentas em salas de aulas virtuais, que possibilitam a interação de alunos, alunas, alunes e professores e professoras.

## Resultados e discussão

A coleta de dados foi realizada por meio de registros de presença nos eventos presenciais, e por número de acessos nas plataformas digitais. As ações, data, modalidade e participantes foram sistematizadas e dispostas no quadro abaixo.

**Quadro 1 - Quadro sistemático das atividades realizadas pelo NUGEDIS no ano de 2020.**

DATA	AÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	PESSOAS ATINGIDAS
Março 2020	I Semana das Mulheres	Padrões Femininos de Beleza – Cursos Técnicos Integrado e Subsequente Agropecuária. I Seminário NUGEDIS - Tema: Violências e Femicídio – Ensino Superior e Subsequente Alimentos. Maternidades Viáveis (NUGEDIS/NAPNE) e I Café das Mulheres (servidoras, estagiárias e terceirizadas).	Presencial: 400
De 22 a 26 de junho - Integrado, Subsequente, Superiores e Comunidade em geral. NUGEDIS	I Semana da Diversidade	1- Curtas em redes sociais sobre temáticas diversas do grande tema LGBT 2- 22/06 - Aula on-line sobre Violência contra mulheres TRANS - Marina Calegari - Advogada e Ativista. 3- 23/06 – LGBT e saúde - Maiquel Francisco dos Santos Rios 4- 24/06 - Live “Falando de Minorias Sexuais na Escola” Prof. Fernando Seffner - UFRGS. 5- 25/06 – LGBT e trabalho - Alef Vieira Mustafa 6- 26/06 - LGBT e raça - Cristiane Barbosa Soares. 7. Vídeo Institucional Orgulho LGBT	Curtas: 746 Live Prof. Fernando Seffner: 971 Total: 1717
Julho de 2020	Mulheres e cinema	Atividade integrada do NUGEDIS com o projeto cine debate - debatedoras, convidamos a professora Rosângela Montagner e Alice Ribeiro, Presidenta do NUGEDIS/JC.	20

Agosto de 2020	07/08 - Lei Maria da Penha completa 14 anos, o NUGEDIS promove um cine-debate para a reflexão da temática	cine-debate para a reflexão da temática "Violência doméstica" através do documentário "As rosas que calam". Comunidade acadêmica. NUGEDIS.	On-line: 60 Visualizações: 46 Total: 106
30/09/2020	Live	IV Encontro de Educação e Diversidade: da reflexão à prática - IFC campus Concórdia	Visualizações: 1.400
16/10/2020	Live	Identificando a masculinidade tóxica - Palestrante Emiliano Kelm -estudante de filosofia UFSM	Visualizações: 458
25/11/2020	Live - Dia Internacional do Enfrentamento a Violência Contra a Mulher	"Combate à Violência contra a mulher: uma proposta restaurativa" Fernanda Broll Carvalho de Almeida - Promotora de Justiça (Santo Ângelo - RS) Rafael Vilar Sampaio - Defensor Público do Estado do Ceará.	Visualizações: 253
01/12/2020	Live - Dia Internacional de Combate ao HIV	"Para além do Dia Mundial de luta contra a AIDS: a luta pelos Direitos Sexuais e Reprodutivos"  Palestrantes: Maiquel Francisco dos Santos Rios - Enfermeiro do Hospital Universitário de Santa Maria - HUSM  Marcelo Totti - Cirurgião - Dentista do Instituto Federal Farroupilha - Campus Júlio de castilhos  Taís Tasqueto Tassinari - Enfermeira. Mestre e doutoranda em enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem-PPGEnf da UFSM.	Visualizações:152
	Feicoop - "Educação pela igualdade de gênero: da existência à violência"	Palestrante: Alice de Souza Ribeiro	Visualizações: 557

Quadro 1: Quadro sinóptico com informações dos artigos incluídos na análise, 2021.

Fonte: Esquema elaborado pelas autoras.

Os dados apresentados pelo quadro acima, mostram que os eventos na modalidade remota, ou seja, *on line* obtiveram mais êxito no que tange o número de pessoas alcançadas, onde grandes plataformas digitais de *streaming* ganham relevância dada a concentração do acesso a informações *on-line* por meio de canais como *YouTube* e *Google Meet* por exemplo (LIMA, 2018, P. 82).

Quando esses eventos são oferecidos em ambiente escolar tradicional, a adesão acaba sendo condicionada a diversos fatores que estão além da vontade do próprio estudante, onde as implicações para o trabalho da sexualidade dentro desse ambiente onde, segundo Louro (2003, p. 57), “diferenças, distinções, desigualdades... a escola entende disso”, podem haver dificuldades. Na verdade, a escola produz essa dificuldade, por meio de múltiplas formas que classifica, ordena e hierarquiza, tanto aqueles que estão dentro delas como aqueles que, porventura, não tiveram acesso a ela.

Desta forma as instituições escolares ainda estão na posição de produção e reprodução da exclusão das instituições escolares, às comprometem politicamente com mudanças sociais, culminando deste modo em discussões na aproximação e encontro entre direitos humanos, cidadania plena e inclusão social. Pode-se observar que no tangente à educação, desde o século XVIII percebe-se a produção de uma teia discursiva acerca da sexualidade, já que a instituição pedagógica, por sua vez, “concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores” (FOUCAULT, 2007, p. 36). Sendo assim, nessa produção discursiva acerca da sexualidade, a escola se apresenta como “uma das instituições nas quais se instalam mecanismos do dispositivo da sexualidade; através de tecnologias do sexo, os corpos dos estudantes podem ser controlados, administrados” (ALTMANN, 2001, p. 578), por meio de estratégias de poder e de saber.

## Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar as tecnologias digitais utilizadas como recursos para o processos de debates, discussões e acolhimento das pautas as quais o NUGEDIS do IFFar *Campus* Júlio de Castilhos se põem.

Desse modo, ficou evidenciado que, sendo o ambiente escolar considerado ainda um espaço excludente na temática de gênero e diversidade, a internet contribui amplamente para o alargamento

das possibilidades de participação de estudantes e comunidade acadêmica em geral, em ações educativas da temática. Essa modalidade, que surge em um momento em que atividades presenciais não são possíveis, devido à pandemia de coronavírus, temos claro que não resulta na extinção das estruturas tradicionais de ensino, e nos leva a refletir sobre que passos são necessários tomar para que a temática flua mais livremente nesses ambientes.

## Referências

ALTMANN, H. **Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 1-11, 2001.

BRAGA, K.D.S., CAETANO, M., RIBEIRO, M.I.M. A Educação e o seu Investimento Heteronormativo Curricular. **Momento: Diálogos em Educação**, v.2 8, n.3 , p. 12 -29, 2018.

BRASIL. **Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. D.O.U 18/03/2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 18. ed. São Paulo: Graal, 176 p., 2007.

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA. **Resolução CONSUP nº23**, Altera a redação, reorganiza os títulos e inclui o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual na Resolução CONSUP nº15/2014, que dispõem sobre as Ações Inclusivas da Reitoria e dos campi do Instituto Federal Farroupilha, 24 de maio de 2016.

LIMA, L.P.B. Práticas Culturais on-line e Plataformas Digitais: Desafios para a Diversidade Cultural na Internet. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, nº7, 2018.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. (6a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

VILAÇA, M.L.C.; ARAÚJO, E.V.F. **Tecnologia, Sociedade e Educação na Era Digital** [livro eletrônico]. Duque de Caxias, RJ, UNIGRANRIO, 2016.

## PARA ALÉM DE UMA GEOGRAFIA HOMOGÊNEA: RELATO DE UM MINICURSO SOBRE DISCUSSÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E QUESTÕES ÉTICO-RACIAIS NO ENSINO GEOGRÁFICO

**Tamires Cristina de Souza Dalla Vecchia**

*Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso - MT, tamires.cristina@unemat.br;*

**Higor Lopes Andrade**

*Graduando pelo Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso - MT, andrade.higor@unemat.br.*

### Resumo

No presente texto buscamos relatar as experiências vivenciadas em um minicurso realizado em no XIX Semana de Geografia (SEMAGEO) evento realizado pelo curso de Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso que traz a Geografia da Diversidade como temática principal buscando trazer contribuições geográficas sobre assuntos que vêm cada vez mais sendo discutidos na atualidade, sendo esses, gênero, sexualidade e questões étnico-racial. O minicurso teve como objetivo principal entender a contextualização da geografia da diversidade, buscando identificar suas diversas abordagens e compreender sua presença nos ensinamentos fundamental e médio, dentro das escolas. Como metodologia foi dividido em dois momentos, sendo um teórico, com discussões trazidas de acordo com referenciais teóricos e outro com práticas, onde foi realizado dinâmicas para melhor entendimento dos assuntos em questão. Para finalizar o minicurso foi realizada uma roda de autoavaliação, para poder discutir como deve-se agir com relação a esses temas. Então através das discussões realizadas foi possível perceber que há

uma grande resistência por parte da comunidade escolar em relação a tratar temas como esses dentro das escolas, e uma grande falta de preparação para os professores, visto que dos participantes apenas uma professora tinha conhecimento sobre um dos assuntos discutidos.

**Palavras-chave:** Diversidade, Ensino, Geografia, Sexualidade, Gênero.

## Introdução

No presente texto buscamos relatar as experiências vivenciadas em um minicurso realizado na XIX Semana de Geografia (SEMAGEO) “O mundo é um só? E, por conseguinte, a Geografia é uma só?”, que ocorreu no período de 4 a 9 de novembro de 2019, o evento foi realizado pelo curso de Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

O minicurso trouxe a Geografia da Diversidade como temática principal buscando trazer contribuições geográficas sobre assuntos que vêm cada vez mais sendo discutidos na atualidade, sendo esses, gênero, sexualidade e questões étnico-racial. O trabalho teve como objetivo principal entender a contextualização da geografia da diversidade, buscando identificar suas diversas abordagens e compreender sua presença nos ensinamentos fundamental e médio, dentro das escolas.

## Metodologia

O presente trabalho foi apresentado em um evento acadêmico, no formato de minicurso, onde a maioria dos participantes eram professores da rede básica e acadêmicos do próprio curso. Logo a pesquisa foi dividida em partes, primeiro a teórica, onde ela perspectiva-se pela abordagem qualitativa (MINAYO, 2002), do tipo descritiva, com a intenção de buscar informações para responder os questionamentos levantados (TRIVIÑOS, 1987), logo foi feito o uso da pesquisa bibliográfica, sendo inteiramente executada com materiais já elaborados sobre o assunto, constituído principalmente de artigos científicos e livros de autores com grande compreensão sobre o assunto abordado (GIL, 2002).

Na prática onde diz respeito ao minicurso em si, foi apresentado um resumo da teoria levantada, para contextualizar o assunto com os participantes, houve também uma roda de conversa onde os participantes poderiam levantar dúvidas e posicionamento sobre essa temática, e para finalizar como uma forma de fixar os temas discutidos foi construído um mural onde os participantes expuseram em forma de forma criativa sua visão de diversidade em bonecos e colocaram frases comuns no seu dia a dia que refletiam o preconceito enraizado na sociedade e no ambiente escolar.

## Referencial teórico

### Geografias feministas

Antes de começarmos a discorrer sobre os pontos elencados deste artigo, é importante darmos alguns significados como neste caso o significado da palavra gênero, já que iremos tratar sobre feminismo. Gênero na gramática “o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos” (SCOTT, 1990), já para Joan Scott e outros pesquisadores da área

[...] o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1990, p. 75)

A primeira organização feminista que se ouviu falar foi datada do final do século XVIII, na Revolução Francesa que ficou conhecido como “sufragista” e que caracteriza a primeira onda feminista (BITTENCOURT, 2015). Dentro da história do feminismo algumas autoras dividem em três ondas, com pautas relevantes para cada época.

A primeira onda “funda-se na ideologia burguesa e na busca por um conceito ampliado de cidadania, incluindo as mulheres, os homens negros e parte das camadas populares” (BITTENCOURT, 2015, p. 199). A segunda onda foi entre a década de 1960 e 1980, onde criticava o caráter burguês liberal da primeira, em vista de só buscar beneficiar as mulheres brancas e de classe média, com isso começou a entrar na discussão recortes de raça e classe. E por último a terceira onda “traria o momento atual do feminismo e sua representação e atuação como continuidades da segunda onda após a década de 1990” (BITTENCOURT, 2015, p. 199).

Na geografia trazer temáticas como feminismo, sexualidade, gênero e raça é contribuir teórico e metodologicamente com novas possibilidades para refletir e transformar o mundo em que vivemos, por isso, surgiu a geografia feminista e geografia de gênero, que segundo Silva (1998, p.108)

a primeira como aquela que busca uma transformação não só da Geografia, mas também da forma como vivemos e trabalhamos e a Geografia de Gênero trata o gênero como uma dimensão da vida social que deve ser incorporada nas estruturas existentes.

Sendo assim a geografia feminista traz contribuições de teóricas feministas junto com contribuições de fatos geográficos, trazendo recortes como raça, sexualidade e classes sociais, e é por isso que atualmente se usa o termo “geografias feministas” no plural, para expressar a pluralidade científica e ideológica existente.

### **Geografia da diversidade**

A geografia, assim como varias outras ciências e a sociedade em si, desde sempre foi hegemônica e androcêntrica, o que torna evidente a invisibilidade feminina dentro das universidades. Então a partir da ascensão da geografia feminista, falada no tópico anterior, geografias brancas dentro das universidades começou a se movimentar e “deflagrou um importante debate epistemológico que acabou por reconhecer a geografia como um saber moderno, eurocêntrico, masculino, branco e heterossexual” (SILVA, 2010, p. 41) e a partir deste movimento também surgiu iniciativas de trazer para dentro das produções científicas, grupos ausentes, como estudos sobre mulheres, gays e lésbicas, evidenciando principalmente suas expressões materiais de produção do espaço.

A geografia da sexualidade “se constitui em forte crítica teórico-metodológica da ciência geográfica, e a noção desconstrucionista sobre a sexualidade permite a emergência da chamada Geografia queer” (SILVA, 2010, p.43), geografia essa que foi inspirado da obra de Michel Foucault e desenvolvido mais expressivamente por Judith Butler. A geografia então evidencia, através da representação social, a importância da incorporação do espaço e do tempo nas análises das experiências da vivência cotidiana, por causa da ordem compulsória de gênero da sociedade heteronormativa.

### **Questões Étnico-Raciais**

A discussão de raça, gênero e sexualidade é um tema urgente para ser pensado e discutido na formação docente e para a construção

do conhecimento do discente. A sociedade brasileira é constituída através da escravidão, de acordo com Ribeiro (2019) discutir sobre o racismo no Brasil é debater a estrutura já constituída e enraizada nos pré-conceitos. Perante Porto Gonçalves e Quental (2012) a forma como a América foi colonizada influencia imensamente na forma como a sociedade hoje se expressa, os preconceitos e inferiorização de classes é gerada pelo colonialismo.

Segundo Porto Gonçalves e Quental (2012) as classificações sociais não são algo posto naturalmente ou biologicamente, mas sim uma construção histórica erguida nas relações sociais, criando uma relação de poder. A ideia de racismo vai surgir então devido a criação da divisão de “raças”. A necessidade de diferenciar o colonizador e o colonizado.

Para Quijano (2005) “na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista”. O conceito de raça para a modernidade vai surgir então após o descobrimento das Américas. É a partir desse momento que surge o Eurocentrismo e com isso a naturalização do conceito de raça é espalhado, criando assim o instrumento de dominação a superioridade e inferioridade.

Conforme Ribeiro (2019) a população brasileira acredita que a escravidão no Brasil foi inferior as de outros países, negando assim a ideia de racismo, entretanto sabe-se que tivemos uma cultura escravocrata muito intensa e que reflete até hoje na sociedade, sendo assim, temos um racismo estrutural. Esse racismo faz parte das relações sociais e culturais, fazendo com que não precisa-se da vontade para manifestar atitudes racistas.

Pouco se discute a história por inteira da escravidão, muitos fatos são deixados de lado ou visto como “desnecessários” para o aprendizado. Assuntos como o corpo da mulher negra são negligenciados nas discussões sobre a escravidão, Angela Davis (2016) relata que “Como fêmeas, as mulheres escravas estavam inerentemente vulneráveis a todas as formas de coacção sexual. Se a mais violenta punição dos homens consistia nos castigos e mutilações, as mulheres eram castigadas e mutiladas, bem como violadas.” Discutir temas como esses fere a cultura racista, o que leva as pessoas a crerem que esses assuntos podem gerar conflitos que muitos acreditam ser inútil para a construção do pensamento crítico.

## Resultados e discussão

### Base Nacional Comum Curricular e Diversidade

O assunto gênero e diversidade sexual só foi inserido dentro da educação no Brasil, a partir da VI Conferência Nacional de Educação (CONAE/2010), que trouxe um eixo específico, que abordou diversas sugestões de políticas sobre temas variados, tendo em vista a atual realidade do país, chamado “Justiça Social, Educação e Trabalho: Inclusão, Diversidade e Igualdade”, esse documento mostra que houve grandes avanços sobre as demandas sociais.

Porém como assuntos como gênero e diversidade sexual são considerados impróprio para o meio escolar, ficou cada vez mais difícil de inserir nos documentos oficiais ao qual se respalda a educação brasileira, como exemplo disso temos o Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio de 2011-2020, onde de acordo com o Projeto de Lei nº 8035/10, era para ser inserido essas temáticas na intenção “Implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito e discriminação à orientação sexual ou à identidade de gênero e étnico-racial, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão”, coisa que não foi seguida, já que em 2014 o PNE 2011-2020 foi aprovada sem a promoção de debates sobre assuntos como identidade de gênero e sexualidade nas escolas, tendo 20 metas para a melhoria da qualidade da Educação Básica e 4 (quatro) delas falam sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Já referente a BNCC, apenas três competências abordam o assunto diversidade e direitos humanos nas competências gerais. Elas são: competência 7, competência 8 e competência 9, onde cita temas como diversidade humana, direitos humanos, diversidade de indivíduos e identidade.

E mesmo tendo esses assuntos diretamente relacionados a temáticas de diversidade e direitos humanos, mesmo assim poucas escolas optam por passar assuntos relacionados a gênero, sexualidade e muito pouco a questões raciais, algo também que vai de acordo com as diretrizes feitas pelas próprias instituições escolares.

## Formação de Professores e a Diversidade no currículo

Por muito tempo o professor foi visto como o transmissor de conhecimento e o estudante o receptor, diversas teorias pedagógicas reafirmam esse pensamento, como a pedagogia tradicional e pedagogia tecnicista, que são ligadas a tendência pedagógica liberal. A formação do docente de acordo com Libaneo (1995) é frágil no que consiste aos estudos das correntes pedagógicas, ou quase nunca corresponde à realidade da sala de aula, sendo assim, quando esse profissional chega na sala de aula acaba por reproduzir aquelas práticas de transmissor e receptor. A escola vai para além de apenas transmitir e receber conteúdos, conforme Libaneo (1995) o ambiente escolar deve voltar-se para problematizar as realidades sociais de classe.

O ensino vem para formar uma sociedade e dar a ela a oportunidade de ser formada de acordo com a relação que o sujeito terá, isso remete através da construção do ser enquanto cidadão. De acordo com Pontuschka (1996) se o professor de Geografia é um educador, como ele vai desenvolver uma prática pedagógica em uma sociedade com o índice de desigualdade elevado, esse professor tem o papel de demonstrar a leitura do mundo ao aluno, e não apenas informar os conceitos.

Na opinião de Castellar (1999) a formação do professor de geografia deixa muito a desejar, e que é necessário repensar as grades curriculares dos cursos de graduação, tentando abranger melhor os temas e levando a formação para um bom profissional. É preciso pensar sobre as grandes diferenças culturais, sociais dos sujeitos presentes nas escolas.

No dizer de Louro (1997) a escola delimita os espaços, ela separa, afirmando o que cada um pode ou não. Ainda também Foucault (1987) comenta sobre a disciplina que é imposta dentro das escolas “fabricando” corpos, seguindo um padrão com vestígios da militarização, e assim moldando corpos. Esse ambiente ainda pensa e trabalha na intenção de corrigir, construir, controlar, docilizar, disciplinar e modelar os corpos, para o padrão visto como ideal pela sociedade.

Então percebe-se que é urgente a melhoria curricular dos cursos de formação de professores, é necessário lutar pela discussão do tema diversidade já na graduação, para que o profissional chegue ao ambiente escolar preparado para lidar com essa diversidade cultural, sexual, racial, e de gênero, concordando com o que fala Neves (2009)

o processo de formação dos professores e professoras precisa estar atento a essas questões, para poder-se ter uma revolução da educação.

## O minicurso

O minicurso foi criado com a intenção de discutir essas temáticas já citadas e buscar contribuir com o debate geográfico teórico e metodologicamente no sentido de trazer novas possibilidades que nos permitam refletir e transformar para melhor o mundo em que vivemos. O esforço para trazer questões de gênero, sexualidade e as racialidades para o centro do debate na Geografia, principalmente brasileira, tem ganhado adeptos cada vez mais ao longo dos anos, por isso a incorporação da temática é um avanço bem produtivo, mas ainda é insuficiente para produzir e construir a visibilidade desses grupos sociais tradicionalmente excluídos do direito de produzir ciência.

A atividade iniciou com a exposição das temáticas tentando correlacionar a teoria e a prática. Foi observado durante todo o minicurso, a falta de preparo para esses temas durante a formação do professor de Geografia, levando assim o profissional a ter dificuldade de correlacionar essas temáticas dentro de sala de aula. A figura 1 representa um pouco do momento onde os palestrantes do minicurso apresentam as questões da Geografia da Diversidade e questionando aos participantes a forma como essas teorias são apresentadas no currículo escolar.

Figura 1: Discussão das temáticas levantadas para o minicurso



Fonte: SANTOS (2019)

Muitos dos participantes levantaram o grande desafio de trabalhar o tema devido ao conservadorismo, racismo, sexismo e patriarcado, tanto por parte da comunidade externa, quanto da própria comunidade interna das escolas, entretanto notou-se um grande interesse por parte dos integrantes.

Entre todos os participantes do minicurso apenas uma professora da rede pública disse já ter realizado cursos de especialização voltado para a questão étnico-racial e com alguma bagagem teórica-metodológica sobre o tema dentro da Geografia, porém a mesma assim como os demais, não possuía nenhuma formação por parte do curso onde obteve sua graduação.

A roda de discussão durou mais de 2 horas, após esse momento os participantes realizaram uma pequena atividade que tinha como intuito a construção de um boneco com sua visão de diversidade e que escrevessem frases comuns no seu dia a dia que refletem o preconceito enraizado na sociedade e no ambiente escolar, que no fim seria colado em um cartaz, montando o Mural da Geografia da Diversidade conforme mostra a figura 2.

Figura 2: Momento de produção dos Bonecos



Fonte: SANTOS (2019)

A produção do mural foi pensada no intuito de levar tudo o que foi discutido para uma prática, onde os participantes poderiam expressar como cada um via a diversidade no ambiente escolar e no seu dia a dia. Os bonecos entregues aos participantes, não possuía nenhuma expressão de gênero, o intuito era que cada um fizesse e manifestasse a expressão, identidade, sexualidade e gênero que quisesse. Na figura 3, temos o momento de produção do mural.

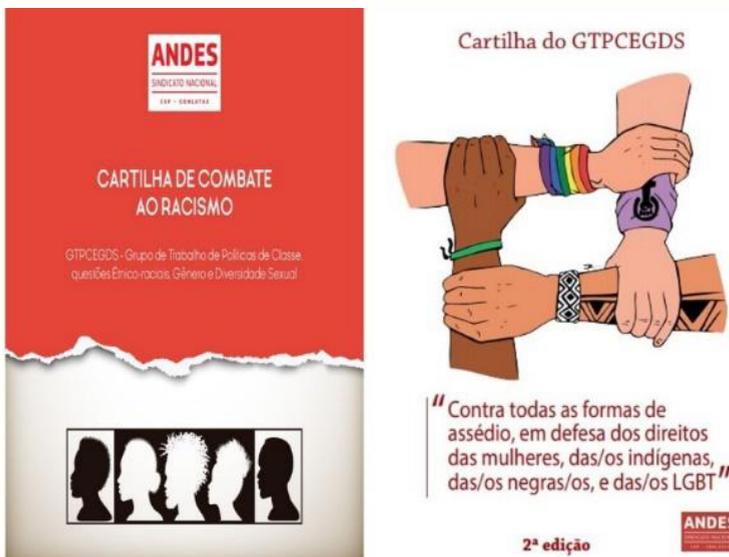
Figura 3: Organização do Mural



Fonte: SANTOS (2019)

Ao término do mural percebemos que algumas pessoas ficaram inquietas com o tema e sentiam a necessidade de aprimorar mais seus conhecimentos para poder melhorar sua prática docente, mas também observou-se a presença de pessoas contrárias às temáticas (que não manifestaram opinião durante o debate) e que não concordava com o debate, representando em sua frase o conservadorismo religioso e heteronormativo.

Figura 4: Cartilhas distribuídas



Fonte: ANDES, Elaborado por ANDRADE (2021)

Para finalizar o curso, foi distribuído aos participantes duas cartilhas obtidas através da Associação docente da Unemat (ADUNEMAT), sendo uma a Cartilha de Combate ao Racismo e a outra Contra todas as formas de assédio, em defesa dos direitos das mulheres, das/os indígenas, das/os negras/os, e das/os LGBT, conforme na figura 4. Ambas cartilhas são produzidas pelo Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES).

## Considerações finais

Então através das discussões realizadas foi possível perceber que há uma grande resistência por parte da comunidade escolar em relação a tratar temas como esses dentro das escolas, e uma grande falta de preparação para os professores. Temáticas como gênero e sexualidade são considerados impróprios, inadequados ou até mesmo desnecessário para a formação de um bom cidadão. Os currículos escolares, não só na disciplina de Geografia são heteronormativos e muitas vezes carregam traços da cultura racista presente na sociedade.

É urgente a necessidade da mudança dos currículos escolares e das formas pedagógicas utilizadas, para a construção de uma sociedade melhor e com cidadãos críticos e consciente que existe formas de amor, cor, raça diferentes daqueles padrões implantados pela elite dominante.

## Referências

BITTENCOURT, N. A. Movimentos Feministas. In: Revista InSURgência, Brasília: DF, ano 1, v.1, n.1. jan./jun. 2015.

CASTELLAR, S. M. V. A Formação de Professores e o Ensino de Geografia. In: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). As Transformações no Mundo da Educação: Geografia, Ensino e Responsabilidade Social. n. 14, São Paulo, 1999. p. 51-59.

DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. 1 ed, São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. 7 ed, Petrópolis: Vozes, 1987.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da Escola Pública. São Paulo: Loyola, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MINAYO, M. C. S (org.). et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Fundação Carlos Alberto Vanzolini. 2018.

NEVES, L. Uma Experiência de Prática Curricular Acerca das Diferenças de Gênero e Sexualidade. In: GRANDO, B. S. Corpo, Educação e Cultura: Práticas Sociais e Maneiras de Ser. Ijuí: Editora Unijuí, 2009. p. 207-224.

PONTUSCHKA, N N. Perfil do professor e o ensino / aprendizagem da geografia. In: Cadernos Cedes, n. 39, Campinas, 1996, p. 57-63.

PORTO-GONÇALVES, C.W; QUENTAL, P.A. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. In: Polis Revista Latinoamericana, v.11. a. 31. 2012. QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgard Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. p. 227-278.

RATTS, A; COSTA, B. P; SILVA, J. M; ORNAT, M. H; SILVA, M. G. S. N; SILVA, S. M. V. Geografia e diversidade: gênero, sexualidade, etnicidades e racialidades. In: Revista da Anpege, v.12, n.18, 2016.

RIBEIRO, D. Pequeno Manual Antirracista. 1 ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 15, n. 2. 1990.

SILVA, J. M. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. In: Espaço e cultura, UERJ: Rio de Janeiro, n.27, p.39-55, jan/jun, 2010.

SILVA, S. M. V. Geografia e gênero/Geografia feminista - O que é isto?. In: Boletim Gaúcho de Geografia, Porto Alegre: RS, n. 23, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

## CINEMA COMO PEDAGOGIA TRANSGRESSORA: DEBATENDO GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS<sup>1</sup>

**Julia Araújo Ferreira da Silva**

*Mestranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia - UFBA, [juliaaraujofs@gmail.com](mailto:juliaaraujofs@gmail.com)*

### Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir sobre debates relacionados a gênero e sexualidade no ambiente escolar, buscando, através de um cinema pautado na diversidade, ferramentas para questionar normas hegemônicas e impulsionar discussões sobre essas temáticas, com foco em vivências LGBTQIA+. A reflexão apresentada usa como base entrevistas com membros de comunidades escolares que receberam atividades cineclubistas realizadas em turmas de ensino médio de escolas públicas das cidades do Rio de Janeiro e Duque de Caxias no ano de 2019. Apesar do perfil historicamente normatizador da escola e do atual cenário político de recrudescimento do embate ao questionamento, há também a emergência de uma maior diversidade de vozes e identidades disputando a criação de novos imaginários. Nas relações criadas dentro das comunidades escolares os discursos contra-hegemônicos encontram brechas. Nas atividades analisadas, o cinema funcionou como ferramenta pedagógica, trazendo estéticas e visões de mundo diversas e impulsionando questionamentos que reverberaram nas comunidades escolares, e, assim, causando tensionamentos nos silêncios e normas impostas com relação a questões de gênero e sexualidade naqueles espaços. Através do diálogo com autores que buscam

1 Este artigo é resultado de projeto de pesquisa realizado no âmbito da Especialização em Cultura e Educação na Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (Flacso Brasil).

analisar as relações entre diversidade sexual e de gênero, educação e cinema, como Guacira Lopes Louro, Leandro Colling e bell hooks, busco provocar: Qual a importância e os desafios de se discutir gênero e sexualidade nas escolas atualmente? Que relevância pode ter o cinema como ferramenta impulsionadora de debates nesses ambientes? Que consequências as escolhas pelo debate ou silenciamento podem gerar na construção de imaginários e identidades? Que outros caminhos são possíveis?

**Palavras-chave:** Gênero; Sexualidade; Educação; Cinema.

## Introdução

A escola, como instituição que reflete as relações sociais do contexto histórico-cultural no qual está inserida, se configura como um espaço de disputa de discursos e construção de identidades e imaginários. Entretanto, questões relacionadas a gênero e sexualidade têm sido silenciadas no ambiente escolar. Nos últimos anos a tensão em torno dessas temáticas tem crescido ainda mais como resultado da propagação de um discurso conservador na política e sociedade brasileira.

Esse cenário foi um dos impulsionadores para a realização das atividades aqui analisadas: exposições cineclubistas compostas por curtas-metragens<sup>2</sup> nacionais recentes que têm como característica comum a transgressão a normas hegemônicas, quer seja na estética, na temática, nas formas de produção ou nos sujeitos presentes atrás e na frente das câmeras. A proposta do projeto responsável pelas atividades, chamado Fluxo Cineclubes, é ter o cinema como impulsionador de debates e questionamentos sobre, principalmente, a construção de identidades e relações de poder, focando em assuntos relacionados à gênero e sexualidade. As sessões aconteceram durante o ano de 2019 para turmas de Ensino Médio de escolas da rede pública das cidades do Rio de Janeiro e Duque de Caxias.

Como uma das organizadoras do projeto, parto das minhas observações no percurso de construção e realização das exposições. Entretanto, trago como fonte principal para dialogar sobre as reverberações dos debates nas comunidades escolares entrevistas com professoras e um aluno, responsáveis por levar as atividades para as escolas. Nas conversas busco entender também sobre os contextos das escolas e as motivações que os levaram a ter interesse em propor as sessões do cineclubes para os estudantes.

Qual a importância e os desafios de se discutir gênero e sexualidade nas escolas atualmente? Que relevância pode ter o cinema como ferramenta impulsionadora de debates nesses ambientes? Que consequências as escolhas pelo debate ou silenciamento podem gerar

2 Curtas-metragens exibidos nas sessões analisadas: Abraço (2019); Afronte (2017); MC Jess (2018); NEGRUM3 (2018); Pele Suja Minha Carne (2016); Poder (2018); Travessia (2017); Três é Par (2017).

na construção de imaginários e identidades? Que outros caminhos são possíveis? A partir desses questionamentos, em diálogo com as falas dos entrevistados e propostas de pedagogias transgressoras, se desenvolve esse artigo.

## Metodologia

As atividades analisadas foram realizadas pelo Fluxo Cineclube, um cineclube independente do qual faço parte como organizadora junto com outros artistas e realizadores do audiovisual, que têm como proposta partir de experiências pessoais para tratar da diversidade das identidades e relações sociais em seus trabalhos autorais. A proposta principal do cineclube consiste na organização de atividades em escolas públicas dos municípios do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense.

Buscamos dar enfoque ao caráter propagador e criador de discursos do cinema e levantar o debate sobre leitura crítica das imagens. Principalmente no contexto atual em que o audiovisual está presente cada vez mais fortemente de diferentes formas no cotidiano das crianças e adolescentes, acreditamos na relevância de conversarmos nas escolas sobre os processos de produção de discursos, entendendo que sempre há pessoas por trás de cada obra e que as criações são feitas de escolhas, pois acreditamos que “experiências estéticas, culturais, sociais, artísticas, são sempre pedagógicas e políticas” (SANTOS, 2019, p.3). Nossa proposta é pensar em conjunto com os estudantes quais discursos têm mais destaque na nossa sociedade, porque isso acontece e o que pode ser diferente.

As sessões analisadas aqui foram realizadas durante o ano de 2019 em turmas de ensino médio de duas escolas estaduais localizadas no município do Rio de Janeiro, nos bairros de Copacabana<sup>3</sup> - Colégio 1 - e Senador Camará - Colégio 3 -, e uma escola estadual - Colégio 2 e um colégio federal - Colégio 4 - localizados no município de Duque de Caxias, totalizando quatro atividades. Abranger

3 Foi decidido não divulgar os nomes dos colégios nos quais ocorreram as atividades, assim como os nomes das professoras e alunos entrevistados por não ter se tratado de uma pesquisa acordada com as coordenações das instituições anteriormente à realização das atividades, apesar de haver total ciência dos entrevistados sobre os objetivos das entrevistas e pesquisa realizada. Portanto, nomearei as escolas de acordo com a ordem cronológica de realização das atividades.

diferentes territórios da região metropolitana da cidade foi uma premissa no processo de busca por escolas interessadas em dialogar com o projeto, visando abarcar realidades diversas e também dando prioridade a territórios onde há menor oferta de atividades culturais. O contato entre a equipe do cineclubes e as comunidades escolares aconteceu por meio de professoras, nas três escolas estaduais, e por meios dos próprios alunos, no colégio federal. As exposições aconteceram no horário do turno escolar, em três casos como parte de eventos temáticos da escola.

## Referencial teórico

Parto do ponto de vista de que o contexto escolar não se difere das demais instituições no que diz respeito às hierarquias sociais, logo, as características e comportamentos hegemônicos se reproduzem também naquele espaço (ASSIS, 2019, p.50). Mas ao mesmo tempo as escolas são – ou poderiam buscar ser – um espaço de questionamento dessas relações e normas, visto que a comunidade escolar é formada por relações e indivíduos ativos, que ao escolher seus discursos e metodologias assumem posicionamentos que reverberam e dialogam com a comunidade ao seu redor. Assim, as questões que se referem ao que acontece dentro das escolas e com os indivíduos que as compõem, também dizem respeito a um debate social mais amplo.

Por ser esse ambiente de reprodução e reconstrução das relações sociais do contexto em que estão inseridas, a conversa sobre gênero e sexualidade precisa estar nesse espaço, tanto como parte do currículo institucional quanto das práticas cotidianas de todos os membros da comunidade. Pensar o currículo como mais do que a transmissão exclusiva de fatos e conteúdos, pois é através dos currículos (e práticas) que os significados sociais, culturais, morais são construídos, reiterados no espaço escolar, a serviço da manutenção das identidades hegemônicas. (ARAÚJO; CRUZ; DANTAS, 2018, p.26)

Um primeiro passo para se trazer qualquer questionamento da norma hegemônica é, primeiramente, nomear os processos pelos quais as normas são construídas, a partir de práticas, representações e costumes pertencentes a contextos histórico-culturais. A partir das relações sociais se constroem também as identidades e, conseqüentemente, a diferença. Entretanto, segundo SILVA (20017, p.97), a identidade não é uma essência, não é um dado ou fato – seja, da

natureza, seja da cultura. Não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. Tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Podemos dizer que é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. É instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada. Está ligada a sistemas de representação, tem estreitas conexões com as relações de poder. (apud COLLING, 2018, p.11)

Dessa forma, fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças (SILVA, 2013, p.83 apud MOCHI, 2019, p.54). LOURO (1997, p.41), ao pensar a construção dos gêneros, propõe que essas identidades não se constroem apenas a partir de mecanismos de repressão ou censura, mas também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas. “Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder” (apud MOCHI, 2019, p.57). Em nossa sociedade heteronormativa<sup>4</sup>, mecanismos de normatização que perpetuam violências e opressões são historicamente reproduzidos nos ambientes escolares, fazendo com a educação tenha se constituído como um campo disciplinador e normalizador, local do regramento e da obediência. (LOURO, 2012, p.364)

Uma das formas que a normatização com relação à gênero e sexualidade assume no ambiente escolar é o silenciamento. Muitas vezes deixando esse assunto restrito apenas a aspectos anatômicos e fisiológicos, ancorados em uma visão da sexualidade com função reprodutiva. Não se coloca para debate a construção de identidades, as possibilidades de formas de se relacionar ou as diversas possibilidades de formações familiares, por exemplo, assuntos que afetam a todos, não somente pessoas que se identificam como parte da comunidade LGBTQIA+. LOURO (2014, p.72) pontua:

[...] tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não dito, aquilo que é silenciado – os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos

4 A heteronormatividade é descrita por Miskolci (2012, p. 43-44) como “a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero” (apud COLLING, 2018, p.48).

desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homossexualidade – pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda ‘eliminá-los/las’, ou pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas ‘normais’ os/as conheçam e possam desejar-los/las. (apud MOCHI, 2019, p.63)

Essa escolha pelo não-diálogo abre espaço para violências simbólicas, que em alguns casos se transformam também em violências físicas. Portanto, longe de ser uma postura de neutralidade, calar-se demarca um posicionamento político e contribui para as estatísticas “de exclusões e de mortes oriundas do processo social da homo-lesbo-transfobia” (ARAÚJO; CRUZ; DANTAS, 2018, p.52).

## Resultados e discussão

Nas conversas com as professoras organizadoras das atividades analisadas, a dificuldade de se trazer essas questões no ambiente escolar ficou evidente, mesmo que em níveis diferentes e com a presença de debates relacionados a outros grupos sociais na escola.

*Nós temos muito conservadores dentro da escola, professores também. A gente vê pelos comentários na sala de aula, as brincadeiras, as piadinhas. Eles são assim porque são reflexo da sociedade [...] As pessoas de certa maneira ficam com receio, porque é um assunto sensível e acabam abordando outros temas. [...] é mais fácil falar de feminicídio do que da questão de gênero e sexualidade. (Professora do Colégio 2)*

*A questão da violência contra a mulher já é posta de que a gente tem que lutar contra. Sabe aquelas coisas que estão estabelecidas? A questão de religiosidade também meio que tá posto de que tem que respeitar e acabou, no espaço da escola. A questão LGBT que ainda fica aquela coisa estranha, do pessoal querendo negar. Eu acho que é exatamente talvez porque os projetos não focam nessas questões. (Professora do Colégio 3)*

Essa tensão em se tratar sobre gênero e sexualidade nas escolas tem tido destaque nos últimos anos com o crescimento na política brasileira de um discurso conservador, muitas vezes amparado em

ensinamentos cristãos, que tem na questão LGBTQIA+, na educação e na cultura seus principais locais de embate, tendo o silenciamento do questionamento às normas e do pensamento crítico como caminho<sup>5</sup>.

A professora do Colégio 2 traz em seu relato o quanto os discursos religiosos cristãos estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar e interferem muito diretamente na (im)possibilidade de se conversar sobre temas relacionados a gênero e sexualidade.

*Quando vamos principalmente pra questão de gênero, eles têm muito preconceito, parece que não, mas eles são muito conservadores, tem muitos evangélicos e tal, é difícil. [...] A religião interfere muito. Eu falo que eles têm que questionar mesmo os pastores, aí coloco todos, se for pai de santo tem que questionar, se for o padre, se for o guru, tem que questionar. Você tem que pensar com sua cabeça. Vai ouvir ele, que é teu guia espiritual, mas você tem que pesar na balança, ver se aquilo é legal. [...] A gente vai indo, é importante. Mas eu realmente não vejo muito espaço na escola pra tratar da questão de gênero. Mas a escola também não proíbe, não existe uma censura, é uma autocensura. Porque as pessoas têm medo de falar do assunto, ainda é um tabu. Como falei, até entre os professores e os próprios funcionários existe uma certa rejeição, um certo preconceito. Eles ficam com receio dos pais dos alunos irem lá e reclamarem da abordagem. Tem isso também, a gente sempre fica com um pé atrás, justamente por conta da religião.” (Professora do Colégio 2)*

Mas “se a escola é um espaço de reforço do binarismo de gênero, é certamente também um local de aposta no que pode ser diferente. Basta buscarmos caminhos.” (MOCHI, 2019, p.5) Estratégias possíveis são apontadas pelas pedagogias que trazem o diálogo, a transgressão e o questionamento como caminhos, contestando os regimes de verdade e visando um processo de ruptura e desaprendizagem das normas. Um primeiro passo essencial nesse sentido é reconhecer as

5 Uma das frentes a assumir a cruzada antigênero a partir do campo da educação é a dos parlamentares ultraconservadores, que vem apresentando, desde 2014 e em ritmo crescente, projetos de Lei estaduais, municipais e federal que buscam instituir o que a direita passou a chamar de ‘Escola sem Partido’. Disponível em: <http://www.reinoda-desinformacao.com.br/cap-i-a-palavra/>. Acesso em: 2 out. 2020

construções e contextos sociais que geram desigualdades e violências, como traz o aluno do Colégio 4.

*Eu acho que a gente precisa entender o contexto no qual a gente está inserido para conseguir resolver os problemas. Então se a gente nunca é apresentado às questões de gênero, se a gente nunca é apresentado a questões de sexualidade, se a gente não tem acesso a esse tipo de coisa, a gente não vai conseguir debater, a gente não vai conseguir resolver os problemas, a gente não vai conseguir se entender.[...] às vezes essa consciência social ela só é despertada quando você tem acesso a algum tipo de discriminação muito forte – mas às vezes você também não entende porquê dela estar ali, porque você é discriminado – ou quando te é apresentado de maneira formal. (Aluno do Colégio 4)*

Para além de expor os regimes normatizadores, LOURO (2012) propõe o estranhamento do currículo, no sentido de questionar as condições que permitem ou impedem o conhecimento. A autora traz também uma crítica à forma como identidades ditas diferentes estão presentes nas escolas, somente com ações pontuais que acabam por mantê-las em posição de exceção e inferioridade. Como contraponto, propõe uma pedagogia *queer*<sup>6</sup>, voltada para o processo da produção das diferenças, problematizando a instabilidade e precariedade de todas as identidades, trazendo como foco a potência dos questionamentos, não das certezas.

O aluno do Colégio 4 traz muito fortemente o quanto uma efetiva ocupação do espaço escolar pela diversidade foi marcante na sua formação e também um fator que aumenta sua admiração pela escola.

*A pessoa que eu era antes de estudar no Colégio 4 e a pessoa que saiu formada são pessoas completamente diferentes, com cabeças, visões e perspectivas totalmente diversas sobre o que é o mundo, sobre como ele funciona, sobre as relações. Na realidade eu não tinha*

6 Conexão proposta entre o pensamento *queer* e a educação. “Aposto na possibilidade dessa conexão e, para argumentar, preciso recuperar o *queer* como um conjunto de saberes (mais do que como uma teoria que lembraria sistematização e estrutura) e como disposição política. [...] Não são apenas novos temas ou novas questões que têm sido levantadas. São transformações que dizem respeito a quem está autorizado a conhecer, ao que pode ser conhecido e às formas de se chegar ao conhecimento.” (LOURO, 2012, p.365)

*nenhum tipo de contato com, por exemplo, causa negra, com a causa LGBT, com a causa feminista. Eu não fazia ideia, era totalmente ignorante, no sentido mais puro da palavra, em relação a essas coisas. [...] Eu estudei sempre em colégio público, tanto no fundamental, quanto médio, quanto agora no superior, e eu não tive acesso a esses debates em nenhum lugar antes do Colégio 4. Foi a porta de entrada pra isso e foi onde eu mais me identifiquei. [...] ele promove o debate, dá lugar, dá voz pras pessoas conseguirem falar, se expressar e mostrar um pouco do que pensam do mundo. Acho que esse é o papel que deveria ser da educação como um todo, mas que não é e acaba sendo muito excludente em relação a muitos conteúdos. (Aluno do Colégio 4)*

No Colégio 4 as temáticas de gênero e sexualidade estão presentes no currículo, em disciplinas como Sociologia. A professora do Colégio 3 ressalta o predomínio dos professores das diferentes disciplinas de Humanas e Linguagens nesses debates, mesmo que essas temáticas, tratadas por um viés social, não estejam presentes no currículo.

*Os professores de Humanas e de Linguagens costumam lidar mais com essas questões. A gente vê muita resistência do pessoal de exatas, que acha que escola não é pra isso. Mas tem um movimento grande. E os alunos também pautam isso. Se tem um aluno trans na escola esse assunto vai aparecer, não tem como você dizer que não vai discutir isso. Porque se você tá vendo seu aluno sofrer algum tipo de preconceito, você vai falar sobre, você vai trazer o assunto. [...] O coordenador diz que é uma escola LGBTfriendly, tem muitos alunos e alunas que são LGBTs e lidam com isso com uma certa naturalidade na escola. Mas tem muito preconceito também, sofrem muita violência com isso por parte de outros alunos e também por parte de uns professores. Mas tem um grupo de professores grandes que dá um suporte, dá uma orientada e faz com que eles se sintam minimamente acolhidos ali dentro. Até porque o próprio coordenador é gay, um dos coordenadores. (Professora do Colégio 3)*

Outro aspecto trazido na fala da professora do Colégio 3 é a dimensão do afeto. O respeito mútuo gera um ambiente de segurança para os estudantes se expressarem. A professora do Colégio 1 comenta

que “a partir do momento que você dá intimidade, mas você trata com carinho, trata com respeito, eles te retribuem da mesma maneira”, essa relação contribui para que os alunos se sintam confortáveis para expor suas questões. Ela exemplifica: “No meio da aula eles vão no pé da mesa da gente e desabafam. [...] Teve um que falou assim: ‘Eu não sou menino, eu sou uma menina’. Eles falam essas coisas pra gente, eles não têm muita censura não. Um ou outro tem, mas a maioria conversa, se expõe”.

Mas além dos professores, os próprios alunos muitas vezes movimentam os debates dentro da escola. Como é o caso do Colégio 4, no qual os estudantes têm grupos organizados para tratar de questões relacionadas a grupos não-hegemônicos. Foram esses grupos – Frente Negra, Frente Feminista e Frente LGBT – que organizaram a Semana da Diversidade, evento do qual a exibição de curtas aqui analisada fez parte.

*Foi um evento totalmente feito por alunos. A gente queria mostrar que a gente não depende de outras gerações, não depende de instâncias maiores pra gente influenciar pessoas ao nosso redor simplesmente pela nossa vontade. [...] na minha bolha estavam mais quem puxava os movimentos, então já conversava com a galera dos movimentos mesmo, e eles sempre me apresentavam esse tipo de debate, esse tipo de informação e de conteúdo. E aprendi muito com os próprios alunos. (Aluno do Colégio 4)*

No âmbito institucional, décadas de luta de diversos movimentos sociais refletiram em políticas públicas<sup>7</sup> que buscaram formas de reforçar a importância de trazer questões relacionadas a populações historicamente sub-representadas para serem debatidas em ambientes educacionais. Essas lutas e conquistas reverberam e dialogam com diversas áreas da sociedade e esse percurso faz com que o debate continue se propagando e se complexificando, motivado também pela presença cada vez maior na mídia e nas redes sociais dos debates relacionados a questões identitárias, principalmente entre os mais jovens. A professora do Colégio 3 corrobora com essa ideia trazendo,

7 Temos alguns exemplos, como o material didático proposto pelo programa Escola sem Homofobia (2011), a aprovação da Lei nº 10.639/2003, que traz obrigatoriedade para o ensino de história afro-brasileira nas escolas e a Lei nº 12.711/2012, Lei de Cotas no Ensino Superior.

ao comentar as respostas dos estudantes ao debate proposto na atividade do cineclub, que “a gente vê que a meninada de 16/17 anos tá pensando essas questões, não tá alheio”.

Como um exemplo de estudante que está ativo no debate contra-hegemônico, o aluno do Colégio 4 traz a importância de se dar a mesma atenção aos diferentes movimentos sociais, aos diferentes atores sociais invisibilizados:

*Não adianta nada eu querer pregar igualdade das raças, eu querer pregar contra a violência racial, e deixar, por exemplo, a violência contra pessoas LGBT ou contra mulheres. Não adianta nada a gente escutar uma coisa e excluir a outra. Toda luta tem que ser válida. (Aluno do Colégio 4)*

Ao propor levar uma atividade cineclubista para a escola com filmes que tratavam de temas ligados à gênero e sexualidade, interligados com raça e classe, durante a semana da consciência negra, a professora do Colégio 2 se mostrou preocupada em levantar um debate com viés interseccional, mas esbarrou na dificuldade dos estudantes em traçarem conexões entre os marcadores identitários-sociais presentes nas obras.

*Eu achei pertinente falar das duas coisas na semana da consciência negra, uma coisa interfere na outra. Mas o pessoal acha que falar de consciência negra é falar de escravidão, só isso. [...] Acharam que focava mais na questão de gênero e menos na consciência negra. Aí eu fui conversar com eles a respeito, que tinha tudo a ver os filmes. Porque eles acham que a questão de gênero envolve só da sexualidade, mas envolve outras questões também né. Tem o bullying, tem essa questão da escola, tem a rejeição da sociedade, até mesmo você conquistar, ascender socialmente, enquanto negro e gay. Por exemplo, você encontra uma série de dificuldades, envolvendo uma questão só. Só ser negro e só ser gay já é a maior dificuldade, imagina você unindo as duas coisas. Aí seja homem ou mulher tem toda uma dificuldade. Fui conversando com eles e eles acabaram entendendo. (Professora do Colégio 2)*

Essa visão que traz cada identidade separada, como algo fora de uma cadeia de relações e processos de construção, novamente foi tema de debate durante a atividade no Colégio 3. Também realizada

durante a semana da consciência negra, teve seu principal ponto de discussão em cima de um curta que abordava sexualidades dissidentes e jovens negros. Nesse caso o questionamento partiu de um professor – um homem branco, que se identificou enquanto gay – que afirmou durante o debate não ter achado pertinente o filme estar presente na atividade, pois segundo ele, só tratava da temática da sexualidade. Mas nessa escola a reação dos alunos à temática foi distinta, tendo eles próprios imediatamente ressaltado a importância de se debater construção de identidades de gênero e sexualidade por e em homens negros. Foram elencadas consequências e processos formadores da influência mútua e do diálogo entre marcadores sociais que vão além de ideias negativas como discriminação, subordinação e desigualdades, trazendo o foco também para as potências presentes nessas identidades não-hegemônicas.

HOOKS (2013), inspirada na pedagogia emancipatória de Paulo Freire, traz como objetivos dos profissionais da educação promover ambientes propícios para uma aprendizagem que liberte os estudantes das amarras coloniais, no sentido das barreiras impostas pelo gênero binário, da heteronormia, do racismo e do machismo (apud SOARES; FONTES, 2019, p.24). Como propostas de subversão à colonialidade, se convoca o reconhecimento e a criação de “estéticas, visualidades, poéticas, materialidades e corporeidades não hegemônicas” (SANTOS, 2019, p.6).

Foi a busca por essas outras poéticas que nos levou à escolha de ter como foco produções de curtas-metragens produzidos nos últimos anos por jovens realizadores, momento em que o cenário historicamente excludente da produção audiovisual brasileira<sup>8</sup> tem passado por mudanças graduais, com uma diversificação no perfil dos realizadores, o que se reflete em novas estéticas e novas temáticas sendo pautadas.

8 Entre os anos de 1970 e 2016 os filmes com grande público (acima de 500.000 espectadores) foram predominantemente dirigidos por homens (98%). Sequer um diretor não branco foi identificado [...]. No que se refere ao gênero, chama atenção o baixíssimo índice de mulheres na direção dessas produções, apenas 2%. Além disso, nenhuma delas é negra.” (CANDIDO et al., 2017, p.4).

## Considerações finais

Os assuntos relacionados a questões de gênero e sexualidade estão em evidência atualmente e a resistência em se abrir espaço para a discussão dessas temáticas foi comentário recorrente nas falas das professoras entrevistadas. Entretanto é possível notar diferenças significativas no nível de silenciamento desses debates em cada uma das escolas estaduais aqui citadas, sendo também muito diferentes entre si com relação aos contextos nos quais estão inseridas. Já no caso do colégio federal o cenário é muito distinto, com a presença de uma diversidade maior de opiniões divergentes e questionadoras e mais liberdade para expressão das identidades dos alunos, deixando em evidência que essas temáticas são espaços nos quais dialogam discursos diversos.

Apesar do perfil historicamente normatizador da escola e do atual cenário político de recrudescimento do embate ao questionamento e à transgressão das normas hegemônicas, há também a emergência de uma maior diversidade de vozes e identidades, disputando a criação de novos imaginários. Nas relações criadas dentro das comunidades escolares, a partir de propostas pedagógicas transgressoras, os discursos contra-hegemônicos encontram brechas e reverberam.

*Ter ficado ainda uma galera super interessada no final da sessão, querendo que continuasse, que tivesse de novo, foi positivo porque levantou o debate. E eles são aquelas sementinhas né, eles vão propagar aquele debate em outros círculos, dentro e fora da escola. Então é sempre válido. (Professora do Colégio 3)*

*O importante é debater, provocar, acho que você tem que fazer a provocação, entendeu? E aí depois vê o resultado né. Melhor do que fazer de conta que não existe o problema, que nada acontece, que esse é um assunto que é um tabu, de que não pode falar. Mas não é fácil. [...] A gente não consegue tocar a todos, mas alguns a gente consegue tocar e isso já é importante. Se de vinte alunos você consegue tocar um aluno, que ele mude a consciência dele, que ele mude os conceitos, já tá valendo. Se um for tocado já tá valendo, porque esse um vai se multiplicando. (Professora do Colégio 2)*

*O conhecimento funciona justamente dessa forma, a gente aprende uma coisa aqui, vai pegando de outro lugar e vai fazendo sementinha, até espalhar pelo mundo todo o que a gente conhece. (Aluno do Colégio 4)*

Nas atividades aqui analisadas, o cinema funcionou como ferramenta pedagógica, trazendo estéticas e visões de mundo diversas e impulsionando questionamentos que reverberaram nas comunidades escolares, e, assim, causando tensionamentos nos silêncios e normas impostas com relação a questões de gênero e sexualidade naqueles espaços.

## Referências

ARAÚJO, Denise Bastos de; CRUZ, Izaura Santiago da; DANTAS, Maria da Conceição Carvalho. Gênero e sexualidade na escola. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. Interseccionalidades. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

BIANCONI, Giulliana. Cap. I, no Brasil: A Palavra. Gênero e Número, ago. 2019. O Reino Sagrado da Desinformação. Disponível em: <http://www.reinodadesinformacao.com.br/cap-i-a-palavra/>. Acesso em: 2 out. 2020.

CANDIDO, Marcia Rangel; MARTINS, Cleissa, RODRIGUES, Raissa FERES Júnior, João. Raça e Gênero no Cinema Brasileiro (1995-2016). Boletim GEMAA, n.2, 2017. Disponível em: [http://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2017/06/Boletim\\_Final7.pdf](http://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2017/06/Boletim_Final7.pdf). Acesso em: 30 set. 2020

COLLING, Leandro. Gênero e sexualidade na atualidade. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LOURO, Guacira L. Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 363-369.

MOCHI, Luciene Celina Cristina. Afinal, do que é feita uma família? Maternidades lésbicas na escola. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

SANTOS, Mara Pereira dos. Arte e Educação. Brasília: Flacso Brasil, 2019.

SOARES, Mayana R.; FONTES, Ramon. Pedagogias Transgressoras. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

## OS “ARMÁRIOS” E OS LUTOS DA COMUNIDADE LGBT+: RELATO DE EXPERIÊNCIAS.

### **Clara Sullyvan de Lellis e Silva**

*Graduanda do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - GO, clarasullyvan1@gmail.com;*

### **Isabela Fleury de Souza**

*Graduanda do Curso Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - GO, isabelaflourpsi@gmail.com;*

### **Silvestre de Souza Coury Neto**

*Graduando do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - GO, silvestrescneto@gmail.com;*

### **Vitor Hugo Santos Nunes**

*Graduando do Curso Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - GO, vitornunespsi@gmail.com;*

### **Edvaldo Junio Virote da Silva**

*Professor orientador: Psicólogo, professor voluntário do Programa em Nome da Vida (PNV), professor voluntário do Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Luto, Pontifícia Universidade Católica de Goiás – GO, edvaldojuniov@gmail.com.*

## **Resumo**

Este relato de experiência é resultado do processo de construção de sentido do grupo focal “(Re)viver”, que faz parte do grupo de pesquisa em luto LGBT+, do Laboratório de Estudo Pesquisa e Intervenção em Luto da PUC Goiás. No grupo focal foi abordado o processo de coming out, também conhecido como “sair do armário”, momento em que os indivíduos reconhecem e aceitam suas preferências sexuais e sua identidade homossexual, manifestando esta identidade tanto na vida pessoal, para si mesmo,

quanto na vida social, de forma pública. Como todo desenvolvimento da vida, no *coming out* são vivenciados diversos lutos reais e simbólicos, já que é um processo que apresenta, além de descobertas, perdas. Assim, este trabalho tem por objetivo mostrar os diferentes lutos vividos por essa comunidade nos processos de *coming out* no contexto familiar, através de quatro relatos de experiência. Foi possível perceber, por meio dos relatos, que a existência de cada indivíduo é extremamente singular, e que o processo de *coming out* é influenciado pelas relações que esses sujeitos estabelecem ao longo da vida, seja pelo contexto em que vive, pela cultura e religião, seja pela forma de ser-no-mundo desta pessoa. Por fim, esses relatos de experiência servirão de base para demonstrar as vivências que assolam a comunidade LGBT+.

**Palavras-chave:** coming out, armário, luto, lgbt, família.

## Introdução

O luto é um fenômeno natural da vida, um processo constante quando se trata das variadas perdas que enfrentamos desde que nascemos. Há o luto real, quando perdemos fisicamente alguém querido que amamos, e há o luto simbólico, quando passamos por outras situações de perdas que não sejam físicas, como o fim de um relacionamento, o divórcio dos pais, a perda de um emprego, a saída de casa, as mudanças corporais.

Segundo Doka (1989, citado por FRANCO, 2015, p. 156), há algumas circunstâncias em que as pessoas “(...) experimentam a perda, mas não têm seus direitos, papel ou capacidade de pesar reconhecidos socialmente. Nesses casos, o luto não é reconhecido e a pessoa que sofre uma perda tem pouca ou nenhuma oportunidade de enlutar-se em público”. Infelizmente, o sofrimento vivenciado pela comunidade LGBTQ+, que ainda hoje é uma comunidade oprimida, excluída e marginalizada, não é uma dor que é ouvida ou validada por quem está fora desta comunidade (às vezes, nem por quem faz parte dela); não é abertamente reconhecida ou socialmente aceita. Por isso, os lutos dessa comunidade, sejam eles reais ou simbólicos, podem também ser chamados de lutos não-autorizados ou não-reconhecidos.

Dentre estes lutos simbólicos, há o processo de *coming out*, pelo qual todo indivíduo da comunidade LGBTQ+ já passou, está passando ou ainda irá passar, que é quando uma pessoa “sai do armário”, se reconhece e aceita sua identidade e preferências sexuais. É um “processo de modificações interpessoais complexo que dá origem a um conjunto de acontecimentos como o reconhecimento da orientação sexual de um sujeito” (CORREIA, 2012, p. 17, citando HANELEY-HACKENCRUK, 1989). No *coming out*, há um componente pessoal, mas também há componentes sociais e psicológicos. A pessoa que pensa em “sair do armário” e se “assumir” passa por diferentes dúvidas e angústias, considerando que vivemos em uma sociedade heteronormativa e religiosa em que as pessoas que possuem uma orientação sexual diferente da heterossexualidade passam por diversos sofrimentos, preconceitos e exclusões (SILVA; BARBOSA, 2016).

Além do processo complexo de *coming out*, essas pessoas, muitas vezes, também vivenciam um processo de repressão dentro da própria família, movimento chamado de homofobia intrafamiliar. Essa

punição acontece simplesmente por a pessoa ter uma sexualidade diferente da esperada pela família e aceita socialmente, ou seja, por essa pessoa não ser heterossexual. Assim, os membros familiares acabam inferiorizando a orientação sexual “diferente” com o discurso de que estão praticando violências porque a querem proteger das opressões e pressões que a sociedade irá impor a ela. Todo esse contexto punitivo tem ação direta nas experiências sociais e nas relações de maior confiança, como relações afetivo-sexuais, da pessoa que está sendo desrespeitada (SCHULMAN, 2009).

A homofobia intrafamiliar está ligada diretamente à exclusão, desde pequenos ataques até os mais brutais, sejam verbais, físicos ou psicológicos. Esses tipos de violências praticadas dentro da própria família se tornam um tabu por serem tão óbvias e negadas. Assim, pessoas homossexuais se vêem e se encontram sozinhas dentro desse grupo familiar que, teoricamente, deveria ter a função de acolher e amar, principalmente porque a maioria que vê a situação por fora não tem coragem de intervir, já que culturalmente há a ideia de que assuntos familiares são privados e intocáveis. Esse cenário faz com que quem está sendo violentado assuma um papel de bode expiatório, o que reforça ainda mais as crenças e ações homofóbicas dos demais por causa da evitação. A evitação é quando se exclui alguém de uma conversa, comunidade ou estrutura social, quando é retirada a voz da pessoa, a impedindo de falar ou retrucar por seus direitos. Dessa forma, há a instauração de uma crueldade mental, uma exclusão da vítima no ciclo familiar (SCHULMAN, 2009).

Essa exclusão dentro da própria casa e da própria família é um tipo de luto simbólico para as pessoas da comunidade LGBTQ+ que passam por isso. Perder o apoio de quem você ama, perder a confiança, o amor, e, muitas vezes, ser expulso de casa e perder até o espaço físico e seguro que tinha, são diversos lutos que se acumulam na vida destas pessoas.

O medo e a angústia em passar por estes momentos, muitas vezes, faz com que essas pessoas optem por continuar “dentro do armário”, aprisionando seus desejos e seu modo de ser para não serem julgadas. Assim, esse processo, que é tão complexo e singular, além da aceitação e da identificação, pode vir carregado de diferentes perdas e, conseqüentemente, de diferentes lutos. Infelizmente, uma parte significativa desta comunidade é expulsa de casa, do trabalho, ou tem vínculos rompidos após se assumirem. Todos estes momentos

são exemplos de perdas e de lutos simbólicos. O luto por tudo aquilo que se perdeu após a aceitação e a manifestação de sua identidade.

Considerando o que foi exposto, este trabalho tem o intuito de mostrar esses diferentes lutos experienciados por essa comunidade nos processos de *coming out*, através de quatro relatos de experiências do Grupo Focal “(Re)viver”, que faz parte do grupo de pesquisa em luto LGBTQ+, do Laboratório de Estudo Pesquisa e Intervenção em Luto da PUC Goiás.

O Grupo Focal (GF), segundo Margon (1997) e Kitzinger (2000) (citado por TRAD, 2009, p. 780) é uma técnica de pesquisa qualitativa derivada de entrevistas em grupos, focando na comunicação e na interação dos participantes. O objetivo de um GF é incentivar a compreensão de percepções, crenças, temas, produtos ou serviços. Para sua atuação, há a escolha de temática que será estudada detalhadamente a partir de um grupo - neste caso, a temática do processo do *coming out* na comunidade LGBTQ+. O GF também pode ser descrito como “protótipo da entrevista semiestruturada” (FLICK, 2002, p. 128), sendo feito em reuniões na qual os integrantes debatem abertamente e de forma acessível um tema de interesse em comum (GASKELL, 2002).

O interesse pela construção do grupo de pesquisa, do grupo focal e dos relatos de experiências se deu por conta da falta de referências e trabalhos neste assunto. O luto, que já é um tema “tabu”, quando se junta ao tema da comunidade LGBTQ+, que também é um tema não tão falado, se torna duplamente um tabu, ficando evidente a necessidade de maior produção direcionada para esses temas. O objetivo é aumentar cada vez mais a pesquisa neste campo, dar cada vez mais voz e escuta à essa comunidade, falar cada vez mais sobre os processos de luto para que a sociedade como um todo aprenda a lidar melhor com eles, respeitando a singularidade de cada indivíduo enlutado.

Os resultados obtidos com as reuniões do GF, análises dos dados e com este relato de experiência deram uma visão ampla sobre o *coming out* para si mesmo, na família, na escola e na universidade. Foi possível afirmar os diversos processos de luto que todos os participantes passam dentro dessas três esferas no processo de “sair do armário” e o quanto isso os afeta socialmente, psicologicamente e individualmente. Além disso, um dos principais fatores obtidos com o estudo foi a percepção da individualidade que cada membro da comunidade LGBTQ+ tem e o quanto é importante cada um manter sua

trajetória e suas características individuais, assim como compartilhá-las com outras pessoas, para preservar a sua saúde mental.

## Metodologia

O método utilizado para realizar o relato de experiência, que foi fundamentado na abordagem qualitativa, tem por base a observação realizada em um grupo focal, abordando as experiências do processo de *Coming Out* com pessoas pertencentes à comunidade LGBTQ+. Na abordagem qualitativa, os indivíduos são colocados como instrumento principal do processo de investigação, tendo o relato como fonte de coleta de dados com riqueza de elementos fundamentais para a discussão proposta. Segundo Alves (1991), a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico pode ser dividida em três etapas importantes: o período exploratório, a investigação focalizada e a análise final; após esses três processos teremos a elaboração do relatório. Discorreremos, a seguir, sobre como tais etapas se constituíram em nosso trabalho.

O período exploratório foi marcado pelo aspecto fundamental da investigação de escolha dos/as participantes adequados à pesquisa. Foi nesse período exploratório que entramos em contato direto com o público almejado para investigar e que, direcionado pelo objetivo da pesquisa, formulamos a escolha dos/as participantes. Essa escolha se deu com base em somente dois critérios: o participante compreender-se como membro da comunidade LGBTQ+ e a disponibilidade para participar do encontro do grupo focal. Dos possíveis participantes os quais entramos em contato, 4 (quatro) se dispuseram a participar do grupo focal, com os quais inicialmente fizemos o levantamento de dados etnológicos relevantes ao estudo, como gênero, idade, estado civil, cor/raça e grau de instrução e que, na fase focalizada, participaram do grupo focal.

Na fase focalizada, buscaram-se instrumentos que abranjam de forma sistemática os dados a serem coletados em relação ao objeto de estudo. O objetivo principal de um grupo focal é identificar e aprofundar diferentes ideias, sentimentos e concepções das pessoas sobre uma temática específica. Esquematizamos então o grupo focal para ser mediado por perguntas semi estruturadas abrangentes ao tema que instigariam os/as participantes a compartilharem e debaterem suas experiências de forma coletiva, através da plataforma online Microsoft Teams, expondo suas vivências, posicionamentos e justificativas.

Durante o grupo focal foi utilizado um roteiro de perguntas semi estruturadas, composto por sete perguntas, sendo elas: “Como foi o processo de *Coming Out* para vocês? Vocês tinham quantos anos?”; “Como vocês perceberam a relação do processo de *Coming Out* e a família de vocês?”; “Em relação a escola e o processo de *Coming Out*?”; “No processo do *Coming Out*, o que mais marcou cada um de vocês?”; “No ato do *Coming Out*, quais sensações e emoções vocês sentiram?”; “Se hoje vocês pudessem mandar um recado para vocês mesmo antes do processo do *Coming Out*, qual recado/mensagem seria?”; e “Se vocês pudessem definir o processo de *Coming Out* de cada um em uma palavra, qual seria?”.

Por fim, na fase de análise final e elaboração do relatório, houve a organização e compreensão dos dados etnológicos e relatos emergentes coletados no grupo focal, registrados durante todo o percurso do trabalho.

## Resultados e discussão

Participaram do grupo focal e responderam às perguntas semi estruturadas participantes, sendo 2 do sexo feminino e 2 do sexo masculino. As duas do sexo feminino se identificaram como bissexuais, e os dois do sexo masculino como gays. Desses quatro participantes, 3 tem ensino superior incompleto e 1 tem ensino superior completo. O grupo focal contou com 2 mediadores. Além dos 2 mediadores, 3 pessoas também ajudaram na coleta de dados, análise das respostas e construção deste relato de experiência.

A partir das respostas para as sete perguntas feitas sobre o processo de *coming out*, e após análise destas respostas, os resultados foram divididos em três diferentes categorias: autopercepção sobre o processo de *coming out*; família e *coming out*; e ambiente escolar e universitário e o processo de *coming out*. A seguir, as três categorias serão analisadas a partir dos resultados e com base na literatura sobre a temática.

**Tabela 1. Dados demográficos dos participantes**

Participante	Gênero	Idade	Estado Civil	Cor/ Raça	Grau de instrução	Orientação Sexual
P1	Feminino	24	Solteiro(a)	Branca	Ens. Superior Inc.	Bissexual
P2	Feminino	22	Solteiro(a)	Branca	Ens. Superior Inc.	Bissexual
P3	Masculino	23	Solteiro(a)	Branca	Ens. Superior Inc.	Homossexual
P4	Masculino	24	Solteiro(a)	Preta	Ens. Superior Comp.	Homossexual

### Autopercepção sobre o processo de *Coming Out*

É imprescindível que alguns fatores atravessem o Grupo Focal (GF), como a questão da moralidade, intrínseca na malha social. Essa moralidade, repleta de normas e regras, apontam conflitos entre “normal” e “não normal” para a comunidade LGBTQ+. Uma das integrantes do GF, ao falar da sua relação com sua mãe, chegou a mencionar que *“Acho que isso a mata aos poucos, lidar com essa dúvida. Contudo, ainda não criei coragem para enfrentar o quanto minha vida viraria de cabeça para baixo se ela descobrisse a verdade”*, ou seja, essa confusão acarretada desses comportamentos ditos “normais” é algo que permeia e engendra lutos simbólicos diariamente. Somado a isso, a dualidade entre o masculino e o feminino é algo que marcou uma quantidade significativa de falas no GF, visto que a performance exigida socialmente aos integrantes da comunidade LGBTQ+, sempre foi vista por um olhar míope e reducionista que não consegue enxergar a pluralidade e singularidade desta comunidade.

Concomitante a este recorte social, é possível perceber também a internalização dos discursos heteronormativos: *“Até então, me entendia como heterossexual”*, disse uma das participantes. Palavras como *“confusão”, “nojo”, “vergonha”* ou frases como *“...eu já sabia que aquilo era errado”* ou *“...pedia pra ela (mãe) tirar o capeta do meu corpo”* evidenciam, segundo Schulman (2010) o conceito de *“falsa acusação”*, onde a homossexualidade é vista como errada e/ou inferior a heterossexualidade. A internalização destas falas causam um sofrimento, que, transpassado por um contexto social onde a comunidade LGBTQ+ é oprimida, excluída e marginalizada, dificultando assim as vivências dos lutos simbólicos e não reconhecidos no processo de *Coming Out*.

Em alguns dos relatos, é notório esse tipo de visão - dentro e fora da comunidade -, como a fala de uma das participantes *“Me colocavam*

como hétero da rodinha, falavam que eu era 'bi de balada' e que estava só experimentando ter tesão com mulheres quando estava bêbada”, ou, até mesmo, essa fala de outro integrante “Eu me forçava a ser uma pessoa que eu não era” e, para finalizar, esse recorte que diz muito sobre todo o GF “...eu tive dificuldade em 'definir' a minha sexualidade”, que resume explicitamente essa dualidade vivida pelos participantes. Portanto, é inviável falar sobre autopercepção sem mencionar os aspectos psicossociais que atravessam toda a comunidade. (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

Em virtude dos fatos mencionados acima podemos observar que, no processo de autopercepção sobre o *Coming Out*, fica evidente diversos armários que a comunidade LGBT+ às vezes necessita utilizar para se resguardar.

### Família e *Coming Out*

Considerando as falas mencionadas durante a realização do Grupo Focal (GF), observamos que no processo de *Coming Out* em uma família que já havia um membro integrante da comunidade LGBT+, a revelação aos familiares tornou-se, na fala do participante, “tranquilo”. Em contraste a esta fala, dois participantes relataram a homofobia familiar em seu processo de *Coming Out*, vivenciando sofrimentos, preconceitos e exclusões pela experiência de “assumir-se”, onde os participantes, mediados por um processo de interrogação pessoal, se opuseram à expectativa social sobre sua sexualidade. Segundo Schulman (2010), estas falas evidenciam o conceito da autora de “bode expiatório ideal”, em que, nos contextos familiares nos quais membros LGBT+ estão sozinhas(os), acabam se tornando tela projetora de depósito das deficiências e ressentimentos dos familiares heterossexuais, cientes e resguardados da omissão social quanto possíveis intervenções nesse contexto intrafamiliar.

Assim, é visível que dentro desses contextos intrafamiliares diversos, os aspectos internos dos integrantes do GF foram alvo, em sua maioria, de lutos simbólicos e não-reconhecidos, que assolam a comunidade LGBT+, justamente porque a família é uma força motriz em não validar ou legitimar os relacionamentos que os indivíduos, pertencentes a essa parcela, vivem. Uma das integrantes, que se assumiu como bissexual e já teve relacionamentos com mulheres, mas hoje namora um homem, por exemplo, cita que “*Alguns ainda acham*

*que foi apenas uma fase*”, deixando claro que os familiares não legitimam essa

identidade sexual dela. Além disso, somado a essa não legitimidade, há a violência psicológica atrelada, visto que, em um dos recortes como “*o quanto eu acabaria com a vida dela se gostasse de alguém do mesmo sexo*”, fica claro a agressividade, intolerância e preconceito enraizados nas falas que a filha ouve da mãe e a faz ter essa percepção. Por fim, é crucial o papel da família nesse *Coming Out*, visto que para uma quantidade significativa do GF a família foi um fator de grande pesar e que acarretou em processos de enfrentamentos e sofrimento diversos.

### **Ambiente escolar e universitário e o processo de *coming out***

Embora os participantes tenham relatado experiências difíceis no meio intrafamiliar, no ambiente escolar e universitário observou-se que as experiências dos quatro participantes foram mais tranquilas. Todos relataram que não tiveram grandes problemas nestes contextos, nada que os afetasse diretamente. Dois dos participantes passaram pelo processo de *coming out* no ensino fundamental, e as outras duas apenas na universidade.

Estas duas participantes que passaram pelo processo de *coming out* apenas na faculdade relataram que, antes disso, nem imaginavam que não eram heterossexuais. “*Durante o meu período escolar eu não pensava que existia outra alternativa além de heterossexual para mim. (...) Quando entrei na faculdade de psicologia foi como se estivesse entrando em um mundo completamente diferente do que estava acostumada*”. Assim, podemos enxergar a universidade como um local que ajudou no processo de descoberta destas participantes.

Sabemos, no entanto, que estes quatro relatos não falam por toda a comunidade LGBT+, que essa não é a realidade de todos, e que, infelizmente, muitos integrantes desta comunidade têm experiências difíceis e traumatizantes no ambiente escolar. Em uma pesquisa realizada em 2015 pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais (ABGLT), 73% dos jovens que se identificam pertencentes à comunidade LGBT+ sofreram algum tipo de violência verbal dentro dos muros da escola por causa da sua orientação sexual.

Observando as respostas dos participantes e os resultados como um todo, é possível perceber que mesmo identificando sentimentos como medo, culpa e vergonha durante o processo de *Coming Out*, e mesmo tendo vivido situações de preconceito e exclusão pela família ou pela sociedade heteronormativa em que vivemos, os participantes do GF terminaram seus relatos com palavras e frases positivas. “Liberdade” e “Gratidão” foram duas das palavras que definiram os processos de *Coming Out*, segundo os próprios participantes.

Por fim, os participantes disseram frases que gostariam de falar para si mesmos antes de terem passado por esse processo. Através destas frases e das palavras ditas anteriormente, pudemos perceber que o sentimento de liberdade e de se sentir completo após se assumir sobressaem aos eventos traumáticos passados: “*Se afaste de todos que invalidam sua sexualidade, pare de se esconder por medo e vá viver a sua vida. A vida é sua, sempre será difícil, mas no final quem precisa viver é você. Ninguém a viverá no seu lugar*”.

Assim, em virtude dos fatos mencionados acima, podemos afirmar que o Grupo Focal (GF) oportunizou uma experiência única para a equipe de pesquisadores, uma vez que o GF valoriza a singularidade de cada participante, promovendo um espaço de trocas de experiências, troca de reflexões e de promoção de saúde.

Além disso, foi alcançado com êxito o objetivo da pesquisa. As trocas de experiência coletadas no GF permitiram uma ampla visão sobre o processo do *Coming Out*, tanto para si mesmo como nos contextos familiar e escolar. Foi possível perceber que, mesmo sendo um processo com tantas dores, perdas e lutos, os participantes enxergam um lado positivo em tudo isso: o descobrir-se e aceitar-se por inteiro.

## Considerações finais

Os relatos coletados por meio do Grupo Focal reafirmam que o processo de *Coming Out* engloba vários processos de luto, sendo eles reais e predominantemente simbólicos. As facilidades e/ou as complicações para o autoconhecimento sobre a própria orientação sexual, interferem de forma significativa no processo de elaboração e ressignificação da não heteronormatividade (luto simbólico), ou seja, pertencente à comunidade LGBTQ+. Vale lembrar que a “condição” de ser LGBTQ+, reforça diversas barreiras que essa comunidade precisa enfrentar por ser diferente, como sentimentos de rejeição,

atos preconceituosos, violências. Aspectos relacionados a famílias e ambiente educacional podem também interferir de forma a favorecer o processo ou desfavorecer a auto aceitação dos membros pertencentes à esta comunidade.

Em virtude do que foi mencionado, o presente relato de experiência atingiu o objetivo proposto, levando em consideração que a experiência ecoou na equipe de pesquisadores também, no sentido de repensar sobre a influência da heteronormatividade em todas as esferas sociais. A presente pesquisa abre margem para a urgência em investigar, de forma mais detalhada, cada um dos aspectos relacionados ao processo de *Coming Out* e os processos de lutos que envolvem a necessidade quase constante em “voltar aos armários”, necessidade esta que a comunidade LGBT+ apresenta em diversas situações. Outro ponto essencial para futuras pesquisas é a necessidade de ouvir o outro lado da história, a família. Precisamos compreender e desmistificar o processo de homofobia intrafamiliar como um fenômeno histórico-cultural; se isso não for feito, o ciclo da violência nunca terminará, e a comunidade LGBT+ continuará sofrendo e adoecendo.

## Referências

ALVES, A. J. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação.** São Paulo: Cadernos de Pesquisa, 1991, n. 77, p. 53-61.

CORREIA, J. M. **O Processo de Coming Out dos Jovens LGB: A Rede de Suporte e a sua influência nos Comportamentos de Risco e Qualidade de Vida.** Universidade da Beira Interior: Ciências Sociais e Humanas, 2012.

FLICK, U. Entrevista episódica. In: GASKEL, G.; BAUER, M. W. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 114-136.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

SCHULMAN, S. **Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento.** FERNANDES, F. B. M. (Trad.). Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, 2010, v.4, n. 05, p. 67-78.

SILVA, L. V.; BARBOSA, B. R. S. N. **Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa.** Estudos de Religião, 2016, v. 30, n. 3, p. 129-154.

TRAD, L. A. B. **Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde.** Physis, Rio de Janeiro , v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009 .

PERUCCHI, J.; BRANDAO, B. C.; VIEIRA, H. I. dos S. **Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays.** Estud. psicol. (Natal), Natal , v. 19, n. 1, p. 67-76, Mar. 2014 .

## ATENDIMENTO EM SAÚDE AOS HOMENS TRANS: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

### **Mariana Camargo Tumonis Oliveira**

*Assistente Social do Hospital Universitário Pedro Ernesto/UERJ, especialista em Serviço Social e Saúde e em Gestão Pública. Preceptora de residentes e supervisora de estagiários na equipe de Serviço Social do HUPE/UERJ. Atualmente é integrante da equipe responsável pelo atendimento social às pessoas trans do HUPE/UERJ-RJ, marictoliveira@gmail.com;*

### **Aline Maia Diniz**

*Assistente Social pós graduanda no Curso de Especialização em Serviço Social e Saúde na UERJ e residente do Hospital Universitário Pedro Ernesto com inserção do ambulatório do processo transexualizador. Especialista em Comunicação e Saúde pelo ICICT/FIOCRUZ-RJ, aline.mariadiniz@gmail.com;*

### **Rayssa Harumi Ohara Ferreira**

*Assistente Social pós graduanda no Curso de Especialização em Serviço Social e Saúde na UERJ e residente do Hospital Universitário Pedro Ernesto com inserção do ambulatório do processo transexualizador - RJ, rayssachan@hotmail.com;*

### **Yanka Martins Pereira**

*Assistente Social pós graduanda no Curso de Especialização em Serviço Social e Saúde na UERJ e residente do Hospital Universitário Pedro Ernesto com inserção do ambulatório do processo transexualizador - RJ, yanka.martins@hotmail.com;*

### **Marcia Cristina Brasil Santos**

*Assistente Social, coordenadora ambulatorial do processo transexualizador do Hospital Universitário Pedro Ernesto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - HUPE/UERJ. Doutora em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - RJ, mcristinabrasil@hotmail.com.*

## Resumo

O presente artigo, fundamentado no referencial teórico metodológico de inspiração marxista, tem por objetivo relatar uma experiência de trabalho interdisciplinar entre os profissionais da equipe de medicina integral e da equipe de Serviço Social do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) no Estado do Rio de Janeiro. Trata-se de uma experiência envolvendo o esforço das duas equipes para organizar a oferta e garantir o acesso de homens transexuais ao atendimento ambulatorial para cuidados integrais em saúde. Frente à ausência de uma estruturada política pública de saúde voltada para pessoas trans no estado do Rio de Janeiro, essa experiência tem contribuído para identificar uma significativa demanda reprimida por esse tipo de atendimento, desembocando em processos de severa desassistência e violação de direitos dessa população, bem como tem apontado um significativo desamparo dos profissionais, que precisam, sozinhos, criar alternativas de atendimento sem o apoio / responsabilização dos gestores do SUS no território. No curso desse processo, a equipe de Serviço Social se utilizou de estratégias pautadas em práticas educativas no intuito de provocar a reflexão e a orientação dos profissionais envolvidos no atendimento aos homens transexuais, com o objetivo de melhor acolhê-los diante do preconceito que muitos encaram durante a busca por atendimento médico.

**Palavras-chave:** Trabalho interdisciplinar, Homens transexuais, SUS, Práticas educativas, Serviço Social.

## Introdução

O presente artigo se constitui como parte da sistematização da prática profissional de assistentes sociais inseridas no ambulatório do processo transexualizador do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), unidade de saúde pública, vinculada a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

No que compete ao processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS), regulamentado pela Portaria 2803/2013, o referido Hospital desempenha um papel fundamental, visto que, é a única unidade de saúde pública habilitada pela portaria, no estado do Rio de Janeiro, para a realização de cirurgias de redesignação genital. Além das intervenções cirúrgicas, são disponibilizados atendimentos ambulatoriais, dentre as especialidades previstas no processo, a homens e mulheres transexuais. Romper com as limitações encontradas para a efetivação dos atendimentos tem sido um desafio para o Serviço Social.

Frente à ausência de uma estruturada política pública de saúde voltada para o atendimento de pessoas trans no estado do Rio de Janeiro, destaca-se o esforço conjunto da equipe de Serviço Social e dos profissionais do Ambulatório da Medicina Integral (AMI) no sentido de organizar a oferta e garantir o acesso de homens transexuais<sup>1</sup> ao atendimento ambulatorial para cuidados integrais em saúde.

Esta iniciativa se constituiu a partir da necessidade de viabilizar o acesso de homens transexuais ao atendimento clínico de medicina integral, mediante o estabelecimento de fluxo entre a equipe de Serviço Social e estes profissionais. Superar a severa desassistência, com destaque para a dificuldade de inserção na atenção primária, bem como a violação de direitos deste público alvo foram os objetivos principais desta proposta de trabalho. Além disso, a efetivação deste projeto propunha a ampliação do trabalho interdisciplinar, conforme preconizado pelo Código de Ética Profissional do Serviço Social.

1 A proposta do trabalho interdisciplinar se restringe ao atendimento de homens transexuais devido à recorrência de relatos, durante os atendimentos realizados pela equipe do Serviço Social do processo transexualizador, sobre as dificuldades encontradas por este grupo para acesso a consultas, em especial as ginecológicas, em unidades básicas de seus territórios.

O incentivo para a realização do trabalho conjunto resulta de uma significativa demanda reprimida, principalmente por consultas e exames ginecológicos, relatadas por homens transexuais acompanhados no ambulatório do processo transexualizador. Estes usuários apresentam demandas de cuidados em saúde que, em geral, não têm sido absorvidas pela rede de saúde em âmbito municipal e estadual. Além disso, quando acessam, acabam se deparando com situações de despreparo profissional, o que tornam as experiências constrangedoras e transfóbicas e se constituem como barreiras de acesso e continuidade de cuidados em saúde. Neste contexto, o Ambulatório de Medicina Integral se destaca como um espaço capaz de ofertar assistência clínica / ginecológica humanizada, conforme previsto no escopo do atendimento de medicina de família e comunidade.

Metodologicamente, optou-se pela utilização da abordagem quali-quantitativa dos dados, onde, inicialmente foram identificados os usuários que se encontravam dentro dos critérios estabelecidos para o encaminhamento ao ambulatório da AMI e posteriormente o desenvolvimento de práticas educativas com os profissionais que compõem a equipe de atendimento.

Pode-se considerar que o desenvolvimento desta frente de trabalho se constituiu como uma importante experiência de trabalho interdisciplinar e como um grande avanço na ampliação e viabilização do acesso a homens transexuais que buscam acompanhamento de saúde e por vezes se deparam com barreiras institucionais e profissionais. Ainda neste cenário, se faz importante ressaltar os limites postos pela pandemia da Covid-19 e seus rebatimentos nas unidades de saúde.

## Metodologia

A metodologia, segundo Minayo (2012), consiste no caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, devendo dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado e capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. Com o intuito de garantir a estruturação das ações a partir dos objetivos apresentados, optou-se pela utilização de uma abordagem quali-quantitativa dos dados. Ao mesclar as duas análises, objetiva-se uma maior aproximação da equipe de assistentes sociais com as demandas apresentadas

por seus usuários e uma definição da amostra a ser contemplada pelo trabalho proposto.

A identificação de homens transexuais a serem encaminhados para o atendimento no AMI foi realizada por meio da análise de estudos sociais e registros de atendimentos a partir do ano de 2019. A amostra do trabalho envolve usuários que residem no estado do Rio de Janeiro e que, durante o atendimento com a equipe de assistentes sociais do processo transexualizador, relataram a procura por assistência em saúde e reportaram as dificuldades de inserção nos serviços de atenção primária para acompanhamento clínico e consultas ginecológicas em seus territórios.

A princípio, foi identificado um grupo de aproximadamente setenta homens transexuais com esta demanda reprimida. O encaminhamento para o atendimento médico no AMI está condicionado a um contato prévio para a apresentação da proposta de trabalho interdisciplinar e posterior confirmação de interesse por parte do usuário. Foram priorizados àqueles cujas demandas ainda estavam pendentes. Foram disponibilizadas, pela equipe médica, seis vagas mensais para o atendimento ambulatorial de homens transexuais encaminhados pelo Serviço Social.

Em relação ao trabalho interdisciplinar, a equipe de assistentes sociais pautou suas ações em práticas educativas no intuito de provocar a reflexão e orientar os profissionais envolvidos no atendimento e acolhimento dos homens transexuais. A prática da educação em saúde, estratégia bastante comum no campo da saúde e particularmente utilizada pelo Serviço Social, tem por objetivo, neste caso, a socialização de informações que refletem a leitura crítica da realidade dos usuários e, neste caso, tem por objetivo garantir o respeito e a superação de todas as formas de preconceito encaradas durante a busca por atendimento médico.

Além das atividades presenciais, pensadas a partir da realização de rodas de conversa com os profissionais do AMI, foram distribuídos materiais informativos acerca do processo transexualizador e sobre os principais direitos dos usuários acompanhados. A abordagem de temáticas referentes à diversidade de gênero, cuidados ao público LGBTQI+, o respeito ao uso do nome social e a transfobia e suas formas de enfrentamento são exemplos de prerrogativas indispensáveis para o êxito no atendimento e respeito ao público trans. Considerando

que essa temática não se esgota, reforça-se a necessidade de atividades educativas permanentes.

## Referencial teórico

A política pública de saúde no Brasil, expressada por meio do SUS, é reconhecida na Constituição Federal de 1988 e regulamentada pelas Leis 8080/90 e 8142/90. A construção do SUS, a partir dos ideais e da luta do movimento da Reforma Sanitária Brasileira, demarcou o reconhecimento da determinação social no processo saúde-doença.

A partir dessa compreensão pode-se inserir o debate da identidade de gênero no âmbito da política de saúde, do SUS. O Brasil é signatário dos princípios de Yogyakarta, documento publicado em 2006, na Indonésia, que define os princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Neste documento, a identidade de gênero é definida:

como estando referida à experiência interna, individual e profundamente sentida que cada pessoa tem em relação ao gênero, que pode, ou não, corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo-se aí o sentimento pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive o modo de vestir-se, o modo de falar e maneirismos. (Yogyakarta, 2006:10)

Os homens transexuais identificados em nossa amostra são pessoas que se identificam e expressam a identidade de gênero masculina e que realizam acompanhamento no ambulatório do Processo Transsexualizador.

Entende-se por processo transsexualizador “o conjunto de alterações corporais e sociais que possibilitam a passagem do gênero atribuído para o gênero identificado, a cirurgia de transgenitalização (mudança de genitália) não é a única etapa deste processo” (BENTO, 2008:146)

A compreensão do processo transsexualizador para além da demanda cirúrgica exige dos profissionais envolvidos no atendimento

ao público trans um planejamento de suas ações, considerando o conceito ampliado de saúde, proposto pela Lei 8080/90. Neste sentido, garantir a interdisciplinaridade no atendimento aos usuários torna-se indispensável para o efetivo cuidado em saúde. Para melhor compreensão, ressalta-se que “a interdisciplinaridade deverá ser desenvolvida a partir da verdadeira cooperação entre os saberes, e isso só será possível se as pessoas que detêm diferentes conhecimentos trabalharem interligadas” (Minayo, 1994).

Uma das principais dificuldades relatadas pelos homens transexuais para o acesso ao serviço de ginecologia consiste nas práticas de transfobia ocorridas nas instituições. Neste sentido, com o objetivo de problematizar e incentivar a reflexão sobre as diferentes violências que perpassam o cotidiano das pessoas trans, foram pensadas ações de cunho socioeducativo com a equipe profissional do AMI. Cabe destacar que Abreu (2009) situa o Serviço Social como uma profissão inserida na divisão sociotécnica do trabalho, como uma atividade eminentemente educativa. Dessa forma,

As ações socioeducativas e/ou educação em saúde não devem pautar-se pelo fornecimento de informações e/ou esclarecimentos que levem a simples adesão do usuário, reforçando a perspectiva de subalternização e controle dos mesmos. Devem ter como intencionalidade a dimensão da libertação na construção de uma nova cultura e enfatizar a participação dos usuários no conhecimento crítico da sua realidade e potencializar os sujeitos para a construção de estratégias coletivas. (CFESS, 2010:55).

Considerando o exposto, a intervenção profissional direta com os usuários atendidos no ambulatório e a articulação para a viabilização do acesso busca reafirmar alguns dos princípios do Código de Ética Profissional do Serviço Social. Destacam-se o empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, com o incentivo ao respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão de diferenças, o compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional.

## Resultados e discussão

A proposta de trabalho interdisciplinar com a equipe médica do AMI representou para as assistentes sociais, que atuam no processo transexualizador, um importante avanço na garantia do direito à saúde dos homens transexuais acompanhados nesta unidade de saúde. Estabelecer os fluxos para os encaminhamentos e atendimentos ambulatoriais exigiu a articulação das duas equipes para a melhor definição. Considerando a necessidade de institucionalizar a iniciativa, foi elaborado um projeto de intervenção para conhecimento e aprovação da direção hospitalar.

A aproximação, propriamente dita, com a equipe do AMI foi iniciada em novembro de 2020. Neste período, foram pensados os objetivos do trabalho conjunto, bem como as condições para sua efetivação. Com o intuito de refletir sobre as vivências de pessoas trans, o acesso destes aos serviços de saúde e a importância de garantir que seus direitos sejam respeitados durante o atendimento, foi proposto pela equipe do Serviço Social a realização de uma atividade educativa com os profissionais alocados no referido ambulatório. O objetivo principal seria provocar a reflexão acerca dos direitos dos usuários desde sua recepção no ambulatório até o momento da consulta. Devido ao grande fluxo de atendimentos no AMI, não foi possível reunir todos os envolvidos, sendo a atividade limitada à entrega de materiais informativos para distribuição.

Refletir acerca das dificuldades para a materialização desta proposta de trabalho interdisciplinar exige a compreensão da necessidade de reestruturação da unidade hospitalar para atendimento a usuários com COVID-19 no ano de 2020. Em um ano marcado pelo avanço da pandemia em território nacional e a inclusão do Hospital no Plano de Resposta de Emergência ao Coronavírus no Estado do Rio de Janeiro<sup>2</sup>, vivenciou-se a reorganização dos atendimentos ambulatoriais e em

2 Documento datado de 31 de janeiro de 2020, assinado pelo Sr. Edmar José Alves dos Santos, Secretário de Estado de Saúde à época, tem por objetivo sistematizar as ações e procedimentos de responsabilidade da esfera estadual de governo, de modo a apoiar em caráter complementar os gestores municipais no que diz respeito à resposta ao surto do Coronavírus, de maneira antecipada e também na organização de fluxos para o enfrentamento de situações que saem da normalidade.

suas enfermarias, bem como a suspensão de consultas e internações eletivas e de menor complexidade.

Apesar da articulação com a equipe do AMI ter iniciado no final de 2020, período em que os ambulatórios estavam retomando as suas atividades, o risco de um novo crescimento no número de casos de infectados pelo COVID-19 foi sempre uma preocupação dos profissionais do ambulatório. Em dezembro de 2020, por meio da identificação de demandas mais emergenciais, foram encaminhados pelo Serviço Social dois homens trans para atendimento no AMI. Dentre eles, um não compareceu, não tendo justificado a sua ausência, e o outro foi devidamente atendido. Relatos de experiências positivas tanto por parte do usuário quanto pela equipe médica surgiram após o atendimento.

A continuidade dos atendimentos está vinculada à organização da equipe médica do AMI. Embora apenas dois encaminhamentos tenham sido realizados, é inegável a importância desta iniciativa para todos os envolvidos. Neste sentido, o Serviço Social segue na defesa dos direitos de seus usuários, no incentivo ao trabalho interdisciplinar e na valorização de práticas permanentes de educação em saúde.

## Considerações finais

Compreender a realidade posta nos meandros da política de saúde para a partir dela assumir no cotidiano de trabalho uma postura crítica e propositiva, alinhada aos princípios norteadores do Código de Ética Profissional, do Projeto de Reforma Sanitária e do Projeto Ético-Político da profissão, é tarefa primordial para o assistente social.

Considerando que o assistente social é um profissional da saúde e que trabalha com as múltiplas manifestações da questão social, ressalta-se a importância de utilizar seu instrumental técnico-operativo durante as abordagens e dele extrair alternativas reais de enfrentamento para as demandas apresentadas, visando a construção de novas possibilidades e olhares sobre a situação de saúde de seus usuários.

A experiência interdisciplinar apresentada neste artigo representa uma importante iniciativa contra a violação do direito à saúde de homens transexuais. Apesar dos atuais entraves para a sua efetivação, bem como a limitação ainda a um grupo restrito, representa um importante avanço institucional diante da ineficácia estatal para a

proposição e garantia de políticas públicas, em especial para o público trans.

A atuação profissional no processo transexualizador exige o reconhecimento das importantes barreiras encontradas pelo público trans para o acesso a seus direitos. No campo da saúde, o despreparo dos profissionais, incluindo a classe médica, para compreender e acolher as especificidades e as demandas trazidas tem provocado o não acesso e o distanciamento deste público dos serviços de saúde. Em muitos casos, o efetivo acompanhamento em uma unidade de saúde se dá após a descoberta de um diagnóstico, o que poderia ter sido evitado caso o acesso às unidades básicas fosse devidamente disponibilizado.

É importante salientar que, tão relevante quanto o reconhecimento das barreiras, é o trabalho desenvolvido pela equipe de assistentes sociais no sentido de garantir que seus usuários sejam respeitados e que tenham acesso a seus direitos. Neste sentido, reafirma-se a importância da continuidade do encaminhamento dos homens transexuais para o ambulatório do AMI, visando garantir, para aqueles sem acompanhamento clínico e ginecológico em seus territórios, o cuidado indispensável em saúde.

A pandemia de COVID-19 tem se apresentado como um importante entrave para a efetivação do trabalho interdisciplinar proposto. Como dito anteriormente, o trabalho foi pensado em um momento onde o AMI estava com um número reduzido de agendamentos, priorizando atendimentos com maior gravidade. A reestruturação hospitalar previu um menor número de consultas para evitar aglomerações e a exposição dos usuários em uma unidade referência para atendimento em COVID. Atualmente, apesar da retomada gradual das atividades, o hospital permanece sobreaviso, preparado para situações emergenciais relacionadas à pandemia. Diante disso, aguarda-se o momento oportuno para a realização de novos encaminhamentos.

Os desafios postos aos assistentes sociais na atualidade são muitos, exigindo dos profissionais o reconhecimento das possibilidades de atuação. Em um contexto desfavorável à garantia dos direitos, reafirmá-los como fundamentos essenciais na construção de políticas sociais exige um esforço profissional. De fato, ressalta-se o potencial da profissão na defesa dos direitos e na busca de respostas para as demandas de seus usuários, visando a efetivação da cidadania e o pleno desenvolvimentos dos indivíduos.

## Referências

ABREU, Marina Maciel e CARDOSO, Franci Gomes. **Mobilização Social e Práticas Educativas**. In: Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009. pp 593-608.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008 – (Coleção Primeiros Passos).

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso: 09/05/2021

BRASIL. Ministério da Saúde. **CARTA DOS DIREITOS DOS USUÁRIOS DA SAÚDE**. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: [http://www.conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/AF\\_Carta\\_Usuarios\\_Saude\\_site.pdf](http://www.conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/AF_Carta_Usuarios_Saude_site.pdf)

BRASIL. **Lei 8080 de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para promoção, proteção e recuperação de saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8080.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm). Acesso: 10/05/2021

BRASIL. **Lei 8142 de 28 de dezembro de 1990**. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8142.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8142.htm). Acesso: 10/05/2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2803 de 19 novembro de 2013**. Redefine e amplia o Processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803\\_19\\_11\\_2013.html](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html) Acesso: 10/05/2021

CFESS. **Parâmetros para atuação dos assistentes sociais na saúde**. Brasília: CFESS, 2010.

MATTOS, Rubem Araújo de. **A integralidade na prática (ou sobre a prática da integralidade)**. Cadernos de Saúde Pública, n.20, vol.5, p.1411-1416, set-out 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio da Pesquisa Social**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 9-29

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: funcionalidade ou utopia?**. Revista Saúde e Sociedade 1994; 1 (2): 42-64.

SANTOS, Márcia Cristina Brasil; ALMEIDA, Guilherme; GEBRATH, Zélia Lima; PRESTES, Elisa Teruszkin. **Processo transexualizador no SUS: um campo político e de práticas em construção**. UZIEL, Anna & GUILHON, Flávio Lopes. Transdiversidades, práticas e diálogos em trânsito. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. **Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero**. 2006. Disponível em: [http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios\\_de\\_yogyakarta.pdf](http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf). Acesso: 09/05/2021.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Saúde. **Plano de Resposta de Emergência ao Coronavírus no Estado do Rio de Janeiro**. Secretaria de Estado de Saúde, Subsecretaria de Vigilância em Saúde. Rio de Janeiro: 2020.

## TEATRO E TRANSEXUALIDADE: NARRATIVA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM GENI, DE NELSON RODRIGUES, NA EXPERIÊNCIA DE UMA MULHER TRANSEXUAL

**Jessika Villalon Sousa Cruz**

*Mestra do Curso de Gestão de Políticas Públicas da Universidade  
Federal - TO, [jessikaavillalon@gmail.com](mailto:jessikaavillalon@gmail.com)*

### Resumo

Este trabalho faz uma narrativa sobre o processo criativo de uma cena teatral, a partir da visão de uma atriz transexual, fazendo um diálogo com os principais autores relacionados aos estudos de gênero e sexualidade, como Foucault e Butler, delineando as vivências de uma pessoa transexual dentro da sociedade, com seus desafios e enfrentamentos. Foi realizado um relato de experiência da construção de uma personagem cisgênero, interpretada por uma atriz transexual. Objetivou-se relatar como se deu a construção da cena em spin-off inspirada na personagem Geni, da obra dramaturgica “Toda nudez será castigada”, de Nelson Rodrigues, relacionando com a experiência pessoal da pesquisadora.

**Palavras-chave:** Travestis e transexuais, Processo criativo, Teatro, Identidade.

## Introdução

**E**sta pesquisa surgiu a partir do interesse em realizar uma investigação sobre Teatro e Transexualidade, desenvolvida durante minha graduação em Licenciatura em Teatro, que deu origem ao meu trabalho de conclusão de curso intitulado Teatro e Transexualidade: Narrativa sobre a Construção de uma Personagem na Experiência de uma Mulher Transexual.

A partir de um convite para interpretar uma cena na Disciplina de Direção Teatral, decidi realizar a pesquisa sobre sexualidade e identidade de gênero ligada às práticas desenvolvidas durante as disciplinas do curso, com o objetivo de refletir acerca do preconceito de gênero, bem como o machismo, e levantar um questionamento sobre o sexo e o Teatro.

A cena teve uma boa repercussão por apresentar uma pessoa transexual interpretando uma mulher cisgênero. Enquanto mulher transexual, pude compreender o caráter crítico social, e como a sociedade ainda pode se incomodar com o gênero dentro do Teatro. A discussão de gênero tem a ver com discussão de corpo e também da corporeidade, pois é provável que corpos híbridos, que expressam dualidade, causem estranhamento nas pessoas.

Espera-se com este relato de experiência que as pessoas oprimidas, discriminadas, ou que não sejam aceitas em seu meio social, sintam-se motivadas a realizar reflexões semelhantes e principalmente as pessoas transexuais possam ter mais acesso às universidades e em todas as esferas da sociedade.

Este trabalho abordará pontos dentro do processo criativo para uma cena da personagem Geni, de “Toda nudez será castigada”, de Nelson Rodrigues, fazendo uma analogia com a transexualidade da atriz, dentre os preconceitos em comum em que as mulheres, sejam cisgênero ou transexuais enfrentam dentro da sociedade, e a utilização do teatro como crítica e resistência.

Durante o curso de Licenciatura em Teatro na UFT (Universidade Federal do Tocantins), tivemos aulas que tomo a liberdade de classificar como bastante pessoais, que estimulavam o artista íntimo de cada aluno. As práticas teatrais levavam a um afloramento da sexualidade enraizada. Portanto, sempre que pude, tentei realizar pesquisas corporais e pesquisas de textos dramáticos que fugissem da “normalidade”

ou dos padrões impostos pela sociedade, padrões estes determinados pela heteronormatividade, como a família perfeita composta por pai, mãe ou filhos, buscando textos desafiadores ou transgressores como os textos de Nelson Rodrigues. Em algumas disciplinas senti grande dificuldade, principalmente por ainda ter traumas adquiridos na infância.

Por ser uma pessoa transexual, percebo que a sociedade brasileira está longe de respeitar a identidade de gênero, seja por motivos religiosos ou culturais, ainda mais quando uma mulher trans interpreta uma mulher cis, com cenas de nudez, causa um verdadeiro estranhamento, ou até mesmo desperta reações e comentários negativos, generalizando e classificando as pessoas trans como inferiores. O travestimento artístico-teatral não é recente. Desde o surgimento do Teatro, homens interpretavam papéis femininos. Mulheres também interpretam papéis masculinos. O que diferencia os atores e atrizes cisgêneros dos (das) trans? O preconceito. As pessoas trans são, em sua maioria, discriminadas e excluídas da sociedade, sendo muitas vezes repudiadas nas escolas, do convívio social e de suas próprias famílias. São poucos transgêneros que concluem o ensino básico, e tampouco um curso superior.

O presente trabalho se justifica pela necessidade de dar visibilidade às questões de transexualidade dentro do teatro e da sociedade, haja visto o grande poder social do teatro e o grande preconceito com as pessoas transgênero, utilizando do teatro como uma ferramenta para o enfrentamento do preconceito.

## Metodologia

A pesquisa realizada é de natureza exploratória de abordagem qualitativa. O método utilizado foi o relato de experiência orientado pela pesquisa bibliográfica e documental, para melhor compreender aspectos relevantes ao processo da construção de uma personagem teatral mulher cisgênero na perspectiva de uma atriz mulher transexual. Através de uma observação participante da pesquisadora, foram realizados também registros em vídeo e fotografias.

## Referencial teórico

As atrizes por muitas vezes tiveram que representar papéis com estereótipos “femininos”, como papéis de mães ou de adolescentes

castas, ao longo dos séculos. (Buscatto, 2016). Uma representação de uma personagem feminina, por uma atriz transexual causa um estranhamento, pois espera-se que tais personagens sejam interpretadas por mulheres cisgênero. É como os questionamentos levantados por Lopes (2016):

O que acontece quando a travesti anda na rua? Como o(a) artista de rua é visto em seu trabalho? O que ocorre do encontro/choque de diferentes bandeiras na rua, como palco das atuais manifestações políticas? Misturando um pouco: quais reações são provocadas pela ocupação da rua por travestis e transexuais na ação do teatro? E quais as palavras e bandeiras políticas do ativismo trans ecoam nas ruas em manifestações públicas? (LOPES, 2016)

A sociedade sempre tende a colocar à margem tudo aquilo que é diferente dos padrões. Os desejos sexuais, bem como as condutas, fazem com que esse comportamento seja perpetuado, e tudo que “fugir à regra” estará fadado à opressão, como nos diz Foucault (2010):

(...) quer se lhe empreste a forma do príncipe que formula o direito, do pai que proíbe, do censor que faz calar, do mestre que diz a lei, o sujeito é constituído como sujeito – que é “sujeitado” – e aquele que obedece. À homogeneidade formal do poder, ao longo de todas essas instâncias, corresponderia naquele que o poder coage – quer se trate do súdito ante o monarca, do cidadão ante o Estado, da criança ante os pais, do discípulo ante o mestre – a forma geral da submissão (p. 95).

Qualquer ator e atriz, ao brincar com outras identidades, busca em sua interpretação um sistema igual ao que se imagina, no contexto vivenciado pela personagem (tempo, local, época, condições financeiras, familiares, etc.). A personagem Geni é atual, mas para a época que foi representada, foi colocada fora dos padrões, tida como “mulher da vida” e fora da ideologia conservadora que padronizava aquela época. Uma atriz transexual, ou o simples fato da transexualidade levanta questões semelhantes nos dias atuais.

É preciso compreender que a identidade sexual é definida pela personagem quando se está em cena, e não pelo corpo do ator. Os atos e atitudes que definem alguém como homem ou mulher, baseados em

ações sexistas, são desenhados através dos gestos, movimentos, e de toda performance. Para Butler (2003):

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria interioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno de externo e, assim, institui a “integridade” do sujeito. (BUTLER, 2003, p. 195)

No cinema brasileiro existem inúmeros filmes que apresentam personagens transgêneros, mas sua maioria apresenta o aspecto de erotização de travestis, ou utilizam-se destas personagens como motivo de piadas. Esse tipo de filme, contribui para erotizar ainda mais a população “T”, ajudando no conceito que travestis e transexuais são apenas objetos sexuais. De acordo com Vivianne V (2014):

A manutenção da posição dominante de normatividades cisgêneras constitui (e é também por ela constituída) uma hierarquia de pessoas humanas conjuntamente a outras normatividades [...]. Assim, o corpo transgênero que se modifica, associado com frequência ao bizarro e ao desumano, vai se resignificando dentro de um contexto inferiorizante. Em minha experiência, a transição tem sido um processo em que alegrias e desafios interessantes [...] interagem com fortes discursos que a deslegitimam, como por exemplo a ideia [...] de que um corpo onde convivam seios e pênis, por exemplo, é indesejável e/ou exótico (V., 2014, p. 6).

Como professora de teatro em formação foi necessário por muitas vezes tentar compreender o processo criativo e relacionar como isso acontecerá quando eu estiver em exercício, na sala de aula. Para o processo criativo de “Os devaneios de Geni”, tive que fazer parte da

criação da encenação, juntamente com o diretor, sendo protagonista e pude perceber que assim como a docência, ser uma artista exige um enorme comprometimento, desde o planejamento até a execução.

Ser uma futura professora, encenadora, exige que a experiência em teatro seja permanente, com estudos, assistir outros grupos e companhias, ler novos roteiros e buscar novos sentidos para as práticas teatrais. Sobre isso Larrosa (2011) parafraseia:

“saber expressar seu posicionamento artístico com relação ao teatro contemporâneo; reconhecer as principais referências históricas e teóricas da sua prática; saber elaborar projetos de intervenção cultural e pedagogia do teatro; coordenar o aprendizado da leitura do espetáculo contemporâneo; conduzir o grupo de iniciantes e/ou atores desde a escolha do tema, até a efetivação do acontecimento cênico, sem perder o aspecto lúdico do processo; saber avaliar e redigir textos que sistematizem sua prática.” (LARROSA, 2011).

Assim, uma professora encenadora precisa estimular a criação e o protagonismo dos alunos, compreendendo o “espetáculo contemporâneo”, não sendo apenas uma reprodutora de técnicas e jogos teatrais, mas estimulando a pesquisa individual e valorizando cada elemento, bem como os alunos.

O teatro tem uma função e responsabilidade social. Brecht afirma que todos os atores podem aprender com o teatro de Stanislavski: “(Ele) ensinou aos atores a importância social do jogo teatral. Para ele, a arte não é um fim em si, mas ele sabia que no teatro nenhum objetivo é alcançado se não for pela arte” (COSTA, 2011).

Assim, ele afirma que o ator se consagra ao seu papel. Com isso, esse ato de se consagrar significa que o ator precisa se identificar ao máximo com sua personagem para poder desempenhá-la bem, mas se livrando de influências de sua vida privada, sendo estimulado pela sua observação e percepção, bem como sua imaginação.

No processo de construção da personagem Geni tive que lidar com o meu próprio preconceito com meu corpo, o fator de estar acima do peso, tendo que verdadeiramente abrir mão dos meus complexos pessoais, entendendo que em cena não era minha persona, e sim a personagem Geni, possibilitando que eu me livrasse de autojulgamentos. É como Stanislavski disserta sobre o corpo:

“Se não usarmos nosso corpo, nossa voz, um modo de falar, de andar, de nos movermos, se não acharmos uma forma de caracterização que corresponda à imagem, nós provavelmente, não poderemos transmitir a outros o seu espírito interior vivo” (Stanislavski, 2001:27).

Com a leitura de “Toda nudez será castigada”, percebemos o contexto histórico, o estilo trágico, as personagens e todas as informações que utilizamos para fazer a adaptação do texto. Mas quando falamos do papel a ser encenado não existe uma fórmula pronta, sendo de responsabilidade da atriz a caracterização da personagem que será interpretada. Stanislavski também afirmava que:

“Cada indivíduo desenvolve uma caracterização exterior a partir de si mesmo e de outros; tirando-a da vida real ou imaginária conforme sua intuição, e observando a si mesmo e aos outros. Tirando-os da sua própria experiência de vida ou da de seus amigos, quadros, gravuras, desenhos, livros, contos, romances ou de algum simples incidente, tanto faz. A única condição é não perder seu eu interior enquanto estiver fazendo essa pesquisa exterior”. (Stanislavski, 2001:32)

Assim, ele afirma que a inspiração do artista está dentro do subconsciente, pois as ideias e elementos estão implícitos nele. É importante ressaltar a reprodução através da observação, através da experiência vivida. Para Geni, fizemos considerações sobre como seria todo o contexto de vida da personagem, e decidimos fazer uma releitura contemporânea. Tentei imaginar como ela se sentia, sua forma de falar, de andar, como ela enxergava os outros, para que depois eu pudesse criar a minha própria versão da Geni. De acordo com Stanislavski (2006):

os sentimentos apresentados pelo ator no palco resultam de um contato entre o ator e a situação em que se encontra a pessoa que ele está retratando, por meio da imaginação. Essa organiza Fatos, sentimentos, lembranças adquiridas na concretude da vida do ator para que este vivencie o papel como se Fosse ele próprio nas condições do seu personagem: “O se dá o empurrão na imaginação dormente, ao passo que as circunstâncias dadas constroem a base para o próprio se”

Compreender as circunstâncias vividas pela personagem significa que quando interpretamos não deixamos de ser nós mesmos para ser outras pessoas. Viola Spolin (2001) diz que o ator é “como um ser humano trabalhando com uma forma de arte e não como alguém que mudou de personalidade para o bem de um papel em uma peça” (p. 115). Assim, a experiência estética teatral parte do processo de criação, em que a atriz mistura suas vivências e sua existência para representar outra pessoa no palco.

## Resultados e discussão

Em suas obras, Nelson Rodrigues levava tudo para uma esfera misteriosa e sexual. Essa ligação com o sexo fez com que Nelson Rodrigues chocasse a sociedade em sua época, através de textos que desafiavam a “moral e os bons costumes” da sociedade.

“Toda a nudez será castigada” não foge a esta regra, explorando esta moralidade exacerbada e os corpos dos personagens envolvidos como o corpo virginal de Serginho, que fora violado por um ladrão boliviano ou o corpo de Herculano que se manteve como que virgem após a morte de sua esposa. Herculano entra em uma depressão profunda, e seu irmão Patrício procura a prostituta Geni para tirá-lo da tristeza. De início, Herculano rejeita a ideia de se deitar com uma prostituta, mas depois aceita e se apaixona por ela.

O corpo em questão é o de Geni. A prostituta, conhecida dos homens e dos prazeres da carne, indigna de ter um casamento como o de qualquer mulher. Ao ler “Toda nudez será castigada” logo me identifiquei com a personagem Geni. Talvez essa identificação surgiu pelo fato da personagem e eu compartilharmos de uma personalidade semelhante, com sentimentos aflorados. O crescimento da personagem e sua evolução também me chamaram bastante atenção. Ela começa de forma tímida, conhecendo um viúvo e durante a peça cresce de uma tal forma em que se vê presa aos seus sentimentos românticos e vê sua vida mudar de uma forma inexplicável.

Possivelmente essa mudança da personagem tenha feito com que eu me identificasse mais com ela. Também passei por grandes mudanças na vida, durante minha transição de gênero, tendo que aceitar a oposição da sociedade, da família, e até mesmo de muitos amigos. Quando decidi fazer a transição de gênero também me senti colocada à parte da sociedade, assim como a personagem Geni, que

morava em um prostíbulo, estando apartada, colocada em uma posição inferior.

Existe outra questão em que acredito que me aproxima dessa personagem, a objetificação sexual. Muitos homens veem travestis e transexuais apenas como meros objetos de desejo, para realizar suas mais íntimas fantasias sexuais. Geni, enquanto prostituta, também era realizadora de desejos sexuais. Também é notável que é muito raro que um homem assuma uma travesti ou transexual e se case com ela, tendo em vista que uma união desse estilo não seria bem vista aos olhos da sociedade. Na peça, Geni passa a ser aceita pela família de Herculano, mas suas tias tentam “apagar” seu passado, como se ela nunca tivesse sido uma prostituta.

As travestis e transexuais também sofrem a mesma reprovação da sociedade. Outro ponto em comum que me identifiquei com a personagem, foi o de que Geni sempre foi sedenta por encontrar o amor, e o busca primeiro em Herculano, mas se vê arrebatada por Serginho. Por não sermos bem vistas aos olhos da sociedade é muito difícil sair dessa zona de objetificação sexual e encontrar alguém que realmente esteja disposto a nos amar e querer construir um relacionamento.

A conexão entre pessoa e personagem facilitou o desenvolvimento de todo o processo de criação. É algo transcendente interpretar algo criado de fora, mas como persona, com sentimentos internos se deixando transparecer, através de uma identidade que se reconhece e que se reconstrói. Identidades que são escritas de formas distintas, em épocas diferentes, mas se misturam e se representam em cena.

“Toda nudez...” foi lançada no ano de 1961, mas os preconceitos apresentados em seu cânon perduram até os dias atuais. Temas como homossexualidade, volúpias, desejos, sentimentos de vingança, complexo de Édipo ainda estão vivos e presentes na sociedade atual, como se o tempo não houvesse passado.

Essa transcendência atemporal que conecta atriz e a personagem, demonstra que há uma ligação comum entre as pessoas, mesmo em épocas diferentes, como se fosse algo espiritual, em que a arte, na linguagem do Teatro representa os sentimentos mais profundos das pessoas, sendo uma representação fiel de tudo o que se deseja dizer e não pode ser dito.

Na peça em questão, o fetiche, os desejos secretos, a voracidade sexual faz com que o homem deixe tudo à parte, para encontrar o gozo, a realização das fantasias. A voracidade sexual das personagens

de “Toda nudez...” é apenas uma tradução do sentimento comum das pessoas, pois é inegável a interferência do sexo na criação das identidades.

Para esse processo de composição da personagem utilizei muito do eu – pessoal, nas experiências vividas através dos anos, da observação de outras peças com temáticas semelhantes, fazendo uma mistura do imaginário com o real, enquanto mulher transexual que é alvo de objetificação sexual, para trazer à vida uma personagem também objeto de realização de desejos íntimos.

Geni é um símbolo social. Ela representa as prostitutas, e todo o preconceito que elas sofrem. A sociedade costuma dizer que as prostitutas são pessoas que levam uma vida fácil, mas não procuram ver o outro lado, e que a prostituição é uma profissão, esquecendo-se de que as prostitutas também são seres humanos. Existem desafios na profissão de prostituta, bem como grandes riscos como diversos tipos de clientes, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros. Assim como as prostitutas cisgênero, representadas por Geni, a grande maioria das travestis e transexuais estão em situação de prostituição, por falta de opção e empregabilidade, sendo desprovidas de seus direitos enquanto cidadãs, em virtude do preconceito arraigado na sociedade.

O teatro no século XX, partindo do trabalho de Stanilavski, ressaltava a organicidade, a partir de uma fonte de sentidos, sendo o texto e a interpretação como a ponte para a entrega à plateia. É muito importante notar que o teatro é um espaço ativo de discussão social.

As pessoas marginalizadas, como as prostitutas e travestis, que não têm viés no padrão da sociedade, precisam reafirmar sua existência diariamente, e também serem resistentes. O teatro é a arma de resistência, contra a dominação social imposta pelos padrões definidos pelas “classes superiores”.

## Considerações finais

Desde a tenra idade vejo notícias sobre mortes de pessoas LGBT na televisão e em outras mídias. Sempre tive medo da violência. Me assusta o fato de que a maioria das pessoas como eu, transexuais, não terem as mesmas oportunidades que eu, para sentarem em uma carteira de uma sala de aula, em uma universidade federal. É raro quando algumas terminam o ensino básico, quem dirá o ensino superior.

A identidade sexual é um signo, e o teatro é uma plataforma que vem a problematizar esses significados, os tornando instáveis. A identidade sexual de cada indivíduo e a cultura sexual podem ser trabalhados com plenitude no palco, com o objetivo de desmitificação de tabus.

Todo corpo possui um sexo biológico, e quando o ator ou a atriz está em cena, este corpo se abre, rompendo com seu lugar social, assumindo outro corpo dentro da interpretação, através da teatralização. O que acontece é que o olhar de quem assiste pode atribuir significados para este corpo biológico, negando suas possibilidades. O sexismo é algo que está intrínseco na mentalidade da maior parcela da sociedade. As pessoas são divididas pelas suas preferências e um exemplo clássico é que: “menina não joga bola, homem não brinca de boneca”.

O palco ajuda a realizar essa contestação do corpo. Quando se está em cena, aquele é o seu corpo, mas representando o corpo de sua personagem. O corpo é livre, podemos interpretar pessoas, animais, objetos, entre muitas outras coisas. Nessa pesquisa procurei compartilhar minhas experiências pessoais, medos e desafios que tive que enfrentar para a criação de uma cena.

Posso afirmar que me vejo um pouco em Geni, e isso impede que eu seja parcial, pois atribui significados obtidos de experiências íntimas, fazendo um paralelo com a literatura científica disponível. É interessante como pude me identificar com uma personagem ficcional, relacionando o meu “eu” com a arte do Teatro.

É muito raro ver atrizes e atores trans em peças de teatro. Não é difícil de ver atores e atrizes cisgênero fazendo personagens trans, no teatro, cinema e televisão. É preciso que mais portas se abram para as pessoas transgênero, favorecendo a liberdade artística. Para o processo de criação de “Os Devaneios de Geni”, tive que ter um olhar diferenciado, refletindo além do meu corpo transgênero, mas realizando uma autorreflexão sobre minha feminilidade.

Acredito que a bagagem de cada artista influencia diretamente em sua representação cênica. Quando uma transexual fala de si mesma é diferente de um ator cisgênero falando de uma vivência trans. Mas o teatro não é exclusivamente autobiográfico. Ele impulsiona os corpos, os muda, transmuta, perpassa. A experiência é criada através do contato, pela performatividade de cada ator e atriz. Os artistas trans precisam lutar pela sua representatividade, assim como

os negros lutaram contra serem interpretados por pessoas brancas, ou como as mulheres cis lutam por um maior espaço, pelo direito de voz e de atuação.

É preciso que haja mais artistas trans, e que suas criações e encaixes sejam divulgadas, tirando esses artistas dos guetos, em que por muitos anos valorizaram a arte trans.

## Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, I.C. **Aproximação e distanciamento: o interesse de Brecht por Stanislavski**. Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo. Disponível em: [www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57074](http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57074), 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade v.1 Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 2010.

LARROSA, J. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

LOPES, Herbert de Proença; PERES, Wiliam Siqueira; “**Crônicas Da Cidade: Vivências Trans, De Gêneros, De Teatros, De Trânsitos**”, p. 871-879 . In: Anais do XI Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas [=Blucher Social Science Proceedings, n.4 v.2]. São Paulo: Blucher, 2016.

RODRIGUES, Nelson. Toda nudez será castigada: obsessão em três atos. In: \_\_\_\_\_. Teatro completo. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

STANISLAVSKI, Constantin **A construção da personagem**. Tradução Ponte de Paula Lima. – 10ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

V., Viviane. **Pela descolonização das identidades trans**. Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH. Salvador: Volume 1, Número 1, 2012.

## DEBATENDO LIVROS – UMA EXPERIÊNCIA DE SALA DE AULA PARA REDES SOCIAIS – RELATO DE EXPERIÊNCIA

### **Fabiola Pinto Pardini**

*Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil - UFN; bilafpp18@gmail.com;*

### **Carolina Araujo Londero**

*Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Franciscana-UFN, carolina.alondero@gmail.com;*

### **Maria Luisa Suárez Gutiérrez Cella**

*Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil - UFN, malu\_suarez@hotmail.com;*

### **Katiele Hundertmarck**

*Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil - UFN; katielehun@gmail.com;*

### **Martha Helena Teixeira de Souza**

*Professora orientadora: Dra, Universidade Franciscana - UFN, marthahts@gmail.com;*

## **Resumo**

Este artigo tem como objetivo descrever a experiência do grupo de leitura @debatendolivros, oriundo de ambiente acadêmico. Trata-se de um estudo descritivo em forma de relato de experiência ocorrido no período de julho a dezembro de 2020, de forma *on line* devido a pandemia Covid-19. O Grupo de leitura intitulado “Gênero, Sexualidade e Raça”, envolve vivências extra-classe em ambiente virtual, com profissionais egressas do Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil e graduandas dos cursos de Enfermagem e Medicina da Universidade Franciscana/UFN. O espaço de articulação e organização social

desse grupo expandiu-se através da rede social *Instagram*, pelo perfil “@debatendolivos”. Os conteúdos disponibilizados nessa plataforma digital compartilham sugestões de leituras, opiniões literárias, autoras novas e já consagradas, perpassando diversos gêneros e temáticas, além de incentivar a experiência literária e como forma de auto-conhecimento e empoderamento feminino.

**Palavras-chave:** Grupo de leitura, Empoderamento feminista, Mulheres na literatura.

## Introdução

A disciplina de Gênero, Sexualidade e Raça, ofertada no programa de Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil, da Universidade Franciscana – UFN, proporciona um amplo debate das questões que envolvem a saúde das mulheres. A partir dessa disciplina, uma experiência afetou a todas as participantes, para além do que, até então, era o comum no ambiente educacional pré-pandemia: estudantes ouvintes e professores com a palavra. Para quebrar a tradição, experimentou-se formas mais acolhedoras de troca de experiências, escuta, acolhimento e resgate do papel do gênero feminino e tudo que o envolve no nosso cotidiano. Uma tentativa de experimentar a transgressão para uma educação como prática da liberdade (HOOKS, 2017).

Entre as diferentes vivências no ambiente acadêmico, surgiu a oportunidade de formalizar um grupo de leitura para o compartilhamento de conhecimentos com temática feminista, para as alunas interessadas. Dessa forma, resgatou-se uma tradição que remonta ao século XVII, conectado à grupos puritanos de estudos bíblicos, e aos salões parisienses do século XVIII (BOWDEN, 1930 apud SILVA XAVIER, 2018).

Em paralelo, a partir dos anos 2000, houve um incentivo na leitura com programas de acesso ao livro, a expansão de grandes redes de varejo pelas cidades brasileiras, o surgimento e a popularização do *ebook* e o novo modo de falar sobre literatura através das redes sociais como no *Youtube* (canal de vídeos), desmitificando assim, a aura elitista que pairava sobre o universo das letras.

Houve um tempo, não muito distante, em que as mulheres que ousavam quebrar o paradigma da vida doméstica, precisavam utilizar subterfúgios para publicarem seus escritos e apresentarem sua arte (seja na escultura, pintura ou desenho). É de conhecimento geral, que grandes obras literárias escritas por personalidades femininas, foram publicadas por pseudônimos, geralmente masculinos, como George Eliot, utilizado por Mary Ann Evans, ou com a autoria oculta, caso de Maria Firmina dos Reis em “Úrsula”, assinado originalmente como “uma maranhense”, ou ainda sob nome de parentes homens, como “Frankenstein”, de Mary Shelley, inicialmente creditado ao seu marido, o poeta Percy Shelley.

Buscando dar voz e valorizar a produção intelectual feminina, em grande parte marginalizado em nosso corpo social, optou-se por

seguir uma tendência mundial, desde o movimento idealizado pela ilustradora inglesa Joanna Walsh, com a *#readwonen2014* no *Twitter*, como forma de propagar a leitura de obras escritas por mulheres (ALVES, 2019; SILVA XAVIER, 2018).

O objetivo deste artigo é relatar as experiências de grupo de leitura “@debatendolivros”, oriundo do ambiente acadêmico. Por ocasião da Covid-19, este grupo ganhou forma na rede social *Instagram* como um perfil colaborativo, através de compartilhamento de livros, textos e opiniões literárias de obras escritas, majoritariamente, por mulheres. O grupo de leitura também tem o propósito de incentivar o auto-conhecimento e o empoderamento feminino por meio da experiência literária.

## Metodologia

Trata-se de um estudo do tipo relato de experiência, descritivo de abordagem qualitativa. As vivências teórico-práticas foram realizadas, inicialmente, como atividade de ensino na disciplina de “Gênero, Sexualidade e Raça” do Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil da Universidade Franciscana/UFN no segundo semestre de 2019, sob orientação da professora responsável pela disciplina. A experiência aqui relatada é referente ao período de julho a novembro de 2020, a qual ocorreu por meio do grupo de leituras via *instagram* @debatendolivros. Participam do grupo 14 egressas do Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil, cinco acadêmicas do curso de Enfermagem e três acadêmicas do curso de Medicina da Universidade Franciscana/UFN do município de Santa Maria/RS.

O perfil das participantes é predominantemente feminino, com curso superior na área da saúde e com pós-graduação completa. A faixa etária das participantes está entre 20 e 60 anos, sendo que a maioria é mãe, sendo mulheres cis gênero. Atualmente, com a divulgação do perfil em rede social, o grupo está aberto para novos componentes, independente do gênero identitário.

A escolha das leituras é realizada através de comum acordo entre as participantes da reunião mensal. Priorizam-se exemplares de fácil acesso, baixo custo financeiro, disponível para empréstimos em bibliotecas ou para a venda e com títulos não esgotados. Posteriormente, depois de acordado, o volume escolhido é disponibilizado no grupo de *WhatsApp* relativo ao assunto. Para cada encontro é gerado uma ata, postado no mesmo canal de comunicação.

Cada participante possui a senha de acesso do perfil *@debatendolivros* no *Instagram* para que possa efetuar as postagens de acordo com o andamento individual de leituras. As publicações não se concentram apenas nas obras escolhidas para a leitura conjunta. Há a autonomia de cada participante para compartilhar seus gostos subjetivos dentro do mundo literário.

## Resultados e discussão

A discussão literária surgiu como uma das atividades pedagógicas propostas dentro da disciplina, na qual, como um primeiro exercício, cada uma das mestrandas deveria escolher um livro para ler e depois comentar em uma roda de conversa, em sala de aula. A experiência tornou-se um fator motivacional para a continuidade de leituras extrapolando o ambiente acadêmico. Mesmo as mais diferentes análises potencializaram o desejo de conhecimento do papel feminino na sociedade patriarcal, racista e machista em que vivemos para que, consigamos lutar pelo desejo de equidade de gênero em todas as esferas que estamos inseridas, seja no profissional, nas relações amorosas e de amizade, quanto também, na maternidade e na formação e fortalecimento das novas gerações através do ensino, pesquisa e escrita.

A experiência em sala de aula migrou para o ambiente virtual, após um período de adaptação ao “novo normal”, ou seja, a uma forma diferente e inédita de enfrentar o cotidiano confinado no espaço domiciliar, devido a pandemia de Covid-19 que assola todo o mundo e que nos obriga a manter o distanciamento social como fator protetivo de contágio. Os encontros retomaram em julho de 2020 e se estenderam, mensalmente, até novembro de 2020. Novas conferências on-line já estão agendadas para retomada em março de 2021, após um período de recesso.

A primeira obra discutida no grupo de leitura, em formato virtual, em julho de 2020, foi “Quarto de Despejo” da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, recém reconhecida com o título de Doutor Honoris Causa pela UFRJ.

Pode-se dividir a vida de Carolina Maria de Jesus em fases: do nascimento, em data imprecisa até a “descoberta” de seus escritos em 1958 pelo jornalista da Folha da Manhã, Audálio Dantas; de 1960, quando publicou com grande sucesso a obra “Quarto de Despejo”, em forma de diário e escrito com cadernos que achava no lixo, como catadora na favela do Canindé (onde, atualmente, localiza-se o Estádio

Oswaldo Teixeira Duarte, de propriedade da Associação Portuguesa de Desporto)<sup>1</sup>, onde morava com os filhos, em situação de extrema pobreza até 1964, com o “apagamento” de sua obra pela ditadura militar; e, a partir de 1983, com o reaparecimento e novos estudos sobre sua figura e sua obra (MEIHY, 2010, p. 62; SILVA XAVIER, 2018, p.55).

Através da leitura de suas anotações em forma de diário, tomou-se contato com uma realidade amarga de miséria, violências, abandonos (bio-psico-social), racismo e invisibilidade que carregam os milhões de pessoas que vivem à margem da sociedade. Infelizmente, pouca coisa mudou entre a escrita da obra e o momento atual. Problematicar os marcadores sociais da diferença faz parte das leituras e enriquece o debate acerca das questões que posicionam algumas pessoas ao centro e outras, às margens.

Figura 01: Publicação no perfil @debatendolivros sobre o livro “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus.



Fonte: Instagram.

1 Site da Associação Portuguesa de Desporto. Disponível em: < <http://portuguesa.com.br/site/clube/historia/> >. Acesso em 01 de março de 2021.

O segundo livro, em agosto de 2020, foi “Profissões para mulheres e outros artigos feministas”, da escritora inglesa Virginia Woolf, sendo uma compilação de escritos para conferências e ensaios publicados em periódicos da época. No texto que dá nome à obra, a autora diversa sobre o exercício da literatura enquanto ofício remunerado praticados por mulheres, na Inglaterra do período entre-guerras mas ainda arraigada nas tradições vitorianas de comportamento do século passado. Para ser uma escritora ou para ter uma carreira e vida pública independente, para Virgínia, seria necessário, no primeiro momento, a ruptura com os princípios até então vigentes em que a vida das mulheres acontecia somente no âmbito doméstico, privado e sob tutela de uma figura masculina (SILVA XAVIER, 2018, p. 50). A autora denominou esse ideal vitoriano patriarcal como “anjo do lar” em alusão a um famoso poema de Coventry Patmore<sup>2</sup> (WOOLF, 2019, p. 11). Para ela, quebra de paradigmas seriam necessárias para que o novo caminho desejado fosse possível ser percorrido pelas mulheres, embora não seja de uma maneira sem percalços e com ecos do passado as assombrando.

Discutiu-se, por meio desta obra, o papel da mulher na sociedade, dos anos 20 aos dias atuais, em alusão à representação de gênero e das demandas feministas através dos tempos. Para Virgínia Woolf, as reivindicações estavam relacionadas à luta pela obtenção de direitos iguais aos dos homens, isto é, a equidade de garantias de acesso à educação, ao trabalho, à equivalência salarial e às prerrogativas sociais (CAVALCANTI, FRANCISCO, 2016, p. 42). Outras produções da autora foram lembradas no decorrer da reunião, como “Mrs. Dalloway” (1924), Orlando (1928) e “Um Quarto Todo seu” (1929).

---

2 Coventry Patmore (1823-1896), poeta e crítico literário vitoriano. Seu poema “Anjo do Lar - *The Angel in the House*” representava um retrato de vida marital que se tornou um ideal vitoriano de felicidade doméstica. O trabalho foi inspirado na primeira esposa de Patmore, Emily Augusta Andrews. Andrews era uma autora de histórias infantis e mãe de seis dos filhos de Patmore. Eles se casaram de 1847 até sua morte em 1860. Disponível em: < <https://www.poetryfoundation.org/poets/coventry-patmore> >. Acesso em 01 de março de 2021.

Figura 02: Publicação no perfil @debatendolivros sobre o livro “Profissões para mulheres e outros artigos feministas”, de Virginia Woolf.



Fonte: Instagram.

A terceira leitura, em setembro de 2020, foi “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis, editado em 1859, sob o pseudônimo de “Uma maranhense”. A obra pode ser definida como um romance trágico, do amor impossível de Úrsula, a protagonista branca, simples e inocente, e Tancredo, jovem branco e idealista. A estória se passa no século XIX, no triste período da escravidão africana no Brasil. Segundo Dalcol e Alós (2019, p. 04), a narrativa pretende recuperar esse momento histórico, fazendo esforço para interpretá-lo pela ótica dos sujeitos que foram escravizados, entre eles, a personagem de “Mãe Susana” ao rememorar seus dias idílicos na tribo africana onde passou a vida, juntos aos seus, até o momento da captura, se tornando escrava. Um dos trechos que mais foi discutido no encontro é o lamento da personagem ao contar sobre sua travessia oceânica, em um navio negreiro.

Úrsula pertence a uma literatura sentimentalizada, cujo foco repousa na ideia de que os/as subalternos/as – mulheres e escravos/as – por seus nobres sentimentos e capacidade de autossacrifício são o repositório da renovação social, capaz de superar os males da

sociedade escravista (STOKES, 2014, p.1-20 apud MACHADO, 2019, p.98).

Figura 03: Publicação no perfil @debatendolivros sobre o livro “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis.



Fonte: *Instagram*.

A quarta leitura, em outubro de 2020, foi “Meus desacontencimentos – a história da minha vida com as palavras”, da escritora e jornalista gaúcha Eliane Brum. Através do relato de vida da autora, rememoramos as vivências pessoais de cada uma. Sentimentos de saudade de uma época (nem) tão distante, de entes amados, de uma atmosfera interiorana vieram a toda a medida que a leitura se desenvolvia. Momento de intensa empatia entre as participantes da reunião por se enxergarem nas memórias da autora.

Na segunda parte do encontro virtual, aproveitando a proximidade do *Halloween*, traduzido como “Dia das Bruxas” e amplamente comemorado em terras brasileiras, conversamos a respeito de “bruxas” e seus significados no coletivo imaginário de nossa sociedade atual e sua relação de poder com o controle exercido pelo Estado e pela Igreja durante o final da Idade Média até o início da Período Moderno.

Figura 04: Publicação no perfil @debatendolivros sobre o livro “Meus desacontecimentos – a história da minha vida com as palavras”, de Eliane Brum.



Fonte: *Instagram*.

A quarta leitura, em novembro de 2020, foi o conto “Papel de parede amarelo”, da escritora e ensaísta americana Charlotte Perkins Gilman, em 1892. As obras da autora passam por um momento de redescoberta dentro do movimento feminista. Hedges, no posfácio da edição da J.O. (GILMAN, 2016, p. 71-72), classifica a narrativa como uma pequena obra-prima da literatura, sobre a história do colapso mental de uma mulher, narrada com suprema precisão dramática e psicológica. Tiburi (GILMAN, 2016, p. 05-07), na apresentação da mesma publicação, acrescenta o importante papel da casa no decorrer da escrita, quase como uma personificação da opressão de desejos e da exclusão da vida pública que se esperava das mulheres até as recentes conquistas de direito pelo movimento feminista.

Figura 05: Publicação no perfil @debatendolivros sobre o livro “O papel de parede amarelo”, de Charlotte Perkins Gilman.



Fonte: *Instagram*.

O relato inquietante que acompanha-se no decorrer da leitura, em forma de diário, como a obra de Carolina Maria de Jesus, é baseada na vida da autora, em suas angústias e lutas perante um modelo feminino que imperava entre o século XIX até o final do século XX. A leitura subjetiva do texto fez com que enxergássemos o papel de parede amarelo que cada uma carrega consigo, ou através das amarras de criações regradas, rígidas e muitas vezes inflexíveis ou no desejo que a vida feminina ainda se encontre no microcosmo da casa, fazendo com que, a cada dia, possa-se resgar um pedaço com força e desejo de um novo papel na sociedade, com respeito e equidade de direitos.

## Considerações finais

Com o objetivo de relatar a experiência do grupo de leitura @debatendolivros, criado a partir de uma disciplina do Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil da Universidade Franciscana, esse texto expõe, brevemente, a riqueza de troca de conhecimentos em curto espaço de tempo.

Ressalta-se que a interação entre diferentes níveis de ensino, como o Mestrado e a Graduação, se mostrou um momento de troca de conhecimento e aprendizagem, através das dinâmicas construídas de forma conjunta fortaleceram o ensino-aprendizado e o vínculo entre as participantes. De acordo com Freire (2001, p.259), o ensino não pode se deter apenas à transmissão do saber, e sim no diálogo amplo e dinâmico.

A continuidade das atividades já propostas para o ano de 2021 fortalece a ideia de que grupos de leitura favorecem a abertura de horizontes através de experiências diversas e na interpretação pessoal dos livros escolhidos pelas participantes.

Considera-se que este espaço, ao tempo que proporciona ler mulheres, acolhe, empodera, fortalece e organiza uma rede social das mulheres participantes do grupo. Ao ler, lemos a nós mesmas por meio das brilhantes escritoras e assim, vivenciamos novos momentos na perspectiva do adaptar-se, reconstruir-se e contar novas histórias.

## Referências

ALVES, J. P. Entrando no bosque: #leiamulheres: entrevista com Juliana Cristina Salvatori. **Revista Crítica Cultural** – Mass Mídia: Democracia e Políticas da Cultura: v. 7, n. 1 (2019). Disponível em: < <https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauero/article/view/7351> >. Acesso em 03 de março de 2021.

BRUM, E. **Meus desacontentamentos** – a história da minha vida com as palavras. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

CAVALCANTI, R. A.; FRANCISCO, A. L. Virginia Woolf e as mulheres. **Revista Gênero**: v. 17, n. 1 (2016). Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31254/18343> >. Acesso em 02 de março de 2021.

DALCOL, M. S.; ALÓS, A. P. “O mundo da vida e o mundo do texto em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, e50550, 2019. Disponível em: < [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2019000100203&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2019000100203&script=sci_arttext&tlng=pt) >. Acesso em 02 de março de 2021.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores . **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805>. Acesso em: 11 mar. 2021.

GILMAN, C. P. **O papel de parede amarelo**. São Paulo: José Olympio Editora, 2016.

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade, 2ª ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**. São Paulo: Editora Ática, 2019.

MACHADO, M. H. P. T. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 33, n. 96, p. 91-108, Ago. 2019. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142019000200091&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142019000200091&lng=en&nrm=iso) >. Acesso em 02 de março de 2021.

MEIHY, J. C. S. B. Catadora de vidas. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: ano 5, nº 56, maio/2010.

REIS, M. F. dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Editora Taverna, 2019.

SILVA XAVIER, A. L. L. Literatura e feminismo: o Clube de Leitura Leia Mulheres Marília. **Biblioteca Escolar em Revista**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 48-61, 2018. DOI: 10.11606/issn.2238-5894. berev.2018.151943. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/151943>>. Acesso em: 1 março de 2021.

WOOLF, V. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

## A CONSTRUÇÃO DE UM TRABALHO DE VÍDEOARTE EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL E LOCKDOWN – “O GAY CONTEMPORÂNEO” EM RELATO

**Autor: Fernando Hisatoni Pericin**

*Mestrando do Curso de Artes Visuais, da linha de Poéticas Transversais,  
da Universidade de Brasília – UnB, fernandopericin@gmail.com;*

**Orientadora: Denise Conceição Ferraz de Camargo**

*Professora orientadora: Doutora Denise Conceição Ferraz de Camargo,  
Instituto de Artes Visuais - UnB, denise.cfcamargo@gmail.com.*

### Resumo

Este é o relato da experiência teórico-prática sobre a elaboração de um trabalho artístico com temática *queer* cujo título é “O Gay Contemporâneo”, realizado na cidade de Brasília/DF, em tempos de isolamento social e sob decreto de *lockdown* por conta da pandemia do coronavírus. À luz do estudo do texto “O que é o contemporâneo?” de Giorgio Agamben, o autor narra o processo de criação de um trabalho imagético, realizado após o anoitecer e antes do início do toque de recolher, na esplanada dos ministérios e próximo à praça dos três poderes, lugares em que são tomadas decisões sobre os corpos *queer* nacionais. O resultado desta ação é o estudo de uma performance solitária registrada em fotografias e reagrupadas em um vídeo com imagens, recortes, colagens e frases que trazem a referência visual e teórica que o autor selecionou para a elaboração do vídeo final.

**Palavras-chave:** Arte contemporânea, contemporâneo, fotografia, gay, *queer*.

## Introdução

**S**obrevivemos aos anos de 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020. Estamos em 2021. Ano passado fomos atingidos pela pandemia da COVID-19. Até o momento da escrita deste texto somamos mais de 400 mil mortos pelo vírus no Brasil. Somos contemporâneos: eu, você leitor(a) e a doença.

No ano em que a COVID modificou o modo como nos relacionamos com o espaço e com as outras pessoas, iniciei uma pesquisa sobre a relação do homem gay com o armário, mais especificamente acerca dos dilemas sobre a decisão de permanecer dentro ou de sair dele de acordo com estudos sobre o texto da pensadora Eve K. Sedgwick (2007) “Epistemologia do Armário”. Este estudo faz parte do pré-projeto apresentado para a seleção da pós-graduação do PPGAV-UnB para o qual fui aprovado em 2020. A proposta inicial consistia em encontrar pessoas e entrevistá-las, colher relatos de experiências, visitá-las, compreendê-las e fotografá-las. O momento deste início de pesquisa foi marcado pelo inesperado isolamento social por conta de uma pandemia mundial. A alternativa foi olhar para dentro “dos meus armários”, enquanto homem gay, e tentar entender melhor sobre motivos que me levaram a escolher o tema. Refleti sobre as vezes que o meu planejamento de saída do armário falhou, ou porque não tive a oportunidade que esperava, ou porque faltou coragem ou ainda porque achei que não era o momento. Pensei também nas circunstâncias em que fui tirado do armário – momentos de tensão e desconforto ou, inclusive, violência. Refleti sobre as situações em que não houve uma saída do armário de fato, mas em que a ação tenha ficado implícita, pelo menos sob a minha perspectiva. Este assunto passou a me interessar com a ascensão da direita (ultra)conservadora ao poder, desde o ano de 2016, atingindo um marco em 2018. Até então, sob o meu ponto de vista, vivíamos em uma sociedade que parecia estar mais alinhada com discursos igualitários, principalmente em questões de gênero e raça, mas vimos surgir de maneira muito rápida e violenta uma reação contra esse cenário de maior tolerância com o crescimento do número de falas (ultra)conservadoras, violentas e, muitas vezes, mentirosas.

Eu fui indiretamente atingido de diversas maneiras, com episódios de censura nas artes, por exemplo, e com o aumento de notícias

de declarações preconceituosas proferidas por autoridades. Desde à censura à exposição *queer* museu espaço do Santander Cultural em Porto Alegre no ano de 2017 (MENDONÇA, 2020), passando pelas falácias sobre o “kit gay” e a “mamadeira de piroca” (BARRAGÁN, 2018) e a notícia falsa tão disseminada sobre a chamada ideologia de gênero. Desde o período das eleições presidenciais do ano de 2018 até hoje, com diversos exemplos de ações e discursos homofóbicos por parte dos governantes do país e seus ministros, secretários, conselheiros e gurus não tivemos mais sossego.

Pela primeira vez, eu, homem gay, cis gênero, não-preto, classe média, a partir do golpe de 2016 (RUFATO, 2016), comecei a sentir mais medo de morrer ou de apanhar na rua. Descrevo as tantas classificações que possuo porque elas mostram que ocupo uma posição de privilégios e que até então, por onde passei, apesar de ter que decidir sair ou não do armário ou de ser retirado de lá, que são situações de tensão e estresse, eu nunca havia sentido tanto medo. Este sentimento recorrente me fez questionar o que poderia ser feito – resolvi estudar as relações entre ser homossexual, estar no armário e sentir a tensão e o medo da violência em ronda permanente. Dentro ou fora do armário, estamos em constante estado de alerta, porém, estar do lado de fora nos coloca imediatamente em posição de maior exposição e vulnerabilidade, portanto, numa posição de mais tensão e mais medo.

Em meio aos estudos e às leituras da literatura relacionada com o meu projeto de pesquisa intitulado até o momento “De dentro para fora: reflexões e notas acerca das consequências das decisões de permanecer dentro ou de sair do armário. Poéticas do dilema.” deparei-me com o texto de Giorgio Agamben (2009) intitulado “O que é o contemporâneo?” que me despertou diversos questionamentos sobre o meu lugar enquanto pesquisador e homem gay de uma linha de mestrado em poéticas transversais: de que/quem sou contemporâneo? Quais as atitudes que devo ter enquanto um ser contemporâneo que é artista e carrega nos estudos e no trabalho artístico a temática das diversas violências físicas e psicológicas contra o homem homossexual?

Segundo Agamben (2009, p.65) “Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade.” E continua em outro trecho: “Reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós.”

Li, refleti e continuo refletindo, afinal de contas, trata-se de estudo em andamento e trabalho em construção.

Sinto-me vivendo imerso na escuridão de um pesadelo contemporâneo e o assunto escolhido para minha pesquisa está envolto nas trevas que rodeiam o nosso presente. Porém, ainda assim, nós, os homens homossexuais sobreviventes, encontramos uma luz que nunca se apaga, uma esperança de um grupo que não se cala, enfrenta o medo e coloca a discussão em pauta em textos, em livros, em eventos, em redes sociais, em um trabalho incansável, contínuo, recorrente e duradouro como as luzes que estão em constante viagem e não conseguem nos alcançar. Penso que ainda há esperança.

O sistema dominante sempre aloca nossos corpos *queer* em determinados lugares, mas nós tensionamos, usamos nossos próprios corpos para expandir esses lugares e conquistar novos espaços. O sistema ainda tenta nos enganar e nos fazer pensar que já fomos aceitos como parte do todo, mas não nos deixamos iludir, sabemos que temos muito espaço, respeito e direitos a conquistar. Sempre alertas, continuamos tentando entrever as sombras e as armadilhas da obscuridade ainda que as luzes do presente insistam em nos cegar. Seguimos.

Com o anseio de seguir, com a esperança de falar e de ser ouvido, com a imensa vontade de chorar pelos meus mortos, tanto de COVID, quanto de preconceito (ou mesmo pelo dois e até pelos descasos e omissões de quem toma as decisões sobre os nossos corpos), decidi fazer um protesto pacífico, solitário e silencioso, parte dos meus estudos e do processo no projeto de pesquisa em artes visuais.

A base (ou o suporte) de todo o protesto é meu corpo *queer* que já é resistência pela existência. Recolhi em casa os objetos pessoais que tinha à mão e que representariam neste ato as ações de violências que sofreremos. O lugar escolhido para a ação foi a esplanada dos ministérios em Brasília. Posicionei-me de forma a estar rodeado pelos tantos edifícios onde são tomadas as decisões sobre o lugar e o destino dos corpos *queer* nacionais: principalmente o Ministério da Justiça, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal. Este mesmo lugar poderia e deveria estar recebendo protestos contra os descasos e os desmandos do atual governo federal em atitudes claramente racistas e preconceituosas, mas, em momento de isolamento social (e *lockdown*), acolhe apenas alguns movimentos negacionistas (com relação à doença) ou a favor do atual governo.

Registrei a ação com auxílio de um tripé e um disparador automático de câmera fotográfica. Compartilho neste relato parte do meu estudo teórico-prático no campo das artes visuais que faz parte do meu processo de pesquisa.

## Metodologia

A pesquisa em arte se dá na prática do fazer. Realizei uma performance solitária, registrando a ação em fotografias e uni os estudos e as imagens em um vídeo pensado para uma breve apresentação. A metodologia utilizada, tanto durante este estudo, quanto durante todo o percurso do mestrado é a pesquisa em arte que, segundo Sandra Rey, (1996, p.82) “delimita o campo do artista-pesquisador que orienta sua pesquisa a partir do processo de instauração de seu trabalho plástico assim como a partir das questões teóricas e poéticas, suscitadas pela sua prática”. Esta metodologia permite total relação entre as teorias e a prática artística.

A partir das leituras propostas acerca da temática principal da pesquisa, anotações foram transpostas para cadernos (ou livros de artista) que foram utilizados como ferramenta-base para conectar o que foi lido ou pesquisado com as ideias, intenções e questões do artista que surgiram durante o processo do ato de fazer, de colocar o que foi pensado em prática.

## Resultados e discussão

A construção do vídeo parte do resultado principal da ação que deu origem à Imagem 1 e de trechos de frases do texto de Giorgio Agamben (2009) “O que é o contemporâneo?” A imagem mostra uma figura solitária em protesto noturno na esplanada dos ministérios. A iluminação, realizada com o uso de flash apontado diretamente para a figura, está em total contraste com a escuridão do fundo. Os pequenos pontos de luz que aparecem são parte da iluminação de ruas ou de edificações, em sua maioria, de prédios governamentais. O contraponto entre a luz e a sombra remete ao pensamento de Agamben (2009) que diz que o contemporâneo não se deixa “cegar pelas luzes do presente” e enxerga, através dessas luzes, “as trevas do passado” que estão em constante viagem até nós.

Imagem 1 – Autorretrato. Registro de Performance



Fonte: arquivo do autor, 2021

Diante do clarão de luz, a figura solitária traz consigo um arsenal de símbolos. A máscara em madeira e que tampa o rosto simboliza a apropriação do nome “viado” – xingamento, repleto de variações, que nos é atribuído desde sempre: “viadinho”, criança “viada”, “viadão”, (um ato de) “viadagem”, etc. Esta é a representação de todo tipo de violência psicológica que nos causa tensão e ansiedade, estando dentro ou fora do armário, de acordo com o que as outras pessoas supõem que seja o nosso gênero.

A pose remete à São Sebastião, o “santo gay”, sempre representado com fechas enfiadas na carne e que, nesta fotografia, foram substituídas por pontos vermelhos na roupa. Esta é a representação da violência física que nos provoca medo. Podem ser as balas dos tiros que nos perseguem, as facadas que tomamos ou os objetos que nos atiram e nos ferem cortando a carne dos nossos corpos.

A roupa traz a bandeira do orgulho LGBT, nosso símbolo de tantas lutas principalmente por direitos iguais, carregado principalmente por quem já saiu de vários armários e que está na linha de frente da batalha, exposto e muitas vezes dando a cara a tapas, o corpo a tiros, a sanidade a provas. O leque e as pulseiras representam os tantos objetos que, muitas vezes, ao olhar do outro, nos definem ou nos separam do que é o padrão socialmente aceitável. Por usarmos determinados objetos, determinadas roupas ou nos comportarmos de determinados jeitos, o sistema dominante delimita os espaços em que podemos estar e que podemos ocupar.

Ao fundo estão as trevas. Um breu com poucos pontos de luz que chegam ao pescoço da figura. É a iluminação da esplanada dos ministérios onde trabalham as autoridades tomadoras de decisão sobre os corpos *queer*. Elas legislam sobre onde nossos corpos poderão estar e transitar; quais os nossos direitos; quais os direitos dos nossos companheiros; como e de que maneira nossa vontade de realizar uma possível transição de gênero será permitida; quantos corpos e quais de nós seremos mortos, processados e massacrados em nome da defesa da família tradicional; de que modo seremos humilhados e se haverá pena para quem nos provocou algum mal; quais de nós seremos tratados como doentes e qual será o tratamento para nossa doença - que chamamos de amor.

### Imagem 2 – Composição de autorretratos. Registros de Performance



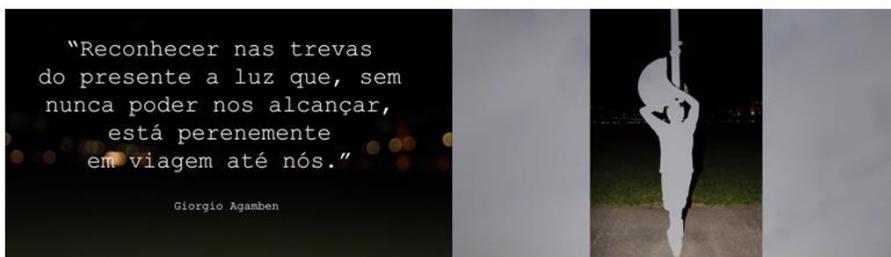
Fonte: arquivo do autor, 2021

A Imagem 2 é uma montagem com as 3 fotografias selecionadas para a elaboração do vídeo final. Elas foram realizadas no mesmo dia e são partes do mesmo estudo, trazendo as mesmas ideias de questionamento sobre o lugar dos corpos *queer*, o contemporâneo, as representações e as noções de claro e escuro e fazem parte dos meus estudos acerca do tema do dilema do armário.

O vídeo final apresenta a Imagem 1, destacada em três partes: o fundo escuro, o primeiro plano mais claro e as marcas vermelhas sobre a roupa, entre os trechos citados do texto de Giorgio Agamben (2009) “O que é o contemporâneo?”. Os fundos utilizados para as citações são imagens noturnas e desfocadas da iluminação da esplanada dos ministérios.

Primeiro “as trevas”, conforme a Imagem 3:

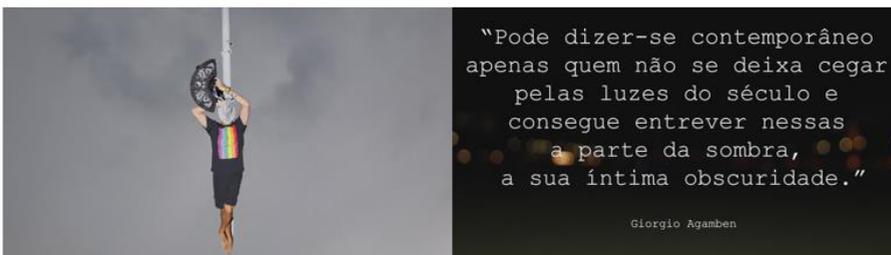
Imagem 3 –Composição com 2 frames do vídeo.



Fonte: arquivo do autor, 2021

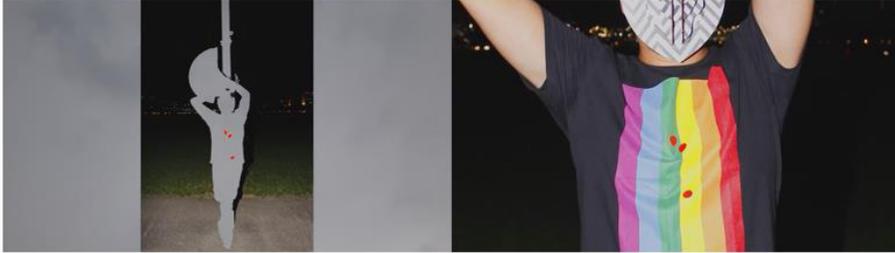
Após, “a luz”, conforme a Imagem 4:

Imagem 4 –Composição com 2 frames do vídeo.



Fonte: arquivo do autor, 2021

Por fim, as marcas vermelhas aparecem em destaque e a fotografia completa (Imagem 1) composta integralmente em movimento



Fonte: arquivo do autor, 2021

## Considerações finais

Este trabalho descreve o pensamento por trás das imagens fotográficas utilizadas para a elaboração de um vídeo, parte de uma pesquisa de mestrado ainda em estágio inicial e que utiliza a imagem do corpo em um lugar de tensão. Este relato tem o objetivo de compartilhar parte de um estudo sobre as questões apresentadas: o que é o contemporâneo para os nossos corpos *queer*? Quais as questões que estão nos cegando no presente e quais os problemas das trevas que nos alcançam? Quais as dimensões políticas que estão encarnadas em nossos corpos? O estudo apresentado é parte de uma série de propostas artísticas que venho pesquisando e que têm sido transformadoras tanto na minha pesquisa quanto na minha vida.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó-SC: Argos, 2009.

BARRAGÁN, Almudena. Cinco 'fake news' que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro. El País. Madri. 19/10/2018. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547\\_146583.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html). Acesso em 11 mai. 2021.

MENDONÇA, Heloísa. Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. El País. Madri. 13/9/2017. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425\\_555164.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html). Acesso em 20 abr. 2020.

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais. In: Porto Arte, Porto Alegre, v.7, n.13, 1996.

RUFFATO, Luiz. O golpe contra Dilma Rousseff. El País. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/31/opinion/1472650538\\_750062.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/31/opinion/1472650538_750062.html) Acesso em: 01 jul. 2020.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. Cad. Pagu [online]. 2007, n.28, pp.19-54. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>.

## CAMADAS DO RACISMO ESTRUTURAL: A ESPECIFICIDADE DE UM LUGAR COMO PROPULSOR DE TRANSFORMAÇÃO PESSOAL

**Lynn Carone**

*Mestranda em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail:  
lynn.carone@gmail.com;*

**Suzete Venturelli**

*Professora orientadora – Doutora Suzete Venturelli do curso de Pós-  
Graduação de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB). E-mail:  
suzeteventurelli@gmail.com.*

### Resumo

O presente relato é parte da pesquisa de mestrado teórico-prática em andamento, ancorada nos conceitos da arte em lugares específicos, *sitespecificity art*, inseridos no contexto de arte e tecnologia em que o espaço, local, passa por uma dinâmica em novas dimensões temporais e discursivas na realidade virtual. O trabalho revela como a especificidade de um lugar pode ser agente propulsor de reflexões e transformações em que, por meio de *videoperformance* arte, se elabora camadas do racismo estrutural. Realizado na cidade de São Paulo, em frente ao restaurante “Senzala”, local em que durante anos foi palco da vida corriqueira das artistas. Trinta anos depois, subitamente após uma temporada fora da cidade, por acaso, ao olhar para esse lugar, nasce uma indignação, não só pela existência do restaurante em si, mas, pelo fato de que durante tanto tempo esse nome e toda a sua conotação racista havia passado em despercebimento para ambas amigas e artistas, a branca e a negra. Não se trata de ativismo, mas, de entendimento do racismo estrutural revelado em mais uma de suas camadas. Em um processo de conscientização, a *videoperformance* é meio de auto percepção, é vivência transformadora.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea, *videoperformance*, racismo estrutural, *sitespecific* e tecnologia.

## Introdução

A pesquisa e a obra produzidas partiram do conceito de *sitespecific*, surgido no final dos anos 60 como um questionamento dos espaços, das instituições e dos aspectos formais da arte, sendo as obras produzidas em e para lugares fora do circuito legitimado. Segundo Miwon Kwon em *One place after another site-specific and locational identity* (2002), desse conceito surge o *sitespecificity-oriented*, um modelo que para além do lugar, também adquire características discursivas, delineado como campo de conhecimento, troca intelectual ou debate cultural, para diversos lugares possíveis, especialmente os ambientes urbanos, entre outros. Assim, o objetivo deste trabalho é mostrar o complexo imbricamento entre a especificidade de um lugar e a produção artística em parceria com a tecnologia, como facilitadores de discussões transformadoras, tanto para a subjetividade quanto para a atuação política e social do sujeito. A *videoperformance* “são muitas camadas”, realizada em bairro “nobre” da cidade de São Paulo, foi propulsora de reflexões, discussões e aprendizagens entre as artistas acerca do racismo estrutural, individual e institucional. A pesquisa se justifica pela relevância da experiência de branquitude para a artista branca, que, por meio da *videoperformance*, se expande como narrativa e discurso em discussão. Com o apoio do livro *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo* de Lia Vainer Schucman (2014), a artista percebe seu lugar de privilégio econômico, social e político que como branca ocupa e todos os valores éticos, estéticos e afetivos que sua posição de poder define na sociedade e corroboram com a manutenção do racismo estrutural. O trabalho compartilha, por meio da arte, reflexões acerca desse tema tão fundamental para a conscientização da importância de uma mudança efetiva na sociedade. Expor as aprendizagens sinaliza um convite para essas transformações.

## Metodologia

Na pesquisa *em arte e sobre arte*, a produção artística e a produção teórica formaram um processo híbrido entre conceitos percebidos no fazer prático e a investigação teórica em relação dialógica. A cartografia como método foi o mote para se pensar, organizar, interligar,

conectar os saberes, acompanhar percursos e processos em redes de conexões (DELEUZE e GUATARRI, 1955). O acaso como método, tema da tese de doutorado “Poéticas do acaso. Acidentes e encontros na criação artística” de Ronaldo Entler (2000) foi usado como parte do processo nas observações dos ambientes urbanos e de passagem, de onde emerge a proposta da investigação sem um planejamento prévio, mas a partir de um elemento que surge como propulsor de todo o processo, no caso, o título do restaurante: “Senzala”. A partir deste elemento perturbador, cria-se um mapa de ideias e ações em que foto e vídeo em processo possibilitam uma narrativa ficcional, que por um lado ativa tudo o que é do âmbito do simbólico e da subjetividade e por outro, desloca para a busca de informações impulsionadas tanto pela especificidade e as questões políticas e sociais contextualizadas ao lugar, quanto pela ação e o fazer artístico em si.

## Referencial teórico

Kwon (2002) em sua pesquisa sobre a prática e conceito de *site specific* enfatiza que, embora no final dos anos 60 e início dos anos 70 na relação entre lugar e obra fosse necessário a presença das pessoas no local para que esse olhar do expectador completasse o trabalho, no decorrer do tempo, essa relação passou por transformações. Surgem novas manifestações, então nominadas de *sitespecificity*, *site oriented*, que abarcaram não só o lugar físico, mas também seu contexto e suas especificidades, como a sua moldura institucional, cultural e social, o que implicaria a subordinar esse site também no âmbito do discurso, ou seja, desenhado pelo campo do conhecimento, trocas intelectuais, reflexões e debates culturais. Este efeito, implica em uma desmaterialização progressiva do site, e é justamente esta relação que interessa nesta pesquisa, pois, mesmo que tenha ocorrido uma *performance* no local, provocada pelo nome dado ao restaurante, esse lugar presencial se desloca para outros lugares. A ação ocorreu em tempo real para quem passava na rua e pôde observar a cena, mas foi por meio da tecnologia e das cenas gravadas e posteriormente manipuladas, coladas, que foi possível criar uma nova narrativa e dar continuidade às discussões e reflexões iniciadas naquele lugar específico. É interessante lembrar que a *performance*, segundo Renato Cohen (2013) em *Performance como linguagem*, é definida como uma linguagem híbrida, uma expressão cênica, mas em que o artista é sujeito e objeto de sua

arte, cuja ontologia seria a aproximação entre vida e arte. Se *a priori* a entendemos como uma função do espaço e tempo, no sentido *Hic et nunc*, no exato instante e local, e que, por sua vez pode ocorrer em qualquer lugar que abrigue expectadores em uma evolução dinâmico-espacial, é a tecnologia, a mídia, que ao manipular o real, recria imagens e padrões, inventa mitos e ficções. Assim a especificidade de um lugar funcionou como agente propulsor de reflexões e é dentro do contexto de arte e tecnologia que o espaço local, passou para uma dinâmica em novas dimensões-temporais e discursivas na realidade virtual, em que, para além da performance que acontece em tempo real no ambiente urbano, também ocorre a *videoperformance* em que a câmara passa a ser o outro, segundo Suzete Venturelli (2004) em *Arte espaço-tempo-imagem*. Se a performance perde a sua efemeridade ao ser registrada por meio da fotografia e do vídeo, esses arquivos na arte contemporânea, conforme discorre Priscila Arantes (2015, P.115) em *Re/escrituras da arte contemporânea história, arquivo e mídia*, podem tornar-se “elementos de criação e produto de linguagem”. A discussão se abre na tênue relação entre o registro e o dispositivo de construção de uma linguagem em si, a *videoperformance*, por exemplo, a partir das mídias, é obra, é arquivo e é a construção de linguagens que fazem parte do processo. Ao considerarmos os recursos de pós-produção do vídeo e a gama de possibilidades de manipulação, das imagens, do tempo, das cores, que o arquivo original pode sofrer, novas narrativas e interpretações surgem e dão continuidade à obra em processo. Este relato parte da experiência performática ocorrida em tempo real e da *videoperformance*, o registro do que aconteceu e que suscitou reflexões e discussões durante, e depois, transformando-se em uma outra narrativa que inclui o ficcional e a subjetivação vivida por cada artista e participante do processo. Michael Rush (2006, p. 210) nos ajuda a entender que essas formas de criar e vivenciar a arte, fora das galerias e dos espaços institucionais, proporciona uma interatividade que possibilita novas experiências das quais os expectadores, agora, se tornam usuários. Isso ocorre nos espaços públicos, disponibilizado a qualquer pessoa que pode tornar-se parte da obra. Junto a isso, a arte tecnológica não precisa mais da anuência institucional, basta um clique para a obra ser vista por milhares de pessoas. Este é o sentido da interlocução entre *site specificity* e seus possíveis deslocamentos discursivos e as mídias.

Para compreender o que deu início ao trabalho, iniciemos com a discussão sobre o nome atribuído ao restaurante, *Senzala*, motivo de mal-estar e constrangimento. A palavra que por tantos anos não causava nenhum tipo de estranhamento, normalizada e diluída no cotidiano urbano, subitamente passou a incomodar, como um despertar de uma camada de consciência, até então, negada, adormecida. *Senzala*, segundo o dicionário<sup>1</sup>, é substantivo feminino e em sua origem histórica é chamada de quimbundo, *sanzala*, povoação tradicional africana composta por cubatas, alojamentos dos trabalhadores em grandes plantações. No Brasil as *Senzalas*<sup>2</sup> abrigavam os povos escravizados nas fazendas, sempre localizadas próximas das casas dos senhores para serem facilmente observadas e controladas, sob o comando de feitores. Eram lugares de insalubridade, castigos, torturas e maltratos. Separados estrategicamente por diferentes funções hierárquicas, etnias, culturas e idiomas, os senhores garantiam dessa maneira uma maior desunião e desarticulação por parte dos homens e mulheres vindos da África, que, entretanto, mantinham suas danças, rituais e religião às escondidas. Ironicamente, ainda como estratégia de dominação, nas *senzalas* os escravizados alimentavam-se uma vez ao dia, normalmente de restos de comida, o suficiente para que pudessem executar os trabalhos necessários. O restaurante “*Senzala*”, em seu site<sup>3</sup> de divulgação, explica que foi “criado para atender as necessidades dos moradores e empresários regionais”. Localizado “no coração de Alto de Pinheiros, nasce na década de 70”, rapidamente tornou-se famoso e muito “bem” frequentado. O bairro de classe média alta já revela a sua frequência e a falta de questionamento por parte de sua clientela com relação ao significado e símbolo que a palavra *senzala* remete. Mas este não é um caso isolado, o que revela ainda mais o racismo estrutural no Brasil. Em breve pesquisa no Google, foi possível encontrar mais restaurantes com o mesmo nome em diferentes

1 <https://dicionario.priberam.org/sanzala>. Acesso em: 06/05/2021.

2 <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/insalubridade-castigos-e-uma-refeicao-diaria-os-horrores-das-bbsenzalas-brasileiras.phtml>. Acesso em: 06/05/2021.

3 <http://senzala-sp.com.br/>. Acesso em: 30/04/2021 19:34.

idades<sup>4</sup> no Brasil, como Uberaba, Salesópolis, Jericoacoara, Salvador, Ubatuba e Jacareí, por exemplo.

A intervenção artística, batizada de “Prato à Moda da Casa”, é descrita na reportagem de Anna Beatriz dos Anjos, revista Forum, 3 de junho de 2015<sup>5</sup>. Nela, as artistas ativistas discutem questões de identidade e do negro no país e pedem respeito por sua dor em um protesto contra o nome Senzala deixando claro o lugar de onde falam e atuam em sua performance. Inicialmente entram no ambiente do restaurante supostamente como clientes entre os já presentes no recinto, e aos poucos arrastam correntes, vestem máscaras de metal que as impossibilitam de conseguir comer, o que provoca estranhamento e risos, transformando as ações em piada e descaso. Atentar à performance das artistas, não seria encarar a própria culpa e vergonha diante da escravidão e questionar o lugar de ainda privilegiados na sociedade? Essa ação ajuda a compreender os diferentes papéis e lugares de questionamento em uma ação artística diante da indignação com o uso da palavra Senzala para nome de um lugar de lazer e prazer gastronômico. Já o trabalho “São muitas camadas” lida com o desconforto frente a percepção de que toda a dor implícita no nome do restaurante simplesmente passou despercebido durante anos para ambas as artistas, revelando a banalização dessa dor.

Os cabelos trançados, emaranhados, registrado pela *videoperformance* certamente às gêmeas xifópagas<sup>6</sup>, encontradas no site oficial do artista Tunga<sup>7</sup>, em que duas irmãs unidas por seus longos cabelos loiros caminham juntas em uma emblemática performance dos

- 
- 4 <https://www.facebook.com/restaurantesenzalauberaba/>;  
<https://www.facebook.com/Senzala208963485790744/>;  
[https://www.tripadvisor.com.br/Restaurant\\_Review-g303297-d4788699-Reviews-Restaurante\\_Senzal/](https://www.tripadvisor.com.br/Restaurant_Review-g303297-d4788699-Reviews-Restaurante_Senzal/);  
[https://www.facebook.com/restsenzala/?utm\\_source=restaurantguru&utm\\_medium=referral](https://www.facebook.com/restsenzala/?utm_source=restaurantguru&utm_medium=referral);  
<https://www.guiamais.com.br/ubatuba-sp/restaurantes/restaurante/15049828-1/restaurante-senzala>  
<https://www.facebook.com/senzaladelivery/>. Acesso em: 07/05/2021.
- 5 <https://revistaforum.com.br/noticias/senzala-nunca-mais-intervencao-artistica-contesta-nome-de-restaurante-em-sp/>. Acesso em: 13/05/2021.
- 6 <https://www.tungaoficial.com.br/pt/publicacao/revista-revirao/>
- 7 Antônio José de Barros Carvalho e Mello Mourão, conhecido como Tunga, foi um escultor, desenhista e artista performático brasileiro, considerado figura emblemática na cena artística nacional.

anos 80, cujo caráter ficcional causou deslocamentos por meio de uma narrativa surreal e enigmática, revelando a metáfora do duplo, muito presente em sua obra. Baseada em um mito nórdico em que irmãs bastardas, “xifópagas capilares”, causam muitas discórdias em sua comunidade e acabam decapitadas e mortas e também inspirado por um artigo lido sobre gêmeas siamesas publicado à época, a obra é marcada por uma narrativa entre ficção e realidade. Retorando para a imagem dos cabelos unindo os corpos das artistas, vestidas de branco, sentados sobre um tronco, em ambiente urbano, em frente ao restaurante em plena cidade, também é possível evocar uma narrativa ficcional tal como Tunga em sua obra, mas em uma espécie de narrativa do absurdo, ao considerarmos que em pleno século XXI, ainda estamos atados no emaranhado de nossas heranças coloniais e escravagistas.

Para Luane Bento dos Santos (2019, p. 64) em seu *artigo* “*Entre tramas e adornos*”:

*O legado africano de trançar cabelos por uma perspectiva do patrimônio cultural*”, “trançar os cabelos é uma das heranças presentes e deixadas pelos nossos ancestrais africanos na memória (negra)”. Hoje a discussão em torno do conceito de apropriação cultural tem gerado muita polêmica. A escolha de trançar os cabelos das duas mulheres como ato *performático* e torna-los parte de um mesmo emaranhado, está para além de um “penteadado” ou de qualquer referência cultural, uma vez que trançar cabelos faz parte de muitas culturas e com diferentes significados. Refere-se à ação de intimidade e de um acordo mútuo. Atar os cabelos ao de outra pessoa pode remeter a muitos arquétipos relacionados aos cabelos e o ato de trançar. No dicionário de símbolos<sup>8</sup>, entre muito significados atribuídos ao cabelo, ele pode representar a força vital que traz consigo o conceito de alma e destino. Deixar-se pentear por alguém é um ato de confiança. Consideramos a afirmação de que a ideia não é trazer referências culturais, ou apropriar-se das mesmas, mas pensar na dimensão simbólica que a união destes corpos por meio dos cabelos pode provocar, as tensões, intenções e as inúmeras camadas envolvidas a serem desvendadas em processo contínuo, tanto pelas artistas, quanto por aqueles que

8 CHEVALIER. A e CHEERBRANT. A. Dicionário dos Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 141,153,154,155,895,947.

assistem e criam suas próprias narrativas e interpretações do que veem.

É no entrelaçamento dos cabelos que simbolicamente revela-se essa relação ancestral em que cada qual de seu lado terá que fazer sua voz ecoar contra o racismo estrutural. Como branca, é preciso entender a branquitude e seu lugar de privilégio e ter a coragem e o respeito para ouvir a voz da negritude. É disso que se trata neste relato, da possibilidade de se abrir para o entendimento dessas camadas sob o ponto de vista de quem, em seu lugar, se dispõe ao mergulho, autoconhecimento e enfrentamento para entender conteúdos que não são fáceis de lidar, pois estão em camadas ocultas pela negação, e, neste sentido a parceria com Sueli Vital foi fundamental. Sem a sua participação e disposição para o presente trabalho, sem o privilégio de poder ouvir as suas percepções, o trabalho se esvazia de sentido. Como reforça Grada Kilomba em *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano* (2019. p. 44-46,76), é preciso olhar para nossa história atual e enfrentar os estágios da negação (mecanismo de defesa e de recusa em lidar com sentimentos e aspectos da realidade que causem incômodo), de culpa (estado emocional de culpabilidade pelo racismo que já aconteceu), da vergonha (quando percebemos que nosso comportamento não condiz com o que idealizamos) e finalmente, do reconhecimento (momento em que o sujeito reconhece a sua própria branquitude, identidade privilegiada e a realidade do racismo). Deste processo vem, então, a reparação, ou ato de reparar o mal causado pelo racismo através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios. Desta forma, é urgente o movimento de responsabilização de forma contundente por mudanças. Para isso é preciso compreender minimamente o racismo. Para Kilomba, o racismo é constituído pela construção da diferença (a pessoa é vista como diferente por sua origem racial ou escolha religiosa), essas diferenças são tecidas juntas valores hierárquicos que naturalizam os membros de um grupo que por meio do estigma, da desonra, incorpora um sentimento de inferioridade, surgindo assim o preconceito. Esses processos são acompanhados pelo “poder, histórico, político, social e econômico. É a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo. E, nesse sentido, o *racismo é a supremacia branca.*”

De acordo com a tese de Teoria Social de Silvio Almeida em *O que é racismo estrutural?* (2018, p. 15-16, 24), a sociedade contemporânea “não pode ser compreendida sem os conceitos de raça e de racismo” e, portanto, “*o racismo é sempre estrutural*, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade... o racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea”. Se o conceito de raça foi desmantelado no século XX pela antropologia, ao derrubar crenças históricas pautadas pelos determinismos biológicos e étnico-culturais, concluindo ao final de que não há nada que de fato justifique o conceito de raça, é essa mesma noção de raça que será usada politicamente para “naturalizar” as desigualdades e toda a problemática do racismo, preconceito e discriminação racial.

Embora existam vários recortes e autores no estudo de branquitude, a pesquisadora e psicóloga social Lia Vainer Schucman (2014, P. 59, 86,87) traz um foco contextual que nos interessa, por se tratar do Brasil e da cidade de São Paulo, local em que as artistas conviveram e trabalharam por muitos anos e juntas fizeram o trabalho em discussão. Esta autora ressalta que não obstante as teorias sobre branquitude foquem no branco na busca de “preencher a lacuna nos estudos sobre relações raciais que por muito tempo ajudou a naturalizar a ideia de quem tem raça é apenas o negro”, é fundamental que sujeitos negros continuem suas pesquisas e investigações particulares para que equalizem cada vez mais a posição de desvantagem em estão situados em nosso sistema. A autora nos ajuda a entender essa complexa tarefa de pensar sobre brancos e branquitude nas relações raciais considerando fundamental desvelar o racismo que mantém e legitima as desigualdades raciais. Para tal, é preciso perguntar quais os significados e impactos na nossa cultura, como se caracteriza e quais os imaginários sobre a raça têm sido criados, quando do ponto de vista biológico, raça não existe. Afinal, quais são os valores que hierarquizam os grupos de brancos e “regulam as práticas cotidianas, percepções, comportamentos e desigualdades entre diferentes grupos humanos”. Refletir acerca dessas relações raciais é perceber o quanto as desigualdades de oportunidades e direitos dos negros estão diretamente relacionadas às vantagens da identidade racial do branco, sujeitos que ocupam um lugar de privilégio ao acesso de recursos materiais e simbólicos, um lugar de poder gerado pelo colonialismo e

imperialismo e que se mantém até hoje. O conceito de raça utilizado para seu estudo é o de raça como um constructo social. Apesar do uso polêmico da categoria “raça”, Schucman (2014) considera a categorização necessária por diversos motivos, primeiro porque a população é discriminada pela categoria “raça”, portanto, pelo racismo, o que indica que é essa mesma categoria pela qual será possível o reconhecimento e afirmação da população negra brasileira, por meio de ações e políticas públicas que possam ajudar a mitigar desigualdades e o acesso a bens públicos como o sistema de cotas, por exemplo, que além disso, também ajuda no processo de afirmação de identidade racial dos negros.

## Resultados e discussão

O fazer artístico possibilitou a aprendizagem da artista branca na busca de ouvir esse lugar de fala da negritude. Impulsionou o aprofundamento e o embasamento teórico para a compreensão do racismo estrutural e o reconhecimento do próprio racismo, da branquitude e do seu lugar de poder e privilégios, dos silenciamentos e ambiguidades explícitos e implícitos nos processos de negação, de reconhecimento da culpa e da vergonha. Trouxe o desejo de reparação e de responsabilização por meio de ações efetivas, com a consciência de que são muitas as camadas para desvendar e transformar na luta antirracista, e no desejo de lutar por um mundo mais justo e igualitário. Comprovou a necessidade e importância de um engajamento e posicionamento ativista na arte, tanto para a autotransformação, quanto para a provocação de deslocamentos, estranhamentos, questionamentos e reflexões. Neste sentido ainda, o *site specific* aliado à arte tecnologia cumpre um papel fundamental no processo de democratização das informações e construção de uma linguagem aberta, uma vez que o arquivo pode ser sempre acessado, modificado e resignificado em novas criações.

### Imagem 1- “São muitas camadas”- registro de fotoperformance e videoperformance



Fonte: arquivo da artista, foto de Marcia Gadioli 2021. Performers Lynn Carone e Sueli Vital

## Considerações finais

Vivemos em um momento histórico em que é preciso se posicionar se queremos que transformações importantes aconteçam. A arte e a cultura continuam cumprindo um papel fundamental de denúncia, resiliência, resistência e mudança de paradigmas. Cabe a nós, artistas e pesquisadores sustentarmos essa pulsão de vida sempre em movimento. Este trabalho pode ajudar a criticar esse sistema de privilégios e desigualdades estabelecido historicamente, nos responsabilizar e estimular ao autoconhecimento e à construção de práticas antirracistas. Para finalizar deixamos uma pergunta feita por Djamilia Ribeiro (RIBEIRO, 2019, p. 39-40) a todos nós: você está fazendo o que pode para contribuir na luta antirracista?

## Agradecimentos

Agradeço à Sueli Vital, pela parceria na obra artística; à Marcia Gadioli, por seus cuidadosos registros fotográficos; à Lucrecia Couso, pela carinhosa produção; ao meu companheiro André Arantes, pelo amoroso registro da *videoperformance*; ao trabalho de edição de Renato Gaiofato; ao apoio e amizade de Juliana Davini e Fernando Pericin e à minha orientadora Suzete Venturelli, por sua sabedoria e generosidade. Agradeço por poder contar com o apoio das instituições que apoiam o projeto: PPGAV/Unb, Capes e CNPq.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARANTES, Priscila. *Re/escrituras da arte contemporânea história, arquivo e mídia*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs. Volume 1. Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995.

ENTLER, Ronaldo. *Poéticas do acaso*. Acidentes e encontros na criação artística. Tese (Doutorado em Artes) – Departamento de Comunicação e Artes, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2000.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KWON, Miwon. *One place after another: site-specific art and locational identity*. Cambridge, Massachusetts. EUA: MIT Press, 2002.

RIBEIRO, Djamila. *Diário Antirracista*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2019.

SANTOS, Luane Bento. *Entre tramas e adornos: O legado africano de trançar cabelos por uma perspectiva do patrimônio cultural*. **Revista ensaios, pesquisas, educação e cultura, Rio de Janeiro, 2019.**

SCHUCMAN, LiaVainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2014.

VENTURELLI, Suzete. *Arte, espaço\_tempo\_imagem*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

## **A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO ENFRENTAMENTO À OFENSIVA ANTIGÊNERO EM TEMPOS PANDÊMICOS: A EXPERIÊNCIA DO OBSERVATÓRIO VIRTUAL GENSEX COVID-19**

### **Bruna Andrade Irineu**

*Professora do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Email: brunairineu@gmail.com*

### **Paula Eduarda Soares Silva**

*Bolsista de Extensão - PROCEV/UFMT. Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, paulaeduarda.s.98@gmail.com*

### **Sara Cristina Silva**

*Mestranda em Política Social pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, saracristinamartins96@gmail.com*

### **Yan Carlos Nogueira**

*Bolsista do PET Saúde Interprofissionalidade - PET Saúde/UFMT. Graduando em Serviço Social pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, ian.carlo.ses@gmail.com*

### **Maryelle de Campos Ponce**

*Bolsista de Extensão - PROCEV/UFMT. Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, maryellecampos2204@gmail.com*

### **Lucas Nascimento Bezerril**

*Bolsista de Extensão - PROCEV/UFMT. Graduando em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, nascimentobezerril@gmail.com*

## Resumo

Diante da conjuntura pandêmica, mesmo sob reduções orçamentárias e ataques políticos do atual governo federal, as universidades brasileiras, em sua multiplicidade de áreas disciplinares, investiram em ações de pesquisa e extensão, que pudessem colaborar com o enfrentamento à covid-19. A universidade federal de mato grosso (UFMT) somou-se a essas iniciativas promovendo inúmeras ações. O projeto de extensão GenSex Covid-19: observatório virtual de gênero e sexualidade na pandemia está vinculado ao Núcleo De Estudos E Pesquisa Sobre Relações de Gênero - NUEPOM. Este trabalho relata a experiência desta extensão universitária, que também leva em consideração a indissociabilidade entre produção acadêmica e militância social no atual contexto de ofensiva antigênero e de crise sanitária, especialmente agudizadas pelas estratégias do bolsonarismo. Durante os meses de janeiro a setembro de 2020 o GenSex Covid-19 realizou coleta de dados através de clipegem de notícias e outros conteúdos na internet, referente ao período de pandemia de covid-19 relacionada às temáticas de saúde. No levantamento foram selecionados 114 conteúdos em diversos meios de comunicação como: sites institucionais, portais de notícias, redes sociais e produções destinadas a um público nicho. deste número de coleta, apenas 96 publicações foram elegíveis para o corpus deste estudo. É importante destacar que o período no qual houve um maior número de coleta de informações envolveu os meses de abril a julho de 2020. Esses dados foram analisados articulando saúde, gênero, raça, sexualidade, classe social e violência à luz do pensamento feminista em tempos de pandemia.

**Palavras-chave:** Covid-19; Gênero; Sexualidade; Mídia; Bolsonarismo.

## Introdução

O projeto de extensão “Observatório Virtual de Gênero e Sexualidade na pandemia de COVID-19 (GenSex COVID-19)” está vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Relações de Gênero (NUEPOM), através da pesquisa “Políticas públicas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexos (LGBTI) na América Latina”, realizada junto ao Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social.

Tendo como proposta monitorar e sistematizar os dados sobre violência contra mulheres e população LGBTI, durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, dando ênfase aos casos de violência que ocorreram no estado de Mato Grosso (MT). A equipe é composta por docentes e discentes, vinculadas ao grupo de pesquisa NUEPOM, que vêm se empenhando em produzir e disseminar conhecimentos que confrontem o ordenamento de gênero, raça, sexualidade e classe social.

O projeto de extensão envolveu monitoramento e sistematização de dados sobre o contexto pandêmico em Mato Grosso, objetivando a produção de materiais, informativos, infográficos e vídeos para serem disseminados entre ativistas de direitos humanos estudantes e profissionais de saúde, e adequando também para instrumentalizar no campo dos direitos os grupos em situação de vulnerabilidade social como trabalhadores do mulheres e LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) de Cuiabá e região.

Figura 1 - Logomarca do Projeto de Extensão



Fonte: Elaborado própria<sup>1</sup>.

1 A logomarca produzida pelo bolsista de extensão Lucas do Nascimento Bezerril.

As atividades do projeto tiveram início em abril de 2020 e foram parcialmente finalizadas em dezembro de 2020, sendo financiadas pelo Programa de Bolsa Extensão Ações Afirmativas - PBEXT AF/2020, através do edital nº 05/2020 da Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Vivência – PROCEV da UFMT. Durante esse período foi realizado um monitoramento de notícias publicadas em sites oficiais do governo, *webjornais*, revistas *onlines* e redes sociais, as quais fizemos uma análise acerca da concepção de gênero, sexualidade, saúde e Sistema Único de Saúde (SUS), observado possíveis indicadores de violência específicos do período pandêmico.

## Metodologia

Este monitoramento constituiu-se enquanto uma pesquisa exploratória, proporcionando assim uma investigação qualitativa, partindo da pesquisa bibliográfica, iremos conceituar as categorias saúde, gênero, raça, sexualidade e classe social. Posteriormente utilizou-se o levantamento do *clipping*, tendo em vista que

O clipping pode ser um condensador de informações originadas em diversas fontes (primárias) da mídia impressa veiculada em publicações periódicas (jornais, revistas, etc.). Este produto, que ao ser finalizado transforma-se em uma fonte secundária de informação, implica em processos de seleção, classificação, indexação e recuperação segundo critérios previamente determinados por um usuário, a partir de suas necessidades de informação. (TEIXEIRA, 2001, p. 5).

Sendo assim a clípagem de notícias, foi realizada através dos meios de comunicação como: sites institucionais, portais de notícias, redes sociais e produções destinadas a um público nicho. Dessa forma iremos realizar a articulação entre o referencial bibliográfico feminista, juntamente com o monitoramento e sistematização de notícias acerca da violência contra mulheres e população LGBTI, para compreender a política sexual e de gênero em tempos de pandemia de Covid-19. E assim produzir análises e informativos sobre a violência no contexto de pandemia e estratégias de enfrentamento.

Cabe destacar que o esforço metodológico de clípagem, análise e socialização dos resultados envolveu a articulação entre três projetos de extensão: 1) PET Saúde Interprofissional – grupo tutorial

LGBT e Mulheres – que iniciou realizou levantamento das notícias;  
2) GenSex COVID-19: observatório de Gênero e Sexualidade na pandemia – que congrega a coordenação da clippagem e das análises;  
3) Pauta Gênero – que acolhe no Medium uma aba para socialização desses resultados.

Figura 2 – Aba do GenSex no Blog Pauta Gênero



Fonte: <https://medium.com/pauta-genero/tagged/gensex>

## Referencial teórico

O vírus SARS-COV2 surge primeiramente como a pandemia nas chamadas economias centrais, China, Europa e EUA, antes de se espalhar por outros países e regiões. Este projeto de extensão, se propõe a constituir um observatório virtual para análise da política sexual e de gênero em tempos de pandemia, conferindo destaque a dados e produção de materiais para enfrentamento ao Corona no contexto mato-grossense. Judith Butler (2020) afirma que o contexto de isolamento social para enfrentamento a pandemia de Covid-19 tem nos mostrado muito sobre nossa interdependência global no novo tempo e espaço. Do mesmo modo que somos solicitados ao recolhimento doméstico e a privação de contato social também vemos a transposição de fronteiras entre territórios nacionais.

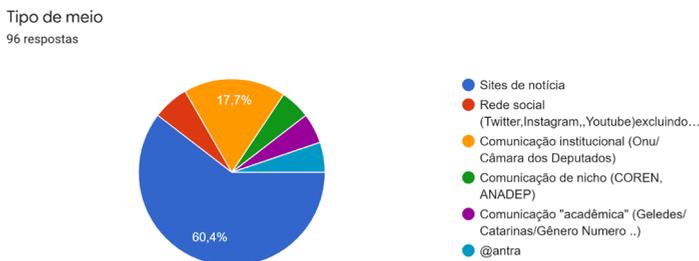
Débora Diniz (2016) ao recuperar sua trajetória de pesquisa sobre a epidemia Zika no sertão nordestino, nos ensina que quando investigamos novos adoecimentos precisamos mover múltiplos quebra-cabeças do método científico. Em seu estudo ela monitorou cinco mil veículos de comunicação nacionais e internacionais, além de ter acompanhado grupos de whatsapp com mulheres que foram acometidas pelo vírus. Esse turbilhão de informações lhe fez reunir múltiplas fontes documentais e audiovisuais, que lhe deram condições de uma análise rigorosa sobre a doença.

O levantamento SPW (Sexuality Policy Watch) demonstra que a pandemia de COVID-19 tem inúmeras dimensões que se articulam com gênero, raça, etnia, nação, sexualidade, geração e classe social. O imperativo do isolamento e a litúrgica de “guerra ao vírus” tem legitimado o autoritarismo em muitos países. As populações encarceradas, trabalhadores/as do sexo, idosos/as, pessoas hiv positivo, quilombolas, povos indígenas, LGBT, mulheres e crianças em situação de violência denunciam os aspectos evidentes de uma pandemia em um “conjuntural global de desdemocratização” (BROWN, 2019).

## Resultados e discussão

Durante o período de janeiro a setembro de 2020 o GenSex COVID-19 da UFMT, campus Cuiabá acompanhou as notícias acerca da situação das mulheres e da população LGBTI durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, dando ênfase ao estado de Mato Grosso. Nesse período foram selecionados 114 conteúdos em diversos meios de comunicação, deste número de coleta, apenas 96 publicações foram elegíveis para a análise e tabulação (Gráfico 1).

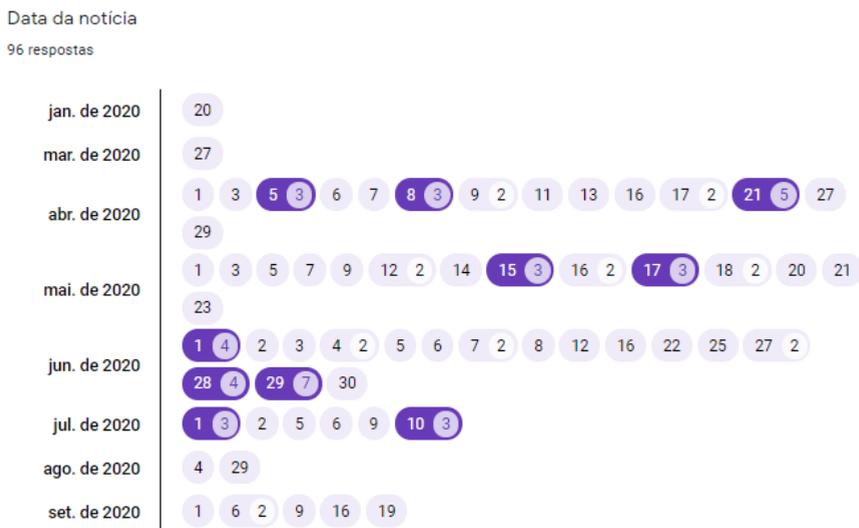
Gráfico 1 - Tipos de meios de comunicação das notícias



Fonte: GenSex COVID-19, 2021

Deste número de coleta, apenas 96 publicações foram elegíveis para a análise/tabulação que fizemos e apresentamos a seguir. É importante destacar que o período no qual houve um maior número de coleta de informações envolveu os meses de abril a julho (Tabela 1).

Tabela 1 - Período da coleta de notícias



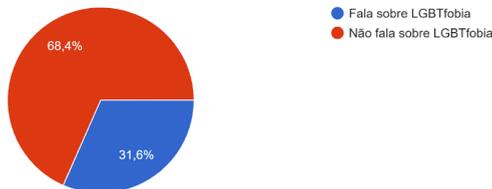
Fonte: GenSex COVID-19, 2021

Ao observar tais materiais, foi possível visualizar um aumento exponencial nos casos de violência doméstica, feminicídio, LGBTfobia e deterioração da saúde da população LGBTI. Por essa razão, ações que fortaleçam o reconhecimento da violência se mostraram urgentes, bem como compreensão dos caminhos sócio-jurídicos que podem ser percorridos frente às desigualdades sociais, sexuais, de gênero e de raça numa perspectiva interseccional.

Os dados apontam que, referente a qualquer tipo de discriminação contra a comunidade LGBTQIA+, grande parte dos materiais coletados não falavam explicitamente sobre isso. Entretanto, 31,6% tratavam diretamente sobre LGBTIfobia.

### Gráfico 6 - Abordagens temáticas nas notícias sobre LGBTfobia

Sobre LGBTfobia  
95 respostas

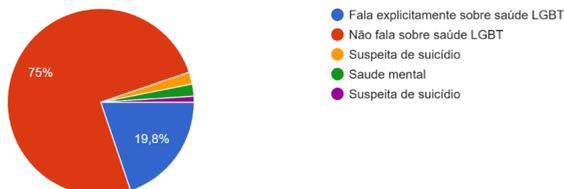


Fonte: GenSex COVID-19, 2021

Verificou-se ainda que uma parte das notícias, mesmo que em número reduzido, se propôs a abordar a relação entre a população LGBTQI+ e temáticas de saúde, sendo que, número reduzido falava-se especificamente sobre saúde mental, como distribui o gráfico abaixo (Gráfico 7).

### Gráfico 7- Abordagens temáticas nas notícias sobre saúde LGBT

Sobre saúde LBGT (no outros responder se mental ou física)  
96 respostas



Fonte: GenSex COVID-19, 2021

Neste sentido, considerando esta amostra, pode-se afirmar que a atenção para temáticas como saúde da população LGBTQI+ recebeu reduzida atenção frente ao contexto pandêmico. Sendo que, a não disseminação de informações relacionados a esses temas, podem agudizar os problemas sociais que já os cercam em um cenário de não pandemia.

O agravamento dessas formas de violências, especialmente com as recomendações de distanciamento social é medida essencial ao enfrentamento à pandemia de COVID-19 mas também traz à tona o

risco e a fragilidade dos vínculos afetivos nos espaços domésticos e familiares, como mostra o levantamento da pesquisa *Diagnóstico LGBT+ na pandemia*.

## Considerações finais

Esse projeto de extensão universitária, permitiu que as/os discentes e as/os docentes envolvidos nessa pesquisa, compreendessem os impactos da pandemia de Covid-19 na vida das mulheres e da população LGBTI+, através da análise das notícias e de outros conteúdos publicados na internet, articulando os debates acerca de saúde, gênero, raça, sexualidade, classe social e violência a partir do referencial teórico feminista, percebendo assim a vulnerabilidade social desses grupos, os estigmas e preconceitos que tais estão submetidos em nossa sociedade.

Deste modo, os dados coletados evidenciam o aumento da violência contra essas populações na atual conjuntura, evidenciando a importância da construção de políticas públicas, que em seus limites fundamentais, sejam direcionadas para atender as demandas e necessidades específicas das mulheres e da população LGBTI, que deem conta de redistribuição socioeconômica e reconhecimento da diferença. (IRINEU, 2019).

A disputa por uma noção coletiva de educação pública e de extensão universitária pressupõe à crítica a subordinação da extensão, da pesquisa e do ensino aos interesses empresariais e mercantis. A crise na educação superior, a redução orçamentária, a negação da ciência e desmoralização das instituições democráticas vem sendo as estratégias da atual gestão federal presidida por Bolsonaro para avançar sobre os direitos sociais e priorizar a agenda econômica, mesmo no período de pandemia de COVID-19. (IRINEU, 2020).

## Agradecimentos

À Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Vivência da Universidade Federal de Mato Grosso (PROCEV/UFMT) pelo apoio no fomento de bolsas de extensão.

As bolsistas do PET Saúde Interprofissionalidade – grupo tutorial Mulheres e população LGBT, que iniciaram o levantamento de notícias.

Ao *Observatório de Gênero e Desigualdades* e ao *Pauta Gênero* sob coordenação do Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tamires Coelho vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGCom/UFMT).

## Referências

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo. Editora Politéia, 2019.

DINIZ, Débora. **Zika**: do sertão nordestino à ameaça global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GenSex COVID-19 reúne dados sobre saúde, gênero e sexualidade durante a pandemia. **Pauta Gênero**, 2021. Disponível em: <<https://medium.com/pauta-genero/gensex-covid-19-re%C3%B9ne-dados-sobre-sa%C3%BAde-g%C3%AAnero-e-sexualidade-durante-a-pandemia-179c0718a481>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

IRINEU et. al. **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: temas emergentes**. Editora Devires. Salvador, Bahia. 1<sup>a</sup> edição, 2020. 283p.

IRINEU, Bruna Andrade. **Nas tramas da política pública LGBT**: um estudo crítico da experiência brasileira (2003-2015). Cuiabá: EdUFMT, 2019.

TEIXEIRA, Hugo Márcio Lemos. **O clipping de mídia impressa numa abordagem interdisciplinar sob os prismas da ciência da informação e da comunicação social**; o jornal de recortes da Assembléia Legislativa de Minas Gerais. 2001. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

## CAMPANHA TRANSOLIDARIEDADE NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

### **Brune Coelho Brandão**

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF e colaboradora do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+ - CeR-LGBTQI+ da UFJF, brunecbrandao@yahoo.com.br;*

### **Dandara Felícia Silva Oliveira**

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF e colaboradora do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+ - CeR-LGBTQI+ da UFJF, dandaradoxum@gmail.com;*

### **Maria José Figueira Pereira**

*Psicóloga do Centro de Referência de Direitos Humanos – CRDH e colaboradora do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+ - CeR-LGBTQI+ da UFJF, coautor3@email.com;*

### **Marco José de Oliveira Duarte**

*Pós-Doutor em Políticas Sociais. Professor Adjunto da Faculdade de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Pesquisador do CNPq e Coordenador do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+ - CeR-LGBTQI+ da UFJF, marco.duarte@uffj.br.*

### **Resumo**

Trata-se de um relato de experiência que contempla uma das ações de extensão de prevenção e enfrentamento à COVID 19 vinculada ao Programa de Extensão “Centro de Referência de Promoção da Cidadania de LGBTQI+” (CeR-LGBTQI+) e ao Projeto de Extensão “DIVERSE: Observatório da Diversidade Sexual e de Gênero: Políticas, Direitos e Saúde LGBT”, ambos da Faculdade

de Serviço Social da UFJF, a Campanha TranSolidariedade, em parceria com o Centro de Referência de Direitos Humanos de Juiz de Fora e Território Mata (CRDH-JF) e o Grupo Força Trans, desenvolvido desde março de 2020 até ao presente momento. Assim, de forma colaborativa, desenvolvemos uma ação coletiva no cenário de combate à COVID-19 na cidade de Juiz de Fora, voltado para o público beneficiário da referida ação extensionista, a população LGBTQI+, mas, em particular, a população de mulheres transexuais e travestis em situação de vulnerabilidade social, trabalhadoras na e da rua e em prostituição. Com o aumento do número de casos confirmados e o avanço da pandemia da COVID-19 em todo Brasil, entendíamos que era o momento de ampliarmos as ações coletivas com foco na rede de solidariedade informal para chegar cada vez mais às pessoas que se encontram com múltiplas vulnerabilidades sociais. Desta forma, portanto, no bojo dessa parceria entre universidade e sociedade civil, emerge a Campanha TranSolidariedade, que tem por objetivo geral o apoio e suporte social às trabalhadoras de sexo (travestis e mulheres transexuais) no município de Juiz de Fora/MG, que, em decorrência do atual cenário pandêmico em decorrência do novo coronavírus (COVID-19) não podiam mais trabalhar nas ruas, lugar onde se localiza o mundo do trabalho das conhecidas “meninas”, no sentido de evitar o contágio, tendo em vista a letalidade do vírus, prejudicando-as em todos os sentidos, mas, particularmente, nas suas formas de sobrevivência econômica, social e mesmo sanitária.

**Palavras-chave:** LGBTQI+, Centro de Referência, Cidadania, Solidariedade, Campanha.

## Introdução

Consiste em um relato de experiência acerca de uma das ações de extensão de prevenção e enfrentamento à COVID 19 vinculada ao Programa de Extensão “Centro de Referência de Promoção da Cidadania de LGBTQI+” (CeR-LGBTQI+) e ao Projeto de Extensão “DIVERSE: Observatório da Diversidade Sexual e de Gênero: Políticas, Direitos e Saúde LGBT”, ambos da Faculdade de Serviço Social da UFJF, a Campanha TranSolidariedade, em parceria com o Centro de Referência de Direitos Humanos de Juiz de Fora e Território Mata (CRDH-JF) e o Grupo Força Trans, desenvolvido desde março de 2020 até ao presente momento.

De forma colaborativa, realizamos uma ação coletiva no cenário de combate à COVID-19 na cidade de Juiz de Fora, voltado para o público beneficiário da referida ação extensionista, a população LGBTQI+, mas, especialmente, a população de mulheres transexuais e travestis em situação de vulnerabilidade social, trabalhadoras na e da rua, em contexto de trabalho sexual.

Assim, através parceria entre universidade, sociedade civil e outros equipamentos do Estado, emerge a Campanha TranSolidariedade, que tem por objetivo geral o apoio e suporte social às trabalhadoras de sexo (travestis e mulheres transexuais) no município de Juiz de Fora/MG. Em função do atual cenário pandêmico proveniente da crise global sanitária do Sars-Cov-2, também chamado de COVID-19, elas não tinham condições de trabalhar nas ruas, lugar onde se localiza o mundo do trabalho das conhecidas “meninas” (OLIVEIRA; DUARTE, 2020), no sentido de evitar o contágio, haja vista os protocolos estabelecidos de distanciamento social e trabalhos remotos. Tendo em vista a letalidade do vírus e as altas taxas de mortalidade apresentadas no município e no país, as trabalhadoras sexuais foram prejudicadas no exercício de sua profissão, mas, particularmente, nas suas formas de sobrevivência econômica, social e mesmo sanitária (DUARTE, 2020a).

A Campanha TranSolidariedade, como uma ação vinculada ao CeR-LGBTQI+ e ao DIVERSE, no âmbito da UFJF, em parceria com o CRDH, o Grupo Força Trans e mais recentemente com a recém implementada Secretaria de Especial Direitos Humanos da atual gestão municipal, surge no contexto do enfrentamento à pandemia, e desde o seu início, em abril de 2020, toda a proposta e programação originaram-se a

partir das demandas das meninas, tendo como gênese o contato com representantes da equipe do CeR-LGBTQI+, que também são pessoas travestis e transexuais, intituladas nessa rede denominada por elas mesmas como “manas”. O surgimento da demanda através do acionamento coletivo de profissionais do sexo nos chamando a ocupar nosso espaço institucional de garantia de direitos básicos de trabalho e sobrevivência possibilitou a construção coletiva com as usuárias de ações que contemplem suas reais especificidades (DUARTE, 2020b). E será esse processo que pretendemos relatar aqui, com todas as possibilidades de ação que se constituíram para nós.

Nessa seara, tal ação se justifica em detrimento do aumento progressivo, ao longo de mais de um ano de pandemia no Brasil, do número de casos confirmados e o avanço da pandemia de COVID-19 para mais cidades em todo país. Avaliamos enquanto equipamento de proteção social que era o momento de ampliarmos as ações coletivas com foco na rede de solidariedade informal (OAI, 2020) e na articulação e pressão de outros equipamentos do município para atingir cada vez mais as pessoas que se encontram com múltiplas vulnerabilidades sociais, em particular interseccionando os marcadores de identidade de gênero, classe e raça.

Após esse acionamento, enquanto equipe técnica do centro de referência LGBTQI+, tivemos que nos reinventar em frente ao contexto de pandemia para construir ações que, além de seguir os protocolos de biossegurança estipulados no país, paradoxalmente nos aproximasse de sujeitos marginalizados (VOTE LGBT, 2020) e que não acessavam os equipamentos de proteção social, travestis e mulheres transexuais que traçavam seus caminhos de resistência sem uma cobertura das ações do Estado. Durante esse processo de construção de estratégias de ação, o delineamento foi impulsionado em frentes que contemplassem, em um primeiro momento, as condições materiais de sobrevivência.

## Metodologia

Para melhor compreensão das ações desenvolvidas, uma das frentes da campanha foi a arrecadação financeira virtual. Criamos uma vaquinha online, amplamente divulgada em nossas redes sociais institucionais e pessoais, para apoiar essas trabalhadoras de sexo, bem como custear a compra de itens essenciais nesse período, como

alimentos e produtos de limpeza, tais detergente, álcool 70, cloro, água sanitária, desinfetante, sabão em barra, sabonete, álcool em gel, máscaras, todos imprescindíveis no combate ao coronavírus. Durante nosso tempo de trabalho, toda quantia recebida foi de extrema importância. Divulgamos o link da campanha nas redes sociais, em particular, no facebook, no instagram do CeR-LGBTQI+ e outros, consideradas redes de maior popularidade nos nossos espaços de sociabilidade.

Outra frente desenvolvida, de maneira simultânea à campanha de arrecadação virtual, entretanto ocorrida de forma presencial, foi a distribuição de produtos alimentícios para subsistência. Houve a arrecadação de donativos, principalmente o recebimento de cestas básicas para posterior distribuição com as meninas, que teve dois movimentos: um que se referenciava na sede do CRDH, com a divulgação dos dias e horários de seu funcionamento de forma emergencial; e outro que nos dirigimos aos locais e instituições previamente acordados para recolher os bens e mercadorias doados.

Nesse contexto, inicialmente realizamos o cadastramento dessas mulheres transexuais e travestis trabalhadoras de sexo para receberem os benefícios arrolados. Para facilitar a comunicação, principalmente no contexto de distanciamento social imposto pela pandemia, criamos um grupo no *whatsapp* com o intuito de realizar as orientações sociais sobre os benefícios socioassistenciais governamentais do governo federal, desde o cadastro único (Cad-Único), programa de segurança alimentar (PSA) que oferece cesta básica, programa bolsa família (PBF), benefício de prestação continuada (BPC) da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), além do Programa de Auxílio Emergencial ao Cidadão (renda emergencial de R\$ 600,00 por pessoa). Como para todos os benefícios sociais existem critérios de elegibilidade, o da renda emergencial não seria diferente, contudo, essas trabalhadoras consideradas como informais ou autônomas ou mesmo desempregadas, com renda familiar per capita inferior a 1/2 salário-mínimo, tinham direito. E apostamos também nessa outra frente de trabalho. Através de orientações e suporte no preenchimento dos cadastramentos desses serviços e benefícios citados, iniciamos um processo de construção do CeR enquanto porta de entrada para acesso a direitos provenientes também de outros equipamentos socioassistenciais e de saúde. Nossa perspectiva, a longo prazo, é a inserção dessas mulheres na rede formal de proteção social do município como outro ponto de suporte para suas múltiplas vulnerabilidades.

Como impressão inicial, embasada no desenrolar de todo esse processo, foi que estávamos evitando que essas trabalhadoras sexuais fossem para as ruas e se expusessem mais ao coronavírus em suas relações de trabalho, com probabilidade maior de serem acometidas pela doença com impactos letais nos sujeitos. Portanto, através de esforços individuais e coletivos, produzimos uma rede ampla de solidariedade informal. Apesar de nos constituirmos como um programa de extensão universitária, com limitações de recursos humanos, haja vista que contamos apenas com profissionais voluntárias, e financiamento reduzido, nossos esforços se centraram no fortalecimento dessa rede e suas possibilidades de articulação com os equipamentos de proteção social institucionalizados no município.

Na operacionalização das estratégias de ação arroladas acima, focamos na captação e distribuição de cestas básicas, máscaras de pano e alguns kits de higiene e limpeza para essas mulheres transexuais e travestis trabalhadoras de sexo em situação de vulnerabilidade social. As distribuições ocorreram nos territórios micropolíticos de exercício do trabalho, em dias e horários previamente combinados com elas. Nesses encontros, em que foram mantidos os protocolos de uso de máscaras e álcool em gel quando do compartilhamento de objetos, preenchemos uma ficha de cadastramento delas com o objetivo de conhecer as suas realidades socioeconômica, familiar e de trabalho. De março até dezembro de 2020, foram realizadas entregas bimestrais de cestas básicas, três entregas de contribuição financeira do fundo de arrecadação coletivo online e duas entregas de kits de higiene e limpeza. Em dezembro, articulamos uma ação de Natal de entrega na casa de cada uma, tendo em vista que o volume de produtos distribuídos foi maior. No início de 2021, iniciamos uma nova articulação política de manutenção do projeto desenvolvido, tendo em vista o agravamento da pandemia no país e a constante e expressiva taxa de mortalidade, além da lentidão no processo de acesso às vacinas e imunização das pessoas. Começamos a compor um espaço de discussão junto à atual Secretaria Especial de Direitos Humanos do município com o intuito de receber os recursos necessários para nossas atendidas, além de formalizar o centro de referência LGBTQI+ como espaço essencial de garantia de proteção social da população dissidente das normativas sexuais e gênero na cidade de Juiz de Fora. Nosso intuito é, através de uma ação solidária, pressionar os

equipamentos estatais a de fato efetivar políticas públicas específicas para essa população.

## Resultados e discussão

Durante a implementação e operacionalização da Campanha TranSolidariedade, pudemos, em um primeiro momento, conhecer melhor das demandas de mulheres transexuais e travestis trabalhadoras sexuais em interseção com as dimensões de classe, raça e geração. As ações foram executadas, em termos de territorialidade, próximas à casa de uma das mulheres consideradas como “mais velhas”, residente em uma região central. Ela inclusive foi a principal porta-voz que chegou a uma pessoa de nossa equipe, travesti preta e mestranda em serviço social, e perguntou como poderíamos auxiliá-las enquanto local de acolhida das demandas da população LGBTQI+. Desse modo, o ponto de encontro se tornou em frente à casa de Margarida. Inclusive, quando alguma menina não conseguia comparecer à entrega, pedia para deixar guardada sua cesta ou kit higiene e limpeza na casa dessa referência local. Com a ação, conseguimos atingir um número significativo de travestis e transexuais, com diferentes realidades de vida. O quadro abaixo demonstra de forma sintética alguns marcadores importantes do grupo beneficiário da ação executada.

Quadro 01: Descrição das mulheres trans e travestis beneficiárias e envolvidas na ação

Nome	Cor/Raça	Função	Idade	Escolaridade
Lumena	Branca	Profissional do Sexo	42	Ensino Médio Completo
Margarida	Branca	Profissional do Sexo	56	Ensino Fundamental Incompleto
Tatiana	Negra	Profissional do Sexo	23	Ensino Fundamental Incompleto
Lorena	Branca	Profissional do Sexo	20	Ensino Fundamental Incompleto
Astrid	Branca	Profissional do Sexo	39	Ensino Fundamental Incompleto
Neiva	Negra	Profissional do Sexo	42	Ensino Médio Completo
Lucrécia	Negra	Profissional do Sexo	32	Ensino Médio Completo
Lavinia	Branca	Profissional do Sexo	NI*	Ensino Superior Completo
Dora	Branca	Profissional do Sexo	31	Ensino Fundamental Incompleto
Lúcia	Branca	Profissional do Sexo	41	Ensino Fundamental Incompleto
Lívia	Negra	Profissional do Sexo	35	Ensino Fundamental Incompleto
Dalila	Negra	Profissional do Sexo	50	Ensino Fundamental Incompleto

Nome	Cor/Raça	Função	Idade	Escolaridade
Flávia	NI*	Profissional do Sexo	43	Ensino Fundamental Incompleto
Samira	Negra	Profissional do Sexo	44	Ensino Fundamental Incompleto
Luciana	Branca	Profissional do Sexo	21	Ensino Fundamental Incompleto
Talia	Branca	Profissional do Sexo	27	Ensino Fundamental Incompleto
Tabata	Negra	Profissional do Sexo	NI*	Ensino Fundamental Incompleto
Viviane	NI*	Profissional do Sexo	28	Ensino Médio Completo
Fernanda	NI*	Profissional do Sexo	19	não informado
Moira	Negra	Profissional do Sexo	31	Ensino Médio Incompleto
Helena	Branca	Profissional do Sexo	57	Ensino Fundamental Incompleto
Laura	Negra	Profissional do Sexo	NI*	não informado
Esmeralda	Negra	Profissional do Sexo	35	Ensino Fundamental Incompleto
Vera	Branca	Profissional do Sexo	29	Ensino Fundamental Incompleto
Cirene	Branca	Profissional do Sexo	41	Ensino Médio Completo
Ramona	Negra	Profissional do Sexo	20	Ensino Fundamental Incompleto

\*NI – não informado

Fonte: Sistematização das autoras

De modo geral, as ações ocorreram em torno de alguns eixos, que pretendemos descrever abaixo. Todas elas ocorreram de forma simultânea e foram sendo adaptadas para os contextos das meninas, seja de forma coletiva ou individualmente, haja vista algumas especificidades percebidas nos acolhimentos realizados.

**Ação 1** – Cesta básica: fornecida pelo CRDH JF e prefeitura após levantamento da demanda: Nossa principal ação girou em torno da distribuição de cestas básicas para garantia de segurança alimentar durante o período de redução ou afastamento da jornada informal de trabalho. Nos contatos com as participantes da ação, notamos que todas elas viviam exclusivamente do trabalho sexual, sedja ele exercido totalmente ou parcialmente nas ruas. Algumas até relataram migrar ou potencializar sua oferta serviço em sites especializados, mas mesmo assim, a demanda de clientes continuava muito baixa. Assim, um dos principais recursos demandados foram as cestas. Elas constantemente nos indagavam acerca de novas distribuições e de como as cestas vinham completas e “bem recheadas”, tendo muitos produtos essenciais para alimentação. As doações recebidas foram acordadas de serem distribuídas em frente à casa de Margarida, rua em que algumas meninas faziam ponto de prostituição. Esse ponto

fica na interseção com outra rua historicamente conhecida como ponto de prostituição, em que outras usuárias também trabalhavam. Apesar dos diferentes pontos de trabalho ressaltarem algumas disputas geopolíticas de espaço, o ponto escolhido permitia que elas pudessem circular sem que houvessem conflitos em detrimento de algumas diferenças individuais.

**Ação 2** - Kit higiene e limpeza: Participaram junto ao CeR nessa arrecadação o Centro de Referência em Direitos Humanos - CRDH, o coletivo feminista 8M e a Pró-reitoria de extensão PROEX/UFJF. A ideia era que o kit fosse montado da forma mais completa possível a partir dos itens que as travestis e transexuais elegeram como essenciais para esse momento. Utilizamos o grupo no *whatsapp* como forma de interação com elas para sondar quais eram os itens essenciais que comporiam o kit. A nossa proposta foi construir do zero, e coletivamente com elas, a produção do kit a qual seria distribuído. Surgiram itens básicos nesse contexto pandêmico, tais como álcool em gel, álcool 70, máscaras protetoras, sabão em barra e água sanitária. Além disso, elas solicitaram outros produtos também, tais como sabonete, papel higiênico, shampoo, condicionador, pasta de dentes, escova, etc.

**Ação 3** - Construção do grupo de *WhatsApp*: o grupo foi construído com o intuito socialização das informações referentes às distribuições, fortalecimento de vínculos grupais e com o CeR, bem como a apresentação/provocação de discussões pertinentes ao grupo. Como resultado, percebe-se a postagem de textos pelas meninas para se auto apoiarem, através inclusive da religiosidade, e de falas no sentido de construção de identidade coletiva do que é ser trans/travesti. Além disso, por estar em período das eleições municipais, discutiu-se como as escolhas políticas do voto impactariam na comunidade trans/travesti

**Ação 4** - Recurso em dinheiro: foi construída uma “vaquinha” online em site de arrecadação coletiva de fundos, que foi amplamente divulgado nos meios de comunicação em massa do município e nas redes sociais institucionais do CeR. Surpreendentemente, ultrapassamos a meta inicial estipulada e avaliamos dar continuidade à modalidade de arrecadação virtual até dezembro. Realizamos uma primeira entrega de recurso de aproximadamente 240 reais para cada uma delas; uma segunda entrega de aproximadamente 165 reais e, por fim, uma entrega de 100 reais

juntamente com a ação de entrega do Natal. Todos os recursos foram direcionados de forma livre para garantir elas pudessem arcar com contas ou demais gastos necessários de acordo com suas realidades individuais.

**Ação 5** - Kit Natal: em dezembro, executamos uma ação de Natal em que nos deslocamos até a residência de cada uma delas para entrega da cesta básica tradicional, do kit de higiene e limpeza, itens típicos da época para uma ceia de natal e uma cesta agroecológica com produtos provenientes do Assentamento do Movimento Sem-Terra (MST) na região.

Inicialmente, contávamos com um grupo menor de meninas, eram aproximadamente 10. Com base na metodologia de “bola de neve”, conseguimos acessar mais mulheres transexuais e travestis nas mesmas situações de precariedade, aumentando nossa demanda por arrecadações e para execução de novas entregas. As estratégias começaram contemplando igualmente todas as participantes, todavia, à medida que as doações e recursos foram se tornando mais escassos, foram necessários critérios de elegibilidade pautados em diferentes marcadores sociais do sujeito para além da identidade de gênero.

Como perspectiva de continuidade das ações em 2021, estamos em um processo de construção de parceria com a atual gestão do executivo municipal que, através do Mesa Brasil Sesc e uma campanha municipal de arrecadação de alimentos. Essa ação busca assistir instituições que trabalhem com pessoas em situação de vulnerabilidade social no combate à insegurança alimentar no município, das quais nos incluímos nas reuniões, principalmente informando que as travestis e mulheres transexuais não acessam os CRAS e demais equipamentos locais por desconhecimento e transfobia institucional. Com vistas a contornar essa situação, estamos gradativamente buscando inseri-las nos atendimentos de espaço de assistência e saúde públicas do município para ampliar sua rede de suporte.

## Considerações finais

Em Juiz de Fora, a realidade de exclusão de mulheres transexuais e travestis, principalmente aquelas que dependem do trabalho sexual realizado nas ruas para subsistência, se confirma na ausência da política pública, permitindo que a precariedade da vida e a vulnerabilidade se ampliem. Constatamos vulnerabilidades agravadas em dois

níveis de desproteção: a saúde, com a presença de um vírus novo para a população em geral, inclusive para profissionais de saúde especializados; e a socioeconômica, em que o isolamento social e as restrições de circulação afetaram diretamente as dinâmicas de trabalho nas ruas e a consequente renda gerada com base nesse ofício.

Embora haja uma dinâmica de preconceito, discriminação, violação e violência perpetradas por concepções sociais moralmente recriminatórias, o trabalho dessas mulheres se configura ainda como uma das poucas possibilidades de existência em função de sua identidade de gênero. Isto se traduz nos relatos sobre a falta de perspectivas em relação a outra saída de se manterem economicamente e, por esses motivos, constantemente era necessário voltar às ruas e ao trabalho.

Neste contexto, se deu a compreensão do afeto e o acolhimento feito por elas em relação à equipe do CeR-LGBTQI+ e do movimento de pessoas que se colocam juntas na luta. Uma demanda emergencial, eclodida pela necessidade histórica de combate ao coronavírus durante a pandemia de impacto global, nos fez refletir criticamente acerca de nosso trabalho e na construção de novas possibilidades de ação que nos aproximem mais de pessoas em situação de extrema precariedade de vida. A distribuição de cestas foi além de somente a entrega, mas permitiu a criação de vínculos com cada mulher travesti e transexual contemplada, conhecendo suas histórias e singularidades.

Além disso, possibilitou o fortalecimento político da comunidade na construção de uma identidade grupal pautada em vínculos de solidariedade, mesmo com alguns conflitos existentes. Não raro, escutávamos que “ninguém olhava para as travestis das ruas”, mas agora elas se sentiam acolhidas e menos sozinhas nesse momento crítico de sobrevivência.

Assim, em um primeiro momento, a equipe se organizou para atender uma demanda emergencial de insegurança alimentar e financeira de um grupo em situação de vulnerabilidade social e que historicamente não tem acesso às políticas do Estado. Contudo, com a execução das ações, vínculos foram formados, fortalecendo o CeR-LGBTQI+ enquanto referência para essas mulheres travestis e transexuais em outras demandas, tais como busca por escolarização, novas possibilidades de inserção no mercado formal de trabalho, com garantias trabalhistas, busca pelos seus direitos em saúde e na retificação de seus documentos. O espaço ainda se configura como potente

aproximação online para que, no final da pandemia, possamos construir grupos de discussão presenciais com elas.

## Agradecimentos

A todas as pessoas e parcerias envolvidas na Campanha TranSolidariedade e, em particular, ao nosso público-alvo, às travestis e mulheres transexuais trabalhadoras sexuais.

## Referências

DUARTE, Marco José de Oliveira. Dissidências sexuais, vidas precárias e necropolítica: impressões de uma experiência em tempos de pandemia. In: OLIVEIRA, Antonio Deusivam de. (Org.). **População LGBTI+, vulnerabilidades e pandemia da COVID-19**. Campinas: Saberes e Práticas, 2020a.

DUARTE, Marco José de Oliveira. Vidas precárias e LGBTQIfobia no contexto da pandemia: a necropolítica das sexualidades dissidentes. In: APES-JF. **Pandemia e Política**. Juiz de Fora: APES-JF, 18 de maio de 2020b. Disponível em: <[https://www.apesjf.org.br/wp-content/uploads/LGBT\\_Convid\\_19\\_APES-1.pdf](https://www.apesjf.org.br/wp-content/uploads/LGBT_Convid_19_APES-1.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2021.

OLIVEIRA, Dandara Felícia Silva; DUARTE, Marco José de Oliveira. Trabalho e tra(ns)vesti(gêneres)lidades: elementos para uma análise. In: PINHEIRO, Diógenes; REIS, Claudia. (Org.). **Quando LGBTs invadem a escola e o mundo do trabalho**. Rio de Janeiro: Ed UNIRIO, 2020.

OUTRIGHT ACTION INTERNATIONAL - OAI. **Vulnerability Amplified: the impact of the COVID-19 pandemic on LGBTIQ people**. New York: OutRight Action International, 2020. Disponível em: <[https://outrightinternational.org/sites/default/files/COVIDsReportDesign\\_FINAL\\_LR\\_0.pdf](https://outrightinternational.org/sites/default/files/COVIDsReportDesign_FINAL_LR_0.pdf)>. Acesso em: 10 maio. 2021.

VOTE LGBT+. **Diagnóstico LGBT+ na pandemia: desafios da comunidade LGBT+ no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus**. Disponível em: <<https://www.votelgbt.org/>>. Acesso em: 10 maio. 2021.

## VERDADES SECRETAS: NARRATIVAS DE (SOBRE)VIVÊNCIAS SEXO-DISSIDENTES EM SIRIJI – PE

### **Túlio Vinícius Andrade Souza**

*Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGpsi – UFPE),  
tulio.andrade09@gmail.com;*

### **Benedito Medrado**

*Doutor em Psicologia Social pela PUC – SP, Professor da graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, beneditomedrado@gmail.com.*

### **Resumo**

O distrito chamado Siriji, no município de São Vicente Férrer, com aproximadamente seis mil habitantes, fica a 120 km da capital pernambucana. Apesar da proximidade física com a Região Metropolitana, a forte cultura tradicional e uma proximidade relativa entre os habitantes resulta em algumas dificuldades, dentre elas: fugir da opressão produzida por padrões impostos e hegemônicos de masculinidade e da ordem cisheteronormativa. Isso implica, então, no silenciamento de temáticas, identificação e espaços que possam ser reconhecidos como lugares para pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, transexuais e travestis (LGBT), produzindo mortes subjetivas, sociais e, também, físicas. O objetivo do nosso trabalho tem sido produzir narrativas sobre vivências sexo-dissidentes nesse cenário, considerando como referencial teórico-metodológico as conversas do cotidiano como práticas discursivas, a partir de uma orientação epistemológica dos estudos em Psicologia Social Crítica, embasados em uma perspectiva (pós)construcionista social. Dessa maneira, os eixos emergentes dizem respeito à (1) inseguranças e perigos na autoafirmação como sujeito LGBT no contexto intra e extra familiar; (2) inexistência de coalizões

entre as (poucas) pessoas (que se autoafirmam) da própria comunidade, impossibilitando a organização de um coletivo/movimento social; (3) dificuldades para exercer práticas afetivo-sexuais, tanto pela ausência de espaços, quanto pela carência de pessoas que se autodeclarem LGBT, o que ressoa em envolvimento com homens que se autodeclararam héteros. Em linhas gerais, as vivências dos indivíduos sexo-dissidentes, nesse cenário, permeiam gestões de segredos e produção e negociação de verdades (i)legítimas e “secretas”.

**Palavras-chave:** Siriji, Sexualidades dissidentes, Conversas do cotidiano, Produção de narrativas.

## Introdução

O objetivo do nosso trabalho tem sido produzir narrativas sobre vivências sexo-dissidentes entre residentes do distrito de Siriji, no município de São Vicente Férrer, com aproximadamente seis mil habitantes, 120 km da capital pernambucana. Apesar da proximidade física com a Região Metropolitana, a forte cultura tradicional e uma proximidade relativa entre os habitantes resulta em algumas dificuldades, dentre elas: fugir da opressão produzida por padrões impostos e hegemônicos de masculinidade e da ordem cisheteronormativa. Isso implica, então, no silenciamento de temáticas, identificação e espaços que possam ser reconhecidos como lugares para pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, transexuais e travestis (LGBT), produzindo mortes subjetivas, sociais e, também, físicas (CATELAN, 2018).

Na conjuntura atual, o Brasil tem sido considerado um dos lugares mais perigosos do mundo para a população LGBT, sendo Pernambuco um dos estados com maiores índices de crimes letais contra essa população (ANDRADE, 2019). O levantamento mais recente de homicídios e suicídios de LGBT, organizado por José Marcelo de Oliveira e Luiz Mott (publicado pelo Grupo Gay da Bahia, em 2020), demonstra a continuidade deste cenário, apontando o Nordeste como a região com maior recorrência de casos (35,56%), seguido do Sudeste (29,79%) e do Norte (17,02%). Além disso, Pernambuco aparece na terceira posição de mortes violentas de LGBT, com 7,9% dos casos, atrás apenas de São Paulo (15,2%) e da Bahia (9,73%) (OLIVEIRA & MOTT, 2020).

Dessa maneira, os sentimentos de medo, vulnerabilidade, abandono e violências podem gerar cicatrizes psicológicas profundas. Esses indicadores estão fundamentados não só em pesquisas científicas (MARQUES & NARDI, 2011; MESQUITA, 2018; TOLEDO & PINAFI, 2012), mas também em relatos da vivência cotidiana de pessoas vítimas desse processo de produção de morte.

A prática de crimes e violências contra populações vulnerabilizadas, como a de LGBTs, acaba entrando para as chamadas “cifras ocultas” do crime, quando esse processo de imunização e impunidade implica uma diferença entre o que é considerado como “criminalidade real” e a “criminalidade aparente”. A primeira pode ser entendida como a efetiva quantidade de delitos cometidos em um determinado espaço

de tempo, enquanto a segunda diz respeito aos casos que chegam ao conhecimento das autoridades e passam a integrar as estatísticas oficiais (SUTHERLAND, 1985 apud MEDEIROS, 2015).

Se considerarmos, também, as diferenças entre as grandes cidades/regiões metropolitanas e as áreas interioranas, é possível perceber a potencialização dessas violências em cidades do interior. No entanto, muitas vezes elas são silenciadas e subnotificadas, gerando dados que, apesar de alarmantes, nem sempre refletem a realidade local. Demonstrando, portanto, a importância da realização de estudos e investigações em contextos de interior.

## Metodologia

Pensamos a nossa pesquisa a partir de um cunho exploratório, considerando que temos buscado desenvolver um olhar mais aprofundado acerca de um determinado fenômeno para, assim, possibilitar a realização de outras pesquisas, mais aprofundadas, posteriormente. De acordo com Gil (2008),

Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. [...] O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados. (GIL, 2008, p. 27)

Além disso, orientamo-nos a partir da abordagem qualitativa, pois trabalhamos com possibilidades diversas de análise de significados. Estes, por sua vez, não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2007). Assumimos, também, que estamos posicionados a partir de uma natureza socialmente contruída da realidade e, ainda, pelas implicações da íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, entendendo que o ato de fazer pesquisa qualitativa não pode mais ser visto de dentro de uma perspectiva positivista neutra ou objetiva. Por isso, o rigor metodológico, proposto por Mary Jane Spink

Helena Lima (2013), está centrado na ideia de explicitar os processos e passos de produção e interpretação dos resultados, pois,

assim será possível que outros/as pesquisadores/as possam dialogar com os materiais apresentados.

A partir de uma orientação epistemológica dos estudos em Psicologia Social Crítica e embasados em uma perspectiva (pós)construcionista social, temos como referencial teórico-metodológico as conversas do cotidiano como práticas discursivas.

Vera Menegon (2000, p. 188) afirma que “as conversas do cotidiano permeiam as mais variadas esferas de interação social. Mas, por serem consideradas corriqueiras, dificilmente pensamos na riqueza e nas peculiaridades que possam estar presentes nessa forma de comunicação.”.

Assim, ao considerar a conversa como uma prática discursiva, entende que “conversar é uma das maneiras por meio das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações que estabelecem no cotidiano” (MENEGON, 2000, p. 188) e, dessa maneira, compreende essas práticas como linguagens em ação.

Ao me reconhecer e me posicionar como sexo-dissidente publicamente e, conseqüentemente, ao conversar, repertórios linguísticos são enunciados por meio de gestos e falas, por exemplo. Esses, por sua vez, são ricos em significados, que estão sendo levados em consideração na produção das narrativas. Dessa maneira, utilizar conversas do cotidiano como fonte de informação significa estar em campo durante todo o tempo da pesquisa.

Acerca do que foi colocado, Peter Skink (2003) afirma que

Campo é o campo tema. Não é lugar onde o tema pode ser visto - como num zoológico - mas são redes de causalidade intersubjetivas que se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros (...) é um tumulto conflituoso de argumentos parciais, e artefatos e materialidades (SPINK, 2003, p.36).

Essa perspectiva, por sua vez, alinha-se com o trabalho que estamos desenvolvendo, assumindo que permanecemos em campo o tempo todo e tendo como *corpus* de análise as conversas que permeiam essas vivências.

Para construir essas narrativas, consideramos as conversas com quatro interlocutores “chaves”. Todos eles homens gays, cisgênero, com a faixa etária no intervalo entre 19 e 26 anos de idade e classes

sociais variadas. O elemento convergente central corresponde ao fato de que todos nasceram e cresceram em Siriji.

A identificação e o compartilhamento de vivências e experiências têm sido formas de aproximação e acesso a esses sujeitos. As conversas ocorreram em cenários distintos, incluindo contextos virtuais. Quando presencialmente, também levamos em consideração os comentários elaborados e comunicados por outros membros presentes, que não os considerados “interlocutores ‘chaves’”.

## Resultados e discussão

A partir da análise dessas conversas, identificamos três eixos/categorias de análise, quais sejam: (1) inseguranças e perigos na autoafirmação como sujeito LGBT no contexto intra e extra familiar; (2) inexistência de coalizões entre as (poucas) pessoas que se autoafirmam da própria comunidade, impossibilitando a organização de um coletivo/movimento social, por exemplo e (3) dificuldades para exercer práticas afetivo-sexuais, tanto pela ausência de espaços, quanto pela carência de pessoas que se autodeclarem LGBT, o que ressoa em envolvimento com pessoas que se autodeclararam heterossexuais.

No que diz respeito ao primeiro eixo temático, ou seja, as negociações que permeiam as inseguranças e perigos na autoafirmação como sujeito LGBT no contexto intra e extra familiar, pudemos perceber que essa fala se repetiu nas conversas com os quatro interlocutores. Dessa maneira, relataram a dificuldade (ou, até mesmo, impossibilidade) de estabelecer diálogos dentro de casa sobre temáticas que versem acerca de gênero-sexo dissidências e, por outro lado, que escutam constantemente a reprodução de discursos familiares condenando cenas de novelas ou filmes que retratam personagens e romances entre pessoas LGBT.

Ainda nesse contexto, por entenderem a realidade que estão inseridos (de um pequeno distrito no interior de Pernambuco), acreditam que as outras famílias (dos/as seus/suas amigos/as) também manifestam processos similares e, por isso, mencionam o sentimento de insegurança para se autoafirmarem diante de uma sociedade extremamente LGBTfóbica e cisheteronormativa. A ligação com o cristianismo e a religiosidade fervorosa, características típicas desse contexto, foram elencadas como potencializadoras desses processos.

A participação e integração em grupos de apoio social, também chamados de “família escolhida”, são fatores de proteção à saúde integral de indivíduos LGBTs. No cenário aqui debatido, no entanto, foi possível constatar a inexistência de coalizões entre as (poucas) pessoas que se autoafirmam da própria comunidade, impossibilitando a organização de um coletivo/movimento social. Essa constatação foi possível a partir da minha vivência pessoal, considerando que voltei para o interior durante a pandemia (e por causa dela), depois de 10 anos morando em Recife. Percebi uma realidade totalmente diferente, claustrofóbica.

Esses discursos também foram enunciados quando tentei integrar alguma rede de pessoas LGBTs que, para minha surpresa, não existe. As poucas pessoas que se autoafirmam da própria comunidade, por questões relacionadas ao eixo temático anterior, muitas vezes não podem ser vistas com seus pares, pois correm o risco de sofrer diferentes sanções e privações. Mesmo que essas pessoas se identifiquem como LGBT e sejam lidas, na rua, como tal, na maioria das vezes, no ambiente doméstico, essa questão é silenciada, inclusive como fator de proteção. Discursos cisheteronormativos são reproduzidos constantemente, aparentemente como tentativa de enfatizar o que seria “certo ou errado”.

Neste cenário, dificuldades para exercer práticas afetivo-sexuais, tanto pela ausência de espaços, quanto pela carência de pessoas que se autodeclarem LGBT, foram constatadas. Essa realidade parece implicar envolvimento com pessoas que se autodeclararam heterossexuais, como única possibilidade de experimentar essas vivências. Declarações acerca de desejos e práticas consideradas proibidas permearam as conversas sobre essa temática.

Com relação ao espaço, de fato, Siriji não possui nenhum território ou lugar que possa ser considerado como “seguro” para a população LGBT, ou seja, estamos nos referindo as famosas ruas e praças das grandes metrópoles que são conhecidas e frequentemente povoadas por integrantes dessa população.

Nesse contexto, os interlocutores citaram que, ao insistir em habitar os espaços onde “não são considerados bem-vindos” (nas falas/palavras deles), o que enxergamos como uma forma de resistência, resultava diversos olhares. Estes, por sua vez, estavam relacionados a visões de reprovação ou, ainda, a demonstração de interesses por

parte de pessoas que se autodeclaram heterossexuais, possibilitando a negociação e concretização das vivências supramencionadas.

De acordo com Darley Silva, Antonio Teixeira Júnior, Pedro Feitosa e Modesto Rolim Neto (2020), a rejeição familiar e rejeição social apresentam-se como os principais fatores desencadeantes de sofrimento psíquico nessa população. Quanto mais intensas essas rejeições, maior será a segregação do indivíduo e os sintomas de estresse serão potencializados (BAAMS; GROSSMAN; RUSSELL, 2015 apud SILVA *et al.*, 2020).

Anderson Ferrari e José Barbosa (2014), ao estudar homossexualidades masculinas e cidade pequena, tendo como campo a cidade de Leopoldina, interior de Minas Gerais, apontaram o preconceito e vigilância como dispositivos para lidar com pessoas e sexualidades em cidades interioranas. Dessa maneira, muitos sujeitos experimentam desejos considerados desviantes e, vivendo em locais com poucas referências e muitos julgamentos, relatam sofrimento, medo e culpa (MISKOLCI, 2008 apud FERRARI & BARBOSA, 2014).

Os mesmos autores afirmaram, ainda, que

Não se constatou, na pesquisa, uma vivência da homossexualidade a partir de grupos LGBTT constituídos. Até hoje, a cidade não possui estabelecimentos comerciais voltados para o público gay (nunca sequer houve uma festa gay), nem movimentos políticos organizados, como ONGs de defesa da cidadania homossexual e paradas do orgulho gay. (FERRARI & BARBOSA, 2014, p. 219).

Nguyen *et al.* (2016) apud Silva *et al.* (2020) identificaram que a população LGBT sofre, cotidianamente, “olhares estranhos em público, além de agressões verbais e físicas devido a sua orientação sexual” (p. 36) e, também, que durante tentativas de realizar atividades de lazer publicamente, essa população sofre agressões diretas e indiretas por parte da sociedade, podendo resultar em isolamento social, por exemplo (NGUYEN *et al.*, 2016 apud SILVA *et al.*, 2020).

Dessa maneira, muitos sujeitos experimentam desejos considerados desviantes e, vivendo em locais com poucas referências e muitos julgamentos, relatam sofrimento, medo e culpa. Esses sentimentos podem “levá-los à depressão, à fuga para cidades maiores, ou ainda a tornarem-se adultos exercendo seus prazeres clandestinamente,

escondidos e levando vida dupla” (MISKOLCI, 2008 apud FERRARI & BARBOSA, 2014, p. 218).

## Considerações finais

A partir das vivências e das conversas do cotidiano, está sendo possível construir narrativas que evidenciem as dinâmicas e jogos de poder presentes na vida de indivíduos sexo-dissidentes do distrito Siriji, interior de Pernambuco. Essas análises e abordagens são fundamentais, pois historicamente estas investigações estiveram concentradas nas grandes metrópoles e, hoje em dia, tem se estendido para contextos interioranos.

Compreendemos, a partir do nosso exercício, que a experiência de produção de narrativas é, também, uma proposta de construção de conhecimento que implica efeitos políticos. Isso porque, durante as conversas e diálogos, que possibilitam essa produção, permitem que as pessoas revisitem suas experiências, viabilizando ressignificações nos encontros e possibilidades de transformações.

Reconhecemos, no entanto, que essas investigações ainda são incipientes e, como pesquisa exploratória, pensamos que devemos continuar estudando essas temáticas. Apesar de retratar um cenário claustrofóbico e sufocante para a população LGBT, enxergamos a importância de abordar, também, outros elementos, como as estratégias de resistência destes sujeitos nestes locais. Isso porque, dar visibilidade a essas estratégias é, também, visibilizar essa comunidade. Afinal, no interior também se produz vida e existência.

Diversas situações de sofrimento extremo foram narradas, o que nos alerta acerca da necessidade de interiorização de políticas públicas que atendam as diversas demandas da população LGBT, para que possam viver de maneira segura, digna e com saúde integral. Não sendo, portanto, a sobrevivência o maior objetivo e ambição desses sujeitos, que possuem direitos resguardados e que devem ser exercidos.

As vivências dos indivíduos sexo-dissidentes, nesse cenário, permeiam gestões de segredos, produção e negociação de verdades (i)legítimas e “secretas”. Nesse sentido, “se considerarmos que a restrição às sexualidades não heterocêntricas ocorre, mesmo nas metrópoles, onde as pessoas são mais anônimas, em localidades do interior do país ela costuma se apresentar potencializada.” (FERRARI

& BARBOSA, p. 217 , 2014). Necessário, portanto, minimizarmos esses abismos.

## Referências

ANDRADE, Maríllia Gabriella Torres de. **A Psicologia fora do armário: contribuições com as estratégias governamentais de promoção de direitos e enfrentamento à LGBTfobia em Pernambuco.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

CATELAN, Ramiro Figueiredo. Setembro Amarelo, suicídio e a saúde mental da população LGBT. In: **Abstraído a Realidade.** Texto de blog. 2018.

FERRARI, Anderson.; BARBOSA, José Gabriel Couto de Viveiros. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARQUES, Daiane Maus; NARDI, Henrique Caetano. Anormais, bárbaros e bárbaras: trajetórias de vida de homossexuais e clínica psicológica. **Aletheia:** v. 35-36, p. 109-122, maio/dez. 2011.

MEDEIROS, Carolina Salazar L'Amée Queiroga de. **Reflexões sobre o punitivismo da lei "Maria da Penha" com base em pesquisa empírica numa Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher do Recife.** Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015.

MENEGON, Vera. Por que jogar conversa fora? Pesquisando no cotidiano. In: Mary Jane Spink. (Org.). **Práticas Discursivas e Produção de sentidos no cotidiano.** 2º ed. São Paulo: Cortez Editora, p. 188-214, 2000.

MESQUISTA, Daniele Trindade. **Análise das concepções e práticas de psicólogas/os frente às normativas do Conselho Federal de Psicologia**

**sobre diversidade sexual e de gênero.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de & MOTT, Luiz (org). **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia.** 1º ed. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

SILVA, Darley Rodrigues da; TEIXEIRA JÚNIOR, Antonio Gilvan; FEITOSA, Pedro Walisson Gomes; ROLIM NETO, Modesto Leite. Saúde Mental da População LGBTQ+. In: FEITOSA, Pedro Walisson & ROLIM NETO, Modesto Leite (org). **Saúde da população LGBTQ+: iniquidades em saúde pública.** Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

SPINK, Mary Jane P.; LIMA, Helena. Rigor e Visibilidade: a explicitação dos passos de interpretação. In: Mary Jane Spink. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** 1 ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, v. 1, p. 71-99, 2013.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicol. Soc.,** Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, Dec. 2003.

TOLEDO, Livia Gonsalves; PINAFI, Tânia. A clínica psicológica e o público LGBT. **Psicol. clin.,** Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 137-163, 2012.

## NARRATIVAS SOBRE EXPERIÊNCIAS DE CONSTRUIR UM PROJETO DE PESQUISA EM PSICOLOGIA SOCIAL SOBRE DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO

### **Luiz Henrique Coelho de Siqueira Teixeira**

*Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, luizhenrique.coelho.ufpe@outlook.com;*

### **Daniel Coelho**

*Mestrando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, dancsbrandao@gmail.com;*

### **Túlio Vinícius Andrade Souza**

*Mestrando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, tulio.andrade09@gmail.com;*

### **Benedito Medrado**

*Professor orientador: Doutor em Psicologia social, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, beneditomedrado@gmail.com;*

### **Resumo**

Durante parte da vida de nós, LGBT, a possibilidade da livre expressão da orientação sexual e identidade de gênero é privada a partir daquilo que Eve Kosofsky Sedgwick define como “epistemologia do armário”: um *ethos* que se organiza a partir de uma dinâmica performativa cisheteronormativa. Essa privação impacta tanto na formação da própria identidade, como em aspectos relacionados à dinâmica relacional, afetividades e às performances de gênero. A partir dessa premissa, luz da perspectiva (pós)construcionista em psicologia social, deu-se início a um estudo teórico que visou, em um primeiro momento, analisar possíveis articulações entre as violências causadas pela

LGBTfobia estrutural e a formação identitária a partir de uma revisão da literatura com vista à construção de um projeto de pesquisa. Para tanto, foi então realizada uma revisão sistemática de textos selecionados nesse segmento temático e na criação de um projeto de pesquisa como disciplina do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Este projeto foi estruturado em: 1) objetivo - analisar os efeitos possíveis das produções midiáticas protagonizadas por músicos LGBT na saúde mental de homens gays; 2) caracterização do problema - análise social e política, música e subjetivação, cantores LGBT e saúde mental); 3) fundamentação teórica - epistemologia do armário e família, ditadura heteronormativa e homofobia, processos de socialização, mídia e abordagem interseccional; 4) metodologia - interação sócio-histórica e desfamiliarização, fontes da pesquisa e instrumentos metodológicos); 5) cuidados éticos. Nesta apresentação, pretende-se compartilhar os processos de negociação e escolhas possíveis no desenvolvimento deste projeto de pesquisa.

**Palavras-chave:** Metodologia, Epistemologia do armário, Subjetividade, Revisão da literatura.

## Introdução

O trabalho aqui apresentado versa sobre uma pesquisa em andamento que tem por objetivo analisar articulações entre as violências causadas pela LGBTfobia estrutural e a formação identitária, a partir de aproximações à produção científica.

Esta pesquisa parte do pressuposto que, durante parte da vida de nós, LGBT<sup>1</sup>, a possibilidade de livre expressão da orientação sexual e identidade de gênero é privada a partir daquilo que Eve Kosofsky Sedgwick (2007) define como “epistemologia do armário”, um *ethos* que se organiza a partir de uma dinâmica performativa cisheteronormativa. Essa privação está ligada tanto aos aspectos da formação da própria subjetividade, assim como aos aspectos relacionados à afetividade e às performances de gênero.

Neste sentido, compartilhar os processos de negociação e escolhas possíveis no desenvolvimento desta proposta de pesquisa se torna essencial. Partindo disso, são notórios os aspectos teórico-metodológicos que embasam esta pesquisa, a partir da lente do (pós) construcionismo em psicologia social. Os autores Berger e Luckmann (2004) tratam desta concepção a partir de 3 processos: tipificação, institucionalização e socialização. Eles vão de encontro com o modelo apresentado pelas teorias piagetianas, o construtivismo, que demarcam essa realidade sendo construída a partir do sujeito, causando, assim, uma individualização do processo como um todo. A tipificação pode ser descrita como sendo o momento em que a sociedade é construída a partir do próprio humano: um produto da humanidade. A institucionalização é quando a objetividade desta realidade é construída e, em seguida, os processos de socialização que irão internalizar o conhecimento social na/para a pessoa.

---

1 A utilização de “LGBT” neste trabalho visa mencionar o movimento como um todo, assim como cada parte específica deste segmento social, junto com suas lutas cotidianas. A não utilização de mais letras dentro desta nomeação advém do uso da palavra como movimento e não como siglas repartidas dentro de um todo. É parte deste trabalho reconhecer a existência de múltiplas identidades e sexualidades possíveis, assim como respeitar o processo de luta individual de cada uma delas, desde o “L” até o LGBTQIA+.

Kenneth Gergen, ao invés de focalizar os três processos citados por Berger e Luckmann (2004), prefere aderir-se aos processos interacionais que também estão envolvidos nessa lógica construcionista da realidade. Gergen fala que “a investigação socioconstrucionista preocupa-se sobretudo com a explicação dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo (incluindo a si mesmos) em que vivem” (GERGEN, 1985, p. 266 apud SPINK, M. J., 2013). Essa perspectiva de Kenneth, sem descartar as contribuições propostas por Berger e Luckmann (2004), é tomada como base para a construção e prática deste projeto uma vez que se difere de uma lógica representacionista (mente sendo o espelho da natureza) e assume que o conhecimento surge justamente através da interação entre as pessoas de uma sociedade (SPINK, M. J., 2013).

Partindo do (pós)construcionismo, pensamos a noção de sujeito-objeto, sendo esta criada a partir de uma interação sócio-histórica e que decorre de contínuos processos de desfamiliarização e problematização (SPINK, M. J., 2013). A partir disso, também é adequado refletir sobre a inexistência de uma verdade absoluta presente na natureza em que o pesquisador irá coletar (o que reflete a lógica representacionista), mas várias verdades que são construídas situadas em um tempo-espaço a partir da interação social.

## Metodologia

Em um primeiro momento, realizamos uma revisão sistemática de textos selecionados nos temas: homem gay; homofobia; violência; formação identitária; processos de subjetivação e socialização; mídia; abordagem interseccional. Para realizar este processo, foi necessário estabelecer alguns critérios prévios a fim de que, com a seleção dos artigos a serem revisados, estes fossem mais condizentes e convergentes com a temática abordada nesse trabalho. No momento de elencar tais critérios, utilizamos o trabalho de Marília G. T. Andrade (2019), em que a autora mostra como que foi realizada tal revisão em sua dissertação e como utilizar os mecanismos de busca para fazer tal ação. Por se tratar de um tema que é atual e que houve uma sucessiva alteração de perspectiva durante as mudanças sócio-históricas, não foi definido um período definitivo de publicação dos artigos para estes serem selecionados. Isso foi feito pensando que o próprio período em

que a literatura se encontra já é um indicativo do momento em que o tema está inserido dentro de um determinado contexto.

Após realizar o procedimento de busca simples nas bases de dados (SciELO, BVS-LILACS e Google Scholar), foi necessário realizar uma “limpeza” (MEDRADO *et al.*, 2010 apud ANDRADE, M. G. T, 2019) nos conteúdos encontrados. Esse processo de limpeza é de devida importância, pois o/a pesquisador/a necessita trazer para perto do seu tema a literatura buscada, uma vez que tais bases de busca mostram todos os tipos de conteúdo relacionando-os com os termos elencados. Esse processo pode ser sintetizado em: (1) leitura dos títulos e separar aqueles que mais condizem com o tema do projeto; (2) leitura dos resumos dos textos selecionados na etapa anterior e fazer uma nova separação; (3) leitura do texto completo dos resumos selecionados e, caso necessário, excluir algum texto que não vá ao encontro com o tema proposto.

A partir desse processo de seleção e limpeza dos textos que tinham mais relação com a temática proposta, 23 artigos e algumas reportagens foram utilizadas para o diálogo com a construção deste projeto de pesquisa.

## Resultados e discussão

O resultado deste trabalho foi a concretização do projeto de pesquisa em questão a fim de que o próximo objetivo seja a prática dele. Ele foi estruturado em: 1) objetivo geral e específico; 2) caracterização do problema - análise social e política, música e subjetivação, cantores/as LGBT e saúde mental); 3) fundamentação teórica - ditadura heteronormativa e homofobia, epistemologia do armário e família, processos de socialização, mídia e abordagem interseccional; 4) metodologia - interação sócio-histórica e desfamiliarização, fontes da pesquisa e instrumentos metodológicos) e 5) cuidados éticos.

O objetivo geral deste projeto, apresentado no primeiro tópico, é analisar os efeitos possíveis das produções midiáticas protagonizadas por músicos LGBT na saúde mental de homens gays cisgêneros. Os objetivos específicos foram: (1.1) mapear os eventos e acontecimentos produzidos pelos cantores/as LGBT que tem relação com a disseminação da cultura e de políticas LGBT; (1.2) analisar a auto percepção sobre a saúde mental de homens gays cis e as relações possíveis que eles estabelecem com eventos e acontecimentos produzidos pelos

artistas musicais LGBT e a (auto) aceitação; e (1.3) elaborar um conteúdo informativo audiovisual, dialogando com a comunidade geral sobre as reflexões e inquietações finais da pesquisa.

Visamos, dentro do tópico “caracterização do problema”, primeiramente, contextualizar o leitor sobre o fazer acadêmico, tomando a ciência como um campo de poder (HARAWAY, 1995). Donna Haraway (1995) critica veementemente a lógica da objetividade que é pregada por uma ciência hegemônica que diz o que é relevante com base em uma suposta descoberta do mundo pelo pesquisador. A autora afirma que o fazer ciência é “um campo de poder” (*Ibidem*, p.11) e que, a partir de uma lógica feminista do fazer científico, “precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro” (*Ibidem*, p.16).

Em seguida, a formação identitária sendo caracterizada pela diferença, representatividade e a classificação (MONTEIRO; SILVA, 2018). Durante parte da vida de nós, LGBT, em muitos momentos, não há a possibilidade de uma livre expressão a partir de nossos desejos a fim de mostrar as possibilidades diversas de sujeitos que podem estar encobertas pela lógica do armário<sup>2</sup> (BRAGA *et al.*, 2018). Tomamos, portanto, a música e os/as cantores/as LGBT como esse elemento representativo e reestruturante, uma vez que as questões identitárias, culturais e de crenças podem ser dialogadas por meio deste recurso (SILVA *et al.*, 2020). Ademais, esse elemento também foi pensado enquanto escudo para a integridade física e psíquica do sujeito em momentos de angústia (NEARY, 2019). A exemplo disso, dialogamos tal temática com o suicídio dentro da população LGBT, pois este aumentou em quase quatro vezes durante 2016-18, 284% (DIÁRIO DO NORDESTE, 2019).

A construção do tópico “fundamentação teórica” teve como ponto principal os aspectos que relacionassem a homofobia, as violências vividas por homens gays cotidianamente e os modos de enfrentamento. Optou-se por partir do conceito de “Ditadura Heteronormativa” (RONDINI; TEIXEIRA FILHO; TOLEDO, 2017), pois este reflete sobre a

---

2 Utilizamos “armário” seguindo de definição de Braga e colaboradores (2018): “é entendido como um dispositivo de manutenção do segredo da sexualidade homossexual, envolvendo contradição e nuances, nas quais os sujeitos irão negociar constantemente sua visibilidade e a aceitabilidade de seus desejos e da vida íntima” (p. 1297).

padronização dos corpos na sociedade e como dispositivos sociais, tais como (l)igreja, medicina, academia e mídia, podem reforçar e promover a normativa do que é ser “normal”. Esses dispositivos têm a oportunidade e capacidade de rotular o gênero e os padrões de sexualidade que, caso o sujeito não se enquadre, ele é taxado como anormal, patológico e precisa ou de “reparo” ou de “extermínio” (*Ibidem*).

A temática do armário é pensada dentro deste campo que estamos nos propondo a dialogar, como já citada anteriormente, como um dispositivo de privação da orientação sexual e da identidade de gênero (SEDGWICK, 2007). A lógica heteronormativa pode alcançar diversos níveis sociais, como a família, e isso desencadear processos dentro desse contexto em que o LGBT pode se ver em um momento de ter que, ao mesmo tempo, se autoprotger e enfrentar diversos tipos de violências homofóbicas em torno deste dispositivo (BRAGA *et al.*, 2018; PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

Para discutir sobre essa lógica do armário, como dito anteriormente, é também necessário debater sobre a homofobia internalizada. Primeiramente, Pedro Paulo Sammarco Antunes (2017) discorre sobre o conceito da homofobia sendo “[...] a antipatia, desprezo, preconceito, aversão, ódio, agressões físicas e verbais ou até mesmo o extermínio (crime de ódio) em relação às pessoas LGBT ” (*Ibidem*, p. 331).

Por estar em um contexto em que o discurso homofóbico pode ser bombardeado a todo momento e de diversos dispositivos sociais, já mencionados anteriormente, mesmo pertencendo ao segmento social em questão, este sujeito LGBT também pode expressar o ódio a si e aos seus a partir da mesma lógica em que seu segmento social é oprimido cotidianamente pela sociedade. Isto decorre de uma possível internalização do preconceito presente dentro do seu grupo social, a partir dos contextos socializadores de sua vida. Com a falta do apoio familiar durante a sua construção indentitária como LGBT, o indivíduo pode gerar, ou ampliar, quadros psicopatológicos, como: chance de tentativa de suicídio 8x (vezes) maior; 6x mais chance de o indivíduo adquirir um quadro depressivo; 3x mais chance do sujeito fazer uso de drogas ilegais e praticar sexo desprotegido (BRAGA *et al.*, 2018).

Ainda dentro da construção deste tópico, a discussão sobre os processos de socialização primária e secundária (BERGER, LUCKMANN; 2004) foi fundamental visto que se articulam diretamente com o objetivo geral da pesquisa, isto é, entender o funcionamento dos dispositivos sociais dentro do processo ontogenético do sujeito. Ademais,

os aspectos de identificação por meio da mídia também foram discutidos como formação da “identidade cultural” do LGBT (MONTEIRO; SILVA, 2018). “Quando o sujeito vê indivíduos LGBTs na mídia e se identifica com essa representação, ou quando escuta uma música que o faz se reconhecer como tal, por exemplo, está formando sua identidade cultural como sujeito LGBT” (*Ibidem*, p. 130). Debatendo sobre como esta mídia está vendo a “bicha preta, efeminada e pobre”, Thiago Duque (2019) afirma que os processos de significação passam pelos artefatos culturais e estes estão intimamente ligados, nas últimas décadas, na mídia online como, por exemplo, em clipes de músicas, jogos, séries, documentários, dentre outros.

Articulando com este conceito de artefatos culturais, pensamos em Paula Deporte de Andrade (2016) que cita as pedagogias culturais pensando que o “imperativo pedagógico contemporâneo é a existência de relações de ensino e aprendizagem em diferentes espaços sociais regulados pela cultura” (p. 72) e tais lugares têm relação direta com as emoções e movimentos do sujeito ao qual está aprendendo e dialogando com o conteúdo. O conceito de pedagogias culturais permite, portanto, pensar em formatos midiáticos relativamente recentes, por exemplo a rede social *Instagram*, como agentes pedagógicos culturais e que podem ser utilizados com o fim estratégico de atuação ativa para a população LGBT dentro desse espaço. Por fim, também refletimos em como a abordagem interseccional deve se fazer presente dentro deste campo que está sendo discutido, pois os marcadores sociais e identitários estão presentes durante esta construção identitária (NOGUEIRA, 2017).

A metodologia foi organizada em dois momentos: abordagem metodológica (teórica) e instrumentos e procedimentos (prática). Na primeira parte, dialogamos com o (pós)construcionismo como base metodológica, já relatado no primeiro tópico deste trabalho. No segundo momento, por conta da pandemia do covid-19, a utilização de recursos tecnológicos se dá como essencial para a realização da prática de pesquisa. Sendo assim, optamos pela criação de um formulário virtual dentro do *Google Forms* para encontrar os possíveis participantes de pesquisa e, após isso, realizar uma entrevista narrativa com estes a qual será gravada e transcrita em um terceiro momento.

Além disso, também foi elencado como método-chave a possível utilização do encontro de possíveis participantes a partir da “Bola de Neve” (VINUTO, 2014), isto é, selecionar o primeiro entrevistado e, a

partir dele, novos entrevistados vão sendo indicados a partir do anterior. Tal opção foi e é considerada viável para o projeto construído, pois se tratando de um segmento minoritário que está envolvido em um sistema contínuo que o angustia, a tendência é que um quantitativo dessas pessoas procure não se expor (TERRIBILI, 2019). Além disso, a análise de conteúdo proposta por Mary Jane Spink (2013) são escolhas possíveis para trilharmos caminhos que visem o objetivo desta pesquisa. É a partir da análise que os sentidos serão produzidos, com a seleção e a prioridade de alguns conteúdos em detrimento de outros e com a demarcação e reflexão sobre os diversos marcadores sociais que levam a diferentes tipos de opressão.

Por fim, explicitamos todos os cuidados éticos respeitando os limites das pessoas que forem envolvidas com o projeto, prezando por sua saúde mental e não ultrapassando seu tempo para realizar tal diálogo. Por ter como premissa a utilização de entrevistas narrativas com os participantes da pesquisa, este projeto também contará com a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco.

Ademais, é importante frisar a ética dialógica (SPINK, M. J. 2000): tendo como consciência as relações de poder presentes na sociedade, o pesquisador tem como objetivo ético e pessoal devolver para esta os resultados obtidos deste projeto de pesquisa a fim de não manter este conhecimento apenas no ambiente acadêmico.

## Considerações finais

A construção deste projeto de pesquisa possibilitou uma aproximação à literatura sobre o tema da homofobia, violência, mídia e música. Além disso, permitiu-nos pensar de forma reflexiva (sendo pesquisadores também LGBT) esta temática dentro do cotidiano LGBT, mais especificamente dos homens gays, e suas reverberações em práticas que visem a diminuição da violência homofóbica e a (auto) aceitação da orientação sexual e/ou identidade de gênero.

Esperamos que, no que tange ao campo da formação em pesquisa, esse projeto possa contribuir para nossa construção contínua e engajamento dentro do campo da produção científica em psicologia social, pensando a partir do despertar de interesse por este campo e prática em questão. Já ao campo de conhecimento, esperamos que os resultados e a continuação desta prática contribuam acadêmica

e socialmente para a diminuição da LGBTfobia e, também, com a promoção de diálogos deste conhecimento produzido dentro da universidade com as comunidades circunvizinhas a ela .

## Referências

ANDRADE, Maríllia G. T. **A PSICOLOGIA FORA DO ARMÁRIO: Contribuições com as estratégias governamentais de promoção de direitos e enfrentamento à LGBTfobia em Pernambuco.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2019.

ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias culturais: uma cartografia das (re)invenções do conceito.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. **Revista Kairós – Gerontologia**, v. 20, n. 1, p. 311-335. 2017.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A interiorização da realidade: socialização primária e socialização secundária. In: **A construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, p. 137-188, cap. 3. 2004 (Original: 1966).

BRAGA, Iara Falleiros *et al.* Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 3, p. 1295-1303. 2018.

CORRÊA, Thiago; MEDRADO, Benedito. Sexualizando narrativas: o prazer cartográfico de contar histórias sobre fazer pesquisas. In: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana. **Narrativas, gênero e política.** Curitiba: Editora CRV, 149-172. 2016.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Suicídio entre público LGBT aumenta quase quatro vezes em dois anos.** Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/suicidio-entre-publico-lgbt-aumenta->

quase-quatro-vezes-em-dois-anos-1.2058979. [acesso 16 de novembro de 2020]. 2019.

DUQUE, Thiago. Quem ainda ri da bicha preta, efeminada e pobre? Funk, (re)conhecimento e direitos LGBT em tempos de pânico moral. **ETD – Educação Temática Digital**. Campinas, v. 21, n. 4, p. 889-907, out/dez. 2019.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. 5, p. 07 – 41. 1995.

MONTEIRO, Gabriel Holanda; SILVA, Naiana Rodrigues da. “Come on, Vogue!”: Madonna e a construção da identidade LGBT através da representação simbólica na música pop. **Temática**. Ano XIV, n. 1, jan. 2018.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI JR, Vicente; GALLO, Paulo Rogério; ROLIM NETO, Modesto Leite; REIS, Alberto Olavo Advincula. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista Esc Enferm USP**, v. 48, n. 2, p. 193-199. 2014.

NEARY, Lynn. How ‘Born This Way’ Was Born: An LGBT Anthem’s Pedigree. **National Public Radio**. Disponível em: <https://www.npr.org/2019/01/30/687683804/lady-gaga-born-this-way-lgbt-american-anthem> [acesso 16 de novembro de 2020]. 2019.

NOGUEIRA; Conceição. **Interseccionalidade e psicologia feminista**. Salvador: Editora Devires. 2017.

PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune Coelho; & VIEIRA, Hortênsia Isabela dos Santos. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 68-75. 2014.

RONDINI, Carina Alexandra; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; & TOLEDO, Livia Gonsalves. Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. **Psicologia USP**, v. 28, n. 1, p. 57-51. 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. Cadernos Pagu, Campinas, SP, v. 28, **Dossiê Sexualidades Disparatadas**, 2007.

SILVA, Alicia Lana Mesquita *et al.* A relação entre comportamento social em adolescentes e música: uma revisão sistemática. **J Health Biol Sci. J**; 8(1):1-7. 2020.

SPINK, Mary Jane P. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS**, v. 31, n. 1, jan./jul., p. 7-22. 2000.

SPINK, Mary Jane (org) *et al.* **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**. Edição virtual. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2013.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, 15(2), jul./dez., 18-42. 2003.

TERRIBILI, Marco D. The social network coming-out: planning a survey about LGBTQ population(s) on Instagram. **Rivista Italiana di Economia Demografica e Statistica**, LXXIII(3), 89-100. 2019.

VINUTO, Juliana. A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: um debate aberto. **Temáticas (Campinas)**, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez. 2014.

## INÊS ETIENNE ROMEU: CARTOGRAFANDO RESISTÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS CONTRA A VIOLÊNCIA DE ESTADO

### Kenia Soares Maia

*Profª Drª de Psicologia na Universidade Federal do Tocantins - UFT, integrante do Coletivo Filhos e Netos por MVJ do RJ. kenia.soares@mail.uft.edu.br;*

### Anita Sobar

*Mestra em Estudos Contemporâneos das Artes, PPGCA, Universidade Federal Fluminense - UFF, integrante do Coletivo Filhos e Netos por MVJ do RJ. sobar.anita@gmail.com*

*“Eu quero a esperança de óculos”  
Zé Rodrigues e Tavito, 1972*

### Resumo

Este trabalho é um relato de experiência sobre as permanências, resistências e efeitos da Violência de Estado ocorrida durante a ditadura cívico-militar brasileira. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre a história da única sobrevivente da Casa da Morte de Petrópolis Inês Etienne Romeu, presa política que foi sequestrada, torturada e estuprada pelo ex sargento reformado do exército: Antônio Waneir Pinheiro de Lima, por noventa e seis dias, no ano de 1971. A pesquisa bibliográfica é parte da Cartografia, método baseado no pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, da vivência das autoras no Coletivo Filhos e Netos por Memória Verdade e Justiça do Rio de Janeiro, e traz algumas reflexões sobre os efeitos da Violência de Estado na saúde mental de filhos, netos, familiares e empáticos da vítima. **Palavras-chave:** Violência de Estado, Ditadura, Inês Etienne Romeu, Cartografia, Lei da Anistia.

## Introdução

**E**sta escrita surge em uma reunião do Coletivo Filhos e Netos por Memória Verdade e Justiça do Rio de Janeiro, na qual se discutiam formas de ações para o dia de 31 de Março, data em que foi instituído o Golpe Militar de 1964. O Coletivo pensava formas de intervenção que chamassem a atenção para as resistências contemporâneas ao golpe e, acompanhando os acontecimentos do mês de março de 2021, percebemos o destaque do caso de Inês Etienne Romeu.

Desde o impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 31 de agosto de 2016, o Brasil vem vivendo retrocessos no panorama político, de forma a ver ressurgir vetores de cunho conservadores, antidemocráticos, além de perdas significativas de direitos tanto no âmbito das relações de trabalho, da saúde, da cultura, da justiça e das políticas de educação e meio ambiente.

O Coletivo Filhos e Netos por Memória Verdade e Justiça do Rio de Janeiro foi criado em 2014, em meio aos depoimentos da Comissão da Verdade do Rio de Janeiro. Neste contexto, apresentaram-se filhos e netos de presos, mortos, torturados e desaparecidos pela ditadura brasileira. O grupo de Filhos e Netos MVJ é um movimento social autônomo e suprapartidário de Direitos Humanos que realiza atos públicos, pesquisas e projetos ligados ao tema da memória, verdade e justiça e da violência estatal de ontem e hoje.<sup>1</sup> O coletivo reúne-se também em torno da demanda de acolhimento de suas memórias, de esclarecimentos acerca do que se passou com seus familiares em relação às lutas por memória, verdade e justiça.

Neste ano de 2021, o TRF – 05 autorizou o atual Governo federal a comemorar no dia 31 de março o aniversário do Golpe Militar de 1964. O Coletivo vivenciou esta notícia com intensa insatisfação devido a este se configurar como mais um exemplo de retrocesso em relação à memória dos afetados pela Violência de Estado durante a ditadura cívico-militar brasileira. No mesmo mês, a mídia divulgou que o torturador e esturador de Inês Etienne Romeu, sequestrada e

1 Maiores informações na página do Coletivo Filhos e Netos por Memória, Verdade e Justiça do Rio de Janeiro. <https://filhosenetos.wordpress.com/>

presa na Casa da Morte por noventa e seis dias no ano de 1971, vai responder por estupro e por crime de lesa-pátria (OLIVEIRA, 2019). É inédito, no Brasil, que um torturador, agente da ditadura militar, responda por um crime cometido.

Como forma de lamentar e repudiar a violência de Estado de ontem e de hoje e dos retrocessos que estamos vivenciando, escolhemos aprofundar a pesquisa sobre Inês Etienne, ampliar a visibilidade de sua história, que é atravessada pelo fato não só de ter sido sequestrada como inimiga do país, mas também pelo fato de ser mulher. Este artigo pretende apresentar o atravessamento entre a Violência de Estado, a violência contra a mulher durante a tortura de agentes da repressão e os efeitos dessa realidade brasileira nos filhos e netos de presos, torturados e mortos pela ditadura.

Nesse sentido, faz-se importante apresentar um breve histórico do período ditatorial (1964-1985), um estudo bibliográfico e de mídia sobre a resistência e violência vividas por Inês Etienne Romeu e os efeitos destas em afetados e integrantes do Coletivo Filhos e Netos por MVJ do Rio de Janeiro.

## Metodologia

A metodologia deste trabalho segue as pistas do método da Cartografia baseadas no pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari (ESCÓSSIA, KASTRUP & PASSOS, 2009). Cartografar é acompanhar processos, ampliar a atenção para os acontecimentos, de forma a mantê-la em uma suspensão disponível para o que se apresenta como escondido, por se tratar de vidas e relações de poder. Vidas escondidas interessam, pois ali estão ocultadas as formas de violência que o Estado invisibiliza em sua História oficial. Cartografar é se agenciar com vidas invisíveis e produzir, com elas, narrativas que destaquem suas existências. Trata-se de construir agenciamento coletivo de enunciação (GUATTARI, 1985), em que narrar é produzir/com, é desindividualizar autorias e dividir pesos das lutas inglórias.

Cartografar é também habitar territórios (ALVAREZ e PASSOS, 2009) de modo que o estar não seja um mero observar, nem produza a violência da apropriação de saberes e que o conhecimento possa ser compartilhado. Neste aspecto, o território constitui-se no Coletivo Filhos e Netos por Memória Verdade e Justiça do Rio de Janeiro, que se encontra semanalmente, durante cerca de duas horas para discutir

e construir ações no âmbito da política, dos afetos e da memória. Durante as reuniões, emergem temas e demandas a serem desenvolvidas de forma coletiva. O funcionamento do grupo é colegiado, de modo que todos os encaminhamentos são votados e distribuídos entre os seus integrantes. Nesse sentido, a escrita deste trabalho foi deliberada coletivamente e, por isso, também pertence a todos os participantes do coletivo.

Assim, a pesquisa bibliográfica é parte deste trabalho cartográfico como forma de levantamento de informações sobre o que ocorreu com Inês Etienne Romeu. Para tanto, foram pesquisados artigos científicos, livros publicados e notícias da mídia.

## Referencial teórico

### O maldito 31 de Março – um dia para se lamentar.

No dia 31 de março de 1964, ocorreu um golpe em que militares tomaram o poder no Brasil e instituíram a ditadura civil-militar. Trata-se de um acontecimento que não só marcou a população, mas também determinou tristes destinos aos presos, desaparecidos e perseguidos políticos, assim como aos seus filhos e familiares. Foram anos sombrios, violentos que deixaram dores e indignação.

Após a Segunda Guerra Mundial (COIMBRA, 1999), os militares que retornaram destes conflitos passaram a cumprir os planos de treinamento alinhados aos interesses norte-americanos. Diante da polarização política mundial da Guerra Fria, após a Segunda Guerra, o Brasil investiu no lado dos Aliados do Norte, preparando oficiais na Escola das Américas, situada no Panamá, para, não só proteger o país de inimigos comunistas, como exterminar os inimigos internos, ou seja, os próprios brasileiros. A guerra se reinventou entre a expansão do imperialismo capitalista norte-americano e a ameaça comunista protagonizada pelos soviéticos e suas influências na América Latina. Treinamentos de guerrilha armada foram realizados para exterminar o perigo vermelho, que ameaçava o domínio econômico, político e territorial dos EUA no resto do continente americano.

A importância de citar e contextualizar o golpe de 1964 num contexto histórico macropolítico é entender que o que se passou com os presos, desaparecidos, mortos e torturados na ditadura brasileira (1964-1985) foi arrematado por treinamentos, em que se adquiriu

técnicas e equipamentos de morte, controle, censura e silenciamento. Os agentes da ditadura no Brasil foram preparados para implementar um programa de controle social, baseado em técnicas de guerra violentas, contra a ameaça que os movimentos de contestação culturais, as lutas operárias, os movimentos sociais e produções de intelectuais de esquerda poderiam trazer, já que, nesta perspectiva, eles eram considerados uma ameaça, no que dizia respeito aos movimentos instituintes de lutas por direitos humanos e emancipação da América Latina.

No governo Médici (1969-1973), o aparato de repressão do Sistema Nacional de Informação (SNI) foi ampliado, configurando o período mais violento da ditadura, em que passaram a compor o regime o Centro de Informações do Exército (CIEEx), o Centro da Aeronáutica (CISA) e o Centro da Marinha (CENIMAR – já existentes desde 1964 e reestruturados em 1971). Além dos órgãos militares, este regime foi composto com financiamento de multinacionais como a Ultra, Ford e General Motors, por órgãos como a OBAN (Operação Bandeirantes de São Paulo), o DOPS (Polícia Política Estadual), bem como por policiais civis e militares, o Corpo de Bombeiros, assim como o DOI-CODI (Destacamentos de Operações Internas/Centros de Operações de Defesa Interna), criado durante o regime. (COIMBRA, 2021).

Neste nefasto contexto, uma caçada a corpos “subversivos” foi realizada e, até hoje, é difícil mensurar o número de afetados diretos dessa violência extrema do Estado brasileiro. O ocultamento de provas, a destruição destas, o silenciamento e a duvidosa lei de Anistia de 1985, que anistiou os presos acusados de crime de terrorismo, dificultaram o acesso aos dados quantitativos desse massacre. Como um grande acordo de paz, foi assim que o Brasil terminou o período de exceção, perdendo crimes de violação de direitos humanos e permitindo que estes crimes caíssem em esquecimento e silenciamento. Nesse sentido, os efeitos destes ocorridos não atingiram apenas filhos, netos e familiares, mas também a vida de empáticos, pois essa violência afetou a todos os brasileiros e ainda permanece atuando em periferias e em corpos negros, que morrem diariamente por armas de fogo usadas em ações policiais. O Estado, agora, não mais explicitamente ditatorial, continua agindo com violência extrema e cometendo genocídio. São inúmeras mães órfãs de seus meninos mortos, com ou sem envolvimento com o crime organizado. São corpos negros e vidas descartados.

## Segundo a Lei da Anistia,

Art. 1º É concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexo com estes, crimes eleitorais, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidores da Administração Direta e Indireta, de fundações vinculadas ao poder público, aos Servidores dos Poderes Legislativo e Judiciário, aos Militares e aos dirigentes e representantes sindicais, punidos com fundamento em Atos Institucionais e Complementares (vetado). (DOU, 1979)

De forma semelhante ao Mito da Democracia Racial brasileira (NOVAES, 2020), um mito de apaziguamento e transformação dessa violência pode ser encontrada também na lei da Anistia (Lei 6683/79), silenciando o caráter violento de nossas práticas no interstício das relações de poder. Mesmo condenados, os torturadores não sofreram nenhuma punição pelos crimes cometidos em função da Lei da Anistia.

Contudo, no dia 31 de agosto de 2016, o então deputado federal Jair Messias Bolsonaro fez uma homenagem ao Coronel Carlos Alberto Brilhante Ulstra, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército durante o período de 1970 a 1974. Este admirador da tortura e dos governos de exceção foi eleito presidente do Brasil em 2018, o que aponta para as permanências da lógica da Violência de Estado, não só nos discursos oficiais, mas também a partir de sua aprovação por integrantes sociedade brasileira, que ainda entendem a repressão como uma possível forma de governo. Isso também indica que o apaziguamento, o esquecimento e o silenciamento dos horrores cometidos pelos governos e agentes da Ditadura ainda permanecem distorcidos e pouco analisados no Brasil. Isto convoca a todos, mas, principalmente, àqueles que não puderam e não quiseram esquecer do terrorismo de Estado a romper com a indiferença.

Anistiados, os assassinos, torturadores e estupradores, seguem suas vidas, mas o sargento reformado do Exército Antônio Waneir Pinheiro de Lima, estuprador, sequestrador e torturador de Inês Etienne Romeu na Casa da Morte de Petrópolis, aparelho clandestino de morte e tortura do Estado durante a ditadura, será julgado, o que pode abrir precedente para que a falácia de que crimes de Estado são perdoáveis ou anistiáveis. O inquérito do torturador de Inês Etienne

mostra-se não só relevante para a luta contra a impunidade e silenciamento em relação aos crimes da ditadura, como também em relação à violência contra a mulher no âmbito mais amplo. Ainda hoje, os crimes de feminicídio, estupro, frutos de uma misoginia estrutural, são ineficazes no combate à violência contra a mulher.

Inês Etienne Romeu (1942-2015) foi ex-dirigente da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e a única sobrevivente do centro clandestino de detenção Casa da Morte de Petrópolis e de lá conseguiu sair forjando um acordo com agentes da repressão. Foi levada para a casa de sua irmã Geralda Romeu em Belo Horizonte, Minas Gerais e, em função de seu estado físico e emocional esmorecido, foi internada em dois estabelecimentos Psiquiátricos: primeiramente na Clínica Pinel, depois na Clínica Psiquiátrica Santa Maria, onde permaneceu por três meses, saindo em 05 de novembro de 1971. Com a sua saída, foi condenada à prisão perpétua, a partir do art. 28 da Lei de Segurança Nacional (LSN), por participação na captura do Embaixador suíço e detida no Presídio Talavera Bruce de 1973 a 1979 (LEITE, 2019). Inês Etienne foi a última presa política a ser libertada depois da Lei de Anistia de 1979, encarcerada nos porões da ditadura por seis anos. Faleceu em 2015 aos setenta e dois (72) anos de idade, após uma vida de lutas, dores e resistências.

A história da perseguição política à Inês Etienne não acabou após sua libertação em 1979, tendo sido vítima de atentados e ameaça. Nesse contexto, participou da Comissão Nacional e Estadual da Verdade, descrevendo todos os horrores que viveu. Um deles poderá ser julgado, tendo em vista a abertura do inquérito. A acusação de estupro, sequestro e tortura cometidos pelo ex sargento do Exército Antônio Waneir Pinheiro de Lima (Camarão) foi acatada pelo TRF -2, reformando a decisão do juiz Alcir Luiz Lopes Neto da 1ª Vara Federal Criminal de Petrópolis, que se baseou na lei da Anistia de 1979, para arquivar o caso de Inês Etienne em março de 2017. Invocando a lei, o juiz declarou que “Além de ser caso de desrespeito ao direito adquirido em razão da Anistia de 1979 [do STF], o caso também é de evidente desrespeito a outro direito adquirido do acusado, tendo em vista a verificação da prescrição: o de tentar fazer retroagir uma ‘norma’ de caráter penal com a finalidade de prejudicar o acusado”(OLIBEIRA, 2019).

É preciso afirmar a importância da acusação do estuprador de Inês ser acatada, já que é a primeira vez que um agente da repressão da Ditadura cívico-militar brasileira (1964-1985) responde por seus

crimes de lesa-humanidade. Nenhum dos diversos e inúmeros crimes cometidos durante este período foram julgados enquanto tais, em função da Lei da Anistia (1979) ser usada como argumento para o seu perdão.

Assim, esta lei teve o efeito de invisibilizar crimes imprescritíveis, como os de lesa-pátria (Lei 7170/1983) e o crime de lesa humanidade, o qual foi instituído pelos Princípios de Nuremberg (1950) e aprovados pela ONU (Organização das Nações Unidas). Ambos são condenados pelos países signatários.

## Resultado e discussão



O Coletivo Filhos e Netos por Memória Verdade e Justiça do Rio de Janeiro participou, neste ano de 2021, de atividades referentes ao 31 de Março, que pretendiam suscitar debates, movimentos e críticas à Ditadura Cívico-Militar brasileira e ampliar a campanha de Reinterpretação da Lei da Anistia de 1979. Foram produzidos vídeos, participação em mesas online e projeções nos muros das cidades em território nacional. Uma das projeções feitas foi o cartaz produzido por Anita Sobar, em que há um memorandum com a foto do julgamento

2 Foto da obra de Anita Sobar, projetada no Rio de Janeiro pelo coletivo Atento e Forte (Instagram @atento.e.forte) e em Belo Horizonte pelo coletivo Projetemos (Instagram @projetemos) durante as ações do 31 de Março de 2021.

de Inês Etienne Romeu em 1973 o qual apresenta a seguinte pergunta disparadora: “Quanta memória cabe no esquecimento?”. Este cartaz projetado foi construído a partir da estética de Anita, artista plástica que trabalha com o coengendramento de materiais de escritório, o qual denuncia como a burocracia do Estado está a serviço de distanciar os afetos dos processos em torno das questões de Memória, Verdade e Justiça

A construção da memória passa por revisitar o passado, revirar seus avessos, dar visibilidade ao que foi escondido, criar narrativas e pertencimentos. As Comissões Nacional e Estaduais da Verdade foram dispositivos muito importantes na construção da memória dos desaparecidos, sequestrados, torturados e mortos pela ditadura no Brasil<sup>3</sup>. Apesar de ter sido uma das mais longas e violentas ditaduras na América latina, a formação da Comissão da Verdade no Brasil foi a mais tardia. Aberta em 2011, durante o governo Dilma Rousseff, a Comissão da Verdade produziu relatórios fundamentais, no entanto, em função da anistia ampla e irrestrita, característica da Lei 6683/79, nenhum repressor/torturador foi julgado até os dias de hoje. Desde 1974 foram constituídas 23 comissões da verdade na América Latina, com destaque para a Argentina, onde foram criados os Juízos pela Verdade em 1998, que contou com o forte trabalho de resistência do Movimento Mães da Praça de Maio. A comissão argentina é a única que não aborda a reconciliação nacional, em que a anistia é ampliada aos torturadores e assassinos do regime (OROPEZA, 2012).

As audiências das Comissões levantaram narrativas de familiares e ex-presos e torturados sobre o que foi vivido, assim como os nomes dos agentes de repressão que cometeram esses crimes. Esses relatórios estão disponíveis e constituem o principal acervo de memória que o Brasil possui do que ocorreu nos porões da Ditadura. Parte das ações do Coletivo neste 31 de Março foi o engajamento na campanha nacional pela reinterpretação da Lei da Anistia, endereçada ao Supremo Tribunal Federal, em que é solicitado que o órgão amplie os debates e reveja o perdão concedido pela lei aos torturadores e criminosos da ditadura. Esta ação teve alcance nacional e está atrelada a hashtag #ReinterpretaJáSTF.

<sup>3</sup> Disponível em <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php/institucional-acesso-informacao/a-cnv>

Neste sentido, a análise em questão buscou, a partir da arte e das intervenções urbanas do 31 de Março de 2021, reavivar a memória de Inês Etienne e provocar a sociedade para a importância da memória como modo de construção do presente e do futuro. Não se caminha sem memória, não se transforma o que passou quando as vozes dos vencidos são silenciadas. Muitos tombaram, morreram e sumiram, mas Inês Etienne sobreviveu a uma série de violências, transformando sua história em narrativas de resistência. Seu sequestrador, torturador e estuprador será o primeiro agente da repressão a ser julgado no Brasil.

## Considerações finais

A proposta deste trabalho foi destacar a memória de Inês Etienne Romeu. No Brasil, há muito que ser feito ainda em relação aos afetados pela Violência de Estado da Ditadura, no sentido de fazer valer o direito à vida, à liberdade de expressão e de pensamento, de lutas por Direitos Humanos e por um país que se responsabilize por suas máculas.

O Brasil é um país violento e a Violência de Estado no Brasil é uma realidade cruel em sua história pregressa e atual. A população negra, periférica, indígena, ribeirinha, campesina e as lideranças de movimentos sociais pela terra são afetados cotidianamente pelas violentas ações estatais, seja a partir de uma política genocida ou por negligências aos direitos dessas populações.

Revigorar a memória de Inês Etienne Romeu é também fazer valer todas as lutas pelos Direitos Humanos de brasileiros silenciados, perseguidos e desaparecidos que lutaram, e ainda, lutam por condições de vida e de permanência neste país.

## Referências bibliográficas

COIMBRA, C. B., *Produzindo esquecimento: histórias negadas*. 1999. Acesso em março de 2021. Disponível em: <<http://www.slab.uff.br/psm/uploads/texto65.pdf>>.

\_\_\_\_\_, *Fragments de memórias malditas: Invenção de si e de mundos*. N-1 edições, São Paulo, 2021. 176 p.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, 2017. Acesso em março de 2021. Disponível em <https://cjt.ufmg.br/wp-content/uploads/2018/02/Sobrevivente-da-Casa-da-Morte-de-Petr%C3%B3polis-reconhece-seis-agentes-da-repress%C3%A3o-CNV-Comiss%C3%A3o-Nacional-da-Verdade.pdf-In%C3%AAs.pdf>

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE , RELATÓRIO PRELIMINAR DE PESQUISA SOBRE A “CASA DA MORTE DE PETRÓPOLIS”, 2014. Acesso em março de 2021. Disponível em [https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/petropolis/Versao\\_final\\_-\\_Casa\\_da\\_Morte\\_-\\_relatorio\\_preliminar\\_revisado.pdf](https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/petropolis/Versao_final_-_Casa_da_Morte_-_relatorio_preliminar_revisado.pdf)

ESCÓSSIA, L., KASTRUP, V., & PASSOS, E. (2009) *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa/intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

GUATTARI, F. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense. 1985

ALVAREZ, J. PASSOS, E., Cartografar é habitar um território existencial, in: *Pistas do método da Cartografia: Pesquisa/intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre Sulina, 131-139, 2009

LEITE, I. C. Fragmentos da vida de Inês Etienne Romeu, *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, N.16, p.277-300, 2019. Acesso em abril de 2021 Disponível em: [http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2019/08/AGCRJ\\_revista16\\_190802-277-300.pdf](http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2019/08/AGCRJ_revista16_190802-277-300.pdf)

NOVAES, B. P., Fazer o Brasil sobre corpos negros: atualização de mitos racistas no discurso bolsonarista, in: *Rebelião*, (Orgs.) Ana Luíza Pinheiro Flauzina e Thula Rafaela de Oliveira Pires (organizadoras) - Brasília: Brado Negro, Nirema, 2020. Inclui bibliografia. 305 p. Acesso em abril de 2021. Disponível em <https://bradonegro.com/Rebeliao.pdf>

OAB, Ordem dos Advogados do Brasil, Conselho Federal- Comissão de Direitos 1980. Acesso em abril de 2021. Disponível em: [http://www.epsvj.fiocruz.br/upload/doc/DEPOIMENTO\\_INES.pdf](http://www.epsvj.fiocruz.br/upload/doc/DEPOIMENTO_INES.pdf)

OLIVEIRA, J. Em caso inédito, militar será julgado por estupro de presa política na ditadura. *El País*, São Paulo, 15 de agosto de 2019, acesso em março de 2021. Acesso em março de 2021. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/politica/1565802126\\_256909.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/politica/1565802126_256909.html)

OROPEZA, I., D., Memória e Direitos Humanos: Algumas considerações acerca das experiências das Comissões da Verdade, em *Psicologia e o Direito à Memória e à Verdade*, Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região – São Paulo: CRPSP, 2012. Acesso em março de 2021. Disponível em: [https://www.crpssp.org/uploads/impresso/91/hweJw-jsK\\_bXgnMYj1WJtY1fpuA92o2lj.pdf](https://www.crpssp.org/uploads/impresso/91/hweJw-jsK_bXgnMYj1WJtY1fpuA92o2lj.pdf)

PLANALTO, *Lei da Anistia de 1979*, Acesso em 04 de 2021. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm)

## **MACHOS NÃO-NORMATIVOS DO BAIRRO LIBERDADE: DESAFIOS E DIFICULDADES ENFRENTADAS PARA O INGRESSO NO MUNDO FORMAL DO TRABALHO. – RELATO DE EXPERIÊNCIA.**

**Marcus Vinicius Alves de Souza**

*Bacharel em Serviço Social da Instituição São Salvador - FSSAL,  
marnycyws@hotmail.com;*

**Jamille Araújo**

*Professora orientadora: Mestra em Educação e Contemporaneidade  
pelo PPGEDU/UNEB, Assistente Social formada pela Universidade  
Católica do Salvador - UCSAL, jamilleasbs@gmail.com.*

### **Resumo**

No processo enquanto essência LGBTQIA+, negro, morador do bairro Liberdade, Salvador-Bahia, e me considerar um macho não-normativo, a ideia do tema surgiu de acordo com a minha realidade enquanto sujeito, me despertando a pesquisar sobre o assunto no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, no qual fiz uma correlação de que o fenômeno se trata de uma das manifestações da Questão Social, cujo é objeto de estudo / trabalho do Assistente Social. O tema proposto é de extrema relevância, pois, a nossa sociedade é heteronormativa; cria padrões, normas e comportamentos ditos como naturais, corretos e morais, portanto, identifiquei alguns pontos de exclusão e preconceitos, que dificultam o acesso desses machos não-normativos para o ingresso no mundo formal do trabalho. Vale enfatizar que não deu tempo de discutir a temática de forma mais aprofundada, pois o período previsto para realizar um trabalho de conclusão de curso não permite um aprofundamento teórico para essas discussões, então, gostaria de discutir o tema de forma minuciosa e crítica, em um futuro mestrado, cada um desses fatores.

É importante salientar que realizei um release de alguns conceitos e categorias teóricas no período de graduação, que pretendo estudar, desenvolvido de forma germinal durante os quatro anos de estudos. Espero, de fato, poder aprofundar essa pesquisa, ou seja, tenho bastante interesse, pois é uma pesquisa que parte do meu lugar no mundo enquanto ser social, e que a minha relação com a profissão, no meu processo de formação profissional, amadureceu a minha análise do lugar onde vivo, de quem sou... Isto é, a graduação me possibilitou pensar a minha sexualidade e pensar a sexualidade das pessoas ao redor do meu bairro, sempre realizando um recorte racial e um olhar interseccional.

**Palavras-chave:** Machos, Não-normativos, Liberdade, Trabalho.

## Introdução

**A**bordar temas relacionados à sexualidade humana é um trabalho e tanto. A complexidade e ramificações engendradas em temáticas como esta, ainda se restringem aos dos muros acadêmicos e/ou, quando explanadas pela mídia, são emitidas de maneiras limitadas para o público que estuda e pesquisa essa área, ou seja, a linguagem é excessivamente formal e rebuscada. É preciso utilizarmos, ao menos, um pouco, o “linguajá” da comunidade, ainda mais quando direcionamos pesquisas para o nosso povo que reside nas vielas e comunidades do Brasil e são visivelmente marginalizados, por não seguirem tais normativas sociais.

É tão mais prazeroso ter um indivíduo que nos represente academicamente, digo no sentido de vivenciar, de fato, passar na pele, como dizem, e saber a essência dos reais determinantes que violam os nossos direitos e deveres sociais, sem naturalizá-los. Por conta desse auto incômodo, que também são de muitos, me sentir no direito de rebelar, através da escrita, já que tive a oportunidade de realizar uma graduação, no qual ainda muitos permanecem sem oportunidades nesses espaços, por várias variáveis sociais envolvidas.

Apesar de a temática ser considerada “modinha”, algo corriqueiro ou termos muitas literaturas ligadas a tratar de assuntos direcionados para público LGBTQIA+ muito embranquecido, digo, com precisão, e bastante delimitação que, o assunto a ser tratado nos capítulos e sessões deste trabalho, é muito pouco abordado, sabe por quê? Simplesmente, na maioria da literatura, abordam-se temas com o objetivo, bastante claro, de nomenclaturar e criar novas siglas para incluir na bandeira do arco-íris. Quero deixar bastante claro que não tenho o desejo ou intuito de atacar a sigla, mas acho que, muitas vezes, essas letras servem, apenas, para hierarquizar, sem nos darmos conta disso.

Trazer o tema “machos não-normativos, residentes do bairro Liberdade...”, Salvador-ba, clarifica que irei tratar, especificamente, de pessoas que nasceram com o falo, mesmo algumas não o possuindo, simbolicamente, mas sim, biologicamente, pois não nascemos homem nem mulher; é apenas uma construção social, pois existem vários determinantes intersubjetivos, que não seguem as normas dos héteros, ou seja, irei focar nas dificuldades que esses machos sofrem,

por serem majoritariamente negros, e ter uma identidade de gênero não-hétero com expressões de gênero fora dessa hegemonia.

Essas dificuldades repercutem e se agrava no momento em que esse público busca oportunidades no campo formal do mundo do trabalho, precarizando, ainda mais, a sua vivência em sociedade. Antes de entrarmos, de fato, a escrever e explicar, historicamente, as causas e consequências dessas exclusões, Eu preciso deixar claro e objetivo, sem vitimizações, que sou uma “isca” fragilizada e repleta de violações e violências durante os meus 31 anos de vida. Considero-me forte, em muitos aspectos, mas, ao mesmo tempo, entristecido, por não haver uma equidade social; somente descrita nos papéis da constituição, e por ai vai... é algo que me infringe e me inferioriza nas seleções de empresas e nos caminhos da vida... O sofrimento é acumulativo e diário, com muitos danos psíquicos, que somatizam para o meu corpo e dos meus, cotidianamente. Os machos não-normativos, independentemente de se autodeclararem homens, trans ou não seguir o binarismo, sofrem de acordo com a intensidade de suas próprias intersecções.

## Metodologia

Neste item, faz-se necessário informar os métodos que serão utilizados para a realização da pesquisa, além de dar embasamento para mostrar que, de fato, existe uma quantidade significativa de indivíduos vivendo em situações de vulnerabilidades semelhantes, sem descartar as suas singularidades.

Será utilizada, na forma de abordagem, a coleta de informações, de maneira qualitativa.

De acordo com Sena (2009, p.132):

A pesquisa qualitativa privilegia algumas técnicas que contribuem para a descoberta de fenômenos, tais como a observação participante, pesquisação, análise de conteúdo e estudo de caso, dentre outros. A pesquisa qualitativa pressupõe que a utilização dessas técnicas não deve construir um modelo único, pois a pesquisa é entendida como uma criação que mobiliza a acuidade inventiva do pesquisador e sua perspicácia para elaborar a metodologia adequada ao campo de pesquisa, aos problemas que ele enfrenta com as pessoas que participam da investigação. O pesquisador

deverá, porém, expor e validar os meios e técnicas adotados, demonstrando a cientificidade dos dados colhidos e dos conhecimentos produzidos.

Faremos, com esses machos não-normativos, coleta de dados qualitativos, ou seja, verificar, através de um olhar de totalidade, as principais questões que os levam e/ou os conduzem a viverem naquela realidade social, de forma “estagnada”. Portanto, os dados qualitativos são importantes, também, para extrairmos questões intersubjetivas desses indivíduos.

O método teórico que será utilizado nesse ramo de pesquisa será o Método em Marx (Materialismo Histórico Dialético), justamente por se tratar de uma base filosófica que explica as expressões sociais através da lógica capitalista, cujo influencia na construção da realidade dos indivíduos que vivem em sociedade. Conforme Marconi; Lakatos (2003, p.107) o materialismo histórico dialético se define como sendo:

o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época.

Essa teoria nos ajudará a identificar que o meio social influencia para que determinados grupos sociais sejam exaltados e outros inferiorizados ou, até mesmo, excluídos.

O tipo de pesquisa utilizada, primeiramente, foi através de um estudo bibliográfico “[...] que é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados ao tema” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.158), acoplando autores que tenham ideais que contemplem o meu tema, resultando numa convergência.

Farei uma pesquisa de campo que é “[...] é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.186). Através da pesquisa de campo, utilizarei alguns instrumentos para a coleta de dados, sendo a entrevista semiestruturada a primeira delas. Conforme Marconi; Lakatos (2003, p.197):

O entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal, através de entrevistas e aplicações de questionários objetivos.

Como sendo um segundo interessante instrumento para o tema proposto, o estudo de caso servirá para identificarmos outras causalidades e variáveis envolvidas nas histórias dos indivíduos machos não-normativos que participarem dessa pesquisa, por se tratar de um tipo de:

Pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerando o representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral. (SEVERINO, 2007, p.121).

Em relação à amostragem, que será realizada na rua principal do bairro da Liberdade, Rua Lima e Silva, totalizam 30 machos não-normativos, sendo que, deste total, farei um estudo de caso com 15 machos não-normativos.

Referente aos sujeitos envolvidos na pesquisa serão justamente os machos não-normativos, residentes do bairro Liberdade, Salvador-Ba, moradores das comunidades dessa localidade e, que vivenciam, cotidianamente, os reflexos das desigualdades sociais por não seguirem determinados padrões estabelecidos pela nossa sociedade. Por conta disso, é necessário estabelecer contato com esses sujeitos, utilizando a análise de conteúdo, a fim de compreender, numa perspectiva qualitativa, a realidade e os “Porquês” ocorrem essas discriminações no mundo do trabalho. A análise de conteúdo proporcionará a capacidade de analisar a problemática de forma mais minuciosa, respeitando, ao máximo, a singularidade de cada um por ser “Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento [...]” (BARDIN, 1977, p.09).

## Referencial teórico

Na antiguidade, a sexualidade era tratada de forma livre, sem haver repressões ditando o que é correto ou incorreto. Um exemplo

claro era como os espartanos se relacionavam afetivamente e/ou sexualmente na Grécia Antiga, além das cerimônias voltadas para o Deus Baco, na Roma Antiga, onde ocorriam vários encontros sexuais grupais, considerados sagrados. A ideologia heteronormativa foi construída a partir da influência Ocidental, ocorrendo limitações para expressar a sexualidade, ocasionando num rápido “controle” social. Para Foucault (1988, p.9), “Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada”.

A partir do momento em que o meio social passou a ditar que ser homem e ser mulher estava ligado ao sexo biológico, as questões intersubjetivas não foram levadas em conta no processo de construção da identidade sexual. Normatizar foi uma estratégia para tentar extinguir as demais sexualidades, deixando, apenas: “O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio” (FOUCAULT, 1988, p.9).

Diante disso, é possível perceber que, os indivíduos que não fazem parte dessa padronização social, proposta pela hegemonia heteronormativa, podem sofrer sérias consequências, em quase todos os âmbitos sociais, inclusive em relação ao processo de inserção no mercado formal do mundo do trabalho. Os machos não-normativos do bairro Liberdade fazem parte do fenômeno do desemprego contemporâneo, assim como toda a população que sustenta a base da pirâmide social, mais podem ser atingidos de forma mais perversa e excludente. De acordo com Filho (1975 p. 35-39):

O trabalho é um dos maiores valores para o ser humano, não só porque permite sua subsistência, mas porque o insere na sociedade. Todo homem tem o direito de exercer uma atividade útil, a si, à sua família, e à sociedade como um todo, mediante justa remuneração. (apud SALVADOR, 2017, p.295).

Para vivermos no modo de produção capitalista, dignamente, é necessário trabalhar para, pelo menos, termos o básico em relação ao nosso auto-sustento. Segundo o IBGE (2020), no trimestre do mês de outubro de 2020, fechamos com 14,1 milhões de desempregados, ou seja, houve um aumento de 7,1% em relação ao trimestre terminado em junho de 2020. “Em pleno século XXI. mais do que nunca, bilhões de homens e mulheres dependem de forma exclusiva do trabalho para

sobreviver e encontram, cada vez mais situações instáveis, precárias ou vivenciam diretamente o flagelo do desemprego” (ANTUNES, 208, p. 25).

É importante ressaltar que, quando pararmos para verificar estudos quantitativos de quaisquer temáticas, temos um olhar interseccional, justamente para não generalizarmos e analisarmos o fenômeno de maneira superficial. É óbvio que dentro desses 14,1 milhões de desempregados, existe uma pluralidade e diversidade de seres humanos. Pesquisas mais detalhadas, principalmente voltadas para o público LGBTQIA+, surgem de tempos em tempos, talvez pela falta de sensibilidade social, por conta da própria hegemonia heteronormativa.

Uma das pesquisas mais recentes, realizada em 2020 pelo coletivo #VoteLGBT, UNICAMP e a Universidade Federal de Minas Gerais, revelou que 21,6% dos LGBT's estão desempregados, sendo que o índice informado pelo IBGE no período de 2020 era de 12,2%. É algo bastante preocupante e assustador, no qual deve ser considerado como uma das expressões da Questão Social que é “(...) apreendida como elemento transversal à formação e ao exercício profissional pressupõe não perder o vínculo com a sua gênese comum e com os processos sociais a ela relacionados” (TAVARES; DELGADO, 2019, p. 104).

Pensar na relação desses machos não-normativos como uma expressão da Questão Social, é trazer elementos de cunho racializador para estudarmos esse fenômeno, pois estamos lidando, antes de tudo, com questões étnico-raciais. O bairro da Liberdade é majoritariamente negro e, segundo o IBGE (2018), 64% dos desempregados são negros, por conta disso, pode quadruplicar a inserção desses machos não-normativos, no mercado de trabalho formalizado. De acordo com Santos (2008, p.26):

Compreender a “questão social” como expressão das desigualdades sociais oriundas do modo de produção capitalista é uma clara inflexão nos fundamentos do debate instaurado pelas ciências sociais. Este toma como argumento central para a abordagem da “questão social”, as mudanças nas formas de “solidariedade” ou “coesão social”, donde desaparecem as conexões mais essenciais da constituição desses valores como complexos historicamente determinados da sociabilidade.

Sendo assim, a pergunta de partida que estará norteando essa pesquisa é: ***Quais as dificuldades enfrentadas pelos machos não-normativos, moradores do Bairro da Liberdade, em relação ao mundo formal do trabalho?***

## Resultados e discussão

Pretendo dar continuidade a pesquisa, como informei no resumo deste trabalho, realizando um grupo focal, com aplicações de questionários semiestruturados, que inclusive estão prontos. Não os apliquei, pelo fato do contexto pandêmico da COVID-19, justamente quando estava na fase de finalização do TCC, mas darei continuidade e estarei pronto para realizar várias etapas, com o objetivo de mudar a realidade desses machos não-normativos.

## Considerações finais

Diversificar a diversidade sexual e de gênero, considerando as singularidades e subjetividades de cada sujeito, representará uma grande conquista daqui a algumas décadas, pois, limitar a heterogeneidade humana somente ao sexo biológico, exclui, e causa vários impactos negativos para quem sofre a opressão.

Sei, também, que não é algo que ocorrerá de um dia para uma noite; é um trabalho de “formiguinhas”, como dizem. E todos que estão a frente dessas mudanças têm que ter um olhar amplificado e interseccional, pois há diferenças nos tipos de violências e preconceitos, mesmo tendo grandes semelhanças em alguns grupos que vivem em situação de vulnerabilidade social. É fato que nós, pretos, sofreremos mais, pois não temos privilégios, ainda mais quando se trata de um macho não-normativo com gestuais considerados femininos: o macho preto é animalizado como indivíduos robustos, brutos e fortes...por isso a particularidade de se estudar com mais delicadeza e representatividade os machos não-normativos pretos que residem em comunidade, mais precisamente no Bairro da Liberdade (Salvador-BA).

No meu caso, mesmo sendo um não-normativo preto, morador de comunidadee afeminado, irei sofrer uma menor parcela de LGBTfobia em relação a um macho não-normativo preto, igual a mim, feminilizado, mas com uma pele mais retinta...mesmo na mesma realidade, as questões racializadoras intensificam-se mais em alguns do que em

outros (pigmentocracia). A noção de branquitude que os brasileiros têm em relação a ser negro é totalmente diferente da Europa e África, por exemplo. Gostaria de ter feito um trabalho mais minucioso, mas garanto que não faltará oportunidades para prosseguir e amplificar essa pesquisa bibliográfica em um futuro mestrado, no qual pretendo realizar. Precisamos alcançar todos os seguimentos de cargos nas empresas e ascender internamente dentro delas. A desconstrução ocorre dia após dia.

Precisamos ter equidade nos processos seletivos e levar em conta todo o contexto social, como machos não-normativos de comunidades. Os processos seletivos são muito embranquecidos e heteronormativos ainda! Estou concluindo a monografia do curso de Serviço Social, ou seja, uma graduação interdisciplinar da área de humanas, onde é uma ciência aplicada das Ciências Sociais, ou seja, podemos realizar trabalhos interventivos.

Gostei muito de ter me graduado neste curso, mas, também, tenho muitas críticas a fazer; as sutilidades homofóbicas dentro dessa formação são bastantes passadas “despercebidas”, pois, além de existir a feminização da profissão, ainda existe o conservadorismo da mesma. Muitos profissionais desta área ainda não aceitam contratar, nem mesmo como estagiário, um macho não-normativo e feminilizado como eu, muitas vezes. Passei por várias experiências constrangedoras, desde ficar em um estágio apenas por quatro dias e quebrarem o contrato “sem motivos”, até não receber pagamentos, sendo que todos haviam recebido, pelo fato de você ser visivelmente não-normativo.

Precisamos levar mais a sério a diversidade humana e entender como funciona a mesma, sem subjulga-la. Este tipo de ação deve começar dentro do ambiente intrafamiliar e nas escolas... Precisamos disso para modificar a visão estereotipada que temos dos nossos não-normativos, principalmente os que residem em comunidades. É de suma importância criarmos políticas públicas para os não-normativos pretos, tendo à frente não-normativos também pretos, que abraçam a causa e não se misturam com hegemônicos brancos para apontar, objetificar, exotificar, patologizar e hipersexualizar os nossos; justamente afim de incluir os não-normativos no mundo formal do trabalho, em massa, não apenas “gatos pingados” e estagnar os processos. Por fim, este trabalho foi um grande desabafo para mim e também me vejo como um porta-voz para os que naturalizam, mas

sofrem com todo esse sistema perverso e hierarquizador. Portanto, pretendo realizar, futuramente, várias ações e propagar esses materiais para que todos tenham acesso.

## Agradecimentos

Agradeço a toda minha ancestralidade, mas, em especial, a mulher que colori o mundo:

Osùn, dona do meu orí.

## Referências

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018. 328p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAETANO, Bruna. IBGE: 64% dos desempregados são negros e informalidade alcança 47%. Brasil de Fato, 13/09/2019. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/13/ibge-64-dos-desempregados-sao-negros-e-informalidade-alcanca-47>. Acesso em: 14 dez. 2021.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; SOUZA, Eloisio Moulin de; AGUIAR, Ana Rosa Camillo. **Trabalho, violência e sexualidade: estudo de lésbicas, travestis e transexuais**. Rev. adm. contemp., Curitiba, v. 18, n. 1, p. 78-95, Feb. 2014.

FOUCAULT, MICHAEL. Nós, vitorianos. In: \_\_\_\_\_. **A história da sexualidade I: A vontade de saber**, 1988. Cap. 1, p. 9-18.

LANZ, Letícia. **O Corpo da Roupa**. 2014. 290 f. Trabalho de dissertação - Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná-UFP, Curitiba, 2014.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PIMENTEL, Thais. Pesquisa da UFMG e Unicamp aponta que população LGBT está mais vulnerável ao desemprego e à depressão por causa

da pandemia. G1 Minas, 02/09/2020. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/nugen/2020/09/02/pesquisa-da-ufmg-e-unicamp-aponta-que-populacao-lgbt-esta-mais-vulneravel-ao-desemprego-e-a-depressao-por-causa-da-pandemia/> Acesso em: 14 dez. 2021.

SALVADOR, Tatiana F. **Sexualidade e trabalho: uma análise sobre a importância do respeito à diversidade sexual no ambiente do trabalho a partir da teoria de Acel Honnerh**. Escola Superior do Ministério Público da União, Brasília, n.50, p.279-304, jul. /dez. 2007.

SANTOS, Josiane Soares. **Particularidades da “Questão Social” no capitalismo brasileiro**. 2008. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

SENA, Patrícia Mota. **Metodologia do trabalho científico**. Nupre, 2009.

SEVERINO, Joaquim Antônio. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

TAVARES, Márcia Santana; DELGADO, Josimara. **Diálogos Transversais no Serviço Social: Sobre rupturas e continuidades**. Salvador: EDUFBA, 2019. 332 p.

## O CENTRO DE REFERÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CIDADANIA LGBTQI+ (CER-LGBTQI+) E ATUAÇÃO NO ESPAÇO DIGITAL<sup>1</sup>

### **Igor Gabriel de Oliveira Morais**

*Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, igorgabrieluffff@gmail.com;*

### **Camila Campos Moura**

*Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, camilacamposmoura@email.com;*

### **Gabriella Kathleen Venancio de Paula**

*Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, gabriellavenancio@hotmail.com;*

### **Marcos Lucas Henrique Garcia Pires**

*Graduando do Curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, marcoslucasuffff@gmail.com;*

### **Marco José de Oliveira Duarte**

*Professor Orientador, Assistente Social, Psicólogo e Sanitarista. Mestre em Serviço Social (UFRJ), Doutor em Serviço Social (UERJ) e Pós-Doutor em Políticas Sociais e Cidadania (UCSAL), Professor da Faculdade de Serviço Social - UFJF, majodu@gmail.com.*

## **Resumo**

O trabalho trata-se de um registro a respeito da atuação no espaço digital do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+”, programa de extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora. O CeR-LGBTQI+ da UFJF foi inaugurado em agosto

---

1 Programa de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

de 2019, com o objetivo de promover acolhimentos ,auxílios e projetos para a população LGBTQI+ do município de Juiz de Fora e região. Em 2020,as atividades presenciais do programa foram paralisadas, e a equipe de coordenadores, bolsistas e voluntários, passaram a promover as atividades de maneira remota, através da manutenção da página do *instagram*, como as colunas “CERIndica” sobre cultura, postagens a respeito de saúde e direitos às pessoas LGBTQI+, além da promoção do “Liversário do Cer” que foi um dia de *lives* realizadas no *instagram* a respeito de temas atrelados a sociedade e direitos, lançamento do PDF da cartilha sobre direitos LGBT, lançamento do canal do *youtube* e o lançamento do II curso de Extensão do Cer- LGBTQI+ de maneira remota e digital.

**Palavras-chave:** LGBTQI+, Centro de Referência, Cidadania, Políticas Públicas.

## Introdução

O presente trabalho busca abarcar sobre a atuação dos bolsistas e voluntários da graduação no espaço digital do programa de extensão “Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+”, da Faculdade de Serviço Social da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora).

A criação do centro de referência se deu a partir da colaboração entre a pró-reitoria de extensão da universidade federal de Juiz de Fora e a faculdade de Serviço Social da mesma universidade. O objetivo do centro de referência é de criar um espaço de promoção à cidadania, proteção e assistência, a uma camada da sociedade que é constantemente vista como alvo de violência e outras violações de direitos.

Em decorrência da pandemia da Covid-19, no início de 2020 as atividades presenciais do programa de extensão foram paralisadas, como exigiu a conjuntura, e a equipe de coordenadores, bolsistas e voluntários tiveram que migrar do espaço físico para o virtual, promovendo atividades online através da página do *Instagram*, como colunas sobre cultura (CERIndica), saúde e direitos das pessoas LGBTQI+.

Além da promoção de *lives* sazonais que tratavam de temas atrelados a sociedade e a direitos sociais, execução e lançamento de uma cartilha sobre direitos LGBTQI+, lançamento do canal do *Youtube* e o lançamento do II Curso de Extensão do Cer- LGBTQI+ de maneira remota e digital.

## Metodologia

Devido ao agravamento da pandemia em escala mundial, a sede do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+ (CeR- LGBTQI+) foi fechada, desse modo, foi preciso pensar e adequar as demandas do atendimento presencial para o virtual. A partir dessa movimentação, as redes sociais do centro de referência passaram por uma organização e se tornaram o principal meio de comunicação com a comunidade.

A página do *instagram* passou a ser utilizada como um espaço de prestação de serviços e informações, a equipe de forma conjunta promoveu uma série de postagens a respeito dos direitos da comunidade

LGBTQI+, baseados na cartilha formulada pelos bolsistas do centro de referência, o perfil também oferece dicas culturais através da coluna “CERIndica”, promoveu *lives* pontuais sobre temas atrelados à raça, gênero e direitos. Para além do *instagram*, foi criado um blog para as postagens de artigos, notícias, um canal no *youtube*, onde foram promovidos encontros em formato de *lives* e o lançamento e a promoção do II curso de Extensão do Cer- LGBTQI+, totalmente digital.

## Referencial teórico

É evidente que com a determinação do isolamento, muitas pessoas LGBTQI+ tiveram que ficar isoladas com o seu núcleo familiar, esses núcleos familiares podem ser tornar espaços de violações físicas e psicológicas, que já são recorrentes para os corpos LGBTQI+, o diferencial é que durante uma crise sanitária essas agressões podem apresentar maior frequência, causando um impacto na integridade física e psicológica dessas pessoas, como a aponta o Diagnóstico LGBT+ na pandemia, realizado pela organização Vote LGBT+.

O novo coronavírus é um problema de saúde global, mas ele tem efeitos na saúde que vão além da infecção pelo vírus. A população LGBT+ sofre com problemas de saúde mental mais que a média nacional (C). É preciso entender a origem deste problema: as tão faladas doenças mentais, como depressão e ansiedade, manifestam-se mais agressivamente neste universo como consequência do convívio frequente com diversas formas de preconceito. (...) Enquanto 5,8% da população geral brasileira sofre de depressão e 9,3% sofre de ansiedade, nesta pesquisa focada em LGBT+ 28% relatam já terem diagnóstico de depressão, antes da quarentena. Destes, 47% foram classificados com o risco de depressão no nível mais severo. (VOTE LGBT, 2020)

O VOTE LGBT (2020) ainda traz que o convívio social familiar para as LGBTQI+ já são precários quando pensamos no cenário pré-pandemia, mas a necessidade do isolamento social foi capaz de prejudicar ainda mais as relações sociais desse grupo.

Diversas formas de preconceito ou violência (verbal, moral, psicológica e até física) transformam os ambientes mais comuns da existência humana em

cenários de hostilidade. Quando as novas regras de convívio impedem o acesso às redes de apoio e a casa da família de origem não aceita nem acolhe, a solidão se apresenta. (...) Perder acesso à sua rede de apoio significa a falta de ambientes seguros para serem quem são. A rede de amigos é muito importante para estas pessoas que muitas vezes não encontram amparo na família. Espaços como universidades e ambientes de convívio social são muito mais do que lugares de estudo ou lazer. Significam ambientes onde podem sentir-se inteiros e seguros, física e emocionalmente. Para muitas pessoas LGBTQ+, a exclusão da família de origem implica na construção de novas estruturas familiares que exerçam este fundamental papel em suas vidas. Para elas, ver-se afastado dessas estruturas pela quarentena impacta em voltar a se sentir só no mundo. (VOTE LGBT, 2020)

Outro ponto que foi agravado pela pandemia é a condição econômica para a população LGBTQI+, se antes o mercado de trabalho já era extremamente restritivo para todos aqueles que divergissem da heterocisnormatividade, na com a Covid-19 essa condição foi aplicada a boa parte da população, prejudicando ainda mais as LGBTQI+.

O impacto da crise financeira é muito maior entre quem já era mais excluído do mercado de trabalho. Os relatos deixam evidente a associação entre a preocupação sobre como pagar as contas e o aumento da ansiedade e depressão. Como todas as dificuldades enfrentadas por pessoas LGBTQ+, elas podem ser maiores ou menores dependendo do quão próximas ou distantes da norma elas estejam. Boa parte dessa população já não tinha acesso ao trabalho formal. Para estas pessoas, a perda de renda foi imediata e impacta diretamente na sua capacidade de sobrevivência e bem-estar. Assim como o resto da população, a idade e a raça também impactam diretamente na empregabilidade. O acesso ao mercado de trabalho, especialmente em salários e cargos superiores, é tangivelmente mais difícil para pretos, pardos e indígenas, assim como para pessoas de idades mais altas. Mas, quando se trata da população trans, que sofre muito mais com a expulsão do ambiente familiar e educacional, o acesso, mesmo a cargos de base, é praticamente inviabilizado. (VOTO LGBT, 2020)

Pensando nesses dados, a través de reuniões e formações semanais, foram criadas programações de eventos e postagens a respeito dos assuntos tratados pelo centro de referência, a fim de, promover atividades online, através da página do *Instagram*, com o objetivo de atingir mais pessoas e assim promover ações, mesmo que de maneira virtual, a fim de criar um ambiente seguro para esses corpos, que são continuamente subjugados seja através dos discursos regados a ódio no âmbito federal, violências institucionais como a negação do uso de nomes sociais e as ofensas tecidas pela sociedade civil que sempre busca marginalizar as pessoas por meio da lgbtfofia e dos homicídios diários (DUARTE, 2020).

Uma das colunas criadas para a atuação do Cer no espaço digital foi a coluna sobre cultura (CERIndica) onde foi utilizados filmes e séries com a temática LGBTQI+, o objetivo dessas postagens era promover uma discussão sobre as representações desses corpos no audiovisual, além de oferecer uma válvula de escape cultural para o período que estamos vivendo.

Além das postagens culturais, o projeto de extensão também criou uma coluna sobre saúde onde eram tratados assuntos como hormonização e atendimento psicológico pelo Sistema Único de Saúde e por fim, postagens sobre direitos das pessoas LGBTQI+ retirados da cartilha elaborada pelos membros do centro de referência.

A promoção de *lives* sazonais a respeito de temas atrelados a sociedade e a direitos sociais, fizeram parte da atuação do centro de referência no espaço digital, esses encontros foram ministrados por referências no campo de gênero e sexualidade de maneira informal, assim como “Liversário do Cer” realizado para comemorar o aniversário do centro de referência.

Ao longo do isolamento os membros do projeto de extensão executaram e lançaram uma cartilha sobre direitos LGBTQI+, o lançamento do canal do *Youtube* e do II Curso de Extensão do Cer- LGBTQI+, onde foram realizados 10 encontros ministrados por especialistas do campo gênero e sexualidade de diversas instituições nacionais e internacionais, esses curso permitiu uma certa democratização dos debates, essas atividades marcaram a exitosa atuação do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+” no espaço digital.

## Resultados e discussão

O CeR atuou remotamente pelas redes sociais de forma ampla, para que pudesse alcançar um número significativo de pessoas. Através do *Instagram* foram realizadas as Liversários, em comemoração ao primeiro ano de atuação; as *Lives* do CeR, as postagens do CerIndica e outras postagens sobre os direitos da população LGBTQIA+.

No *Youtube* também foram realizadas *lives* e vídeos temáticos. O II Curso de Extensão Universitária: “Democracia e Dissidências Sexuais e de Gênero: Políticas e Direitos Sexuais” foi realizado de forma remota pelo *Google Meet*, e suas aulas foram gravadas e repostadas no *Youtube* para arquivamento e divulgação.

## Considerações finais

Apesar das complicações que a realidade pandêmica impôs e após as adequações necessárias para se encaixar no molde digital, o programa Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+ se fez presente em diversas plataformas digitais, o que criou uma proximidade maior com as pessoas e deixou de lado algumas questões de vulnerabilidade para se fazer presente independente da situação. Seja no *YouTube*, no *Instagram* ou por meio de textos em blog, foi possível fazer um contato com o público e levar informação para as pessoas.

A realidade brasileira ainda apresenta particularidades em relação ao cenário mundial devido ao desgoverno de Bolsonaro, no qual vemos os mais diversos ataques sendo feitos às políticas públicas, aos direitos sociais para LGBTQs e população geral, para além do genocídio causado pela forma precária em que as políticas de saúde estão sendo tratadas. Nesse sentido, se torna indispensável um espaço em que debates sejam constantemente levantados em defesa da população LGBTQI+ brasileira.

No contexto de pandemia, conseguir se manter em casa de forma segura e sem precisar reprimir suas identidades sexuais e de gênero é apenas um dos desafios. Somada a isso, a exposição ao risco da doença também pode ser medida em relação ao nível de isolamento social que está sendo praticado e ao número de pessoas conhecidas que já foram diagnosticadas

com o novo coronavírus. Para além disso, o risco de agravamento da infecção por Covid-19 e de acesso aos serviços de saúde podem também ser indicados pela cobertura de plano de saúde e diagnóstico prévio de alguma condição médica. A pandemia é como uma tempestade em alto mar, chegou e atinge a todos nós. Mas, embora todos estejamos sujeitos a ela, estamos em barcos muito diferentes. Enquanto uns encontravam-se em navios, com total estrutura para aguentar o vendaval, outros estavam em barcos menores, mas que ainda assim oferecem segurança. O maior impacto, no entanto, ocorre entre aqueles que estavam em jangadas que não proporcionam nenhuma estabilidade ou condição de sobrevivência. Estes são os que mais precisam da nossa ajuda imediata para conseguir passar por esse momento. (VOTE LGBT, 2020)

Apesar dos obstáculos que foram surgindo sempre foi priorizado continuar tratando sobre diversos temas que compreendessem todas as complexidades do que é ser LGBTQI+, tratando disso nem sempre de uma forma séria, mas também trazendo um momento de reflexão sobre diferentes vivências e, abrindo espaço para discuti-las de um modo mais leve, sem deixar a realidade de lado.

## Agradecimentos

Agradecemos ao Prof. Coordenador Marco José de Oliveira Duarte por nos orientar durante a produção deste trabalho e por coordenar da melhor maneira o programa de extensão Centro de Referência e Promoção da Cidadania LGBTQI+.

Agradecemos aos bolsistas Camila Campos Moura, Igor Gabriel de Oliveira Morais, Marcos Lucas Henrique Garcia Pires, Gabriella Kathleen Venancio de Paula, Carolina Pereira Fernandes, Karina Rodrigues de Almeida Delgado e Sidney Aurum Monteiro Vieira, por empenharem todos os esforços possíveis para que o Centro de Referência continuasse a desenvolver suas ações em promoção da cidadania LGBTQI+, mesmo com as dificuldades impostas pela pandemia do Covid-19 e as complicações advindas dessa conjuntura.

Por fim, e com certeza não menos importante, agradecemos aos voluntários do Centro de Referência Bruna da Silva Rocha, Brune Coelho Brandão, Cleber Giliard Rodrigues Miranda, Dandara Felícia

Silva Oliveira, Eduardo Novais Dias, Francielle Pereira Santos, Ítalo Henrique Nunes Carneiro de Araujo, Jude de Oliveira Bento da Silva, Júlio Mota de Oliveira, Larissa Batista da Silva, Maria José Figueira Pereira, Mateus de Oliveira Duarte, Sarah de Melo Salles que foram essenciais para o crescimento do Centro de Referência, e graças a estes conseguimos parcerias e maior visibilidade, conseguindo alcançar um grande número de pessoas que se beneficiaram do nosso trabalho para a efetivação de seus direitos cidadãos.

## Referências

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUTLER, J. **O capitalismo tem seus limites**. Blog da Boitempo, São Paulo, 20 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/>>. Acesso em: 13 maio. 2021.

DUARTE, M. J. de O. **Dissidências sexuais, vidas precárias e necropolítica: impressões de uma experiência em tempos de pandemia**. In: OLIVEIRA, A, D. (Org.). População LGBTI+, vulnerabilidades e pandemia da COVID-19. Campinas: Saberes e Práticas; Papel Social, 2020.

VOTE LGBT+. **Diagnóstico LGBT+ na pandemia: desafios da comunidade LGBT+ no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus**. Disponível em: <<https://www.votelgbt.org/>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

## EUROCENTRISMO E ALGUNS PENSAMENTOS FEMINISTAS INICIAIS

**Jamile Guerra Fonseca**

*Licenciada em Sociologia. Professora Adjunta, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, [https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG\\_MENU.menu?f\\_cod=F1843D9B1B322F38B7FB2EC306051524#](https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=F1843D9B1B322F38B7FB2EC306051524#)*

### Resumo

Refletir sobre algumas bases teóricas feministas e o conceito de eurocentrismo para compreender a existência, é debruçar-se também e especialmente, sobre estudos de gênero e suas reverberações. Neste contexto, buscamos um resgate de algumas epistemologias e de como o eurocentrismo atua de modo enfático na compreensão sobre a existência humana, sobretudo de mulheres. A busca nesse sentido, vai ao encontro de modos da compreensão sobre causas que são foco de feminismos, sendo esses aspectos em comum entre todas as mulheres e causas mais específicas e individuais, à exemplo de mulheres negras, que vivenciam disparidades de gênero, racismo e discriminações de classe social, percebidas constantemente embutidas no seu modo de viver, existir e resistir. Ao compreender, por exemplo, a racialização do conhecimento na perspectiva do eurocentrismo, entende-se a importância de se atentar às outras realidades, tais quais são e seus respectivos valores, sem permitir o toque de influência lançada a partir de visões deturpadas, de um suposto conhecimento, oriundos de um desejo maior, à saber, a monopolização do saber e do todo social. Pesquisas sobre gênero, visam a compreensão de processos de subordinação e opressão, no entanto, ainda sofre influências eurocêntricas e também por visões de mundo a partir da ótica americana. Todo esse contexto, estabelece e perpetua diversos modos de opressão, relacionados a gênero, raça-cor e classe, e que devem ser questionados e reavaliados pois atuam diante de fatores como identidade social, interesses gerais e relações de poder.

**Palavras-chave:** eurocentrismo, feminismos, interseccionalidade

## Introdução

**R**efletir sobre algumas bases teóricas feministas e sobre eurocentrismo para compreender a existência é debruçar-se sobre em camadas de conhecimento que nos permitem analisar, por exemplo, a perspectiva de gênero dentro de correntes feministas, enocentrismo e razões que perpetuam relações de poder hierárquicas e desiguais.

São diversas as influências nos modos de conhecimento, desde um passado remoto e se mantendo até os dias atuais, buscando aproximar-se da realidade social vigente e reformular conceitos; muitos dos quais já não duram muito como antigamente. É que tem se denominado como liquidez social.

Neste contexto, analisa-se o modo como o eurocentrismo atua de modo enfático na compreensão sobre a existência humana e acaba por influenciar por exemplo, correntes e epistemologias feministas, que à princípio surgiram como ressignificação de causas e motivos de luta social.

Reitera-se que as reflexões presentes nesse ensaio teórico, acontecem de modo cauteloso, respeitando os entendimentos diversos sobre permissões sobre conceitos e discussões tão atuais na sociedade brasileira. Ao afirmar alguns pensamentos feministas iniciais e o eurocentrismo, remete-se à ênfase sobre as lutas das mulheres contra a não subordinação de seus corpos e comportamentos bem como ao poder do homem, e tantas outras estruturas sociais.

A busca nesse sentido, vai ao encontro de modos da compreensão sobre causas em comum entre todas as mulheres e também pelas causas mais específicas e individuais, à exemplo de mulheres negras, que vivenciam disparidades de gênero, racismos e discriminações de classe social, percebidas constantemente estando embutidas em seu modo de viver, existir e resistir, cotidiano.

### **Ensaio teórico: relações de poder, eurocentrismos, desigualdades, feminismos**

Oyewùmí (2004) nos resgata que a expansão da Europa e a hegemonia cultural euro-americana influencia na produção de conhecimento e por consequência na escrita da história humana, uma vez

que abarcam razões sociais, comportamentos humanos, preconceitos, estigmas, neuroses, dentre outros objetos comuns em toda a sociedade.

Pode-se, portanto, atribuir a este eurocentrismo, um momento de racialização do modo de conhecer, pois neste caso a Europa ocupa, o papel central no campo das representações sociais do conhecimento, e assim nativos desse local são considerados e fantasiados como detentores supremos e absolutos do poder.

Samir Amin (1994) conceitua o eurocentrismo como a crença geral de que o modo como se desenvolveu a Europa e suas vertentes é um fato que deve ser seguido por todas as outras sociedades e nações, constituindo-se, portanto em uma ideologia ou paradigma baseado no modelo de superioridade sobre os demais povos.

Ao compreender a racialização do conhecimento pesquisando sobre o eurocentrismo, entende-se a importância de se atentar às outras realidades sem nos deixar influenciar por visões deturpadas do conhecimento oriundos de locais que tem como desejo a monopolização do saber e a influência direta em outros povos.

As pesquisas de gênero, utilizadas amplamente para compreender processos de subordinação e opressão de mulheres em todo o mundo, tem sido fortemente influenciadas pelo Europa a ainda por experiências americanas, ao qual devem ser questionados fatores como identidade social, interesses e preocupações reais das origens de cada um desses conhecimentos, e que se faz relevante sobretudo, entender que gênero é uma construção sociocultural e portanto será constructo a partir da realidade social e cultural de determinado local (OYĚWŪMÍ, 2004).

Logo, percebe-se que as realidades das mulheres europeias diferem das mulheres americanas, que por sua vez diferem das mulheres, que diferem das mulheres brasileiras e assim por diante. O eurocentrismo é um modelo de sucesso, fracassado. O mundo deseja adotar seus padrões como absolutos, no entanto, a realidade de cada local, expõe na pele e na carne vive que mulheres, feminismos, gênero e modos de existência se diferem e a cultura de cada local, bem como razões de outros âmbitos, interferem diretamente nessa conjuntura.

Não se pode impor conceitos, sobretudo sem conhecer as realidades vivenciadas nos mais diversos contextos. Desse modo, entende-se que a Europa e o Eurocentrismo tentam monopolizar, à todo custo, diversos campos da vida “terrena” e ainda, o saber, atuando de modo

a deteriorar ou deturpar o conceito de gênero, de como na verdade tem que ser e precisa ser.

Assim, toda essa confusão etnocêntrica, acaba trazer à tona visões distorcidas sobre pessoas e contextos díspares, criando, estabelecendo e perpetuando o que conhecemos como rótulos, estereótipos e paradigmas.

Esta contextualização proporciona o entendimento sobre conceitos, à exemplo daquele que se refere a gênero, dentro da perspectiva do eurocentrismo, e que se expressa influenciado por questões da massa branca europeia e americana que o formulou e que não atendem, as necessidades de reflexão, discussão e ações de intervenção sobre demandas como, raça, cor e discriminações, diferenças e desigualdades sociais, condição social e rotulações, gênero e estereótipos, ou seja, outras formas de opressão que estão embutidas em gênero, que inclusive foram a pirâmide de análise interseccional.

Entende-se ainda, que nas entrelinhas das perspectivas conceituais eurocêntricas ou americanizadas, estão embutidos interesses, visões de mundo e relações de poder, modos de ser e estar dominantes em busca de dominadas, os.

Outro ponto destacado por Oyewùmí (2004) é de que o feminismo europeu não consegue extrapolar os limites consagrados da família nuclear, sendo esta questão de gênero enraizada e decodificada dentro da família. As filhas e os filhos ainda percebem suas mães como esposas dos seus respectivos pais, donas do lar e responsáveis pela família e também da procriação, ainda considerando como o ato de amamentar um dos papéis, no campo dos deveres, atribuídos a mulher dentro da relação familiar.

A familiar nuclear europeia é distante da família africana e também da família brasileira, que se relaciona em algumas comunidades por aspectos geracionais, entidades de respeitos espirituais dentre outros aspectos que não generificam as relações familiares e além de tudo se tornam mais flexíveis e fluidas.

Na Nigéria, especificamente na sociedade Iorubá, a hierarquia dentro da família ocorre não por questões relacionadas ao gênero, mas pela idade relativa que cada integrante possui dentro do conjunto, não sendo assim generificada, sendo esta divisão, dinâmica e fluida (OYEWÛMÍ,2004).

Nas relações conjugais, a diferenciação ocorre especificando mulheres que entram em determinada família e no círculo social em

geral, com diferenciações baseadas em nomes especiais, atribuídos às devotas de orixás, tornando os relacionamentos entre as pessoas situacionais, contextuais, fluidos (OYEWÛMÍ, 2004).

Entende-se assim que o feminismo europeu é destoante da realidade da África e também do Brasil, e entender esta realidade com base em epistemologias europeias gera distorções.

Há, uma real necessidade de uma análise que requeira sensibilidade no olhar, que deve ser integral a pessoa humana, individual e complexa, e sobre a mulher em um aspecto mais profundo.

Inserida dentro da sua realidade, cada mulher única em si e por si, está dentro de uma conjectura que compõe suas vivências, lições, hábitos, aprendizados, costumes, credences, práticas, rituais e maneiras de viver. Enxergar toda essa narrativa, essas diferenças sem causas nenhum modo de opressão ou discriminação, também é um dos grandes desafios na perspectiva feminista e de feminismos brancos, negros, lgbtqi+, trans e todas as maneiras fluidas de ser.

A América deu continuidade e legitimidade às relações de dominação da Europa, que se estabeleceu depois da mesma, e assim deu-se seguimento à colonização do conhecimento. As metas, portanto, são lutar contra a colonização desse saber e para tanto se utiliza do poder de interpretação de teorias feministas que podem auxiliar neste processo (COSTA, 2013).

À saber, a dominação não veio só no sentido do conhecimento geral, mas também e especialmente, sobre os saberes específicos, sobre corpos, falas, linguagens, folclore, culinária e de todo o resto que não seria o resto, mas o prato principal da mesa. Além disso, foram formuladas teorias das mais diversas, cujo interesse principal, seria mistificar tudo o que não estivesse no padrão da classe dominante.

Ressalta-se ainda que, esse processo tenta retirar por meio de deturpações do que deve ser padronizado e tradicional, a identidade de pessoas. Segundo Marçal, (2015) a identidade é composta de diferenças que cada pessoa traz em si e para si, no entanto essa mesma diferença que faz parte de cada um, também pode causar uma relação de desigualdade.

Entende-se desse modo que, o respeito às diferenças, ou seja, a igualdade, é algo que parece ter desaparecido quando se trata de teorias eurocêntricas. Logicamente que se pensamentos feministas ainda aderem a determinadas concepções, outrora atuais, ora ultrapassadas, perpetuam sistemas de opressão. Em outras palavras, o feminismo

européu, não atende e nunca atendeu a demanda de mulheres negras e demais orientações de gênero de cada mulher.

Assim, tentando diminuir, inferiorizar, constranger, coagir e até mesmo tirar a vida, uma relação hierárquica de poder foi constituída entre povos e povos e que demonizou, por exemplo, religiões de matriz-africana, fez a negra virar a tal da mulata, hipersexualizada por olhos de homens violentadores de corpos e de almas, a doméstica, forte e de senzala e que jamais, em suas mentes doentias, aceitariam que essa mesma mulher seja agora deputada, presidente ou professora.

Precisamos dizer que a visão europeia fincou sua estaca em correntes feministas e hoje, o que se vive para tentar elucidar tem causado tensões inclusive entre mulheres que poderiam se unir para melhor fazer entender toda essa situação. Em outras palavras, acredita-se em pensamento contínuo, que mulheres brasileiras nunca poderiam ser consideradas brancas, e sim frutos de uma mestiçagem e ainda, sendo a maioria mulheres negras.

Brasileiras, latino americanas, negras, africanas estão diante um embate forte. Logicamente que, mulheres pardas sofrem menos ou até não sofrem todas as opressões das mulheres negras. Mas a mensagem é a de que, o eurocentrismo dominou mentes, povos, conhecimentos e paradigmas. E esse é o fato causal que deve ser nosso foco e motivo de luta para as mulheres que não se enquadram na perspectiva europeia.

Ademais, não se afirma que o feminismo europeu seja ruim, tampouco desqualificá-lo. No entanto, não poderá jamais atender a necessidades de outras mulheres que não vivem a mesma realidade de locais desenvolvidos, ricos e bem destoantes do quadro em preto e branco que se vive fora dessa nação.

Teorias feministas e práticas sociais, precisam se adequar as realidades e contextos de cada mulher, não acirrando uma guerra interna, mas sobretudo unificando forças, causas e razões para enxergar as diferenças e lutar por uma igualdade que é, portanto, o conceito de respeito à diferença e às diversidades.

## Considerações finais

Estudos de gênero, africanos, têm importantes desafios e valiosas contribuições no campo da ciência e sobretudo do pensamento feminista, uma vez que, ao adentrar em aspectos não abordados na

visão eurocêntrica, conseguem contemplar mulheres afrodescendentes e brasileiras, frutos da mestiçagem que somos parte.

Há de haver, um movimento maior, que busca a libertação das relações e abusos de poder em relações de gênero, raça, cor e classe e ainda, de todos os estereótipos, rotulações e discriminações advindas de teorias caóticas que remetem superioridade a um povo a partir de diferenças, que compõe apenas suas respectivas identidades.

Não se sabe, portanto, um saber que seja superior a nenhum outro, e ainda que deva ser modelo a ser vestido por outras nações. O desafio surge justamente do processo de romper com estruturas antigas e dar maior visibilidade a outras questões que precisam estar associadas ao conceito de interseccionalidade, real e necessário.

## Referências

AMIN, Samir. **Eurocentrismo: crítica de uma ideologia**. Lisboa: Dinossauro, 1994.

COSTA, Cláudia de **Feminismo e tradução cultural: sobre a colonialidade do gênero e a descolonização do saber**., 2013. Disponível e:<http://www.buala.org/pt/a-ler/feminismo-e-traducao-cultural-sobre-a-colonialidadedo-genero-e-a-descolonizacao-do-saber>

MARÇAL, José Antonio; LIMA, Silvia maria Amorim Lima. **Relações étnico-raciais. História e cultura afro-brasileira e indígena no Brasil**. Editora Intersaberes, 2015.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero**: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes

## A RESSONÂNCIA DA DIMENSÃO DE INTERSECCIONALIDADE NAS POLÍTICAS LGBTI DO BRASIL E DA COLÔMBIA

### **Edimilson Dos Santos Nogueira**

*Graduando do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, es192897@gmail.com, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, com pesquisa vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações de Gênero - NUEPOM*

### **Bruna Andrade Irineu**

*Professora no Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, brunairineu@gmail.com.*

### **Resumo**

Essa pesquisa busca compreender a interferência da interseccionalidade nas políticas LGBTI do Brasil e da Colômbia e qual o impacto da sua presença ou ausência na vida das individualidades que constituem essa sigla, levando em conta diferenças entre raça, gênero e classe social que existem em cada grupo identitário. Tendo como base teórico-metodológico pensadoras decoloniais, que denunciam opressões estruturantes da matriz colonial, evidenciamos o modo de (re)produção racista, cisheteropatriarcal e capitalista que interfere diretamente no modus operandi do Estado, impactando no modelo das políticas públicas. Partimos dos avanços nos direitos obtidos pelas lutas sociais LGBTI e feministas, mas principalmente, dos retrocessos causados pelo descaso dos poderes legislativo e judiciário que usam justificativas religiosas e morais para arquivar ou até mesmo excluir leis favorecedoras, resultando em legislações que são fixadas de uma forma lenta, vagarosa e limitada e que causaram um vazio, isso em relação a anos, entre uma ação constitutiva da política e outra. E assim, apontar que políticas públicas que não compreendem o público alvo e não se constituem de um conhecimento das particularidades destes diversos indivíduos, como a específica violência que assombra as pessoas LGBTI, não terá

o efeito desejado, portanto, visamos demonstrar que direitos constituídos sem ter como base a interseccionalidade produz efeitos pouco significativos na população usuária.

**Palavras-chave:** Políticas Públicas LGBTI, Interseccionalidade, Direitos LGBTI

## Introdução

O objetivo deste estudo de Iniciação Científica é apresentar a ressonância do conceito de interseccionalidade na formulação das políticas LGBTI no Brasil e na Colômbia. A interseccionalidade para Akotirene (2018) é uma sensibilidade analítica pensada pelas mulheres negras que queriam demonstrar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e do cisheteropatriarcado. Ochy Curiel (2013) aponta que na realidade latino-americana, há uma heteronormação e, que, portanto, a Constituição consiste em um contrato heterossexual reiterando as opressões em razão de gênero e de sexualidade. Assim, a ausência de ações, programas e políticas que promovam os direitos humanos LGBTI são resultados da negligência e da LGBTIfobia institucional.

A pesquisa se vincula ao projeto de pesquisa da orientadora, intitulado “Participação Social e Políticas Públicas LGBTI: mapeamento crítico feminista das experiências no Brasil, Argentina, Colômbia e Uruguai (2002-2017)”, realizada junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Relações de Gênero (NUPEOM) da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. A escolha de pesquisar esse assunto parte de especulações de como as políticas LGBTI em ambos os países são e/ou foram desenvolvidas, se existiu participação do público alvo das políticas nos grupos responsáveis pelas criações das mesmas e, principalmente, se há presença do conceito de Interseccionalidade direta ou indiretamente nos debates que resultaram nas políticas.

## Metodologia

Este estudo é qualitativo, articulando estudo bibliográfico e análise documental, a partir de documentos oficiais como resoluções, leis e textos oficiais das políticas públicas dos países Brasil e Colômbia, cujas análises serão amparadas por fontes que tratam do tema principal e de outros que se integram e auxiliam no processo de análise. Consideramos como estudo qualitativo a junção entre compreender, interpretar e dialetizar, onde se complementam e se entrelaçam com a experiências e a visão de sociedade do pesquisador (MINAYO, 2012).

O percurso analítico e sistemático, portanto, tem o sentido de tornar possível a objetivação de um tipo de conhecimento que tem como matéria prima opiniões, crenças, valores, representações, relações e ações humanas e sociais sob a perspectiva dos atores em intersubjetividade (MINAYO, 2012. p. 626).

Compreendemos a análise documental como investigação de “[...] documentos acerca de políticas, normativas, planos, projetos, cartas, obras literárias, filmes, fotos, formulários de bancos de dados que compõem dados secundários, entre outros, pré-existentes a investigação.” (PRATES e PRATES, 2009. p. 117), mas que, obrigatoriamente, necessita ter como base uma análise de conteúdos bibliográficos. (PRATES e PRATES, 2009)

## Referencial teórico

Optamos por utilizar como base conceitual as teorias feministas, queer e decoloniais, por considerarmos fontes centrais para explicar a realidade das opressões estruturantes da matriz colonial racista e cisheteropatriarcal agravados pelo modo de (re)produção capitalista.

Os estudos de Akotirene (2018) sobre interseccionalidade, se baseiam nas produções de Kimberlé Crenshaw, autora pioneira no desenvolvimento do conceito, porém, ela evidencia que o assunto já estava presente nos movimentos negros e nas obras de outras intelectuais negras, como Sojourner Truth, bell hooks, Angela Davis, Patricia Hill Collins, Jasbir Puar, Audre Lorde, Alice Walker e Lélia Gonzalez. Para Akotirene a interseccionalidade é a ferramenta que permite uma análise dos cruzamentos de opressões sofridas por um grupo identitário. “A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e Cisheteropatriarcado [...] a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias [...]” (AKOTIRENE, 2018. p.14)

## Resultados e discussão

Nos deparamos, no primeiro momento, com uma aproximação e relação entre os movimentos sociais, tanto no Brasil, quanto na Colômbia. Detectamos uma articulação entre os movimentos,

principalmente entre os movimentos feministas e os movimentos LGBTI. Com o avanço dos movimentos feministas, percebemos que o movimento LGBTI vai se apropriando e se conectando com essas lutas sociais em um processo de fortalecimento na disputa por direitos, como por exemplo a inclusão das mulheres trans e travestis e das mulheres lésbicas na agenda feminista. Também percebe-se que em relações aos movimentos sindicais e partidos políticos, que não se vinculavam em sua história aos debates das opressões sexuais, raciais e de gênero, há hoje uma tendência em agregar esses debates em suas agendas de luta.

Carla Akotirene, em seu livro “O que é interseccionalidade?” (2018), a principal obra utilizada para contextualizar teoricamente o conceito de interseccionalidade nesta pesquisa, traz um exemplo ao exposto anteriormente. Em sua crítica ao movimento feminista branco que não abrangia (e ainda não abrange) as mulheres pretas/negras assim como o movimento LGBTI, em suas pautas de criminalização das violências acaba por colocar o homem preto/negro em um estereótipo de criminoso desumano. Fica evidente que os feminismos negros se tornam mais visíveis - visibilidade essa que está a todo momento sendo desrespeitada e deslegitimada - em decorrência de uma insistente luta para que as políticas públicas fossem desenvolvidas levando em conta os diversos grupos que sofrem prejuízos sociais decorrentes do descaso do Estado em relação a eles, segundo a autora “[o] feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo.” (AKOTIRENE, 2018. p.16)

Em relação as políticas no campo jurídico, observamos em uma breve análise dos documentos que há um intenso atraso nas legislações que tratam das políticas LGBTI. Nos dois países que pesquisamos, observasse que apesar de termos um avanço nos direitos relacionados a gênero e sexualidade, existe um descaso legislativo quando se trata de documentos. Se sobressaem duas dificuldades: uma embromação em relação a tomada de decisões das leis sobre o assunto; e existe um vazio, isso em relação a anos, entre uma lei e outra. Na primeira dificuldade fica explícito que os sujeitos que decidem as legislações usam de justificativas religiosas e morais para arquivar ou até mesmo excluir leis favorecedoras, no Brasil, por exemplo, temos uma bancada evangélica que predomina o parlamento. Consequentemente, as legislações são fixadas de uma forma lenta, vagarosa e limitada.

No Brasil o programa “Brasil Sem Homofobia” foi criado em 2004 e o Plano Nacional de Promoção dos Direitos LGBT foi estabelecido em 2009.

A ausência de ações, programas e políticas que promovam os direitos humanos LGBTI são resultados da negligência e da LGBTIfobia institucional:

As sociedades capitalistas sempre tentaram organizar a sexualidade. Antes das relações capitalistas serem penetrantemente estabelecidas, as autoridades pré-existentes – especialmente igrejas e comunidades – foram encarregadas de estabelecer e reforçar as normas que distinguiam o sexo aceitável do sexo pecaminoso. Depois, enquanto o capitalismo procedia para remodelar o conjunto da sociedade, ele incubou novas formas e modos burgueses de regulação, incluindo o binarismo de gênero e a heteronormatividade sancionados pelo Estado. (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019. p.128).

O modo de produção capitalista influencia diretamente no modus operandi do Estado, impactando no modelo heteronormativo das políticas públicas. Entendendo que os beneficiados por elas são os prejudicados pelo capitalismo, logo conclui-se que há entraves para que as políticas públicas cumpram com de redistribuição e reconhecimento da diferença. Se tratando dos direitos concedidos a comunidade LGBTI, essa interferência é bem sutil, mas existe. Os direitos garantidos aos casais homoafetivos, por exemplo, permitem que só se assemelhem aos casais heterossexuais, possibilitando e obrigando que adquiram imóveis e objetos materiais que são padrões normativos para se cumprir o papel de casal. “[...] os direitos sexuais que o liberalismo promove são concebidos em termos que pressupõe formas capitalistas de modernidade - ao mesmo tempo normalizadas e consumistas.” (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019. p.128)

Esse direito de somente se assemelhar torna-se muito preocupante quando levamos em consideração as violências sofridas pela pessoa LGBTI, que se tornam presente nos primeiros anos de vida e permanecem até a morte. “As pessoas [LGBTI] vivem sob a ameaça da violência em todos os espaços sociais em que habitam, e de uma violência provocada por sua orientação sexual, por sua identidade.” (RIPOLL, 2020. p. 5). Políticas públicas que não se constituem de um

conhecimento das particularidades dos diversos indivíduos, como a específica violência que assombra as pessoas LGBTI, não terá o efeito desejado, portanto, consideramos que o direto constituído sem ter como base a interseccionalidade produz efeitos pouco significativos. “A interseccionalidade incentiva uma visão diferente de todos os aspectos das políticas públicas, como os problemas são definidos, como os temas das políticas são determinados, como as soluções são desenvolvidas e como elas são avaliadas”. (MUELLE; RAMIREZ, 2014. p. 25)

No Brasil e na Colômbia, observa-se avanços nas ações do Executivo e no Judiciário, enquanto no legislativo inexistem leis. Ripoll (2009, p.81), apontou analisando o cenário colombiano sobre os direitos LGBTI, que não se trata apenas de que o direito “não se cumpra pela “falta de vontade política “materializada em alguns funcionários conservadores, que [...] insistem no privilégio heterossexual”. Mas trata-se principalmente da “debilidade do próprio direito como instrumento de mudança, em particular das sentenças que não tem apoio dos outros ramos do poder”, como é caso do poder legislativo brasileiro também, que nunca aprovou uma lei pró-LGBTI. Lelis, Almeida e Rosa (2019), analisam as assembleias constituintes do Brasil e da Colômbia e afirmam que no Brasil, os direitos LGBTI foram objeto de discussão, recebendo tanto argumentos positivos quanto negativos divididos em três categorias: base religiosa; repugnância; e consequencialismo falacioso. Enquanto na Colômbia, o debate acerca dos direitos LGBTI se apresentou de forma incidental, onde se mencionava à população, mas ainda com uma conotação negativa, alegando o impedimento do matrimônio de casais homossexuais.

No Brasil temos políticas voltadas ao seguimento LGBTI com significância promissoras, apesar serem desenvolvidas de forma lenta, como apontado anteriormente, existe uma quantidade de documentos incipientes que devem ser considerados como avanço, evidentemente conquistados pelos movimentos LGBTI, que incidem no país em meados da década de 80 (IRINEU, 2014), com a presença de um controle social<sup>1</sup> que se colocou de suma importância na “I Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos LGBT” (2008), que, por meio

1 “O termo controle social passa ser utilizado no contexto das lutas contra a ditadura militar, designando o controle da sociedade civil sobre o Estado” (COUTINHO, 2006 apud IRINEU, 2019. P. 143 ).

de pressão contra o governo, conquistou um número importante de direitos para as/os LGBTI.

O projeto “Brasil Sem Homofobia” (2004) traz um especto relevante em relação ao colocado, percebesse uma articulação entre a sociedade civil e o Estado, onde o programa tem como objetivo desenvolver a política com base na demanda LGBTI e também combater a homofobia - um marco para a comunidade, apesar de se referir a violência sofrida somente por um grupo (gay) que forma a sigla.

O Programa Brasil sem Homofobia inaugura não somente o campo das políticas públicas específicas para a população LGBT, mas também o uso do termo “homofobia52” como categoria política central no enfrentamento à violência contra este segmento social. (FERNANDES, 2011 apud IRINEU, 2019. p. 127-128)

## Considerações finais

Podemos dizer que a interseccionalidade está presente nos documentos analisados, porém de forma fragmentada e com um debate raso e sem considerar a existência do termo cientificamente. Percebemos um direcionamento para a junção de racismo e homofobia na violência sofrida por uma pessoa LGBTI negra, mas sem considerar os aspetos fundantes destas discriminações, nem menção de mudanças estruturais na sociedade, aspectos fundamentais que caracterizam a interseccionalidade.

A noção de endodiscriminação reproduziu a lógica binária que separa o espaço de identidade homossexual e heterossexual, como se fossem dois sistemas ou mundos mutuamente exclusivos com sua própria lógica, onde não é possível ver o funcionamento de sistemas de opressão atuando transversalmente. (MUELLE; RAMÍREZ, 2014. p. 21)

Na Colômbia percebemos políticas que se encaminham na mesma direção, apesar de existirem propostas e experimentos direcionando para o uso da ferramenta.

## Agradecimentos

A amiga e colega de curso Bruna Gomes por intermediar o primeiro contato entre eu e minha orientadora Bruna Irineu, sem você,

talvez, essa pesquisa, com o tema tão necessário para o meio acadêmico, não teria se iniciado. Agradecimentos, também, ao CNPq que financia minha bolsa de Iniciação Científica (PIBIC).

## Referências

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Rio de Janeiro: Editora Letramento, 2018.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto.** Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

BRASIL. **Programa Brasil sem Homofobia.** Disponível em: <[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil\\_sem\\_homofobia.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf)>.

CRENSHAW, Kimberlé. “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. In: **Revista de Estudos feministas.** Florianópolis, v. 10, no 1, p. 171-188, jan., 2002.

CURIEL, Ochy. **La nación heterosexual: análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación.** Bogotá: Impresol Ediciones, 2013.

DINIZ, Debora. 2012. Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa. Brasília: Letras Livres. 108 pp.

IRINEU, Bruna A. **Nas tramas da política pública LGBT no Brasil.** Cuiabá: EdUFMT, 2019.

IRINEU, Bruna Andrade. 10 anos do programa brasil sem homofobia: notas críticas. **Revista Temporalis.** Brasília (DF), ano 14, n. 28, p. 193-220, jul./dez. 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/7222>>

LELIS, Rafael Carrano; ALMEIDA, Marcos Felipe Lopes de Almeida; ROSA, Waleska Marcy. Quem conta como nação? A exclusão de temáticas lgbti nas assembleias constituintes de Brasil e Colômbia. **Revista Brasileira de Políticas Públicas,** Brasília, v. 9, n. 2 p.84-112, 2019

MELLO, Luiz & Et. Alli. **Políticas públicas para a população LGBT no Brasil: um mapeamento crítico preliminar**. Relatório de Pesquisa: UFG, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Nº17, p. 621-626, Mar de 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/?lang=pt>>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). DESLANES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. MUELLE, Camila Esguerra; RAMIREZ, Jeisson Alanis Bello. Interseccionalidad y políticas públicas LGBTI en Colombia: usos y desplazamientos de una noción crítica. **Revista de Estudios Sociales** Bogotá, p. 19-32 maio-agosto de 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7440/res49.2014.02>>

PRATES, Jane Cruz; PRATES, Flavio Cruz. Problematizando o uso da técnica de Análise Documental no Serviço Social e no Direito. **Revista Sociedade em Debate**, Pelotas - RS, Nº15, p. 111-125, jul.-dez./2009. Disponível em: <[https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8003/2/Problematizando\\_o\\_uso\\_da\\_tecnica\\_de\\_analise\\_documental\\_no\\_Servico\\_Social\\_e\\_no\\_Direito.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8003/2/Problematizando_o_uso_da_tecnica_de_analise_documental_no_Servico_Social_e_no_Direito.pdf)>

RIPOLL, Julieta Lemaitre. **O amor em tempos de cólera: direitos LGTB na Colômbia**. 2009. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180664452009000200005&lng=pt&tlng=p](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180664452009000200005&lng=pt&tlng=p)>

RIPOLL, Julieta Lemaitre. **O amor em tempos de cólera: direitos LGTB na Colômbia**. 2009. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180664452009000200005-&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180664452009000200005-&lng=pt&tlng=pt)>

## TRANSFEMINICÍDIO E LESBOCÍDIO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ISOLAMENTO SOCIAL NA ARGENTINA E NO BRASIL<sup>1</sup>

**Júlia Spigolon Xavier**

*Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, bolsista do CNPq, juliaspigolonx99@gmail.com;*

**Bruna Andrade Irineu**

*Orientadora e Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, brunairineu@gmail.com*

### Resumo

A pesquisa de Iniciação Científica analisa a volatilidade do fenômeno pandêmico em nível mundial atentado especialmente aos dados dos órgãos de políticas públicas para mulheres, considerando o contexto latino-americano, especificamente no Brasil e na Argentina. Analisa-se o aumento dos índices de transfeminicídio e lesbocídio durante o período de isolamento social por conta da COVID-19. Dessa forma, a pesquisa documental desenvolveu-se acerca dos efeitos da pandemia quanto às violências e o agravamento dessas para as mulheres lésbicas, transexuais e travestis. Já a pesquisa bibliográfica partiu das categorias: feminismos, sexualidade, gênero, classe social e raça, a partir das obras de Audre Lorde, Cinzia Arruzza, Milena Peres, Bruna Irineu, Joana Alencar, Raewyn Connel, Judith Butler. Enquanto resultado parcial, identificou-se coproduções saberes que tem denunciado a situação das pessoas LGBTI e a vulnerabilidade decorrente dos efeitos do coronavírus. Este resumo deverá ser utilizado no formulário de submissão do trabalho no ato da submissão.

**Palavras-chave:** Transfeminicídio, Lesbocídio, Violência, COVID-19.

<sup>1</sup> Estudo vinculado ao projeto de pesquisa: Participação Social e Políticas Públicas LGBTI: mapeamento crítico feminista das experiências no Brasil, Argentina, Colômbia e Uruguai (2002-2017);

## Introdução

O presente trabalho é fruto da pesquisa de Iniciação Científica que busca analisar, no contexto pandêmico, os dados dos órgãos de políticas públicas para mulheres do Brasil e da Argentina acerca dos índices de transfeminicídio e lesbocídio. Considerando então esses debates centrais, é possível observar que a pandemia de COVID-19 perpassam dimensões que se articulam com gênero, sexualidade, raça, etnia e classe social, enfatizando os grupos que mais sofrem violências cotidianamente nesse contexto, especialmente por entender que, o isolamento social sendo uma das maiores indicações para o combate contra o vírus, automaticamente se torna também um ponto para um alto índice de violência familiar, particularmente contra pessoas LGBTI e mulheres.

Com isso, nota-se um aumento destes números de violência e mortes durante o período de isolamento social e percebe-se a volatilidade do fenômeno pandêmico em nível global, fazendo com que seja analisado os limites das regulamentações jurídico-legais nos países supracitados, assim como o aumento dos índices de transfeminicídio e lesbocídio durante esse momento, considerando também as tensões dos movimentos sociais feministas e LGBTI por reconhecimento do risco e da vulnerabilidade que o confinamento doméstico pode promover às vidas que não se conformam as normas sociais.

Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa é identificar as conexões de violência entre as mulheres lésbicas, transexuais e travestis no Brasil e na Argentina durante a pandemia de COVID-19, sendo importante acentuar ainda que as demandas e leis direcionadas ao público LGBTI e mulheres passaram por avanços, que sem dúvidas foram e são essenciais para ambas as comunidades nos últimos anos; porém, ponderando o contexto citado acima e de diversos ataques em várias áreas do poder público, sofreremos retrocessos no Brasil e também na Argentina, mesmo com tantas conquistas também importantes. Nesse aspecto, essa pesquisa busca evidenciar que, mesmo o isolamento social sendo uma das medidas mais seguras para o menor contágio do coronavírus, essa ação também resulta num contexto de aumento de violência doméstica, de feminicídio, de mortes e abusos com pessoas LGBTI.

Além disso, pretende-se mapear e identificar as conexões de violência entre as mulheres lésbicas, transexuais e travestis e o entendimento sobre feminicídio no Brasil e na Argentina durante a situação de isolamento social; além de observar as dimensões que estão postas para esse público, como gênero, raça, etnia, sexualidade e classe social na pandemia de COVID-19 ligadas à violência cometida nesses tempos.

Desse modo, este é um tema extremamente necessário de ser debatido dentro da nossa comunidade, sobretudo, levando em conta o momento atual que, além de ser um marco histórico, também está vigente no Brasil um governo negligente, que diariamente ataca e descredibiliza a comunidade LGBTI, as mulheres, os movimentos sociais, a população negra, a população pobre e periférica que são as que mais sofrem as indiferenças que estão postas na inviabilidade das políticas públicas especialmente na atual conjuntura.

## Metodologia

Essa pesquisa e estudo se caracteriza enquanto uma pesquisa bibliográfica e documental, onde ambas têm o documento como objeto de investigação. Dessa forma, Sá-Silva Et. AL. (2009, p. 5) aponta que “[...] o conceito de documento ultrapassa a idéia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres”. Essa pesquisa é tida também enquanto uma abordagem qualitativa que, conforme explica Martinelli (1999), é o tipo de pesquisa que se insere na busca de evidenciar as experiências e vivências sociais dos sujeitos e sobre a dimensão política da pesquisa como construção coletiva. A partir disso, fizemos um levantamento acerca de conteúdos que discutam sobre temáticas como o feminismo, num sentido decolonial, elegendo também bibliografias que abordem os efeitos da pandemia no agravamento das violências, especialmente aquelas contra lésbicas, mulheres transexuais e travestis.

Para isso, há um enfoque na necessidade de buscar entender sobre a opressão de gênero, sobre sexualidade, identidade de gênero e como isso afeta na vivência social dessas pessoas LGBTI, buscando informações disso especialmente em tempos de pandemia de COVID-19, para este efeito, utilizamos autoras como: Judith Butler, Sophie Lewys, Raewyn Connel, Joana Alencar, Milena Peres, Audre Lorde,

entre outras. A análise documental, como indica Lüdke e André (1986, p. 38), “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” e se dará tendo como corpus da pesquisa alguns dados iniciais que pontuem as questões da temática, como: o Mapa da Violência, Relatório da ANTRA, Dossiê do Lesbocídio (Brasil); e os relatórios/informes do Observatório das Violências de Gênero (Argentina).

## Referencial teórico

Inicialmente, é preciso compreender que o contexto pandêmico está envolto em contradições e, quando analisamos algumas questões em relação à pandemia, conseguimos analisar que o vírus da COVID-19 não atinge de forma igual à vida de todas as pessoas, pensando aqui então especialmente na situação de mulheres e da população LGBTI, que já eram e continuam sendo grupos que muitas vezes viviam e vivem em situação de violência, sendo estas diversas e também de vulnerabilidade. Assim, conforme aponta Milanez Et. Al. (2020, p. 90), “[...] estas situações são agravadas pelo cenário pandêmico e pela crise econômica e políticas já instaladas no Brasil desde o golpe político-institucional de 2016, que resultou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff.”. Sabe-se que historicamente nossa sociedade é formada e sustentada sob visões e atitudes héteropatriarcais e conservadoras onde mulheres são violentadas, diminuídas e impossibilitadas de diversas maneiras, especialmente quando essas não coadunam com as normas de gênero e sexualidade socialmente estabelecida. Quando essas mulheres são lésbicas, transexuais e travestis, então, a violência e o descaso se agravam, e por isso a importância de debater e evidenciar a situação que está posta para essas mulheres, particularmente nessa atual situação que vivemos que é a pandemia.

Conforme apontado no próprio título do presente trabalho, é preciso analisar a política de isolamento, que é um dos principais métodos de combate ao coronavírus e que, contraditoriamente, se torna uma situação que agrava mais as situações de violências, já que na maioria dos casos essas mulheres estão tendo uma maior convivência com seus agressores no âmbito familiar e, para entender isso, é necessário que tenhamos a compreensão de que o patriarcado é tido como opressão presente na base da construção social. Logo, aprofundar sobre

essa situação especialmente em tempos pandêmicos, que para além disso, é um contexto envolto de intensos conflitos políticos, com a questão da desigualdade social e econômica muito presente, evidenciando-se essas violências com mulheres trans, travestis e lésbicas, que muitas vezes se tornam no assassinato dessas, sendo então o transfeminicídio e o lesbocídio, é extremamente necessário e, expor as informações acerca desses temas para a sociedade, faz parte do papel de todo e qualquer indivíduo que pense políticas públicas de apoio para com essas mulheres e a população LGBTI.

Dessa forma, é essencial que fique evidente que historicamente temos o chamado feminicídio, que é o ato de assassinar mulheres simplesmente por serem mulheres e que essa realidade posta na sociedade patriarcal e machista, que foi construída sob a opressão de gênero é vivenciada cotidianamente e tem correlação direta com o Estado neoliberal vigente que visualiza a violência dos corpos ditos femininos, incluindo também as mulheres transexuais, travestis e lésbicas, sendo aliás preciso identificar essa ação enquanto uma lei que defenda essas mulheres e um crime, que como aponta Messeder e Gil (2020, p. 143) “Atualmente, 17 países latino-americanos tipificam o feminicídio. O Brasil foi o último a fazê-lo, em 9 de março de 2015, sob o auspício da Lei 13.104”. Partindo disso, podemos observar o quanto a violência de gênero contra a mulher é séria e concreta, tendo sua visibilidade cada vez maior nas mídias sociais, nos debates, mas ainda assim com uma falha gigantesca na efetivação da justiça para com esse público, que muitas vezes continua sendo invisibilizado e menosprezado, mesmo com a existência de políticas públicas que apoiem e evidenciam a situação dessas mulheres.

Ademais, dialogando com a questão de gênero e o caos do qual estamos vivenciando que é a pandemia, é possível percebermos que homens e mulheres são afetados de forma diferente por doenças, já que no caso das mulheres, diversos outros pontos estão associados à essa situação, como a conjuntura socioeconômica, classe social, raça, etnia, acesso aos cuidados, sendo extremamente importante a compreensão desses processos de vulnerabilidade para com as mulheres lésbicas, transexuais e travestis, que em sua maioria estão postas à margem da sociedade (PIMENTA Et. Al. 2021, p. 160). Com isso, quando falamos da violência de gênero e da situação dessas mulheres no contexto pandêmico, é preciso indicar também que se trata de uma questão de saúde e sobrevivência nesse meio, e que o impacto da

quarentena e/ou isolamento social está ligado a essas situações também, já que com essas medidas, há a dificuldade no acesso e “[...] na prestação dos serviços de atendimento e enfrentamento a situações de violência doméstica como as instituições de segurança pública e justiça e assistência social [...]” (ALENCAR Et. Al. 2020, p. 8).

Para podermos situar todas essas violências e opressões vivenciadas por essas mulheres transexuais, travestis e lésbicas, é fundamental explicitar que essas mulheres assim como a população LGBTI se encontram, historicamente, em situações de vulnerabilidade e marginalidade, como supracitado, e são inseridas dessa forma na sociedade capitalista. Sendo assim, focando nesses quesitos, é preciso mencionar o transfeminicídio, que é caracterizado a partir da ação de assassinar mulheres transexuais e travestis simplesmente por elas serem quem são, sendo essa atitude tomada por extremo ódio e por uma política que é intencional para com essa parte da população, que sofre repulsa pela sociedade pela identidade e expressão de gênero. Já o lesbocídio se dá numa intensa antipatia acerca da orientação sexual dessas mulheres, resultando também na morte destas e por não ser aceita pela sociedade heteronormativa e patriarcal pela sua existência. Desse modo, pesquisar, discutir e expor as circunstâncias das vidas dessas mulheres é excepcional e precisa ser pensada por toda sociedade, em seus diversos âmbitos e de uma forma crítica, fazendo com que tenhamos em mente que esse não é o modelo de ordem societária que iremos aceitar, que despreza as mulheres e a população LGBTI, que está dada com várias problemáticas sociais e que necessitam ser pensadas.

## Resultados e discussão

Nos anos de 2002-2016, a Argentina e o Brasil avançaram no outorgamento das demandas de mulheres e LGBTI, como apresenta Irineu et. al. (2019). O matrimônio LGBT, as leis de identidade de gênero e de feminicídio são algumas delas, do mesmo modo que o poder executivo promoveu políticas públicas de equidade de gênero.

Os anos posteriores sofrem as consequências do impeachment de Dilma, produto do avanço neoconservador no país, que culmina com a eleição do atual presidente. O Brasil se torna um laboratório da ofensiva antigênero e do ultraliberalismo, onde a regressão de direitos vai

se agudizar, especialmente no atual contexto pandêmico, com cortes nos recursos financeiros e ataques às liberdades democráticas.

Dentre algumas pesquisas, encontramos o coletivo #VoteLGBT que há alguns anos pesquisa e foca nas pautas do movimento LGBT, analisando gênero, raça e classe social também. Este coletivo, então, considerando a situação pandêmica, fez questão de fazer uma pesquisa acerca das circunstâncias em que vivem as pessoas LGBT. Com esse estudo, é escancarada a vulnerabilidade que está dada a várias pessoas que fazem parte da comunidade LGBTI, ficando explícito que com a existência do coronavírus, as formas de violência são diversas e que isso afeta de diferentes formas a vida e a forma de sobrevivência dessa população.

O #VoteLGBT, no ano de 2020, aponta que cerca de 54% de pessoas LGBT+ afirmam precisar de apoio psicológico, e ao que indica, os ataques que essas pessoas vivenciam e que gera a necessidade de algum tipo de ajuda, vem das suas famílias. E quando é feita uma maior análise das pessoas que fazem parte dessa estatística, observa-se que em média 46% desse público que se encontra mais vulnerável emocionalmente na pandemia são mulheres lésbicas, pansexuais e bissexuais e pessoas com identidades femininas e não-binárias.

De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), houve cerca de 90% de aumento no número de mortes de pessoas transexuais e travestis somente nos primeiros dois meses de 2020 – importante ressaltar que esse número é do que foi denunciado e reportado. Vale evidenciar aqui que, a ANTRA afirma que, especialmente as mulheres trans e travestis que foram as pessoas que tiveram o maior índice de mortes nesses tempos de pandemia, sendo também que a grande maioria dessas mulheres não tiveram acesso às políticas emergenciais devido ao histórico de precarização que sempre foi posta na vida das mesmas.

Dessa maneira, analisando os dados encontrados, a ANTRA (Associação Nacional de Trans e Travestis) reflete que:

Acreditava-se que durante a pandemia do COVID-19, os índices de assassinato poderiam diminuir como aconteceu em outras parcelas da população, pela necessidade do isolamento social colocado em muitas cidades/estados. Mas quando vemos que o assassinato de pessoas trans aumentou, temos um cenário onde os fatores sociais se intensificam e tem

impactado a vida das pessoas trans, especialmente as travestis e mulheres transexuais trabalhadoras sexuais, que seguem exercendo seu trabalho nas ruas para ter garantida sua subsistência, visto que a maioria não conseguiu acesso as políticas emergenciais do estado devido a precarização histórica de suas vidas. (ANTRA, 2020).

Analisando um outro documento e pesquisa realizada pela Associação Nacional de Trans e Travestis, temos o Dossiê Trans de 2020, que revelam que 94,8% da população trans afirmam terem sofrido algum tipo de violência motivada por discriminação devido à sua identidade de gênero. Já no primeiro boletim realizado também pela ANTRA, é apontado que em alguns dados parciais de 2021, os assassinatos continuam recorrentes contra as pessoas transexuais e travestis contra vítimas cada vez mais jovens. nos primeiros 4 meses, foi identificado no Brasil o marco de 56 assassinatos de pessoas transexuais e travestis, sendo que 54 dessas pessoas são mulheres trans e travestis.

Como visto, esses dados apresentam números exorbitantes que deveriam ser questionados e indagados pela sociedade e principalmente pelo governo, já que essas atitudes e todas essas violências levantas deixam explícitas a necessidade de tomadas urgentes para com a comunidade LGBTI, pensando a sua melhoria de vida, de sobrevivência e não deixando imperceptível essas problemáticas que se desmembram cotidianamente.

## Considerações finais

Judith Butler (2020) afirmou recentemente que o contexto de isolamento social para enfrentamento à pandemia de coronavírus demonstra nossa interdependência global no novo tempo e espaço. Embora o isolamento social venha sendo evidenciado como caminho para redução dos números da pandemia, a medida pode ampliar contexto de violência doméstica como o feminicídio, LGBTIfobia e violência sexual, por exemplo. Do mesmo modo que somos solicitados ao recolhimento doméstico e a privação de contato social, também vemos a transposição de fronteiras entre territórios nacionais.

Desta forma, após toda a discussão estabelecida, é preciso enfatizar a importância e relevância que esse debate tem na sociedade e na

construção de crítica sob as políticas públicas, muitas vezes ineficientes. É necessário pensar a primordialidade de políticas que foquem no controle dos homicídios e violências contra as mulheres e contra a população LGBTI, pensando os fatores em que essa comunidade está posta acerca de sua raça, sexualidade, identidade de gênero, classe social, situação sócio econômica e gênero, fazendo considerações concretas dos aspectos que fazem esse grupo ser vítima de mortes intencionadas e violentas no país.

## Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa) pelo financiamento da bolsa científica.

## Referências

ALENCAR, Joana; STUKER, Paola; TOKARSKI, Carolina; ALVES, Iara; ANDRADE, Krislane de. Políticas públicas e violência baseada no gênero durante a pandemia da COVID-19: ações presentes, ausentes e recomendadas. **NOTA TÉCNICA Disoc (Diretoria de Estudos e Políticas Sociais)**, n. 78, 2020.

ANTRA. Assassinatos contra travestis e transexuais em 2021. Boletim N°01/2021. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/05/boletim-001-2021.pdf>>. Acesso em: 22/05/2021.

ANTRA. Relatório de Assassinatos de Pessoas Trans. Disponível em: <[https://antrabrasil.org/2020/05/03/assassinatos-de-pessoas-trans-voltam-a-subir-em-2020/#\\_ftn3](https://antrabrasil.org/2020/05/03/assassinatos-de-pessoas-trans-voltam-a-subir-em-2020/#_ftn3)>. Acesso em: 20/05/2021.

BUTLER, Judith. **O capitalismo tem seus limites**. Blog da Boitempo, 2020. Disponível em: <<<https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-ocapitalismo-tem-seus-limites/>>> Acesso em: 19/05/2021.

Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020 / Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. - São Paulo: EPU, 1986 (Temas básicos de educação e ensino). Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod\\_resource/content/1/Lud\\_And\\_cap3.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod_resource/content/1/Lud_And_cap3.pdf)> Acesso: 14/05/2021.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J. **Os impactos sociais da COVID-19 no Brasil - populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]**. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021.

MESSEDER, Suely Aldir; GIL, Lenade Barretos Santos. **Violência em tempos de COVID-o feminino nos corpos trans - um debate em prol de uma coalizãp feminista**. Revista Espaço Acadêmico, n. 224 - set./out. 2020 - bimestral. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/55032/751375150783>> Acesso em: 20/05/2021.

MILANEZ, Letícia de Sousa; FERREIRA, Breno de Oliveira; PEDROSA, José Ivo dos Santos. **Impactos da pandemia da Covid-19 na saúde das mulheres lésbicas**. REBEH, V.3, N. 11 (2020). Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/11237>> Acesso em: 21/05/2021.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/55032/751375150783>> Acesso em: 14/05/2021.

VOTE LGBT. Diagnóstico LGBTI na pandemia. Disponível em: <[https://static1.squarespace.com/static/5b310b91af2096e89a5bc1f5/t/5ef78351fb8ae15cc0e0b5a3/1593279420604/%5Bvote+lgbt+%2B+box+1824%5D+diagno%CC%81stico+LGBT%2B+na+pandemia\\_completo.pdf](https://static1.squarespace.com/static/5b310b91af2096e89a5bc1f5/t/5ef78351fb8ae15cc0e0b5a3/1593279420604/%5Bvote+lgbt+%2B+box+1824%5D+diagno%CC%81stico+LGBT%2B+na+pandemia_completo.pdf)> Acesso em: 20/05/2021.

## PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE LESBOFOBIA: NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO POR MULHERES LÉSBICAS

**Maria Conceição Martins Santana**

*Graduanda do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, cecinha044@hotmail.com;*

**Benedito Medrado Dantas**

*Professor orientador: Doutor em Psicologia Social, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, beneditomedrado@gmail.com.*

### Resumo

Esse trabalho versa sobre experiência de pesquisa, em iniciação científica, que tem por objetivo analisar narrativas sobre violência lesbofóbica e estratégias de enfrentamento por mulheres lésbicas que denunciam ter sofrido alguma forma de violência e/ou discriminação em função de sua orientação sexual, na cidade de Recife. Compreendemos aqui a lesbofobia como um grave problema de ordem psicossocial, que se configura a partir da invisibilidade das experiências e da escassez de informações e pesquisas. Assim, nossa pesquisa se orientou tanto pela produção de uma revisão sistemática da literatura, como também a partir de diálogos com mulheres lésbicas. A partir de uma abordagem qualitativa, embasada em princípios e orientações socioconstrucionistas em psicologia social, desenvolvemos um exercício de análise, tendo por base entrevistas, em profundidade, realizadas com duas mulheres autointituladas como lésbicas, que informaram ter sido vítimas de violência em função da sua orientação sexual e que além disso realizaram denúncia formal da violência sofrida. As análises realizadas possibilitaram tanto a aprendizagem sobre ferramentas e procedimentos de análise qualitativa como também reflexões importantes,

evidenciando a complexidade a partir da qual a lesbofobia se configura nas narrativas dessas mulheres e o quão difícil é denunciar e analisar uma forma de violência que nem sempre é visível. Em linhas gerais, nossas análises apontam para uma complexa teia de sentidos que se organizam a partir de repertórios discursivos que alinham, de modo indissociável, relatos de múltiplas formas de violência. Assim, tal conformação parece acentuar a dificuldade do enfrentamento à lesbofobia.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Direitos, Lesbofobia.

## Introdução

Essa pesquisa<sup>1</sup> integra um projeto mais amplo que tem como temática a atenção psicossocial voltada a pessoas que foram vítimas de violência em função da sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. Todavia, nessa pesquisa abordamos especificamente o fenômeno do preconceito e discriminação (interpessoal, cultural e institucional) contra mulheres que mantém relações afetivas e/ou sexuais com outras mulheres (lesbofobia). A relevância de uma pesquisa com essa temática se dá, entre outras coisas, devido à invisibilidade dessa forma de preconceito e discriminação, que vêm acompanhados de uma escassez de dados sobre a manifestação desse fenômeno.

A ausência de dados citada é apresentada no “Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil (de 2014 a 2017)”, que foi construído por um grupo de pesquisas intitulado “Lesbocídio – as histórias que ninguém conta” da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A própria criação do dossiê se deu pela necessidade de registro dos casos de violência contra mulheres lésbicas, o que dificilmente é notificado. A partir disso, o grupo de pesquisa citado reuniu dados sobre o lesbocídio no intuito de registrar a história dessas mulheres, e apresentar essas violências sofridas às instituições competentes, sinalizando a necessidade da criação de políticas públicas que acolham essas vítimas.

Segundo este Dossiê, o maior número de homicídios está concentrado nos últimos anos, especificamente entre 2014 e 2017, quando foram registradas 126 mortes de lésbicas no Brasil, embora haja registros desde 2000 e 2017, totalizando 180 homicídios. Ainda segundo esse material, a segunda região brasileira que mais matou lésbicas foi a região Nordeste e o estado de Pernambuco foi um dos estados com maior número de assassinatos (PERES; SOARES; DIAS, 2018).

Apesar de o lesbocídio ser a forma mais grave de manifestação da violência contra mulheres lésbicas, existem muitos outros tipos, que se apresentam tanto de forma específica, como as agressões físicas e/

---

1 A pesquisa apresentada aqui é fruto de um projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com financiamento da Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE)

ou verbais mais diretas, quanto de forma mais ampla, como a violência institucional ou simbólico-cultural (DAVIDSON, 2020).

Portanto, esse é um problema de grande complexidade e que tem se conformado ao longo da história a partir de uma diversidade de práticas discursivas e não discursivas e assumido nuances particulares, em virtude do momento histórico.

Como bem destaca Martina Davidson (2020), os lesbocídios integram tecnologias de necropolítica, operadas pela ação do Estado, inclusive na história recente do Brasil, como “parte de um exercício de soberania no cerne do cenário que carrega Jair Bolsonaro como símbolo - que dita quem pode morrer e quem pode viver”.

A partir disso, é possível notar a necessidade de produções que envolvam essa temática, pois os fatores que envolvem o fenômeno da lesbofobia são diversos, e, apesar disso, ainda lidamos com uma ausência de dados sobre o assunto.

Como objetivo buscamos, nessa pesquisa, analisar narrativas sobre violência e produções discursivas sobre estratégias de enfrentamento a lesbofobia por mulheres lésbicas que relatam ter sofrido alguma forma de violência e discriminação, em função de sua orientação sexual, na cidade de Recife.

Para isso, foram utilizadas informações que compõem o banco de dados da pesquisa mais ampla. Dessa forma, levando em consideração o escopo da pesquisa mais ampla (que trabalhou com diferentes populações e interlocutores/as) e a temática abordada por este projeto específico, o foco foi dado às entrevistas realizadas com mulheres lésbicas que realizaram uma denúncia formal de violência sofrida em função da sua orientação sexual, na cidade de Recife.

As entrevistas contaram com duas interlocutoras: Nanda e Gadú, ambas identificadas aqui a partir de nomes fictícios, devido a questões éticas. No que se refere à etapa de análise das narrativas, pudemos notar, a partir dos relatos construídos nas entrevistas de Nanda e Gadú, que as experiências de violência vivenciadas por mulheres lésbicas se configuram de forma particular, mas também possuem pontos em comum. As narrativas de Nanda e Gadú apresentam eixos comuns quando estas relatam o incomodo intenso verbalizado por seus respectivos agressores diante do que eles consideraram um “jeito masculinizado” na vítima, quando declaram a busca por uma delegacia para realizar a denúncia como forma de enfrentamento à

violência sofrida, e a negligência das autoridades atuantes nas delegacias, diante do crime que ambas relataram terem sido vítimas.

Todavia, como já citado, as experiências das duas mulheres também possuem dimensões singulares, que se estabelecem desde a proximidade, em termos de convivência, que os agressores possuíam com as vítimas (sendo, no caso de Gadú, a sua vizinha e companheiros, e no de Nanda um total desconhecido), até o desfecho da situação, onde Gadú, diante dos descasos das autoridades resolveu buscar por conta própria algum serviço que lhe oferecesse apoio, e Nanda optou por não dar prosseguimento ao processo de busca de ajuda.

Desse modo, as duas entrevistas apresentam aspectos relevantes para compreendermos a teia de complexidade que envolve o fenômeno da lesbofobia, incluindo a sua manifestação e as estratégias que as vítimas utilizam como forma de enfrentá-lo.

A partir disso, concluímos que a aproximação e o contato com o material proveniente do banco de dados da pesquisa mais ampla possibilitaram reflexões importantes e bastante potentes para o desenvolvimento desse projeto. O fenômeno sobre o qual trabalhamos aqui caracteriza-se como multifacetado, constituído a partir de uma complexa teia de sentidos que alinha múltiplas formas de violência.

## Metodologia

A partir de uma abordagem qualitativa, o material discursivo submetido às diversas etapas de análise foi compreendido, nessa pesquisa, como substrato de uma rede simbólica complexa que favorece a negociação (nem sempre consensual) de versões sobre a realidade, envolvendo produções discursivas que constroem efeitos performativos de verdade (FOUCAULT, 1979).

Foram analisadas narrativas oriundas de entrevistas realizadas com mulheres lésbicas, que fizeram denúncia formal de violência e discriminação em razão de sua orientação sexual, na cidade de Recife. As entrevistas em questão foram duas, e encontram-se armazenadas no banco de dados da pesquisa mais ampla da linha de Diversidades, desenvolvida no Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA-UFPE). Inicialmente, houve o acesso a esse banco de dados, que se encontra disponível em uma ferramenta de armazenamento de dados na nuvem, intitulada Google Drive. Destacamos que devido a questões éticas e ao nosso

comprometimento com todos os processos que envolvem a pesquisa, o acesso a esse banco de dados é restrito aos integrantes do GEMA.

A partir disso, as entrevistas foram ouvidas algumas vezes com o intuito de que impressões diversas pudessem surgir diante do contato inicial com esses materiais, visto que apenas um acesso a este não seria suficiente para produzir uma análise que desse conta dos diversos elementos que constituem uma produção narrativa. Após essa etapa, foi estabelecido um contato, de forma mais aprofundada, com leituras que discutiam sobre práticas discursivas e produção de sentidos, bem como construcionismo social, para que posteriormente, novos contatos pudessem ser estabelecidos com as narrativas presentes nas entrevistas. O nosso intuito, com isso, foi que esses contatos pós leituras fossem orientados por uma fundamentação teórica consistente que pudesse embasar as nossas análises.

No que se refere ao processo de análise das duas entrevistas, este foi realizado tendo como fundamentação teórica os estudos em Psicologia Social sobre construcionismo social. Nesse sentido, as nossas análises foram realizadas a partir de instrumentos utilizados para a análise de práticas discursivas (SPINK; MEDRADO, 2013). Durante todo esse processo, estivemos atentos aos jogos de linguagem, de estética retórica, orientados pelo poder, ou seja, em “jogos de verdade”, que situam, caracterizam e inscrevem sujeitos, instituições e práticas, afirmando possibilidades e, concomitantemente, regulando e constringendo outras.

## Referencial teórico

Essa pesquisa fundamentou-se a partir dos estudos em Psicologia Social, especialmente sobre construcionismo social, sendo este um movimento que ressalta a especificidade histórica e cultural das formas de conhecermos o mundo. Além disso, busca também destacar “a primazia dos relacionamentos humanos na produção e sustentação do conhecimento, a interligação entre conhecimento e ação e a valorização de uma postura crítica e reflexiva” (RASERA; JAPUR, 2005, p. 21).

Nesse sentido, cabe destacarmos que o construcionismo social não é um movimento homogêneo, todavia, segundo Emerson Fernando Rasera e Marisa Japur (2005), existem algumas questões centrais que contribuem para o desenvolvimento de uma perspectiva construcionista. Entre elas, estão a ideia de que as descrições do mundo não

correspondem de forma pré-estabelecida com uma realidade situada para além das formas de dizê-la, pelo contrário. São, essas próprias descrições, formas de construção dessa realidade.

A linguagem tem, então, um papel bastante central nesse processo, pois ela não é concebida aqui como um elemento passivo de expressão e transmissão de informações, ou como descritora de uma realidade ou mundo independentes, mas como algo que constrói essa realidade a todo momento. E essa construção depende das condições sócio-históricas dos sistemas de significação que utilizamos.

Dessa forma, a adoção da perspectiva construcionista nesse projeto se deu devido à forma como compreendemos a produção de conhecimento científico. Esta, para nós, não é uma prática que tem como objetivo alcançar verdades pré-existentes e inquestionáveis, e sim um esforço localizado histórica e socialmente, no intuito de construir uma ciência que busque combater formas de opressão (SPINK; FREZZA, 2013).

Além do que já foi discutido, cabe destacarmos que nesse projeto, principalmente no que se refere às análises, adotamos uma perspectiva psicossocial de orientação (pós)construcionista. Nesse sentido, as análises foram realizadas a partir de ferramentas empregadas para a análise de práticas discursivas, para que pudéssemos compreender o processo de produção de sentidos construído a partir destas (SPINK; MEDRADO, 2013).

Cabe destacarmos aqui, portanto, que segundo Mary Jane Spink e Benedito Medrado (2013), a produção de sentido é concebida como um fenômeno sociolinguístico e busca compreender “tanto as práticas discursivas que atravessam o cotidiano (narrativas, argumentações e conversas, por exemplo), como os repertórios utilizados nessas produções discursivas” (p. 23). Além disso, pontuamos que a produção de sentido é uma abordagem teórico-metodológica que está embasada no referencial do construcionismo social, aliando-se à psicólogos sociais que trabalham, de variadas formas, com práticas discursivas.

Dessa forma, com a adoção da perspectiva supracitada, nesse projeto de pesquisa, buscamos abdicar da epistemologia tradicional amplamente presente no âmbito científico, que difere o interno-subjetivo-mente do externo-objetivo-mundo e enxerga a ciência como uma forma de acessar uma realidade pré-existente. Aqui, buscamos compreender os sentidos que se constroem a partir das práticas

discursivas, dos jogos de poder e das negociações que marcam as interrelações.

## Resultados e discussão

### Violência(s) lesbofóbica(s)

Como já citado, os materiais utilizados aqui vieram do banco de dados da pesquisa mais ampla à qual essa pesquisa encontra-se vinculada. Foram analisadas duas entrevistas em profundidade, e nelas, tivemos contato com as narrativas das interlocutoras que serão identificadas aqui a partir dos nomes fictícios “Nanda” e “Gadú”.

Gadú tem 25 anos, é universitária, e se auto identificou como branca. Ela é evangélica, contudo, enfatizou que atualmente participa de eventos e atividades relacionadas à religião com pouca frequência, sendo uma das causas dessa baixa frequência o preconceito do seu grupo religioso em relação à sua orientação sexual. Já a outra interlocutora, Nanda, tem 19 anos, se identifica como parda, também é universitária e além disso é espírita. Ambas afirmaram, em suas entrevistas, terem sido vítimas de violência em função da sua orientação sexual, e terem denunciado as agressões cometidas contra elas.

No caso de Gadú, a violência sofrida foi realizada por sua vizinha e companheiros. Esta, segundo a entrevistada, desde que soube que a mesma era uma mulher lésbica começou a implicar batendo o portão, fazendo barulho e inventando calúnias sobre Gadú para o dono

da casa onde esta morava. Em determinado dia, de repente a sua vizinha começou a agredi-la com palavras, e quando Gadú foi atrás da mesma para entender o que estava acontecendo, haviam 5 pessoas a esperando, que quando a viram começaram a agredi-la fisicamente e verbalmente, através de palavras que pareciam expressar um incômodo com o jeito masculinizado da vítima.

Esse fenômeno não é incomum, visto que mulheres lésbicas que apresentam uma performance masculinizada costumam ser alvos frequentes de violência. Hélio Arthur Reis Irigaray e Maria Ester de Freiras (2011) apresentam essa discussão em seu artigo quando dialogam sobre as violências sofridas por mulheres lésbicas no contexto organizacional. Segundo os autores, essas mulheres afirmam sofrer discriminação em seu ambiente de trabalho, principalmente quando

possuem uma performance mais masculinizada, o que acaba se tornando mais um motivo para se tornarem alvo de preconceito.

Já no caso de Nanda, a violência que esta sofreu foi cometida no meio da rua, por um completo desconhecido. Segundo a entrevistada o seu agressor era um homem de meia idade que a abordou na rua gritando, chamando-a de “mulher macho” e exigindo que ela virasse “mocinha” pois naquele local moravam apenas mulheres “de família”. Nanda reagiu perguntando o que ele tinha a ver com isso e saiu. Após isso, o agressor se abaixou, pegou uma pedra no chão e a jogou na direção de Nanda, que estava com bastante sacolas nas mãos e mesmo assim se jogou para frente para não ser atingida. Nesse meio tempo o agressor se aproximou dela e começou a soca-la e chuta-la, até que um porteiro de um prédio próximo gritou “ei”, o que fez o agressor se assustar e ir embora. Apesar disso, nenhuma assistência foi prestada a Nanda, que afirma que só após 3 minutos conseguiu se recompor e ir embora do local se arrastando, já que era difícil andar normalmente.

A narrativa de Nanda nos apresenta, assim como a de Gadú, um incômodo do agressor com o que ele considerou “jeito de macho” na vítima. Para pessoas com essa mentalidade, mulheres devem agir e pensar de acordo com uma norma essencialista de gênero, que prega ideais padronizados e universais de feminilidade.

Além disso, é importante destacar que para além da violência física e verbal cometidas pelo primeiro agressor daquela situação, a omissão do porteiro e de qualquer outra pessoa que possa ter presenciado o ocorrido (mesmo que a vítima não tenha citado mais ninguém diretamente) também são formas de violência, pois em um contexto onde alguém possui uma posição privilegiada e negligencia as necessidades de um outro que se encontra em um estado de sofrimento, essa negligência também se configura como violência.

Nesse sentido, ao analisarmos todo o contexto, podemos notar que existe uma intersecção entre as diversas formas de agressão sofridas tanto por Gadú quanto Nanda, entre elas a verbal, a física, e até a violência manifestada na forma de omissão por parte do porteiro, no caso de Nanda. Nessa lógica, destacamos que “tanto na pesquisa como na prática, as linhas divisórias dos diferentes tipos de violência nem sempre são claras”. (DAHLBERG; KRUG, 2006, p. 1167).

## Estratégias de enfrentamento à lesbofobia

Inicialmente, é importante descartarmos que pessoas que em algum momento de suas vidas foram vítimas de violência ou situações estressantes muitas vezes buscam criar táticas e estratégias de enfrentamento com a finalidade de sobreviver ou superar os episódios às quais foram submetidas (BENETTI ET AL. 2015 apud SOUZA; SILVA, 2019).

Nesse sentido, como reação ao crime que sofreu, Gadú buscou a delegacia para realizar a denúncia. A mesma relata que também sofreu preconceito no local, visto que o delegado não deu importância ao que ela tinha sofrido. A partir disso, Gadú relata que buscou a internet em busca de algum “ponto” que poderia apoiá-la e lhe dar forças, foi onde ela achou um serviço, na cidade de Recife, que buscava dar suporte a pessoas que se encontravam na mesma condição de vulnerabilidade que ela.

Nanda também buscou a delegacia dias após ter sofrido a violência e se deparou com uma situação parecida com a de Gadú: a negligência dos profissionais que trabalhavam no local. Nanda relata que ao chegar na delegacia fizeram a anotação do seu relato mas afirmaram que não iria “dar em nada” pois o profissional responsável pela realização do corpo de delito não se encontrava no momento. Após cerca de 10 dias Nanda relata que voltou à delegacia para dar seguimento à denúncia porém o mesmo profissional novamente não se encontrava lá. Segundo Nanda, o máximo que realizaram foi um boletim de ocorrência.

Quando questionada do porque decidiu procurar a polícia, Nanda afirma que o fez por assemelhar a polícia à justiça. Segundo ela, se algo de errado acontece na sociedade, é dever da polícia saber e agir em relação a isso. Todavia, diante da frustração que caracterizou a sua busca pela delegacia, Nanda, ao contrário de Gadú, não deu prosseguimento à sua busca por ajuda, o que evidencia dimensões particulares das experiências de ambas que, por serem pessoas diferentes, reagiram de formas diferentes às situações (BENETTI ET AL. 2015 apud SOUZA; SILVA, 2019).

Ambas buscaram por acolhimento e justiça, mas encontraram percausos nessa busca. Tiveram o seu sofrimento negligenciado por profissionais que tem como dever proteger a integridade física e psicológica do cidadãos, mas que no caso de Nanda e Gadú, foram mais

um agente potencializador da invisibilidade das vivências e violências que mulheres lésbicas sofrem cotidianamente. Apesar disso, ambas as interlocuras foram, à sua maneira, símbolos de resistência e busca por justiça.

## Considerações finais

A partir do que foi discutido nesse trabalho, destacamos o caráter complexo e multifacetado da lesbofobia, que se manifesta de diferentes formas e em diferentes contextos. Os materiais que buscam discutir sobre o tema ainda são escassos, e os que tivemos contato também versam sobre a invisibilidade à qual mulheres lésbicas estão submetidas. A discussão é ampla e destacamos que as nossas análises não se limitam ao que foi apresentado aqui, pois seguimos pesquisando sobre o tema e a todo momento novos elementos surgem. A lesbofobia tem se configurado de forma complexa, a partir de práticas discursivas e não discursivas, e é um fenômeno que possui diversas facetas a serem investigadas.

Além disso, não podemos deixar de citar que as estratégias de enfrentamento utilizadas por mulheres lésbicas que são vítimas de violência com base em sua orientação sexual possuem sim alguns eixos comuns, mas para além disso, possuem nuances bastante particulares.

Diante disso, pesquisas com essa temática são extremamente necessárias para que possamos compreender as facetas que compõem a lesbofobia e as estratégias de enfrentamento a ela, e além disso, para que possamos utilizar esses conhecimentos produzidos em prol da transformação social, seja através da criação de políticas públicas ou do fortalecimento do ativismo lésbico.

## Referências

DAHLBERG, Linda L; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.11 , p. 1163 – 1178, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s141381232006000500007&script=sci\\_arttex](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s141381232006000500007&script=sci_arttex)

DAVIDSON, Martina. Necropolítica Lesbocida: uma análise sobre o necrobiopoder, soberania e violências contra lésbicas no contexto

bolsonarista. *Ítaca*, 0(34), 205 – 224, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ltaca/article/view/30469/18116>

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 18 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis; FREITAS, Maria Ester de. Sexualidade e Organizações: estudo sobre lésbicas no ambiente de trabalho. *Organizações e Sociedade*, Salvador, v.18, n.59, p. 625-641, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-92302011000400004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302011000400004)

RASERA, Emerson Fernando; JAPUR, Marisa. Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a Psicologia. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 15, n. 30, pág. 21-29, abril de 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2005000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000100005&lng=en&nrm=iso)>.

PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felipe. DIAS, Maria Clara. Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018. Disponível em: [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao\\_e\\_divulgacao/doc\\_biblioteca/bibli\\_servicos\\_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Dossie-sobre-lesbocidio-no-Brasil.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Dossie-sobre-lesbocidio-no-Brasil.pdf)

SOUZA, Marjane Bernardy; SILVA, Maria Fernanda Silva da. Estratégias de enfrentamento de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão da literatura brasileira. **Pensando fam.**, Porto Alegre , v. 23, n. 1, p. 153-166, jun. 2019 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2019000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100012&lng=pt&nrm=iso)>.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: *Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentido: A perspectiva da psicologia social. In: *Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

## MAPEAMENTO CRÍTICO DO DEBATE SOBRE TRANSMASCULINIDADES NA ADOLESCÊNCIA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO NO BRASIL, NA ARGENTINA E NO URUGUAI

**Thomas Cantaloupe Pontes Sarmento**

*Graduando do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, thomaspсарmento@hotmail.com;*

**Bruna Andrade Irineu**

*Professora no Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, brunairineu@gmail.com*

### Resumo

Essa pesquisa nasceu a partir da experiência com um trabalho anterior que buscou compreender a situação de invisibilidade dos homens trans adolescentes no discurso do estado. Com o fim desse estudo, tendo em mente seus resultados, surgiu o interesse em ampliar suas questões para além das fronteiras de nosso país e através de mapeamento documental, estudo qualitativo e histórico de fontes primárias e secundárias, compreender o debate acerca das transmasculinidade na adolescência no contexto latino-americano, tendo como objeto o Brasil, Argentina e Uruguai. Para conhecer os antecedentes históricos que levaram a distinção entre os países em relação aos direitos sociais da população trans, foi realizado uma arqueologia no curso das trajetórias dos direitos lgbti+ na América Latina que procurou compreender as narrativas políticas que cada um percorreu até alcançar o modelo de desenvolvimento atual. Ao final, foi possível observar que devido as particularidades referentes a seu histórico social em meio aos regimes militares pelos quais os três países foram submetidos, as militâncias LGBTQ+ da Argentina e Uruguai alcançaram maior êxito na obtenção de direitos civis e atualmente, podem ser vistos como modelo de desenvolvimento social a se seguir na América Latina.

**Palavras-chave:** Transmasculinidade; Adolescência; Transexualidade; Direitos LGBTI.

## Introdução

**E**sta pesquisa de iniciação científica está vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Relações de Gênero (NUEPOM) da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. A transexualidade envolve a não identificação com o gênero ao qual lhe foi nomeado ao nascer, que se baseia em uma ordem biológica. O cenário de precariedade para pessoas trans envolve barreiras sociais, econômicas e culturais para viverem plenamente sua identidade de gênero (ALMEIDA, 2012).

O binarismo de gênero que constitui o sistema heteronormativo e a atual ofensiva antigênero tem promovido maior acirramento das condições de vida dos sujeitos que escapam às normas de gênero e sexualidade. O pânico moral que envolve o debate sobre gênero e sexualidade com crianças e adolescentes se intensifica neste cenário. Conforme salienta Vanessa Jorge (2014, p.292) “Depois das famílias e da vizinhança, as escolas são, segundo os técnicos, o espaço social onde os adolescentes encontram maiores dificuldades na vivência da diversidade sexual e de gênero”.

Assim, essa pesquisa nasceu a partir da experiência com um trabalho anterior intitulado ‘Percurso e itinerários de transexuais masculinos nos serviços sociais de Cuiabá/MT: mapeando redes formais e informais de apoio e proteção’. Ao final da mesma foi possível constatar os enormes obstáculos criados em nosso país em decorrência de um longo processo histórico de apagamento, falta de informação e/ou informação orientada ao preconceito, tudo isso imbuído num cenário político essencialmente regressista em que legisladores empenham-se em barrar propostas de leis e ações afirmativas em prol dessa população e seu direito constitucional de acesso a saúde e bem estar, principalmente quanto a assistência médica e educação.

## Metodologia

Com o fim desse estudo, tendo em mente seus resultados, surgiu o interesse em ampliar suas questões para além das fronteiras de nosso país e através de mapeamento documental, estudo qualitativo e histórico de fontes primárias e secundárias, compreender o debate acerca das transmasculinidade na adolescência no contexto

latino-americano, tendo como objeto de estudo, além do Brasil, Argentina e Uruguai.

## Resultados e discussão

Geograficamente próximos, Argentina e Uruguai dividem suas fronteiras com o Brasil, mas além de sua proximidade, possuem em seus históricos políticos-sociais, eventos que em certa medida podem ser equiparados com o brasileiro. No entanto, essas similaridades divergem significativamente quando observados os avanços em relação a leis e políticas públicas criadas para a assistência da população trans, em especial, como é o interesse dessa pesquisa, políticas voltadas para a população transmasculina jovem e adolescente, momento pelo qual vivenciam maiores mudanças físicas, psicológicas e ainda são dependentes financeira e juridicamente de seus responsáveis.

Para tal, buscou-se compreender qual o discurso do Estado nesses três países a respeito dessa partícula específica da população e quais ações vêm sendo tomadas com o intuito de atender as demandas socioassistenciais que apresentam para a educação, saúde e trabalho.

Connell (2013) afirma que pessoas trans não são livres para viver a expressão de gênero ao qual se identificam, pois para serem reconhecidas em sociedade, encontram barreiras impostas nas mais variadas esferas culturais, econômicas, institucionais e sociais no que tange sua incorporação como indivíduos a sociedade e o preço que a maioria paga quando resolve ir contra essas normas sociais tidas como corretas, principalmente quando levamos em consideração os altos índices de assassinatos e suicídio dessa população.

Para que consigamos ver e compreender as narrativas políticas percorridas e o modelo de desenvolvimento atual em que esses países se encontram é necessário olharmos de um ângulo bastante amplo e para que isso seja possível, uma viagem no tempo é essencial. Prossigamos.

Durante sua história, Brasil, Argentina e Uruguai foram abalados por ditaduras militares, cada um com seu período de extensão distintos, mas nenhuma delas tão longa quanto a brasileira e seus vinte e um anos de duração. Para se ter uma ideia, como aponta Veiga (2011, p.36), Argentina passou por seis golpes durante o séc. XX, sendo eles em 1930, 1943, 1955, 1962 1966 e 1976, mas que se somados, seu

tempo não ultrapassa sete anos, enquanto isso no Uruguai foram doze anos, de 1976 a 1983.

Em sua pesquisa intitulada 'Una historia del Frente de Liberación Homosexual y la izquierda en Argentina', o pesquisador Santiago Joaquin Insausti faz uma reconstituição histórica das lutas empreendidas pelo movimento homossexual e da esquerda argentina. É através de recortes desse trabalho que conseguimos compreender o movimento realizado pelos grupos LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) da época até os anos atuais.

Em sua narrativa, Insausti examina boletins informativos que eram confeccionados e distribuídos pelos grupos gays organizados a partir de 1970 e que por muitos anos tentaram utilizar de pesquisas científicas internacionais que categorizavam os LGBTT como portadores de doenças.

A continuación, otro artículo, citado del Times de Nueva York, refiere a la apertura por parte de Harry Benjamin de un centro médico para el diagnóstico y el tratamiento de la transexualidad que ya habría realizado varias operaciones de cambio de sexo. Con estos artículos, Nuestro Mundo pretendía legitimarse mediante la referencia a una supuesta objetividad científica, en contraposición a los discursos homofóbicos, contrapuestos y tildados de prejuiciosos e infundados. (INSAUSTI, 2019, p.4).

Observado pelo prisma de nossa época, algo assim parece absurdo vindo da própria comunidade, mas como aponta o autor, isso nada mais era que uma tentativa de fazer com que a população, assim como as organizações de esquerda, desenvolvessem certa empatia por eles, pois padeciam de algo que não podiam controlar e por isso eram tão "culpados" por serem quem são, como alguém que sofre de gagueira ou nanismo. A intenção nada mais era que escapar das perseguições, mas como é possível imaginar, suas tentativas se mostraram falhas e o movimento se viu cada vez mais perseguido pelo Estado.

Insausti afirma:

Desde la década de 1940 y hasta principios del siglo XXI, el Estado argentino se dedicó a perseguir con ahínco a los disidentes sexuales. La experiencia de las maricas en ese tiempo fue de una vulnerabilidad extrema: el mero tránsito por el espacio público las

exponía a la posibilidad de ser detenidas. Durante la primera presidencia de Perón, la persecución se incrementa, producto de la incorporación a los edictos policiales del inciso 2o “H”, utilizado durante los siguientes cuarenta años para perseguir a homosexuales y prostitutas. La represión no cesó durante la denominada revolución libertadora ni con el retorno de los gobiernos democráticos. (INSAUSTI, 2019, p.2-3).

A repressão aos chamados dissidentes sexuais parece não ser suficiente para o Estado, de forma que se alastra para outras parcelas da população e é a partir daí que a história ganha um novo rumo.

Al contrario del Peronismo, en el cual la represión se había enfocado únicamente en los homosexuales, el “Onganiato” dio lugar a un intento de normalización de las culturas sexuales y genéricas que alcanzaba ahora a mujeres solteras, parejas de novios y “hippies”. Si bien las relaciones extramaritales eran vistas como moralmente anómalas, la intervención policial sobre esferas de la vida privada no era entendida como legítima y generaba rechazos. Los homosexuales ya no estaban solos en su lucha contra la represión. (INSAUSTI, 2019, p.2-3).

Quando a sociedade argentina se vê tendo o mesmo tratamento dedicado aos LGBTT, é sem dúvida o momento responsável pelas mudanças que viriam nas próximas décadas. Ao sentir na pele a opressão aplicada em sua vida cotidiana, a opressão sexual se torna ligada a opressão social e a libertação de todas as partes dependerá necessariamente da aliança com o resto dos movimentos sociais.

É nesse cenário inédito de união contra um “inimigo” em comum, que o movimento LGBTT ganha visibilidade nunca antes alcançada e que gradativamente se converte na ampliação e fortalecimento do ativismo trans, como afirma Braz (2019, p.6) “A Lei de Identidade de Gênero foi aprovada no país em 2012, resultado de processos históricos de luta, organização e mobilização por parte do ativismo trans materializados na atuação da Frente Nacional por la Ley de Identidad de Género”. Mais adiante aprofundaremos a respeito desse tema.

Popularmente considerado o “país mais avançado da América Latina”, o cenário político-social uruguaio das décadas de sessenta e setenta apresentou enorme dificuldade para os movimentos LGBTQ

(Lésbico Gay Trans Bisexual Queer) da época e pode facilmente parecer para alguns uma história ficcional tamanha a diferença do que hoje pode ser observado. Como aponta o sociólogo uruguaio Diego Sempol em seu livro “De los baños a la calle. Historia del movimiento lésbico, gay, trans uruguayo”. Respaldando-se pela teoria feminista, Sempol irá criticar a estagnação e prematuridade dos movimentos da época, que segundo ele eram voltados apenas para a comunidade gay e incapazes de oferecer qualquer apoio e solidariedade a quem vivia em sofrimento.

Assim como foi observado na Argentina, Alvarez (2010, p.90) aponta como motivo do fortalecimento dos movimentos sociais o aumento da repressão estatal à sociedade como um todo.

Como consequência direta da repressão estatal aparecem os movimentos abocados à defesa e promoção dos direitos humanos. Nesse contexto de ausência de canais de expressão cidadã, o movimento por Direitos Humanos procurava melhor tratamento para os presos políticos. Posteriormente, esses movimentos tiveram papel fundamental nas negociações da saída democrática. (ALVAREZ, 2010, p.90).

Com o fim da ditadura em 1985 e em 2004 o triunfo eleitoral da Frente Amplio, organização da qual fazem parte vários partidos políticos e organizações da sociedade civil, conforme Sempol (2016, p. 323) cessou sobre a comunidade trans toda a perseguição e controle promovidos pela polícia a comando do Estado em relação às suas atividades sexuais na capital, além da criação de pequenas normas que beneficiavam essa população.

A partir de ese momento el Estado cesó toda forma de control policial sobre la población trans en situación de comercio sexual en la capital y fue aprobando progresivamente una serie de normas que fueron beneficiando y reconociendo a importantes sectores de la diversidad sexual. (SEMPOL, 2016, p. 323).

As organizações LGBTTT, que para o autor eram motivos de crítica por sua incapacidade no passado, agora passam a desempenhar papel fundamental no movimento para diversidade sexual e de gênero, promovendo crescente pressão política centrada em programas políticos de direito ao bem-estar.

Sin la creciente presión política y capacidad de movilización del movimiento de la diversidad sexual no se hubiera podido revertir durante este período la tendencia estatal a “expulsar a los márgenes” a las personas no heteroconformes, para progresivamente ir instalando formas de regulación preocupadas por “hacer vivir” (Foucault, 1998) que permitieran promover y proteger a estos grupos sociales mediante la aprobación de marcos normativos que facilitan su integración al estado de bienestar. El crecimiento significativo del movimiento y su capacidad de presión dieron margen político a los aliados dentro de las élites para motorizar los cambios legislativos perseguidos, y lograron “colar” así sus reivindicaciones y exigencias en la agenda política. (SEMPOL, 2016, p. 323).

Ao buscarmos sobre a história do movimento LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers e o símbolo de “+” representa toda e qualquer outra manifestação de gênero que não determinada) no Brasil, nos deparamos com um cenário de crescimento da mobilização tardio, o que é compreensível tendo em mente que dos três países estudados, o nosso tenha estado sob regime militar pelo dobro de tempo em que a violência e perseguição foram sua marca registrada.

De acordo com Braz é apenas no início dos anos 1990 que se dá o começo de uma articulação e mobilização do ativismo trans em nosso país.

É nesse cenário que se institucionalizou o ativismo de travestis no Brasil 5, num momento em que os debates passavam cada vez mais a girar em torno das especificidades nas experiências e demandas por direitos e políticas públicas para os distintos sujeitos do movimento 6. O ativismo trans surgiu no Brasil na década seguinte . (BRAZ, 2019, p.2)

O resultado concreto desse ativismo é visto em 2008, com o início do processo transexualizador ofertado pelo SUS (sistema único de saúde), mas é interessante salientar que esse tratamento só foi disponibilizado para mulheres trans, a oferta para homens trans só começou a existir cinco anos depois. Um ano antes, em 2012, foi criada a ABHT (Associação Brasileira de Homens Trans) e no ano seguinte o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT). Em 2015, foi celebrado em São Paulo o I Encontro Nacional de Homens Trans, na Universidade de

São Paulo (USP), promovido pelo IBRAT. Nele, decidiu-se pela utilização de homens trans como categoria política (BRAZ, 2019, p.3).

Após essa viagem no tempo, tendo identificado o contexto a qual esses movimentos cresceram e resistiram, voltemos ao presente para discorrer a respeito dos avanços alcançados até o momento.

Assim como o Brasil, Argentina e Uruguai possuem seus próprios sistemas de saúde pública, cada um com suas devidas particularidades. A exemplo da Argentina, que da mesma maneira que o Brasil, em sua legislação oferece tratamento igualitário para nativos ou estrangeiros, motivo pelo qual, a partir da leitura de Braz (BRAZ, 2019, p.7) é possível identificar que vem surgindo o movimento de pessoas trans indo morar na Argentina em busca de tratamento. Já o Uruguai, que figura na trigésima quinta colocação entre os melhores sistemas de saúde pública do mundo (EXAME, 2019, s/p) oferece seus serviços públicos de forma gratuita apenas para nativos, aos estrangeiros será cobrado o valor referente aos serviços utilizados.

Em 2012 o governo argentino sancionou a Ley nacional 26.743 de Identidad de Género, seu estabelecimento é um marco histórico para a comunidade transexual, pois suas diretrizes determinam a despatologização da transexualidade, o que representa o reconhecimento do Estado Argentino do direito à identidade de gênero como um direito humano. Em seu texto a lei garante, em nível nacional, o reconhecimento da identidade de gênero autopercebida através de um procedimento administrativo para o acesso à saúde integral de acordo com as necessidades específicas de cada sujeito, incluindo modificações corporais, sem que haja necessidade de qualquer diagnóstico médico, psicológico ou psiquiátrico. (ARGENTINA, 2020, p.11)

Ley de Identidad de Género estabelece a obrigação dos serviços de saúde, seja público, particular ou através de ONG's de todo o país, de oferecerem serviços de acordo com as necessidades corporais de cada indivíduo a partir de sua expressão de gênero. Em relação ao que eles denominam de 'cambio registral', está determinado a mudança do nome e sexo em todos os documentos da pessoa solicitante, sem que seja necessário qualquer prova documental, medica, qualquer modificação corporal ou tratamento hormonal, bastando somente o indivíduo manifestar o desejo de troca através de um tramite administrativo que leva apenas algumas semanas para ser finalizado. (ARGENTINA, 2020, p.12).

Em relação a solicitação de tratamento médico e mudança de nome e sexo nos documentos para menores de idade, existe um protocolo junto a equipes multidisciplinares formada por médicos, psicólogos e assistentes sociais preparados para identificar as necessidades e garantir a proteção e direitos daquele menor. Na maioria dos casos é necessário o comparecimento junto a um responsável para que se dê início a atendimento e identificado a expressão de gênero ao qual essa criança se identifica, inicialmente será utilizado o nome social que respeite sua necessidade, além do acompanhamento necessário. (ARGENTINA, 2020, p.14).

Em relação a modificações corporais, o artigo 11 da Ley reconhece o direito a tratamento hormonal e cirurgias de modificação corporal, inclusive genital, para adequar seu corpo a sua identidade de gênero, com base no pedido explícito do solicitante, o que de acordo com o artigo, garante a autonomia e tomada de decisões da pessoa, a fim de que goze de saúde de forma integral. De acordo com o mesmo artigo, as instituições de saúde são proibidas de exigir qualquer autorização judicial, administrativa, realização de exames psicológicos ou terapias. (ARGENTINA, 2020, p.14).

Para menores de idade, em ambas as situações mencionadas acima, tratamento médico, cirurgias e mudanças de nome e sexo nos documentos, o protocolo o CCYC (Código Civil y Comercial de la Nación argentino) é usado como diretriz. Através dele qualquer um com dezesseis anos ou mais são considerados como adultos para tomar decisões referentes a seu próprio corpo, podendo usufruir de todos os procedimentos garantidos por lei. Para menores de dezesseis anos é necessário o consentimento de pelo menos uma pessoa adulta, podendo ser um parente, um representante legal ou alguém que exerça de forma legal ou informal a função de cuidado a esse menor. Mas a Ley também especifica que mesmo com essa norma, o desejo da criança interessada não é substituível, pois esse consentimento está ligado ao acompanhamento dessa decisão, mas que no final ela continua sendo da criança. (ARGENTINA, 2020, p.17).

O Uruguai aprovou em 2019 a 'Ley 19.684 Integral para Personas Trans' que em seu conteúdo, muito semelhante à lei argentina, além de uma série de diretrizes e compromissos voltados à saúde e educação da população trans, criou programas de assistência educacional a crianças e jovens para a futura integração ao mercado de trabalho.

É interessante enfatizar, que mesmo que a Ley seja de 2019, anteriormente a ela, o Uruguai já havia sancionado leis e normativas de assistência a população trans: 'La Ley 17.817 contra discriminación' de 2004, a 'Ley 18.590 de cambio de nombre y sexo em documentos identificatórios' de 2009, além da criação do 'Proyecto centros de salud libres de homofobia' de 2011, o uso da 'identidade de género em registros del MIDES (Ministerio de Desarrollo Social) e do nome social que eles denominam 'Tarjeta Uruguay Social para personans trans' de 2012, a criação da 'UDA ( Unidad Docente Asociad) no hospital Saint Bois em 2014, a 'Atencion integral y hormonizacion em ASSE (Administración de los Servicios de Salud del Estado) em 2015 e um 'guia clinica para lá homornizacion en personas trans definida como pauta nacional pelo Ministerio de Salud Pública' em 2017. (Ministerio de Desarrollo Social. Corporalidades trans y abordaje integral, em caso de la unidade docente asistencial Saint Bois, informe final. Montevideo, 2016, 15, 16, 18).

Como mencionado anteriormente, as diretrizes em relação às leis da Argentina e Uruguai se assimilam em variados pontos, portanto é de interesse nesse momento destacar o que a Ley uruguaia trouxe de novo em relação à menoridade transmasculina.

O relatório do Ministerio de Desarrollo Social de Uruguay demonstra uma grande preocupação com as agressões sofridas por jovens e adolescentes trans pois identifica na família um dos principais causadores do sofrimento psicológico dessas pessoas, outra grande preocupação se dá na dimensão educativa desses atores, visto que uma boa parcela abandona os estudos para escapar do bullying sofrido no ambiente escolar e ignorado pelos educadores. Pensando em oferecer melhores condições a essa população foi assinada uma resolução que reconhece o acesso da população trans sem exceções ao Cartão Social do Uruguai (tus), benefício que prevê um valor mensal para gastos com alimentação. produtos de limpeza nas empresas participantes (URUGUAI, 2016, p.14).

Firmó la resolución 1160/012 que reconoce el acceso de la población trans sin excepciones a la Tarjeta Uruguay Social (tus), prestación que brinda un monto mensual para gastar en alimentos y productos de limpieza en los comercios adheridos (monto equivalente al que reciben los hogares con un menor a cargo). Esta es la primera vez que el mides aplica una me- dida

de acción afirmativa, en tanto se exige como única condición para el acceso la autoinclusión del postulante al grupo considerado especialmente vulnerable objeto de la política social. (URUGUAI, 2016, p.14).

Outra medida social focalizada foi a política pública de capacitação e sensibilização dos funcionários públicos em âmbito nacional e o 'programa Yo estudio y trabajo' que promove a capacitação profissional e retorno ao ambiente educacional de jovens trans em situação de abandono escolar, além do acesso ao seu primeiro emprego através da 'Ley de Empleo Juvenil' criada pelo governo e que inclui uma cota de 2% para pessoas trans. (URUGUAI, 2016, p.19).

Dado a natureza ainda problemática em se trabalhar sobre a transexualidade infantil em nosso país, a produção acadêmica a respeito desse assunto ainda é pouco significativa. Durante o levantamento bibliográfico dessa pesquisa foram encontrados poucos trabalhos com foco no processo transexualizador infantil.

Em nosso país ainda não existe um protocolo nacional para o processo transexualizador, ficando a cargo de cada estado elaborar o seu, o que muitas vezes é feito com base nos documentos internacionais, a exemplo do de São Paulo que tem como referências os protocolos americano e canadense.

O "decreto-lei nº 8.727, de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais" (Planalto, 2016, s/p), o que em certa medida garante a possibilidade da pessoa trans em ter seu nome escolhido respeitado. No entanto, também é possível observar que não houve muitos avanços para a mudança de nome e sexo nos documentos oficiais, o procedimento ainda é bastante caro, podendo variar entre R\$600 e R\$1500 e são necessários cerca de dezesseis documentos para fazer o processo, situação que dificulta e muito que a pessoa trans, já tão marginalizada, possa ter acesso (Ong Grupo pela Vida, 2021, s/p).

Em 2019 a "Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara aprovou o projeto que criminaliza a homofobia e a transfobia (PL 7582/14). O texto considera crime hediondo o homicídio cometido contra lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, intersexo e demais pessoas trans" (Agência Câmara de Notícias, 2019, s/p), o que configurou um grande avanço para a categoria. O Brasil possui uma população de 752 mil transexuais, e apenas 11 cidades dispõem de ambulatórios

especializados em atender essa demanda (Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, 2019, s/p). Não foi possível encontrar qualquer registro que expresse a porcentagem de jovens e adolescentes nesse número.

## Considerações finais

É possível, portanto, perceber que há uma semelhança positiva em relação ao discurso do Estado no que se refere a Argentina e Uruguai, mas uma enorme disparidade quando se contempla as expressões brasileiras. Em relação aos seus antecedentes históricos-sociais, como mencionado anteriormente, o Brasil ainda possui uma ferida aberta provocada por anos de ausência de direito democrático e diferente de seus vizinhos de fronteira, não conseguiu em grande escala, desenvolver na sua população a sensibilidade de compreender que a opressão sexual e de gênero está ligada a opressão social e a liberdade como um todo.

Dessa forma essa análise buscou compreender de que maneira tem se construído um ambiente favorável a percepção da transmasculinidade na adolescência enquanto um direito democrático nesses países, quais caminhos percorreram e o que de fato tem-se feito por essa população.

## Referências

ALVAREZ, Gustavo Alberto Cabrera. Movimentos Sociais e Ditadura Militar no Uruguai. In: Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina – Imperialismo, nacionalismo e militarismo no século XXI. Londrina, 2010.

BRAZ, C. Vidas que esperam? Itinerários do acesso a serviços de saúde para homens trans no Brasil e na Argentina. Cadernos de Saúde Pública, v. 35, p. e00110518, 2019.

CALVO, Maia; ROCHA, Cecilia; SCHENCK, Marcela; SEMPOL, Diego. Corporalidades trans y abordaje integral. El caso de la Unidad Docente Asistencial Saint Bois: informe final - Montevideo; Ministerio de Desarrollo Social, 2016.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p.241-282, jan./abr., 2013.

GOMEZ SONORA, Valentina. El derecho a la identidad de género desde una mirada etnográfica. *Rev. urug. Antropología y Etnografía* [online]. 2016, vol.1, n.2, pp.73-88. ISSN 2393-7068.

INSAUSTI, Santiago Joaquin. “Una historia del Frente de Liberación Homosexual y la izquierda en Argentina”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 2, e554280, 2019.

MATHIAS, Suzeley Kalil; VALES, Tiago Pedro. O militarismo no Uruguai. *História* (São Paulo). Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, v. 29, n. 2, p.

Presidencia Oficina de Planeamiento y Presupuesto. Rendición de cuentas y balance de ejecución presupuestal. Políticas de Igualdade de género. Uruguay, 2018.

SEMPOL, Diego. La diversidad en debate. Movimiento LGBTQ uruguayo y algunas tensiones de su realineamiento del marco interpretativo. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*. Uruguay, 2017.

Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. Transgênero: Posicionamento Conjunto. [s/p], 2018. Disponível em <<https://www.endocrino.org.br/transgenero-posicionamento-conjunto/>>. Acesso em 12 de dezembro de 2020.

TOMICIC, Alemka et al . Suicide in lesbian, gay, bisexual and trans populations: systematic review of a decade of research (2004-2014). *Rev. méd. Chile*, Santiago , v. 144, n. 6, p. 723-733, jun. 2016.

## MASCULINIDADES EM APLICATIVOS: UM BREVE ANÁLISE DA BUSCA AFETIVA-SEXUAL ENTRE HOMENS USUÁRIOS DO GRINDR NA CIDADE DE SANTA MARIA - RS

### **Daniel da Silva Stack**

*Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria – PPGCS/UFSM, bolsista CAPES, danielsstack@outlook.com;*

### **Fernando de Figueiredo Balieiro**

*Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS/UFSM, fernandofbalieiro@gmail.com.*

### **Resumo**

A pesquisa tem como tema a busca afetiva-sexual entre homens usuários do aplicativo Grindr em Santa Maria - RS. O Grindr é um aplicativo de geolocalização, desenvolvido inicialmente apenas para homens gays e bissexuais se relacionarem, criado pelo americano Joel Simkhai. O aplicativo pode ser acessado por smartphones e tablets, disponível para Android e Iphone. Os estudos sobre a plataforma evidenciam padrões recorrentes na busca afetiva- sexual entre homens, destacando rígidas normas de construção do corpo e da masculinidade que se materializa na construção do perfil e nos critérios subjetivos da busca. Compreendendo que padrões associados à masculinidade hegemônica influenciam na seleção de parceiros, buscamos investigar os espaços urbanos da cidade, caracterizada como grande pólo militar e universitário, e como esses espaços influenciam na (in) visibilidade dos perfis. O estudo está em andamento e utiliza-se da etnografia digital, compreendendo as plataformas digitais como espaços passíveis de investigação sociológica. Os métodos de coleta de dados consistem em análise dos perfis que

integram a plataforma e posteriormente entrevistas semi-estruturada com usuários do aplicativo em Santa Maria - RS.

**Palavras-chave:** Masculinidades, Aplicativos, Mídias Digitais, Grindr.

## Introdução

O artigo, parte do processo de construção da pesquisa de mestrado em andamento, tem como tema a busca afetiva e sexual entre homens através do aplicativo Grindr, no contexto de Santa Maria – RS durante a pandemia do novo coronavírus. Trazemos para análise alguns perfis de usuários em localidades com características sociodemográficas distintas, como as proximidades da Universidade Federal de Santa Maria e do centro da cidade, marcado pela infraestrutura militar.

Ambos os contextos foram escolhidos para se pensar, comparativamente, nos padrões de masculinidades e nas formas de regulação da sexualidade e a exposição dentro do aplicativo. As idas ao campo ocorreram entre novembro de 2020 e fevereiro de 2021, durante três turnos diferentes (manhã, tarde e noite). A pesquisa busca investigar a constituição de masculinidades e negociações com padrões hegemônicos de masculinidade.

## Metodologia

Para a construção da pesquisa uso como metodologia a etnografia digital, compreendendo que a plataforma do aplicativo Grindr é meu campo de pesquisa e a internet constitui-se como artefato cultural (HINE, 2015) um espaço onde a cultura é “formada e reformada” em relação de continuidade com a vida offline:

As tecnologias digitais se tornam cada vez mais uma parte intrínseca das vidas cotidianas em vez de uma esfera separada de existência social. Todas essas mudanças motivam os estudos etnográficos: nós precisamos saber em detalhes que tipos de mudanças estão ocorrendo nas instituições e organizações, no engajamento das pessoas com a mídia nesta era digital, e quais efeitos em termos de nossas culturas e nossas comunidades, quer seja on-line, off-line ou, como é o caso mais frequente, complexos híbridos do on-line com o off-line (HINE, 2016, p.12).

O acesso aos perfis de usuários da plataforma possibilita identificar os recursos movidos na sua apresentação no aplicativo, como

por exemplo, quais tipos de fotos são comumente expostas, quais os termos utilizados na busca afetivo-sexual, bem como padrões de masculinidades vigentes nesse contexto. O perfil de pesquisador é utilizado para comunicar aos demais usuários que a pesquisa está sendo realizada, buscando marcar com ênfase a intenção da pesquisa, sendo também a ferramenta que propiciará interação com os interlocutores. A necessidade do perfil de pesquisador surge com respeito a princípios éticos em pesquisa, sendo necessária a sciência por parte dos interlocutores sobre os objetivos e etapas de pesquisa, bem como os procedimentos de adesão ao estudo. Além disso, enquanto parte da análise etnográfica, toma-se o devido cuidado de ao analisar os usuários e suas apresentações, preservar o anonimato dos mesmos.

Para a coleta de dados dos perfis utilizamos de um aplicativo de captura de tela que permite armazenar os dados dos perfis, e organizá-los em pastas. Estabelecendo horários estratégicos para realizar a coleta dos dados, consistindo em três turnos diferentes (manhã, tarde e noite) e dois lugares do município: as proximidades da universidade no bairro Camobi e o centro da cidade. Os dois campos de escolha nos permitem transitar pelo aplicativo, considerando como hipótese inicial, a diversidade dos padrões de masculinidade e dois aspectos da cidade, a influência universitária – pela presença de uma Universidade Pública e outras privadas com número significativo de estudantes na população e a influência militar, por ser um pólo militar nacional.

Outra técnica utilizada para a coleta de dados é a entrevista semi-estruturada, que será utilizada para aprofundar a investigação sobre masculinidades, além de compreender como ocorre a interação dos usuários no ambiente off-line durante a pandemia do Covid-19, e seu impacto nas formas de regulação da sexualidade. A entrevista semi-estruturada é utilizada na pesquisa pela formulação de perguntas que dá liberdade ao interlocutor de guiar sobre sua experiência na plataforma e encontros off-line.

## Referencial teórico

A sociabilidade homoerótica antes do surgimento da internet e aplicativos de relacionamento foi marcada pelo sigilo e efemeridade. Na pesquisa de Nestor Perlongher (1987), os encontros entre homens aconteciam em estacionamentos, banheiros públicos, saunas, cinemas etc, em sua maioria durante a noite. A cidade de São Paulo

apresentava pontos em que a homosociabilidade poderia ser observada em determinados horários, trata-se de uma dinâmica que coloca a homossexualidade como dissidência, pois fica reservada a homosociabilidade pública em horários noturnos.

A partir do desenvolvimento das mídias digitais e a internet, um novo espaço de sociabilidade homoafetiva tornou-se possível, as salas de bate-papo proporcionaram uma nova forma de experimentação da sexualidade. Esses ambientes e as relações que se desenrolam para além deles, redimensionam um dispositivo de controle da homossexualidade, na medida em que tornam-se uma extensão do armário (MISKOLCI, 2009b). O armário é teorizado por Eve Sedgwick (2007) como um símbolo de opressão à homossexualidade no século XX. A autora analisa a complexidade que ele representa, apresentando-se como uma forma de controle incessante, visto que não se abandona o armário totalmente, há sempre novas situações em que o regime de visibilidade/invisibilidade do armário se impõe:

Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra violência, contra “terapia”, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida. (SEDGWICK, 2007, p.22)

Em uma sociedade heteronormativa, o segredo e a descoberta operam sob a lógica onde a sexualidade é negociada, assim, muitos homens gays precisam apresentar uma heterossexualidade aparente para não comprometer relações pessoais e profissionais. Trata-se de um regime de visibilidade que impõe a heterossexualidade como sinônimo de público, natural e desejável. Tal regime se manifesta também nas plataformas digitais, nas quais, o sigilo e a discrição – muitas vezes - compõem os perfis de usuários de aplicativos no intuito de evitar o ônus de ter sua homossexualidade exposta em público e poder se relacionar com outros homens.

De outro lado, as tecnologias alteraram a forma como os sujeitos se relacionam e as configurações afetivas/sexuais. Como Miskolci (2014) observa, as relações afetivas/sexuais em contexto digital estão marcadas pela praticidade que permitem, de alguma forma, negociar com o regime de visibilidade heteronormativo. Em aplicativos que usam a geolocalização, o usuário pode estar no conforto de casa e estar investindo em sua vida sexual, sem a necessidade de se deslocar a bares, baladas e outros espaços frequentados por possíveis parceiros. Não raro, esta se torna uma estratégia para a realização das práticas afetivo-sexuais entre homens, sem sua associação com o “meio” gay.

Uma nova configuração das relações afetivas/sexuais se instaura com a generalização do acesso à internet por meio das plataformas digitais, a qual é chamada por Miskolci(2014) de *nova economia do desejo*, fruto de mudanças econômicas e tecnológicas. Essas mudanças contribuem para alterar o roteiro antes estabelecido – no modelo heterossexual - de namoro-noivado-casamento, que têm se tornado segundo plano frente a qualificação profissional e exigências do mercado de trabalho.

Para o autor, a nova economia do desejo facilita o “hook up”, termo norte-americano para encontros afetivos-sexuais casuais, tendo em sua visão um carácter higienizador do “cruising”, termo usado anteriormente para encontros casuais em ambientes de homosociabilidade como cinemas, saunas, banheiros públicos etc. Essa higienização se dá, ao fato de que, nos aplicativos os sujeitos tendem a selecionar e buscar segundo altas demandas normativas no que tange à corpo, “raça”, masculinidade, idade e classe social.

De forma complementar, a pesquisa de Camilo Braz (2010) revela que de certa forma os encontros em locais públicos de homosociabilidade são mais “democráticos” e menos seletivos, de um lado a oportunidade é passageira e não há garantias de que o sujeito obterá prazer se for criterioso e, por outro lado, esses espaços apresentam um público marginalizado em comparação ao público presente nos aplicativos.

Os estudos sobre aplicativos de relacionamentos para a homossexualidade ressaltam a produção histórica, cultural e generificada que coloca o homem gay masculino e musculoso como desejável em detrimento ao homossexual que se aproxima do feminino (MISKOLCI, 2017; WELZER-LANG, 2001). Os aplicativos não apenas facilitam

encontros, mas reforçam a busca por reconhecimento que, por sua vez, se traduz em estar adequado a expectativas estéticas e corporais, muitas vezes, reforçando as normas de gênero.

Judith Butler (2003), chama de matriz heterossexual a imposição social de uma linearidade entre sexo-gênero-desejo, na qual o sujeito deve se identificar com o gênero de nascimento, ser heterossexual e conseqüentemente desejar o sexo oposto. A heteronormatividade é utilizada por ela para definir a imposição que também se dirige a não-heterossexuais de buscarem performar atributos da heterossexualidade, através da reprodução de valores, práticas e discursos (BUTLER, 2003).

O gênero é constituído a partir da norma estabelecida que reforça a binaridade de gênero (masculino e feminino) e uma performatividade correspondente à expectativa do gênero. Butler (2003) ressalta que o gênero não é inerente ao indivíduo, como construção social, gênero torna-se uma prática reguladora e de constante vigilância para manter-se dentro do que é esperado que os sujeitos se comportem.

Em outras palavras, a “unidade” do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória. A força dessa prática é, mediante um aparelho de produção excludente, restringir os significados relativos de “heterossexualidade”, “homossexualidade” e “bissexualidade”, bem como os lugares subversivos de sua convergência e ressignificação. O fato de os regimes de poder do heterossexismo e do falocentrismo buscarem incrementar-se pela repetição constante de sua lógica, sua metafísica e suas ontologias naturalizadas não implica que a própria repetição deva ser interrompida -como se isso fosse possível. E se a repetição está fadada a persistir como mecanismo da reprodução cultural das identidades (BUTLER, 2003, p.67-68).

Para a pesquisa, outra autora central é Raewyn Connell (2003), especialista nos estudos de masculinidade. Para ela, a masculinidade não é trans-histórica, mas uma constituição a partir de processos históricos e culturais, que apresenta contínuas mudanças. A masculinidade hegemônica é o ideal de masculinidade que ocupa uma posição de poder e subjuga as demais formas de masculinidade. Ao analisarmos as masculinidades devemos levar em consideração sua produção

local, visto que grupos diferentes de homens experienciam uma masculinidade particular (CONNELL, 2013). Para compreender qual masculinidade é hegemônica deve-se buscar investigar o contexto local em relação ao global, buscando analisar quais masculinidades são subordinadas e qual seria a hegemônica naquele contexto. A masculinidade é múltipla, sendo uma produção individual, local e global que forma grupos de indivíduos que compartilham de práticas sociais que compõem suas próprias definições de masculinidade.

Judith Butler (2003) aborda que a masculinidade é performativa, para ela homens e mulheres são incitados a reproduzir modelos hegemônicos de gênero, embora falhem continuamente em sua reprodução. Transpondo à pesquisa as discussões apresentadas, foi possível observar que nos aplicativos de relacionamento as performances de masculinidade fabricadas nos perfis nem sempre condizem com a performance off-line, ainda que se observa a importância de se aproximar com definições hegemônicas de masculinidade, através de fotos, ângulos e descrições.

A pesquisa de Camilo Braz (2010) em clubes de sexo em São Paulo, revela políticas de controle no que diz respeito a masculinidade. É cobrado dos frequentadores performarem uma masculinidade viril, esse controle e cobrança não é institucionalizado pelos clubes, mas se dá através do rechaço que incidem sobre esses corpos durante a sociabilidade nesses espaços. Outro ponto interessante é que os interlocutores não se importam que fora desses espaços esses homens sejam mais femininos, mas nesse espaço em particular devem “fazer a linha” de macho. Dessa forma, investigar masculinidades nesses ambientes requer um olhar atento às práticas de controle, de quais ideais de masculinidade são ressaltados no aplicativo pesquisado, além de analisar qual propósito desempenham na busca sexual.

## Resultados e discussão

Santa Maria é um município localizado na região central do Rio Grande Sul, apresenta em suas proximidades municípios menores que utilizam de recursos da cidade, como por exemplo, o Hospital Universitário (HUSM) e apresenta um circuito de jovens que se mudam para a cidade com o intuito de estudar. A Universidade Federal de Santa Maria apresenta mais de oitenta cursos de graduação e conta com moradia estudantil abrangente. Semestralmente retornam às

aulas na UFSM, em média vinte mil estudantes entre os cursos de graduação, pós-graduação, ensino médio e técnico. Outras quatro faculdades privadas integram a cidade e apresentam números significativos de estudantes.

A cidade também conta com um grande polo militar, sendo a segunda cidade no Brasil a apresentar a maior concentração de militares. São mais de vinte unidades militares na cidade, contando com um colégio militar e uma base área que fica no mesmo bairro que a universidade. Segundo matéria divulgada por um jornal local<sup>1</sup>, a cidade é a quarta colocada entre as cidades mais buscada por militares para viver. Diante desse cenário local com forte presença universitária e militar surgiu a questão de como convivem padrões de masculinidade diversos e como esses são acionados no aplicativo Grindr.

O aplicativo é usado como campo de pesquisa, a etnografia foi feita em dois contextos diferentes, nas proximidades da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e em localidade próxima ao centro da cidade, composto por quartéis, moradias de militares e moradores locais, boa parte dos quais sem relação com a universidade. O recorte espacial também leva em conta diferenciar o contexto do centro da cidade com o contexto do bairro afastado de Camobi, mais vinculado à Universidade.

A partir da observação nesses contextos, notou-se variações no que diz respeito aos usos do aplicativo e seus recursos. Com as primeiras observações, é possível dizer que nas proximidades do centro há maior frequência de usuários que não apresentam foto de perfil e outras informações relevantes. A não-publicização de informações no perfil do aplicativo é tomado como um dado, visto que esses sujeitos podem estar em ambientes militares, onde se reforça um modelo de masculinidade viril e heterossexual. Como Miriam Pillar Grossi (2004) nos diz, no quartel homens estão sujeitos a uma série de violências sobrepostas a partir da hierarquia, incluindo regimes exaustivos de treinamento e humilhações por seus superiores. Dessa forma, uma performance de gênero não normativa ou a apresentação explícita da homossexualidade nesses ambientes pode tornar esses sujeitos alvos de constrangimentos e perseguições de seus colegas e superiores.

---

1 Matéria completa disponível em <[encurtador.com.br/uxERW](http://encurtador.com.br/uxERW)> Acesso em 14 de Maio de 2021.

Por outro lado, o espaço militar adentra a plataforma do aplicativo e assume uma posição de fetiche.

Miskolci (2017) aborda como a pornografia se tornou uma referência de modelo desejante de masculinidade para homens gays, de forma a contrastar com modelos estereotipados da homossexualidade nas mídias. Tal modelo se forjou no contexto de pânico moral da aids, no qual se reforçou o estigma da homossexualidade a partir da sua vinculação com a doença.

O imaginário de uma figura máscula desejável é encontrada no aplicativo com homens que, por exemplo, procuram exclusivamente militares para se relacionar, um perfil se dispõe a pagar por tal relação. O aplicativo segue uma lógica de oferta e procura, pois da mesma forma que há perfis que buscam militares, há perfis que em suas descrições fazem questão de expor sua vinculação com a instituição militar, por exemplo, colocando fotos parciais da vestimenta militar (farda) ou coturno.

O contexto de proximidade à universidade apresenta a predominância de usuários com fotos de rosto e redes sociais anexadas ao perfil, contrastando com a pouca informação nos ambientes militares. Nos arredores da universidade salta aos olhos a exposição no aplicativo e as descrições pessoais que afirmam responder somente a usuários que apresentem fotos de rosto. Esses dois cenários não demarcam uma dualidade de exposição no campo universitário e sigilo no ambiente militar, em ambos contextos há presença desses dois tipos de perfis, mas há um *modus operandi* de construção dos perfis em cada um dos espaços.

O ambiente universitário santamariense é predominantemente composto por estudantes de outras localidades do estado, do Brasil e de outros países, os arredores da universidade é marcado por moradias voltadas a estudantes, bem como dentro da universidade que apresenta a casa do estudante para estudantes de graduação e pós-graduação.

O fato de morar em outra cidade possibilita construir novas relações e dessa forma se expor sem comprometer relações pessoais e familiares. O ambiente universitário também é marcado por uma maior abertura a discussões voltadas ao gênero que implica em uma maior tolerância a performances de gênero e sexualidade dissidentes.

A universidade apresenta um grupo de vivência e acolhimento LGBTQIA+<sup>2</sup>, aberto ao público acadêmico e externo, tem como objetivo compartilhar vivências e criar redes de apoio. O coletivo VOE<sup>3</sup>, surgiu a partir da universidade e atua na cidade, compostopor estudantes, pesquisadores e ativistas reunidos em defesa da diversidade sexual, responsável por organizar atos políticos e a parada LGBT alternativa. A revista Prisma LGBT<sup>4</sup> também integra as produções e discussões sobre gênero e sexualidade na cidade, se apresentando como “uma revista colaborativa e independente que serve como canal de comunicação entre o público LGBT e sua produção cultural, artística e política”.

A partir da etnografia e análise de dados dos perfis cruzando critérios de idade, fotos e descrições pessoais, evidencia-se que a plataforma do aplicativo é composta em geral por perfis com faixa etária de dezoito a trinta anos, sendo um número bem expressivo visto que nas proximidades da UFSM esse percentual passou de 50% em todas as idas ao campo, demonstrando a centralidade do público juvenil no aplicativo.

A análise das fotografias expostas no aplicativo revelam mecanismos de regulação corporal: os corpos que estão parcialmente desnudos são em grande maioria musculosos ou magros, os corpos que contrastam com normas estéticas corporais hegemônicas são comumente expostos em ambientes como academias de musculação, o que denota o trabalho que os usuários estão mobilizando para adequar seus corpos ao padrão.

No que tange à “raça”, o corpo negro ocupa uma posição de rejeição ou fetiche, alguns perfis colocam nas suas descrições rejeitar homens negros. Outros perfis, no entanto, afirmam ter preferências por “negões” e dizem “combinar bem” com esse perfil. A hipersexualização e hipervirilização do homem negro, reforça a concepção de

---

2 A página do grupo pode ser acessada pelo Facebook no seguinte link: <[https://www.facebook.com/vivenciasLGBT/events/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/vivenciasLGBT/events/?ref=page_internal)> Acesso em 03 de Junho de 2021.

3 A página do coletivo pode ser acessada pelo Facebook no seguinte link: <<https://www.facebook.com/ColetivoVoe>> Acesso em 03 de Junho de 2021.

4 A página da revista pode ser acessa pelo Facebook no seguinte link: <<https://www.facebook.com/search/top?q=revista%20prisma%20lgbt>> Acesso em 03 de Junho de 2021.

que seriam “bem dotados” e insaciáveis sexualmente. O próprio termo “cafuçu” presente na função “tribos” do aplicativo<sup>5</sup>, se refere a um homem de pouca instrução, negro, com um corpo malhado (de trabalhos braçais), que é hipermasculino e viril.

Há também usuários que não correspondem aos padrões corporais hegemônicos e se posicionam em suas descrições pessoais como um corpo fora do padrão, salientando que caso o usuário não se atraia, não deve estabelecer uma conversa para “não perder seu tempo”. Como é o caso de um perfil de um usuário de vinte cinco anos que escreve “se não curte gordinho nem chama”.

Essa autoafirmação no perfil está diretamente relacionada à rejeição que incide sobre esses sujeitos no aplicativo. O perfil de 24 anos intitulado de “LEIA please” escreve “Não tenho nada contra nenhum tipo de corpo, sou magro e gosto de magros”, a maioria das descrições que utiliza-se para comunicar seu “gosto”, o fazem por meio da rejeição de corpos que não atendem seus parâmetros pessoais. A própria definição de gosto deve ser tomada reverberando a produção social e midiática que aloca determinados corpos como atraentes e desejantes (ILLOUZ, 2011).

É perceptível também a presença de posicionamentos críticos no aplicativo. Um usuário escreve que há segregação entre usuários que depois “cuspem militância no Instagram”. Outro usuário de quarenta sete anos, apresenta como foto uma charge na qual a legenda é “bolsofascistas”, escreve em sua descrição que “o meio gay brasileiro é a definição do país bizarro. Nada pode ser mais sórdido que o meio gay no Brasil atual, que em 2021 a bicha gay padrão aprenda a definição de generosidade”. Ambos perfis fazem referência direta à persistente denegação do reconhecimento a sujeitos não conformes a padrões de masculinidade, de idade e corpo, qualificando tal comportamento como “sórdido” e “bizarro”. Esses dois usuários utilizam suas descrições pessoais para, em certa medida, contestar a recorrência de perfis “dentro do padrão”, os quais reproduzem formas de regulação da masculinidade.

---

5 As tribos seriam identificações dos usuários, subgrupos construídos a partir de características pessoais, como por exemplo a tribo Barbie que representa homens musculosos e sem pêlos corporais. O aplicativo disponibiliza treze tribos diferentes, podendo o usuário escolher três para compor o perfil.

## Referências

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRAZ, C. A. **À meia-luz**: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Campinas: Unicamp, 2010.

CONNELL, Raewyn, W. **Masculinidades**. Universidade Nacional Autónoma do México: Cidade do México, 2003.

CONNELL, Raewyn, W. MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica**: Repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo, Graal, 2010.

GROSSI, Miriam Pilar. **Masculinidades**: Uma revisão teórica. UFSC: Florianópolis, 2004.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

\_\_\_\_\_. **Ethnography for the Internet**: Embedded, Embodied and Everyday, Bloomsbury, Londres, 2015.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MISKOLCI, R. O segredo. In: **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

\_\_\_\_\_. **San Francisco e a nova economia do desejo**. São Paulo: Lua Nova, 2014.

\_\_\_\_\_. **O Armário Ampliado** – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009b.

PERLONGHER, N. O. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A Epistemologia do Armário**. In: Cadernos Pagu. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

WELZER-LANG, D. **A construção do masculino**: dominação das mulheres e homofobia. Estudos feministas: 2/2001.

## CORPO INTERSEXO E INTERSEXUALIDADE: TEMAS DO LIVRO DIDÁTICO DE BIOLOGIA

### **Luciana Aparecida Siqueira Silva**

*Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Uberlândia -  
UFU, siqueira.lusilva@gmail.com.*

### **Elenita Pinheiro de Queiroz Silva**

*Professora orientadora: doutora em Educação, Faculdade de Educação  
- UFU, elenita@ufu.br.*

### **Resumo**

Corpos intersexo apresentam variações biológicas que não se encaixam naquilo que o discurso binário define como masculino ou feminino. Discurso produzido no campo da biomedicina, que contribui para a determinação da matriz binária para pensarmos e vivermos o gênero e o corpo. Neste texto, que parte de uma tese de doutorado que se vincula a uma pesquisa ampla com financiamento do CNPq, apresentamos o que livros didáticos de Biologia, distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (2012 – 2018), apresentam sobre o corpo intersexo e a intersexualidade. O nosso campo teórico e metodológico é situado em estudos sobre a intersexualidade, o gênero, o corpo e a educação de matrizes críticas e pós-críticas. Apontamos três destaques para o recorte da pesquisa que apresentaremos: 1- os livros, ao abordarem temas como reprodução humana e determinação genética do sexo, mobilizam verdades sobre a intersexualidade e sobre o corpo/organismo intersexo; 2- não localizamos nos livros os termos/conceitos intersexo e intersexualidade; 3- nos inter(ditos) e não ditos, os livros ensinam que a menstruação e/ou presença de útero é requisito de definição do ser mulher; o corpo/organismo masculino (homem) que não produz espermatozoides ou que tem mamas desenvolvidas não é legítimo; a capacidade reprodutiva é critério de normalidade.

Nos ensinamentos são colocadas em funcionamento facetas da biopolítica que despotencializam os corpos intersexo.

**Palavras-chave:** Intersexualidade, Livro didático, Sexualidade, Biologia escolar.

## Introdução

Esse texto é parte de uma pesquisa de doutoramento em andamento, inserida no âmbito do grupo de pesquisa *Gênero, Corpo, Sexualidade e Educação* (GPECS), vinculada à Linha de Pesquisa Educação em Ciências e Matemática do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, fazendo parte de um conjunto de investigações circunscritas a um projeto financiado pelo CNPq<sup>1</sup>. A pesquisa busca pelos ensinamentos sobre corpos intersexo e intersexualidade<sup>2</sup> (re)produzidos por livros didáticos de Biologia, bem como as possíveis resistências às redes de poder-saber que permeiam essas narrativas. Para o escopo do presente artigo, interessamo-nos pelos ensinamentos sobre o corpo intersexo e a intersexualidade nas coleções de livros didáticos de Biologia, aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)<sup>3</sup> nos editais de 2012, 2015 e 2018.

Michel Foucault é um autor que nos permite questionar a noção de sexualidade como um dado da natureza. No volume 1 da *História de Sexualidade - a vontade de saber*, o filósofo questionou a noção da sexualidade composta por verdades absolutas que seriam desveladas pelas ciências médicas e psicológicas. Formulou a noção de dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 2017) como mecanismo de regulação de corpos, comportamentos e produção de subjetividades, estabelecendo-se uma rede de saberes e poderes que se apropriam do corpo

1 A pesquisa é parte do Projeto de Pesquisa “Saberes sobre corpo, gênero e sexualidades em manuais escolares/livros didáticos de biologia – Brasil/Portugal”. Chamada universal 01/2016 - CNPQ/MCTI, coordenado pela Profa. Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, Universidade Federal de Uberlândia/UFU, Brasil.

2 Importa salientar que o termo para designar as pessoas com corporeidades, quanto ao sexo, que apresentem variações biológicas que não se enquadram aos padrões culturais vigentes, está em construção e em permanentes disputas que envolvem instâncias médicas, jurídicas e o movimento ativista. Para esta produção, adotaremos os seguintes termos: intersexualidade quando formos nos referir aos casos em geral e corpo intersexo em situações específicas.

3 O PNLD é um programa que tem como objetivo distribuir, gratuitamente, livros e materiais didáticos para todos/as os/as alunos/as e professoras/es que atuam na educação básica da rede pública de ensino brasileiro, tendo se instituído como política de Estado em 1985. Gonçalves (2017) apresenta de maneira detalhada uma contextualização histórica desse programa.

em sua materialidade viva. Ao longo de seu pensamento, procurou mostrar como, ao longo dos séculos XIX e XX, no Ocidente, tal dispositivo atuou como elemento organizador e definidor de verdades nos sujeitos, produzindo efeitos de normalização e patologização relativos ao sexo. Em suas análises, destacou que corpos e práticas eróticas foram esquadrihados com vistas ao estabelecimento da fronteira entre o normal e o patológico, fundindo os discursos médico, jurídico, psicológico e governamental na produção do sujeito. Para ele, o dispositivo, ainda atua como elemento organizador e definidor de verdades sobre os sujeitos. Verdades essas que produzem efeitos dos procedimentos de normalização e de patologização sobre o sexo e as experiências do desejo e do prazer (FOUCAULT, 2017).

No deslocamento das proposições de Foucault para a educação escolar, a disciplina Biologia pode ser espaço produtor e disseminador de saber-poder sobre corpos, gêneros e sexualidades. O livro didático é parte desse espaço, considerando a centralidade que tem nos processos de escolarização no Brasil, atuando também como um dispositivo (SILVA; PARREIRA, 2013). Em razão dessa centralidade e da importância da política do livro no Brasil é que procuramos pelas redes de saber-poder sobre a intersexualidade e os corpos intersexo em que se ancoram os textos dos livros didáticos de Biologia aprovados e distribuídos via PNLD 2012, 2015 e 2018.

Corpos intersexo são aqueles que não se enquadram nas definições biomédicas binárias de corpo sexuado, masculino ou feminino. São pessoas que nascem ou desenvolvem características sexuais relacionadas à genética, à anatomia sexual e/ou aos órgãos reprodutivos e genitais que fogem aos referidos padrões (PINO, 2007), sobre as quais voltam-se os olhares das ciências biomédicas, na busca de um verdadeiro sexo, já que “[...] desafiam o sistema binário de sexo e de gênero, bem como escrutinam, em diferentes esferas sociais, os critérios utilizados para que alguém possa ser considerado homem ou mulher” (MACHADO, 2005, p. 269). Esses critérios variam ao longo do tempo, em diferentes culturas<sup>4</sup>. Intersexo, conforme Nádía Perez Pino (2007, p. 153)

4 Na República Dominicana e na Nova Guiné, segundo Machado (2005), há um código social que inclui três sexos ao invés de dois. Em função da deficiência na produção de uma enzima (5-alfa-redutase), ocorre o nascimento de crianças com cariótipo XY e genitália externa não virilizada, sendo comum que a virilização aconteça na

é um termo de origem médica que foi incorporado pelos ativismos para designar as pessoas que nascem com corpos que não se encaixam naquilo que entendemos por corpos masculinos ou femininos [...]. São corpos que destoam de nossos parâmetros culturais binários, que embaralham e causam estranheza para aquele que os vê [...]. São corpos que deslizam nas representações do que se considera como verdadeiramente humano, situando-se nos interstícios entre o que é normal e o que é patológico. Esta “não-humanidade” ou “anormalidade” justificará as intervenções médicas com o intuito de adequá-lo ao ideal do dimorfismo sexual.

Corpos com conformações genitais que fogem ao padrão binário e dicotômico, colocam a materialidade biológica à prova de modo contínuo e reiterado desde a idade Média, quando eram nomeados como hermafroditas. A partir do surgimento da endocrinologia como uma subárea da medicina, passaram a ser categorizados, o que acarretou um outro entendimento acerca da intersexualidade, assentado no diagnóstico (BRANCO, 2018). Esses corpos sexualmente ambíguos não são unicamente corpos que fogem às normas, mas que rompem com os ideais de uma sexualidade biologicamente dicotômica, desafiando o saber médico no que ele tem de mais sólido: o suposto caráter científico, fragilizando o discurso biologizante.

De acordo com Fausto-Sterling (2000), existe uma política de gênero que constrói um padrão de sexualidade em interlocução direta com o que é estruturado socialmente, o que influencia os parâmetros segundo os quais cientistas leem os eventos da natureza em busca de verdades aplicáveis ao mundo social. Desse modo, para que corpos sexuados sejam estudados e interpretados, são tomadas verdades assentadas em relações sociais, de modo que médicos são atores sociais produtores de cultura. A antropóloga brasileira Paula Sandrine Machado desenvolve essa ideia de forma detalhada ao argumentar que “[...] o sexo é tão construído na cultura quanto o gênero e que as fronteiras entre o “natural” e o “não natural” são facilmente borradas quando se trata de defini-las a partir do que é considerado dentro

---

puberdade. “Na República Dominicana, por exemplo, essas crianças serão chamadas de *guedoche* (que significa “pênis aos doze”) e não são consideradas homens. Os *guedoche* têm um outro estatuto social e biológico” (MACHADO, 2005, p. 260).

ou fora das normas sociais” (MACHADO, 2005, p. 253). Ao longo do artigo, a pesquisadora relata casos de culturas que constroem diferentes valores atribuídos a homens e mulheres, colocando em questão a inevitabilidade do dimorfismo sexual em seres humanos, defendendo que

o sexo deixa de ser natural e que o modelo dicotômico é uma construção social, que se impõe como norma para todos os corpos. Isso equivale a dizer que não é necessariamente a partir da natureza que se criam as dicotomias, e sim que se aprende a perceber o mundo como dicotômico, restando pouca tolerância para a indefinição e a ambiguidade (MACHADO, 2005, p. 261).

No que se refere às cirurgias “corretivas” que são realizadas nas pessoas intersexo (bebês, crianças e jovens) e utilização de tratamentos hormonais para a normalização das genitálias, a autora informa que o sexo vai sendo construído, na busca por um sexo verdadeiro, “[...] apesar de todas as variações que a anatomia possa apresentar e de todas as incertezas da própria medicina” (MACHADO, 2005, p. 269).

Nesse sentido, a Biologia como disciplina escolar, pode ser tomada como um território de produção de verdades sobre o sexo reiterando o binarismo e a heteronormatividade, movimentando “formas de pensar e de agir; práticas e textos que podem tanto contribuir para a manutenção da cultura discursiva dominante do sexo, da sexualidade e do gênero, quanto participar de processos de transgressão da mesma” (SILVA, 2015, p. 200).

Esta pesquisa alinha-se ao pensamento de Silva (2015), ao apostar que a Biologia escolar, apresenta “possíveis potencialidades para outras configurações discursivas acerca da ideia de sexo e de gênero” (SILVA, 2015, p. 200). Busca por uma biologia escolar que seja potente no sentido na produção de uma concepção de humanidade na qual tornar-se alguém não esteja definido pela presença de uma genitália alinhada a um determinado tipo de comportamento sexual e identidade de gênero.

## Metodologia

Nessa investigação, consideramos as narrativas sobre a intersexualidade e os corpos intersexo presentes em livros didáticos de

Biologia. Para isso, adotamos uma abordagem qualitativa de caráter documental, com inspiração foucaultiana. Elegemos como fontes de informações capítulos que tratem sobre reprodução humana e determinação genética do sexo, de onze coleções de livros didáticos de Biologia aprovados no PNLD 2012, 2015 e 2018<sup>5</sup>, tendo sido consideradas as versões que incluem o manual do professor. Os livros didáticos estão sendo tomados como documentos (CELLARD, 2020) e dispositivos (SILVA; PARREIRA, 2013), tendo em vista que estes são materiais amplamente adotados no contexto escolar que trazem em seu bojo um conjunto de saberes e normas que produzem a biologia escolar.

Após um intenso empreendimento de busca pelos livros didáticos, que mobilizou diversas pessoas e instituições parceiras, foi feito um recorte para a análise de modo que, em cada uma das coleções, foram identificados e localizados os capítulos que abordassem os seguintes temas: *reprodução e embriologia do ser humano; determinação genética do sexo e aberrações/alterações cromossômicas*. Posteriormente, foi feita a leitura detalhada de todos esses capítulos, bem como das partes do manual do professor equivalentes a cada um deles, buscando-se por todas as referências a corpos com características que abrangem as ambiguidades sexuais, tanto de forma textual, quanto imagética.

Após a leitura, foram transcritos excertos textuais e imagens digitalizadas, com intuito de identificar temas relativos ao corpo intersexo e à intersexualidade que emergiram ao longo da busca empreendida. Foram também mapeadas as permanências e descontinuidades relativas à intersexualidade no livro didático de Biologia, no período de tempo de vigência dos três editais no PNLD aqui estudados.

## Resultados e discussão

Em um primeiro movimento de leitura, nos deparamos com uma tendência de apagamento e invisibilidade de corpos não respondentes à norma binária estabelecida. No entanto, após um mergulho nessas produções, e a partir da perspectiva analítica que nos orienta,

5 Onze é o número total de coleções diferentes que participou dos três editais. Nem todas estiveram presentes nas três edições do PNLD.

foi possível identificar que o livro didático de Biologia ensina sobre intersexualidade<sup>6</sup>, mesmo não adotando tal termo, considerando que “as palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio” (ORLANDI, 2005, p. 83). E o faz, predominantemente a partir de uma noção assentada na heteronormatividade e no discurso biomédico binário de determinação do sexo. Desse modo, a intersexualidade não foi localizada como uma possibilidade de existência humana que seja dada a pensar como fora do campo da anormalidade adjetiva. A partir desse achado, temos registros de que são mobilizadas algumas ‘verdades’ sobre os corpos intersexo e a intersexualidade nestes livros.

A partir das teorizações de Preciado (2014, p. 25), é que olhamos para o livro didático de Biologia com um espaço de funcionamento do que o autor chama de sistema heterossexual que, para ele, trata-se de “um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo: recorta órgãos e zonas de alta intensidade sensitiva e motriz [...] que depois identifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual”. Desse modo, o enquadramento ao que é considerado como feminino torna-se possível a partir do momento em que o corpo passa a ser um “corpo-mulher” (p. 28), produzido constantemente por uma tecnologia heteronormativa que envolve diversas instituições.

Nos capítulos dos livros em análise, é constantemente reiterada essa vinculação da constituição biológica à construção do corpo-mulher, evidenciando uma posição essencialista heteronormativa, de modo que

[...] desatrelam-se nas lições da Biologia escolar as multiplicidades de sexo e de corpos, buscando, como o fazem a ciência e alguns/as de seus/as profissionais, o manejo da sexualidade; perseguindo a manutenção do normal, do binarismo de gênero e da divisão sexual, macho ou fêmea, homem ou mulher (SILVA, 2015, p. 204).

6 Nesse momento, importa salientar que as pautas que envolvem a intersexualidade no Brasil passaram a ter maior visibilidade a partir de 2018, quando foi fundada a ABRAL (Associação Brasileira Intersexo), que tem como slogan “mudar as sociedades, não os corpos intersexo”. As edições analisadas foram editadas nos anos: 2010, 2013 e 2016, período em que as discussões sobre a intersexualidade no Brasil, impulsionadas pelo movimento ativista, ainda eram incipientes.

A presença de um útero que menstrua é evidenciada como condição para o ser mulher, o que coloca corpos - mesmo aqueles com outras marcas socialmente ligadas ao feminino - fora da norma, ignorando as relações entre biologia e cultura. Alguns exemplos podem ser observados nos fragmentos a seguir:

Outra anomalia bastante conhecida é a síndrome de Turner, manifestada por pacientes  $44 + X0$ . O fenótipo é feminino, mas não há desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários por ocasião da puberdade e o sistema genital é pouco desenvolvido. Os indivíduos com a síndrome de Turner, com frequência, apresentam baixa estatura, pescoço alado, estreitamento da aorta, surdez e **amenorreia primária**, isto é, **não começam a menstruar** (PEZZI, 2010, p. 60, grifos das autoras).

Síndrome de Turner (45, X). Mulheres cujas células somáticas possuem **apenas** um cromossomo X, o que as deixa com 45 cromossomos. Pode ocorrer retardo mental, baixa estatura, os caracteres sexuais secundários não se desenvolvem, e os **órgãos genitais permanecem com aspecto infantil**. (FAVARETTO, 2013, p. 266, grifos das autoras).

A construção atual da ideia do ser homem perpassa ensinamentos sobre a determinação do sexo, na medida em que coloca o pênis, a testosterona e os espermatozoides como centrais no processo. Desse modo, conforme afirmamos em outro estudo, defendemos que “as noções de masculinidade e feminilidade são invenções históricas que variam de acordo com os contextos sociais e culturais, podendo ser diversas também dentro de um mesmo grupo de pares” (SIQUEIRA-SILVA; SILVA, 2019, p. 30) e ampliamos nosso olhar sobre a temática em questão, ao pensarmos o modo com que a noção de ser homem tem sido produzida nos livros didáticos de Biologia, no que se refere à variação intersexual conhecida como síndrome de Klinefelter, sobre a qual destacamos o excerto a seguir.

[...] Entretanto, isso geralmente provoca **baixa fertilidade**, com pouca ou nenhuma produção de espermatozoides (os testículos são pouco desenvolvidos) e, às vezes, desenvolvimento exagerado da glândula mamária (**ginecomastia**). A altura é acima da média. O tratamento hormonal pode ajudar a

diminuir esses sintomas, mas não a baixa fertilidade. Em alguns casos, pode haver amadurecimento mental um pouco mais lento, que pode ser compensado por mais atividades e estímulos na escola. (LINHARES; GEWANDSZNAJDER, 2010, p. 234, grifos das autoras).

Ao apresentar e veicular certos discursos<sup>7</sup>, verdades e ensinamentos acerca do ser mulher e do ser homem, o livro didático de Biologia se constitui enquanto um dispositivo, instaurando entendimentos e implicações que carregam significados que vão além das categorias biológicas fêmea e macho. Ao marcarem que certos corpos, apesar de femininos, não poderão menstruar e que outros, apesar de masculinos não produzirão espermatozoides, esses textos reiteram a centralidade do papel reprodutivo vinculado ao corpo, enfatizando o dimorfismo sexual e deixando de incluir pessoas com configurações cromossômicas diversas.

## Considerações finais

Foi possível identificar, por meio da leitura dos textos, tanto destinados aos/às estudantes, quanto naqueles endereçados aos/às professores/as, que a ideia da existência de uma diferença inata entre as naturezas masculinas e femininas segue poderosa, sendo determinante no apagamento da intersexualidade como um campo existencial possível. Essa força, produzida numa perspectiva normativa está assentada na produção vinculada ao campo científico e se alastra nas diversas instâncias sociais, de modo que na escola, o livro didático de Biologia, se ocupa dessa função, sendo colocadas em funcionamento facetas da biopolítica (FOUCAULT, 2017) que despotencializam os corpos intersexo. A partir do que foi identificado até esse ponto da pesquisa, e considerando a Biologia escolar, enquanto um campo discursivo privilegiado no processo de significação do corpo, do gênero e da sexualidade na cultura ocidentalizada moderna, buscamos problematizar verdades instituídas, criando formas de pensar que nos permitam potencializar a vida.

7 Por discurso entendemos “o conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação; assim se poderia falar em discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural, discurso psiquiátrico” (CASTRO, 2009, p. 117).

## Referências

BRANCO, Fabiane Dionello. **Corpos intersexo**: borrando fronteiras da norma binária. 2018. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2018. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/btdtd/0000012239.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2021.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4. ed. 5ª reimpr. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020 (Coleção Sociologia). p. 295-316.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Sexing the body**: gender politics and the construction of sexuality. New York: Basic Books, 2000.

FAVARETTO, José Arnaldo. **Biologia Unidade e Diversidade**. 1. ed. v. 1. São Paulo: Saraiva, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GONÇALVES, Paulo Celso Costa. Políticas públicas de livro didático: Elementos para compreensão da agenda de políticas públicas em educação no Brasil. 2017. 233 f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19891/1/PolíticasPublicasLivro.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

LINHARES, Sérgio; GEWANDSZNAJDER, Fernando; PACCA, Helena. **Biologia Hoje**. v. 1. São Paulo: Ática, 2010.

MACHADO, Paula Sandrine. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 24, p. 249-281, Jun. 2005. DOI 10.1590/

S0104-83332005000100012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a12.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: São Paulo: Pontes, 2005.

PEZZI, Antônio; GOWDAK, Demétrio Ossowski; MATTOS, Neide Simões de. **Biologia**. v. 2. São Paulo: FTD, 2010.

PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 149-174, jun. 2007. DOI 10.1590/S0104-83332007000100008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/08.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Territórios das ciências e biologia como potência transgressora à ordem dos gêneros. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; TEIXEIRA, Filomena (org.). **Atravessamentos de gênero, corpos, sexualidades**: linguagens, apelos, desejos, possibilidades e desafios. Rio Grande: Editora da FURG, 2015. p. 197-218. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/6561>. Acesso em: 19 mai. 2021.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; PARREIRA, Fátima Lúcia Dezopa. **Dizeres sobre sexualidade e cultura**: o que dizem os livros didáticos de Biologia? Anais do 5º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 2º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, Universidade Luterana do Brasil, Campus Canoas/RS, 2013.

SIQUEIRA SILVA, Luciana Aparecida; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Masculinidades no contexto escolar: como a temática é abordada em artigos publicados em dossiês de periódicos nacionais. **Diversidade e Educação**, v. 7, n. 2, p. 20-44, 2020. DOI 10.14295/de.v7i2.9630. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9630>. Acesso em: 8 fev. 2021.

## EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS E DIREITOS HUMANOS: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

**Alcione Ferreira da Silva**

*Graduada em história e serviço social, especialista em história e cultura afro-brasileira e mestra em serviço social pela Universidade Estadual da Paraíba, alcionefts@gmail.com*

### Resumo

Este trabalho debate sobre a relação entre a educação para as relações étnico-raciais, com foco no cumprimento da Lei 10.639/03, e os Direitos Humanos no Brasil. Objetivamos compreender de que forma o cumprimento da obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira se configura como um mecanismo de fortalecimento dos Direitos Humanos. Metodologicamente nos aportamos na pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa. Como aproximações conclusivas, apontamos que em face da referida Lei ser fruto de uma luta histórica dos movimentos sociais negros do Brasil, pelo acesso a educação escolar, seu cumprimento deve ser assegurado, como mecanismo de reconhecimento da importância dos direitos fundamentais da população negra.

**Palavras-chave:** Lei 10.639/03, População Negra, Direitos Humanos.

## Introdução

Neste pôster apresentamos um breve debate sobre a compreensão de que a promoção da Educação para as Relações Étnico-Raciais cumprem uma importante função na promoção dos Direitos Humanos. Objetivamos discorrer sobre aspectos sócio-históricos que possibilitaram a aprovação da Lei 10.639/03, que torna obrigatória a história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica, com enfoque nas lutas dos movimentos sociais negros pelo direito à educação, e relacionar a referida Lei como uma conquista que aprofunda e atende a necessidade de promoção dos Direitos Humanos.

Para tanto, por intermédio da pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, apresentamos os principais movimentos sociais negros, do século XX, analisando suas pautas pelo acesso da população negra à educação e apresentando-as como um processo fundamental de construção para a aprovação da Lei 10.639/03.

A partir desse histórico, apontamos em que medida é possível vislumbrar como avanço para os Direitos Humanos a busca por fortalecer o debate étnico-racial da educação, compreendendo esta como um espaço propício para o enfrentamento do racismo estrutural.

## Metodologia

Apresentamos um debate elaborado a partir de pesquisa bibliográfica, conforme Martin (2001) que a reconhece como um método capaz de produzir explicações e debate acerca de um tema específico, através de levantamento e análise de materiais publicados sobre o tema em foco.

Adotamos a abordagem qualitativa, conforme Minayo (2001), segundo a qual tal perspectiva se configura por não elencar como objetivo a construção de aspectos quantitativos, mas a explicação da realidade social, buscando-se compreender o universo de significados e de fenômenos que não podem ser enquadrados em variáveis numéricas.

No que se refere aos nossos objetivos, nos ancoramos na pesquisa descritiva e explicativa, sendo a primeira direcionada à descrição de fenômenos sociais (TRIVIÑOS, 1987) e a segunda à explicitação de

condicionantes sociais que condicionam a ocorrência dos referidos fenômenos (GIL, 2007).

### Lei 10.639/03: um avanço marcado pela luta

A obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, instituída pela lei 10.639/03, é fruto de uma longa trajetória de luta da população negra pelo acesso a educação, por um ensino que contemplates o Brasil real que é marcado pela questão racial em todos os seus espaços e, no mesmo movimento, pelo reconhecimento da humanidade do povo negro, que foi vilipendiada nos quatro primeiros séculos de história do Brasil após a colonização e segue, ainda na atualidade, sem ser devidamente reconhecida.

É mister compreendermos que, mesmo após a abolição, e com a Proclamação da República, a população negra seguiu tendo o acesso a educação formal dificultado sistematicamente. O projeto higienista de nação que imergia com a República, fazia o Brasil se espelhar em nações europeias como modelo e buscar o embranquecimento do povo e da cultura como “solução” para que o Progresso sonhado fosse alcançado.

Nesse sentido, estruturalmente foi erguida uma lógica de funcionamento social que relegava à população negra permanentes dificuldades para acesso ao exercício da cidadania, o que impactou negativamente o ingresso de negros e negras nas instituições formadoras do país, dentre elas as voltadas à educação formal.

Nesse contexto, os movimentos sociais negros, em todo o século XX, pautaram permanentemente o direito a educação. No pós-abolição a Imprensa Negra foi um dos primeiros espaços de luta da população negra no Brasil, nela a demanda pela educação já estava posta. Conforme Barros (2005), o jornal *O Alfinete* já trouxe um exemplo dessa luta em artigo publicado em 1919, no qual lemos:

Nós precisamos unirmo-nos, porque é da união que nasce a força. Empunhando o nosso estandarte em prol d'um idéal elevado, como seja: o combate ao Analfabetismo, essa praga que nos fazem mais escravos do que quando o Brazil era uma feitoria; é que não recuamos perante os ataques e zombarias dos pessimistas e dos que vivem sómente para lançar a desharmonia no seio da nossa classe (BARROS, 2005, p. 89).

Nesse trecho, fica evidente que nas primeiras décadas do século XX o acesso a educação já era pautado pelos movimentos sociais negros, o analfabetismo aparece como uma continuidade da sociedade escravocrata, portanto há um inequívoco chamando a combatê-lo. Nesse sentido, é possível perceber que “Nos jornais da imprensa negra paulista [...] no período fecundo de sua divulgação, que vai dos anos 20 ao final dos anos 30, encontram-se artigos que incentivam o estudo” (GONÇALVES e SILVA, p. 140, 2000). A Imprensa Negra, portanto:

[...] refletia, de certa forma, uma importante dimensão da educação dos negros, a saber: educação e cultura apareciam quase como sinônimos na maioria dos artigos publicados pelos jornais militantes da época. Não só divulgavam cursos como também apresentavam a agenda cultural das entidades. Nesta agenda, incluíam-se atividades do tipo: biblioteca, conferências, representações teatrais, concertos musicais e outros (GONÇALVES e SILVA, 2000, p. 142).

A década de 1930 foi palco de um novo movimento organizado para o qual a educação foi uma pauta levantada e sobre a qual se realizou ações importantes. A Frente Negra Brasileira ergueu ações no campo da educação que se configuraram como:

[...] experiência escolar mais completa do período [...]. Raul Joviano do Amaral, na época presidente desta entidade, elaborou uma proposta ousada de educação política [...]. Criou uma escola que só no curso de alfabetização atendeu cerca de 4.000 alunos. E a escola primária e o curso de formação social atenderam 200 alunos. A maioria era de alunos negros, mas aceitavam-se também alunos de outras raças (PINTO Apud GONÇALVES e SILVA, 2000, p. 144).

Outro movimento de importância central nas lutas contra o racismo brasileiro foi o Teatro Experimental do Negro (TEN). Fundado por Abdias Nascimento, o TEN também apresentou demandas no campo educacional, haja visto que “em suma, o projeto político do TEN apontava para uma outra visão relativa ao que se chama direito à educação [...]. Aqui, educação é indiscutivelmente dever do Estado. É direito dos cidadãos” (GONÇALVES e SILVA, 2000, p. 148). Segundo Nascimento (2004), surgido em 1944, o Teatro Experimental do Negro,

ou TEN, tinha o objetivo de resgatar os valores da pessoa e cultura negra, por meio da educação, cultura e arte.

As lutas pelo direito à educação e por uma educação antirracista ganharam mais intensidade com o Movimento Negro Unificado (MNU), este desde sua fundação em 1978, por meio das múltiplas entidades que o compõe, apresenta a educação como uma questão prioritária nas lutas de modo que:

Inicialmente, o próprio movimento negro gerou novas organizações, mais competentes para lidar com o tema da educação. Isto se explica, em parte, pelo aumento do número de militantes com qualificação em nível superior e médio. Passa-se a compreender melhor os mecanismos da exclusão e, por consequência, como combatê-los de forma mais eficiente.

Esse longo percurso de luta, brevemente sintetizado, começou a encontrar um ambiente mais favorável às demandas apresentadas no âmbito da educação, a partir da Constituição de 1988, sendo a Lei 10.639/03 uma das conquistas alcançadas que fortalece a luta antirracista e pelos Direitos Humanos.

Ao se falar em Direitos Humanos, se tomarmos por base a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1948, fica claro que esta noção é balizada pela perspectiva da igualdade, pois o documento se contrapõe em cada um dos seus artigos aos efeitos das desigualdades postos entre membros da mesma “família humana”, tidas como a raiz das agressões aos direitos fundamentais.

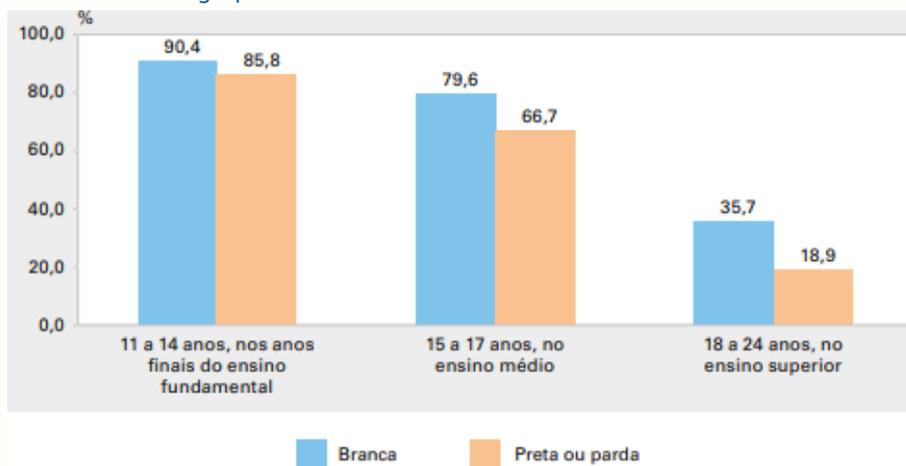
No que diz respeito à educação, ainda no preâmbulo, a Declaração anuncia que cada indivíduo e cada órgão da sociedade deve se esforçar tendo por base a educação, para promover o respeito aos direitos e liberdades em favor da promoção do progresso social e melhores condições de vida. Nesse sentido, pode-se perceber que no referido documento, a educação é enfatizada como meio privilegiado através do qual se deve lutar pela emancipação social dos sujeitos.

No tocante a questão afro-brasileira, como já abordamos anteriormente, a educação como meio de busca por uma sociedade mais equânime foi sempre um dos motes primários de luta do povo negro, essa perspectiva se fez importante, pois

Lutar pela igualdade entre pessoas negras e brancas é lutar, em última instância, pelos direitos humanos do coletivo negro de viver com a qualidade de vida que a humanidade como um todo já alcançou e que, não se pode esquecer, tal aquisição, tal patrimônio da humanidade, é consequência de esforços também das pessoas negras, e, em assim sendo, essas pessoas devem ter o direito de acesso a esse patrimônio, seja ele material ou imaterial (JÚLIO e STREY, 2011, p. 52).

As desigualdades raciais, que se (re)produzem historicamente, são notoriamente observadas no campo da educação, ainda na atualidade. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE- (2020), a população negra (constituída pela somatória de pardos e pretos) tem menores taxas de frequência escolar em todos os níveis de ensino:

Gráfico 1: taxa ajustada de frequência escolar líquida por cor ou raça, segundo os grupos de idade e nível de ensino – Brasil - 2019



Fonte: IBG, Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Contínua, 2019.

No gráfico 1 é possível observar que a frequência escolar líquida<sup>1</sup> da população negra aparece em desvantagem em todos os níveis de ensino, em relação a população branca. Essa visível desigualdade no

1 A Taxa de Escolarização Líquida representa a razão entre o número de matrículas de alunos com idade prevista para estar cursando determinada etapa de ensino e a população total na mesma faixa etária.

campo da educação é sistêmica e reflete a sociedade, como um todo, marcada e constituída pelo racismo estrutural, de modo que esta disparidade no campo educacional pode ser percebida em todos os espaços e instituições sociais, a destacar aqui o mundo do trabalho, pois, somado aos dados do gráfico acima, é possível acrescentar que:

A proporção de jovens que não estudavam e não haviam concluído o ensino superior era maior entre os homens de cor ou raça preta ou parda (57,6%). As mulheres do mesmo grupo apareciam em seguida (53,2%), em desvantagem com relação aos homens de cor ou raça branca (47,4%), mesmo as mulheres sendo mais escolarizadas em geral [...]. O perfil das mulheres de cor ou raça preta ou parda que não estudavam e não tinham concluído o ensino superior, em 2019, distinguia-se dos demais grupos, pois entre elas a maioria não estava ocupada, enquanto nos outros prevalecia quem tinha ocupação (IBGE, 2020, p. 101).

Nesse sentido, conforme o IBGE (2020), quando se cruza os dados entre acesso a educação e ao mercado de trabalho, são as mulheres negras que compõem os piores indicadores<sup>2</sup>, visto que de todos os grupos pesquisados dentre as pessoas que não estavam estudando, as mulheres negras eram a maioria não estava ocupada. Estes dados revelam que as dificuldades sistêmicas para acesso a educação estão entrelaçadas as menores oportunidades de ingresso no mercado de trabalho, compondo uma realidade marcada pelas determinações de gênero e raça que colocam as mulheres negras no base da pirâmide social como o grupo mais empobrecido.

Os indicadores apresentados apontam que a luta pelo acesso a uma educação de qualidade para a população negra foi, e segue sendo, necessária. Bem como o fato de que este campo é fundamental pela busca por consolidação dos Direitos Humanos. Assim, é latente que negar a um povo a sua própria história é negar o acesso ao processo que o humanizou e que o constituiu historicamente. Nesse sentido, a luta para ter acesso à educação formal, e para que nesta a história do povo negro fosse contemplada, é um dos mais importantes embates

<sup>2</sup> Conforme dados do segundo trimestre de 2019, coletados pela Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD).

travados pela população negra brasileira e compõe um processo mais amplo de lutas pela Dignidade Humana.

Nessa perspectiva, a Lei 10.639/03 é um dos importantes aparatos para fortalecimento da supracitada luta. Promulgada há 18 anos, sua efetivação segue sendo um desafio que precisa ser enfrentando, pois uma compreensão apropriada da questão racial no Brasil, a partir da educação formal, é um caminho fundamental para que a sociedade possa, de forma ampla, ser sujeito transformador das desigualdades raciais no Brasil.

Cabe destacar que a lei 10.639/03 é uma conquista que se fez em meio a relações conflituosas que permeiam as políticas educacionais. De acordo com Rocha (2006) as reflexões acerca das questões pertinentes às políticas afirmativas postas para os negros brasileiros, estão permeadas por contradições que ao mesmo tempo, integram o discurso e a ação de organismos internacionais no viés do atendimento aos mais pobres e a pauta de reivindicações do movimento social negro.

Desse modo, as políticas afirmativas e entre elas a lei 10639/03, embora não tenham o alcance capaz de colocar fim às desigualdades étnicas e raciais, são de importância ímpar nos caminhos construídos para minimizá-las, pois sua própria existência, por si só, se configura como veículo de denúncia da existência de situações desiguais postas em nossa sociedade, sendo sua efetivação um caminho para fortalecer o enfrentamento dessas desigualdades.

## Considerações finais

A história da educação nacional guarda fortes disparidades no que se refere ao acesso e permanência. Para a população negra essas disparidades somam-se ao racismo institucional que perpassa todas as modalidades e níveis de ensino. Diante dessa realidade, os movimentos sociais negros têm atuado incessantemente, ao longo da história, para construir e exigir o direito a educação e a construção de um modelo educacional que enfrente o racismo no cotidiano.

A Lei 10.639/03 é um dos frutos dessa luta, ao tornar obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, a referida lei se torna um importante aparato para a busca por efetivação de uma educação que combata o racismo, ao passo que denuncia o fato do racismo ainda ser uma constante no ensino formal brasileiro, que

atravessou séculos silenciando a história da maioria da população brasileira composta por pessoas negras.

Frente a este quadro, destacamos a necessidade de fortalecimento permanente de ações que objetivem a equidade racial na educação, como componente fundamental da luta antirracista que, na realidade brasileira, é de importância central na busca por efetivação dos Direitos Humanos.

## Referências

BARROS Surya Aaronovich Pombo de. Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do século XX. In: ROMÃO, Jeruse (org). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. P. 79 – 94.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado; 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>. Acesso em 03 de outubro de 2020.

\_\_\_\_\_. Lei nº10639 de 9 de janeiro de 2003. Ministério da Educação. Acesso em 03 de fevereiro de 2021.

**DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**. Rio de Janeiro: UNIC, 2009 [1948].

GIL. A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Movimento negro e educação**. In Revista Brasileira de Educação. no.15 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2000

IBGE. **Estudos & pesquisas informação demográfica e socioeconômica**: síntese de indicadores sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

MARTINS, G. A; PINTO, R. L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007

NASCIMENTO, Abdias, do. **Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões**. IN: Revista Estud. av. vol.18 no.50 São Paulo Jan./Apr. 2004.

ROCHA, Luiz Carlos Paixão da. **Políticas afirmativas e educação: a lei 10639/03 no contexto das políticas Educacionais no Brasil contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Educação e Trabalho). Universidade Federal do Paraná. 2006

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

## OS ESTUDOS DE GÊNERO NO DESENVOLVIMENTO DAS POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DE GÊNERO DE DUAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO RS

### **Daiana Marques Sobrosa**

*Autora- Graduada em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Especialista em Estudos de Gênero (UFSM) e Mestra em Letras- Estudos Linguísticos (UFSM). Servidora no Instituto Federal Farroupilha (IFFar), daiana.marques@iffarroupilha.edu.br;*

### **Karina Oliveira de Freitas**

*Autora- Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Especialista em Estudos de Gênero (UFSM) e Mestra em Tecnologias Educacionais em Rede (UFSM). Servidora na UFSM, karina.oliveira.freitas@gmail.com;*

### **Resumo**

Retomando alguns conceitos dos Estudos de Gênero, com enfoque nos Estudos Feministas e nos Estudos Queer, este trabalho pretende destacar a importância desse campo do conhecimento como base para o desenvolvimento de políticas institucionais de gênero no contexto de duas Instituições de Ensino Superior (IES) do Estado do Rio Grande do Sul (RS), a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e o Instituto Federal Farroupilha (IFFar). Primeiramente, é importante destacar o duplo papel da escola e da educação como um todo. Se, por um lado, ao longo do tempo, desempenharam papel fundamental nos processos sociais classificatórios e hierarquizantes, hoje possuem o dever e o desafio de ressignificar e modificar suas práticas. Assim, apoiando-se nos conceitos de gênero, sexualidade, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade e políticas públicas, são apresentadas as políticas de gênero desenvolvidas

nas duas instituições estudadas. A partir disso, é possível perceber a importância que os movimentos sociais e as teorias no campo dos Estudos de Gênero tiveram, e continuam tendo, ao possibilitar a abertura de espaço, principalmente, no âmbito educacional, para novas perspectivas de se pensar as relações sociais, o gênero e a sexualidade. É possível perceber, ainda, que ambas as instituições, por meio de suas políticas de gênero, objetivam construir uma prática não sexista, mais igualitária e democrática.

**Palavras-chave:** Estudos de gênero, políticas institucionais, instituições de ensino superior, educação.

## Introdução

**E**sse trabalho é fruto de discussões iniciadas na disciplina Gênero, Diferenças e Sexualidades, do curso de Especialização em Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e tem por objetivo destacar a importância dos Estudos de Gênero, com enfoque nos Estudos Feministas e nos Estudos Queer, no desenvolvimento de políticas institucionais de gênero, tomando como base o contexto de duas Instituições de Ensino Superior (IES), a UFSM e o Instituto Federal Farroupilha (IFFar).

Ao longo do tempo, as escolas e outras instâncias sociais e culturais desempenharam um papel determinante na construção histórica dos gêneros e das sexualidades. Segundo Richard Miskolci (2012), o sistema educacional foi um aparato poderoso a serviço da biopolítica, tendo a escola como um espaço de normalização coletiva, de imposição da heterossexualidade compulsória e de modelos de como ser homem ou mulher, levando em conta os padrões heteronormativos. Os conceitos de heterossexualidade compulsória e heteronormatividade, assim como outros conceitos importantes serão melhor desenvolvidos na seção de Referencial Teórico.

Como contraponto, os Estudos de Gênero consolidam-se, no Brasil, no final dos anos 1970 em paralelo com o fortalecimento do movimento feminista no país (Farah, 2004). No entanto, segundo Miskolci (2012), é somente no ano de 2001 que o Brasil tem um de seus primeiros textos sobre a Teoria Queer publicado em português por Guacira Lopes Louro. Tudo isso, então, os movimentos sociais (movimento feminista e posteriormente o movimento LGBT) e as teorias no campo dos Estudos de Gênero vieram abrindo espaço e construindo bases sólidas para novas perspectivas de se pensar as relações sociais, o gênero e a sexualidade.

Diante do exposto, o sistema educacional como um todo, mas principalmente as IES, que trabalham na formação de docentes e outros profissionais e cidadãos que atuarão na sociedade, possuem um grande desafio pela frente, mas também uma grande oportunidade de repensar sua forma de atuação e o seu papel social. As velhas práticas educacionais contribuíram para a perpetuação de um modelo masculino de educação como uma estratégia normalizadora de comportamentos e geradora de processos sociais classificatórios

e hierarquizadores (Miskolci, 2009). Esse modelo de masculinidade assimilado desde criança no ambiente escolar garante aos homens privilégios e poder sobre tudo que se refere ao feminino, sendo essa noção de poder geralmente associada à violência.

Em artigo que analisa a escalada de violência de gênero, especificamente os transfeminicídios, em Santa Maria - RS no período de setembro de 2019 a janeiro de 2020, Fernando de Figueiredo Balieiro e Richard Miskolci (2020) apontam que “atender às demandas de masculinidade tradicionais tornou-se desafiador em uma era de mudanças comportamentais e liberação feminina”. Berenice Bento corrobora essa ideia ao afirmar que

Se as ações não conseguem corresponder às expectativas estruturadas a partir de suposições, abre-se uma possibilidade para se desestabilizarem as normas de gênero, que geralmente utilizam da violência física e/ou simbólica para manter essas práticas às margens do considerado humanamente normal. (BENTO, 2011, p. 553).

Assim como ocorrem no convívio social de maneira mais ampla, os comportamentos violentos pautados nas relações de gênero também tem incidência no ambiente universitário podendo se manifestar de diversas formas, sendo o assédio (moral ou sexual) nas relações de trabalho e nas relações de ensino e aprendizagem a forma mais recorrente. Nesse sentido, as instituições de ensino precisam valer-se de seu caráter formativo para atuar no enfrentamento às desigualdades e violências de gênero, promovendo o respeito às diferenças por meio da educação.

Na sequência serão apresentados os principais conceitos que embasam teoricamente este artigo, bem como um breve histórico da construção das políticas institucionais de gênero da UFSM e do IFFar. Por fim, serão tecidas breves considerações e reflexões sobre o tema apresentado.

## Referencial teórico

Por meio de uma revisão bibliográfica de textos já estudados no curso bem como na disciplina Gênero, diferenças e sexualidades, serão brevemente desenvolvidos alguns conceitos determinantes para o entendimento deste trabalho. São eles: gênero, sexualidade,

heterossexualidade compulsória, heteronormatividade e políticas públicas.

De acordo com Scott (1989), gênero se define enquanto uma construção social, uma criação essencialmente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres, uma organização social da relação entre os sexos. Na mesma linha, Louro (1997) vai explicar que não são necessariamente as diferenças sexuais que vão definir o que é masculino e feminino em uma determinada sociedade e momento histórico, mas a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou que se pensa sobre elas.

A autora ainda ressalta que a ideia não é negar a biologia, mas ressaltar a construção histórica e social produzida sobre as características biológicas dos corpos sexuados, recolocando o debate no campo social, já que é nele que se constituem as relações desiguais entre os sujeitos. Ainda de acordo com as autoras, o gênero não determina diretamente a sexualidade, pois as identidades sexuais se constituem, conforme Louro (1997), através das formas como os sujeitos vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as.

A partir da Teoria Queer, Judith Butler (2003) vai questionar certos pressupostos da Teoria Feminista sobre a categoria de gênero. Segundo a autora, é contestável conceber gênero enquanto interpretação cultural do sexo, sendo o sexo algo imutável e gênero algo socialmente construído. Ela, então, vai questionar essa suposta imutabilidade ponderando que talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto gênero. Ainda sobre isso Butler afirma:

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre o qual age a cultura. (BUTLER, 2003, p.25)

Segundo Miskolci (2009), a Teoria Queer<sup>1</sup> tem origem nos Estudos Culturais norte-americanos, no final da década de 1980, tendo como objeto de análise a “dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais” (p.50-51). A partir dessas dinâmicas, a Teoria Queer vai problematizar os processos normalizadores que naturalizam a heterossexualidade a acabam por torná-la “uma imposição socialmente instituída” (BALIEIRO e RISK, 2014, p. 162).

A partir da segunda metade do século XX, conforme Miskolci (2009), a homossexualidade perdeu o caráter de crime e patologia, passando então a figurar como mecanismo de regulação e controle na vida de gays e lésbicas a heteronormatividade. A heteronormatividade se configura, então, enquanto um conjunto de normas de regulamentação e controle das relações, até mesmo das relações entre pessoas do mesmo sexo, “compondo uma série de ideais que têm como modelo o casal heterossexual” (BALIEIRO e RISK, 2014, p. 162). Revisados os conceitos de gênero, sexualidade, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade, é importante desenvolver agora o conceito de política pública, já que o presente trabalho apresentará brevemente, no próximo tópico, as políticas institucionais de gênero de duas IES. (MISKOLCI, 2009, p. 151)

Para compreender a noção de política é fundamental marcar sua natureza pública, pois o diálogo e a discussão aberta são elementos constitutivos da elaboração das políticas (TERESA KLEBA LISBOA, 2010). A sociedade em que vivemos não é homogênea, pelo contrário, ela existe permeada por pluralidades. Nesse sentido, a esfera pública precisa reconhecer e considerar essa pluralidade no seu modo de operar, ou seja, deve existir para o bem comum, sem deixar de refletir e visibilizar as identidades individuais. Isso significa oferecer ao público oportunidades iguais independente de gênero, classe e etnia.

Trazendo para a realidade da UFSM e do IFFar, pode-se dizer que os processos de construção e implementação das respectivas políticas de gênero atendem essa característica primordial de uma política pública, para além de uma política institucional, pois além de terem sido impulsionados por demandas coletivas surgidas da comunidade acadêmica, também ofereceram abertura para o diálogo com o

---

1 Queer é um xingamento, um palavrão em inglês, “denotava anormalidade perversão e desvio”.

público envolvido durante a sua elaboração, pois a igualdade não se refere apenas aos direitos e obrigações, mas também a participação e representatividade dos sujeitos sociais na determinação das regras e tomadas de decisão que constituem a sociedade.

Por isso, como aponta Lisboa (2010, p. 5) a elaboração de políticas públicas de gênero requer por parte dos agentes públicos, além da predisposição para discutir o tema, o entendimento de que a governabilidade com a perspectiva da igualdade de gênero depende de três fatores:

- a) da vontade e da decisão política que garanta, junto aos planejadores em todas as instâncias federativas, a incorporação da transversalidade de gênero;
- b) da sua incorporação junto à prática dos gestores, que executam, monitoram e avaliam as políticas públicas nos níveis federal, estadual e municipal;
- c) da disseminação de novos valores culturais e políticos junto à população, com vistas a uma cidadania inclusiva (LISBOA, 2010, p. 5).

## As políticas de Gênero na UFSM

Nos últimos anos, casos envolvendo desigualdade e violência de gênero ganharam maior visibilidade nas universidades, incluindo a UFSM. A Instituição passou a realizar ações para ampliar o debate sobre o tema, as quais, revelaram demandas recorrentes entre a comunidade universitária, lideradas principalmente pelas mulheres. A necessidade de combater a desigualdade de gênero no âmbito institucional associada às demandas advindas da comunidade levou a gestão da UFSM a nomear, em setembro de 2017, a Comissão Institucional de Política de Igualdade de Gênero (CIG), para elaborar uma resolução que regulamente a questão na Universidade.

A representação da comissão respeitou a paridade de gênero e de categorias, havendo em sua composição homens e mulheres, estudantes, docentes e técnicos-administrativos(as) em educação. A partir da formalização de um grupo de trabalho foi possível traçar algumas metas e elencar prioridades a serem atendidas. Desde sua criação e durante todo o ano de 2018 a CIG seguiu uma agenda de encontros semanais, os quais eram abertos à comunidade acadêmica.

Os trabalhos da CIG seguiram as seguintes etapas: sistematização de dados referentes às demandas advindas da comunidade acadêmica, levantamento em outras IES do país para verificar a existência de políticas institucionais com a perspectiva de gênero, leituras e discussões sobre os tópicos que deveriam ser abordados no documento, escrita colaborativa de uma minuta de resolução, apresentação e discussão da versão preliminar do documento junto aos órgãos institucionais diretamente envolvidos e apresentação e discussão da versão preliminar do documento após ajustes com a comunidade acadêmica do campus sede e dos campi fora de sede.

Após as rodadas de discussão, as contribuições da comunidade foram inseridas na proposta e a partir daí o documento foi reencaminhado com as alterações para os órgãos envolvidos, trâmite que levou o ano de 2019 inteiro. De forma resumida, o trabalho que a CIG realizou deu origem a uma proposta de Política de Igualdade de Gênero que tem como objetivo promover a igualdade de gênero em todas as instâncias institucionais fomentando ações de educação e de respeito ao ser humano, por meio de três eixos integradores: promoção da igualdade de gênero, enfrentamento e responsabilização em casos de violência e assistência.

Em fevereiro de 2020 a CIG voltou a se reunir para apreciar os pareceres dos órgãos e finalizou o documento encaminhando o mesmo para parecer da Procuradoria Jurídica da UFSM. A expectativa da CIG era de que a proposta de Política Institucional de Gênero fosse encaminhada ao Conselho Universitário para apreciação e deliberação ainda em 2020, no entanto, com a suspensão das atividades acadêmicas e administrativas em decorrência da pandemia de COVID-19 é possível que essa previsão seja ampliada.

## **As políticas de Gênero no IFFAR**

Em Maio de 2016, por meio da Resolução nº 023, do Conselho Superior (CONSUP) do Instituto Federal Farroupilha (IFFar), instituiu-se a criação do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS). A partir dessa política institucional, cada campus do IFFar, em observância às orientações contidas nesse regramento, deve então estabelecer seu Núcleo, visando concretizar ações e práticas educativas voltadas à criação de um espaço que considere a equidade de gênero e o respeito às diferenças como fundamentais.

Importante mencionar que, embora constituído institucionalmente somente em 2016, antes do NUGEDIS, a instituição já contava com uma Política de Diversidade<sup>2</sup> e Inclusão e, segundo essa política:

O reconhecimento, o respeito, o acolhimento, o diálogo e o convívio com a diversidade de orientações sexuais fazem parte da construção do conhecimento e das relações sociais de responsabilidade da escola como espaço formativo de identidades (Política de Diversidade e Inclusão, 2013, p.04).

Esse documento já previa enquanto meta, além de outras ações, a criação do NUGEDIS, integrando a Coordenações de Ações Inclusivas (CAI), junto com mais dois Núcleos, na época já consolidados, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e o Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NAPNE).

Com um regulamento próprio e com representantes de toda a comunidade acadêmica entre membros efetivos e colaboradores, o NUGEDIS passa a ter, assim, a finalidade de “desenvolver políticas, ações e projetos no intuito de promover o respeito e a valorização de todos os sujeitos, proporcionando debates, vivências e reflexões referentes às questões de gênero e diversidade sexual”. (Res. CONSUP nº 023/2016)

Nesse sentido, considerando o espaço educativo enquanto “um espaço em que entram em confronto e em diálogo diferentes sujeitos e diferentes modos de significação do mundo, o que inclui modos diversos de criar sentido para a sexualidade, para o gênero, para si e para os outros” (BORTOLINI, 2011, p. 05), o Núcleo passa a ter uma função primordial e, ao mesmo tempo, um grande desafio no que se refere ao desenvolvimento de uma prática institucional que favoreça a reflexão e o diálogo entre esses diferentes sujeitos, o reconhecimento dos diferentes modos de significação e que combata os preconceitos, as desigualdades e as opressões.

2 Cabe aqui uma reflexão sobre uso do conceito de diversidade. Para Miskolci (2012), o multiculturalismo e a retórica da diversidade são concepções estáticas, problemáticas e fracas. Ele propõe, então, uma política da diferença, afirmando a necessidade de ir além da tolerância e da inclusão, modificando a cultura por meio da incorporação da diferença e do reconhecimento do Outro como parte da nossa identidade.

## Considerações finais

A partir da introdução do tema, dos conceitos abordados e da apresentação do histórico e do cenário atual das políticas de gênero na UFSM e no IFFar é possível tecer algumas considerações sobre o tema abordado. Primeiramente é preciso destacar o papel da escola e do sistema educacional como um todo como um espaço de normalização coletiva, de imposição da heterossexualidade compulsória e de modelos de como ser homem ou mulher, levando em conta os padrões heteronormativos.

Diante desse cenário, fica evidente a importância que os movimentos sociais (movimento feminista e posteriormente o movimento LGBT) e as teorias no campo dos Estudos de Gênero tiveram e continuam tendo ao possibilitar a abertura de espaço, principalmente no âmbito educacional, para novas perspectivas de se pensar as relações sociais, o gênero e a sexualidade. O modelo educacional masculino e tradicional não se sustentará por muito mais tempo, é preciso educar crianças para aprender com as diferenças e assim, construir relações mais igualitárias, pautadas no afeto e não na violência.

Nesse sentido, as instituições de ensino precisam mais do que nunca fazer jus ao seu caráter formativo, tanto na formação de professores e demais profissionais quanto na formação cidadã, para atuar no enfrentamento às desigualdades e violências de gênero, promovendo o respeito às diferenças por meio da educação. Podemos afirmar, portanto, que as políticas institucionais na perspectiva de gênero que vem sendo desenvolvidas e implementadas na UFSM e no IFFar convergem para essa linha de atuação.

## Referências bibliográficas

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo, MISKOLCI, Richard. Morte em Santa Maria: cidade vive escalada de violência de gênero. **Sul 21**, 2020. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2020/01/morte-em-santa-maria-cidade-vive-escalada-de-violencia-de-genero-por-fernando-de-figueiredo-balieiro-e-richard-miskolci/>. Acesso em: 10 mai. 2020.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo, RISK, Eduardo Name. Escola e Sexualidades: uma visão crítica à normalização. In: MISKOLCI, Richard; LEITE JUNIOR, Jorge.(Org.). **Diferenças na Educação**: outros aprendizados. 1ed. São Carlos: EdUFSCar, 2014

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2011000200016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200016&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 11 maio. 2020.

BORTOLINI, Alexandre. Diversidade Sexual e de Gênero na Escola. Revista **Espaço Acadêmico**, nº 123- Agosto, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade . Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

Instituto Federal Farroupilha. **Política de Diversidade e Inclusão do Instituto Federal Farroupilha** - Agosto de 2013. <Disponível em: <https://www.iffarroupilha.edu.br/a%C3%A7%C3%B5es-inclusivas/apresenta%C3%A7%C3%A3o> > Acessado em: 10 de maio de 2020.

Instituto Federal Farroupilha. **Resolução CONSUP nº 023/2016**, de 24 de Maio de 2016. Altera a redação, reorganiza os títulos e inclui o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual na Resolução CONSUP nº 015/2014 que dispõe sobre as Ações Inclusivas na Reitoria e dos campi e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha. <Disponível em: <https://www.iffarroupilha.edu.br/a%C3%A7%C3%B5es-inclusivas/apresenta%C3%A7%C3%A3o> > Acessado em: 25 de setembro de 2020. Acesso em: 10 de maio de 2020.

FARAH, Marta Ferreira dos Santos. Gênero e políticas públicas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000100004>. Acesso em: 09 maio. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª.ed. São Paulo:Vozes, 1997.

LISBOA, Teresa Kleba. Políticas públicas com perspectiva de gênero – afirmando a igualdade e reconhecendo as diferenças. **Fazendo gênero 9**. Diásporas, diversidades, deslocamentos. Florianópolis, 2010. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278289946\\_ARQUIVO\\_Texto.ST\\_Co\\_mpleto\\_FG9.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278289946_ARQUIVO_Texto.ST_Co_mpleto_FG9.pdf). Acesso em: 09 maio. 2020.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias* (UFRGS. Impresso), v. 21, p. 150-182, 2009.

MISKOLCI, Richard. Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica; UFOP, 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott- Gender: a useful category of historical analyses. *Gender and the politics of history*. New York, ColumbiaUniversity Press. 1989.

UFSM, **Minuta de Resolução**. Institui a Política de Igualdade de Gênero da Universidade Federal de Santa Maria (Processo n. 23081.055062/2018-39), Santa Maria, 2018.

## CONCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS LGBT NO AMBIENTE ESCOLAR: O QUE DIZEM OS/AS ALUNOS/AS?

**João Wallace Linhares**

*Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), aluno da Especialização em Ensino de Sociologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: joaowallaces@yahoo.com.br.*

### Resumo

A experiência escolar de alunos e alunas que por quaisquer motivos destoam das normas de gênero e sexualidade consideradas “normais” comumente são atravessadas por maus tratos, expressões homofóbicas que se concretizam de forma verbal ou física. O presente trabalho visa apresentar o resultado de uma pesquisa realizada em 2011 com estudantes de turmas de 9º ano de escolas públicas do município de Independência-CE. Seu objetivo principal esteve em verificar que concepções existiam sobre a homossexualidade e de que maneira a comunidade escolar lidava com aqueles que eram considerados lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT). Para tanto, foram aplicados um total de 79 questionários, com perguntas abertas e fechadas, a estudantes pertencentes a nove turmas de 9º ano distribuídas em quatro escolas. As contribuições teóricas advieram principalmente de Abramovay, Castro e Silva (2004), Junqueira (2009), Louro (1999; 2000), Miskolci (2005), entre outros. Com base no que foi analisado, constatou-se um contraste entre o que é dito e o que de fato ocorre no cotidiano escolar, uma vez que, apesar de comumente os discursos defenderem o respeito aos seus colegas LGBT, esse grupo ainda é vítima de constantes violências dentro da escola.

**Palavras-chave:** Escola, Alunos LGBT, Homofobia.

## Introdução

Quando se busca conhecer a maneira como a diversidade sexual é compreendida no espaço/tempo da escola, não pode-se deixar de perceber, seja nas reportagens de revistas, jornais e páginas da internet ou nas pesquisas acadêmicas que analisam as temáticas da violência e da sexualidade na escola, que entre as maiores vítimas de discriminação estão as pessoas que não se enquadram nos padrões de sexualidade considerados “normais”.

Dados publicados por Sérgio Carrara et. al. (2006) e Abramovay; Castro e Silva (2004) explicitam que as experiências escolares de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) são permeadas por exclusões e desrespeitos. Essa realidade reitera o que ocorre em outros espaços sociais, pois, mesmo com uma maior visibilidade dos/as homossexuais na sociedade e na mídia, de acordo com levantamentos do Grupo Gay da Bahia, vivemos no país com o maior número de crimes de ódio contra esse público (MOTT, 2007).

Diante disso, o presente trabalho visa apresentar o resultado de uma pesquisa qualitativa realizada em 2011 com estudantes de turmas de 9º ano de escolas públicas do município de Independência-CE<sup>1</sup>. Seu objetivo principal esteve em verificar que concepções existiam sobre a homossexualidade e de que maneira a comunidade escolar lidava com aqueles e aquelas que eram considerados lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), seja no modo como essa temática estava sendo abordada nas aulas, e/ou nas estratégias que eram utilizadas para agir frente à homofobia.

## Metodologia

Os dados que serão apresentados dizem respeito a uma pesquisa de campo realizada no período de 09 a 17 de junho de 2011. A cidade escolhida para o estudo possuía em seu distrito sede quatro escolas públicas que oferecem o 9º ano do Ensino Fundamental, sendo três da

---

1 Apresenta-se aqui alguns resultados da pesquisa intitulada “*Em escola o assunto fica mais diferente?*” *Abordando a homossexualidade no cotidiano escolar* (LINHARES, 2011), que foi apresentada como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Crateús (FAEC/UECE).

rede municipal de ensino e uma da rede estadual. Independentemente de suas localizações, todas atendiam alunos/as residentes em diferentes bairros e da zona rural do município. Encontravam-se matriculados na referida série um total de duzentos e sessenta e dois (262) estudantes, que eram acompanhados/as por trinta e dois (32) professores/as das diferentes disciplinas. Todo esse público formava nove (9) turmas que, conforme a ordem em que foram consultadas, receberam a denominação de T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7, T8 e T9.

Não sendo possível lidar com todos os alunos e alunas, optou-se por uma amostragem constituída por um grupo de setenta e nove (79) discentes, que correspondem a 30% do total da clientela do 9º ano. Trinta e seis (36) sujeitos declararam-se do sexo masculino e quarenta e três (43) do feminino, com a faixa etária de 13 a 17 anos. A seleção se deu através de sorteio.

Os instrumentos de coleta foram questionários com questões abertas e fechadas cujas perguntas focalizavam três eixos: as concepções sobre homossexualidade; a abordagem escolar sobre homossexualidade; as manifestações homofóbicas e suas formas de combate. Ao proceder dessa forma, foi possível trabalhar todos os dados adquiridos, bem como estes puderam servir para estabelecer parâmetros gerais para a cidade em questão.

## Referencial teórico

Guacira Lopes Louro (2000, p. 20-21) afirma que “a escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém ‘assuma’ sua condição de homossexual ou bissexual”, o que acaba por confinar esses/as alunos/as ao silêncio, marginalização e às violências consentidas dos intervalos. Essa realidade é ainda mais violenta para travestis e transexuais, pois, como revela Junqueira (2009), pela constituição de seus corpos e comportamentos, esses/as indivíduos não conseguem passar despercebidas/os pelo ambiente escolar.

A escola, juntamente com outras instituições, exerce uma “pedagogia da sexualidade e do gênero” que faz com que determinadas identidades e práticas sexuais sejam valorizadas, consideradas “normais” e “naturais”, ao passo que nega e subordina outras. Ao conceber as identidades de gênero e sexuais como naturais, cria-se um conjunto de discursos e práticas que tenta reproduzi-las, que tenta fazer com que crianças e jovens adquiram uma identidade masculina e feminina

“fixas” a fim de formar homens e mulheres “de verdade”, isto é, com comportamentos e desejos que são socialmente considerados como apropriados para cada sexo (LOURO 1999; 2000).

Essa pedagogia, de acordo com a autora supracitada, não ocorre através de conteúdos programáticos, mas, sobretudo, nas vivências cotidianas com colegas, professores/as e funcionários/as. Por agrupar muitas pessoas, o ambiente escolar favorece diversos contatos e também muitas “testemunhas” que ali presentes avaliam condutas. Assim, principalmente nos intercursos masculinos, as manifestações físicas de afeto são vigiadas, controladas e censuradas em muitas situações, para que não haja a transgressão do vínculo “normal” entre gênero e sexualidade, para que homens e mulheres vivam desejos e prazeres heterossexuais.

De acordo com Miskolci (2005, p. 15), ao limitar as diversas formas de se viver a masculinidade e feminilidade, o processo educativo reforça os modelos hegemônicos de homem e mulher, “contribuindo para que todos acreditem que meninos são masculinos porque ‘naturalmente’ têm gestos brutos e são mais agressivos, enquanto meninas seriam femininas por serem ‘por natureza’ delicadas e quietas”. Todavia, esses comportamentos não são “naturais”, como muitos julgam. Rogério Junqueira (2009), observa que os rapazes são constantemente incentivados a provarem sua virilidade, isto é, demonstrarem que não são mulheres nem “viados”, submetendo-se a práticas de violência ou de risco, uma vez que a expressão de sentimentos, preocupação e insegurança são vistos como “desvirilizantes”.

Deste modo, pode-se inferir o quanto o ideal do homem forte e destemido é fomentado como modelo único e desejável de masculinidade. A escola seria o local privilegiado onde meninos e meninas aprenderiam a construir suas identidades de gênero e sexual, sendo estimuladas/os a seguirem o padrão socialmente imposto a partir do que percebem como “certo ou errado, aceitável ou passível de rejeição” (LOURO, 2000; MISKOLCI, 2005).

Aqueles e aquelas que não se conformam aos padrões hegemônicos de gênero e sexualidade tornam-se “o outro” que é marginalizado pela comunidade escolar, sendo nomeado de “viadinho” ou “sapatão” da escola. Mesmo sem se identificarem como LGBT, diversos alunos e alunas experimentam durante toda a vida estudantil o escárnio público através das pichações em banheiros e carteiras, dos insultos, dos assédios e violências físicas (JUNQUEIRA, 2009). Além de fazerem

as vítimas se perceberem como indesejáveis, inferiores ou ridículas, essas experiências podem repercutir negativamente em vários aspectos de suas vidas.

É difícil negar que a homofobia na escola exerce um efeito de privação de direitos sobre cada um desses jovens. Por exemplo: afeta-lhes o bem-estar subjetivo; incide no padrão das relações sociais entre estudantes e destes com profissionais da educação (HUMAN WATCH, 2001); interfere nas expectativas quanto ao sucesso e ao rendimento escolar; produz intimidação, insegurança, estigmatização, segregação e isolamento; estimula a simulação para ocultar a diferença (MARTIN, 1982; CAETANO, 2005); gera desinteresse pela escola; produz distorção idade-série, abandono e evasão; prejudica a inserção no mercado de trabalho; enseja uma visibilidade distorcida; vulnerabiliza física e psicologicamente; tumultua o processo de configuração e expressão identitária; afeta a construção da auto-estima; influencia a vida socioafetiva; dificulta a integração das famílias homoparentais e de pais e mães transgêneros na comunidade escolar e estigmatiza seus filhos/as (JUNQUEIRA, 2009, p. 24).

Para alcançar uma visão positiva sobre seu gênero e sexualidade, os/as alunos/as LGBT terão que desvincular de suas identidades os significados que lhes foram socialmente atribuídos, ou seja, “será preciso deixar de percebê-los como desvios, patologias, formas não-naturais e ilegais de sexualidade” (LOURO, 1999, p. 83). Entretanto, isso ainda é um desafio, sobretudo quando se analisa a realidade escolar.

As tentativas trazer discussões sobre gênero e sexualidade para a escola ainda se fazem sob uma perspectiva médico-biológica, enfatizando os aspectos do crescimento e desenvolvimento do corpo humano e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Essa abordagem é problemática, pois traz em si “o risco de associar sexualidade com doença, certas enfermidades com determinadas práticas sexuais ou, ainda pior, inferir que certas práticas são doentias” (MISKOLCI, 2005, p. 22). Para Joca (2009), uma abordagem focada nos aspectos positivos da vivência da sexualidade, no respeito às subjetividades e à diversidade sexual, conseguiria mais êxito, uma vez que formaria sujeitos mais seguros para viverem seus desejos e prazeres, ao passo que enfrentaria o sexismo e a homofobia.

## Resultados e discussão

Os primeiros itens do questionário apontaram os modos como os/as estudantes compreendiam a homossexualidade. Havia palavras (jeito de ser, imoral, opção, doença, normal, pecado, entre outras) que eles deveriam marcar e depois justificar o porquê da sua escolha definir, na sua compreensão, a homossexualidade. Apenas a palavra “doença” não foi marcada.

A análise das justificativas mostrou que, mesmo marcando diferentes palavras, muitos/as traziam argumentos comuns nas suas justificativas, sendo organizados na tabela a seguir:

**Tabela 1 – Você considera que a homossexualidade é...**

Resposta	Quantidade de respondentes
Uma escolha	29,1%
Um jeito de ser diferente	22,8%
Pecado/Imoral	10,1%
Algo normal	8,9%
Algo que não se escolhe	6,3%
Natural/nasce com o indivíduo	6,3%
Algo que o indivíduo se torna	5,1%
Sem resposta	11,4%

**Fonte:** Pesquisa de campo realizada de 09 a 17 de junho de 2011.

Os argumentos utilizados por aqueles/as que compreendem a homossexualidade como **uma escolha** enfatizam diversas vezes que cada pessoa tem o “direito de decidir”, de “escolher” o que quer ser e de “viver sua vida como bem quer”. Alguns compreendem que essa escolha é individual e deve estar de acordo com o que cada um considera ser melhor para si, como se observa nesta resposta: “[...] todos têm o direito de ficar com quem se sente bem, que ama, não para agradar outras pessoas ou até mesmo suas famílias [...]”(ALUNA, 14 ANOS, T8).

Sentimentos como “amor” e “paixão” também se fizeram presentes nos argumentos daqueles/as que defenderam ser a homossexualidade **algo normal**, mas sem serem vistos como uma escolha. As respostas sugerem que é o fato de não haver a possibilidade de escolha do

objeto de amor ou paixão que faz a homossexualidade ser algo normal e “sem culpa”, assim como a heterossexualidade. Portanto, as pessoas têm direito de viver suas paixões sem serem julgadas por isso, afinal “é muito difícil encontrar uma pessoa que você ama muito em sua vida [...]” (ALUNO, 14 ANOS, T8) cada um deve ficar com alguém por quem “possa estar verdadeiramente apaixonado” (ALUNA, 15 ANOS, T8). Tais argumentos também foram utilizados por quem entendeu a homossexualidade como **algo que não se escolhe**.

Autoras como Figueiró (2007) tentam desconstruir a ideia de que a homossexualidade seria uma “opção sexual” lembrando, assim como os/as estudantes, que ninguém, independentemente de suas identidades de gênero e sexualidade, escolhe por quem irá se apaixonar. Além disso, é importante ressaltar que nossa sociedade é muito severa com a população LGBT, o que dificilmente faria alguém escolher o caminho do sofrimento. Exemplo disso, conforme a autora, é o fato de que homens e mulheres ao se perceberem fora dos padrões heteronormativos passam a sofrer e lutar contra seus sentimentos por saberem que isso significa enfrentar as dificuldades que serão impostas por preconceitos advindos, muitas vezes, de entes próximos.

Quando compreendida enquanto **um jeito de ser diferente**, sobressaíram nas respostas diferentes palavras ou expressões que complementavam a frase “cada pessoa tem seu jeito de ser”. Em suma, seriam modos diferentes de agir, pensar, amar, viver e ser feliz, e que isso é normal, disseram alguns, pois “todos somos diferentes” (ALUNA, 14 ANOS, T1). Em dois casos, o “jeito de ser” esteve especificamente ligado aos comportamentos: o modo de conversar, rir e andar. Um aluno destacou que esses comportamentos faziam com que os /as LGBT sofressem preconceitos: “[...] tem pessoas que não gostam de homossexual” (ALUNO, 13 ANOS, T5).

Na versão dos/as que disseram que a homossexualidade é **natural/nasce com o indivíduo** encontrou-se respostas que afirmavam todos nascem com o intuito de ser feliz, e que isso era importante. Duas alunas, entretanto, expressara suas opiniões de maneira diferente, dizendo que “[...] a pessoa já nasce com aquilo dentro de si” (ALUNA, 13 ANOS, T7) e que “pode acontecer que a pessoa nasça do sexo masculino mas se veja como uma mulher, pense e se sinta atraído pelo mesmo sexo” (ALUNA, 14 ANOS, T1).

Contrariando tal ideia, houveram estudantes que consideraram a homossexualidade como **algo em que o indivíduo se torna**. Para eles/

as, é algo normal tornar-se homossexual e que “[...] tudo vai acontecendo naturalmente” (ALUNA, 14 ANOS, T4). Um aluno afirma que qualquer pessoa pode ter uma relação homoerótica. Outra aluna argumentou sua resposta da seguinte forma: “É normal porque muitas mulheres se acham solitárias [...]. Muitos amigos homens se conhecem muito tempo e dali vai começando a se gostar” (ALUNA, 14 ANOS, T5).

Das pessoas que entenderam a homossexualidade como **pecado**, a sua maior parte (4 respondentes) justificou somente que Deus fez o homem para a mulher. Duas alunas que se expressaram de forma similar, acrescentaram as suas respostas que, mesmo considerando as relações entre pessoas do mesmo sexo algo errado, dizem respeitar “a escolha de cada um” (ALUNA, 14 ANOS, T2). Outro estudante expôs uma ideia diferente dos demais, para ele seria pecado porque os homossexuais influenciam outras pessoas a serem também homossexuais. Apenas um aluno percebeu a homossexualidade como algo **imoral**. Para ele, a sexualidade em si já é algo imoral, portanto, “falar disso [homossexualidade] já é imoralidade” (ALUNO, 17 ANOS, T7).

A moral cristã contribuiu fortemente na imagem dos/as LGBT como sujeitos condenáveis e imorais. De acordo com Busin (2008), a sexualidade é considerada pelo cristianismo – sobretudo a Igreja Católica, por ser a mais influente – como algo perigoso, admitida apenas para a procriação, que levaria a constituição de uma família “a base da sociedade”, logo, toda prática que não levasse a concepção seria um ato pecaminoso e antinatural. Desta forma, as relações sexuais entre iguais passaram a ser sinônimo de imoralidade e promiscuidade, uma busca incessante pelo prazer de qualquer forma.

Ao se analisar as respostas referentes a como os/as estudantes percebem o tratamento recebido pelos/as alunos/as LGBT em suas escolas, uma contradição se sobressai. Embora os discursos analisados anteriormente indiquem o respeito e a defesa desses/as indivíduos, mais de 70% afirmaram que seus/suas colegas “tratam (muito) mal”, “têm preconceito”, excluem os/as que não estão no padrão heteronormativo. Ou seja, nem sempre o que está nas falas acontece na prática, havendo respondentes, sobretudo meninos, que admitem fazer parte de grupos que discriminam, ou que eles próprios têm essas atitudes: “Um pouco errado, mas às vezes trato mal também” (ALUNO, 14 ANOS, T9); “Nós tratamos às vezes mal, às vezes mangamos” (ALUNO, 14 ANOS, T2).

Mesmo observando o tratamento dado a seus/suas colegas, um estudante não estranha esse comportamento e diz achar que “está bem”. No que tange a discussão da sensibilização com as violências, Abramovay, Castro e Silva (2004) observam que os rapazes se sensibilizam menos com a homofobia, seria ela uma violência mais abertamente assumida, e muitas vezes praticada como forma de afirmação de sua masculinidade, pois o contato com homossexuais comprometeria a autenticidade do seu gênero.

A forma como a homofobia se manifesta no cotidiano das escolas aqui analisadas se dá principalmente, conforme 29,1% dos/as alunos/as, através de palavras. São ofensas que ocorrem através de risos, zombaria, piadas, insultos, apelidos, palavras hostis. Nos questionários são relatados alguns nomes pelos quais denominam os/as estudantes considerados/as LGBT, a saber: viadinho, mulher, sapatona, boiola e bicha. Para Abramovay, Castro e Silva (2004, p. 286):

A recorrência a linguagem pejorativa é comum nas violências contra homossexuais. É importante destacar a linguagem porque por ela se apresenta visões de mundo, representações e também a nomeação do outro por formas negativas ou contrárias à sua vontade, com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar.

Além das agressões verbais, também ocorrem ameaças, quando não há violência física, “as brigas”. Na resposta de uma aluna: “[...] eles tratam muito mal, eles fazem pouco delas, dizem as coisas, batem” (ALUNA, 14 ANOS, T3). Os/as alunos/as que relatam essas agressões as consideram erradas e desrespeitosas, argumentando que todos somos iguais, e que as pessoas devem ser respeitadas “mesmo que isso [homossexualidade] não seja normal” (sic) (ALUNA, 15 ANOS, T9).

Houveram quatro alunas que afirmaram não haverem estudantes LGBT em suas escolas, o que não significa que a homofobia não estivesse presente. Elas afirmam isso pelo fato de que quando se fala sobre homossexualidade na escola “eles [os meninos] ficam dizendo coisas muito sem graça” (ALUNA, 16 ANOS, T3) e nos conflitos que acontecem na escola utilizam as mesmas palavras que são atribuídas aos homossexuais: “[...] ficam xingando os outros, chamando de viado ou sapatona” (ALUNA, 14 ANOS, T5).

Ao serem questionados/as sobre a maneira como professores/as e núcleo gestor agem diante das manifestações homofóbicas, 31,6%

responderam que a escola pune ou conversa com os/as agressores/as, com o intuito de que as agressões não se repitam “[...] nem dentro da escola e nem fora” (ALUNA, 15 ANOS, T9).

Todavia, 13,9% dos/as alunos/as afirmaram que essas ações são insuficientes para resolver os conflitos. Cinco (5) alunos/as observam que as conversas não ajudam para mudar o quadro de violência e que muitos profissionais não sabem como agir. Os sermões dos/as professores/as não inibem o alunado e a gestão só toma alguma iniciativa quando há reclamações por parte do corpo docente, mas o máximo que acontece são castigos “e deixa pra lá” (ALUNA, 15 ANOS, T8). Em uma resposta se lê: “Apenas conversam com o agressor e com o discriminado, depois de um tempo o preconceito aparece de novo e nada é feito” (ALUNA, 14 ANOS, T2).

Já outros/as seis alunos/as, ou seja, 7,6% do total, não testemunham nenhuma atitude por parte da escola frente às agressões motivadas pela (suposta) homossexualidade de outrem; seus escritos trouxeram frases simples, afirmando apenas que não veem a escola (professores/gestão) fazer/falar nada. Duas alunas, entretanto, disseram que muitos/as docentes não se incomodam com as manifestações homofóbicas que presenciam: “Alguns buscam conversar e dar apoio e punir esses agressores, mas outros nem se importam, fingem que não veem” (ALUNA, 14 ANOS, T2). “Os professores muitas vezes não fazem nada” (ALUNA, 14 ANOS, T7).

Não obstante, ainda houve referências em sete questionários, que correspondem a 8,9% do total, de que não se pratica nenhuma violência contra LGBT em suas escolas, sendo que três dos respondentes ressaltam que, se houvesse, a escola “agiria muito bem” (ALUNO, 14 ANOS, T7), talvez porque, como afirma uma aluna, “ela age com rigor e não aceita nenhum tipo de insulto com os demais alunos” (ALUNA, 14 ANOS, T3). Vale a pena ressaltar que desses sete estudantes, quatro relataram em questões anteriores que agressões verbais ocorriam em suas escolas. Parece, portanto, que os “insultos”, as “críticas” e os “preconceitos” podem não ser consideradas por eles/as como agressões de fato.

## Considerações finais

Ao analisar o conjunto das respostas dos questionários, fica claro que muitos/as estudantes não possuem um conceito comum, fixo e

claro sobre o que seria a homossexualidade, havendo questionários em que os/as respondentes se contradiziam algumas vezes. Embora sejam comuns as afirmações de que a homossexualidade não deve servir como motivo para discriminação, manifestações homofóbicas ainda são frequentes nas escolas pesquisadas, ocorrendo de várias formas e até mesmo quando se afirma não haver LGBT nesse espaço. Essa contradição entre o que se diz e o que se vive sugere que muitos/as alunos/as adotam um discurso “correto”, mas deixam de identificar a si e suas práticas como discriminatórias, uma vez que sabem que atitudes desse tipo são consideradas erradas.

Ademais, mesmo que professores/as e gestores/as tenham atitudes de combate à homofobia, elas ainda não têm sido eficazes para fazer da escola um lugar de paz e respeito aos alunos e alunas LGBT.

## Referências

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventudes e Sexualidades**. Brasília: UNESCO, 2004.

BUSIN, V. M. **Homossexualidade, religião e gênero**: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas. 2008. 187f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008a.

CARRARA, S. *Et. al.* **Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa da 9ª parada do orgulho LGBT – São Paulo 2005**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Homossexualidade e educação sexual**: construindo o respeito à diversidade. Londrina: UEL, 2007.

JOCA, A. M. Educação escolarizada e diversidade sexual: problemas, conflitos e expectativas. In: COSTA, A. H. C.; JOCA, A. M.; LOIOLA, L. P. (Org.). **Desatando nós**: fundamentos para a práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Secad/MEC, UNESCO, 2009.

LINHARES, J. W. **“Em escola o assunto fica mais diferente”?** Abordando a homossexualidade no cotidiano escolar. 2011. 99f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação de Crateús, Universidade Estadual do Ceará, Crateús-CE, 2011.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MISKOLCI, R. Um corpo estranho na sala de aula. In: ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V. **Afirmando Diferenças**. Campinas-SP: Papyrus, 2005.

MOTT, L. HOMOFOBIA: UMA PRAGA CRISTÃ. **Revista Brasileira De Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 18 n. 2, jul./dez.2007.

## CURSO DE FORMAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

### **Aurivar Fernandes Filho**

*Psicólogo lotado na Coordenadoria de Diversidade Sexual e Enfrentamento da Violência de Gênero da Secretaria da Ações Afirmativas e Diversidades da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Mestrando em Saúde Mental e Atenção psicossocial, na Pós-Graduação em Saúde Pública – UFSC. Membro do Laboratório Interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão em sexualidades. AFRODITE-UFSC-CNPq. E-mail: aurivar.filho@ufsc.br.*

### **Olga Regina Zigelli Garcia**

*Enfermeira. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do Espaço Cultural Gênero e Diversidade – UFSC. Líder do Laboratório Interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão em sexualidades. AFRODITE-UFSC-CNPq. E-mail: zigarcia@gmail.com.*

### **Resumo**

No que se refere às categorias gênero e sexualidade, há uma regulação que naturaliza e legitima a cisheteronormatividade como hegemônica e obrigatória, tornando os espaços sociais atravessados por diversos marcadores sociais da diferença, gerando exclusão, discriminações e violências a quem escapa do padrão estabelecido. Neste cenário, a universidade também encontra em seu ambiente um espaço de (re) produção social de intolerância quanto às diferenças sexuais e gênero. Diante dessa realidade, a Coordenadoria de Diversidade Sexual e Enfrentamento da Violência de Gênero da Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades da Universidade Federal de Santa Catarina ofereceu, entre 2019/2020, dois cursos de capacitação, intitulados Gênero e Diversidade no Ambiente Universitário, direcionados a professoras/es e servidoras/es

técnico-administrativos. Os cursos objetivaram capacitar os participantes na consolidação de práticas de ensino e atendimentos respaldados no respeito às diferenças e construção de um espaço universitário acolhedor. Como metodologia, foram utilizadas aulas expositivo-dialogadas, leituras de textos e exercícios, estudos de casos, palestras e rodas de conversas com convidados nas temáticas de gênero, sexualidades, diversidade, violências e suas intersecções no ambiente acadêmico. Na avaliação dos participantes do curso o mesmo foi importante para reverem suas posturas e adotarem atitudes mais respeitosas e inclusivas, sugerindo seu caráter obrigatório. Os projetos de intervenção elaborados ao final do curso demonstraram a efetiva contribuição do curso para o desenvolvimento de práticas inclusivas no ambiente de trabalho e sala de aula. Recomenda-se que cursos desta natureza sejam oferecidos por outras instituições de ensino superior do Brasil.

**Palavras-chave:** Universidade, Sexo, Gênero, Formação, Diversidade Sexual.

## Introdução

Os espaços sociais são atravessados por diversos marcadores sociais da diferença. No que se refere às categorias de gênero e sexualidade há uma regulação que naturaliza e legitima a cisheteronormatividade como hegemônica e obrigatória, instituindo mecanismos de exclusão, discriminações e violências às sexualidades que fogem ao padrão estabelecido. Nessa trama, a universidade atua no questionamento e construção de saberes, mas, também, encontra em seu ambiente um espaço de (re) produção social de intolerância quanto às diferenças sexuais e de gênero.

De onde se segue que, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), fundada em 1960, recebeu sua primeira aluna transexual somente em 2011. Ingressada no então recém-criado curso de Arquivologia, a referida aluna encontrou dificuldades relacionadas à matrícula e nome de registro na frequência.<sup>1</sup> A sua luta pelo direito ao uso do nome social culminou na aprovação e homologação, em 2015, da Resolução nº. 59/CUN/2015<sup>2</sup>, que dispõe sobre o uso do nome social para pessoas trans nos registros acadêmicos no âmbito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), desde a inscrição no vestibular.

O referido cenário fez com que o Prof. Luiz Cancellier, eleito e empossado como reitor da UFSC em 10 de maio de 2016, criasse a Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades (SAAD), tendo em sua estrutura a Coordenadoria de Diversidade Sexual e Enfrentamento da Violência de Gênero (CDGEN); A coordenadoria tem com objetivo assessorar a SAAD no estabelecimento de políticas de enfrentamento à fobia de gênero e violências contra mulher na instituição. Mais que isso, se estabeleceu como um espaço de apoio institucional para a promoção dos direitos da população universitária de lésbicas,

1 Deixo legado diz primeira trans a ser formar na UFSC com nome social. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/08/deixo-legado-diz-primeira-trans-se-formar-na-ufsc-com-nome-social.html>. 2015. Acesso em 10 de março de 2021.

2 Atualmente, segundo dados do Departamento de Administração Escolar, 30 (trinta) alunos solicitaram o uso do nome social na graduação e 5 (cinco) alunos da pós-graduação, conforme Pró-Reitoria de Pós Graduação da UFSC.

gays, bissexuais, travestis, transexuais, *queer*, interssexuais e demais (LGBTQIA+) e mulheres vítimas de violências nos cinco campi da instituição.

Com isso, no ano de 2017, durante a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPEX) realizada na UFSC, um aluno recém-ingresso parou em frente ao *stand* da SAAD e questionou sobre o tipo de apoio psicológico que a CDGEN oferecia à população LGBTQIA+. A partir desta indagação, a equipe da CDGEN concebeu e institucionalizou, em novembro do mesmo ano, o projeto CDGENcuida no qual é oferecido às/aos estudantes um espaço de escuta, acolhimento, apoio e denúncias nas questões referentes à LGBTQIAfobia, violência contra a mulher nos espaços da universidade e a oferta de atendimento psicológico individual/grupos reflexivos para a população alvo do projeto<sup>3</sup>.

A partir dos atendimentos, encontros, denúncias recebidas e indicações de estudantes ficou explícito que não bastava apenas atender aqueles que enfrentam problemas por sua dissidência de gênero na academia, mas também era necessário atuar no (c) sistema, por meio de educação e formação, voltadas para professores e servidores técnico-administrativos da instituição com foco no respeito às diversidades e inclusão.

Diante disso, a CDGEN, por intermediação de seu psicólogo e uma professora líder do Laboratório Interdisciplinar de Ensino, pesquisa e extensão em sexualidades: AFRODITE-UFSC-CNPq, propôs e desenvolveu dois cursos de capacitação, intitulados Gênero e Diversidade no Ambiente Universitário, direcionados aos servidores docentes (2019) e técnicas/o-administrativos (2020).

Os cursos objetivaram capacitar os/as participantes na consolidação de práticas de ensino e atendimentos à comunidade acadêmica da UFSC respaldadas no respeito às diferenças e na construção de um espaço universitário acolhedor. O objetivo deste texto é relatar esta experiência promovendo a interlocução com a bibliografia a respeito da temática.

---

3 O projeto, implantado a partir do primeiro semestre de 2018 realizou, até março de 2021, 560 atendimentos psicológicos a estudantes da UFSC, com *feedback* positivo dos mesmos sobre a importância do projeto em sua vida pessoal e acadêmica.

## Metodologia

O curso direcionado ao corpo docente, realizado por meio do Programa de Formação de professores (PROFOR) da UFSC em 2019, foi ofertado na modalidade presencial com cinco encontros de quatro horas cada, totalizando vinte horas com 4 horas e 15 inscrições. A formação de servidoras/es técnico-administrativos, foi oferecida em 2020 na modalidade remota, por conta da pandemia do COVID-19, via Ambiente Virtual de Aprendizagem/*Moodle*, com um total de 34 horas e 33 inscritos - sendo 12 de atividades síncronas e 22 horas de atividades assíncronas, tais como *chat*, fórum de discussão, questionários, etc.

Em ambos os cursos utilizou-se das: aulas expositivo-dialogadas, leituras de textos, aplicação de exercícios, análise de estudos de casos, palestras e rodas de conversas com convidadas/os/es. As temáticas abordadas foram: história da sexualidade; gênero; construção dos estereótipos de gênero; construção das masculinidades e feminilidade; diversidade sexual e a cisheteronorma; violências de gênero; gênero e diversidade sexual no ambiente universitário; saúde mental e diversidade; impacto de atitudes preconceituosas e discriminatórias no ambiente de trabalho/sala de aula e questões relacionadas à direitos humanos. Todo conteúdo foi permeado pelas intersecções de raça, etnia, classe e deficiência.

No último módulo do curso direcionado às/aos servidoras/es técnico-administrativos, os participantes foram convidados a elaborar uma proposta de intervenção para o seu setor de trabalho na UFSC que abarcasse uma das temáticas abordadas. As propostas foram socializadas durante o último encontro síncrono.

## Resultados e discussão

Pesquisas realizadas no ambiente universitário apontam atitudes negativas e de intolerância direcionadas à população LGBTQIA+, presentes na naturalização de atos LGBTQIAfobicos em trotes e “brincadeiras” que se perpetuam diante do silenciamento e omissão institucionais quanto aos casos ocorridos – o que releva ausência de discussões e políticas institucionais de respeito às diferenças (NOTA,

2012; NARDI *et al.*, 2013; ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2015; SILVA, 2017; MORETTI, 2019).

Segundo Nardi e Quartiero (2012) a diversidade se torna objeto de atenção nas instituições de ensino quando se instaura como um problema, ou seja, quando a norma tem dificuldade de ser reiterada nas performances de gênero e da sexualidade. Nesta perspectiva, quando algo se confronta com lógicas paradoxais que denunciam a construção social da norma e de nós mesmos, a necessidade de reflexão emerge.

Foi exatamente o que aconteceu na UFSC, quando a entrada de pessoas trans no vestibular, colocou em questionamento a cisheteronorma vigente e a presunção e naturalização da cisheterossexualidade das pessoas da academia. O impasse criado levou à necessidade da criação de instrumentos legais que garantissem o pleno direito dessas pessoas e a se pensar medidas que visassem o combate a homolesbotransfobia no ambiente universitário buscando romper com a invisibilidade da diversidade sexual, bem como sua visibilidade negativa.

Porém, como afirma Piovesan (2005) não é suficiente proibir a exclusão mediante legislação repressiva. Quando o que se pretende é garantir a igualdade de fato, com a efetiva inclusão social de grupos que sofreram e sofrem um consistente padrão de violência e discriminação. é essencial o uso de estratégias promocionais capazes de estimular a inserção e inclusão de grupos socialmente vulneráveis nos espaços sociais.

Nesse contexto, surgiu a necessidade de realizar cursos de formação/capacitação de servidores docentes e técnico-administrativos a fim de garantir o respeito à diversidade e combater a LGBTQIAfobia na UFSC. A formação continuada é apontada por Souza e Noleto (2018, p. 200) como uma ferramenta para “problematizar a existência da diversidade de identidades sociais e de sujeitos políticos que constituem o mundo contemporâneo” e, ainda, promover o diálogo e o debate pautados na igualdade e justiça.

Nesta perspectiva o recurso da formação em gênero e diversidades como ferramenta de mudanças e transformações emergiu no discurso dos professores registrado nas avaliações finais, em que são indicados o impacto/mudanças promovidas após a formação, tais como: “*Aprendi a ver o que antes era invisível pra mim: a diversidade*”, “*O curso me fez ver o quanto fui insensível e diria até desumana para com*

*peças trans na UFSC. Agora vou brigar pelo respeito a toda pessoa independente de orientação sexual, identidade de gênero. Vou ser com certeza uma melhor professora”.*

Para além disso, os docentes relataram a importância da formação para a instrumentalização em sua práxis educativa, como bem aponta o relato de uma professora: *“o curso me instrumentalizou para atenção à diversidade humana em sala de aula, sobretudo no que diz respeito às identidades de gênero e sexuais”.* Esta percepção é apontada por outras/os docentes: *“Agora saberei atender meus alunos trans em suas necessidades. Parabéns pela iniciativa. A universidade precisa de mais formações como essa!”; “Com certeza a partir dos aprendizados serei melhor professora e ser humano.”*

Em sua avaliação sobre o curso os servidores técnico-administrativos destacaram a riqueza de informações e conhecimentos necessários à uma convivência respeitosa e pautada nos direitos humanos, pois, *“todos têm contato com alunos e colegas de trabalho e compreender a diversidade facilitaria o relacionamento e a construção do respeito a essas diferenças, bem como a desconstrução de preconceitos com relação ao tema.”.* Mais que isso, registraram a importância do mesmo para mais pessoas, haja vista ser a UFSC *“uma instituição plural, onde pessoas de várias formações, costumes e crenças devem conviver de forma harmoniosa. Para tanto, compreender a diversidade de gênero é um dos caminhos que pode possibilitar tal convívio”.*

A quase totalidade das narrativas quanto ao desejo de que o curso fosse obrigatório para todas/os/es justamente por *“oferecer conteúdo extremamente necessário para o trabalho técnico”* e trazer *“informações e conhecimentos que terão impacto nas relações no ambiente institucional”.* Tais narrativas mostram-nos o quanto o curso ofertado promoveu mudanças e reflexões em contradição ao processo de normalização e ajustamento hetero regulador e de marginalização de sujeitos, saberes e práticas dissidentes em relação à matriz heterossexual” (JUNQUEIRA, 2015, p. 225).

Para além das avaliações das/os servidores técnico-administrativos sobre o curso, suas propostas de intervenção (algumas delas já em execução) demonstraram a apropriação do conteúdo e consideração à diversidade no ambiente de trabalho:

1. Construção de um protocolo sobre inclusão gênero e diversidade do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica.

Objetivo: Elaborar um protocolo ou um conjunto de orientações para os alunos e colaboradores do laboratório sobre condutas que favoreçam, continuamente, a inclusão de gênero e da diversidade étnica e racial nas atividades acadêmicas do âmbito do laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica (ECOHE), um laboratório de pesquisa acadêmica vinculado ao Departamento de Ecologia e Zoologia, Centro de Ciências Biológicas/UFSC.

2. A diversidade no combate a desinformação. Objetivo: esclarecer, aos discentes e docentes do Programa de Pós-graduação em Física, os vários conceitos que englobam a diversidade sexual, com destaque para as diferentes possibilidades de identidade sexual e de gênero.
3. Relação entre os marcadores da deficiência e de gênero e orientação sexual entre os estudantes com deficiência na UFSC. Objetivo: Compreender como ocorrem as relações entre os dois marcadores (gênero/orientação sexual e deficiência) de acordo com as experiências dos estudantes com deficiência na UFSC.
4. Violências de gênero no cotidiano no Campus Joinville e as suas repercussões na saúde mental de servidores e estudantes. Objetivo: Conceituar, apresentar e criar estratégias para reconhecimento e enfrentamento das violências de gênero aos estudantes, servidores e trabalhadores terceirizados do Campus Joinville, e discutir a repercussão dessas violências na saúde mental dos servidores e estudantes.
5. Homofobia é brincadeira? Objetivo: Buscar a sensibilização e reflexão sobre algumas condutas recorrentes que pretendem diminuir ou excluir homossexuais, ainda que feitas de modo inconsciente, na academia.
6. Atendimento em rede: qualificando o atendimento à população LGBTQIA+ na Assistência Estudantil da UFSC. Objetivo: Levantamento e construção de rede de suporte para o atendimento à população LGBTQIA+ na Assistência Estudantil da UFSC.
7. Divisão e igualdade nas atividades coletivas no ambiente de trabalho. Objetivo: propor uma escala mensal de divisão dessas tarefas entre todos os homens e mulheres do setor, com a

- pretensão de melhorar as relações no ambiente de trabalho, deixando-o mais justo e igualitário.
8. Manual para uma comunicação inclusiva no IEG. Objetivo: Oferecer conhecimentos teóricos e práticos sobre formas de comunicação partindo de uma linguagem inclusiva.
  9. Respeito é bom e a UFSC gosta! Objetivo: Trabalhar a temática do Gênero e da Diversidade Sexual nas reuniões e encontros promovidos pela CEUFSC.
  10. Refletindo para avançar: compreensões de docentes sobre o papel dos estudos de gênero em suas aulas. Objetivo: investigar junto aos docentes que atuam no Departamento de Educação Campo/UFSC suas concepções sobre a importância das questões de gênero e diversidade sexual em sua atuação profissional. Compreender práticas já realizadas que denotam relações com as temáticas investigadas.
  11. Olá, estamos aqui e queremos ser respeitadas! Objetivo: expor como as mulheres (alunas, professoras, técnicas) são afetadas pelo comportamento dos homens do Centro de Ciências físicas e matemáticas, instigando a reflexão sobre as atitudes/comportamentos em relação às mulheres do centro.
  12. Parentalidade, cuidado compartilhado e trabalho. Objetivo: ajudar pais e mães trabalhadores da UFSC a compartilharem os cuidados com os filhos de modo a tornar mais tranquilo o trabalho, já que ambos têm responsabilidade igual por tais tarefas.
  13. Maxismo e masculinidade tóxica: perdas e ganhos. Objetivo: Promover o respeito à diversidade no Centro Tecnológico de Joinville e, portanto, um ambiente de trabalho, estudo e convivência mais agradável e saudável.
  14. Semana catavento de visibilidade LGBTQIA+ no Centro Tecnológico. Objetivo: suscitar a sensibilização, conscientização e participação, do corpo discente e, sobretudo, de servidores técnico administrativos e docentes da UFSC, além da comunidade em geral, para a causa LGBTQIA+, além da misoginia e violência contra mulheres, nos ambientes de trabalho e convivência em geral, de todos os entes constitutivos do Centro Tecnológico.
  15. Desmistificando os gêneros e sexualidades. Objetivo: atualização e desmistificação das terminologias e conceitos

relacionados às diversidades de gênero e sexualidades no campus da Araranguá.

16. Comunicação inclusiva em gênero nas secretarias de pós-graduação. Objetivo: Tornar as comunicações mais abrangentes e inclusivas em relação aos gêneros do público alvo de atendimento nas secretarias de pós-graduação da UFSC.
17. Rodas de conversa sobre gênero e sexualidade com futuros docentes. Objetivo: propor a implementação de um ciclo de rodas de conversa, durante as paradas pedagógicas do Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC ao longo do ano, acerca de gênero e diversidade sexual para os (as) estagiários (as), abordando, principalmente, a educação sexual desde a pré-escola.
18. “Trapeiros”: masculinidades em debate. Objetivo: partilhar sobre o modo como a masculinidade se manifesta e impacta a relação do homem consigo mesmo, com o outro e na sociedade.
19. Como inserir o debate de gênero na educação de bebês e crianças pequenas? Objetivo: Problematizar o debate de gênero em uma escola de educação pública federal – o Colégio de Aplicação da UFSC, com foco em um debate estruturado com adultos.
20. Setembro Amarelo e saúde mental da população LGBTQIA+ na UFSC campus Araranguá. Objetivo: Realizar uma web conferência sobre o setembro amarelo e a saúde mental da população LGBTQIA+ em parceria com comitê de atenção psicossocial da UFSC campus Araranguá.

A partir das informações supracitadas destacamos as inúmeras possibilidades de ações e projetos voltados para a valorização da diversidade nos diversos espaços da universidade. Desse modo, a necessidade de formação em gênero e diversidade para professores e técnicos no ambiente universitário emerge como uma rica potencialidade de engajamento desses profissionais para a produção de um espaço no qual hajam discussões, projetos, ações e a oferta de disciplinas promotoras de cidadania e respeito às possibilidades e identidades de gênero e orientações sexuais (SILVA; LAPINSKI, 2019).

## Considerações finais

A universidade deve ser um local onde podem e devem vicejar reflexões sobre as contradições e as diferentes visões de mundo. Nesse sentido, tem o dever e a responsabilidade de estar imersa nas contradições da barbárie e da liberdade humana que permeiam as questões da diversidade. (SOBRINHO, 2015). Foi nesta perspectiva que a CDGEN implantou os cursos de formação em Gênero e Diversidade no ambiente universitário para servidores docentes e técnicas/os-administrativos da UFSC.

Os cursos possibilitaram a ampliação do conhecimento sobre as temáticas mostrando-se como um recurso importante e eficaz para diminuição LGBTQIAfobia no espaço institucional e aumento das práticas inclusivas e não discriminatórias. Tais práticas podem ser reconhecidas nos projetos de intervenção construídos pelos participantes ao final do curso com a intenção de propiciar a aplicação dos temas estudados em seu ambiente de trabalho/sala de aula.

Assim como Silva (2017) entendemos a universidade como uma instituição social, que reflete a estrutura e a forma de funcionamento da sociedade. No entanto, em nossa percepção, ela não pode ser um espelho do contexto social produzindo, reproduzindo e naturalizando as diferenças e hierarquias e inferiorizando e hostilizando as pessoas que não correspondem a norma cisheterossexual ao binarismo de gênero, que culminam em preconceitos, discriminações e violências. Equanto instituição formadora tem o dever de fazer diferente, exercendo seu papel de questionamento do que está posto como verdade absoluta propiciando a mudança da realidade social.

No caso da Universidade Federal de Santa Catarina, a experiência por nós vivenciada e a avaliação dos participantes do curso de formação em Gênero e Diversidade no ambiente universitário, mostrou que a estratégia de oferta de cursos de formação/capacitação nesta temática é uma ferramenta eficaz que produz resultados positivos no sentido de acolhimento e respeito às diferenças.

Com isso, o cenário nos leva a indicar a necessidade de ampliar a oferta de cursos desta natureza à toda comunidade universitária das Instituições de Ensino Superior no Brasil com vistas a acolher com respeito e tratamento digno as pessoas que escapam a norma cisheterossexual, o que permitirá através da permanência qualificada não só

o êxito acadêmico, mas também oferecer, por direito, um espaço para produção e desenvolvimento de suas potencialidades como sujeitos/es em sua trajetória formativa.

## Referências

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Temos um problema em nossa escola: um garoto afeminado demais”. *Pedagogia do armário e currículo e ação. Revista Educação e Políticas em Debate*, v. 4. N. 3, ago/dez, 2015.

NARDI, H.C.; MACHADO, P.S.; MACHADO, F.V.; ZENEVICH, L. O “armário” da universidade: O silêncio institucional e a violência, entre a espetacularização e a vivência cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero. *Teoria e Sociedade*, Belo Horizonte, n. 21.2, p. 179-200, 2013.

NOTA, J. M. **Conhecimentos, atitudes e representações face às homossexualidades entre os futuros professores de Biologia para o ensino secundário geral**. Dissertação (Mestrado em Educação: ensino da Biologia) – Universidade Pedagógica, Maputo, 2012.

MORETTI-PIRES, R. O. et al. Preconceito contra Diversidade Sexual e de Gênero entre Estudantes de Medicina de 1º ao 8º Semestre de um Curso da Região Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica* (Supl. 1), p. 568-578, 2019.

OLIVEIRA, M.R. **Angústia e colonialidade do ser: percepção sobre LGBTfobia em estudantes de Licenciatura em Pedagogia e em Física do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco**. Dissertação. (Mestrado em educação contemporânea). Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 230 p., 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3196>. Acesso em 10 de março de 2021.

RIBERIO, C. J., MORAES, D.F. C.; MEDEIROS, K. N. R. (2020). A universidade e os corpos invisibilizados: para se pensar o corpo LGBT. *Diversidade E Educação*, 7(2), 357– 372. 2019.

SOUZA, L. P. de; NOLETO, R. S.. Formação docente para a diversidade sexual e de gênero: discutindo conceitos e encontrando possibilidades. In.: ANDRADE Bruna; GONÇALVES, Marcos Felipe (orgs.). *Genero e diversidade na escola: cenas, contexto e indicadores educacionais da região do.* – Palmas/TO: EDUFT, 2018, p 198-216.

SILVA, I. M. M.; LAPINSKI, T. F. Universidade: espaço para (re)pensar concepções de gênero, masculinidade e suas implicações na formação de pedagogos. *Revista Diversidade e Educação*, v. 7, n. 1, p. 18-26, jan/jul. 2019.

SILVA, E. L. S. **Trajetória, permanência e afiliação de estudantes lgfts na UFRB: a transformação do estigma em orgulho.** Dissertação (Mestrado em estudos interdisciplinares sobre a Universidade). Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/22676/1/Dep%3%b3sito\\_DISSERTA%3%87%3%830\\_ElderLuan\\_PPGEISU.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/22676/1/Dep%3%b3sito_DISSERTA%3%87%3%830_ElderLuan_PPGEISU.pdf) Acesso em 28 de março de 2021.

## EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE GÊNEROS E SEXUALIDADES: O QUE SE TEM PRODUZIDO NAS CIÊNCIAS DA SAÚDE?

### **Katiele Hundertmarck**

*Mestra em Saúde Materno Infantil. Pós-graduanda em Educação para a Sexualidade na Universidade Federal do Rio Grande -FURG, katielehun@gmail.com;*

### **Alice de Souza Ribeiro**

*Coordenadora do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual, IFFar – Campus JC, Doutora em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal de Santa Maria. alicecta@gmail.com;*

### **Carolina Araujo Londero**

*Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Franciscana-UFN, carolina.alondero@gmail.com;*

### **Fabíola Pinto Pardini**

*Mestra em Saúde Materno Infantil - UFN; bilafpp18@gmail.com;*

### **Martha Helena Teixeira de Souza**

*Professora orientadora: Doutora em Ciências. Professora na Universidade Franciscana - UFN, marthahts@gmail.com;*

## **Resumo**

As ações de educação para a sexualidade com objetivos de educação e promoção da saúde para a vivência da saúde sexual de forma mais saudável e inclusiva é um direito. Objetivou-se conhecer o que a literatura científica em ciências da saúde tem publicado acerca da educação para a sexualidade considerando a diversidade de gêneros e sexualidades nos diversos espaços educativos. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica do

tipo revisão integrativa de literatura nas bases de dados BVS e MEDLINE/PubMed, a partir dos descritores em ciências da saúde “educação sexual” and “minorias sexuais e de gênero” e “*sex education*” and “*sexual and gender minorities*”, respectivamente. Foram selecionados 06 artigos científicos por atenderem aos objetivos do estudo e aos critérios de inclusão. Emergiram duas categorias por similaridade de conteúdo, de acordo com o referencial teórico de Bardin (2016): educação para a sexualidade centrada no modelo biológico-higienista e educação para a sexualidade inclusiva para as diversidades de gêneros e sexualidades. Considera-se que as atividades de educação para a sexualidade estão voltadas para o público adolescente, e aquelas consideradas inclusivas para as questões de gêneros e sexualidades produzem redução do *bullying* na escola e menos sofrimento mental para as pessoas LGBTI+.

**Palavras-chave:** Diversidade de Gênero, Educação em Saúde, Educação Sexual, Minorias Sexuais e de Gênero, Sexualidade.

## Introdução

As evidências científicas sobre as ações para uma abordagem esclarecedora em educação para a sexualidade, através de uma maneira inclusiva e ampla sobre as questões de gêneros, identidades e sexualidade, facilitam conhecer as melhores práticas e estratégias para o desenvolvimento dessas atividades por profissionais de Saúde, escopo selecionado para essa discussão, a partir da produção acadêmica atualizada.

As discussões acerca dos conceitos de “educação para a sexualidade”, “orientação sexual” ou “educação sexual” e a melhor forma de delimitá-los e diferenciá-los ainda são constantes dentro da literatura acadêmica multidisciplinar. O termo “educação para a sexualidade” propõe discutir a sexualidade como uma construção histórica e cultural no entendimento da sexualidade como papel social. Para Varela e Ribeiro (2017, p.16), pode-se entendê-lo como um movimento discursivo para além das questões dos gêneros e corpos, como também problematizar conceitos naturalizados em nossa sociedade a fim de entender, compreender e respeitar comportamentos diversos. Já a expressão “orientação sexual” é interpretada como um processo de instrução e informação formal (DA SILVA, COSTA, MÜLLER, 2018, p. 54). Por fim, a designação de “educação sexual” é definida como todo o processo amplo e informal de informações e aprendizados sobre a sexualidade (SUPLICY et al., 2005 apud DA SILVA, COSTA, MÜLLER, 2018, p. 54).

A educação para a sexualidade amplia-se além das modalidades tradicionais trabalhadas, através de abordagens baseadas no aspecto biológico dos corpos humanos, por exemplo, como a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e da gestação adolescente. Esta prática educacional atravessa um momento de atualização e ampliação dos diálogos e da escuta para novos temas ligados às necessidades da nova geração, a fim de permitir uma maior adesão de estudantes interessados ao inserir o enfoque sobre gênero e identidade. Enfatizando essa nova interpretação pedagógica, Varela e Ribeiro (2017, p.22) designam que a prática precisa ser inclusiva e construída através do diálogo, da problematização e da desconstrução de discursos naturalizados, na perspectiva de considerar as singularidades inerentes às diferenças.

O objetivo do artigo é conhecer o que a literatura científica em Ciências da Saúde tem publicado acerca da educação para a sexualidade considerando a diversidade de gêneros e sexualidades nos diversos espaços educativos. A partir disso, incentiva-se a pensar sobre as possibilidades de facilitar o cuidado de saúde com base nas evidências científicas e promover novos e necessários saberes-fazeres inclusivos nesse campo.

## Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo para a identificação das produções científicas das Ciências da Saúde sobre as ações de educação para a sexualidade desenvolvidas por essa área de conhecimento. Optou-se pela revisão integrativa de literatura porque permite a compreensão do tema a partir de outros estudos realizados, sendo, portanto, evidências científicas acerca da temática específica (MENDES, SILVEIRA, GALVÃO, 2008, p. 763).

Realizou-se as seguintes etapas na sequência descrita, de acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008, p.761-763): identificação do tema; estabelecimento dos critérios de seleção: artigos completos disponíveis na íntegra, datados a qualquer tempo e em qualquer idioma; definição das informações a serem extraídas e categorização, formando um banco de dados para a análise; avaliação dos estudos; interpretação dos resultados e apresentação da revisão.

A estratégia utilizada para a coleta de dados foi a busca por publicações científicas indexadas nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e MEDLINE/PubMed, que concentram as produções das ciências da saúde de diversos países. Por meio da BVS, utilizou-se os descritores “educação sexual” and “minorias sexuais e de gênero” e na MEDLINE/PubMed, efetuou-se a pesquisa pelos descritores em ciências da saúde “*sex education*” and “*sexual and gender minorities*”. Após a leitura independente dos títulos e resumos, as revisoras treinadas selecionaram os artigos. Na segunda fase, os artigos foram lidos na íntegra, sendo escolhidos de acordo com os critérios estabelecidos para inclusão e exclusão. A coleta de dados aconteceu em fevereiro de 2021.

Construiu-se categorias de análise a partir da similaridade de conteúdo, seguindo o referencial teórico de Bardin (2016, p.147). A análise deu-se em três etapas: pré-análise, exploração do material e

interpretação dos resultados. Os artigos selecionados foram lidos na íntegra e agrupados pela correlação de conteúdos, abstraindo-se os temas representativos do teor do estudo.

## Referencial teórico

A vivência da sexualidade traz consigo envolvimento na saúde física, mental e social, sendo, portanto, determinante para o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas. Os fatores de autoestima, autoimagem, crenças, personalidade, raça, classe, expressões e papéis de gênero, orientação sexual e relacionamento com o próprio corpo, entre outros, podem transpor a qualidade de vida sexual (VIEIRA et al, 2021, p. 292), a qual perpassa outros contextos para além da saúde, como as questões sociais, culturais, econômicas, educacionais, haja visto a complexidade de atravessamentos à vida humana. Para Louro (2019, p.11), “(...) a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política (...) a sexualidade é “aprendida”, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”.

Em um processo que se procura a autonomia do educando para conduzir ao “sujeito de sua sexualidade”, Figueiró (2018, p. 248-249) sinaliza que seja necessária a capacidade de reconhecimento dos seus desejos sexuais, assim como respeitar os desejos da outra pessoa, aceitação dos seus limites e defesa das situações de exploração/manipulação, capacidade de proteção de gravidez e ISTs, de buscar informações e ajuda quando for preciso, entre outros, que potencializam uma educação emancipatória em sexualidade.

Estrela (2020, p.101-102), ao descrever ao cuidado oferecido pelos profissionais da saúde no âmbito do SUS para a população LGBTQIA+, cita que “(...) nossa relação com esses agentes de saúde é tão doente quanto a doença em si (...)”. Haja vista, o foco na doença, nos remédios e em uma obsessão, nas palavras do autor, pela busca de profissional da saúde como a única pessoa capaz de promover saúde (ESTRELA, 2020, p.101). Logo, ainda há uma frustração na busca pelos serviços de saúde que não atendem a demanda de saúde de forma adequada e em tempo oportuno. Considera-se que, embora a vigência da Política Nacional de Atenção Integral às pessoas LGBTI+, trabalhadores da saúde ainda não estão apropriados desse saber-fazer.

A construção social da cistheteronormatividade está reverberada em todas as instituições sociais, incluídos aí a saúde. Isso significa dizer que a norma estabelecida como “natural” é que todas as pessoas são/sejam cisgêneras e heterossexuais, sinalizando à margem social para os dissidentes. Outra sinalização dessa lógica, dita o que é estudado/pesquisado pelas ciências, ressoando, por esse modo, naquilo que se tem interesse em ensinar/aprender. Louro (2020, p.102) afirma que “(...) a ignorância não acontece ao acaso, ela está, de algum modo, inscrita no próprio conhecimento”. Então, é preciso se questionar se há intenção de transformar essas relações de saber-poder nos serviços de saúde e de fato, produzir uma educação para a sexualidade inclusiva.

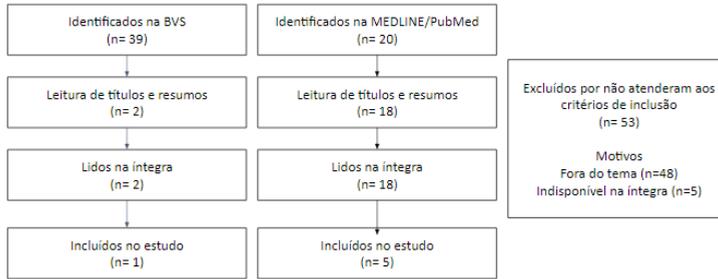
No que se refere a saúde sexual de pessoas LGBTQIA+, Vieira et al. (2021, p.292) reforçam que a literatura científica é escassa, postergando a prática clínica baseada em evidências com comprovação pelas ciências. Isso é desigual se comparado às publicações sobre saúde das pessoas cisheteronormativas e pode, de alguma forma, também comprometer a educação para a sexualidade do público que vivencia as diversidades de gêneros e sexualidades.

Pensa-se em uma abordagem emancipatória, baseada na “educação libertadora” de Paulo Freire (FURLANI, 2016, p. 31) por promover o sujeito pensar sobre sua sexualidade, a partir do acesso à informações confiáveis e disponibilizadas em tempo oportuno, garantindo o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos. Ou seja, mais que somente restringir a educação em saúde em métodos contraceptivos e preventivos às ISTs, almeja-se construir espaços educativos de autonomia para a vivência da sexualidade de forma prazerosa, segura e saudável.

## Resultados e discussão

A coleta de dados por meio da BVS, retornou a 39 resultados e na MEDLINE/PubMed, foram encontradas 20 publicações. Após a leitura independente dos títulos e resumos, as revisoras treinadas selecionaram 20 artigos. Na segunda fase, os artigos foram lidos na íntegra e após análise final, 06 artigos mantiveram-se para composição do estudo. Na figura 1, observa-se o fluxograma de seleção dos artigos.

**Figura 1:** Fluxograma de seleção de artigos, 2021.



Fonte: Esquema elaborado pelas autoras.

O quadro sinóptico foi utilizado para sistematizar as informações dos artigos, contemplando o título, autoria, ano de publicação, idioma, país de origem, objetivos e principais resultados/considerações finais.

**Quadro 1** Quadro sinóptico com informações dos artigos incluídos na análise, 2021.

	<b>Título/Autoria/ Ano de publicação</b>	<b>Periódico/ Idioma publicado/País</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Principais Resultados/ Considerações Finais/ Conclusões</b>
A1	Associations of LGBTQinclusive sex education with mental health outcomes and school-based victimization in U.S. high school students. CHELSEA, N. et al. 2019	J Adolesc Health/Inglês/ Estados Unidos	Verificar se uma educação sexual inclusiva para as questões de diversidades sexuais e de gênero tem associação com saúde mental e bullying entre adolescentes escolares dos Estados Unidos	Estudantes que receberam uma educação sexual inclusiva para as questões de diversidades sexuais e de gênero têm menor chance de sofrer <i>bullying</i> e problemas de saúde mental

A2	The no-go zone: a qualitative study of access to sexual and reproductive health services for sexual and gender minority adolescents in Southern Africa/ MULLER, A., SPENCER, S., MEER, T., DASKILEWICZ, K. 2018	Reproductive Health/ Inglês/ África do Sul	Saber se e como as necessidades dos adolescentes de minorias sexuais e de gênero são atendidas na África do Sul	Adolescentes de minorias sexuais e de gênero são duplamente marginalizados na busca pela atenção de saúde sexual: barreiras para acessar serviços LGBTI+ e heteronormativos, devido à criminalização real e percebida.
A3	Meeting the Needs of Sexual and Gender Minority Youth: Formative Research on Potential Digital Health Interventions/ STEMKE, J. et al. 2017	Journal of Adolescent Health Inglês/ Estados Unidos	Investigar as novas intervenções de saúde acessadas pela internet para ajudar e atender as necessidades de educação sexual das pessoas LGBTI+	As pessoas LGBTI+ buscam por informações de educação sexual na internet, contudo, muitas vezes não têm suas demandas atendidas. A maioria dos jovens descreveu a discriminação interpessoal como tendo efeitos negativos substanciais em sua saúde mental
A4	Using pharmacists and drugstore workers as sexual healthcare givers: a qualitative study of men who have sex with men in Dar es Salaam, Tanzania/ AGARDHA, C. et al. 2017	GLOBAL HEALTH ACTION Inglês/ Tanzânia	Explorar as percepções e experiências dos homens que fazem sexo com homens na busca de tratamento e aconselhamento de farmacêuticos e trabalhadores de drogarias.	Homens que fazem sexo com homens relataram buscar por intervenções de educação sexual com farmacêuticos e/ou atendentes de farmácia devido à facilidade de acesso rápido a esse profissional, assim como o acolhimento sigiloso. Contudo, esse profissional é requerido para situações emergenciais na busca por um tratamento de ISTs, sendo uma educação sexual restrita.
A5	Comprehensive Sexuality Education as a Longitudinal Predictor of LGBTQ Name-Calling and Perceived Willingness to Intervene in School/ BAAMS, L., DUBAS, J.S. AKEN, M.A.G. 2017	J Youth Adolescence Inglês/ Holanda	Verificar se uma educação sexual inclusiva para as questões de diversidades de gêneros e sexualidades pode contribuir para a redução do bullying e intervenções para reduzir as violências	Ter uma ampla variedade de tópicos cobertos na educação sexual - não apenas a diversidade sexual - estava relacionado a um aumento na percepção da disposição de intervir ao testemunhar xingamentos LGBT por professores ou funcionários da escola, colegas estudantes e os próprios jovens (jovens do sexo feminino). Também previu uma diminuição na ocorrência de xingamentos entre as mulheres

A6	Educação em saúde na escola para o enfrentamento à homofobia MONGIOVI, V.G., LIMA, A.W.S., FIRMINO, A.C.S., MELO, C.M.F., ARAUJO, E.C., RAMOS, V.P. 2018	Rev enferm UFPE on line Português/ Brasil	Relatar a experiência de uma intervenção educativa para o enfrentamento à homofobia realizada com adolescentes numa escola de referência em ensino médio	As oficinas compuseram-se de 5 encontros que abordaram desde conteúdos sobre gênero, diversidade sexual, homofobia na escola, violência homofóbica e direitos humanos, entre outros. Constituiu-se como espaço de participação e diálogo para o enfrentamento à homofobia na escola
----	--	---	--	---

Fonte: Esquema elaborado pelas autoras.

Os artigos incluídos foram publicados nos últimos quatro anos. Observou-se que são quantitativos, em sua maioria, assim como publicados em inglês e oriundos de países estrangeiros, em sua maioria. A análise dos artigos permitiu a construção de duas categorias: educação centrada no modelo biológico-higienista (A2, A3, A4) e educação para a sexualidade inclusiva para as diversidades de gêneros e sexualidades (A1, A5, A6). Infere-se que a produção científica da área das ciências da saúde para a temática de educação para a sexualidade envolvendo o público LGBTI+ e/ou diversidades de gêneros e sexualidades é escassa, limitada ao público adolescente, corroborando para a limitação da prática assistencial de profissionais de saúde.

As pesquisas de saúde sexual da população LGBTI+ focalizam nos comportamentos sexuais que incluem a vulnerabilidade para o HIV e outras IST (VIEIRA, et al, 2021, p. 292) como percebido nos artigos A2, A3 e A4. Isso demonstra o interesse dos/as pesquisadores/as na anatomia reprodutiva/sexual unicamente, assim como promovendo uma educação para a sexualidade restrita a um modelo que considera as características biológicas cisheteronormativas e entende que essa educação restringe-se à prevenção de ISTs e gravidez na adolescência, mantendo, desse modo, o binarismo sexual como norma (FURLANI, 2016, p.16). Esse modelo reforça o processo hegemônico de regulamentar, calar e controlar a sexualidade (FOUCAULT, 2020, p.7).

Para Vieira et al. (2021, p. 295), ao abordar a saúde sexual das pessoas LGBTQIA+, deve-se fazer uso de uma visão ampliada de saúde que requeira um olhar positivo, incluindo os aspectos psicossociais, relacionais e clínicos e o quanto as questões sociais afetam a vivência da sexualidade de forma satisfatória. Vieira et al (2021, p.295)

reiteram que profissionais da saúde devem ter a competência para prestar uma atenção adequada, singular, que seja capaz de englobar outros aspectos da vida que não só as questões biológicas. Os aspectos afetivos, por exemplo, devem ser apreciados como fatores de sexualidade, assim como problemas de saúde, doenças crônicas, violências, sofrimento mental e claro, os preconceitos advindo dos marcadores sociais da diferença.

No artigo A1, percebe-se que quanto mais os espaços escolares são homofóbicos, mais há vítimas de *bullying* entre a comunidade escolar de minorias sexuais e de gênero. Nesse estudo, ao/as autores/as confirmam que incluir temas de diversidade de sexualidades e gêneros na educação sexual com adolescentes na escola pode diminuir as chances de uma pessoa LGBTI+ ser vítima de *bullying* e ter algum tipo de sofrimento mental, como depressão e ansiedade. Além disso, um achado importante dessa pesquisa é que adolescentes com acesso a essa educação inclusiva tiveram redução de 20% em ideação suicida.

Contudo, os temas de diversidade de gêneros e sexualidades raramente são mencionados nas atividades de educação para a sexualidade, mas quando são contemplados, podem contribuir com um ambiente escolar seguro e reduzir as situações de *bullying*, assim como o sofrimento mental das pessoas LGBTI+ (A5).

Algumas estratégias podem ser consideradas para propiciar uma educação para a sexualidade inclusiva, a exemplo do comprovado na pesquisa A6: oficinas de diversidade e cidadania, com debates sobre conceitos, relações, realidades, sociedade e escola. Essas ações potencializam o enfrentamento à homofobia na escola, o que, por consequência, para além desse espaço (A6). Nesse contexto, é preciso diferenciar uma educação como prática da liberdade e a que só aplica-se a reforçar a dominação de classe, raça e gênero, estando, assim, a serviço do patriarcado capitalista de supremacia branca (HOOKS, 2020, p. 12). Por isso, considerar as diversidades é uma forma de promover equidades em saúde, a partir do reconhecimento dos marcadores sociais da diferença nas questões de saúde.

A educação restrita à questões biológicas centradas no modelo cisheteronormativo, como propostas nas pesquisas A2, A3 e A4 demonstram que as “minorias” sexuais e de gênero não tem suas demandas de saúde sexual contempladas. Uma educação centrada na cisheteronormatividade pode contribuir com a psicopatologização

dos corpos dissidentes, que por sua vez “gera realidades materiais e simbólicas de exclusão, violações, estigmatização, discriminação, violência e morte” (DEMÉTRIO, 2020, p.353). Insistir nos modelos de abordagens biológico-higienista e/ou moral-tradicionista não dão conta de incluir as pessoas LGBTI+, reforçam as relações entre as corpos normatizados como as únicas possíveis de viver a sexualidade e reproduzem as violências com base nos marcadores sociais da diferença (FURLANI, 2016, p.15-18). Para além de prescrição de cuidados preventivos para ISTs, a educação para a sexualidade deve validar as experiências das pessoas e considerar diversos aspectos da vida, as relações interpessoais, o suporte emocional, os recursos pessoais e sociais disponíveis, a saúde mental e demais questões envolvendo a redução das violências baseadas nas diversidades.

## Considerações finais

Uma educação para a sexualidade inclusiva, construída e proporcionada por profissionais de saúde, ainda está limitada, ao menos, como objeto de investigação na área de ciências da saúde. Ou seja, se pesquisa pouco sobre isso e quando se pesquisa, poucas evidências são reveladas a partir de uma proposta de valorização das diferenças de gêneros e sexualidades. Os interesses de pesquisadores e pesquisadoras nessa temática é o retrato do visto na prática, quando profissionais de saúde não desenvolvem ações educativas inclusivas e assim reforçam o padrão cisheteronormativo baseado em uma sexualidade reprodutiva, no caso, objetivando unicamente prevenir gravidez na adolescência e contágio por doenças sexualmente transmissíveis. Contudo, as poucas evidências científicas produzidas pelas ciências da saúde demonstram os benefícios de uma educação para a sexualidade inclusiva, que considere as vivências LGBTI+, para a sociedade toda. Esse tipo de educação realizada tem proporcionado observar a redução nos casos de *bullying* na escola, para aquelas pessoas que eram vítimas a partir dos marcadores sociais da diferença, assim como a contenção no sofrimento mental advindo dessas dissidências. Considera-se a impreteriosa e urgente necessidade de pesquisas de campo nas ciências da saúde para responderem a essas questões e construir evidências para justificar/embasar as práticas a serem adotadas por profissionais da saúde na educação para a sexualidade.

## Referências

AGARDHA, C. et al. Using pharmacists and drugstore workers as sexual healthcare givers: a qualitative study of men who have sex with men in Dar es Salaam, Tanzania. **Global Health Action**. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5678459/>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

BAAMS, L., DUBAS, J.S. AKEN, M.A.G. Comprehensive Sexuality Education as a Longitudinal Predictor of LGBTQ Name-Calling and Perceived Willingness to Intervene in School. **J Youth Adolescence**, 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5388727/>> Acesso em: 21 fev. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CHELSEA, N. et al. Associations of LGBTQ-inclusive sex education with mental health outcomes and school-based victimization in U.S. high school students. **J Adolesc Health**, 2019. Disponível em:< <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6478545/>>. Acesso em: 21 fev 2021.

DA SILVA, D. R. Q.; COSTA, Z. L. S.; MÜLLER, M. B. C. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação. **Educação**, v. 41, n. 1, p. 49-58, 29 maio 2018. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrio.br/index.php/faced/article/view/29812/16846> >. Acesso em 18 de março de 2021.

DEMÉTRIO, F. **Despatologização das identidades trans desde os transativismos na Abya Yala: notas sobre uma experiência acadêmica-ativista avaliativa e participativa**. In: LION, A.R.C.(org) *Corpos em trânsito: existências, subjetividades e representatividade*. 1ªed. Salvador-BA. Editora Devires, 2020.

ESTRELA. G. **Saúde não violenta**. In: IGNACIO, T., DUARTE, A.M., FERREIRA, G.G., BURIGO, J. GARCIA, T.O., BUENO, W. (org). *Tem saída? Perspectivas LGBTI+ sobre o Brasil*. Porto Alegre, RS, Editora Zouk, 2020.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 10ª ed, Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2020.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ªed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LOURO, G.L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

LOURO, G.L. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G.L., WEEKS, J., BRITZMAN, D., HOOKS, B., PARKER, R., BUTLER, J. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 4ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MENDES KD, SILVEIRA RC, GALVÃO CM. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem**. Rev Texto Contexto Enferm 2008; 17(4):758-764. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072008000400018%20&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072008000400018%20&script=sci_arttext)>. Acesso em: 17 fev 2021.

MONGIOVI, V.G., LIMA, A.W.S., FIRMINO, A.C.S., MELO, C.M.F., ARAUJO, E.C., RAMOS, V.P. Educação em saúde na escola para o enfrentamento à homofobia. **Rev enferm UFPE on line**, 2018. Disponível: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/236457/29754>>. Acesso em: 21 fev 2021.

MULLER, A., SPENCER, S., MEER, T., DASKILEWICZ, K. The no-go zone: a qualitative study of access to sexual and reproductive health services for sexual and gender minority adolescents in Southern Africa. **Reproductive Health**, 2018. Disponível em: < <https://reproductive-health-journal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12978-018-0462-2>> . Acesso em: 21 fev. 2021.

STEMKE, J. et al. Meeting the Needs of Sexual and Gender Minority Youth: Formative Research on Potential Digital Health Interventions. **Journal of Adolescent Health**, 2017. Disponível em: < [https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1054-139X\(16\)30876-X](https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1054-139X(16)30876-X)>. Acesso em: 21 fev 2021.

VARELA, C.M., RIBEIRO, P.R.C. **Educação para a sexualidade: a constituição de um campo conceitual**. In: RIBEIRO, P.R.C, MAGALHÃES, J.C. (org) Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. Disponível em: <[http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7097/debates\\_contemporaneos\\_educacao\\_sexualidade.pdf?sequence=1](http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7097/debates_contemporaneos_educacao_sexualidade.pdf?sequence=1)>. Acesso em 20 fev 2021.

VIEIRA, D.L. et al. **Abordagem da saúde sexual das pessoas LGBTQIA+**. In: CIASCA, S.V., HERCOWITZ, A., JUNIOR, A.L. Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar. Editora Manole, 2021.

## O QUE(M) FICA DENTRO E O QUE(M) FICA FORA? A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE

### **Katiele Hundertmarck**

*Mestra em Saúde Materno Infantil. Pós-graduanda em Educação para a Sexualidade na Universidade Federal do Rio Grande -FURG, katielehun@gmail.com;*

### **Alice de Souza Ribeiro**

*Coordenadora do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual, IFFar – Campus JC, Doutora em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal de Santa Maria. alicecta@gmail.com;*

### **Carolina Araujo Londero**

*Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Franciscana-UFN, carolina.alondero@gmail.com;*

### **Fabíola Pinto Pardini**

*Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil - UFN; bilafpp18@gmail.com;*

### **Martha Helena Teixeira de Souza**

*Professora orientadora: Doutora em Ciências. Professora na Universidade Franciscana - UFN, marthahts@gmail.com;*

## **Resumo**

O que transpõe a formação profissional de trabalhadores da saúde acerca da educação para a sexualidade pode determinar as modalidades de abordagem da temática e promover (ou não) a saúde das pessoas que vivem as diversidades de gêneros e sexualidades. Objetivou-se conhecer o que a literatura científica em ciências da saúde tem publicado acerca da educação

para a sexualidade considerando a diversidade de gêneros e sexualidades na formação profissional de saúde e quais os atravessamentos da educação acadêmica formal para se pensar na construção de espaços educativos inclusivos. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão integrativa de literatura nas bases de dados BVS e MEDLINE/PubMed, a partir dos descritores em ciências da saúde: “minorias sexuais e de gênero” and “currículo” e “*sexual and gender minorities*” and “*Curriculum*”, respectivamente. Foram selecionados 15 artigos científicos por atenderem aos objetivos do estudo e aos critérios de inclusão. Emergiram duas categorias por similaridade de conteúdo, de acordo com o referencial teórico de Bardin (2016): atividades acadêmicas inclusivas para as questões de gêneros e sexualidades e construções extracurriculares de saúde LGBTI+. Considera-se que as poucas atividades acadêmicas previstas no currículo e as extracurriculares de formação de profissionais da saúde parecem tentar construir possibilidades inclusivas para as diversidades de gêneros e sexualidades, contudo, infere-se que essas ações estão desconectadas do processo de formação de educação para a sexualidade abrangente, podendo, assim, contribuir no processo de hierarquização social aos que ficam ao centro e aos que ficam à margem desses movimentos.

**Palavras-chave:** Diversidade de Gênero, Minorias Sexuais e de Gênero, Sexualidade, Formação de Recursos Humanos, Currículo.

## Introdução

A formação profissional em saúde apresenta alguns desafios na superação de conteúdos normativos aos padrões de gêneros e sexualidades. Repensar, atualizar e transpor os currículos de formação de trabalhadores e trabalhadoras de saúde é necessário para a inclusão de temas emergentes e imprescindíveis ao cuidado de todas as pessoas, respeitando e contemplando as diferenças e as identidades (RAIMONDI et al., 2021, p. 516). O currículo acadêmico contemplativo às questões de educação para a sexualidade deve considerar as abordagens humanística, social, ética, não sexista, não heteronormativa e cisgênera, promovendo um ensino interdisciplinar entre as diferentes ciências (RAIMONDI et al, 2021, p. 514).

A saúde das pessoas LGBTI+ e a necessidade de competências e habilidades técnicas, científicas e acolhedoras são importantes para garantir o acesso e a qualidade da atenção à saúde, haja vista o processo histórico de estigma e iniquidades de saúde na população que vivencia os marcadores sociais da diferença (CALAZANS et al, 2021, p. 82).

Conhecer o panorama dos currículos de cursos de formação profissional em saúde se faz procedente para verificar as estruturas atendidas pelas instituições e assim, questionar os interesses e anseios de futuros profissionais aptos ou não para o cuidado em saúde dessa população. Objetivou-se conhecer se e como a educação para a sexualidade está contemplada nos currículos de cursos da área da saúde.

## Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo revisão integrativa de literatura. Buscou-se responder à questão: o que a literatura científica em ciências da saúde tem produzido acerca da formação de profissionais da saúde para a educação para a sexualidade inclusiva às demandas de gêneros e sexualidades. Essa abordagem metodológica permite compreender a temática a partir de outras pesquisas científicas e pode contribuir para o cuidado de saúde, em decorrência de embasar as boas práticas (MENDES, SILVEIRA, GALVÃO, 2008, p. 763).

Realizou-se todas as etapas de revisão integrativa, de acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008, p.761-763). A estratégia utilizada para a coleta de dados foi a busca por publicações científicas indexadas nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e MEDLINE/PubMed. Por meio da BVS, utilizou-se os “minorias sexuais e de gênero” and “currículo” e na MEDLINE/PubMed: “*sexual and gender minorities*” and “*Curriculum*”. Foram lidos os títulos e resumos e os selecionados forma lidos integralmente. Essa etapa aconteceu em fevereiro de 2021. A análise dos dados ocorreu em três etapas: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados, sendo categorizados por similariedade de conteúdo de acordo com Bardin (2016, p.147).

## Referencial teórico

Ferreira e Souza (2020, p. 366), a analisarem as possibilidades das vivências não-binárias das sexualidades e gêneros na educação, contribuem que é preciso reivindicar “(...) a necessidade da democratização da produção do conhecimento, para que as vivências não convencionais dos modos de experimentar as sexualidades e expressar os gêneros possam cada vez mais produzir/falar sobre e por suas experiências, além de ocupar espaços de direito, como a universidade”. Se interroga a ausência e/ou pouca representativa de corpos desviantes às normas de gêneros e sexualidades nos espaços formativos e o consequente ciclo de exclusão, da inclusão daqueles que podem pertencer à universidade e assim, da manutenção do modelo cishetronormativo das instituições de ensino.

Infelizmente, muitas pessoas em dissidências têm receio/medo de buscarem atendimento de saúde em decorrência dos preconceitos que sofrem nos serviços de saúde. Esse cenário é grave, pois coloca em risco à saúde e o bem-estar das pessoas e não promove a qualidade de vida e o acesso universal e igualitário ao direito à saúde (RAIMONDI et al., 2021, p. 513).

Um currículo que seja contemplativo às questões que envolvem a educação para a sexualidade deve ser questionador para essas situações, propor a reflexão das estruturas, por que estão dispostas assim e como é possível transpor essas iniquidades. Tendo em vista que:

“O que esses termos dizem é que o relacionamento sexual e afetivo entre pessoas do sexo e do gênero masculino não é humano, não é honesto e, por isso, seus sujeitos não podem ser o centro e a margem, o lado de fora é sim um lugar. O lugar para quem expressa pecado, perigo, anormalidade, fragilidade física e emocional, inadequação a determinadas atividades profissionais, falta de caráter, propensão ao crime, dificuldades de conviver em sociedade, etc” (OLIVEIRA, 2020, p.77).

Entre a constituição supracitada, enraizada na cultura, o desconhecimento dos profissionais de saúde sobre as particularidades de saúde das pessoas LGBTI+ os coloca em vulnerabilidade, contribuindo para as inequidades em saúde desses sujeitos (RAIMONDI et al., 2021, p. 513). Por isso, os currículos e treinamentos para estudantes e profissionais de saúde sobre questões LGBTI+ é essencial para as habilidades e qualidade dos serviços de saúde para o atendimento desse público (SEKONI et al., 2017, p. 1).

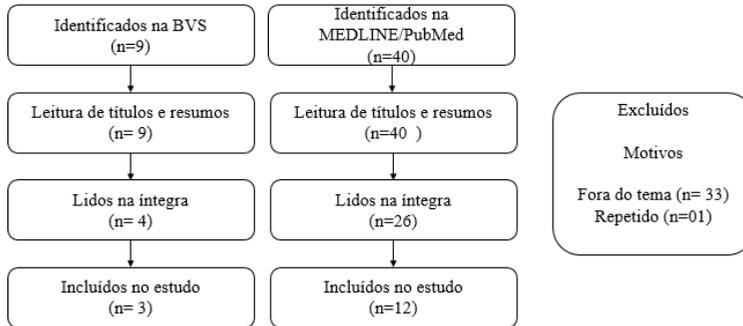
Revisitando o campo da educação, Rodrigues, Wenzel e Caetano (2020, p.59):

“(…) é preciso destacar as possibilidades de o currículo ter uma outra forma de existência, operando com referências que nos permitam repensar uma pedagogia que inclua diversas subjetividades, inclusive pensar na potencialidade pedagógica da sexualidade como uma curiosidade pela experiência, compreensão dos outros sentidos/significados e nas práticas que podem configurar novos estilos curriculares”.

## Resultados e discussão

De acordo com a estratégia de coleta de dados, a busca na BVS retornou a 9 publicações e 40 na MEDLINE/PubMed. As produções foram lidas, de forma independente e as revisoras treinadas selecionaram 15 artigos. As publicações foram lidas na íntegra e após análise final, os 15 artigos mantiveram-se para composição do estudo. Na figura 1, observa-se o fluxograma de seleção dos artigos.

**Figura 1** Fluxograma de seleção de artigos, 2021.



O quadro sinóptico foi utilizado para organizar as informações dos artigos, contemplando o título, autoria, ano de publicação, idioma, país de origem, objetivos e principais resultados/considerações finais. Na sequência, o quadro reduzido à identificação de título e autoria.

**Quadro 1** Quadro com informações dos artigos incluídos na análise, 2021.

	<b>Título/Autoria/ Ano de publicação</b>
<b>A1</b>	Prevalence and curriculum of sexual and gender minority education in Japanese medical school and future direction. YAMAZAKIA, Y., AOKI, A., OTAKIA, J. 2020
<b>A2</b>	Are all LGBTQI+ patients white and male? Good practices and curriculum gaps in sexual and gender minority health issues in a Dutch medical curriculum. MUNTINGA, M, BEUKEN J, GIJS, L, VERDONK, P. 2020
<b>A3</b>	Implementation of sexual and gender minority health curricula in health care professional schools: a qualitative study. PRATT-CHAPMAN, M.L. 2020.
<b>A4</b>	Incorporating LGBT Health in an Undergraduate Medical Education Curriculum Through the Construct of Social Determinants of Health. COOPER, MB, CHACKO, M, CHRISTNER, J 2018.
<b>A5</b>	Strategies for inclusion of lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, intersex, and asexual (LGBTQIA+) education throughout pharmacy school curricula. LLAYTON CK, CALDAS LM. 2020
<b>A6</b>	LGBT Coverage in U.S. Dental Schools and Dental Hygiene Programs: Results of a National Survey. J Dent Educ. HILLENBURG, K.L., MURDOCH-KINCH, C.A, KINNEY, J.S., TEMPLE, H., INGLEHART, M.R. 2016
<b>A7</b>	Queering medical education: systematically assessing LGBTQI health competency and implementing reform. Med Educ Online. DEVITA, T, BISHOP. C., PLANKEY, M. 2018

A8	Sexualidade na grade curricular acadêmica de enfermagem: avaliação em universidades. SILVA PHA, SILVA AG, VASCONCELOS GMA, SILVA JRS, SOUZA JDS, THORPE LIF et al. 2021
A9	Ensino e Cuidado em Saúde LGBTI+: Reflexões no Contexto da Pandemia da Covid-19. LOPES JUNIOR, A., RAIMONDI, G.A., MURTA, D., SOUZA, T., BORRET, R.H. 2020
A10	Saúde da população LGBT+ no contexto da atenção primária em saúde: relato de oficina realizada no internato integrado de Medicina de Família e Comunidade/ Saúde Mental em uma universidade pública. LORIA, G.B., CANESIN, G.M.F., SILVA, G.M., AMORIM, G.H.O., MELO, J.M., SANTOS, L.R., et al. 2019
A11	The LGBTQI health forum: an innovative interprofessional initiative to support curriculum reform. BRAUN, H.M., RAMIREZ, D., ZAHNER, G.J., GILLIS-BUCK, E.M., SHERIFF, H., FERRONE. M. 2017
A12	Addressing the healthcare needs of older Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender patients in medical school curricula: a call to action. CANNON, S.M., SHUKLA, V., VANDERBILT, A.A. 2017
A13	LGBT+ Health Teaching within the Undergraduate Medical Curriculum. SALKIND, J., GISHEN, F., DRAGE, G., KAVANAGH, J., POTTS, H.W.W. 2019
A14	Assessment of Internal Medicine Resident Preparedness to Care for Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer/Questioning Patients. STREED, C.G.J.R., HEDIAN, H.F., BERTRAM, A., SISSON, S.D. 2019
A15	Rainbows and “Ready for Residency”: Integrating LGBTQ Health Into Medical Education. ROTH, L.T., FRIEDMAN, S., GORDON, R., CATALLOZZI, M. 2020

A maioria dos artigos selecionados versaram sobre o ensino da Medicina, estavam escritos em língua inglesa e partiram de estudos dos Estados Unidos. As pesquisas investigaram, em sua maior parte, os currículos dos cursos de graduação, sendo seguidos, dos cursos de pós-graduação e outros, de cursos curtos, como palestras e fóruns direcionados aos estudantes da área da saúde, em sentido complementar ao currículo, para preencher uma lacuna na formação acadêmica.

As evidências científicas corroboraram para duas categorias de análise: as atividades acadêmicas inclusivas para as questões de gêneros e sexualidades (A1, A2, A3, A5, A6, A7, A8, A9) e construções extracurriculares de saúde LGBTI+ (A4, A10, A11, A12, A13, A14, A15).

As atividades curriculares previstas nos cursos acadêmicos para a formação de profissionais de saúde apontam que podem ajudaram estudantes na obtenção de conhecimentos sobre anatomia sexual, desenvolvimento e comportamento sexual, identidades sexuais e de gêneros, no entanto, as ações não parecem despertar a competência

técnica e científicas em futuros/as profissionais da saúde, especialmente por serem pontuais, com baixa carga horária, competição com outros conteúdos, descontinuidade de ações (A1, A2, A5, A6). Para exemplificar, em um curso de Odontologia, utilizou-se 1,25 horas em ambientes obrigatórios ao conteúdo LGBTI+ (A6) e outra de Medicina, foram 5 horas direcionadas a esses temas (A7), considerando a carga horária total de formação.

O ensino sem a competência LGBTI+ pode reproduzir preconceitos e estereótipos (A2) pelos profissionais da medicina, em especial, por considerarem mais relevantes demandas e aspectos biológicos e patologizantes do que contextos sociais de vida dessas pessoas. Por ora, a construção de habilidades para diagnosticar e tratar ISTs (incluindo HIV/AIDS) tem correspondido à educação restrita a parâmetros fisiopatológicos e ainda que, com o avanço de estudos culturais e sociais nesse tema, a centralidade do ensino volta-se à normalização do corpo (A5, A10, A11, A15).

As mudanças curriculares para a inclusão de temas de saúde LGBTI+ advogam, *a priori*, a necessidade de envolvimento de docentes e discentes como fundamental para a implementação bem-sucedida de ensino-aprendizagem (A3). Contudo, docentes de ensino superior não sentem-se seguros para a validação dessas disciplinas/conteúdos, o que contribui para a invisibilização dessa temática (A9).

Algumas estratégias principais podem ser observadas para incluir conteúdo LGBTI+ no currículo acadêmico: a) integração em cursos entre multiprofissionais da saúde; b) cursos didáticos e práticos; c) cursos laboratoriais baseados em habilidades; d) cursos eletivos; e) uma combinação dessas estratégias para integração em vários cursos ao longo do currículo (A5).

Ações educativas extracurriculares, como palestras (A4, A10) podem apresentar para estudantes da área da saúde sobre os vários determinantes sociais da saúde que podem impactar na vida de pessoas LGBTI+. Contudo, essas intervenções pontuais não estão reverberando, por enquanto, nas práticas de cuidado em saúde (A4, A8, A12).

Raimondi et al. (2021, p. 516) recomendam à inclusão de conteúdos que abordem a sexualidade de forma ampla, em disciplinas obrigatórias, considerando três eixos: institucional, interpessoal e individual e de modo a serem transversais, ou seja, discutidos ao longo do curso de formação e por várias disciplinas.

## Considerações finais

Considera-se que as poucas atividades acadêmicas previstas no currículo e as extracurriculares de formação de profissionais da saúde parecem tentar construir possibilidades inclusivas para as diversidades de gêneros e sexualidades, contudo, infere-se que essas ações estão desconectadas do processo de formação de educação para a sexualidade abrangente, podendo, assim, contribuir no processo de hierarquização social aos que ficam ao centro e aos que ficam à margem desses movimentos e ainda, aqueles que ficam fora.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRAUN, H.M., RAMIREZ, D., ZAHNER, G.J., GILLIS-BUCK, E.M., SHERIFF, H., FERRONE, M. The LGBTQI health forum: an innovative interprofessional initiative to support curriculum reform. **Med Educ Online**. 2017;22(1):1306419. doi: 10.1080/10872981.2017.1306419. PMID: 28399716; PMCID: PMC5419298 Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5419298/pdf/zmeo-22-1306419.pdf>. Acesso em: 08 Mar 2021.

CALAZANS, G., KALICHMAN, A., SANTOS, M.R., PINHEIRO, T.F. **Necessidades de saúde: demografia, panorama epidemiológico e barreiras de acesso**. In: CIASCA, S.V., HERCOWITZ, A., JUNIOR, A.L. Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar. Editora Manole, 2021.

CANNON, S.M., SHUKLA, V., VANDERBILT, A.A. Addressing the healthcare needs of older Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender patients in medical school curricula: a call to action. **Med Educ Online**. 2017;22(1):1320933. doi: 10.1080/10872981.2017.1320933. PMID: 28468575; PMCID: PMC5419296. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5419296/pdf/zmeo-22-1320933.pdf> >. Acesso em: 08 Mar 2021.

COOPER, M.B., CHACKO, M., CHRISTNER, J. Incorporating LGBT Health in an Undergraduate Medical Education Curriculum Through the

Construct of Social Determinants of Health. **MedEdPORTAL**. 2018 Dec 7;14:10781. doi: 10.15766/mep\_2374-8265.10781. PMID: 30800981; PMCID: PMC6342423. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6342423/pdf/mep-14-10781.pdf>>. Acesso em: 08 Mar 2021.

DEVITA, T., BISHOP, C., PLANKEY, M. Queering medical education: systematically assessing LGBTQI health competency and implementing reform. **Med Educ Online**. 2018 Dec;23(1):1510703. doi: 10.1080/10872981.2018.1510703. PMID: 30157712; PMCID: PMC6116674. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6116674/pdf/zmeo-23-1510703.pdf>>. Acesso em: 08 Mar 2021.

FERREIRA, J.A.G., SOUZA, L.L. **A invisibilidade das vivências não binárias das sexualidades e gêneros e a reivindicação do direito de aparecer: itinerários de uma pesquisa/viagem no sistema binário na educação**. In: LION, A.R.C.(org) *Corpos em trânsito: existências, subjetividades e representatividade*. 1ªed. Salvador-BA. Editora Devires, 2020.

HILLENBURG, K.L., MURDOCH-KINCH, C.A., KINNEY, J.S., TEMPLE, H.,

INGLEHART, M.R. LGBT Coverage in U.S. Dental Schools and Dental Hygiene Programs: Results of a National Survey. **J Dent Educ**. 2016 Dec;80(12):1440-1449. PMID: 27934669. Disponível em: <<https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/153556/jdd-j0022033720168012tb06231x.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 08 Mar 2021.

LLAYTON, C.K., CALDAS, L.M. Strategies for inclusion of lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, intersex, and asexual (LGBTQIA+) education throughout pharmacy school curricula. **Pharm Pract** (Granada). 2020 Jan-Mar;18(1):1862. doi: 10.18549/PharmPract.2020.1.1862. Epub 2020 Mar 6. PMID: 32206144; PMCID: PMC7075428. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7075428/pdf/pharmpract-18-1862.pdf>>. Acesso em: 08 Mar 2021.

LOPES JUNIOR, A., RAIMONDI, G.A., MURTA, D., SOUZA, T.T., BORRET, R.H. Ensino e Cuidado em Saúde LGBTI+: Reflexões no Contexto

da Pandemia da Covid-19 / LGBTI + Teaching and Health Care: Reflections in the Context of the Covid-19 Pandemic. **Rev. bras. educ. méd.** 44(supl.1): e152, 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/rbem/v44s1/1981-5271-rbem-44-s1-e152.pdf>>. Acesso em: 08 Mar 2021.

LORIA GB, CANESIN GMF, SILVA GM, AMORIM GHO, MELO JM, SANTOS LR, et al. Saúde da população LGBT+ no contexto da atenção primária em saúde: relato de oficina realizada no internato integrado de Medicina de Família e Comunidade/Saúde Mental em uma universidade pública. **Rev Bras Med Fam Comunidade.** 2019;14(41):1807. [https://doi.org/10.5712/rbmfc14\(41\)1807](https://doi.org/10.5712/rbmfc14(41)1807). Disponível em: < <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1807/989>>. Acesso em: 08 Mar 2021.

MENDES KD, SILVEIRA RC, GALVÃO CM. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.** Rev Texto Contexto Enferm 2008; 17(4):758-764. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072008000400018%20&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072008000400018%20&script=sci_arttext)>. Acesso em: 17 fev 2021.

MUNTINGA, M., BEUKEN, J., GIJS, L., VERDONK, P. Are all LGBTQI+ patients white and male? Good practices and curriculum gaps in sexual and gender minority health issues in a Dutch medical curriculum. **GMS J Med Educ.** 2020 Mar 16;37(2): Doc22. doi: 10.3205/zma001315. PMID: 32328524; PMCID: PMC7171358. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7171358/pdf/JME-37-22.pdf>>. Acesso em: 08 Mar 2021.

OLIVEIRA, M.R.G. **Nem ao centro, nem à margem! Corpos que escapam às normas de raça e de gênero.** 1ªed. Salvador-BA. Editora Devires, 2020. PRATT-CHAPMAN, M.L. Implementation of sexual and gender minority health curricula in health care professional schools: a qualitative study. **BMC Med Educ.** 2020 May 6;20(1):138. doi: 10.1186/s12909-020-02045-0. PMID: 32375760; PMCID: PMC7201690. Disponível em: <[https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7201690/pdf/12909\\_2020\\_Article\\_2045.pdf](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7201690/pdf/12909_2020_Article_2045.pdf)>. Acesso em: 08 Mar 2021.

RAIMONDI, G.A., HERCOWITZ, A., CIASCA, S.V., JUNIOR, A.L. **Ensino da saúde de diversidades sexuais.** In: CIASCA, S.V., HERCOWITZ, A., JUNIOR, A.L. Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar. Editora Manole, 2021.

RODRIGUES, A., WENETZ, I., CAETANO, M. **Currículos como narrativas e estudos queer: emergências que interrogam a educação.** In: RODRIGUES, A. CAETANO, M., SOARES, M.C.S. (org). Queer(i)zando Currículos e Educação: narrativas do encontro. Editora Devires, 1ª ed. Salvador, 2020.

ROTH, L.T., FRIEDMAN, S., GORDON, R., CATALLOZZI, M. Rainbows and “Ready for Residency”: Integrating LGBTQ Health Into Medical Education. **MedEdPORTAL.** 2020 Nov 4;16:11013. doi: 10.15766/mep\_2374-8265.11013. PMID: 33204837; PMCID: PMC7666841. Disponível em: <[https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7666841/pdf/mep\\_2374-8265.11013.pdf](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7666841/pdf/mep_2374-8265.11013.pdf)>. Acesso em: 08 Mar 2021.

SALKIND, J., GISHEN, F., DRAGE, G., KAVANAGH, J., POTTS, H.W.W. LGBT+ Health Teaching within the Undergraduate Medical Curriculum. *Int J Environ Res Public Health.* 2019 Jun 28;16(13):2305. doi: 10.3390/ijerph16132305. PMID: 31261831; PMCID: PMC6651354. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6651354/pdf/ijerph-16-02305.pdf>>. Acesso em: 08 Mar 2021.

SEKONIAO, GALENK, MANGA-ATANGANAB, BHADHURIA, JOLLYK. The effects of educational curricula and training on LGBT-specific health issues for healthcare students and professionals: a mixed-method systematic review. **J Int AIDS Soc.** 2017 Jul 19;20(1):21624. doi: 10.7448/IAS.20.1.21624. PMID: 28782330; PMCID: PMC5577719. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5577719/pdf/zias-20-1351187.pdf>>. Acesso em: 09 Mar 2021.

SILVA, P.H.A., SILVA, A.G., VASCONCELOS, G.M.A., SILVA, J.R.S., SOUZA, J.D.S., THORPE, L.I.F., et al. Sexualidade na grade curricular acadêmica de enfermagem: avaliação em universidades. **Rev enferm UFPE online.** 2021;15:e246549 DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2021.246549> Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/>

revistas/revistaenfermagem/article/view/246549/37629>. Acesso em: 08 Mar 2021.

STREED, C.G. J.R., HEDIAN, H.F., BERTRAM, A., SISSON, S.D. Assessment of Internal Medicine Resident Preparedness to Care for Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer/Questioning Patients. **J Gen Intern Med.** 2019 Jun;34(6):893-898. doi: 10.1007/s11606-019-04855-5. Epub 2019 Mar 7. PMID: 30847829; PMCID: PMC6544682. Disponível em: <[https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6544682/pdf/11606\\_2019\\_Article\\_4855.pdf](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6544682/pdf/11606_2019_Article_4855.pdf)>. Acesso em: 08 Mar 2021.

YAMAZAKIA, Y., AOKI, A., OTAKIA, J. Prevalence and curriculum of sexual and gender minority education in Japanese medical school and future direction. 2020. Disponível em: <[https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7006669/pdf/ZMEO\\_25\\_1710895.pdf](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7006669/pdf/ZMEO_25_1710895.pdf)>. Acesso em: 08 Mar 2021.

## SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO LGBTQIA+: LUTANDO CONTRA ESTIGMAS E PRECONCEITOS.

**José Eduardo da Silva Campos**

*Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, eduardoscamos01@gmail.com;*

### Resumo

O presente estudo teve como objetivo explorar e compreender sobre os estigmas e o preconceito que afetam a saúde mental da população LGBTQIA+, como também, debater a importância da conscientização e do respeito desta população no âmbito interno (na família) e no âmbito externo (na comunidade). Para tanto, realizou-se uma revisão da literatura durante o mês de fevereiro de 2021, utilizando-se dos dados eletrônicos da PubMed e Google Acadêmico, portanto a presente pesquisa apresenta alguns critérios de inclusão, tais como: a) A temática de saúde mental como foco principal; b) Artigos completos e encontrados de forma gratuita; c) Artigos publicados nos últimos anos. Foram excluídos: a) Artigos incompletos e não gratuito; b) Trabalhos incoerentes com o tema em questão. Constatou-se a importância dos estudos sobre saúde mental em uma perspectiva social da psicologia, e as contribuições da mesma, para possíveis soluções no combate do preconceito e da estigmatização, uma vez que se foi verificado, apesar da evolução, ainda existe preconceito na sociedade por conta da orientação sexual destes indivíduos. Ademais, relatou-se a importância do apoio psicológico e das terapias como aliados a aceitação do próprio sujeito e, também, gerar discussões destes profissionais com a comunidade sobre o tema na busca de ampliar o conhecimento procurando amenizar alguns estigmas e conscientizando a terem um maior respeito pela orientação sexual do outro. Haja vista, que o desencadeamento de todos os problemas mentais

nestes sujeitos são por causa do preconceito da sociedade e a não aceitação no ambiente familiar.

**Palavras-chave:** Estigmas; LGBTQIA+; Preconceito; Psicologia; Saúde Mental.

## Introdução

**A**s Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexual e Assexuais (LGBTQIA+) vivenciam processos de estigmatização e discriminação na sua vida cotidiana. Esses processos foram/são fortemente influenciados pelos manuais diagnósticos (DSMs e CIDs). Até meados de 1952, a homossexualidade era considerada um distúrbio mental pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), que publicou no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) tal afirmativa, fazendo com que diversos cientistas procurassem comprovações efetivas sobre essa questão. Após uma série de estudos, foi comprovado que a homossexualidade não está ligada a um distúrbio mental. Portanto, a APA precisou realizar novas pesquisas, terminando por retirar a homossexualidade da lista de transtornos mentais, em meados de 1973. Logo, em 1975 tiveram início as orientações para que profissionais de diferentes áreas não tratassem a homossexualidade como doença, visando evitar os processos de estigmatização e discriminação. Em contrapartida, a Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu a homossexualidade na Classificação Internacional de Doenças (CID) em 1977, ainda como doença mental, retirando-a somente em 1990, quando foi realizada uma revisão em todas as listagens de patologias.<sup>1</sup>

Atualmente, o termo “saúde mental” pode ser relacionado diretamente tanto à produção de sofrimento psíquico de um indivíduo ou grupo populacional quanto à conformação de um campo da saúde pública, em que se instauram determinadas políticas de saúde, suas práticas de cuidado e seus serviços.<sup>2</sup>

Aliado a isto, temos o enfoque na população LGBTQIA+, que, por terem comportamentos que diferem da convenção social da maioria, ou seja, da heteronormatividade, é atingida por demonstrações públicas de preconceito, agressões físicas, verbais e/ou psicológicas, têm seus direitos violados, entre outros. Destarte, o Relatório Violência LGTBfóbicas no Brasil e o Relatório de Violência Homofóbica no Brasil, iniciativa do Governo Federal, lançou dados oficiais sistematizados no país. Em 2012 foram reportadas 3.031 denúncias através do Disque Direitos Humanos (Disque 100), em 2013 as violências nesta população geraram 1.906 vítimas; por fim, foram contabilizadas 21.060 violações entre os anos de 2011 a 2016.<sup>3,4</sup> O Brasil apresenta

um dos maiores índices do mundo de violência contra a população LGBTQIA+, e estes casos são, muitas vezes, tratados com descaso e impunidade.<sup>5</sup> Tal cenário gera sofrimento psicossocial intenso, decorrente de uma atmosfera social ansiogênica, que muitas vezes resulta em conflitos internos, angústia e insegurança, deixando a população LGBTQIA+ mais propensa a manifestar sintomas depressivos.<sup>6</sup>

O presente trabalho tem como objetivo principal explorar e compreender acerca dos achados na literatura sobre os estigmas que afetam a saúde mental de pessoas LGBTQIA+. Como também, debater a importância dessa temática na sociedade contemporânea em que vivemos, conscientizando a população, em especial à família, olhar de uma maneira mais respeitosa e promover assim uma ampliação no conhecimento sobre as consequências do preconceito no desencadeamento de problemas na saúde mental de pessoas da comunidade LGBTQIA+.

## Metodologia

Este estudo trata-se de uma revisão da literatura fruto de uma pesquisa realizada durante o mês de Fevereiro de 2021 sobre os estigmas e o preconceito que afetam diretamente na saúde mental da população LGBTQIA+. Visando responder aos objetivos da pesquisa, deu-se destaque para: a) os impactos na saúde mental da população LGBTQIA+; b) Sobrecarga emocional, física, econômica e social dos membros desta comunidade devido ao preconceitos e estigmas enfrentados dentro da sociedade.

Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: a) ser um artigo científico fruto de pesquisa que responda ao objetivo geral da revisão; b) estar disponibilizado por completo e de maneira gratuita na internet, indexado nas bases de dados PubMed e Google Acadêmico; c) artigos científicos publicados nos últimos anos. Ademais, foram excluídos deste estudo: a) Trabalhos incompletos ou não gratuitos; b) Artigos que não condiziam com o objetivo do estudo. Para cada artigo estudado, foram selecionados os seguintes conhecimentos: referências, objetivos, métodos de pesquisa e resultados encontrados

Na base de dados PubMed, realizou-se a busca com as seguintes palavras-chave: “saúde mental e LGBT”. A partir desta busca, obteve-se 2.333 resultados. Após essa primeira coleta, foram aplicados os seguintes filtros para a afinar a pesquisa: a) textos completos e

gratuito; b) assunto principal: saúde mental da população LGBT; c) intervalo de ano de publicação: últimos 5 anos (2016- 2021). Após aplicação dos filtros, obteve-se 677 resultados, dos quais, foram selecionados apenas 04 artigos.

Já na base de dados Google Acadêmico, por meio da pesquisa com o tema “saúde mental de pessoas LGBT” e com a aplicação dos filtros: a) data de publicação: últimos 5 anos (2015-2021) e b) textos completos; foram obtidos 3.030 artigos, e após a realização da leitura dos resumos, concluiu-se que apenas 09 artigos atenderam os critérios de inclusão.

## Resultados e discussão

Resultou-se como estudo de abordagem interdisciplinar que se baseia na sociologia, nos estudos de gênero e nas teorias homossexuais e na psicologia social é importante analisar como um grupo social, no caso os LGBTQIA+, desempenham papéis sociais os quais são em boa medida constituídos a partir das suas experiências familiares que podem ser, e muitas vezes são, moldadas a partir das especificidades dos seus componentes. Por tais motivos as relações familiares podem torna-se conturbadas em detrimento da sexualidade de um do sujeito e essas relações conturbadas podem refletir no indivíduo socialmente.<sup>7</sup>

O desenvolvimento da saúde biopsicossocial do jovem dentro da dinâmica familiar, é inferida por cada um dos membros; em situações onde este indivíduo se percebe excluído por não atender a padrões socialmente estabelecidos, os vínculos entre eles ficam fragilizados, sendo fator de risco para agravos multiaxiais.<sup>8</sup> A rejeição familiar tem se mostrado como fator agravante à saúde mental, desencadeando futuramente uma depressão ou riscos de suicídio. Em contrapartida, o suporte é visto como proteção para estes fatores, mais do que o apoio de companheiros de causa ou outras pessoas importantes.<sup>9</sup>

Assim, se faz necessário o papel da psicologia na vida da população LGBTQIA+, pois o medo que esses indivíduos sentem de assumir sua orientação sexual diante de outras pessoas e até mesmo com os membros do próprio movimento, faz com que a sua saúde mental fique abalada e necessite de um apoio psicológico, de um profissional.<sup>12</sup>

Ademais, é possível também fazer a relação com o processo de *disclosure*, termo que significa o momento de revelação e manifestação

da própria sexualidade perante a sociedade.<sup>11</sup> Mesmo que este processo possa expor uma pessoa à hostilidade e preconceito de outras, ele representa uma relação positiva do indivíduo com si mesmo, e isto tem sido associado a resultados positivos na saúde.<sup>9</sup> Ressalta-se também que o *disclosure* fortalece os laços dentro do grupo LGBTQIA+, que usualmente se sentem mais à vontade em se expressar diante daqueles com quem compartilham as mesmas particularidades<sup>11</sup>, firmando sua identidade, o que tem relação direta com a sensação de fazer parte de um grupo. Isto faz com que se formem laços de suporte mútuo, conexões sociais e um senso de pertencimento, o que alivia os efeitos negativos do estresse sofrido devido à discriminação.<sup>10</sup>

Além disso, Barbora e Madureira (2017) mencionam sobre a necessidade da preparação dos psicólogos para atender a população LGBTQIA+, pois o despreparo pode dificultar no processo terapêutico e aumentar mais ainda o sofrimento psíquico destes indivíduos. Desta forma, conforme aos autores, para que os profissionais tenham conhecimento sobre o assunto precisam estudar sobre, porque em uma profissão que trabalha com todos os tipos de pessoas precisa-se ter conhecimento sobre esta diversidade. Assim, vale salientar a importância da busca pelas informações, de maneira constantes, por parte desses profissionais para que tenham um vasto conhecimento. Além disso, precisam também reconhecer os seus limites, de modo que atendam só os casos para os quais estejam preparados.<sup>13</sup>

Por fim, é importante que os centros de saúde pública possam oferecer a essa parcela vulnerável da população serviços no que tange o cuidado da saúde mental, através de profissionais especializados e qualificados. Vemos que a atuação do psicólogo neste processo de combate aos estigmas e preconceito é de suma importância, de uma maneira geral, por meio de debates e discussões sobre o tema no processo de inclusão destes membros na sociedade sem serem discriminados pela sua orientação sexual. Como também, de maneira específica, oferecendo acompanhamento psicoterapêutico nas redes de saúde pública.

## Considerações finais

Podemos concluir que os sujeitos participantes do movimento LGBTQIA+ apresenta vulnerabilidade às questões de saúde mental, devido a frequente exposição a discriminação e ao desrespeito somada

a expectativa de rejeição e necessidade de ocultação de sua identidade que impacta negativamente na saúde mental destes indivíduos.

Assim, em virtude dos fatos mencionados, destaca-se o quão é importante o acompanhamento destes sujeitos por um profissional voltado para os cuidados na saúde mental. De modo mais específico, o psicólogo seria o profissional ideal, por meio de psicoterapias facilitaria no processo de aceitação do indivíduo consigo mesmo, além de auxiliar nas relações interpessoais e familiares. Mas, podemos salientar que o papel do psicólogo não pode se resumir apenas a isso, é necessário pontuar que conscientizar e levar informações/conhecimentos para aqueles que não têm acesso sobre o tema é um grande aliado para que não pratiquem preconceitos e não criem estereótipos inadequados.

Por fim, a realização desta revisão evidenciou a necessidade no desenvolvimento de mais estudos voltados para a população LGBTQIA+, de modo especial no que tange a respeito da saúde mental, como também conscientizar família e a sociedade, de modo a esclarecer a dimensão do impacto negativo que a não aceitação das diferenças têm sobre estes sujeitos e, desta forma, realçar as formas de combatê-la.

## Referências

1. TAGLIAMENTO, G.; SILVA, S. S. C.; SILVA, D. B. *et al.* Minha dor vem de você: uma análise das consequências da LGBTfobia na saúde mental de pessoas LGBTs. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, n. 3, p. 77 – 112, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv>; Acesso em: 03 de fev. de 2021
2. CLEMENTE, A. Diálogos entre saúde mental e homossexualidade: notas sobre produção de subjetividade, sofrimento e opressão. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**. v. 2, n.1, p. 42 – 58, 2018. Disponível em: [www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh](http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh). Acesso em: 05 de fev. de 2021
3. Secretaria de Direitos Humanos (BR). **Violência LGBTfóbicas no Brasil: dados da violência**. Brasília (DF): Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos; 2016. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/lgbt/>

- violencia-lgbtforicas-no-brasil-dados-da-violencia. Acesso em: 09 de fev. de 2021
4. Secretária de Direitos Humanos (BR). **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013**. Brasília (DF): Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos; 2016. Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/RelatorioViolenciaHomofobicaBR2013.pdf>. Acesso em: 09 de fev. de 2021
  5. OLIVEIRA, D. A. G. **O suicídio na comunidade LGBT no Brasil**. [Monografia]. Universidade Federal de Juíz de Fora, Juíz de Fora, 2018. Disponível em: <http://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/DAIANA-APARECIDA-GOMES-DEOLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 13 de fev. de 2021
  6. OLIVEIRA, D.C.; POLIDORO, M. **Promotores e promotoras da saúde LGBT para profissionais no SUS**. 2ª ed. Porto Alegre (RS): UFRGS; 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189266/001082168.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 14 de fev. de 2021
  7. GOMES, I. K. S.; **Importância da família para a socialização da pessoa LGBTQ**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019. Disponível em: [http://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1471/1/2019\\_proj\\_iangomes.pdf](http://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1471/1/2019_proj_iangomes.pdf) Acesso em: 18 de fev. de 2021
  8. SILVA, I. T.; SILVA, T. P.; LINS, S. M. S. B. *et. al.* Ordens e desordens: complexidade do adolecer e saúde sexual: contribuições para enfermagem. **Rev. Enfermagem UERJ**. v. 24, n. 2, e14569, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2016.14569> Acesso em: 18 de fev. de 2021
  9. MCCONNELL, E. A.; BIRKETT, M. A.; MUSTANSKI, B. Typologies of Social Support and Associations with Mental Health Outcomes Among LGBT Youth. **LGBT Health**. v. 2, n. 1, p. 55 – 61, 2015.

Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/10.1089/lgbt.2014.0051> Acesso em: 20 de fev. de 2021

10. MACAPAGAL, K. GREENE, G. J., RIVERA, Z. *et. al.* “The best is always yet to come”: Relationship stages and processes among young LGBT couples. **Journal of Family Psychology**, v. 29, n. 3, p. 309–320, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/fam0000094> Acesso em: 23 de fev. de 2021
11. KATZ-WISE, S. L.; ROSARIO, M.; Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth and Family Acceptance. **Pediatric Clinics of North America**. v. 63, n. 6, p. 1011 – 1025, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.pcl.2016.07.005> Acesso em: 23 de fev. de 2021
12. SOUZA, A. B.; ALVES, G. D.; SILVEIRA, L. A. *et. al.* The impacts of social and family prejudice on the mental health of lesbians, gays, bisexuals and transsexuals. **Research, Society and Development**. v. 9, n. 4, e34942760, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i4.2760>. Acesso em: 26 de fev. de 2021
13. BARBOSA, M., MADUREIRA, A. F. **Os efeitos da homofobia na construção das identidades sexuais não-hegemônicas e o papel da/o psicóloga/o na promoção da saúde**. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Psicologia). Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uni-ceub.br/jspui/handle/235/11093>. Acesso em: 26 de fev. de 2021

## SAÚDE PÚBLICA E OS DESAFIOS PARA A ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA ÀS CRIANÇAS E ADOLESCENTES TRANS.

### **Liliane de Oliveira Caetano**

*Pós-graduanda do Curso de Mestrado em Serviço Social e Políticas Sociais da Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP - Baixada Santista. lili.caetano@hotmail.com;*

### **Terezinha de Fátima Rodrigues**

*Docente do Curso de Mestrado em Serviço Social e Políticas Sociais da Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP - Baixada Santista. terezinha.unifesp@gmail.com.*

### **Resumo**

As discussões sobre o direito à saúde para crianças e adolescentes trans demandam maiores investigações acadêmico-científicas, considerando dentre outros aspectos, as repercussões sociais e em relação à saúde pública. O Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual do Hospital das Clínicas de São Paulo foi pioneiro ao iniciar, em 2010, a assistência a essa população. O presente trabalho tem por objetivo identificar se existem direitos garantidos ou não no país, para esse público, utilizando-se de pesquisa documental com abordagem qualitativa, fundamentada no referencial teórico do materialismo histórico dialético. Como resultado observou-se que apesar da Constituição Federal de 1988 assegurar que a saúde é um direito da população e um dever do Estado, o denominado processo transexualizador, não dispõe dessa assistência para crianças e adolescentes, pois a Portaria do Ministério da Saúde nº 859/2013 que contemplava foi suspensa no dia seguinte à sua publicação. Além disso, o Estatuto da Criança da/o Adolescente - ECA, não estabelece direitos relacionados à Identidade de Gênero. No que se refere as categorias profissionais, o Conselho Federal de Serviço Social estabelece, desde

2018, que assistentes sociais devam desenvolver assistência a esse público considerando dificuldades que possam enfrentar no contexto familiar, escolar e demais relações sociais. O Conselho Federal de Medicina autoriza, desde 2019, as possibilidades de bloqueio hormonal (em caráter experimental) e hormonioterapia cruzada de acordo com o gênero de identificação, a partir dos 16 anos, contudo esses procedimentos demandam diagnóstico psiquiátrico, o que gera problematizações no âmbito da despatologização.

**Palavras-chave:** Saúde Pública, Direitos, Crianças e Adolescentes Trans.

## Introdução

O presente trabalho utiliza-se do conceito de identidade de gênero dos Princípios de Yogyakarta (2007), que se referem à aplicação da legislação internacional em direitos humanos, sobre a orientação sexual e identidade de gênero e de acordo com o referencial:

Compreendemos identidade de gênero a profundamente sentida experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. (PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA, 2007, p. 6)

Partimos da compreensão que “[...] pessoas trans são aquelas que vivenciam diferentes pertencimentos de gênero não normativo” (MARINHO, 2021, p. 249). Em uma perspectiva de respeito a posições pessoais e políticas e também para não incorrerem em generalizações, registramos que nem todas as pessoas travestis, transexuais, transgêneros se autodenominam como pessoas trans, ainda assim, opta-se por utilizá-la por ser uma das identidades políticas representativas para movimentos sociais e em âmbito acadêmico.

A partir das discussões teóricas e políticas sobre o direito a saúde das pessoas trans, observa-se que a dimensão da infância e adolescência ainda demanda maiores investigações teórico-científicas. Destaca-se que a utilização da terminologia ora adotada: crianças e adolescentes trans, não se articula a concepções estáticas e essencializadas seja das infâncias e adolescências ou da própria diversidade de gêneros.

Esse estudo baseia-se no materialismo histórico dialético, “na produção teórica da tradição marxista e nos debates políticos, a apreensão da exploração-opressão como unidade ainda ocupa um lugar periférico” (MARINHO, 2021, p. 252). Corroboramos com a autora sobre o reconhecimento da indissociabilidade entre as determinações de gênero, raça/etnia e classe, pois a realidade concreta é composta por tais determinações.

Para Marilda V. Iamamoto, nesse tempo de mundialização do capital, ocorre o crescimento das desigualdades, no processo de financeirização das relações econômicas que tem como expressão a “[...] regressão e destruição de direitos conquistados e a expansão da extrema direita respaldada no voto popular e compromissada com uma agenda econômica ultraliberal de corte de direitos, privatização de serviços sociais e sua mercantilização” (IAMAMOTO 2019, p. 34). O que gera profundos impactos no âmbito das políticas sociais e dentre elas, a saúde.

O Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - AMTIGOS-IPq do HCFMUSP, foi pioneiro no Brasil, ao iniciar no ano de 2010, atendimentos para crianças e adolescentes, no campo da diversidade de gênero (SAADEH, CORDEIRO e CAETANO, 2015).

Após uma década do início dessa assistência especializada, o presente trabalho teve por objetivo identificar se existem direitos garantidos ou não no país, para crianças e adolescentes trans, analisando a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e da/o adolescente, Portarias do Ministério da Saúde e Resoluções de categorias profissionais envolvendo a temática.

## Metodologia

O estudo foi realizado pela abordagem qualitativa, a qual se configura como uma forma privilegiada de acesso ao mundo vivido, além disso, inclui a/o investigadora/investigador situado social e historicamente. (DENZIN e LINCOLN, 2006).

A partir do referencial teórico do materialismo histórico dialético que teve sua fundamentação epistemológica cunhada por Marx, é possível enfatizar a dimensão histórica dos processos sociais (GIL, 2008). Além disso, tal método permite a análise da realizada concreta, desvelando processos ideológicos e suas contradições.

Nessa perspectiva foi desenvolvida uma pesquisa documental, para a verificação de possíveis direitos, para crianças e adolescentes trans, tendo como referências a Constituição Federal de 1988, o ECA, Portarias do Ministério da Saúde e Resoluções de categorias profissionais, em específico, a psicologia, serviço social e medicina.

## Resultados e discussão

Diferente de países como Argentina e Uruguai (para citar experiências no contexto Sul Global), o Brasil não dispõe de uma Lei de Identidade de Gênero que assegure direitos civis, relacionados ao corpo e à saúde de pessoas trans. Assim, também a população trans adulta tem ausências de garantias de direitos, ainda que em medidas diferenciadas em relação a crianças e adolescentes, até pelo referencial adultocêntrico presente nas relações sociais brasileiras.

No âmbito da saúde, a Constituição Federal de 1988, intitulada constituição cidadã, em seu Artigo 196 referencia a saúde com um direito de todas as pessoas e um dever do Estado, garantida por políticas sociais e econômicas, de acesso universal e igualitário, prevendo ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação da saúde; entretanto essa conquista da sociedade brasileira está em constante ameaça, pois retomando a análise de lamamoto (2019), os tempos são de mundialização do capital e destruição dos direitos sociais.

Mesmo para a população trans adulta ainda é, historicamente recente no Brasil, as regulamentações assistenciais, o primeiro marco ocorreu em 1997, por meio da Resolução CFM nº 1482/97. Somente a partir de 2008, o Ministério da Saúde instituiu no Sistema Único de Saúde - SUS o chamado “Processo Transexualizador” previsto inicialmente, pelas Portarias GM/MS nº 1.707/08, e SAS/MS nº 457/08.

Outra questão vivenciada pela população trans adulta é que o “Processo Transexualizador” do SUS, apesar de ser previsto para pessoas a partir dos 18 anos e que gozem dos direitos civis estabelecidos pela maioria, ainda não ocorre em uma perspectiva de direito ao corpo. Conforme apontam as autoras (ARÁN; MURTA e LIONÇO, 2009), seguindo uma tendência internacional, a assistência cirúrgica no Brasil foi condicionada a um diagnóstico psiquiátrico.

Em relação às crianças e adolescentes trans a problemática é ainda maior! Observou-se que embora haja o direito constitucional à saúde, o “Processo Transexualizador” do SUS, não assegura qualquer assistência para essa população em específico. A Portaria do Ministério da Saúde nº859/2013 que contemplava esse atendimento especializado na infância e adolescência foi publicada no dia 30 de Julho de 2013 e teve seus feitos suspensos, pelo próprio Ministério da Saúde, no dia seguinte (31 de Julho de 2013) por meio da Portaria nº

1.579/2013. A Portaria GM/MS nº 2803/13 que se encontra vigente, não aborda qualquer aspecto sobre a infância e adolescência.

O Estatuto da Criança e da/o Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, é uma legislação que representa uma mudança de paradigma em termos da própria concepção de infância e adolescência no país, considerando-os como períodos peculiares do desenvolvimento humano e dentre outros aspectos, estabelece o direito à saúde e a garantia em relação ao desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social; no entanto o ECA não estabelece direitos relacionados à identidade de gênero ou a orientação sexual.

Se em uma perspectiva crítica e de totalidade das relações sociais afirmam dentre outros aspectos a: “diversidade humana com horizonte na liberdade e igualdade substantivas” (CISNE e SANTOS, 2018, p. 193), partimos desta compreensão para problematizarmos que o ECA ao não considerar direitos relacionados à identidade de gênero e orientação sexual, enquanto valorização da diversidade humana, expressa tanto uma perspectiva universalizada de crianças e adolescentes, como uma tácita fragilidade de enfrentamento das desigualdades estruturais e sócio-históricas.

No âmbito das categorias profissionais, em 29 de Janeiro de 2018 (Dia da visibilidade Trans), o Conselho Federal de Psicologia, publicou a Resolução CFP nº 01/2018, estabelecendo normas de atuação de profissionais para essa população e, embora o documento não aborde especificamente crianças e adolescentes, é um marco no âmbito da despatologização ao definir que psicólogos/os devem reconhecer e legitimar a autodeterminação de pessoas transexuais e travestis em relação a sua identidade de gênero.

Também no início de 2018, o Conselho Federal de Serviço Social publicou a Resolução CFESS nº 845/2018, sobre a atuação de assistentes sociais nessa temática. Há uma defesa nas perspectivas de despatologização das identidades trans, reforçando a liberdade como um valor ético central e implicando essa categoria profissional na defesa da autonomia do indivíduos sociais sobre seus próprios corpos.

Destaca-se que a Resolução CFESS nº 845/2018 foi a primeira normatização no âmbito das categorias profissionais, a abordar especificamente crianças e adolescente no campo da diversidade de gênero:

Art. 8º Cabe à(ao) assistente social atender e acompanhar crianças e adolescentes que manifestem expressões de identidades de gênero trans,

considerando as inúmeras dificuldades que enfrentam no contexto familiar, escolar e demais relações sociais nesta fase peculiar de desenvolvimento na perspectiva do Código de Ética Profissional da(o) Assistente Social. (CFESS, 2018, p. 2).

A relevância da Resolução CFESS nº 845/2018 pode ser dimensionada pela explicitação da prerrogativa de direitos que a temática enseja e o trabalho profissional neste contexto, vinculado à assistência a crianças e adolescentes, não restringindo a perspectiva somente na atenção à saúde, mesmo porque nem todas as crianças e adolescentes que se identificam com pertencimentos de gêneros não normativos, necessariamente irão apresentar demandas de cuidado em saúde.

No que diz respeito à medicina, as três primeiras Resoluções do CFM sobre a temática abordavam somente possibilidades assistenciais para a população adulta (Resolução CFM nº 1.482/1997, Resolução CFM nº 1.652/2002 e Resolução CFM nº 1955/2010), além disso, tais referências foram amplamente problematizadas por movimentos sociais e em áreas acadêmicas, como ciências humanas e sociais, dentre as razões, pela exigência do diagnóstico psiquiátrico de “transexualismo”, considerado um elemento central em relação à patologização das identidades trans.

Em 2018, a Organização Mundial de Saúde (OMS) publicou a 11ª Edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID XI), que estabelece como categoria diagnóstica a “incongruência de gênero”, agora em um capítulo específico da saúde sexual e não mais como um transtorno mental (F.64.0 Transexualismo), como especificado na edição anterior CID X.

A campanha internacional *Stop Trans Pathologization* (SPT), que conta com a adesão de mais de 400 grupos para defesa dos direitos das pessoas trans, espalhados em todos os continentes do mundo, após a publicação da CID XI, reconhece a importância das identidades trans não serem consideradas como transtorno mental, ainda assim sinaliza a necessidade de despatologização total, com base nos direitos humanos e acesso universal à saúde. Também recomenda a substituição do termo incongruência de gênero (no caso de pessoas adultas e adolescentes) por outra categoria que mantenha sua utilidade, mas elimine o caráter patologizante e sugere ainda a retirada

do diagnóstico de “incongruência de gênero” especificamente no que se refere à infância.

A Resolução CFM nº 2265/19 (vigente) não incorpora todas as mudanças da OMS, utiliza a categoria “incongruência de gênero” e, ainda exige o diagnóstico psiquiátrico para o acesso a procedimentos de transformação corporal. Uma diferença emblemática da Resolução atual do CFM, em relação às anteriores, é estabelecer possibilidades assistenciais para crianças e adolescentes, não restringindo o enfoque de atuação a modificações corporais.

De acordo com a Resolução CFM nº 2265/2019, configura-se como possibilidade de intervenção a realização do bloqueio hormonal no estágio puberal Tanner II (início da puberdade), que consiste em pausar momentaneamente o desenvolvimento da puberdade, isso para crianças púberes e adolescentes, autorização em caráter experimental, portanto deve haver vinculação à projetos de pesquisa. A mesma Resolução autoriza a partir dos 16 anos a hormonioterapia cruzada, portanto a utilização de hormônios de acordo com o gênero de identificação da pessoa.

No Brasil, até o presente momento, o Ministério da Saúde não incorporou mudanças no “Processo Transexualizador” com base nas alterações da OMS e/ou do CFM, não incluiu prerrogativas de cuidado de disponíveis em Resoluções específicas do CFP e CFESS e, nessa conjuntura não existem dados oficiais do órgão sobre quantos serviços públicos atendem crianças e adolescentes trans.

Esses dados apresentados sobre a saúde da população trans no Brasil são emblemáticos, principalmente se considerarmos os aspectos da infância e adolescência, e nos permite analisá-los como: “limites da cidadania trans no seio de uma sociabilidade capitalista-(cis)heteropatriarcal-racista” (MARINHO, 2021, p. 251).

## Considerações finais

Embora recente historicamente, já se passou mais de uma década do início de atendimento especializado para crianças e adolescentes trans no Brasil e o SUS não incorporou essa assistência enquanto uma política pública. Essa ausência do poder público desvela o não rompimento com a transfobia e a reprodução de violações de direitos.

Destaca-se ainda que esta ausência ou insuficiência de assistência especializada, à crianças e adolescentes trans, negligência e

corroborar questões de saúde pública, tais como a utilização indiscriminada de hormônios, sem acompanhamento adequado, gerando por vezes agravos à saúde, principalmente no caso de adolescentes.

O fato da saúde ser um direito constitucional, mas não se efetivar, conforme exposto, desvela os limites de direitos na sociabilidade capitalista, sobretudo em tempos de mundialização do capital e de neoconservadorismo.

Em relação às categorias profissionais, CFESS e CFM, dispõem de Resoluções que abordam sobre o atendimento à crianças e adolescentes trans, nas quais é possível identificar perspectivas de assistência, não focalizadas em intervenções corporais. No caso específico de intervenções corporais, o CFM estabelece dentre os critérios a necessidade de diagnóstico psiquiátrico, que gera problematizações no âmbito da despatologização das identidades trans.

Assim, discussões e práticas no âmbito da despatologização transitam entre avanços e retrocessos. Além disso, outro desafio importante é que direitos à identidade de gênero sejam contemplados no Estatuto da Criança e da/o Adolescente.

Diante de tantos direitos violados ou não assegurados pelo Estado Brasileiro, as pessoas trans “[...] antes de reivindicar os direitos relacionados à sua pessoa, estão lutando para serem reconhecidas como pessoas” (TEIXEIRA, 2009, p. 32), sobretudo se considerarmos a infância e adolescência.

A construção e aprofundamento do conhecimento teórico-metodológico e ético-político se mostram como indispensáveis para compreensão e transformação da realidade social, de crianças e adolescentes trans, no contexto em que a emancipação humana implica uma luta anticapitalista, anticolonial, antirracista e anti-(cis)heteropatriarcal (MARINHO, 2021).

## Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas trans, por renovarem minha sede de transformar o mundo. Minha orientadora, Terezinha de Fátima Rodrigues, por todo incentivo no cotidiano e na escrita e, de forma muito afetiva à querida amiga, Mariana Aguiar Bezerra, por compartilhar posicionamentos e da construção desse trabalho.

## Referências

ÀRAN, M; MURTA, D & LIONÇO, T. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. Vol. 4, n. 14, p. 1141 – 1149. 2009.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 14 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 859/2013 Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde SUS**. Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 2803/2013 Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde SUS**. Brasília, 2013.

CISNE, M.; SANTOS, S. M. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Resolução CFM Nº 2265/2019**. Brasília, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP Nº 01/2018**. Brasília, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Resolução CFESS Nº 845/2018**. Brasília, 2018.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed. 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008

MARINHO, S. Relações de opressão-exploração da modernidade colonial: notas sobre cidadania trans e emancipação. **Rev. Em Pauta**, Rio de Janeiro, RJ, n. 47, v. 19, p. 248 – 264, 1º Semestre, 2021.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. 2007. Disponível em: [http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios\\_de\\_yogyakarta.pdf](http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf) . Acesso em 14 Mai. 2021.

IAMAMOTO, M. **O Serviço Social brasileiro em tempos de mundialização do capital**. Serviço social na história : América Latina, África e Europa / Maria Carmelita Yazbek Marilda Villela Iamamoto (orgs.). – São Paulo : Cortez, 2019

SAADEH, A; CORDEIRO, D. M; CAETANO, L. O. **Atendimento a transexuais e travestis: crianças, adolescentes e Adultos**. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participação. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Transexualidade e travestilidade na saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

STP. **International Campaign Stop Trans Pathologization**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/STP-International-Campaign-Stop-Trans-Pathologization-524821787533500/>>. Acesso em 21 de Setembro de 2020.

TEIXEIRA, F. B. **Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se no outro gênero e na sexualidade**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

## REFLEXÕES ACERCA DO CONDICIONAMENTO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA INFÂNCIA E NA JUVENTUDE COM BASE NOS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

### **Betina Lucia Maia**

*Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/RS (Polo Regional de Educação de Sobradinho). b.maiacsociais@gmail.com*

### **Vinicius Da Silva**

*Graduando pelo Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul – UFRGS/RS (Polo Regional de Educação de Sobradinho). viniciusdsp@hotmail.com*

### **Resumo**

A criança e o adolescente sendo sujeitos de direito e indivíduos sexuados, possuem individualidade e possibilidade de escolha, inclusive no que tange a diversidade de gênero. Este artigo propõe refletir a respeito de crenças e condicionamentos sociais que tomam determinadas vivências sexuais como desviantes e visa desconstruir as ideias dominantes de modo a refletir sobre as múltiplas formas de se relacionar e amar. Além disso, a proposta visa fomentar as variadas possibilidades de respeito às diferenças na sociedade, tomando por contexto reflexivo a família e as instituições escolares, o papel do professor e os ordenamentos jurídicos que garantem os direitos de gays, lésbicas e transgêneros. Fundamenta-se o desenvolvimento do projeto através da observação de parâmetros como gênero, sexualidade, direitos sexuais, direitos reprodutivos, vivência escolar, vivência familiar, entre outros. Conclui-se a partir deste, a relevância do tema em questão e a real necessidade de haver respeito entre os indivíduos para que impere o bem-estar social.

**Palavras-chave:** Gênero, Sexualidade, Direitos Humanos, GLBT, Respeito às diferenças.

## Introdução

**E**m uma sociedade que frequentemente nos deparamos com situações de discriminação faz-se necessário e relevante estabelecer correntes de pensamentos que auxiliem na harmonização social ressaltando o respeito às diferenças. Geralmente, nossas concepções a respeito deste tema originam-se de nossa criação familiar e desenvolve-se através da nossa vivência e convivência cotidiana. Sendo assim, partimos do princípio de que a infância e a adolescência são estopins para experiências repletas de descobertas e conhecimentos, mas principalmente de reconhecimento do eu e do outro. Dessa forma, estes fatores auxiliam o indivíduo na compreensão do que se é e do que ele almeja para sua vida e para seu futuro

O referente artigo traz como proposta reflexiva a ideia do acatamento de gênero e de determinados padrões de sexualidade na infância e na adolescência com base nos direitos sexuais e reprodutivos dos indivíduos dialogando com corpos sociais que frequentemente estabelecem restrições no ato de viver e amar.

Justifica-se esta proposta ao vermos a importância da educação sexual no seio familiar e dentro das escolas não como uma forma de condicionamento de gênero e da proliferação de ideias de exclusão, mas como um instrumento de auxílio à criança e ao adolescente no processo de conhecer-se a si mesmo respeitando as possíveis diferenças.

Neste documento, faremos uma viagem sobre os conceitos de sexualidade, infância, adolescência, gênero, direitos sexuais e direitos reprodutivos. Portanto, nesta exploração desenvolvemos reflexões para absorção de conhecimentos para melhor compreender a pauta e definir propostas de encorajamento e aceitação social de crianças e adolescentes que se reconhecem gays, lésbicas, transgênero, etc.

Enquanto seres sociais e sexuados nós nos reconhecemos diariamente de diversas maneiras e por isso somos únicos. A partir disso, podemos perceber que a condição sexual de determinado indivíduo não pode ser estabelecido por outras pessoas e não é uma doença por se diferenciar da maioria. Somos e temos o direito de sermos respaldados por normativas federais e que nossas preferências e direitos possam ser evidenciados desde que nossas ações não prejudiquem os seres que estão ao nosso entorno.

Portanto, para tal compreensão concluímos que não são salutares propostas rígidas e de determinismos padronizados. Que a essência do bem viver e da ordem, pautam-se no bem-estar de todos e de que é através de um olhar de respeito que se vai dissipar o preconceito.

## Metodologia

Para a realização deste trabalho foi abordado o método dedutivo-analítico base em pesquisas bibliográficas e em site. Para fundamentação teórica do ocorrido buscamos conhecer e analisar as ideias de alguns profissionais da área da jurídica, da educação e da saúde.

Dentre os documentos apreendemos conhecimentos a respeito dos direitos sexuais e reprodutivos de crianças e adolescentes com um olhar nos desafios das políticas da saúde, conforme (JIMENEZ, et.al, 2015, p. 4-7). Na área da educação apreendemos informações sobre como realizar a educação sexual e trabalhar a diversidade de gênero com vistas no papel da instituição escolar e do professor no estudo da sexualidade, bem como na proliferação de ideias de respeito às diferenças, conforme (MAIA, 2014, p. 11-13). Além disso, na área da educação buscamos entender a respeito do tema transversal estabelecido pelo Plano Nacional Curricular que assegura dentro da sala de aula o estudo do tema Orientação Sexual que desenvolvem ideias de democracia e cidadania, conforme (HAMZE). No campo jurídico, apreendemos informações a respeito dos direitos sexuais de gays, lésbicas e transgêneros no contexto latino-americano e quais ordenamentos jurídicos asseguram a garantia dos mesmos, conforme (RIOS, 2005, p. 3).

Como técnica de pesquisa analisamos dentre as leituras como os campos se relacionam e cooperam para uma real compreensão do problema. Os contextos que serão apresentados para reflexão acabam por conversarem entre si, gerando um discurso nítido e coerente. Através desta interdisciplinaridade gerenciamos nossa linha de raciocínio e análise, gerando discussões entre os temas e, portanto concebendo remates conclusivos.

## O que é sexualidade?

Conforme Maia 2004, p. 02, ao ouvir a palavra sexualidade geralmente lembramo-nos de relações sexuais. O que não está errado,

porém o conceito sexualidade é muito mais abrangente. Ao citar a palavra sexualidade, podemos estar nos referindo a diversas ações, sensações e prazeres, tais como: amizade, amor, afeto, orientação sexual, gênero, práticas sexuais, reprodução e prazer. E a sexualidade pode por sua vez se manifestar de diversas formas,

A forma como a sexualidade se manifesta varia de acordo com os contextos sociais do indivíduo. “o contexto social e econômico (diferentes culturas e momentos históricos), o contexto familiar (valores morais e religiosos), o contexto subjetivo (questões emocionais e cognitivas), entre outras”. (MAIA, 2004, p. 03)

Sendo assim, podemos compreender que o processo de compreensão da criança e do adolescente enquanto seres sexuados dão-se de forma gradual e tem sua origem nos contextos vivenciados pelo indivíduo gerando desta forma, conclusões particulares. A cultura, o processo de desenvolvimento histórico da humanidade, a família e seus princípios, os valores morais confrontam-se com questões emocionais e cognitivas do sujeito e é nesse ínterim que o mesmo retém muitas dúvidas e questionamentos segundo Maia, 2004, p. 3.

Em seu artigo, Maia, 2004, p. 3, 5-7, considera que quando o assunto é sexualidade, a infância caracteriza-se por um estágio onde o indivíduo reconhece seu corpo e do outro sem as influências da sociedade. Podemos nos perguntar de que forma isso seria possível. Digo-vos que a sexualidade em crianças pode e deve ser trabalhada através de brincadeiras, como por exemplo, a dança e o pega-pega. Dessa forma, está-se aumentando a autoestima e auxiliando a criança a desenvolver a sua identidade de acordo com Maia, 2004, p. 3. Já na adolescência com o aumento dos hormônios sexuais e de crescimento, o indivíduo entra na puberdade e a partir disso vivencia dramas e implicações de adolescente. Esta fase caracteriza-se principalmente pelo nosso reconhecimento enquanto seres sexuados e por realizar as escolhas sexuais e amorosas conforme Maia, 2004, p. 3, 7.

Sigmund Freud em *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* em (1905) assegura que crianças não são seres sexuados e por isso devem receber educação sexual desde a infância. Portanto, compartilhando desta prerrogativa da educação para a sexualidade e levando em consideração esta importante reflexão para adentrar ao assunto dos direitos das crianças e adolescente desenvolverem suas identidades

e apoderar-se de suas escolhas é que nós vamos refletir um pouco a respeito do papel da família, da escola e do professor neste processo.

## Educação sexual em casa e na escola

Vimos através das considerações de Maia, 2004, p. 3, que nossas concepções a respeito da sexualidade estão totalmente voltadas aos contextos de convivência do indivíduo e podemos por esta informação concluir que certamente aja condicionamento de padrões sexuais como, por exemplo, o heterocisnormativo que delimita a compreensão de apenas serem possíveis pares entre homens e mulheres. Além deste fato, existem outras motivações para que seja desenvolvidas propostas de educação sexual com crianças e adolescente. O indivíduo bem esclarecido pelas suas próprias preferências e direitos, consegue aceitar-se e aceitar o outro com maior facilidade. Ana Claudia Bortolozzi Maia, em seu artigo *Sexualidade e Educação Sexual* (2004) nos orienta a estar atentos as manifestações das crianças e dos adolescentes. Muitas vezes estas demonstrações são silenciosas e podem representar o sofrimento de repressões moralistas e conservadoras que impedem o indivíduo de questionar outro adulto ou a si mesmo. Além disso, o diálogo é uma grande ferramenta e que facilita a abordagem e a troca de informações que podem por sua vez desprender o sujeito intimidado a dizer aquilo que pensa e sente.

A proposta do estudo e do desenvolvimento de critérios nos estudantes torna-se fator extremamente importante para a compreensão da vida sexual e seus encargos. A partir de Maia 2004, p. 11, vemos que ao falar no assunto, os indivíduos o percebem como algo natural, e por isso acaba facilitando a vivência sexual do indivíduo sem que os mesmos sofram para atender padrões sociais, como tipo de relacionamentos, identidade e gênero. Para tanto, existem orientações documentadas que auxiliam educadores quanto ao ensino e a educação sexual dos alunos conforme visto no Site Brasil Escola em ensaio de Castro (2007). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) propõem temas transversais para a Base Nacional Comum Curricular (2017). Dentre eles, encontramos o tema de *Orientação Sexual* (Livro 102, 1997) que tem como pauta os seguintes pontos: o corpo, relações de gênero e prevenções de doenças sexualmente transmissíveis. A ideia é que estes temas possam ser trabalhados concomitantemente

aos demais, pois fornecem questões urgentes ao debate na sociedade contemporânea.

Com base nestas informações de Maia, 2004, p. 11-13, compreendemos que a família e os profissionais da educação podem e devem orientar as crianças e os adolescentes neste transe de reconhecimento e aceitação. A educação sexual é grande aliada na propagação de ideias libertárias, democráticas e de respeito entre as diferenças.

## Direitos sexuais e reprodutivos na infância e na adolescência

As Crianças ao longo da história do direito pátrio foram alvos de grandes discriminações por parte de toda a sociedade brasileira, a qual não se preocupava em respeitá-los, ou lhe atribuir direito, nem mesmo entendê-los, desconhecendo o fato de que os mesmos são seres ainda em desenvolvimento. (MENDES, 2006, p.11).

Nos primórdios do surgimento do Estado Constitucional, no fim do século XVIII, vem a tona o dever do Estado de proteger os direitos fundamentais como versa, CUCCI, 2011, p. 02. “Os direitos fundamentais, como princípios jurídico constitucionais conforme atualmente concebidos, surgiram com o nascimento do Estado Constitucional no fim do século Dessa maneira, a proteção infanto-juvenil, no Brasil, passou por três momentos., sendo o primeiro, “vinculado à Doutrina Penal do Menor,” de cunho penal, alicerçados nos Códigos Penais brasileiros de 1830 e 1890.

Assim, com a inauguração do Código de Menores de 1979 a Lei nº. 6697/79, cuja a proteção “à infância assume caráter assistencial, adotando a Doutrina da Situação Irregular.” Visto que, em seu art. 2º enumerou situações especiais que definem menor em situação irregular, “tais como estar privado de condições essenciais à sua subsistência por falta ou omissão dos pais,” ainda, “vítima de maus tratos ou castigos imoderados pelos pais ou responsáveis, ter cometido ato infracional”. (PERES, 2014, p.6)

Tratando-se dos direitos das crianças e dos adolescentes faz-se importante mencionar o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 1990.) que desenvolve normativas que asseguram os direitos das crianças e dos adolescentes. Entretanto, segundo colaborações de os mesmos estão altamente direcionados a proteção destes

indivíduos no caso de violência sexual e não reconhecem os mesmos como sujeitos de direitos sexuais e reprodutivos.

Por outro lado, o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE, 2006) amparado pela Lei nº 12.318, de 2010, apesar de validar ainda menos os direitos sexuais e reprodutivos das crianças e dos adolescentes assegura que,

Questões da diversidade cultural, da igualdade étnico-racial, de gênero, de orientação sexual deverão compor os fundamentos teórico-metodológicos do projeto pedagógico [...]; sendo necessário discutir, conceituar e desenvolver metodologias que promovam a inclusão desses temas, interligando-os às ações de promoção de saúde, educação, cultura, profissionalização e cidadania [...], possibilitando práticas mais tolerantes e inclusivas. (BRASIL, 2006, p. 49)

De certa forma, podemos compreender em Maia, 2004, p. 11, a presença e o reconhecimento tímido da promoção de uma orientação sexual, de diversidade étnico-racial e de gênero a partir de projetos pedagógicos. A diversidade apresenta-se constantemente e não pode ser negada. Interessante pensar que a criança e o adolescente enquanto seres sexuados – que possuem sentimentos, sensações, prazeres – podem e devem ser atendidos segundo os seus parâmetros de vida. Contudo, para melhor atendê-los fa-ze necessário a compreensão e o uso dos direitos sexuais e reprodutivos.

Os *direitos sexuais* asseguram o direito do indivíduo em viver sua vida sexual sem coerção e medo, bem como garante a ela o direito de escolher ser um indivíduo ativo sexualmente ou não. Parte destes direitos a possibilidade do sujeito escolher seu parceiro ou parceira sem nenhum tipo de discriminação e que o mesmo tem autonomia para expressar sua orientação sexual. No que tange os *direitos reprodutivos*, os mesmos garantem o direito básico dos indivíduos em escolherem livremente se querem ou não ter filhos, a quantidade e o espaçamento de tê-los. A responsabilidade de participação de ambos – mãe e pai – na criação dos filhos também está incluída neste direito conforme visto em Adolescentes, jovens e educação em sexualidade. (MAIA, 2004, p. 13. 2010)

Dito isso, podemos perceber que os direitos existem e que são meramente citados por documentações federais que ressaltam a

importância de suas aquisições e modelos. As propostas teóricas, metodológicas e a proposta de desenvolvimento pedagógico em educação sexual auxiliam-nos a tentativa de vislumbrar um futuro sem exclusão e preconceito.

A criança e o adolescente, apesar de serem relativamente novos às propostas sexuais, são sujeitos portadores destes direitos e devem conhecê-los de forma a exporem suas escolhas e preferências sem medo e exclusão. Conforme vimos em (JIMENEZ, et.al, 2015, p. 11) a proposição destes direitos também é facilmente relacionada com dimensões de subjetividade, o respeito à identidade e ao gênero, pois asseguram a autonomia sexual do indivíduo e é sobre isso nós falaremos a seguir.

## **Gênero: diversidade e identidade**

Seguidamente vê-se em jornais, revistas, em programas jornalísticos e na internet a discriminação da diversidade sexual. Segundo (RIOS, et.al, 2016, p. 2) seguimos tradições históricas e ideologias dominantes que procuram ditar os caminhos humanos alguns indivíduos desrespeitam os direitos sexuais e reprodutivos de cidadãos concebidos como desviantes. Gays, lésbicas, transgênero, naturalmente são discriminados como inadequados e vulgares.

Sendo assim, para melhor refletir a respeito do tema é interessante que pensemos a respeito da identidade. O conceito de identidade em sua expressão mais simples significa nossa individualidade, ou seja, possuímos características e percepções de humanidade muito restritas a nossa concepção do mundo. Ampliando determinado conceito podemos adentrar a ideia de cultura conforme (RIOS, et.al, 2016, p. 4) , que também é responsável pelo o direcionamento de nossas escolhas e por isso auxilia na definição da nossa identidade, ocasionando às vezes o fortalecimento da mesma e libertando o indivíduo e em outros momentos punindo e aprisionando o sujeito.

Por esta razão muitas vezes o homossexual não conseguem viver segundo seus direitos sexuais e reprodutivos e veem-se punidos pela cultura de uma sociedade. Aprisionados por tais conceitos, são discriminados e excluídos quando apenas estão fazendo uso de suas preferências advindas do próprio levantamento social. Gênero pode então ser entendido como,

Uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1995, p. 75)

É extremamente importante chamar a atenção para o conceito de identidade subjetiva trazida pelo autor em comentário (SCOTT, 1995, p. 75). Compartilhamos da percepção de que sendo o indivíduo único, social, sexuado, possuidor de direitos e portador de identidade subjetiva, o mesmo tem a justa ação de destacar-se heterossexual ou não. Todo o emaranhado de experiências que nele habita tem força suficiente para que ele possa através de suas experiências, sensações e relacionamentos auto afirmar-se gay, ou lésbica, ou transgênero.

A sociedade cega no conceito de heteronormatividade (RIOS, et.al, 2016, p, 16) e nega os direitos aqui sublinhados e condiciona os indivíduos – principalmente as crianças e os adolescentes – a padrões já pré-estabelecidos por movimentos históricos e ideológicos.

## Direitos GLBT sob uma ótica latino-americana

Segundo (RIOS, 2005, p. 2) os direitos humanos dentro do contexto da sexualidade são amparados por ordenamento jurídico e representam normativos estatais vigentes por determinado momento. Com vistas na necessidade de um ordenamento jurídico para GLBT houve a definição de três níveis de direitos, estes são de grau mínimo, grau intermediário e de grau máximo de proteção. Estes têm como objetivo geral a vivência da identidade protegida e legítima.

Como leciona, Rios, 2005, p. 3, em um grau mínimo de proteção, são aqueles onde foram revogadas as proibições tradicionais de práticas sexuais divorciadas dos padrões hegemônicos, especialmente veiculadas pelo direito penal. Em um grau médio, são aqueles em que, além de não criminalizarem tais práticas sexuais, instituem medidas sancionadoras de atos discriminatórios, como, principalmente, a proibição de discriminação por orientação sexual. Em um grau máximo são aqueles onde, além da descriminalização das práticas referidas e do sancionamento de atos discriminatórios, são instituídas medidas

positivas de proteção e de reconhecimento de práticas e identidades sexuais de gays, lésbicas e transgêneros.

O Brasil é presente na esfera de ordenamentos protetivos desde a edição do II Plano Nacional de Direitos Humanos do Programa Governamental Brasi sem Homofobia e assim como a Argentina e a Colômbia proíbe a discriminação e reconhece institucionalmente uniões entre pessoas do mesmo sexo. Dessa forma, com frequência gera apoio e atendimento específico a grupos gays e lésbicos. Entretanto, travestis ainda são fortemente discriminados dentro destes parâmetros conforme (RIOS, 2005, p. 3).

Em Rios, 2005, p. 8, 9, constatamos que apesar de já terem indícios de aceitação e respeito por via destes ordenamentos jurídicos documentados, ainda é grande o percentual de desafios no real desenvolvimento e cumprimento destes direitos. Os direitos GLBT foram fundados com origem nos direitos humanos e por isso compreendem vasto campo, mas tem como peculiaridades a liberdade de expressão sexual, questões gays, lésbicas, travestis e transexuais. Porém, em contrapartida da aceitação destes direitos temos instituições religiosas que propõe que os homossexuais devem ser convertidos em heterossexuais pelo sistema público de saúde.

## Considerações finais

A partir do estudo e da interdisciplinaridade que compõe o trabalho, podemos perceber que o contexto educacional, o jurídico e o da saúde estão terminantemente ligados quando o assunto é de análise sobre os direitos sexuais e reprodutivos na criança e no adolescente. Afinal, o indivíduo sendo sexuado, portador de direitos e com individualidade passa por grande construção social gerando preferências conforme suas razões e critérios. A escola, enquanto instituição de ensino tem o aval e orientações curriculares que defendem a educação sexual em sala de aula, o campo da justiça ampara o cidadão determinando ordenamentos jurídicos que o protegem em três níveis em sua vida sexual. E a saúde, atende os GLBT com políticas da saúde como, por exemplo, o Programa Governamental Brasi sem Homofobia.

O ponto de embate origina-se então no condicionamento dos padrões sociais, e insistem em não ver as objeções destes contextos e negam-se em espelhar-se em atitudes sem preconceito e munidas de respeito. A criança e o adolescente podem e devem se expressar no

contexto social de acordo com as suas preferências delimitando seus princípios e sentimentos, definindo por assim dizer o gênero que lhe atribui sem mistério, sem medo e sem constrangimento.

Dessa forma, propomos a reflexão destas informações contidas no trabalho, com vistas no não adiamento da aceitação da diversidade. Além disso, propostas como esta nos fazem perceber a imersão da sociedade em ideologias dominantes tóxicas que determinam situações e padrões a todos os indivíduos esquecendo que cada um tem uma história de vida.

Consideramos que independentemente dos estudos realizados e das ações já assinaladas nos contextos estudados como legítimas em campo nacional, fortes desafios e ondas contrárias influenciam a não aceitação da diversidade. A imposição ideológica de gênero é nitidamente presente em nossos dias atuais. Desde um gay que não vive de forma exposta sua vida sexual a uma mulher que recebe menos dentro de um grupo de trabalhadores de uma empresa, apenas por ser mulher.

Interessante ressaltar que esta pesquisa, poderá colaborar fortemente para reflexões a cerca da importância da educação sexual para crianças e adolescentes. Visto que ela descreve que a sexualidade não está pautada apenas no contexto das relações sexuais e por isso pode ser dialogado com indivíduos desta faixa de idade. Outro ponto interessante a se realizar seria um instrumento de dados – questionário referente ao tema – para ser dirigido aos pais e poder constatar o que estes pensam a respeito da educação sexual e da sexualidade no que corresponde aos seus filhos.

## Referências

**ARRURA**, Silvane et.al. **Adolescentes, jovens e educação em sexualidade**. Fundação PROMUNDO. Disponível em: <<https://promundoglobal.org/wpcontent/uploads/2015/01/guia-adolescentes-jovens-e-educacao-em-sexualidade.pdf>> Acesso em: 06 Abril 2021.

**CASTRO**, Amélia H. **OS TEMAS TRANSVERSAIS NA ESCOLA BÁSICA**. Site Brasil Escola. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/os-temas-transversais-na-escola>> Acesso em: 06 Abril 2021.

**CUCCI**, Gisele Paschoal; Cucci, Fábio Augusto; **A Proteção Integral de Crianças e Adolescentes Como Dever Social da Família, da Sociedade e do Estado**. Disponível em: <[pgsskroton.com.br/seer/index.php/juridicas/article/download/910/871](http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/juridicas/article/download/910/871)> Acesso em; 09 abril 2017. **JIMENEZ**, Luciene. ASSIS, Daniel A. D, NEVES, Ronaldo G. **Direitos sexuais e reprodutivos de crianças e adolescentes: desafios para as políticas de saúde**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042015000401092](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042015000401092)> Acesso em: 06 Abril 2021.

**MAIA**, Ana Cláudia Bortolozzi M. **Sexualidade e Educação sexual**. Disponível em: <[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unespnead\\_reei1\\_ee\\_d06\\_s03\\_texto02.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unespnead_reei1_ee_d06_s03_texto02.pdf)> Acesso em: 06 Abril 2021.

**MENDES**, MOACYR PEREIRA. **A DOCTRINA DA PROTEÇÃO INTEGRAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE FRENTE À LEI 8.069/90**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp009234.pdf>> Acesso em: 05 abril 2021.

**PERES**, Renata Pacheco Guimarães. **A proteção a criança e adolescente e afeto como valor jurídico**. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/renatapachecogperes.pdf> Acesso em; 05 abril 2021.

**RIOS**, Roger Raupp. **DIREITOS SEXUAIS DE GAYS, LÉSBICAS E TRANSGÊNEROS NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO**. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/pdf/rogerport.pdf>> Acesso em: 06 Abril 2021.

**RIOS**, Valteones da S. SOUZA, Nilcelio S. de. RODRIGUES, Adenir C. **Diversidade e identidade de gênero: uma abordagem necessária no cotidiano escolar**. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Diversidade-e-identidade-de-g%C3%AAnero%3A-Uma-abordagem-Rodrigues-Rios/fcbb61dba719cb84b01df6994b1c781b0276c85a>> Acesso em: 06 Abril 2021.

## ESTUPRO VIRTUAL E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NAS REDES SOCIAIS

### **Antonio Amilton Dias Amorim Junior**

*Especialista em Direito Constitucional pela Academia Brasileira de Direito Constitucional (ABDConst). Pós-graduando em Direito Penal e Criminologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduado em Direito pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Membro do Grupo de Pesquisa Garantismo em movimento – CNPq. E-mail: antonio.dias96@edu.pucrs.br*

### **Sandrck Sander Rodrigues Damasceno**

*Graduado pelo Curso de Direito da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: sandrick.damasceno@gmail.com;*

### **Luanna Tomaz de Souza**

*Professora da Faculdade de Direito e da Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal do Pará. Doutora em Direito (Universidade Federal do Pará). Coordenadora da Clínica de Atenção à Violência. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Direito Penal e Democracia. Email: luannatomaz@gmail.com*

### **Resumo**

O trabalho possui como objeto de pesquisa o tema do estupro virtual, que surge em um contexto de violência contra as mulheres no âmbito das redes sociais. Diante disso, a pesquisa busca compreender seus contornos e instrumentos legais de responsabilização a partir da dogmática crítica e da jurisprudência mais recente. A utilização da noção de “estupro virtual” tem sido controversa e merece acurada análise. Detém-se como amparo metodológico o escólio da pesquisa bibliográfica e da jurisprudência, além da criminologia feminista, e dos dados empíricos correlatos (pesquisa quali-quantitativa). Como resultado, o trabalho conclui que as redes sociais se inserem na dinâmica social vigente como mais uma ferramenta para o exercício da desigualdade e da discriminação, todavia, o recurso ao sistema penal também apresenta problemas relacionados à violência institucional contra as mulheres.

**Palavras-chave:** Internet. Estupro virtual. Violência contra a mulher.

## Introdução

O trabalho tem como principal análise as bases da violência contra a mulher no âmbito das redes sociais, tendo como foco o vazamento de imagens íntimas. Para isso, explana a dimensão do problema através do levantamento dos dados estatísticos destes vazamentos, e observando como as tentativas de ataque na reputação da vítima demonstram como a exploração da figura feminina na sociedade opera como um critério de culpabilização, na medida em que, mesmo sendo vítima, a mulher recebe eminentemente a carga do juízo de reprovação. Isso revela facetas do fenômeno intitulado como “cultura do estupro”, ligado a episódios de culpabilização da mulher. Doravante, explora a temática do estupro virtual, demonstrando que mesmo sem o vazamento das imagens, a violência sexual pode ser efetivada por meio da utilização das fotos íntimas como um instrumento de coerção moral e, por conseguinte, de grave ameaça, a fim de atingir a prática de um ato libidinoso virtual. Diante da inexistência do contato físico, questiona-se se tal ação virtual poderia ser compreendida como estupro. A justificativa do trabalho refere-se à importância de compreender melhor o problema contemporâneo da violência contra as mulheres nas redes sociais, a qual vem atingindo índices de incidência cada vez mais altos, e provocando danos e sequelas em inúmeras mulheres. É de suma importância, portanto, a elucidação destes temas, como forma de que possamos saber como lidar com tais fatos e até mesmo adiantar soluções para outros pontos. Para tanto tem como objetivo geral o de demonstrar as dimensões atuais do vazamento de imagens íntimas nas redes sociais, e seus efeitos, demonstrando o crescimento deste fenômeno por meio das estatísticas mais recentes; bem como pretende abordar os fundamentos jurídicos do estupro virtual; e problematizar se todo o aparato jurídico é a melhor resposta para o combate a estas violências cibernéticas, tendo em vista que o núcleo do sistema penal também corresponde a um mecanismo de manutenção da desigualdade de gênero. Detém-se como amparo metodológico o escólio da pesquisa bibliográfica e da jurisprudência, além da criminologia feminista, e dos dados empíricos correlatos. Como resultado, o trabalho conclui que as redes sociais se inserem na dinâmica vigente como mais uma ferramenta para o exercício da discriminação, e que, apesar do sistema penal ter demonstrado

um esforço em revitalizar seu ordenamento jurídico para que respostas a diferentes tipos de violência tenham um tratamento melhor, o recurso ao sistema penal ainda apresenta problemas como a violência institucional contra as mulheres.

O referencial teórico, e a linha de raciocínio do trabalho, se iniciam pela abordagem da violência contra as mulheres, segundo as estatísticas do fenômeno dos vazamentos de imagens íntimas; após isso, faz um recorte do delito de estupro dentro do novo paradigma da dogmática penal referente a proteção da dignidade sexual, trazendo autores como Paulo César Busato e Guilherme Nucci, além da jurisprudência mais recente do Superior Tribunal de Justiça quanto a (des) necessidade de contato físico para a consumação do delito de estupro. Por fim, problematiza o tratamento jurídico desta violência com base na crítica criminológica do sistema penal, realizada pela autora Vera Regina Pereira de Andrade.

## Metodologia

A metodologia do trabalho seguiu a pesquisa quanti-qualitativa, tratando do tema da violência contra a mulher nas redes sociais com o auxílio da coleta de dados estatísticos, bem como pela teoria feminista de Simone de Beauvoir quanto ao processo de objetificação da figura feminina; também fez uso da metodologia dogmática, no que tange a base penal e constitucional do delito de estupro; e criminológica, quanto ao tema da ineficácia dos sistema penal como solução deste problema.

## Resultados e discussão

O trabalho traz como resultado a observação de que os caminhos da violência contra as mulheres vêm se manifestando de modo múltiplo com a utilização de meios modernos de comunicação, circunscrevendo-se de acordo com a existência de plataformas que possibilitam a sua prática. Com efeito, cabe a demonstração da progressão escalar em números de denúncias dentro do cenário da atual pandemia da Covid-19. Nos toma a atenção especialmente o crescimento das denúncias de violência contra a mulher no âmbito virtual, demonstradas conforme os Indicadores da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, pelos quais contempla-se que

a organização SaferNet processou, no ano de 2020, 12.227 denúncias anônimas de violência ou discriminação contra mulheres em solo nacional, veiculadas em aproximadamente 6 milhares de páginas da web. Tais violações, denunciadas no Brasil, encontram-se hospedadas em páginas de diversos países, operando em 5 línguas diferentes, de acordo com registros de 27 países em 5 continentes (SAFERNET, 2020). A SaferNet também informou que em abril de 2020, a notificação das denúncias de violência virtual contra a mulher havia crescido 21,27%, enquanto que em abril de 2019 houve um aumento de 154,90% das denúncias de exposição de imagens íntimas, das quais 70% das vítimas são mulheres (RAMOS, 2020), o que demonstra a sedimentação deste problema.

De igual modo, a Secretaria de Direitos Humanos e a Central de Denúncias também apresentaram crescentes relatos de violência e discriminação contra a mulher no âmbito virtual. Através destes dados, a presente pesquisa chegou a alguns diagnósticos: o primeiro deles é o de que a esmagadora maioria do conteúdo denunciado encontra-se hospedado em domínios estrangeiros, sendo que apenas metade destas denúncias resultam na retirada do material de circulação (SAFERNET, 2020); o segundo deles, é que o crescimento médio gradual no volume de denúncias também simboliza uma adesão maior das vítimas a esse mecanismo de imputação (SAFERNET, 2020). Outro tópico que também chama a atenção diz respeito as denúncias massivas realizadas no âmbito das redes sociais, especialmente o Facebook. Não obstante, em oposição ao elevado número de denúncias, menos da metade desse conteúdo foi retirado de circulação, perdendo somente para a aparente imunidade dos sites de conteúdo pornográfico deste setor (SAFERNET, 2020).

Neste viés importa salientar a curiosa indissociabilidade das denúncias sobre as demais elementares do grupo “Violência ou Discriminação contra a Mulher”, deixando uma lacuna informacional em um leque de ocorrências destas noticiadas violências, permitindo somente números aproximados das violências de cunho sexual na internet; nos parece correto julgar que, apesar de um indicativo mínimo, os domínios de conteúdo originalmente pornográfico hospedam conteúdo de fruto de delitos que apenas arranham em números uma superfície muito mais ampla que os números reais de todas as fontes somadas. Nisto também torna possível depreender o comprometimento em notificar a dimensão atual desta problemática

aberrante da nova tecnologia de diálogo das sociedades humanas. Em tal ponto, o crescimento desses números durante a pandemia permite apontar a ramificação de uma forma nova mais abrangente de crimes, que a nível de experiência jurídica é ainda desafiadora.

Outro ponto importante refere-se aos números do aplicativo de namoro *Happn*, os quais revelam que 31% de seus usuários brasileiros praticam *sexting* (união das palavras em inglês para “sexo” e “conversa escrita” respectivamente), correspondendo a aproximadamente 1/3 do total nacional (BISNETO, 2020). O âmbito virtual, em suas inúmeras controvérsias de segurança e privacidade, por si só já demonstra um registro de invasões, furtos de dados e violações de segurança, onde “a resposta trazida pelo controle dos algoritmos de dados, por um lado, leva a criação de blocos de conhecimentos difusos e sem conexão entre si, usados para o controle de opinião de massa” (DA SILVA; BARAKAT, 2020) e, por outro, acarreta na criação de ambientes onde atividades ilícitas em fóruns são práticas corriqueiras, e onde as conversas íntimas culminam em divulgações sem permissão ou respeito às fotos, vídeos, mensagens e intimidades de terceiros. Neste viés o *sexting* é explorado para o uso indevido das imagens compartilhadas em rede, com várias finalidades delituosas, muitas vezes levando a coerções que visam auferir vantagens sexuais denominadas de estupro virtual (GOMES, 2020).

Dentro desse ponto, as autoras Matzembacher e Stoco evidenciam como os relacionamentos atuais, com novos padrões de exposição de sua intimidade consubstanciado pelas redes sociais de massas, possibilitam interações de reserva pessoal de um casal em que o estímulo erótico está na tela de celulares em mensagens instantâneas. Segundo as autoras, “em um período onde o isolamento social obriga as pessoas à solidão física, estas práticas tomam uma dimensão muito mais ampla, situação na qual afloram os delitos que ficaram caracterizados como ‘pornografia de vingança’, sobretudo a extorsão sexual, ou sextorsão” (MATZEMBACHER; STOCO, 2020). Dentro deste ponto, há que se frisar a correlação deste comportamento abusivo e ilícito ao processo de objetificação da figura feminina, explorada pela filósofa feminista Simone de Beauvoir, em sua obra *O Segundo Sexo*. Segundo a autora, tal processo se observa na entrega do corpo feminino como um objeto de desejo e posse da figura masculina: “quando a mulher é entregue ao homem como um bem, o que ele reclama é que nela a carne esteja presente em sua pura facticidade. Seu corpo

não é tomado como a irradiação de uma subjetividade, mas sim como uma coisa empastelada em sua imanência” (BEAUVOIR, 2009, p.198). Dessa forma, conclui-se que a exploração da imagem feminina através do vazamento de imagens íntimas pelo homem no ambiente digital, e a promoção de um ambiente do ódio à carne - outro reflexo do puritanismo patriarcal como denomina Beauvoir (2009), revelam apenas mais uma faceta do processo de objetificação e de dessubjetivação da mulher.

Em consonância a isto, o trabalho também traz resultados referentes aos fundamentos jurídicos do *estupro virtual*. Observamos que a extensão da violência contra as mulheres nas redes sociais, especialmente com foco no vazamento de imagens íntimas, encontra amparo no novel paradigma de proteção da dignidade sexual. Com efeito, na hipótese do agente constranger a vítima à realização de ato libidinoso, carnal ou diverso, utilizando como instrumento de grave ameaça a imagem íntima da vítima, configurar-se-á o delito de estupro, independente do contato físico na auferição da vantagem sexual, de acordo com a presença de vício no livre consentimento da escolha sexual (CUNHA, 2019).

Para esclarecer o raciocínio jurídico construído nessa diretriz, deve-se, primeiramente, ter em vista que a tutela da dignidade sexual é um fenômeno recente na configuração legalista, tendo sido iniciada em meados do ano de 2003, quando uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) foi instalada pelo Requerimento de nº02/2003, trazendo resultados preocupantes quanto à exploração sexual de crianças no Brasil (BUSATO, 2014). Um dos efeitos das discussões traçadas por esta CPMI foi o advento da Lei nº 11.106/2005, a qual suprimiu o crime de rapto; revogou o crime de sedução; e ampliou o rol de vítimas do crime de genocídio e tráfico de pessoas (BUSATO, 2014). Doravante, surge o projeto de lei de nº 253/2004 convertido na lei nº12.015/2009, que modificou o Título de “crimes contra os costumes” para “crimes contra a dignidade sexual”, em uma tentativa de aproximar o conteúdo penal dos princípios plasmados na Constituição de 1988, em especial a dignidade da pessoa humana, dentro do aspecto subjetivo ligado à respeitabilidade e à autoestima do ser humano (NUCCI, 2014).

Cumpramos ressaltar que a referida lei aglutinou as figuras delitivas do estupro e do atentado violento ao pudor, de modo que o citado delito passou a se referir tanto a conjunção carnal quanto a qualquer

outra forma de violência exercida por meio de ato libidinoso diverso (BUSATO, 2014). A aproximação entre estas figuras delitivas já vinha ocorrendo paulatinamente desde o advento da Lei 8.072/90, que equiparou as penas dos dois crimes para a reclusão de seis a dez anos (NUCCI, 2014). Tal modificação demonstra uma ruptura histórica com o tratamento do estupro, o qual detinha como fulcro a proteção da honra desde os alvares do direito romano (NUCCI, 2014). No prisma da dignidade sexual, o bem jurídico do crime de estupro deixou de focar em aspectos como honestidade ou ofensa à virgindade da mulher, de modo que toda a atenção do legislador direcionou-se à proteção da liberdade de escolha e consentimento, como expressão de sua dignidade sexual (BUSATO, 2014), passando a criminalizar o ato sexual não consentido livremente (NUCCI, 2014).

Essa nova expressão do crime de estupro pode ser visualizada na nova literalidade do Art. 213 do Código Penal. Segundo o dispositivo, configura o crime de estupro “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. Assim, tem-se o alargamento da figura delitiva albergando qualquer forma de ato libidinoso alcançado por intermédio da violência ou da grave ameaça. De tal maneira, pode-se concluir que se torna despicienda a necessidade de contato físico para a prática do crime (NUCCI, 2017). Em tal sentido, há que se frisar que esta interpretação já encontra agasalho na jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça (STJ): “prescindível a ocorrência de efetivo contato físico para que se tenha consumado os atos lascivos diversos da conjunção carnal, e atentatórias à liberdade sexual da vítima” (BRASIL, 2017, p.07), entendimento extraído do REsp de nº 1.640.087-MG. Paralelamente, no RHC de nº 70.976-MS, a Quinta Turma fixou entendimento unânime de que a *contemplação lasciva* já configura o ato libidinoso do Art. 213, de modo que é irrelevante, para o reconhecimento da consumação, que haja contato físico (RHC 70.976-MS *apud* BRASIL, 2017). Conclui também o STJ que a dignidade sexual não tem como foco apenas lesões de natureza física, mas também o transtorno psíquico que a conduta pode ensejar na vítima, o que deve ser matéria afeta à eventual dosimetria da pena (RHC 70.976-MS *apud* BRASIL, 2017).

Tem-se, portanto, um inexorável diagnóstico de que a grave ameaça exercida por meio da posse de imagens íntimas, com o especial fim de auferir vantagem sexual, seja carnal ou não (no que se insere o

*virtual*), configura o delito de estupro, sendo irrelevante a presença de contato físico entre o agente e a vítima. Nesse contexto, a prática do ato libidinoso por meio das redes sociais, vem ganhando na doutrina a designação de *estupro virtual* como uma espécie do gênero *sextorsão*, terminologia que, segundo Rogério Sanches Cunha, designa qualquer tipo de coerção moral “em que o agente constrange outra pessoa se valendo de imagens ou vídeos de teor erótico que de alguma forma a envolvam” (CUNHA, 2019, p.208), todavia, é também importante correlacionar este moderno esquema com os problemas intrínsecos ao sistema penal, especialmente o fato de que os avanços no foco de proteção do delito de estupro, não tem surtido qualquer eficácia notável na atenuação da violência contra as mulheres. A raiz disto, no entanto, é mais profunda do que uma simples dificuldade na efetivação de direitos. A criminologia, por exemplo, há muito demonstra que o sistema penal possui mais contribuições a favor da violência contra as mulheres, do que no combate contra esta. Isso ocorre por uma razão sistêmica, inerente às estruturas nas quais este modelo foi construído (BESTER, BOZZA, e PINTO, 2016). Notadamente, a atuação do sistema penal tem no cerne de sua construção, a finalidade do controle social, atrelado à uma tríade marcada pelo capitalismo, patriarcado e racismo (BESTER, BOZZA, e PINTO, 2016). Este ponto de vista é percebido principalmente na prática de uma violência institucional exercida contra as vítimas de estupro, como por exemplo no conhecido caso *Mariana Ferrer*. Depoimentos perante autoridades policiais ou perante o próprio Judiciário constantemente tem como objeto de questionamento a vida sexual pregressa da vítima, a roupa que ela usa, o local em que ela estava, os hábitos que exerce, entre outros elementos irrelevantes para o trato da questão criminal (BESTER, BOZZA, e PINTO, 2016). Tal aspecto revela a presença daquilo que a teoria feminista chama de “cultura do estupro”, inerente à culpabilização das vítimas e ao favorecimento da impunidade de seus agressores (BESTER, BOZZA, e PINTO, 2016). Em relação a este ponto, Márcia Tiburi afirma que jamais ocorre a culpabilização do estuprador justamente porque ele age dentro de uma lógica que é apoiada socialmente, ao tempo em que a vítima do estupro é questionada, independente de ela ter cedido ao ato ou não (TIBURI *apud* BESTER, BOZZA, e PINTO, 2016). Mister ressaltar que isso não é uma falha do sistema penal, mas sim a concretização do seu propósito precursor (BESTER, BOZZA, e PINTO, 2016). Neste ponto se insere a crítica da criminóloga Vera Regina Pereira

de Andrade, a qual salienta a ineficácia do sistema penal na proteção das mulheres contra a violência que sofrem, justamente por ser um sistema que *duplica* a vitimação feminina, selecionando vítimas de acordo com o merecimento pelo grau de *honestidade*, e recriando desigualdades e preconceitos sociais (DE ANDRADE, 1999). Não só isso, a aposta no sistema penal como possível solução da violência exercida contra as mulheres cria também uma contradição lógica por reunir o movimento progressista com movimentos conservadores que tem como principal agenda a expansão do poder punitivo, tal qual o movimento Lei e Ordem (DE ANDRADE, 1999), em uma axiomática antinomia de valores.

## Considerações finais

Diante de todos os resultados alcançados, conclui-se que as problemáticas referentes à violência contra a mulher possuem raízes diversificadas que vem ganhando mais um espaço no ambiente digital das redes sociais, tendo em vista a utilização destas redes como novas ferramentas no exercício da sólida dinâmica patriarcal, principalmente por meio de vazamentos e ameaça de vazamentos para vantagens sexuais. Conclui-se também que o novo prisma da dignidade sexual tornou despicienda a exigência de contato físico para o crime de estupro. Tal entendimento já possui amparo na jurisprudência do STJ e na doutrina, que já reconhece, inclusive, a viabilidade de um crime de estupro exclusivamente virtual. Não obstante o sistema penal também demonstra uma prática de duplicação da violência contra as mulheres, de modo que ocorram situações de revitimização e de violência institucional. A vítima, nesse contexto, assume o lugar da reprovabilidade, enquanto que o agente do ato ilícito adquire diferentes frentes de defesa, exercidas pelos próprios sujeitos do processo, subvertendo tanto a funcionalidade formal quanto a funcionalidade substancial das regras e princípios processuais.

Destarte, a solução permeia não só uma revitalização legislativa e jurisprudencial, mas também uma remodelação total e profunda nos principais alicerces desse sistema, criando estruturas que sejam compatíveis com princípios constitucionais como a igualdade de gênero e a dignidade da pessoa humana, através de mecanismos alternativos ao poder punitivo que atenuem gradativamente a duplicação da violência contra as mulheres.

## Agradecimentos

Agradecemos à Professora Luanna Tomaz de Souza pela orientação do trabalho desenvolvido, além do auxílio na delimitação do tema e pelas sugestões de aprimoramentos.

## Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**; tradução Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BESTER, Gisela Maria; BOZZA, Fábio da Silva; PINTO, Bonfim Santana. As culturas do estupro, da violência e da paz: um corte transversal nos estudos da violência de gênero sob as óticas da Vitimologia e da Criminologia Feminista. **Revista Jurídica Consulex**, Brasília, DF, ano XX, n. 466, p. 26-34, 15 jul. 2016.

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. Recurso Especial nº 1.640.087 - MG. da 5ª Turma do Superior Tribunal de Justiça, Brasília, DF, 15 de dezembro de 2016. In: **Revista Eletrônica da Jurisprudência**. Disponível em <https://bitly.com/60wsN>. Acesso em 30.03.2021

BISNETO, Luis Calazans De Brito. Uma Pandemia de Nudes: Vazamento de Nudes, PornRevenge, e Sextortion. In: **Justificando**. Disponível em: <https://www.justificando.com/2020/07/21/uma-pandemia-de-nudes-vazamento-de-nudes-porn-revenge-e-sexortion/>. Acesso em 11, abril, 2021.

BUSATO, Paulo César. **Direito penal**: parte especial 1. São Paulo: Atlas, 2014.

CUNHA, Rogério Sanches. **Manual de direito penal**: parte especial (arts. 121 ao 361). 11ª ed. rev., ampl. e atual. Salvador: JusPODIVM, 2019.

DA SILVA, Eduardo Soares; BARAKAT, Najah Jamal Daakour. Crimes Cibernéticos. **Congresso RECAJ – UFMG, CONPEDI**, Belo Horizonte – MG, 2020, [S.l.], p. 22 – 28.

DE ANDRADE, Vera Regina Pereira. Da mulher como vítima à mulher como sujeito. In: BARATTA, Alessandro; STRECK, Lênio Luiz; e DE ANDRADE, Vera Regina Pereira. **Criminologia e Feminismo**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

GOMES, Edwiges Carvalho. Sextorsão: A violência sexual contra a mulher na era virtual à luz do direito penal. **Congresso RECAJ – UFMG, CONPEDI**, Belo Horizonte - MG 2020, [S.l.], p. 29 – 36.

MATZEMBACHER, Alanis Marcela Carvalho; STOCO, Isabela Maria. Sujeitas à violação virtual: um quadro além do mero isolamento social. **Associação Brasileira dos Advogados Criminalistas, ABRACRIM**, [S.l.], 2020. Disponível em: <https://www.abracrim.adv.br/artigos/sujeitas-a-violacao-virtual-um-quadro-alem-do-mero-isolamento-social>. Acesso em 11, abril, 2021.

NUCCI, Guilherme. **Código Penal Comentado**. 18<sup>a</sup> ed. rev., atual. e ampl. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Crimes contra a dignidade sexual**. 5<sup>a</sup> ed. rev., atual. e ampl. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

RAMOS, Raphaela. Violência contra a mulher na internet cresce na quarentena. Saiba como identificar e se defender. In: **O Globo**. 2020. Disponível em <https://oglobo.globo.com/celina/violencia-contramulher-na-internet-cresce-na-quarentena-saiba-como-identificar-se-defender-1-24438989>. Acesso em 12, abril, 2021.

SAFERNET. **Indicadores da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos**. 2020. Disponível em: <http://indicadores.safernet.org.br/>. Acesso em: 11, abril. 2021.

## REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CENÁRIO ELEITORAL DE 2018 E PÓS-ELEIÇÕES

### Vinicius Da Silva

*Graduando pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul- UFRGS - RS - (Polo Regional de Educação de Sobradinho) [viniciusdsp@hotmail.com](mailto:viniciusdsp@hotmail.com)*

### Betina Lucia Maia

*Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - RS (Polo Regional de Educação de Sobradinho). [b.maiacsociais@gmail.com](mailto:b.maiacsociais@gmail.com)*

### Resumo

O presente estudo visa lançar um olhar sobre a violência LGBTs+, no contexto das eleições de 2018, bem como pós-pleito eleitoral e seus reflexos na sociedade brasileira. Sendo que durante a campanha eleitoral, segundo notícias de jornais tiveram uma verdadeira guerra e perseguições, das mais variadas possíveis, de xingamentos a tentativa de homicídio, sem mencionar que com a ajuda das redes sociais esses ataques se tornaram frequentes, ademais ao se encerrando o pleito eleitoral, a insegurança tornou-se muito maior, como aumento das agressões, logo no início do novo governo se torna claro o clima de apreensão sofrido, sendo que com a renúncia de um deputado federal, por causa das perseguições e ameaças sofridas ao seu mandato, ocasionando sua saída do território nacional. Nesse norte considerando o cenário pós-pleito presidencial, ser LGBTs+, se tornou um risco a sua integridade, física e moral, tendo que conviver em um ambiente austero e de risco de vida. O presente trabalho resulta de pesquisa bibliográfica com método dedutivo-analítico

**Palavras-chave:** Campanha eleitoral, Violência, Direitos Humanos, Gênero.

## Introdução

No início do pleito eleitoral de 2018, quando ainda se definia os prováveis candidatos, já se figurava uma disputa que envolveria de uma forma mais direta dois projetos, um ultra conservador, com grande clamor popular, e outro centrado em pilares mais sociais, com apelo pela educação.

No decorrer da campanha eleitoral, foi tomando conta da nação brasileira, uma onda conservacionista, onde o politicamente correto deixou de ser a tônica dos projetos, e no final veio a um governo com uma visão menos voltada para educação e investimentos em pesquisa.

Neste contexto, o presente estudo versa sobre a propagação dos direitos humanos e sua resistência por meio da educação, tendo em vista o resultado das eleições de 2018, onde o Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, apresentando um ponto de vista militarista deixa a desejar no quesito das ações voltadas as questões de gênero.

O presente estudo visa lançar um olhar sobre a violência LGBTQ+, no contexto das eleições de 2018, bem como pós-pleito eleitoral e seus reflexos na sociedade brasileira, sendo que durante a campanha eleitoral, segundo as notícias dos jornais se tiveram uma verdadeira guerra e perseguições, das mais variadas possíveis, de xingamentos a tentativa de homicídio, sem mencionar que com a ajuda das redes sociais esses ataques se tornam frequentes, ademais ao se encerrando o pleito eleitoral, a insegurança tornou-se muito maior, como aumento das agressões, logo no início do novo governo se torna claro o clima de apreensão sofrido, sendo que com a renúncia de um deputado federal, por causa das perseguições e ameaças sofridas ao seu mandato, ocasionando sua saída do território nacional.

Neste norte considerando a cenário pós-pleito presidencial, ser LGBTQ+, se tornou um risco a sua integridade, física e moral, tendo que conviver em um ambiente austero e de risco de vida. O presente trabalho resulta de pesquisa bibliográfica com método dedutivo- analítico.

### Discurso de ódio

Ao se tentar conhecer um pouco mais quem seja o atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro “é nascido na cidade de Campinas, no Estado de São Paulo, e está em sua sétima legislatura,

até o momento. Nas últimas eleições, no ano de 2014, foi o Deputado Federal mais votado pelo Estado do Rio de Janeiro, obtendo cerca de 464.5658 votos”. Desse modo seja “prudente pensar que a expressiva reeleição de Bolsonaro nos informa tanto sobre a adesão popular ao seu discurso, quanto à legitimidade que sua retórica possui no Congresso Nacional”. (NUNES, 2017, p. 46)

Dessa maneira o Deputado referido “é também militar da reserva e esse fato certamente se reflete nas comissões da Câmara dos Deputados em que o parlamentar atua como, por exemplo, a Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional (CREDN)”. Sendo de conhecimento nacional sua “defesa que Bolsonaro faz ao regime militar após o golpe de 1964”. (NUNES, 2017, p. 46)

Vislumbrando “os discursos de Jair Bolsonaro em seu momento de campanha eleitoral, podemos identificar uma série de eixos – que a população brasileira estava começando a entender como merecedores de atenção”, pelo menos um determinado público, desse modo “foram questionados e deslegitimados através de assertivas superficiais e fáceis que pareceram criar um eco perante a opinião pública. E ainda mais sério: pareceram revestir-se de uma aparência de indiscutível verdade”. Declarações de Jair Bolsonaro “apoiando a brecha salarial de gênero, contra a conciliação da vida familiar e laboral, ou falando absolutamente contra o aborto, sugerindo pena privativa de liberdade para mulheres que o levassem a cabo”, ainda falou em palanque de campanha “proclamando uma aquiescência forçada das minorias em relação às majorias, falas do atual presidente que tratavam com desprezo, ao ironizar, as questões raciais; que explicitamente figuravam como discurso de ódio à população LGBT”; sendo “que eram indulgentes em relação às práticas de violência de gênero”. (CUNHA, 2020, p. 02)

Ao remorar o pleito de 2018, e ao analisar a firme manifestação do então Deputado Federal do Partido Progressista (PP) Jair Bolsonaro que sempre se posicionou contrariamente a projetos destinados à promoção da diversidade sexual no Brasil durante seus mandatos.

Assim, que pensava como o referido Deputado Federal, ou seja, “a massas conservadoras e retrógradas da sociedade se sentiu no direito de manifestar seu discurso sobre as questões que envolviam as relações não heterossexuais”, bem como os “padrões normativos, violentos e preconceituosos construídos na modernidade por uma

sociedade que se caracterizava, e ainda é marcada, pelo machismo e pelo patriarcado”. (BULGARELLI, 2019, p. 11)

Diante disso se sentindo representado pelo candidato a presidente Jair Messias Bolsonaro, seus seguidores, vão as ruas cometer atrocidades como podemos vislumbrar;

Houve uma escalada do discurso de ódio no contexto eleitoral. Ativistas e militantes denunciaram agressões físicas ou verbais contra pessoas LGBTQ+. O assunto passou a ocupar os noticiários. Além dos depoimentos de pessoas LGBTQ+ que sofreram xingamentos e ofensas nas redes sociais por parte de eleitores e apoiadores de campanha de extrema direita, foram noticiadas situações envolvendo ameaças de morte e homicídio de pessoas LGBTQ+ com motivação político-eleitoral. Em outubro de 2018, foi divulgada uma gravação de vídeo onde um grupo de torcedores de futebol entoava um cântico homofóbico no metrô de São Paulo: “Ô bicharada, toma cuidado, o Bolsonaro vai matar veado”. O vídeo se tornou viral nas redes sociais três dias antes do primeiro turno das eleições gerais. (BULGARELLI, 2019, p. 07)

Além disso, cabe ressaltar que “é necessário também situar o Brasil como o país que responde pelo maior número de assassinatos de travestis e mulheres trans no mundo, de acordo com levantamento realizado pela ONG Transgender Europe (TGEU)”. (BULGARELLI, 2019, p.08)

### **Ações pós assumir como Presidente**

Dentre os primeiros atos pós assumir o planalto o então presidente Jair Bolsonaro, foi;

O governo Bolsonaro, com a justificativa de necessidade de corte de gastos, extinguiu e fundiu ministérios em um só, reformulando a organização ministerial. O antigo Ministério de Direitos Humanos passou a chamar-se Ministério da Mulher, da Família e Direitos Humanos. A primeira notícia que se pode considerar prejudicial às causas da população LGBTQI foi a alteração das diretrizes de direitos humanos, que servem de base orientativa às políticas públicas desse ministério, de cujo texto já não mais constam as minorias

sexuais. É a primeira evidência clara de uma política governamental que despreza a relevância das questões LGBTI e relega-as ao banimento institucional. A problemática aqui é: se essas questões não são uma pauta de direitos humanos, de que serão? (CUNHA, 2020, p. 03)

Carregado de conservadorismo e de ideologia foi o primeiro discurso da então ministra do referido ministério;

(...) as declarações da ministra que tiveram repercussão mundial, pelo tom reacionário e pela retórica conservadora, foram relativas à já mencionada “ideologia de gênero”. A ministra protagonizou um vídeo, publicado logo depois de assumir o Ministério da Mulher, da Família e Direitos Humanos, em que afirmava que “uma nova era estava começando no Brasil, uma era em que meninos vestiam azul e meninas vestiam rosa”. (CUNHA, 2020, p. 03)

Ao analisar as implicações deste discurso observa-se por meio dela um discurso e um plano de governo transfóbico, “isto porque as pessoas trans são sujeitos que não se identificam com o gênero que lhes foi outorgado na hora do nascimento, rompendo as normas de gênero (assentadas ademais na ideia de identidade biológica dos corpos)”. (CUNHA, 2020, p. 08)

## Resultados e discussão

Dito isto, compartilhamos da ideia de que estas expressões prejudicam a vivência da democracia em solo brasileiro. As atuações aqui referidas aparecem como exemplos para a população brasileira que fortemente também é reconhecida como preconceituosa, porém não somente no que diz respeito aos direitos LGBTs, mas também, com os negros, com a religião, pela exclusão segundo nível sócioeconômico, etc.

Ademais, seria interessante refletir a respeito de que os eleitos são o reflexo da escolha da maioria dos cidadãos que segundo o voto elegeram seu representante. Sendo assim, poderíamos nos questionar quanto à origem destes critérios de escolhas. Enfim, no que se baseiam, o que os sustentam quando percebemos que o resultado destas escolhas tratam os cidadãos com propostas desiguais e ilegítimas,

pois reconhecem alguns grupos como desviantes e sugerem a eles que se convertam a vontade da maioria.

Desde então, pensemos em dislumbrar novas propostas de análises no que diz respeito aos princípios que determinaram as ondas da política contemporânea. Duda Salabert, eleita vereadora na capital mineira pelo PDT, em entrevista a Carta Capital em 29 de Dezembro de 2020 faz considerações importantes ao tema quando diz “para 2021, eu vejo o pior dos cenários para o movimento LGBT, para os movimentos sociais e para os movimentos de luta. Eu acho que vai acontecer no próximo ano uma retirada e um desmonte absurdo de direitos historicamente conquistados”. Nesta fala a vereadora demonstra o quanto os direitos humanos e as especificidades dos direitos LGBT foram desmerecidos pós-pleito. É desconcertante a forma como tais conquistas se perdem no tempo como se nunca existiram.

Sintetizando, em mesma entrevista, Duda diz que “o que muda o mundo não é a criação de novas leis, mas criação de novas consciências. Isso se faz no âmbito escolar. Vamos fazer um mandato pautado na questão escolar, pautando um novo modelo de escola”. Interessante esta ressalva, se refletida sob a ideia de que os governantes atuais são espelhos da maioria da população em suas ações e expressões, afinal, foram eleitos.

Por fim, a vereadora sugerindo a emancipação das consciências retrata um princípio que poderia mudar o cenário nacional. Dessa forma, o trabalho em escolas mediando reflexões acerca do tema e definindo algumas concepções de direitos e competências cidadãos são, quem sabe, uma oportunidade abolir com as ações preconceituosas que diferenciam as pessoas pela falta da unicidade de um discurso de paz.

## Considerações finais

O atual trabalho não esgota de forma alguma o contexto estudado. É extremamente necessário, que ainda se realizem pesquisas e que se promovam debates que evidenciem pautas como, por exemplo, “por que 29% dos LGBTs votam em Bolsonaro?” (BULGARELLI, 2018) ou então refletir a cerca das perspectivas sociais a respeito do tema, ou seja, quais são as percepções dos cidadãos brasileiros no que tange a ideia de Bolsonaro e seus companheiros partidários e afins serem

ou não homofóbicos quando há percentual considerável de LGBTs o apoiam.

Seria interessante ao abordar este tema realizar entrevistas com gays, lésbicas e transsexuais apoiadores do atual presidente, no sentido de tentar trazer às pesquisas a visão destes enquanto cidadãos brasileiros e simpatizantes de Bolsonaro. Dessa forma, poderíamos com maior critério debater a respeito das expressões preconceituosas do atual presidente. Em virtude disto, poderíamos de certa forma entrar em contato com duas versões que auxiliariam na compreensão do fato.

Não queremos com isto, de forma alguma ressaltar que este percentual de votos isenta as declarações nefastas e os ataques. Apenas sugerindo uma maior possibilidade de alcance deste assunto, bem como da maior probabilidade de compreender melhor os anseios dos grupos LGBTs. Com isto, este trabalho buscou desenvolver reflexões a cerca das fortes manifestações homofóbicas que banhou o cenário eleitoral de 2018 e as ramificações dos atos que sobreviveram pós-pleito.

## Referências

BULGARELLI, Lucas. **Violência contra LGBTs+ nos contextos eleitoral e pós-eleitoral.** Disponível em: < [http://violencialgbt.com.br/dados/190321\\_relatorio\\_LGBT\\_V1.pdf](http://violencialgbt.com.br/dados/190321_relatorio_LGBT_V1.pdf) >. Acesso em: 20 Março 2021.

BULGARELLI, Lucas. **Por que 29% dos LGBTs votam em Bolsonaro?** Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/27/opinion/1540592921\\_823943.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/27/opinion/1540592921_823943.html)>. Acesso em: 13 Abril de 2021.

CUNHA, Leonam Lucas Nogueira. **A antipolítica de gênero no governo Bolsonaro e suas dinâmicas de violência.** Disponível em:<<https://www.revistas.usp.br/reb/article/download/176467/163971/441901>>. Acesso em: 04 Abril 2021.

LIMA, Thiago Pereira. **O GOVERNO JAIR BOLSONARO (2019-2022) E AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO: medo de falar sobre o gênero?** Disponível em: <<https://sinespp.ufpi.br/upload/anais/NjUy.pdf?035159>>. Acesso em: 04 Abril 2021.

NUNES, Anderson da Cruz. **Uma análise dos saberes em torno da homossexualidade no Congresso Nacional Brasileiro através das legislaturas de Jair Bolsonaro e Jean Wyllys.** Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/4334/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Anderson%20da%20Cruz%20Nunes.pdf>>, Acesso em: 20 Março 2021.

PUTTI, Alexandre. **“Vejo o pior dos cenários para o movimento LGBT em 2021”, diz Duda Salabert.** Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/vejo-o-pior-dos-cenarios-para-o-movimento-lgbt-em-2021-diz-duda-salabert/>>. Acesso em: 13 Abril de 2021.

SANTOS, Rayani Mariano dos. **A mobilização de questões de gênero e sexualidade e o fortalecimento da direita no Brasil.** Disponível em: <<https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/download/308/265>>. Acesso em: 04 Abril 2021.

## UMA ANÁLISE SOBRE O RACISMO RELIGIOSO NOS DIAS ATUAIS

### Vinicius Da Silva

*Graduando pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul- UFRGS-RS- (Polo Regional de Educação de Sobradinho), [viniciusdsp@hotmail.com](mailto:viniciusdsp@hotmail.com)*

### Betina Lucia Maia

*Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS-RS (Polo Regional de Educação de Sobradinho). [b.maiacsociais@gmail.com](mailto:b.maiacsociais@gmail.com)*

### Resumo

O presente estudo vislumbra uma análise sobre o racismo religioso, tendo como cenário os ataques sofridos por pessoas que prática as tradições brasileiras de matrizes africanas, bem como dos povos de terreiro, levando em conta, que o papel do Estado laico é agir como mediador de conflitos, com políticas públicas. De modo a não inferir as estruturas singulares do sagrado religioso. Bem como, as religiosidades não confessionais, uma vez que, a liberdade religiosa é um dos direitos humanos fundamentais, idêntico a, liberdades de expressão e de crença são asseguradas pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e pela Constituição Federal sendo parte do direito à liberdade de expressão, consciência e opinião. Assim o futuro da intolerância religiosa pode ser a extinção do próprio homem por seus próprios atos. Na verdade se Deus quer paz, harmonia e amor, e a função do Estado deveria ser proteger seus indivíduos, como está estampado nas Cartas Constitucionais brasileiras. O presente trabalho resulta de pesquisa bibliográfica com método dedutivo-analítico.

**Palavras-chave:** Estado Laico, Intolerância Religiosa, Direitos Humanos, Liberdade de Culto.

## Introdução

**A**o longo, da evolução histórica da relação com a religião e a intolerância, ainda que de forma sintética, é de fundamental importância para compreender qual a relação da tolerância religiosa com esta evolução e, até mesmo, com o surgimento dos Direitos Humanos no mundo atual. (GONÇALVES, 2013, p.2).

Pois, historicamente o Brasil foi marcado por relações de intolerância religiosa quer nos idos dos escravos ou nos dias atuais. Sendo estas frequentemente ligadas à discriminação das minorias religiosas, principalmente no que tange à demonização dos cultos das religiões de matrizes africano-ameríndias e a perseguição dos seus praticantes.

O presente estudo vislumbra uma análise sobre o racismo religioso, tendo como cenário os ataques sofridos por pessoas que prática as tradições brasileiras de matrizes africanas, bem como dos povos de terreiro, levando em conta que o papel do Estado laico é agir como mediador de conflitos, com políticas públicas.

De modo a não inferir as estruturas singulares do sagrado religioso. Bem como, as religiosidades não confessionais, uma vez que, a liberdade religiosa é um dos direitos humanos fundamentais, idêntico a, liberdades de expressão e de crença são asseguradas pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e pela Constituição Federal sendo parte do direito à liberdade de expressão, consciência e opinião.

Assim o futuro da intolerância religiosa pode ser a extinção do próprio homem por seus próprios atos. Na verdade seu Deus quer paz, harmonia e amor, e a função do Estado deveria ser proteger seus indivíduos, como está estampado nas Cartas Constitucionais brasileira. O presente trabalho resulta de pesquisa bibliográfica com método dedutivo- analítico.

### **A Constituição da República Federativa do Brasil e a liberdade religiosa**

Neste sentido, na democracia não há crime de heresia ou pelo menos não deveria existir. Uma vez que o Estado laico garante “que cada cidadão e cidadã possa viver segundo sua crença, sem receio de ser perseguido ou perseguida por seu pertencimento religioso.” Nesse

sentido, na nossa Constituição Federal (1988), este direito está previsto no artigo 5º, inciso VI, o qual assegura liberdade de consciência e de crença. (LOREA, 2011, p. 01)

Neste norte do Artigo 5ª, inciso VI,

Art. 5º, inc. VI, da Constituição Federal de 1988 - “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos seus locais de culto e suas liturgias”.

Neste sentido também é corroborado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, da qual o Brasil é signatário, “no que tange ao compromisso ético e democrático no combate aos crimes de intolerância religiosa,” como se pode constatar no artigo 18 da Declaração:

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular. (ONU, 1948)

Assim, o ambiente democrático fomenta a diversidade, na medida em que as pessoas ficam livres para viver segundo suas crenças, acreditando ou não na existência de Deus. Para compreender este fenômeno tem-se que conhecer o passado, uma vez que, nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1707), por exemplo, não se cogitava de liberdade para o indivíduo escolher sua religião, sendo que versava, no O Livro Primeiro, título II, “como são obrigados os pais, mestres, amos e senhores, a ensinar, ou fazer ensinar a doutrina cristã, aos filhos, discípulos, criados e escravos”, já no seu Livro Quinto, título I, mencionava “Que se denunciem ao Santo Ofício os hereges e os suspeitos de heresia ou judaísmo”. Neste sentido, com o Estado impondo uma religião e perseguindo as demais, modelou-se a maioria católica no Brasil colônia, “naturalizando-se o tratamento desigual àqueles que não professam a religião da maioria”. (LOREA, 2011, p.01)

Neste sentido, somente com proclamação por meio do Decreto 119-A, em 1890 o Brasil passou a ser um Estado laico, pois a laicidade, definida como “o regime de convivência no qual o Estado se legitima

pela soberania popular e não mais por algum poder divino, não é contra as religiões.” Como prescreve LOREA, 2011, p. 01:

Estado laico não discrimina por motivos religiosos, não afirma nem nega a existência de Deus, tampouco estabelece hierarquia entre as milhares de crenças professadas no país, relegando essa questão à liberdade de consciência de cada cidadão. A laicidade fomenta a diversidade religiosa, inerente a uma sociedade livre e plural.

Neste sentido, a transição de um monopólio religioso para um regime de liberdades e direitos, impõe desafios e novidades à democracia. A mudança legislativa deve se fazer acompanhar por uma transformação mundial e cultural, que desnaturalize a desigualdade religiosa. Sendo que com a ratificação da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), a Organização das Nações Unidas pauta o tema da liberdade religiosa. Mais recentemente, em 1995, aprovou a Declaração de Princípios sobre a Tolerância. (LOREA, 2011, p.02)

Como bem descreve a Declaração de princípios sobre a Tolerância da ONU de 1995;

**Artigo 1 – Significado da tolerância** 1.1 A tolerância é o respeito, a aceitação e a apreço da riqueza e da diversidade das culturas de nosso mundo, de nossos modos de expressão e de nossas maneiras de exprimir nossa qualidade de seres humanos. É fomentada pelo conhecimento, a abertura de espírito, a comunicação e a liberdade de pensamento, de consciência e de crença. A tolerância é a harmonia na diferença. Não só é um dever de ordem ética; é igualmente uma necessidade política e jurídica. A tolerância é uma virtude que torna a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz. (BRASIL, 2011, p. 44)

Sendo que, a tolerância é, portanto, “uma atitude ativa fundada no reconhecimento dos direitos universais da pessoa humana e das liberdades fundamentais do outro”. (BRASIL, 2011, p. 6-7)

Nesse sentido na Constituição Federal de 1988, a missão do Estado Democrático de Direito é promover o bem estar social a todos os membros da sociedade para uma convivência pacífica e harmônica. (GONÇALVES, 2012, p. 6)

Dessa forma, aponta o artigo 3<sup>a</sup>, inciso IV como segue Art. 3<sup>o</sup>, inc. IV - promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, tendo como objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil.

Assim o Estado Brasileiro é Laico, uma vez que, “não tem religião oficial, devendo garantir a manifestação das diversas religiosidades do povo brasileiro,” segundo estabelece a Constituição Federal, em seu artigo, 19, inciso. I e 150, inciso. IV, letra “b”;

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: Estabelecer cultos religiosos ou igrejas subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes, relações de dependência ou aliança, ressalvada, na formada lei, a colaboração de interesse público.

Art.150. Sem prejuízo de outras garantias asseguradas ao contribuinte, é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: VI – Instituir impostos sobre: b- Templos de qualquer culto.

Neste sentido a Constituição veda a tributação sobre qualquer templo, com a finalidade de não dificultar o funcionamento pelo ato tributário, cumprindo o seu papel de garantidor do Estado Laico. Assim sendo, esse conjunto de dispositivos constitucionais é o que determina a laicidade do Estado Democrático de Direito brasileiro. E, segundo seus regramentos, todos têm direito a ter uma religião ou não ter religião e essa deve ser respeitada independentemente da religião do próximo. (GONÇALVES, 2012, p. 12)

Como Estado brasileiro é laico e no seu legítimo papel de garantidor e fiscal da tolerância religiosa, o governo a fim de garantir o cumprimento dos direitos assegurados por lei e pela Constituição, para combater os casos de intolerância religiosa e promover o diálogo inter-religioso foi criada, em 2011, pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República a Assessoria da Política de Diversidade Religiosa, que tem como objetivo planejar e articular políticas públicas voltadas para a promoção da liberdade religiosa no país. (BRASIL, 2015, p. 03)

Assim, o Estado brasileiro apresenta uma pluralidade, construída por várias raças, culturas, religiões, permite que todos sejam iguais, cada um com suas diferenças. É o que faz do Brasil, o Brasil. “Certamente, deveríamos, pela diversidade de nossa origem, pela

convivência entre os diferentes, servir de exemplo para o mundo.” (BRASIL, 2004, p.3)

Mas não é o que acontece, uma vez que no momento em que alguém é humilhado, discriminado, agredido devido à sua cor ou à sua crença, ele tem seus direitos constitucionais, seus direitos humanos violados; este alguém é vítima de um crime – e o Código Penal Brasileiro prevê punição para os criminosos.

Neste sentido, no exato momento em que você lê este artigo, há um ser humano sofrendo algum tipo de discriminação, perseguição ou até mesmo violência física, no Brasil e no mundo, numa pequena cidade do interior, numa aldeia ou numa metrópole – pelo simples fato de pensar e agir de acordo com sua crença. Segundo a cartilha da secretaria dos direitos humanos e diversidade religiosa. (BRASIL, 2004, p.13)

Assim, o futuro da intolerância religiosa pode ser a extinção do próprio homem por seus próprios atos, uma vez que, aqueles que discriminam, perseguem e praticam violência religiosa contra seu semelhante dirão agir assim em nome do Ser em que acreditam. Quanto na verdade se Deus quer paz, harmonia e amor, por isso o Estado deve proteger seus indivíduos, estampado nas Cartas Constitucionais como o caso do Brasil.

## Resultados e discussão

A partir das leituras e da verificação dos resultados da análise, pudemos perceber que apesar de todas as pessoas terem direito à consciência, ao pensamento e a religiosidade (ONU, 1948), o Estado Brasileiro dificilmente tem predominado no cumprimento do seu papel no que tange assegurar os direitos dos cidadãos.

Embora sejam documentados estes direitos ao cidadão, ainda há uma falta de políticas públicas para o intento. Sendo assim, considerando a predominância dos episódios de racismo religioso pensemos na importância de se falar em racismo e não em intolerância religiosa.

Segundo Gabriela Ramos, advogada, em entrevista dada ao Site Brasil de Fato em Julho de 2019 ao falar em intolerância religiosa acabamos or tratar apenas dos sintomas do problema e não especificamente da doença. Ou seja, refletimos a respeito dos eventos e não da estrutura do fato, que segundo ela chama-se de estrutura

racializada. Sendo assim, a mesma sugere que venhamos a enfrentar o problema de maneira a desestruturar o racismo.

Seriam necessários que pensássemos de onde ele provém e quais são as intuições responsáveis pela disiminação de conceitos discriminatórios. Além disso, interessante seria que nos questionássemos o que nós enquanto cidadãos estamos auxiliando na propagação de ideias igualitárias e democráticas e quanto poderíamos, enquanto cidadãos de direitos, auxiliar na manutenção e na geração de ideias progressistas e libertárias.

Dentro desta proposta de discussão, cabe ressaltar a presença de uma grande aliada no que diz respeito a convivência interpessoal dos indivíduos e suas experiências grupais na sociedade. A mesma, intitulada tolerância tem seus princípios pautados pela ONU em 1995 e fortemente direciona uma convivência social pautada no respeito mútuo, na aceitação e na apreciação da diversidade cultural.

Compreendemos que há poderes excepcionais e que mesmo possuindo direitos, os cidadãos por inúmeras vezes não é visto e nem ouvido. Entretanto, é necessário pensar na possibilidade do não desenvolvimento das políticas públicas em favor da liberdade do culto religioso de que apesar das dificuldades podemos nós gerenciar ideias em favor desta libertação dentro de instituições como, a família, a escola, enfim, em todos os contextos sociais.

## Considerações finais

Apesar da pesquisa e da proposta de análise é nítido que o tema proposto não se esgota. Levando em consideração a ideia de dialogarmos a respeito do racismo e não somente pela ideia de intolerância religiosa, percebemos que o leque de informações e contextos a serem analisados é muito maior do que apenas o próprio ato de preconceito. Mas também, entram em reflexão as instituições sociais que são responsáveis pela disseminação de valores éticos e morais aos indivíduos para que estes possam vivenciar uma vida social de respeito e bem estar, independente de religião.

Com vistas na desentrução de privilégios seria interessante pesquisar e refletir a respeito da hegemonia e da riqueza da Igreja Católica, bem como a cerca da massificação de pessoas negras em Igrejas Neopentecostais. Ambos os assuntos são interessantes e englobam situações que poderiam apresentar sintomas de fanatismos

religiosos, o que de certa forma acaba por segmentar as pessoas segundo a cor, nível socio econômico e escolaridade. Naturalmente, estes processos de categorização são fomentadores de possíveis atos de racismo religioso.

## Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <[jurisvox.unipam.edu.br/documents/48188/50620/os-direitos-e-garantias.pdf](http://jurisvox.unipam.edu.br/documents/48188/50620/os-direitos-e-garantias.pdf)>. Acesso em: 15 Outubro 2016.

BRASIL. **Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. Diversidade religiosa e direitos humanos**. Disponível em: <[https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/caop\\_dh/Diversidade\\_Religopsa\\_e\\_Direitos\\_Humanos\\_colet%C3%A2nia.pdf](https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/caop_dh/Diversidade_Religopsa_e_Direitos_Humanos_colet%C3%A2nia.pdf)>. Acesso em: 04 Abril 2021.

BRASIL - Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/biblioteca-virtual/promocao-e-defesa/publicacoes-2013/pdfs/diversidade-religiosa-e-direitos-humanos>>. Acesso em: 02 Outubro 2016.

BRASIL. **Cartilha dos Direitos Humanos**. Disponível em: <<http://www2.uesb.br/pedh/wp-content/uploads/2014/02/CARTILHA-DIREITOS-HUMANOS-2013-completo.pdf>>. Acesso em: 02 Outubro 2016.

FERNANDES, Diogo. ARAÚJO, Jamile. **Por que Racismo Religioso e não apenas Intolerância Religiosa?** Disponível em: <<https://www.brasildefatoba.com.br/2019/07/11/por-que-racismo-religioso-e-nao- apenas-intolerancia-religiosa>>. Acesso em: 13 Abril de 2021.

GONSALVES. Antonio Baptista. **Da intolerância religiosa aos direitos humanos**. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/3765>>. Acesso em: 04 abril 2021.

LOREA. Roberto Arriada. **Direitos Humanos e Diversidade Religiosa**. Disponível em: <[http://www.neppdh.ufrj.br/ole/textos/lorea\\_Direitos\\_Humanos\\_e\\_Diversidade\\_Religiosa.pdf](http://www.neppdh.ufrj.br/ole/textos/lorea_Direitos_Humanos_e_Diversidade_Religiosa.pdf)> Acesso em: 04 Abril 2021.

NASCIMENTO, Wanderson flor do. **O fenômeno do racismo religioso: desafios para os povos tradicionais de matrizes áfricas.** Disponível em: <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/515/279>. Acesso em: 20 Março 2021.

MACHADO, Aline Campos. **Fundamentalismo Religioso no Governo Bolsonaro: as implicações de um governo sexista para a (re) existência das mulheres brasileiras.** Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13886>> Acesso em: 04 abril 2021.

ONU. **Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções – 1981.** Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Preven%C3%A7%C3%A3o-contr-a-Discrimina%C3%A7%C3%A3o-e-Prote%C3%A7%C3%A3o-das-Minorias/declaracao-sobre-a-eliminacao-de-todas-as-formas-de-intolerancia-e-discriminacao-fundadas-na-religiao-ou-nas-conviccoes.html>> Acesso em: 04 abril 2021.

## PELO DIREITO AO APARECIMENTO: PERCURSOS E F(R)ESTAS DAS PARADAS LGBTI+ EM MACEIÓ-AL

### **Euclides Rocha Cavalcante Neto**

*Graduando no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, integrante do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCuS) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), euclides.neto@fau.ufal.br;*

### **Flavia de Sousa Araújo**

*Professora Doutora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, pesquisadora do Grupo Morfologia dos Espaços Públicos (MEP/FAU-UFAL), coordenadora do projeto de pesquisa “Maceió pelas Minorias: representações não hegemônicas na capital alagoana do século XXI”, flavia.araujo@fau.ufal.br.*

### **Resumo**

Em 2019, Alagoas foi considerado, proporcionalmente, o segundo estado nordestino com mais mortes de pessoas da população LGBTI+, segundo dados do Grupo Gay da Bahia. Diante desse grave cenário, este trabalho busca compreender os impactos socioespaciais, as conquistas e os conflitos relacionados às Paradas LGBTI+ na capital Maceió deste novo milênio. Ao longo de duas décadas, esta manifestação social ocupa os espaços públicos conectando o protesto à celebração da diversidade, sem desconsiderar a reivindicação explícita de seus propósitos políticos em torno do direito de aparecer e existir. Estudos sobre (micro)territorialidade, espaço político e social, etnografia urbana, além de aspectos ligados à representatividade e cidadania ancoram o referencial teórico deste trabalho. A investigação de dados primários e contato com interlocutores que vivenciaram as Paradas, seja na organização ou participação, também foram metodologias utilizadas. Como resultado, observou-se que, em sua trajetória espaço-temporal, as Paradas

produziram f(r)estas com impacto na ruptura da condição marginal desses corpos dissidentes - mesmo que na efemeridade do evento. Em contraponto às práticas heteronormativas de uma sociedade conservadora, reflete-se sobre as adesões e reações ao movimento, em aliança com a ocupação dos espaços de poder da cidade e a relevância política e social das Paradas no contexto local.

**Palavras-chave:** Paradas LGBTI+, Visibilidade, Espaço público, Direitos humanos, Maceió-AL.

## Introdução

**A**tualmente, o contexto da população LGBTI+ em Alagoas é marcado por uma triste realidade: segundo dados de Oliveira e Mott (2020), este é o quarto estado do Nordeste brasileiro com o maior número de mortes de pessoas LGBTI+, e se destaca em segundo lugar no ranking da região, quando se compara a proporção do número de mortes com a população total do estado. Tal cenário coloca em evidência o constante estado de medo das pessoas consideradas dissidentes ou desviantes da heteronormatividade, mecanismo neocolonial de controle e marcação dos corpos que rege as violências de Estado (BUTLER, 2016). São poucos os locais onde a comunidade LGBTI+ se sente segura e usufrui de uma plena cidadania. As opressões sofridas pelo público LGBTI+ se interseccionam, ou seja, estão diretamente relacionadas, às condições de gênero, raça e classe. E o espaço público é onde essas vivências diversificadas sofrem variados tipos de apagamento e violência.

A população LGBTI+ está sempre pautando suas lutas e reivindicando seu direito à cidade. Símbolo da festa e da resistência à heteronormatividade, as Paradas do Orgulho LGBTI+ ocorreram no país pela primeira vez em 1995, em Copacabana no Rio de Janeiro, no fim da 17ª Conferência Internacional da *International Lesbian and Gay Association* (ILGA), nomeada Marcha pela Cidadania de Gays, Lésbicas e Travestis (LACERDA, 2013). Apenas cinco anos depois desta primeira manifestação, a capital alagoana lançou sua Primeira Parada Gay<sup>1</sup> de Maceió e, desde então, durante duas décadas foram realizadas 17 edições deste evento em prol da diversidade sexual, onde se ocupou diferentes espaços da cidade e foram pautadas as principais reivindicações políticas do movimento.

Urge superar a prática recorrente do esquecimento das minorias e refletir acerca da emergência das Paradas LGBTI+, e sua relevância

1 A sigla utilizada para nomear a Parada foi e é objeto de discussão dentro dos movimentos homossexuais nacionais. As primeiras edições da Parada em cidades no Brasil, ainda na década de 1990 e início da década de 2000 [...] levaram o nome de Parada Gay. O nome mudou no decorrer das edições, em vários lugares, por reivindicação de sujeitos sociais que não se sentiam representados pela palavra gay, fortemente relacionada aos homossexuais masculinos” (LACERDA, 2013, p. 47).

política e social nos territórios de disputa e poder da cidade. Como a manifestação social das Paradas LGBTI+ de Maceió conectam o protesto à celebração da diversidade, reivindicando também, no espaço público, seus propósitos políticos em torno do direito a aparecer e existir? Para tentar responder tal questionamento, buscamos compreender os impactos socioespaciais, as conquistas e os conflitos oriundos das Paradas do Orgulho LGBTI+ realizadas em Maceió-AL desde os anos 2000, bem como seus tensionamentos com o Poder Público. Além disso, almejamos avaliar os impactos socioespaciais, as conquistas e os conflitos resultantes desta manifestação ao longo de duas décadas.

## Metodologia

O procedimento metodológico partiu do levantamento LGBTI+ em Maceió, tendo como fonte primária matérias histórico das edições da Parada jornalísticas veiculadas na mídia digital, além de consulta à interlocutores - a partir de conversas informais - que vivenciaram e organizaram os eventos. Concomitantemente, foi produzida uma revisão bibliográfica sobre os principais conceitos que fundamentam esta pesquisa tais como: questões LGBTI+, heteronormatividade, (micro) territorialidade, espaço político e social e etnografia urbana. Por fim, foi elaborada uma cartografia das edições das Paradas do Orgulho LGBTI+ na capital alagoana a fim de analisar os impactos socioespaciais, conquistas e conflitos que estas manifestações suscitaram ao longo de vinte anos.

A escolha metodológica voltada à consulta de fontes jornalísticas digitais se justifica pela existência do registro das edições das Paradas LGBTI+ em Maceió e pela impossibilidade de consultar acervos físicos em virtude da pandemia de Covid-19. Nesses levantamentos foi possível identificar elementos fundamentais a este trabalho, como: tema do evento, data e locais de concentração, além do trajeto e atividades de encerramento. As matérias de jornal também serviram como parâmetro para verificação do apoio dado (ou não) aos eventos ao longo dos anos pelos canais oficiais de comunicação, tanto da Prefeitura de Maceió como de outros meios de divulgação.

Recorremos à etnografia urbana para auxiliar na compreensão do fenômeno urbano, pois compreendemos que esta é uma ferramenta metodológica potente para a “pesquisa da dinâmica cultural e das formas de sociabilidade nas grandes cidades contemporâneas”

(MAGNANI, 2002). De forma semelhante, também recorreremos à cartografia urbana enquanto recurso metodológico, pois se apresenta como um “mapa de deslocamentos pontuado por contatos significativos” (ibidem), permitindo assim a espacialização dos fenômenos observados.

## Referencial teórico

As desigualdades socioeconômicas e espaciais, agravadas pela iniquidade no acesso à: direitos fundamentais de cidadania, políticas públicas, infraestrutura e serviços urbanos, fragmentam o território da cidade, gerando núcleos e guetos que segregam a ocupação dos espaços urbanos e condicionam a marginalidade, ou seja, para uma porção significativa de pessoas cidadãs, é negado o direito à cidade. Para pensar as relações urbanas é preciso salientar que “[...] os indivíduos territorializam os espaços fragmentados da cidade, projetando ali suas ações, cujos códigos simbólicos pautam-se em relações estabelecidas durante os eventos” (MOREIRA, 2016, p. 16), como no caso das Paradas do Orgulho LGBT.

As relações estabelecidas durante o evento da Parada podem ser distinguidas em três momentos: concentração, percurso e dispersão. Neste aspecto, a transitoriedade das Paradas é passível de (re)arranjos marcada também pela efemeridade do evento no tempo. Camargos (2007, *apud* LACERDA, 2013) caracteriza as Paradas enquanto acontecimento memorizado e que o intervalo entre uma e outra geraria expectativas quanto à edição seguinte, logo iria contribuir para inserção do evento na memória social.

Entendendo que o território urbano é palco de disputas e conflitos, onde “nos espaços públicos a territorialização é dada, principalmente, por pessoas que estabelecem negociações sobre o que é o seu território e quais são os limites desse território” (RUIZ, 2002, p. 2). Essas negociações se estabelecem tanto entre as pessoas que vão para o evento com suas intenções políticas e/ou de entretenimento como também entre o Poder Público e a organização das Paradas do Orgulho LGBTI+.

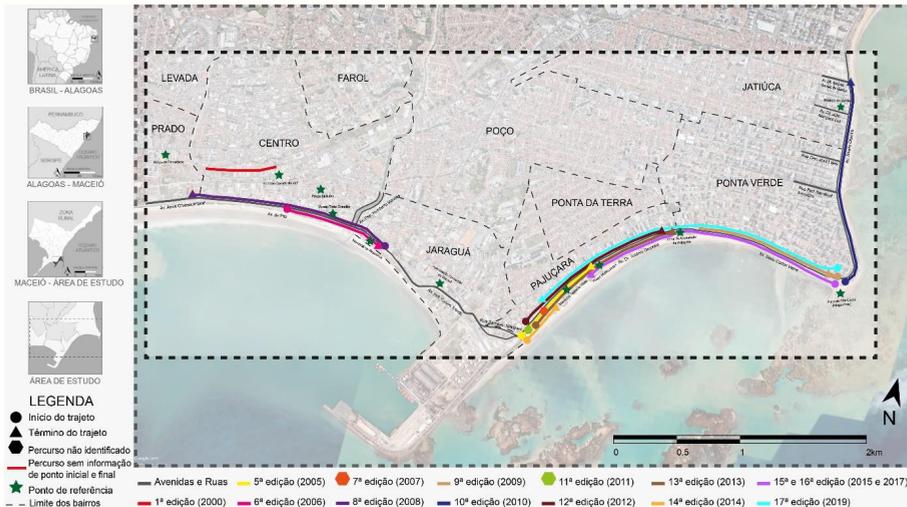
Sob as lentes das adesões e reações entre os diversos segmentos envolvidos, podemos afirmar que “estas produções, resultantes dos contatos, das práticas e das inter relações em cada rua, esquina, praça ou outros logradouros demarcam limites e formam territórios

específicos” (ROBAINA, 2011, p. 168). Essa especificidade do território se desfaz - momentaneamente no espaço-tempo do cotidiano da cidade - deslocando corpos em aliança, motivados “para expressar sua indignação e para representar sua existência plural no espaço público, [...] reivindicando reconhecimento e valorização, exercitando o direito de aparecer, de exercitar a liberdade, e estão reivindicando uma vida que possa ser vivida” (BUTLER, 2018, p. 23).

## Resultados e discussão

As microterritorialidades<sup>2</sup> remetem “às análises sobre o corpo, a memória, as identidades e o seu fim, os sentidos, a afetividade etc., todos objetos sujeitos a espacializações condicionantes do seu significado” (FORTUNA, 2012 *apud* MOREIRA, 2016). Para fins de análise desses eventos, recorreremos à etnografia urbana, ancorada nos preceitos da microterritorialidade, para a espacialização das edições realizadas entre 2000 e 2019 na capital alagoana, conforme ilustra a figura 1.

Figura 1 – Trajeto das edições das Paradas do Orgulho LGBTI+ em Maceió-AL



Fonte: Adaptado pelo autor, do *Google Earth Pro*, 2021.

2 Consideramos a aplicação do termo a partir de sua etimologia geográfica, complementada por Heidrich (2013) que explica que microterritórios são formados a partir de relações sociais e de poder em um microacontecimento, é efêmero, transitório, representa movimento e fluidez, mas podem deixar marcas na paisagem.

O trajeto selecionado em cada edição das Paradas ratifica o que Magnani (2009, apud MAIA, 2012) define como “percursos determinados por regras de compatibilidades – que abrem o particularismo do pedaço à novas experiências, situadas fora das fronteiras daquele espaço conhecido, onde se está protegido por regras claras e inequívocas de pertencimento”. Tais deslocamentos ao longo dos anos provocaram rupturas na espacialidade e no cotidiano.

Tomando por base os percursos cartografados em Maceió, mostrado na figura 1, é possível identificar que a primeira edição da Parada Gay teve um de seus trajetos no Centro da cidade, local de concentração de comércio e serviços. Ao longo das edições seguintes, esse percurso foi se alternando em pontos da orla marítima, principal atrativo turístico da cidade. No entanto, sua predominância de realização se deu no trecho entre os bairros da Pajuçara e Ponta Verde, bairros que - junto com a Jatiúca - concentram os maiores índices de desenvolvimento humano do município (IDHM)<sup>3</sup> e maior renda *per capita* do estado (IPEA, PNUD, FJP, 2014).

Esse deslocamento das Paradas do Centro para a orla marítima se deu em busca de maior visibilidade ao evento, segundo Nildo Correia, atual presidente do Grupo Gay de Alagoas (GGAL). Para as comissões organizadoras das Paradas LGBTI+, o fato da realização do evento ocorrer geograficamente no maior cartão postal da cidade, atrairia tanto o público como maior visibilidade para as pautas que a comunidade LGBTI+ maceioense reivindica há anos.

A seguir, trazemos o levantamento das edições das Paradas entre 2000-2020<sup>4</sup>, apresentado no quadro 1, com informações que subsidiaram a produção do mapa da figura 1. A partir de edições-chaves, destacadas no quadro, foi possível identificar as reverberações e rupturas provocadas pelo evento.

3 Índice usado como medida comparativa pelo PNUD/IPEA/FJP para classificar o grau de desenvolvimento humano, formulado em uma escala de 0 a 1 indica o nível de desenvolvimento de diversos setores da cidade, classificando-os enquanto Unidades de Desenvolvimento Humano (UDH).

4 O hiato sem informações na tabela 1 entre os anos 2001 e 2004 ocorreu devido à falta de dados encontrados no levantamento realizado.

Quadro 1 – Registro das edições das Paradas do Orgulho LGBTI+ em Maceió-AL (2000-2020)

Edição e denominação do evento	Data	Tema do evento	Percurso (concentração - destino)	Estimativa de público presente
1ª Parada Gay de Maceió	2000	“Não à discriminação: Mais amor e mais tesão”	Rua Pedro Monteiro (Centro) – sem definição do destino	Sem informação
V Parada do Orgulho GLSBT de Maceió / 5ª Parada do Orgulho Gay	24/07/2005	“União civil entre homossexuais”	“Praia da Pajuçara” - Praça Multieventos	40 mil
6ª Parada da Diversidade Homossexual de Maceió	13/08/2006	Orgulho sim; preconceito não!	Praia da Avenida (em frente à empresa Tim) - Estacionamento do bairro do Jaraguá	40 à 60 mil
7ª Parada da Diversidade Sexual	07/10/2007	Homofobia é crime	Em frente ao Hotel Enseada - sem definição do destino	80 mil
8ª Parada do Orgulho GLBT	16/11/2008	Homofobia mata, ame e deixe viver	Estacionamento do Jaraguá - Associação dos Procuradores de Estado (Praia do Sobral)	mais de 80 mil
9ª Parada do Orgulho GLBT	11/10/2009	Cada um Sabe a Dor e a Delícia de Ser o Que É	Alagoas late Clube (Alagoinhas) - Praia de Sete Coqueiros (Pajuçara) - Alagoinhas	20 mil
10ª Parada do Orgulho GLBT de Maceió	30/05/2010	Contra o fundamentalismo, a favor da cidadania, vote contra homofobia	Alagoas late Clube (Alagoinhas) - Avenida Álvaro Otacílio (cruzamento com a Avenida Dr. Antonio Gomes de Barros (antiga Av. Amélia Rosa)	50 mil
11ª Parada do Orgulho LGBT de Maceió	13/11/2011	Não matarás. Pelo fim da homofobia e pela paz	Antigo Clube CRB - Praia da Ponta Verde	200 mil
12ª Parada do Orgulho LGBT de Maceió	23/09/2012	Todo mundo é igual, todo mundo é diferente, todo mundo é gente	Antigo Clube CRB - late Clube Pajuçara	5 mil

13ª Parada do Orgulho LGBT de Maceió/AL	24/11/2013	TRANSforme o seu conceito. Gaylés-botransfobia, machismo e racismo É CRIME!	Antigo Clube CRB / Hotel Enseada - Hotel Sete Coqueiros	15 mil
14ª Parada do Orgulho LGBT de Maceió	21/12/2014	Sem informação	Avenida Doutor Antônio Gouveia (próximo ao DNIT) - Rua Antônio Ferreira Rodrigues (próximo do Hotel Enseada)	Sem informação
15ª Parada do Orgulho LGBT da Capital Alagoana	20/12/2015	Mais Amor!	Alagoas late Clube (Alagoinhas) - Praça Multieventos	80 mil
cancelada*	2016	cancelada	cancelada	cancelada
16ª Parada do Orgulho LGBTI de Maceió/AL	17/12/2017	Turismo LGBTI+ Pela Cidadania e Desenvolvimento Econômico de Alagoas	Alagoas late Clube (Alagoinhas) - Praça Multieventos	70 mil
cancelada**	2018	cancelada	cancelada	cancelada
17ª Parada do Orgulho LGBTI+ de Maceió	08/12/2019	Se resistimos até aqui, agora vamos até o fim!	Alagoas late Clube (Alagoinhas) - Em frente ao Restaurante Dragão	50 mil
cancelada***	2020	cancelada	cancelada	cancelada

Legenda: \* Cancelada por falta de apoio da Prefeitura e Governo | \*\* Cancelada por determinação do Ministério Público de Alagoas | \*\*\* Cancelada devido à pandemia de Covid-19.

Fonte: CAVALCANTE-NETO, E. R. (2021).

Para corroborar com Silva (2012, p. 120) à respeito do mito da festa *despolitizada*, é possível perceber através dos temas das edições que a relação política e social do movimento estava imbricada à f(r) esta<sup>5</sup>, causando uma ruptura no tecido urbano através da passagem de corpos em aliança à causa da diversidade e cidadania.

5 Silva (2006, p. 286, apud Lacerda, 2013, p. 111) repercute a noção de que “as Paradas representam f(r)estas no controle social exercido pelos dominantes tanto do espaço público quanto privado”.

No cenário alagoano<sup>6</sup>, em 2008 a edição esteve vinculada à implementação do Projeto de Lei Complementar (PLC) 122/2006 que tratava da “lei anti-homofobia”. Já em 2009 a Parada foi a primeira do Brasil a oferecer teste rápido de HIV durante o evento. Em 2013<sup>7</sup>, a 13ª Parada do Orgulho LGBT de Maceió/AL foi realizada em paralelo ao evento o 1º Festival Estadual de Cultura LGBT, com atrações de música, dança, teatro, recital de poesia, shows de drag queens, transformistas, entre outras manifestações culturais.

A partir de 2015, por meio de reportagens acerca do evento, é possível perceber uma maior participação de entidades públicas como a Prefeitura e Governo do Estado no apoio ao evento, bem como figuras políticas e de secretarias voltadas à promoção de saúde e direitos humanos do município e estado. Neste mesmo ano foi realizado o 15º Ciclo de Ativismo LGBT de Maceió<sup>8</sup>, com a realização de diversas atividades, entre elas: I Casamento Coletivo LGBT do Estado de Alagoas<sup>9</sup>; 2º Festival de Arte e Cultura LGBT de Maceió e a 15ª Parada do Orgulho LGBT da Capital Alagoana.

No ano seguinte, por falta de apoio das entidades públicas e privadas, não houve edição da Parada, sendo esta realizada em 2017 com atividades dentro do 16º Ciclo de Ativismo LGBT de Maceió. Foi o primeiro ano, constatado pela investigação, em que não foi realizado o evento em virtude da falta de apoio por parte da Prefeitura e do Governo do Estado. Vale lembrar que em 2016 houve o golpe de estado contra a então presidenta Dilma Rousseff, e naquele momento houve uma crescente onda de conservadorismo que assola o país até os dias de hoje (JINKINGS et al, 2016). O tema da edição de 2017 fazia

---

6 As informações aqui trazidas do contexto local foram resultados de reportagens diversas, que foram coletadas em veículos de comunicação digital, em vídeos disponibilizados *online* e através de conversas com interlocutores da organização do evento.

7 No site oficial da Prefeitura de Maceió, é o primeiro ano que aparece uma menção à qualquer Parada LGBTI+, não sendo possível visualizar a matéria correspondente. E nos anos seguintes não foi possível identificar matérias ou publicações a respeito.

8 O Ciclo de Ativismo LGBT de Maceió refere-se à atividades de formação, conscientização, celebração e reivindicação de pautas relacionadas à comunidade LGBTI+, com duração de dias variados entre as edições culminando na realização da Parada LGBTI+ do ano. Por falta de informação, não foi possível fazer um levantamento dos outros Ciclos realizados.

9 Ocorrendo dois anos depois do Supremo Tribunal Federal reconhecer a união estável entre pessoas do mesmo sexo.

parte de uma proposta de campanha voltada ao turismo LGBTI+ - um dos principais motores da economia - como uma nova ferramenta de combate à LGBTfobia, já que a Parada do Orgulho LGBTI+ se tornou o segundo maior evento de massa do estado. Por fim, a última edição da Parada do Orgulho LGBTI+, realizada em 2019, contou com 15 dias de atividades, entre elas a 17ª edição do Orgulho LGBTI+ de Maceió e uma Mostra de Arte e Cultura, com atividades de formação, capacitação e um resgate histórico de militantes alagoanos que fizeram parte da história do movimento no Estado.

## Considerações finais

As Paradas do Orgulho LGBT em Maceió, assim como no restante do país, podem ser entendidas como ações coletivas de extrema importância para a construção de políticas públicas realmente inclusivas e igualitárias. Portanto, é importante entendê-las como memória e consciência política que potencializam a ação política de sujeitos na reivindicação pelo direito cidade (SILVA, 2012). Apesar do contexto político apresentar crescentes sinais de conservadorismo, o movimento LGBTI+ no âmbito alagoano têm sido cada vez mais atuante e fortalecido junto com outros segmentos e movimentos sociais. O movimento informa, reivindica e protesta contra os diversos tipos de violência que sofrem, provocando tensões e reações frente ao Poder Público, no intuito de “formular, implementar e avaliar políticas públicas de inclusão social voltadas a grupos minoritários” (ibidem, p. 113).

Sabendo da particularidade de cada edição, diante de suas lógicas de organização e processos de negociação entre os distintos agentes da sociedade e Estado, destaca-se os impactos das Paradas LGBTI+ nas dinâmicas urbanas. Mesmo na efemeridade do evento, há a produção de f(r)estas - rupturas contra hegemônicas e criações de caminhos outros - que reverberam e fortalecem relações que nem sempre se fazem visíveis na vida cotidiana, pois são relações de pessoas obliteradas pela hegemonia neocolonial cisheteronormativa. A ocupação da orla marítima maceioense para a realização de um evento que visibiliza a diversidade e pluralidade de corpos e formas de amar é um passo importante para marcar a luta em prol de uma cidadania plena. As Paradas do Orgulho LGBTI+ de Maceió têm se mostrado como ferramenta de visibilização das agendas do movimento, tensionando e

produzindo (re)configurações para a participação na luta política, bem como marcando o evento enquanto ato de construção de uma identidade e memória.

O presente trabalho não objetivou trazer à tona todos os aspectos e subjetividades das Paradas em Maceió, mas sim possibilitar um espaço de superação do esquecimento, a partir da coleta de fragmentos discursivos, memórias e percepção de apropriações dos espaços urbanos, na contínua ruptura com o modelo de cidade cisheteronormativa neocolonial.

## Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer o atual presidente do Grupo Gay de Alagoas, Nildo Correia, pelo acervo digital registrado e demais informações gentilmente cedidas por ele. Ao grupo de pesquisa Morfologia dos Espaços Públicos (MEP-FAU/UFAL) pelas pesquisas desenvolvidas. E por fim à Celso Rodrigues de Lira, meu amor, que tanto me apoia e está sempre comigo.

## Referências

BUTLER, Judith. **El género en disputa**: el feminismo y la subversión de la identidad. Paidós. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2016

\_\_\_\_\_. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DELGADO RUIZ, M. Etnografía del espacio público. **Revista Experimental de Antropología**, nº2, Universidad de Jaen, 2002. Disponível em <https://bityli.com/VJFGW>. Acesso em: 03 ago. 2020.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Território e Cultura: argumento para uma produção de sentido. In: \_\_\_\_\_; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de Ler**: geografia e cultura. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS, PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br>. Acesso em: 03 ago. 2020.

JINKINGS, Ivana, DORIA, Kim, CLETO, Murilo (org). **Por que gritamos golpe?**: para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACERDA, Thiago William Felicio. **A Parada LGBT e os espaços públicos**: a afirmação da diversidade sexual em Campinas / Thiago William Felicio Lacerda - Campinas: PUC-Campinas, 2013. 153p.

MAGNANI, José Guilherme C. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. In Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, nº 49, jun. 2002.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Festividade e territorialidades na parada LGBT goianiense. **Terra Plural**, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 273-288, 31 ago. 2012. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Disponível em: <https://bityli.com/rQPEs>. Acesso em: 03 ago. 2020.

MOREIRA, Jorgeanny de Fátima Rodrigues. **Do movimento social à festa**: as microterritorialidades festivas e efêmeras da parada lgbt de goiânia. 2016. 316 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6290>. Acesso em: 06 dez. 2020.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019**: relatório do Grupo Gay da Bahia. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2020. 173 p. Disponível em: <https://bityli.com/zvQfw>. Acesso em: 11 abr. 2021.

ROBAINA, Igor Martins Medeiros. **A invisibilidade como estratégia espacial das populações de rua na cidade do Rio de Janeiro**. Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, V. 1, N.2, p. 167-176, 2011.

SILVA, Alessandro Soares da. Memória, Consciência e Políticas Públicas: as paradas do orgulho lgbt e a construção de políticas públicas inclusivas. **Revista Electrónica de Psicología Política**, San Luis, v.27, n.9, p. 111-142, mar.2012. Quadrimestral. Disponível em: <https://bitly.com/jcTnf>. Acesso em: 03 ago. 2020.

## ANÁLISE DA CULTURA DE CONVÍVIO SOCIAL CONTEMPORÂNEA ALIADA A MATERNIDADE REAL E SEUS DESAFIOS

### **Betina Lucia Maia**

*Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/RS (Polo Regional de Educação de Sobradinho). b.maiacsociais@gmail.com*

### **Vinicius Da Silva**

*Graduando pelo Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul – UFRGS/RS (Polo Regional de Educação de Sobradinho). viniciusdsp@hotmail.com*

### **Resumo**

Uma reflexão sobre os desafios enfrentados pela mulher-mãe em seu dia-a-dia, ou seja, situações constrangedoras no mercado de trabalho e a sobrecarga das mesmas quanto as responsabilidades da maternidade real que debruçam sobre seus ombros. Para isso, pensamos a respeito da cultura de convívio social e das implicações geradas à figura da mulher e a missão da maternidade levando em consideração os tempos primórdios, bem como os conflitos da sociedade pós-moderna que requer da mulher-mãe um plano perfeito de maternagem. Com isso, buscamos a partir do presente trabalho refletir sobre papel da família e do contexto social dentro do processo de conscientização e de valorização da mulher enquanto cidadã e possuidora de direitos. O trabalho resulta de pesquisas bibliográficas e terá por método o dedutivo-analítico.

**Palavras-chave:** Mulher, Maternidade Real, Desafios, Auxílio Familiar, Respeito.

## Introdução

**B**em conhecemos fortes condicionamentos que regem nossa sociedade, bem como as instituições nela existente. Alguns destes padrões estabelecem-se na política, na economia, no campo do trabalho, em escolas e universidades, entre outros pontos de disseminação de cultura social.

Este trabalho por sua vez, objetiva uma reflexão acerca da cultura de convívio social que durante anos vem determinando a figura da mulher como única responsável na criação dos filhos. E que por sua vez, vê-se aprisionada a protótipos que a levam a levar a própria vida seguindo exemplos de maternagem que nem sempre são verídicos. Afinal, a mulher-mãe possuindo características próprias e subjetivas possui individual maneira de vivenciar este papel, se assim for da sua vontade.

Justifica-se este trabalho ao reconhecer o contexto social como formador de opinião e padrões que geram situações de mal-estar as mulheres e dessa forma, busca com sua proposta gerar a conscientização e a formação de atitudes geradoras de respeito e de valorização da mulher enquanto cidadã e possuidora de direitos.

Para isso, vislumbramos cooperar com um roteiro para análise inicialmente com vistas em conhecimentos históricos que confirmam que desde os primórdios, mulheres eram destituídas de direitos e da vivência social. Bem como, faremos alusão à maternidade real e sem romantismos e trataremos de refletir a respeito da (re) inserção da mulher ao mercado de trabalho, após a experiência da maternidade. Ou seja, as dificuldades presentes neste contexto e a leve e perceptível aceitação de alguns grupos sociais enquanto receptores destes esquemas pré-estabelecidos.

A partir das leituras e análises, concluímos que o assunto é de forma recorrente esquecido e que por isso talvez naturalizando situações que ferem e agridem mulheres-mães de forma objetiva e subjetiva. Salientamos crer que o diálogo e a reflexão são sumamente importantes para o esclarecimento a respeito do tema e é isto que lhes propõe este artigo.

## Metodologia

Para a realização deste trabalho foi abordado o método dedutivo-analítico base em pesquisas bibliográficas. Para fundamentação teórica do ocorrido buscamos conhecer e analisar as ideias de alguns profissionais da área da educação, da saúde, das ciências sociais e da administração.

Através das leituras dos documentos apreendemos conhecimentos a respeito da maternidade sem romantismos por (LAUXEN, et.al, 2018, p. 4). Além disso, trataremos de assimilar a figura da mulher de forma a não relacioná-la com a maternidade, considerando a escolha pessoal da cidadã enquanto querer ou não ser mãe através de (BEZERRA, 2018, p. 7) e também desenvolver critérios para se a respeito da dificuldade enfrentada pelas mulheres-mães no retorno ao mercado de trabalho por (RODELA, et.al, 2016, p.8).

Ademais foi levando em consideração as narrativas de Fustel de Coulanges na sua cidade antiga, de como as mulheres tinha o seu papel no culto doméstico, bem como na fala de de Silva e Londero, nas questões de direitos e garantias fundamentais das mulheres.

Contudo, buscaremos analisar determinadas leituras e vislumbrar um possível entendimento a respeito dos desafios da maternidade real na sociedade contemporânea, considerando o caldo de cultura social que na maioria das vezes empobrece a figura feminina delimitando suas possibilidades de viver a vida e romantizando a maternagem como processo calmo e repleto de alegrias sem perceber que cotidianamente mulheres são deixadas sozinhas da criação da prole.

### Papel da mulher ao longo dos tempos

No início da civilização, as mulheres foram deixadas de lado na sociedade, no que tange a seus direitos e vida em sociedade. A crença das idades primitivas, tal como a encontramos nos Vedas, e nos vestígios que ficaram em todo o direito romano e grego, era que o poder reprodutor residia unicamente no pai. Somente o pai possuía o princípio misterioso do ser, e transmitia a centelha da vida. (COULANGES, 2006, p,32)

Dessa antiga opinião resultou que o culto doméstico passou sempre de homem para homem; a mulher, dele não participava senão por

intermédio do pai ou do marido; depois que estes morriam a mulher não tomava a mesma parte que o homem, no culto e cerimônias do banquete fúnebre. Disso resultaram ainda outras consequências muito graves no direito privado e na constituição da família; (...) (COULANGES, 2006, p. 32).

Considerando que o poder residia no pai ou no marido através da supremacia destes sobre a mulher, “é grave erro colocar a força como origem do direito”. Esse contexto originava sérias consequências no direito sucessório, uma vez que as filhas (mulheres) não poderiam ter direito à herança. De acordo com o que rezam as Institutas de Justiniano, o direito sucessório só era estendido aos varões, o que vem corroborado por Coulanges (2006, p.64).

Neste sentido, verifica-se que as mulheres tinham poucas chances de serem herdeiras, visto que o direito à herança era quase um privilégio ou vontade deixada expressamente pelo pai, não tendo as mulheres nenhum direito absoluto a posses sucessórias. O Direito antigo seguiu deixando a mulher sem seus direitos, sendo considerada como um ser inferior/menor/sem importância para a cidade, sem direito a posse, sem liberdade, sem lar, sem religião. Nessa situação, para tudo precisava de um chefe ou tutor, sendo sempre subordinada e oprimida. Assim, também o direito grego, o direito romano, o direito hindu, que se originam dessas crenças religiosas, todos concordam em considerar a mulher como menor. Desse modo, a mulher não tinha nada de seu, não possuindo direitos, o que se estendia, também, aos filhos, uma vez que todo o patrimônio pertencia ao marido ou ao pai, incluindo, ainda, o dote da mulher, que, do mesmo modo, pertencia, sem reservas, ao marido, que exercia sobre os bens dotais não somente direitos de administrador, mas de proprietário. Neste sentido, pode-se mencionar que as primeiras leis da moral doméstica faziam menção ao respeito entre o homem e a mulher, estando unidos para sempre, tendo deveres rigorosos e o não cumprimento com sanções mais rigorosas, ainda, nesta vida e na outra. Ensinava, porém, que ambos deveriam respeitar-se mutuamente e que a mulher era detentora de direitos, “porque tem seu lugar no lar”, sendo encarregada de conservá-lo sempre aceso. A partir de então, sem a presença da mulher, “o culto doméstico torna-se incompleto e insuficiente”. (COULANGES, 2006, p. 64-79)

Paralelamente a isso, o Estado foi fundado, tendo por base uma religião constituída com caráter de igreja, vindo a ter sua onipotência

e absolutismo imperial, que era imposto aos seus membros, não suportando liberdades individuais, ficando o cidadão, em tudo, sob os cuidados da cidade. “A religião, que dera origem ao Estado, e o Estado, que sustentava a religião, apoiavam-se mutuamente, sustentavam-se um ao outro, e formavam um só corpo”. Como se pode concluir, a mulher, neste período era apenas uma parte do marido. Assim como um braço ou um membro ou em certas vezes era considerada até menos que um membro. De modo diverso era a tradição celta, para quem a mulher exercia papel de fundamental importância no seio da sociedade. (COULAMGES, 2006, p. 198)

Desde os primórdios, a mulher vem sendo relegada em seu papel na sociedade, o que pode ser demonstrado pelas inscrições no cilindro de Ciro, o Grande, Rei da Pérsia, por volta de 539 a.C, que vem sendo apontado como o primeiro instrumento de Direitos Humanos. Depois dele, outros documentos de grande importância ratificaram a existência de direitos individuais fundamentais, tais como a Declaração Inglesa de Direitos (1689), a Carta de Direitos dos Estados Unidos (1776) e, sobretudo, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão da Revolução Francesa (1789) que, também, dedicaram-se aos Direitos Humanos. Porém, nenhum desses documentos preocupou-se com a causa da mulher. Somente dois anos após o advento do documento de 1789, foi que surgiu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, ratificando que a “mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos”. Esta declaração, da autoria de *Olympe de Gouges* foi ignorada política e academicamente até o século XX, quando, então, foi republicada. (SILVA e LONDERO, 2015, p.02).

### Maternagem real

A maternidade como um processo vivenciado pelas mulheres na sociedade contemporânea por vezes é declarada de forma ilusória e romantizada. Pois, descrevem-se apenas momentos de alegria e realização que escondem de certa forma, os desafios e as dificuldades. Segundo (LAUXEN, et.al, 2018, p. 3) a maternidade iniciou-se sendo compreendida como um contexto construído socialmente e que determinou o “lugar” das mulheres na instituição da família, bem como na sociedade a partir da publicação do livro de Simone de Beauvoir, o Segundo Sexo, em 1949.

Naturalizando ainda mais o conceito de feminilidade (LAUXEN, et.al, 2018, p.3) associa a concepção de maternidade como processo inerente a toda mulher, tornan-se desta forma uma aptidão feminina. Porém, faz-se interessante refletir a respeito das inúmeras facetas que este assunto maternidade quando relacionado a gênero representa segundo Scavone,

A perspectiva de gênero nos possibilitou abordar a maternidade em suas múltiplas facetas. Ela pôde ser abordada tanto como símbolo de um ideal de realização feminina, como também, símbolo da opressão das mulheres, ou símbolo de poder das mulheres, e assim por diante, evidenciando as inúmeras possibilidades de interpretação de um mesmo símbolo. (2001, p. 142).

Dessa forma, podemos perceber que a maternidade e seus encargos podem ser interpretados de várias formas, mas que frequentemente vemos apenas como um processo de realização feminina. Para bem enfatizar a ideia de Scavone (2001) a respeito da ideia de opressão feminina, salientamos a ideia de (LAUXEN, et.al, 2018, p. 3) quando faz alusão a crítica feminista que considera a experiência da maternidade como uma forma de dominação de um sexo sobre o outro.

Entretando (LAUXEN, et.al, 2018, p. 9) salienta a necessidade de considerar a construção histórica e social da maternidade como uma possibilidade de travar uma luta de igualdade de gêneros. A maternidade, enquanto forte constituinte da figura feminina impõe regras que são culturalmente constituídas e que pesam muito na sociedade contemporânea. Tais regras e padrões são altamente distantes a maternidade real onde se concilia trabalho, serviços domésticos, vida social, vida matrimonial, entre outros contextos concomitantemente e por isso exigem demasiadamente da figura e da disposição da mulher-mãe esquecendo-se das dores, problemas materiais e psicológicos que as mesmas enfrentam.

Conforme (LAUXEN, et.al, 2018, p. 4) a maternidade possui momentos difíceis e por isso, não é um mar de rosas. Bem como, saliente a urgência em se discutir forma de exercer a maternidade, pois da forma como se entende a prática a mãe é responsabilizada pela geração da vida e por todos os outros cuidados que envolvem a criança. Sendo assim, pensemos a respeito da consideração de Badinter;

Quanto a mim, estou convencida de que o amor materno existe desde a origem dos tempos, mas não penso que exista necessariamente em todas as mulheres, nem mesmo que a espécie só sobreviva graças a ele. Primeiro qualquer pessoa que não a mãe (o pai, a ama, etc.) pode “maternar” uma criança. Segundo, não é só o amor que leva a mulher a cumprir seus “deveres maternos”. A moral, os valores sociais, ou religiosos, podem ser incitadores tão poderosos quanto o desejo da mãe. (BADINTER, 1985, p. 17).

Por isso, interessante perceber que não só a mãe, porém todo e qualquer adulto munido de suas capacidades fisiológicas e mentais é capaz de maternar uma criança. A asserção de (BADINTER, 1985, p. 17) quando o mesmo traz; “A moral, os valores sociais, ou religiosos, podem ser incitadores tão poderosos quanto o desejo da mãe” pode ser pensada juntamente com (LAUXEN, et.al, 2018, p. 6) quando a autora traz que a ideia cristã da maternidade compreende que as mães devem sacrificar as próprias vidas pelo bem-estar de seus filhos, e que naturalmente esta atitude acaba sendo naturalmente prevista pela sociedade.

Considerando as informações podemos compreender que não querer ser mãe. Afinal, valores sociais, religiosos e até mesmo familiares discretamente incitam a mulher à busca pela maternidade. Muitas vezes, decisões como esta são forçosamente tomadas inconscientemente pela mulher. Isso, por causa de uma sociedade que vive a dificuldade em aceitar um modelo de maternidade e de vida que foge da lógica dominante ou moderna.

### **A mulher além da maternidade**

Assim como no conteúdo histórico e religioso, segundo (BEZERRA, 2018, p.02) no imaginário coletivo a maternidade também é vista como algo sublime, romantizado, e que se afasta da realidade em que a mulheres vivem. Concomitante a esta ideia, relata que (BEZERRA, 2018, p.04) também se dissemina ideais de mães perfeitas que não encontram desafios durante a maternagem. Dessa forma, grande parte da mídia e da sociedade cultua estes padrões e mulher-mãe que não se adequar a os mesmos é fortemente marginalizada.

Tais imposições, de acordo com (BEZERRA, 2018, p.09) iniciam-se já no comportamento da mulher enquanto mãe, o que a distancia

da sua realidade e torna a prática da maternidade algo torturante e nocivo. Por isso, percebemos a importância do falar sobre o assunto, mas principalmente ouvir as mulheres-mães que vivenciam situações desconcertantes e que hoje podem falar a respeito de seus medos e angústias. Conforme Donath,

Ainda hoje, quando estamos diante de retratos da maternidade com mais matizes e mais do que nunca as mães podem expressar suas dificuldades e angústias, que tendem a ser normalizadas e, portanto, discutidas mais livremente em pesquisas e debates públicos, a maternidade continua a ser capturada no imaginário coletivo como um lugar onde se dispensam cuidados com afeto e ternura, livre de conflitos interpessoais. (DONATH, 2017, p. 61).

Em decorrência da maternagem, muitas mulheres sofrem com situações de conflitos interpessoais e isto é totalmente aceitável. Por (BEZERRA, 2018, p.8) esse processo da maternidade nem sempre é fácil e por isso não significa que a mulher-mãe é anormal ou esteja fora do padrão, pois sua vivência maternal significa o fato de estar vivendo experiência do seu jeito. Entretanto, os problemas não estão apenas presentes de forma subjetiva, mas também objetiva. Dito isso, veremos outros contextos que envolvem a mulher-mãe e que representam cargas suportadas por elas devido à cultura de convívio social vigente.

### **A mulher-mãe e seus desafios**

De acordo com (RODELA, et.al, 2016, p.02) a maternidade altera a rotina de uma mulher, bem como seu estado emocional e suas relações interpessoais. Porém, a vivência da maternagem atinge outros pontos sociais, como por exemplo, o mercado de trabalho. Segundo mesmo autor (RODELA, et.al, 2016, p.03) não se pode negar esta discussão, considerando o grande potencial e a importância da mulher no mercado de trabalho nos dias atuais.

Além disso, é natural segundo (RODELA, et.al, 2016, p.05) que a chegada de um filho na vida de uma mulher interfere de forma positiva ou negativa e que os demais contextos de sua vida acabam por ficar em segundo plano, principalmente, o profissional. O que não se pode esquecer é que cada uma das mulheres acabam por vivenciar

a maternidade segundo suas pré-disposições e que de certa forma, as escolhas e formas de cuidado serão espelhos da cultura familiar e suas particularidades conforme (RODELA, et.al, 2016, p.05).

Considerando as características da sociedade atual, há grande aumento nas exigências em torno da mulher e por isso é natural os sentimentos de insuficiências frente às responsabilidades segundo (RODELA, et.al, 2016, p.7). Além disso, verifica-se que vivenciar a maternidade, ser uma profissional e esposa exige muito tempo e energia, o que de fato, compõe grandes desafios. Porém, faz-se interessante pensar que a mulher-mãe não precisa largar mão da carreira para ter filhos, pois a felicidade está em poder conciliar as duas funções de acorco com (RODELA, et.al, 2016, p.8).

Dessa forma, está aí uma ótima oportunidade de repensar ideologias que crucificam as mulheres a padrões. De acordo com a literatura de Coelho (2012) o auxílio do marido é essencial para que a mulher possa ser mãe e prosseguir com a carreira. Este papel de companheiro e de divisor de tarefas gera tranquilidade gerando bom suporte que faz toda a diferença, além disso, este apoio é crucial para que a mulher-mãe não se sinta culpada em deixar o filho (a) em casa e sair para trabalhar.

## Resultados e discussão

Com o processo de construção de resultados percebemos o quanto a mulher é atingida por inúmeras responsabilidades no momento da maternidade. Além dos teóricos acima citados, validamos ainda mais esta discussão com Giordani,

O nascimento de um filho e a responsabilidade pela sua vida provocam mudanças na identidade feminina e implicam em transformações em seus relacionamentos pessoais e no conjunto das relações sociais. E, por outro, a sociedade ao lhe impor papéis, fundamentalmente, exige certos posicionamentos e atitudes que a relegam a uma condição de cumpridora do seu “dever”. (GIORDANI, et.al, 2018, p.02)

A sociedade contemporânea tem através de sua cultura de convívio social estabilizado padrões a mulher, sobretudo o que corresponde ao ciclo da maternidade. Bem sabemos que existe função que apenas a mulher pode realizar, como por exemplo, a amamentação.

Porém, considerando que esta função requer do sistema biológico da mulher-mãe, não isenta familiares em auxiliá-la em outras tarefas e principalmente na manutenção de sua desenvoltura psicológica ao debater-se com tantas responsabilidades.

Sendo assim, propomos uma reflexão a respeito deste caldo cultural que delimita a figura da mulher-mãe a função única da maternidade e que também romantiza este processo que não fácil e que impõe a mesma muitos desafios. Dessa forma, desfazendo ideologias de gênero podemos atribuir a todos os familiares as responsabilidades da maternagem, como forma de desenvolvimento integral da criança e na busca pela quebra de tabus que desenvolvem a ideia de que o homem-pai não pode cuidar e educar uma criança.

Além disso, propomos a reflexão a respeito do tema da inserção da mulher no mercado de trabalho. Por ser uma ocorrência que muito assola as mulheres-mães merece um olhar atento de empresários (as) como forma de valorizar a mulher e também ser um suporte para que a mesma não sinta o grande choque da mudança de vivência da própria cidadania.

## Considerações finais.

Reconhecemos que dentre as reflexões da proposta estamos deixando de lados outros pontos importantes. Pois o campo da maternidade real é vasto e cheio de propostas de discussão que gerem possíveis mudanças na sociedade.

Consideramos outros pontos que devem ser discutidos e avaliados, como por exemplo, a amamentação como um direito da mãe e da criança, podendo ser realizada em qualquer local segundo as necessidades fisiológicas do bebê, mas que ainda é muito vulgarizado em espaços públicos, o que gera muitos preconceitos. Também a violência contra a mulher-mãe enquanto ocorre o processo de maternagem. Principalmente, no que tange a violência contra a mesma frente aos filhos do casal gerando consolidação da crença de superioridade do homem sobre a mulher, bem como nos possíveis traumas gerados nesta mulher-mãe e nas crianças que assistem tais agressões.

Enfim, muito ainda se tem a pesquisar e discutir a respeito da vivência da maternidade real na sociedade contemporânea. Estimamos que frequentemente possamos ver outras compilações de

autores que beneficiam este debate em prol do bem-estar no convívio social.

## Referências

BEZERRA, Marcília Poncyana Félix. **SOBRE CORPOS DO MUNDO REAL: A MULHER PARA ALÉM DA MATERNIDADE**. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2018/TRABALHO\\_EV112\\_MD1\\_SA8\\_ID206\\_10052018205817.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2018/TRABALHO_EV112_MD1_SA8_ID206_10052018205817.pdf)>. Acesso em: 08 Abril 2021.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**. São Paulo: Editora das Américas S.A. - EDAMERIS, 1961.

GIORDANI, Rubia Carla F. PICCOLI, Daniele. BEZERRA, Islândia. ALMEIDA, Claudia C. B. **Maternidade e Amamentação: Identidade, corpo e gênero**. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232018000802731](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000802731)> Acesso em: 08 Abril 2021.

LAUXEN, Jéssica. QUADRADO, Raquel Pereira. **Maternidade sem romantismos: alguns olhares sobre as maternidades e os sujeitos-mãe na contemporaneidade**. Disponível em: <<https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/775/426>>. Acesso em: 08 Abril 2021.

SILVA, Vinicius da e LONDERO, J.C. **A Marcha das Margaridas – política de gênero em busca da eficácia dos direitos e garantias fundamentais das trabalhadoras rurais**. In: *XII Seminário Nacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea*. UNISC: Santa Cruz do Sul, 2015. Disponível em: <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/download/14249/2772>> Acesso em: 05 abril 2021.

RODELA, Daniela de Oliveira. MARTINS, José Bezzão Neto. **MATERNIDADE DESAFIOS DA VOLTA AO MERCADO DE TRABALHO**. Disponível em: <<http://conic-semesp.org.br/anais/files/2016/trabalho-1000022697.pdf>>. Acesso em: 08 Abril 2021.

## DO ABRAÇO À MORTE: AS VÍTIMAS OCULTAS DA AMÉRICA LATINA

### **Pâmela de A. Martins**

*Graduanda do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, pamelammartins@gmail.com;*

### **Débora Speck**

*Graduanda do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, debora.speck@gmail.com;*

### **Eduarda Santos**

*Graduanda do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, eduardasrssantos@gmail.com.*

### **Resumo**

Nos últimos anos, notou-se um aumento explícito da violência contra as mulheres, e grande parte dos casos são provenientes de seus vínculos afetivos, reforçando as relações de poder ao invés de relações baseadas em respeito. Atribuindo a não responsabilização pela violência estrutural ao Estado, percebe-se o ocultamento da cidadania das mulheres e sua exclusão como pertencente à nação. Apenas em 2019, houveram mais de 4 mil vítimas de feminicídio na região latino-americana, sendo 2 de cada 3 mortes provocadas por companheiros/ex-companheiros. Agravantes como o racismo e a LGBTfobia, intensificam significativamente a violência contra mulheres afrodescendentes, transexuais e travestis, que são as mais atingidas. Considerando a interseccionalidade entre classe, gênero e raça/etnia como fundamental para a análise, destacamos a banalização e naturalização das discussões como forma de dominação, e consequentemente, manutenção do *status quo*. Atentando ao fato de regiões subdesenvolvidas possuírem o maior índice de violência de gênero no mundo, como é o caso da América Latina, o presente trabalho buscou caracterizar o fenômeno nos âmbitos

doméstico e internacional baseando-se na metodologia descritiva, tal como identificar os impactos na contemporaneidade através de recursos exploratórios. Por fim, propõe-se examinar através da teoria feminista das Relações Internacionais, a influência do capitalismo neoliberal e a instrumentalidade de Estados imperialistas para com a superexploração da região, e por conseguinte, o aumento da pobreza e desigualdade como fatores intrínsecos à violência de gênero.

**Palavras-chave:** Violência de gênero; Teoria Feminista; Relações Internacionais; Desigualdades; América Latina.

## Introdução

Ao longo da história, a violência contra as mulheres demonstrou-se um problema estrutural em escala global e devido a suas raízes remotas, torna-se quase impossível apontar uma razão específica. Aspectos históricos e sociais constitutivos dessa realidade são complexos e diversos, no entanto, a sistematização da sociedade ocidental pela colonialidade, desigualdade social e hierarquia de gênero, constrói um ambiente fértil à perpetuação da violência. O fraco amparo social e estatal em relação à segurança das mulheres no Sul Global, demonstra a banalização e naturalização da realidade (BdFRS, 2020). Para analisar as estruturas da violência contra mulher, é necessário considerar as interseccionalidades entre gênero, raça/etnia e classe, visto que são fatores intrínsecos à opressão e “permitem-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias” (CRENSHAW, apud, AKOTIRENE, 2018, p.14).

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2018, p.19).

Ao observar os avanços no combate às diversas formas de opressão de gênero, nota-se a conquista de espaço na esfera legislativa, bem como nas agendas internacionais, apenas nas últimas décadas. Os estudos acerca da problemática ainda são insuficientes, principalmente em regiões subdesenvolvidas que concentram os maiores índices de violência, como é o caso da América Latina. Consoante a esses fatores e aos crescentes números envolvendo a violência de gênero, o presente trabalho buscou contribuir na sensibilização da temática com aporte na Teoria Feminista de Relações Internacionais, e com os levantamentos bibliográficos que irão sustentar uma breve análise sobre a exploração de recursos na região e, as relações com a perpetuação da violência contra as mulheres. Crescentes políticas neoliberais, a instrumentalidade Estatal para com a superexploração e o subdesenvolvimento da região também serão considerados, haja vista que são aspectos intrínsecos a perpetuação de desigualdades e

logo, da violência, tal como fontes de vulnerabilidade e ameaças à ordem mundial.

## Metodologia

Baseando-se na metodologia descritiva, o presente trabalho buscou discorrer sobre o fenômeno da violência de gênero nos âmbitos doméstico e internacional, levando em consideração o fato de regiões subdesenvolvidas possuírem os maiores índices, como é o caso da América Latina, bem como identificar os impactos na contemporaneidade através de recursos exploratórios. Junto a referências bibliográficas, a coleta de dados foi realizada por meio eletrônico, com recursos estatísticos e teóricos sobre as prováveis causas e consequências da problemática. Cabe salientar que foram utilizados levantamentos do Observatório de Igualdade de Gênero (OIG) vinculado à Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), do Atlas da Violência publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), e dos dossiês realizados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Consoante à divergência de datas, utilizou-se o último ano referente a coleta de dados.

## Resultados e discussão

A abordagem de gênero e feminismos no campo das Relações Internacionais (RI), iniciou no fim dos anos 80, com a edição “Mulheres e Relações Internacionais” da revista Millennium, no qual, Ann Tickner expôs sua crítica ao realismo de Morgenthau em “*Hans Morgenthau’s Principles of Political Realism: A Feminist Reformulation*”. Analisando os seis princípios realistas da exposição teórica de Morgenthau, Tickner sinalizou-a como uma teoria masculina, prontamente assinalando “International politics is a man’s world of power and conflict in which warfare is a privileged activity. Traditionally, diplomacy, military service, and the science of international politics have been largely male domains” (TICKNER, 1988)<sup>1</sup>. Alicerçado nisso, teóricas feminis-

1 “A política internacional é um mundo masculino de poder e conflito, no qual a guerra é uma atividade privilegiada. Tradicionalmente, a diplomacia, o serviço militar e a ciência da política internacional têm sido domínios predominantemente masculinos” (TICKNER, 1988, tradução nossa).

tas iniciaram problematizações através da perspectiva de gênero, indicando as relações de poderes globais desiguais e a construção histórica das teorias baseadas em experiências masculinizadas. Por esse viés, há a necessidade de expor as experiências de mulheres nos múltiplos ambientes em que estão inseridas, e de que maneira essas realidades impactam na segurança e na construção social doméstica e internacional.

Os estudos de Segurança Internacional surgiram no cenário pós-Segunda Guerra Mundial, objetivados em criar meios de proteção aos Estados contra ameaças internas e externas, todavia, apenas com a introdução de teóricas feministas que o entendimento de segurança foi maximizado para além de armas nucleares e rivalidades entre superpotências. A partir daí, observando a relevância da categoria de gênero, ameaças como estupros, feminicídios, exploração econômica, violação de direitos reprodutivos, e diversas outras violências, seja física, psicológica, sexual, impeditiva, institucional, verbal, etc, foram inseridas na política internacional. Agravantes como o racismo e a LGBTfobia, intensificam significativamente a violência contra mulheres afrodescendentes, transexuais e travestis, que são as mais atingidas. Todas essas formas de violências quando compreendidas nos atores internacionais também são fontes de vulnerabilidade e ameaças à ordem mundial. Ademais, a masculinidade hegemônica das RI, submete os princípios relacionados ao gênero como subordinados e secundários, influenciando a forma estrutural do sistema, e logo, as políticas de segurança internacional (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Os números alarmantes de violência na América Latina, são um exemplo da dominação masculina, que transforma os corpos em objeto de opressão para reafirmar seu domínio, e esse domínio patriarcal intrínseco à sociedade, estabelece a subordinação feminina como algo naturalizado. Ora, se nas RI a figura do homem é exaltada como O protetor, O herói, O soldado, O defensor do Estado, O diplomata, no âmbito regional não é diferente. As altas taxas de feminicídio do continente latino-americano, cometidos em sua maioria por companheiros ou ex-companheiros, são o exemplo de como a dominação masculina é o fator principal na permanência da violência. Considerando a interseccionalidade entre classe, gênero e raça/etnia como fundamental para a análise, destaca-se a banalização e naturalização das discussões como forma de dominação, e conseqüentemente,

manutenção do *status quo*. Um continente permeado pela submissão feminina promove altos níveis de desigualdade social, logo, não conseguirá avanços expressivos em termos internacionais, uma vez que a arena internacional é também um reflexo da arena doméstica (ENLOE, 2014). Dessa forma, não apenas a falta de garantia de segurança para as mulheres está enraizada na submissão de políticas masculinizadas, como toda a compreensão de relações internacionais e seus efeitos na sociedade.

Para identificar a situação que envolve as violências e desigualdades de gênero na América Latina de maneira periódica, juntamente a questões que envolvem os direitos das mulheres, bem como as designações e orientações em torno de políticas públicas para igualdade, criou-se a Conferência Regional sobre a Integração da Mulher ao Desenvolvimento Econômico e Social da América Latina. Por conseguinte, conduziu-se à criação do Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe (OIG) vinculado à Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), responsável por produzir levantamentos estatísticos que exercem a função de indicadores estratégicos. Conforme dados oficiais levantados pelo OIG, em 2019 foram registrados 4.640 casos de feminicídio. Torna-se imprescindível levar em consideração a complexidade em determinar com precisão, os dados estatísticos sobre mortes, reclamações, ataques e condenações análogas à violência de gênero, visto que as causas são variadas. Contudo, destaca-se que diversas pesquisas realizadas por órgãos administrativos do Estado, não se sensibilizam com a temática em diversos casos, produzindo e reproduzindo dados dispersos e muitas vezes, inverídicos.

Ao analisar as taxas de feminicídio na região, percebe-se que os países com maiores índices em 2019, a cada 100 mil habitantes são Honduras (6,2), Santa Lúcia (4,4), El Salvador (3,3), Trinidad y Tobago (2,9) e República Dominicana (2,7). Em números absolutos no ano de 2019, o Brasil ocupa o primeiro lugar de feminicídios, totalizando 1.941 mulheres vítimas, seguido do México com 983 vítimas e em terceiro lugar, Honduras com 299 (OIG, 2019). De acordo com o IPEA (2020), a taxa para cada 100.000 mulheres, utilizada como *proxy* dos feminicídios no Brasil mostraram-se diferentes, sendo em 2017 a taxa de 4,7, e 2018 de 4,3, dados mais específicos serão abordados adiante. Quanto aos casos em que o autor do crime foi companheiro ou ex-companheiro, o processamento deste indicador teve uma evolução muito

significativa desde 2010, quando iniciou a coleta por parte da CEPAL. Na maioria dos países latino-americanos, 2 de cada 3 feminicídios ocorreram no contexto das relações entre parceiros ou ex-parceiros, com exceção dos países do Norte da América Central, onde os feminicídios íntimos respondem uma proporção menor. Países com maior incidência de feminicídio íntimo a cada 100.000 mulheres em 2018, foram Barbados (3,4), Belize (2,6), Suriname (1,8), República Dominicana (1,5), Uruguai (1,4) e Porto Rico (1,2). Em números absolutos, a Argentina registrou 179 casos no ano de 2019, superando todos os países incluídos na pesquisa, seguido da Colômbia com 128 casos, e Peru com 98, não há dados referente ao Brasil no indicador (OIG, 2019). Importante ressaltar que há divergências na coleta dos dados, posto que, a CEPAL baseia-se no levantamento disponibilizado por cada país, e em muitos casos, as legislações e/ou circunstâncias não favorecem o registro fidedigno, ademais, não há padronização na obtenção e apresentação dos indicadores.

Nos últimos anos, dezenas de países mudaram suas legislações para tipificar o feminicídio em seus códigos penais, além disso, países como Argentina e Chile, possuem penas mais duras em relação à problemática do que outros países da região. Recentemente, houve avanço no Brasil através da lei sancionada em 2015 (Lei Nº 13.104), que “definiu o crime como o homicídio de mulheres em contexto de violência doméstica e familiar ou em decorrência do menosprezo ou discriminação à condição de mulher” (Brasil, 2015, apud, IPEA, 2020). Paralelo a isto, a Organização das Nações Unidas (ONU), caracteriza a Lei Maria da Penha (Lei Nº11.340) como uma das mais avançadas, contudo, o Brasil permanece demonstrando um sistema de justiça falho e com níveis extremos de impunidade. Há disparidades no que concerne ao aumento de feminicídios no país: a lei “é relativamente nova, de modo que pode haver processo de aprendizado em curso pelas autoridades judiciárias” (IPEA; FBSP, 2019). Discrepâncias quanto ao enquadramento do assassinato de Mulheres Transexuais e Travestis nas leis supracitadas são usuais, embora “no âmbito do judiciário, a primeira denúncia de morte de transexual pelo crime de feminicídio” tenha ocorrido em 2016, apenas em 2019 que a Polícia Civil registrou uma vítima transexual como feminicídio (G1, 2019).

Em contrapartida, a taxa de mortes intencionais contra mulheres que ocorrem dentro das residências, torna-se uma *proxy* para medir o feminicídio, porquanto a literatura internacional reconhece que

a maioria das mortes “que ocorrem nas residências são de autoria de pessoas conhecidas ou íntimas das vítimas” (CERQUEIRA, 2014, apud, IPEA, 2020). Por meio dos microdados da saúde, onde é possível verificar o local da ocorrência, identificou-se que 28,5% dos 4.936 homicídios contra mulheres em 2017, e 30,4% dos 4.519 em 2018, ocorreram nas residências. Observa-se uma lacuna dos dados empíricos no que tange a intersecção entre gênero, raça, classe e sexualidades, em outros termos, os levantamentos que apresentam tais informações não incluem a relação necessária entres os marcadores, dificultando a análise. Ou seja, os dados a seguir referem-se aos homicídios totais de mulheres, não havendo a classificação *proxy* de feminicídio. Dito isto, verifica-se que em 2018, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes chegou a 5,2 de mulheres negras (soma de pretas e pardas, segundo classificação do IBGE), em proporção a 2,8 de mulheres não negras (soma de brancas, amarelas e indígenas). Em números absolutos, apenas em 2018 foram 3.070 mulheres negras assassinadas, e 1.358 não negras, ou seja, 68% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras (IPEA, 2020).

Outrossim, a invisibilização de violências contra a população LGBTQIA+, demonstrada a partir da escassez de indicadores, ressalta “a despreocupação do Estado brasileiro no que tange à mensuração e incidência sobre o fenômeno da violência LGBTfóbica” (IPEA, 2020). Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), dada a não inclusão de questões relativas à identidade de gênero e orientação sexual nos registros de boletins de ocorrência, é perceptível a exclusão de travestis e transexuais nas estatísticas do sistema brasileiro de segurança pública. Em 2019, “29% dos casos notificados não respeitaram a identidade de gênero das vítimas e 91% dos casos expuseram seu nome de registro, muitos deles sem menção ao nome social (ANTRA; IBTE, 2021). Retificar nome e gênero de travestis e transexuais, pode resultar em um novo processo de invisibilização, visto que ao notificar e registrar ocorrências “de acordo com o registro documental, estariam sendo reconhecidas pelo estado como se fossem pessoas cisgêneras” (ANTRA; IBTE, 2020). No ano de 2019, confirmaram-se 124 assassinatos de pessoas trans, destes, 121 eram travestis e mulheres transexuais, ou seja, 97,7%, e apenas 8% dos casos houveram suspeitos identificados. Cerca de 67% dos assassinatos, foram direcionados a travestis e mulheres transexuais profissionais do sexo, e 82% dos casos totais identificados, eram pessoas pretas e pardas.

Desde 2008, o Brasil segue à frente no ranking mundial de assassinatos de transexuais e travestis, conforme dados internacionais da ONG Transgender Europe (TGEU). Ao observar a média de assassinatos (118,2) entre 2008 e 2019, percebe-se que apesar da aparente queda em números absolutos, o país consta 5% acima da média em 2019 (ANTRA; IBTE, 2021).

O gênero pode em si mesmo ser considerado uma forma de dominação colonial violenta contra os povos originários e, cronologicamente depois, contra as mulheres. Padrões binários e hierárquicos de coletividade, como vivemos e atualizamos hoje, organizaram a nova sociedade desde o marco da colonização deste território, através de processos genocidas de dominação extrativista. Portanto, especialmente no Brasil, o gênero não pode ser pensado fora do seu contingente de violências e disputas, tampouco definido de outra forma que não seja a partir das suas práticas reais e simbólicas. Gênero é lei e uma lei, por sua vez, pode ser definida por sua capacidade punitiva. Isso não deve resultar na culpabilização das vítimas, mas em entender como a criação da vítima é vital e pedagógica para o funcionamento de estruturas cissexistas, raciais, terrivelmente coloniais. (COELHO, apud, ANTRA; IBTE, 2021).

Comumente, relações baseadas em respeito dão lugar a relações baseadas em poder, onde o abraço é sucumbido pelas diversas formas de violência que podem chegar ao ápice da opressão, em uma violação dos direitos humanos frequente: “Em pequenos lugares, perto de casa – tão perto e tão pequenos que eles não podem ser vistos em qualquer mapa do mundo” (ROMANY, 1994). Apenas na América Latina, nove mulheres são assassinadas por dia vítimas de violência de gênero. Segundo um relatório da ONU Mulheres, a região é o local mais perigoso do mundo para elas, fora de uma zona de guerra. (EL PAÍS, 2018). Não à toa, segundo o jornal El País, a “América Latina é a região mais letal para as mulheres”, ao indicar que os dados disponíveis são provavelmente apenas a ponta do iceberg, em razão da dificuldade de homologação em muitos países. Sejam elas violências físicas, psicológicas ou morais, é preciso estabelecer críticas ao cenário atual, do qual insere números em um contexto banalizado, seja por parte do Estado ou da sociedade civil, por vezes naturalizando a

situação de vítima da mulher como algo imutável e ocultando a dimensão da tragédia. Configura-se portanto, imprescindível a utilização de parâmetros históricos e políticos para abrangência do entendimento, buscando abraçar as particularidades e diversidades, conforme abordado por Benjamin Barber:

O sofrimento não é necessariamente uma experiência fixa e universal que possa ser medida com uma régua única: está relacionado a situações, necessidades e aspirações. Mas deve haver alguns parâmetros históricos e políticos para o uso do termo, para que possam ser estabelecidas prioridades políticas e se possa dar mais atenção a diferentes formas e graus de sofrimento (BARBER, 1975, p. 30, apud, hooks, 2015).

De acordo com os dados demográficos de 2017, a população mundial era composta por cerca de 49,5% de mulheres aproximadamente, e no mesmo período, o Brasil contava com 52%. Embora sejam maioria no âmbito nacional, as mulheres são tratadas como minoria, isto é, representando um dos grupos mais vulneráveis, afere-se a linha tênue entre as desigualdades sociais e de gênero (MELO; THOMÉ, 2018). No período pós-Segunda Guerra, as corporações transnacionais tornaram-se os principais instrumentos da expansão capitalista global, favorecendo o atual centro do imperialismo mundial. Impulsionando a exploração e opressão da classe trabalhadora, que dispõe de salários extremamente baixos em sociedades neocoloniais em todo o Sul Global, a exportação de capital transfigurou-se como a força motriz do imperialismo e da globalização neoliberal na atualidade (PETRAS; VELTMEYER, 2001, apud, BERBEROGLU, 2010).

A consolidação do sistema capitalista no mundo está imbricada com a invasão e a dominação dos territórios latino-americanos e a imposição ao mundo de um modelo de ser humano universal moderno que corresponde, na prática, ao homem branco, patriarcal, heterossexual, cristão e proprietário. Um modelo que deixa de fora diversas faces e sujeitos, em especial as mulheres. (ARUZZA, et. al., 2019, p. 16)

Na literatura referente ao Sul Global, conhecidos como nações do Terceiro Mundo até o fim do século passado, não há consenso referente a sua demarcação, e devido a importância do termo para o presente trabalho, será utilizada a definição construída por Bruno

Ayllón Pino (2014): “referência aos países e às sociedades em desenvolvimento do hemisfério Sul, bem como a outros localizados no hemisfério Norte, que possuem indicadores de desenvolvimento médios e baixos” (PINO, p.57, 2014). A partir da expansão da força econômica, os Estados imperialistas despejaram grandes quantidades de capital e transferiram grandes segmentos do processo de produção para a periferia, resultando na reestruturação da divisão internacional do trabalho. Tornando-se a força dominante no processo de produção mundial, o estado imperial mostrou-se ineficaz em lidar com as consequências da superexploração, do esgotamento de recursos, da poluição ambiental e das violações dos direitos humanos básicos, resultando em uma imensa pobreza e desigualdade em todo o mundo (BERBEROGLU, 2010). À vista disso, observa-se a mulher bem como a população LGBTQIA+, como os mais afetados, posto que estão inseridos nas posições mais frágeis, usufruindo de acessos desiguais no sistema econômico, político e social.

Classe envolve o seu comportamento, suas principais convicções sobre a vida. Suas experiências (determinadas pela sua classe) validam essas convicções, o modo como lhe ensinaram a se comportar, o que você espera de si e dos outros, o seu modo de entender e resolver problemas, seu modo de pensar, sentir e agir. (BROWN, apud, hooks, 2019).

Nos últimos anos, diversos eventos promovidos por superpotências anunciaram investimentos para acabar com o feminicídio em países da América Latina, e destaca-se intervenções de líderes mundiais e ativistas da sociedade civil, incluindo chefes de Estado (ONU MULHERES, 2018). A interconexão entre os países, tal qual as influências, interesses e por conseguinte, os investimentos na região latino-americana, demonstra a articulação internacional em torno da problemática. No entanto, cabe o questionamento sobre até que ponto tais ajudas não são uma reafirmação da hegemonia do Norte sobre o Sul Global. Países contribuintes para a diminuição da violência de gênero, utilizam da mão de obra latino-americana e contribuem para a feminização da pobreza e conseqüentemente, facilitam a perpetuação da violência. Estimativas realizadas pelo Banco Mundial (2020), mostraram que cerca de 115 milhões de pessoas vivem em situação de extrema pobreza (ou seja, renda diária de US \$1,9) em todo o mundo, podendo chegar até 150 milhões em 2021. Em contraponto, houve

um aumento de 27,5% na fortuna de bilionários ao redor do mundo, somente entre os meses de abril e julho de 2020, segundo o relatório lançado pelo banco suíço UBS. “Nessa sociedade não há como alguém ganhar muito dinheiro sem explorar outras pessoas”. (GORNICK, 1976, apud, hooks, 2019). Uma análise feita pela relatora especial da ONU sobre o Direito à Alimentação, Hilal Elver, mostrou que 70% da população mundial que passa fome, é composta por mulheres, embora sejam elas que contribuam substancialmente para a eliminação da pobreza, da fome e da desnutrição.

Enquanto o capital se esforça de forma sistemática para aumentar os lucros, pessoas da classe trabalhadora se esforçam, no sentido inverso, para levar uma vida significativa, digna de um ser humano. Esses são objetivos basicamente irreconciliáveis, pois a parcela de acumulação do capital só pode aumentar à custa de nossa participação na vida em sociedade. (ARUZZA, et. al., 2019, p.83)

A análise da realidade referente a desigualdade de gênero na região, demonstra que a mulher está inserida em uma guerra “silenciosa”, onde diariamente é preciso enfrentar as estruturas patriarcais de opressão que se mantém na sociedade, e conseqüentemente, lidar com números diários de vidas perdidas por questões de gênero. Existem diariamente violações dos direitos humanos que, em muitos casos, não são conhecidos e/ou registrados, sinalizando falta de interesse ou de recursos de enfrentamento, incidindo nas questões políticas, econômicas e sociais. Todos esses fatores implicam não somente no desenvolvimento das relações internacionais dos países em questão, mas também, em como lidamos com as relações humanas, como sintetiza Anne Firth Murray (2013):

A subordinação das mulheres, bem como a persistência da pobreza, a proliferação da violência, e as lacunas contínuas no acesso à alimentação, saúde, educação e salários dignos estão em sua amplitude e profundidade como uma guerra contra as mulheres. Essas desigualdades –essas violações dos direitos humanos das mulheres– resultam de um deslocamento básico na sociedade que distorce a vida de homens e mulheres. Esse deslocamento tem a ver com a maneira como concebemos em relação uns aos outros. Focar e aprender mais sobre a situação

das mulheres pode nos ajudar a transformar nossa maneira de pensar “e / ou” mudar a maneira como vemos e tratamos umas às outras neste mundo. (MURRAY, 2013, tradução nossa).

Cabe refletir sobre a falta de comprometimento regional em enfrentar a violência de gênero na América Latina e sobre a paradoxalidade que envolve os países desenvolvidos e seu interesse em enfrentar a problemática, visto que ao mesmo tempo que buscam combater esse tipo de violência, continuam explorando os mesmos corpos, desencadeando um ciclo sem fim.

## Considerações finais

A violência de gênero é endêmica na América Latina. Afeta o desenvolvimento interno e externo da região, ao passo que se faz necessário unir esforços internacionais para o seu enfrentamento. As articulações de enfrentamento contra a ameaça da vida das mulheres é fator inerente à manutenção da ordem mundial. Em consequência dos dados apresentados, é perceptível ver os efeitos na contemporaneidade: a região latino-americana possui números assustadores e crescentes, refletindo seu caráter subdesenvolvido no que diz respeito à eficácia de políticas públicas para o enfrentamento das diversas violências de gênero, o que gera dependência com os países do Norte Global em projetos para esse fim. Ao expor a realidade no que concerne as desigualdades na região que insere a mulher em uma guerra “silenciosa”, é possível observar sua luta diária ao enfrentar as estruturas patriarcais de opressão que se mantém na sociedade. Há violações dos direitos humanos diariamente, que em muitos casos, não são conhecidos e/ou registrados. Esse cenário sinaliza o descaso do Estado nas medidas de enfrentamento, incidindo em questões políticas, econômicas e sociais: fatores que implicam não somente no desenvolvimento das relações internacionais dos países em questão, mas também, em como lidamos com as relações humanas. Delimitar alguns componentes das desigualdades como sendo consequência da exploração econômica na região, expor o ocultamento das mulheres como parte de um cenário alarmante de insegurança interna da região, e em como a problemática reverbera no âmbito externo, são fatores que proporcionam reflexões sobre as políticas de desvalorização das mulheres.

Ademais, estar ciente das situações vividas diariamente pela mulher latino-americana permite questionar como as “novas ameaças” incluídas no debate de Segurança Internacional, por diversas intelectuais feministas, reflete na segurança interna e externa de uma região. Torna-se urgente questionar a eficácia dos instrumentos legislativos no enfrentamento da violência de gênero na América Latina e de que forma está sendo construída a emancipação das mulheres de seus ambientes ameaçadores, seja por parte do Estado, seja com a criação de políticas públicas, financiamentos, programas sociais ou com iniciativas de processos coletivos nas sociedades.

## Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ARUZZA, Cinzia. BHATTACHARYA, Tithi. FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**: Um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS; INSTITUTO BRASILEIRO TRANS DE EDUCAÇÃO (Org.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.
- BdFRS. **Cientista social afirma haver uma banalização da violência contra as mulheres no país**. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/11/25/cientista-social-afirma-haver-uma-banalizacao-da-violencia-contras-mulheres-no-pais>. Acesso em: 16 maio. 2021.
- BERBEROGLU, Berch. The Class Nature of Neoliberal Globalization in the Age of Imperialism. In: VELTMEYER, Henry. **Imperialism, Crisis and Class Struggle**. Boston: Brill, 2010. [Cap. 6, pg. 153-169].
- BRASIL, Agência. **Brasil concentrou 40% dos feminicídios da América Latina em 2017**. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-11/brasil-concentrou-40-dos-feminicidios-na-america-latina-em-2017>. Acesso em: 20 out. 2020.
- CEPAL. **Conferência Regional sobre a Mulher da América Latina e do Caribe**. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/>

orgaos-subsidiarios/conferencia-regional-mulher-america-latina-caribe. Acesso em: 10 set. 2020.

CEPAL. **Indicadores**. 2020. Disponível em: <https://oig.cepal.org/pt/indicadores> Acesso em: 15 set. 2020.

CEPAL. **Sobre o Observatório**. Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe. Disponível em: <https://oig.cepal.org/pt/o-observatorio>. Acesso em: 10 set. 2020.

CEPAL. **CEPAL: Preocupa a persistência da violência contra as mulheres e meninas na região e sua máxima expressão, o feminicídio ou femicídio**. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/cepal-preocupa-persistencia-violencia-mulheres-meninas-regiao-sua-maxima-expressao-o>. Acesso em 20 mar. 2021.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Rev. Estudos Feministas: Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, Apr. 2013.

DE MELO, Hildete Pereira; THOMÉ, Débora. **Mulheres e poder: histórias, ideias e indicadores**. Editora FGV, 2018. Cap.4, p.75-91.

ENLOE, Cynthia. **Bananas, Beaches and Bases: making feminist sense of international politics**. 2. ed. California: University Of California Press, 2014.

G1. **Polícia de SP registra 1ª transexual como vítima de feminicídio; casos aumentam 54% no 1º quadrimestre**. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/31/policia-de-sp-registra-primeira-transexual-como-vitima-de-feminicidio-casos-aumentam-54percent-no-1o-quadrimestre.ghtml>. Acesso em: 16 maio. 2021.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as Relações Internacionais**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. hooks, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência 2020**. Brasília: Ipea, 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). **Atlas da violência 2019**. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: IPEA; FBSP, 2019

MURRAY, Anne Firth. **From Outrage to Courage: the Unjust and Unhealthy Situation of Women in Poorer Countries and What They Are Doing about It**. Common Courage Press, 2013. [Cap. 1, pg. 1-23].

NEWS, ONU. **América Latina e Caribe tiveram mais de 3,5 mil feminicídios em 2018**. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1695771>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ONU MULHERES. **Paz e Segurança**. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/areas-tematicas/paz-e-seguranca>. Acesso em: 02 set. 2020.

PAÍS, El. **América Latina é a região mais letal para as mulheres**. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/24/actualidad/1543075049\\_751281.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/24/actualidad/1543075049_751281.html). Acesso em: 02 set. 2020.

PINO, B. A.. Evolução histórica da Cooperação Sul-Sul (CSS). In: SOUZA, A. **Repensando a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento**. IPEA, 2014

ROMANY, C. State responsibility goes private. In: COOK, R. (Ed.). **Human rights of women: national and international perspectives**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1994.

TICKNER, J. Ann. **Hans Morgenthau's principles of political realism: A feminist reformulation**. Millennium, v. 17, n. 3, p. 429-440, 1988.

UNITED NATIONS. **Global Issues: Human Rights**. Disponível em: <https://www.un.org/en/sections/issues-depth/human-rights/>. Acesso em: 05 ago. 2020.

WOMEN, Un. **Spotlight on femicide in Latin America**. 2018. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/news/events/2018/09/event-spotlight-on-femicide-in-latin-america>. Acesso em: 10 nov. 2020.